

Inter

de texto

Único

Pré-vestibular Interpretação de texto

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

Autoria: Renato Gomes de Carvalho.

Diretor executivo: Nicolau Arbex Sarkis.

Gerência editorial: João Carlos Puglisi.

Coordenação de edição técnica: Marília L. dos Santos C. Ribeiro.

Edição técnica: Equipe de editores técnicos da Editora Poliedro.

Coordenação de produção editorial: Livia Scherrer dos Santos.

Analista de produção editorial: Claudia Moreno Fernandes.

Coordenação de edição: Michelle Silva da Mata e Vivian Plascak Jorge.

Edição: Equipes de edição da Editora Poliedro.

Coordenação de revisão: Mariana Castelo Queiroz.

Revisão: Equipe de revisão da Editora Poliedro.

Coordenação de arte: Antonio Domingues e Kleber S. Portela.

Diagramação: Equipe de arte da Editora Poliedro.

Ilustrações: Equipes de ilustração e de arte da Editora Poliedro.

Coordenação de licenciamento: Ana Rute A. M. Perugini.

Licenciamento: Equipe de licenciamento da Editora Poliedro.

Projeto gráfico: Alexandre Moreira Lemes e Kleber S. Portela.

Projeto gráfico da capa: Bruno Torres e Varão Monteiro Junior.

Coordenador de PCP: Anderson Flávio Correia.

Impressão e acabamento: nywgraf Editora Gráfica Ltda.

Créditos: capa e frontispício Atovot/Shutterstock 5 Reprodução • René Magritte contracapa bioraven/Shutterstock.

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as obras de artes plásticas presentes nesta obra, sendo que sobre alguns nenhuma referência foi encontrada. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos faltantes, estes serão incluídos nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos nos arts. 28 e 29 da lei 9.610/98.

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

São José dos Campos - SP
ISBN: 978-85-7901-044-6
Telefax: (12) 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br
www.sistemapoliedro.com.br

Copyright © 2015
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro

SUMÁRIO

1 Aspectos do texto – nível fundamental	6
Introdução.....	7
Aspectos do texto.....	7
Nível fundamental do texto.....	11
Revisando.....	15
2 Tipos de texto	35
Introdução.....	36
Descrição.....	36
Tipos de descrição.....	36
Ferramentas gramaticais da descrição.....	37
Descrição por planos.....	38
Descrição por sensações.....	39
Descrição – estilo.....	39
Narração.....	39
Ferramentas da narração.....	40
Foco narrativo.....	40
Tipos de discurso.....	41
Principais gêneros narrativos.....	43
Dissertação.....	44
Dissertação argumentativa/expositiva.....	44
Subjetividade e objetividade.....	45
Raciocínio indutivo/dedutivo.....	45
O silogismo.....	45
O sofisma.....	46
A progressão lógica.....	46
A dissertação na poesia.....	47
A metodologia científica.....	47
Revisando.....	47
Exercícios propostos.....	52
Textos complementares.....	56
Exercícios complementares.....	58
3 Narratividade	63
Introdução.....	64
Estrutura narrativa.....	64
Os tipos de enunciado.....	66
Programa de base.....	67
Programa de competência.....	67
Programas narrativos.....	67
Nível fundamental e nível narrativo.....	67
Revisando.....	68
Exercícios propostos.....	69
Texto complementar.....	70
Exercícios complementares.....	73
4 Figuras de linguagem ligadas aos aspectos fonético e sintático	77
Introdução.....	78
Denotação.....	78
Conotação.....	78
Figuras ligadas ao aspecto sonoro.....	78
Figuras ligadas ao aspecto sintático.....	80
Revisando.....	83
Exercícios propostos.....	84
Texto complementar.....	87
Exercícios complementares.....	88
5 Funções da linguagem	92
Introdução.....	93
As funções da linguagem.....	93
As várias funções juntas.....	96
Revisando.....	96
Exercícios propostos.....	98
Texto complementar.....	100
Exercícios complementares.....	101

6	Categorias de mundo e temas e figuras.....	108
	Introdução.....	109
	Categorias pessoa-tempo-espaco.....	109
	Texto temático e texto figurativo.....	113
	Revisando.....	115
7	Texto, ideologia e argumentação.....	130
	Introdução.....	131
	Interdiscursividade, intertextualidade e propaganda ideológica.....	131
	Tipos de argumento.....	137
	Revisando.....	141
	Exercícios propostos.....	142
	Texto complementar.....	145
	Exercícios complementares.....	147
8	Nível da expressão – relações entre linguagens.....	153
	Conceito de signo.....	154
	Relações entre linguagens.....	158
	Revisando.....	177
	Exercícios propostos.....	178
	Texto complementar.....	181
	Exercícios complementares.....	182
9	Implícitos, ambiguidade e semântica.....	185
	Introdução.....	186
	Implícito: pressuposto.....	186
	Implícito: subentendido.....	187
	Ambiguidade.....	188
	Semântica.....	189
	Revisando.....	190
	Exercícios propostos.....	191
	Texto complementar.....	196
	Exercícios complementares.....	198
10	Variantes linguísticas.....	201
	Comunicação oral e escrita.....	202
	Coloquial e culto.....	202
	Revisando.....	206
	Exercícios propostos.....	207
	Texto complementar.....	209
	Exercícios complementares.....	211
11	Coesão.....	215
	A função da coesão.....	216
	Os marcadores de coesão.....	216
	Revisando.....	220
	Exercícios propostos.....	221
	Texto complementar.....	224
	Exercícios complementares.....	225
12	Coerência e concisão.....	231
	Coerência.....	232
	Formas de coerência.....	232
	Concisão.....	235
	Mecanismos gramaticais e textuais.....	236
	Revisando.....	237
	Exercícios propostos.....	238
	Texto complementar.....	242
	Exercícios complementares.....	243
13	Figuras de linguagem ligadas ao aspecto semântico.....	248
	Figuras de linguagem.....	249
	Revisando.....	253
	Exercícios propostos.....	254
	Texto complementar.....	257
	Exercícios complementares.....	259
	Cabarito.....	262

Interpretação de texto



1

Aspectos do texto – nível fundamental



FERNANDO ANGLIO

A fotografia é um texto como o romance, a crônica e o quadro de pintura; emprega uma linguagem (fotográfica), discute um tema, passa uma mensagem, pressupõe um enunciador e um leitor; é um todo composto por partes que se relacionam.

A foto ao lado apresenta em primeiro plano (espécie de ênfase na linguagem fotográfica) uma gaiola suspensa em um mouro, o qual sustenta uma cerca de arame; dentro da pequena gaiola há um pássaro, estático, olhando em direção à câmera. Em segundo plano, temos a paisagem de uma pequena cidade do interior do Brasil, com suas casas, rio, matas e montanhas.

A foto de Fernando Angulo não é apenas um retrato da cidade com seus atrativos naturais, há um questionamento no momento em que se estabelece uma oposição entre o aberto – a natureza e a cidade – e o fechado – o pássaro, ser que nasceu livre, na natureza. O primeiro plano é a pista para o leitor, é ele que nos leva a refletir: tanto espaço e o pássaro preso! Por quê? Por capricho do ser humano? Por que as coisas são assim? O fechado e o aberto, o alto e o baixo, a natureza e a civilização, a liberdade e a opressão, o estático e o dinâmico (o voo que poderia ser) são algumas oposições encontradas no texto de Fernando, essas oposições criam efeito de sentido, são elas que permitem entender a mensagem do autor; a principal oposição talvez seja liberdade e opressão.

Introdução

O estudo da teoria do texto compreende uma série de assuntos que serão discutidos ao longo do livro. Neste capítulo, discutiremos alguns aspectos do texto (como a relação parte/todo) e estudaremos o seu nível mais abstrato: o nível fundamental (com destaque para as oposições).

Aspectos do texto

Texto: todo composto de partes

O texto (do latim *textu*, “tecido”) é um conjunto de partes articuladas e organizadas entre si. Para entender um texto em sua totalidade, é preciso relacionar as partes, pois o todo é a síntese das partes. Para que o leitor tenha acesso à totalidade, é necessário ainda extrair significados que podem estar implícitos, como o tema, o assunto do qual se fala; e a mensagem, uma crítica do autor, por exemplo. Veja o que diz o poeta barroco Gregório de Matos acerca da relação parte/todo.

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte;
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo o todo [...]

Gregório de Matos; James Amado (Org.). *Obra poética*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

O texto abaixo, de Luis Fernando Verissimo, é composto de três partes, veja as duas primeiras.



Nesses dois primeiros quadrinhos, a expectativa que se cria é a de que o casamento traz felicidade. Agora observe o último quadrinho.



Nota-se que a expectativa foi quebrada; isso significa que os quadrinhos anteriores precisam ser relidos à luz da totalidade. Assim será com os demais textos verbais, visuais ou verbo-visuais; não se interpreta a parte pela parte. No próprio

cotidiano, somos vítimas do que se denomina “viés” (mostrar uma parte apenas); a mídia televisiva, mostrando apenas os aspectos positivos (ou negativos), cria heróis (ou vilões), isto é, o ser perfeito (ou o monstro) que todos gostariam de ser e/ou de conhecer (ou o contrário). Com isso, fatura-se muito, passa-se um modo de ser, um estilo de vida, que nem sempre é condizente com a realidade de quem consome. Considerando que a verdade está ligada à totalidade, devemos ser prudentes nos julgamentos que fazemos do próximo, dos fatos e da própria mídia, pois nem sempre temos acesso ao todo; o mesmo raciocínio se aplica à interpretação de um texto.

A relação parte/todo está presente também na estilística por meio de uma figura denominada sinédoque (tipo de metonímia). Empregar a parte no lugar do todo consiste muitas vezes em um efeito de sentido, o receptor do texto obriga-se a imaginar o restante, participando da criação da obra. Veja o exemplo a seguir, trata-se de uma imagem sinédótica.



Fig. 1 A parte está no lugar do todo.

Texto e contexto

A palavra contexto pode ser entendida como a situação que cerca o ser. Na linguagem verbal, o contexto é a frase; o período, o parágrafo, ou o próprio texto, o todo. Se desconhecemos o significado de uma palavra, devemos interpretá-la, levando em consideração o contexto que a cerca (a situação em que a palavra é inserida). Observe a palavra “fogo” em quatro contextos diferentes.



Fig. 2 Contexto: no quartel
Significado: atirar



Fig. 3 Contexto: em um incêndio
Significado: fogo



Fig. 4 Contexto: na rua, um dos interlocutores está com cigarro
Significado: fósforo



Fig. 5 Contexto: uma menina de dez anos subindo em uma árvore
Significado: levada, peralta

Como se pôde observar, o significado da palavra “fogo” varia de contexto para contexto (de situação para situação). Na piada a seguir, o duplo contexto cria humor.

O casal de noivos lá na Inglaterra foi conversar com o reverendo para acertarem dia e hora do casamento. Depois de resolverem todos os detalhes, já na hora da saída, a noivinha, muito ingênua e bobinha, olha para o reverendo e pergunta:

- Reverendo, o que o senhor acha do sexo antes do casamento?
- E o velho reverendo, calmamente...
- Contanto que não atrase a cerimônia...

A expressão “antes do casamento” pode ser entendida de duas maneiras diferentes, referindo-se a duas situações. Para o casal, significa ter relações sexuais no período anterior ao casamento; para o padre, ter relações sexuais horas antes do casamento. Observe agora a tirinha a seguir.



A fala da personagem no último quadrinho tem sentido ambíguo: pode significar o progresso do filho em relação ao violino, mas, se levamos em conta o contexto (a fisionomia do pai olhando pela janela para os estabelecimentos vizinhos, que estão fechados), pode também remeter ao fato de que o filho, por ainda tocar mal o violino, estaria espantando a vizinhança indesejada.

Devemos, pois, interpretar segundo o contexto, relacionando as partes e extraindo a sua síntese. Em nosso cotidiano, descontextualizar é omitir a situação que envolve o ser (ou parte dela), é olhar para um fato sem levar em consideração os motivos que o geraram; é ver uma criança na rua, malvestida, andando sem rumo e chamá-la de marginal, sem que saibamos o porquê de ela estar ali, naquelas condições. Olhar para o contexto é enxergar um pouco além, perceber que há uma explicação para o mundo. A foto a seguir sugere uma reflexão, faça-a.



Fig. 6 A imagem e seu contexto.

Texto e conhecimento de mundo

Por vezes, o significado do texto depende de conhecimento de mundo, de situações vivenciadas pelo leitor. Se este não tiver acesso ao conhecimento de mundo exigido, o entendimento do texto será parcial. Veja o exemplo a seguir.



Fig. 7 Conhecimento de mundo.

O conhecimento de mundo, nesse caso, é fundamental para a interpretação. Se o mesmo anúncio fosse veiculado em um país onde não fosse comercializado esse produto, dificilmente o texto seria entendido, uma vez que a marca “OMO” (pressuposta no texto) não existiria naquele país. Leia, a seguir, parte da letra da música “Sabiá”, de Chico Buarque.

Vou voltar	Que eu hei de ouvir cantar
Sei que ainda vou voltar	Uma sabiá
Para o meu lugar	Cantar uma sabiá.
Foi lá e é ainda lá	

Chico Buarque; Tom Jobim. “Sabiá”. Intérprete: Chico Buarque. In: Não vai passar. Vol. 4. 1968.

A letra de Chico pressupõe dois conhecimentos de mundo: a existência de uma poesia chamada “Canção do exílio”, com a qual a canção dialoga no nível do intertexto; e o próprio contexto histórico que cerca a produção da música: ela faz uma crítica à ditadura, mais diretamente ao exílio. Veja a foto abaixo.



Fig. 8 Massacre na Praça da Paz Celestial.

A interpretação da foto está ligada a um contexto histórico: o massacre na Praça da Paz Celestial. Deng Xiaoping, líder comunista da República Popular da China, ordenou que os tanques passassem por cima dos estudantes. O chinês anônimo que enfrenta uma fileira de tanques foi fotografado por Jeff Widener da *Associated Press*. Essa foto virou um ícone do final da década de oitenta.

O conhecimento de mundo é adquirido na escola e fora dela; a ida ao teatro, a leitura de jornais, o conhecimento sobre artes plásticas, tudo contribui para o nosso enriquecimento.

Texto e progressão temporal

Um texto não é um amontoado de partes, há uma articulação entre os parágrafos, uma organização dos períodos, um encadeamento das partes, das ideias; enfim, há uma progressão lógica que organiza o texto, fazendo com que o leitor entenda claramente o que está sendo exposto. O texto a seguir foi propositalmente alterado, leia-o.

Presidido pelo Senador Gorot, acabado o congresso em Berlim, em Turim e Paris, publicar extratos do artigo do “Mensageiro de Bale”, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete fiz.

As orações foram mudadas de sua ordem original de modo que o texto se tomou incompreensível; releia-o em sua ordem natural.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do “Mensageiro de Bale”, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo Senador Gorot.

Lima Barreto. *O homem que sabia japonês e outros contos*. Curitiba: Polo Editorial do Paraná, 1997.

A oração “Acabado o congresso” estabelece o tempo em que se realizou a ação da oração subsequente (“fiz publicar...”); o conectivo “onde”, por sua vez, recupera os antecedentes “Berlim”; “Turim” e “Paris”, precisando o local em que foi oferecido o “banquete”; a última oração (“presidido...”) compartilha um saber a respeito do “banquete”. A progressão lógica do texto se dá por meio de marcadores de coesão, como conjunções, preposições, pronomes relativos, marcadores temporais (advérbios, locuções adverbiais), e por meio do encadeamento lógico dos períodos e orações (portanto, coesão e coerência). Até mesmo em uma receita de bolo a progressão está presente, veja.

Receita de bolo



Fig. 9 Receita de bolo, um exemplo de progressão.

1. Despeje, agora, a massa em uma forma média e untada.
2. Em seguida, acrescente o açúcar e bata por mais uns 3 minutos.
3. Coloque as gemas, o trigo, o suco e continue batendo até formar uma massa homogênea.
4. Colocada na forma, asse a massa em forno preaquecido em temperatura média por, aproximadamente, 40 minutos ou até dourar.
5. Por último, ponha o fermento, bata por mais 40 segundos na menor velocidade da batedeira.
6. Na batedeira, bata as claras em neve.

O texto anterior não está claro porque a ordem, isto é, a progressão, foi alterada; veja a progressão correta.

1. Na batedeira, bata as claras em neve.
2. **Em seguida**, acrescente o açúcar e bata por mais uns 3 minutos.
3. Coloque as gemas, o trigo, o suco e **continue batendo** até formar uma massa homogênea.
4. **Por último**, ponha o fermento, bata **por mais** 40 segundos na menor velocidade da batedeira.
5. Despeje, **agora**, a massa em uma forma média e untada.
6. **Colocada** na forma, asse a massa em forno preaquecido em temperatura média por aproximadamente 40 minutos ou até dourar.

Em destaque, temos as palavras que possibilitam a ordenação correta, são elas que estabelecem a ligação e a progressão do texto.

Texto – significados explícitos e implícitos

Há significados que são extraídos da superfície do texto – significados explícitos – e há outros que são apreendidos de suas entrelinhas – significados implícitos. O termo “implícito” é sinônimo de pressuposto, subentendido. Por não estar na superfície do texto, o implícito é mais difícil de ser percebido. No discurso literário, o implícito está presente na relação que se estabelece entre a obra e o leitor. Ao ler uma poesia, um conto ou um romance, o leitor sempre vai à procura da mensagem que a obra quer passar e do tema tratado, os quais costumam estar implícitos. Tome como exemplo a poesia de Mário Quintana.

Função

Me deixaram sozinho no meio do circo
 Ou era apenas um pátio uma janela uma
 rua uma esquina
 Pequeno mundo sem rumo
 Até que descobri que todos os meus gestos
 Pendiam cada uma das estrelas por longos
 fios invisíveis
 E havia súbitas e lindas aparições como
 aquela das longas tranças
 E todas imitavam tão bem a vida
 Que por um momento se chegava a esquecer
 a sua cruel inocência de bonecas
 E eu dizia depois coisas tão lindas
 E tristes
 Que não sabia como tinham ido parar na minha boca

*E o mais triste não era que aquilo fosse
 apenas um jogo cambiante de reflexos
 Porque afinal um belo pião dançante
 Ou zunindo imóvel
 Vive uma vida mais intensa do que a mão
 ignorada que o arremessou
 E eu danço tu danças nós dançamos
 Sempre dentro de um círculo implacável de luz
 Sem saber quem nos olha atenta ou
 distraidamente do escuro...*

Mário Quintana. *Nova antologia poética*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1966.

A existência, no poema de Mário Quintana, é comparada a uma encenação em um palco ou picadeiro, em que o indivíduo é submetido aos caprichos do destino. Implicitamente, o poeta faz uma reflexão da existência humana. No nível da frase, os implícitos podem ser disparados por meio de elementos linguísticos (palavras-gatilho) como verbos, advérbios, construções nominais e adjetivos. Veja os exemplos a seguir.

I.



O verbo “parar” pressupõe que “Josimar” outrora contrabandeava; na fofoca, é frequente o enunciador lançar como pressuposto o que o outro interlocutor não sabe (cabe lembrar que o pressuposto nem sempre é verdadeiro).

II.



O verbo “saber” pressupõe que a afirmativa que vem em seguida seja realidade; em muitos casos não se trata de fatos verdadeiros, o que caracteriza a manipulação.

III.



O advérbio “também” pressupõe que outros namoravam a Lili.

Em certas situações, o implícito pode assumir a forma de subentendido, o enunciador deixa no ar um implícito que pode ser negado por ele mesmo. O exemplo a seguir foi extraído do Enem.

HAGAR - Dik Browne



Hagar deixa implícito que o filho tem uma visão equivocada, pois o mundo não poderia ser redondo, pois o que ele, Hagar, vê é uma superfície reta. A situação criada por Dick Browne não é muito diferente das situações cotidianas.



A mãe não diz com todas as letras que o “Rafa” é feio, mas deixa um subentendido.

Quando o implícito não é pressuposto pelo interlocutor, o diálogo torna-se problemático, o entendimento da mensagem pode não ocorrer, o que é posto passa a ser ambíguo, pois o pressuposto não foi compreendido; os quadrinhos acabam explorando esse ruído na comunicação de forma humorada. Veja o texto a seguir.



Hagar entende o implícito de forma equivocada; Helga fez a elipse de “Você quer, Você deseja...?”; Hagar, todavia, pressupôs “Você acha...?”

Nível fundamental do texto

O texto apresenta, consoante à semiótica francesa, os seguintes níveis:

Nível fundamental	
Nível narrativo	Conteúdo
Nível discursivo	
Nível da manifestação	Expressão

Tab. 1 Níveis do texto.

O primeiro a ser estudado (os demais em capítulos posteriores) será o nível fundamental, o mais abstrato e o mais simples do texto. Nesse nível, encontram-se as oposições abstratas e as categorias tímicas (euforia e disforia). Estudam-se as transformações tímicas (transformações de estado) e os tipos de oposição. Faz-se ainda, neste capítulo, uma análise dos conectivos e figuras de linguagem que estabelecem oposição.

Oposições semânticas

A busca pelas oposições abstratas justifica-se, pois o sentido nasce das oposições, interpretamos o mundo por meio delas. É possível reconhecer o grande, o alto, o gordo, porque temos a medida do pequeno, do baixo e do magro; se o texto discute a guerra, de forma implícita ele também discute a paz, pois esta é o cessar daquela. Todo texto apresenta uma oposição de ordem abstrata, seja um conto, uma poesia, uma peça de teatro ou uma pintura. Reconhecer essas oposições é necessário para a identificação do tema. A oposição, como categoria semântica, é a mais solicitada nos exames. A análise do nível mais abstrato do texto, o nível fundamental, possibilita investigar as oposições semânticas subjacentes ao texto, que devem ser traduzidas, preferencialmente, por termos abstratos, por exemplo:



Fig. 10 Oposições.

Na foto acima, as oposições mais evidentes estão na superfície do texto: o estático (os que seguram a corda) x o dinâmico (o que pula), o menor (os que seguram corda) x o maior (o que pula); o claro (luz do sol) x o escuro (sombra) e o frontal (duas crianças) x o de costas (o menino em primeiro plano). A foto também contempla uma outra oposição, nem tanto evidente, pois exige maior abstração: a euforia (a ação: a brincadeira, a alegria, o divertimento) x a disforia (o espaço: seco, quase sem vegetação ou elementos que pudessem sugerir prazer ou deleite). Com isso, a enunciação fotográfica mostra ao receptor que é possível ser feliz sem nada, sem a presença da civilização ou de bens materiais (há apenas uma corda); na simplicidade, pode haver muita vida.

Categorias tímicas

As categorias tímicas do texto são a euforia (estado de positividade) e a disforia (estado de negatividade). Um texto pode explorar a positividade, o bem-estar, a alegria, isto é, a euforia, mas também pode enfatizar estados de negatividade, tristeza, pessimismo, melancolia, ou seja, a disforia. É possível ainda haver os dois estados presentes. Veja o exemplo a seguir.



Fig. 11 Euforia e disforia.

Essas máscaras representam, respectivamente, a tragédia grega e a comédia. A segunda é eufórica, há o sorriso; a primeira, disfórica, há tristeza. Vejamos esta anedota encontrada em diversos sites da internet, e de origem desconhecida.

Numa empresa fabricante de sapatos, trabalhavam dois vendedores. Um deles era otimista. O outro, pessimista. Ambos foram

enviados a um longínquo país africano para investigar a possibilidade de vendas naquele local. Após certo tempo, o pessimista enviou um telegrama à empresa, dizendo:

– Más notícias. Aqui ninguém usa sapatos.

Ao mesmo tempo, o otimista enviou esta mensagem para a empresa:

– Boas notícias! Aqui ninguém usa sapatos!

A piada ilustra com clareza o fato de que um acontecimento pode ser eufórico para uns, mas disfórico para outros. Pode-se ainda ter a disforia em contexto eufórico (um assassinato no circo) ou o contrário, uma euforia em situação disfórica: nascimento de um bebê em plena guerra; tais procedimentos constituem-se em efeitos de sentido.

Transformação tímica

A mudança de um estado para outro denomina-se transformação tímica. Existirá transformação tímica quando da disforia passa-se à euforia ou o contrário, como na tira a seguir.



A personagem passa da euforia para a disforia.

Essa transformação tímica auxilia na construção do humor, pois cria-se uma antítese entre o primeiro e o último quadrinho.

A publicidade procura na maioria das vezes promover um estado de euforia por conta da compra do produto. Nesse sentido, assistiríamos a uma transformação tímica: da disforia (explícita ou pressuposta) para a euforia, como nesta publicidade.



Fig. 12 Uso da disforia em propagandas.

A imagem sorridente do rapaz agrega ao produto “Guaraná Antarctica” a ideia de que a bebida faz bem, trazendo euforia para o consumidor, possibilitando uma mudança de estado. Há, entretanto, determinadas publicidades em que a disforia serve de alerta para a população.



Fig. 13 Disforia usada como alerta.

O anúncio da “Campanha do agasalho” procura sensibilizar o leitor por meio do verbal e do visual. Em ambos, a carga é negativa; o coração de pedra é a insensibilidade das pessoas em relação à tragédia humana, e a estátua do garoto é a vítima do frio e dessa insensibilidade, aqui a disforia é lançada para que haja a euforia, o agasalho, a vida, ou seja, espera-se que o anúncio tenha como efeito uma transformação tímica: da disforia, para a euforia, o calor proveniente do agasalho.

Tipos de oposição

Ao analisarmos um texto, é importante que saibamos as oposições de ordem mais abstrata. Algumas delas possuem alta frequência em literatura, propaganda e charges; tais oposições encaminham para o tema. Veja algumas delas.

A morte de mil crianças por dia debaixo do céu brasileiro protagoniza uma estatística que se revela uma verdadeira contribuição à Ciência. Causados pela fome, novos sintomas e doenças começam a ser catalogados, dando vida às páginas dos livros de Medicina, já cansados das velhas teorias.

Marina Negri.

No texto de Marina Negri, temos a oposição vida *versus* morte, a discussão gira em torno da fome, ou seja, da falta de alimento, condição para a vida.

Em *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, temos outro bom exemplo de oposição no nível fundamental. Jacinto, um dos protagonistas, muda-se de Paris para Tormes (interior de Portugal), cidade onde possuía algumas propriedades. Em Tormes, encontra a felicidade e a paz de espírito: *E esta Tormes, Jacinto, esta tua reconciliação com a natureza, e o renunciamiento às mentiras da civilização é uma linda história.* Paris representa, em um nível mais abstrato, a civilização; enquanto Tormes, a natureza. A idealização da natureza é, nesse caso, uma crítica ao positivismo, que via na civilização a solução para os problemas do homem. As oposições podem ser consideradas eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas). O que é eufórico ou disfórico depende da grade cultural e do grupo social. Para a Ditadura Militar dos anos 1970, a repressão era considerada eufórica e a liberdade, disfórica; para o

Positivismo, a civilização era eufórica e a natureza, disfórica. No nível fundamental, é possível ainda encontrar outras oposições como estaticidade *versus* dinamicidade, contínuo *versus* descontínuo, parcialidade *versus* totalidade etc.

Conectivos da oposição

As conjunções e as preposições têm por finalidade ligar palavras ou orações, são conectivos da língua. Conjunções, como **mas**, **todavia**, **embora**, **conquanto**, entre outras, estabelecem oposições semânticas (o “mas” pode assumir outros significados). Observe a funcionalidade de um desses conectivos no texto a seguir.



Fig. 14 Civilização *versus* natureza.

[...]

Sua cor não se percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

É feia. Mas é realmente uma flor.

[...]

É feia. Mas é uma flor. Furo o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Carlos Drummond de Andrade. “A flor e a náusea.” In: *A rosa do povo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012. p. 13. Copyright Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond www.carlosdrummond.com.br

Drummond utiliza em seu poema a oposição civilização *versus* natureza. A flor, elemento da natureza, surge no asfalto, um dos signos da civilização, desafiando o improvável. O conectivo “mas”, em “É feia. Mas é realmente uma flor”, contraria uma expectativa (flor pressupõe o belo e não o feio), ao mesmo tempo em que ressalta a existência da “flor”. O conectivo “mas” introduz o argumento mais forte, o fato de ser “feia” é secundário, o fato de ser “flor” é o principal. A conjunção subordinativa adverbial concessiva “embora” também contraria uma expectativa, contudo, por oposição ao “mas”, introduz o argumento mais fraco. Se disséssemos “É feia, embora realmente seja uma flor”, o conectivo “embora” estaria introduzindo o argumento mais fraco, o fato de ser feia seria o relevante; haveria, pois, alteração de sentido. Fique atento às aulas sobre orações coordenadas adversativas e subordinadas adverbiais concessivas (livro de gramática), pois esse estudo será aprofundado.

Figuras de linguagem da oposição

O paradoxo e a antítese são figuras de linguagem e fazem uso da oposição como recurso expressivo; a primeira pela contradição das ideias; a segunda pela simples oposição de sentido.

Veja o fragmento a seguir.

O amor é velho-menina

O amor é velho, velho, velho
e menina
O amor é trilha
de lençóis e culpa
medo e maravilha.
[...]

Tom Zé. "O amor é velho-menina". Intérprete: Tom Zé. In: *Brazil Classics 5: the hips of tradition*. Estados Unidos: Luaka Pop, 1992. Faixa 9.

Ao definir o amor como "medo" e "maravilha", o autor o considera ambíguo, paradoxal; trata-se de uma figura de linguagem chamada paradoxo. O paradoxo ocorre quando há contradição de ideias. A ideia de simultaneidade de aspectos opostos em relação a um mesmo ser é uma característica dessa figura de linguagem, veja a imagem a seguir.



Fig. 15 Paradoxo.

O fato de ser careca é incompatível com o fato de se pentear ou cortar cabelo; o pente e a tesoura criam um paradoxo em relação à calvície. Na letra de Caetano, também teremos um bom exemplo de paradoxo:

[...]
Eu digo não
Eu digo não ao não
Eu digo
É proibido proibir
[...]

Caetano Veloso. *É proibido proibir*, 1968. Compacto, lado A, faixa 1.

Impede-se o proibir, proibindo. Quando a oposição não for simultânea, não provocar uma contradição, temos a antítese, isto é, uma oposição de ideias, pois há palavras com sentidos opostos, mas sem a contradição. O texto a seguir é um exemplo de antítese:

Não existiria som/Se não houvesse o silêncio/Não haveria luz/Se não fosse a escuridão/A vida é mesmo assim,/Dia e noite, não e sim...

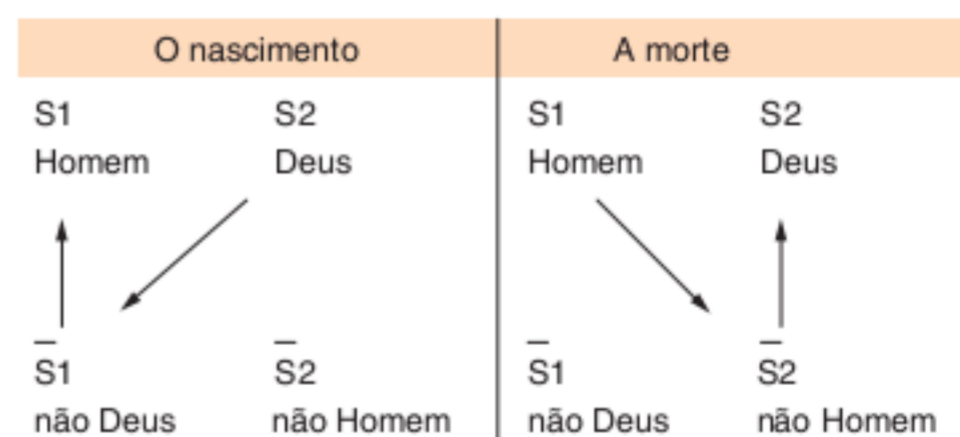
Lulu Santos; Nelson Motta. "Certas coisas". Intérprete: Lulu Santos. In: *Tudo azul*. Wea, 1984. Faixa 9.

Quadrado semiótico das oposições

As oposições são suscetíveis a transformações. Da vida passa-se à morte, da liberdade passa-se à opressão e vice-versa. A passagem de um polo para o outro é um momento de transição. Não se passa abruptamente do dia para a noite, há o entardecer; não se passa da infância para a fase adulta, há a juventude. Observe o esquema a seguir.



No primeiro esquema, nota-se a passagem do dia para a noite, mas há uma passagem intermediária, o entardecer (a negação de S1); no segundo, a vida é seguida de uma não vida, momento anterior à morte (a eutanásia, por exemplo, é sugerida nesse momento). No diagrama a seguir, tenta-se descrever as transformações pelas quais passa todo ser humano, segundo a visão cristã.



Revisando

1 Unicamp (Adapt.) Leia o texto a seguir.

Os que começam...

Não há decerto exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens, as mulheres ainda pantomimam a miséria para lucro próprio. As crianças são lançadas no ofício torpe pelos pais, por criaturas indignas, e crescem com o vício adaptando a curvilínea e acovardada alma da mendicância malandra. Nada mais pavoroso do que este meio em que há adolescentes de dezoito anos e pirralhos de três, garotos amarelos de um lustro de idade e moçoilas púberes sujeitas a todas as passividades. Essa criança parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o crime de amanhã, para a prostituição em grande escala. Há no Rio um número considerável de pobrezinhos sacrificados, petizes que andam a guiar senhoras falsamente cegas, punguistas sem proteção, paralíticos, amputados, escrofulosos, gatunos de sacola, apanhadores de pontas de cigarros, crias de famílias necessitadas, simples vagabundos à espera de complacências escabrosas, um mundo vário, o olhar de crime, o broto das árvores que irão obumbrar as galerias da Detenção, todo um exército de desbriados e de bandidos, de prostitutas futuras, galopando pela cidade à cata do pão para os exploradores. Interrogados, mentem a princípio, negando; depois exageram as falcatruas e acabam a chorar, contando que são o sustento de uma súcia de criminosos que a polícia não persegue.

A metade desse bando conhece as leis do prefeito, os delegados de polícia e acompanha o movimento da política indígena, oposicionista e vendo em cada homem importante uma roubalheira. São em geral os mendigos claramente defeituosos a que falta uma perna, um braço.

A perda que os tornou inválidos é uma espécie de felicidade, a indolência e o sustento garantidos.

À beira das calçadas o dia inteiro têm tempo de se tornarem homens e de ler os jornais. Fazem tudo isso com vagar. Quando um ponto se torna insustentável vão para outros, e há entre eles relações, morfeias que se ligam às úlceras, olhos em pus que olham com ternura companheiros sem braços, e todos guardando a data do desastre que os mutilou, que os fez entrar para a nova vida com a saudade da vida passada.
[...]

João do Rio. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

1 Chama-se de *progressão* a forma de organização textual caracterizada pela ordenação temporal das informações. Encontre no texto um trecho que está organizado internamente em progressão.

2 A linguagem oral é mais econômica, é frequente omitirmos palavras, uma vez que há o contexto; assim, determinadas expressões não poderão ser interpretadas de forma literal. Leia o texto a seguir, trata-se de um bom exemplo.

Perigo

Árvore ameaça cair em praça do Jardim Independência

Um perigo iminente ameaça a segurança dos moradores da rua Lúcia Tonon Martins, no Jardim Independência. Uma árvore, com cerca de 35 metros de altura, que fica na Praça Conselheiro da Luz, ameaça cair a qualquer momento. Ela foi atingida, no final de novembro do ano passado, por um raio e, desde este dia, apodreceu e morreu.

A árvore, de grande porte, é do tipo Cambuí e está muito próxima à rede de iluminação pública e das residências. “O perigo são as crianças que brincam no local”, diz Sérgio Marcatti, presidente da Associação do Bairro.

Juliana Vieira. *Jornal Integração*, 16-31 ago. 1996.

a) O que pretendia afirmar o presidente da associação?

b) O que ele afirma, literalmente?

c) Na placa com o dizer: CUIDADO ESCOLA!, podemos encontrar o mesmo tipo de ambiguidade que havia na declaração de Sérgio Marcatti. O que tornaria divertida a leitura da placa?

Nota: Para responder, leve em conta as seguintes acepções do termo “perigo”, constantes do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

- Perigo: 1. Circunstância que prenuncia um mal para alguém ou para alguma coisa.
2. Aquilo que provoca tal circunstância; risco.
3. Estado ou situação que inspira cuidado; gravidade.

Texto para as questões 3 e 4.

Não se pode interpretar a parte pela parte, é preciso relacioná-la com as demais partes; o todo, afinal, é a síntese das partes. Leia com atenção a tira abaixo:



Releitura de uma passagem do início do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*. Disponível em: <www.fotolog.terra.com.br/biradantas>. (Adapt.).

3 Unifesp (Adapt.) Com base nas informações verbais e visuais, o que representa o beliscão de Maria?

4 Unifesp (Adapt.) Com base nas informações da figura, por que Leonardo veio ao Brasil?

5 Leia os excertos a seguir.

Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.

Caetano Veloso. "Dom de iludir". Intérprete: Caetano Veloso. In: *Totalmente demais*. Rio de Janeiro: Universal Music, 1986. Faixa 11.

O lugar-comum e a transgressão andam juntos em certos artistas.

Nas frases citadas, há emprego de um recurso expressivo muito presente na literatura em geral. Que recurso expressivo é esse?

Exercícios propostos

Texto para as questões de 1 a 3.

A casa das ilusões perdidas

Quando ela anunciou que estava grávida, a primeira reação dele foi de desagrado, logo seguida de franca irritação. Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, numa pior, você não tem cabeça mesmo, não sei o que vi em você, já deveria ter trocado de mulher havia muito tempo. Ela, naturalmente, chorou, chorou muito. Disse que ele tinha razão, que aquilo fora uma irresponsabilidade, mas mesmo assim queria ter o filho. Sempre sonhara com isso, com a maternidade – e agora que o sonho estava prestes a se realizar, não deixaria que ele se desfizesse.

– Por favor, suplicou. – Eu faço tudo que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê, mas, por favor, me deixe ser mãe.

Ele disse que ia pensar. Ao fim de três dias daria a resposta. E sumiu.

Voltou, não ao cabo de três dias, mas de três meses. Àquela altura ela já estava com uma barriga avantajada que tornava impossível o aborto; ao vê-lo, esqueceu a desconsideração, esqueceu tudo – estava certa de que ele vinha com a mensagem que tanto esperava, você pode ter o nenê, eu ajudo você a criá-lo.

Estava errada. Ele vinha, sim, dizer-lhe que podia dar à luz a criança; mas não para ficar com ela. Já tinha feito o negócio: trocariam o recém-nascido por uma casa. A casa que não tinham e que agora seria o lar deles, o lar onde – agora ele prometia – ficariam para sempre.

Ela ficou desesperada. De novo caiu em prantos, de novo implorou. Ele se mostrou irredutível. E ela, como sempre, cedeu.

Entregue a criança, foram visitar a casa. Era uma modesta construção num bairro popular. Mas era o lar prometido e ela ficou extasiada. Ali mesmo, contudo, fez uma declaração:

– Nós vamos encher esta casa de crianças. Quatro ou cinco, no mínimo.

Ele não disse nada, mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas, aquilo era um bom começo.

Moacyr Scliar. Folha de S. Paulo, 14 jun. 1999.

1 Unifesp As duas frases finais do texto deixam evidente que ter mais filhos:

- é uma possibilidade pouco atraente para o casal que, por ora, já conquistou algo à custa de sofrimento.
- será para o casal uma forma de alcançar a felicidade, já que a mulher e seu companheiro poderão ter a casa cheia de crianças.
- pode tornar-se lucrativo na ótica do companheiro, embora a mulher ainda veja isso com olhos sonhadores.
- se torna uma forma de compensar o episódio pouco feliz da doação do primeiro filho do casal.
- não alteraria em nada a vida do casal, já que não haveria como fazer os dois esquecerem a criança doada.

2 Unifesp O casal age de modo contrário aos sentimentos comuns de justiça e dignidade. No contexto da narrativa, tais comportamentos explicam-se:

- pela falta de amor que há entre a mulher e o companheiro, fazendo com que tudo que os rodeia se torne um negócio vantajoso.
- pelo amor exagerado que a mulher sente e pela confusão de sentimentos que o companheiro vive na descoberta desse amor.
- pelo ódio exagerado que a mulher sente do companheiro e pela forma displicente e pouco amável como ele a vê.
- pela submissão exagerada da mulher ao companheiro e pela forma mesquinha e interesseira como ele resolve as coisas.
- pela forma irresponsável com que a mulher age em relação ao companheiro, o que o faz tomar atitudes impensadas.

3 Unifesp No texto, a ideia de ilusões perdidas diz respeito à:

- realização da maternidade que, na verdade, não atinge a sua plenitude.
- desolação da jovem mãe ao ver que a casa recebida não era luxuosa como concebera.
- alegria da mãe com a casa e à superação da tristeza pela doação da criança.
- melancolia da mãe por programar todas as crianças que teria para trocar por casas.
- certeza do homem de que a mulher não formará com ele um lar na casa nova.

4 Unicamp Leia a tira a seguir e responda em seguida às perguntas:



CALVIN & HOBBS, BILL WATTERSON © 1994 WATTERSON / DIST. BY UNIVERSAL UCLICK

- Da leitura dos dois primeiros quadros, depreende-se uma opinião geral do garoto Calvin sobre proibições. Que opinião é essa?
- Observe o que faz Calvin no último quadro da tira e explique o que essa ação significa no contexto da história.
- Suponha a seguinte situação: numa autoestrada de alta velocidade, uma placa de sinalização diz "Não pare na pista". Bem à vista da placa, um motorista trafega em marcha à ré, no acostamento. Pela lógica de Calvin esse motorista está errado?

5 ITA Leia o texto a seguir.

Você entra no bate-papo, conversa, troca e-mail, faz amizade. Passa horas navegando com um bando de estranhos. E nunca sabe ao certo com quem está falando. O anonimato pode ser uma das vantagens da rede, mas também uma armadilha.

Para tentar evitar possíveis decepções na hora da verdade, a Internet vai sofisticando recursos, unindo psicologia, tecnologia e diversão e tentando melhorar o que podemos chamar de relacionamento em rede.

As novidades são boas para quem aposta no virtual como alternativa na hora de conhecer novas pessoas e para quem não quer levar para a vida real um gato no lugar de uma lebre, com o devido respeito aos bichinhos. [...]

Viviane Zandonadi. "Você sabe quem está falando?" Folha de S.Paulo, Caderno Informática, 4 ago. 1999.

- Escreva duas palavras ou expressões do texto que ganharam novos sentidos na área da informática.
- Em se tratando de relacionamentos amorosos, levar "gato" (ou "gata") no lugar de "lebre" poderá ser um bom negócio. Explique por que é possível essa interpretação.

6 ITA Assinale a interpretação sugerida pelo seguinte trecho publicitário:

Fotografe os bons momentos agora, porque depois vem o casamento.

- O casamento não merece fotografias.
- A felicidade após o casamento dispensa fotografias.
- Os compromissos assumidos no casamento limitam os momentos dignos de fotografia.
- O casamento é uma segunda etapa da vida que também deve ser registrada.
- O casamento é uma cerimônia que exige fotografias exclusivas.

7 Unicamp Leia a charge a seguir.



Folha de S.Paulo, 8 out. 2003, p. F8.

Jogos de imagens e palavras são característicos da linguagem de história em quadrinhos. Alguns desses jogos podem remeter a domínios específicos da linguagem a que temos acesso em nosso cotidiano, tais como a linguagem dos médicos, a linguagem dos economistas, a linguagem dos locutores de futebol, a linguagem dos surfistas, entre outras. É o que ocorre na tira de Laerte.

- Transcreva as passagens da tira que remetem a domínios específicos e explicita que domínios são esses.
- Levando em consideração as relações entre imagens e palavras, identifique um momento de humor na tira e explique como é produzido.

8 Fuvest

Contra a maré

A tribo dos que preferem ficar à margem da corrida dos bits e bytes não é minguada. Mas são os renitentes que fazem a tecnologia ficar mais fácil.

Nesta nota jornalística, a expressão "contra a maré" liga-se, quanto ao sentido que ela aí assume, à palavra:

- tribo.
- minguada.
- renitentes.
- tecnologia.
- fácil.

9 Enem O movimento hip-hop é tão urbano quanto as grandes construções de concreto e as estações de metrô, e cada dia se torna mais presente nas grandes metrópoles mundiais. Nasceu na periferia dos bairros pobres de Nova Iorque. É formado por três elementos: a música (o rap), as artes plásticas (o grafite) e a dança (o break). No hip-hop os jovens usam as expressões artísticas como uma forma de resistência política.

Enraizado nas camadas populares urbanas, o hip-hop afirmou-se no Brasil e no mundo com um discurso político a favor dos excluídos, sobretudo dos negros. Apesar de ser um movimento originário das periferias norte-americanas, não encontrou barreiras no Brasil, onde se instalou com certa naturalidade – o que, no entanto, não significa que o hip-hop brasileiro não tenha sofrido influências locais. O movimento no Brasil é híbrido: rap com um pouco de samba, break parecido com capoeira e grafite de cores muito vivas.

Ciência e Cultura, 2004. (Adapt.).

De acordo com o texto, o *hip-hop* é uma manifestação artística tipicamente urbana, que tem como principais características:

- a ênfase nas artes visuais e a defesa do caráter nacionalista.
- a alienação política e a preocupação com o conflito de gerações.
- a afirmação dos socialmente excluídos e a combinação de linguagens.
- a integração de diferentes classes sociais e a exaltação do progresso.
- a valorização da natureza e o compromisso com os ideais norte-americanos.

10 ITA O anúncio a seguir, de uma rede de hipermercados, apareceu num *outdoor* por ocasião das festas de fim de ano.

Seus amigos-secretos estão no Carrefour.

Aponte duas interpretações possíveis para esse anúncio.

Texto para a questão 11.

No início do século XVI, Maquiavel escreveu *O Príncipe* – uma célebre análise do poder político, apresentada sob a forma de lições, dirigidas ao príncipe Lorenzo de Médicis. Assim justificou Maquiavel o caráter professoral do texto:

"Não quero que se repute presunção o fato de um homem de baixo e ínfimo estado discorrer e regular sobre o governo dos príncipes; pois assim como os [cartógrafos] que desenham os contornos dos países se colocam na planície para considerar a natureza dos montes, e para considerar a das planícies ascendem aos montes, assim também, para conhecer bem a natureza dos povos, é necessário ser príncipe, e para conhecer a dos príncipes é necessário ser do povo".

Tradução de Lívio Xavier. (Adapt.).

11 Fuvest Ao justificar a autoridade com que pretende ensinar um príncipe a governar, Maquiavel compara sua missão à de um cartógrafo para demonstrar que:

- (a) o poder político deve ser analisado tanto do ponto de vista de quem o exerce quanto do de quem a ele está submetido.
- (b) é necessário e vantajoso que tanto o príncipe como o súdito exerçam alternadamente a autoridade do governante.
- (c) um pensador, ao contrário do que ocorre com um cartógrafo, não precisa mudar de perspectiva para situar posições complementares.
- (d) as formas do poder político variam, conforme sejam exercidas por representantes do povo ou por membros da aristocracia.
- (e) tanto o governante como o governado, para bem compreenderem o exercício do poder, devem restringir-se a seus respectivos papéis.

Texto para as questões 12 e 13.



12 Que tipo de relação semântica temos na charge que também ocorre no trecho abaixo?

*E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina*

João Cabral de Melo Neto. *João Cabral de Melo Neto: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

13 O que o autor deixa implícito na charge?

Textos para a questão 14.

Texto I



Texto II

[...]

*Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;*

*É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;*

*É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?*

Luis de Camões. *Sonetos de Camões*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

14 Faap Considere as seguintes afirmações:

- I. Ambos os textos (a foto e o poema) tematizam o “fogo”, porém Camões dá outro tratamento ao assunto, comparando a chama ao amor.
- II. A oposição no texto visual fica por conta do claro-escuro; em Camões, temos a oposição por meio da contradição (o amor é contraditório).
- III. Em *É ferida que dói e não se sente*, o conectivo “e” poderia ser substituído por “mas”, sem que haja alteração semântica.

Estão corretas:

- (a) apenas I.
- (b) apenas II.
- (c) apenas III.
- (d) apenas I e II.
- (e) apenas II e III.

15 Uerg Leia o texto a seguir.

Leitura e escrita como experiência

O avesso

Quando penso na leitura como experiência (na escola, na sala de aula ou fora delas), refiro-me a momentos nos quais fazemos comentários sobre livros ou revistas que lemos, trocando, negando, elogiando ou criticando, contando mesmo. Enfim, situações nas quais – tal como uma viagem, uma aventura – fale-se de livros e de histórias, contos, poemas ou personagens, compartilhando sentimentos e reflexões, plantando no ouvinte a coisa narrada, criando um solo comum de interlocutores, uma comunidade, uma coletividade. O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente em que a leitura é partilhada e tanto quem lê quanto quem propiciou a leitura ao escrever, aprendem, crescem, são desafiados.

Defendo a leitura da literatura, da poesia, de textos que têm dimensão artística, não por erudição. Não é o acúmulo de informação sobre clássicos, sobre gêneros ou sobre estilos, escolas ou correntes literárias que torna a leitura uma experiência, mas sim o

modo de realização dessa leitura: Ela deve ser capaz de engendrar uma reflexão para além do seu momento em que acontece, ser capaz de ajudar a compreender a história vivida antes e sistematizada ou contada nos livros.

Sônia Kramer. "Leitura e escrita como experiência – seu papel na formação de sujeitos sociais". In: *Presença pedagógica*. v. 6, n. 31, jan./fev. 2000, p. 21.

Considere o excerto.

Defendo a leitura da literatura, da poesia, de textos que têm dimensão artística, não por erudição.

- a) Embora o trecho destacado não se inicie por conectivo, seria possível acrescentar-lhe conjunção, preservando a relação de sentido com o conjunto da frase. Aponte duas conjunções diferentes que, no mesmo contexto, poderiam introduzir o trecho em destaque. Indique também o tipo de relação de sentido que estas conjunções estabelecem na frase.
- b) De acordo com a argumentação desenvolvida pela autora, justifique a presença da forma negativa no trecho destacado.

Texto para as questões de 16 a 18.

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. [...] Companhias de turismo deveriam criar "excursões noturnas", em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do "turismo astronômico", que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não?

Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribuições humanas.

Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inocentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica. (O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia "docilmente" por mais uns 5 bilhões de anos.)

Marcelo Gleiser. *Retalhos cósmicos*.

16 Fuvest O autor considera a possibilidade de se olhar para o céu noturno a partir de duas distintas perspectivas, que se evidenciam no confronto das expressões:

- (a) "maravilhas do céu noturno" / "sensação de paz".
(b) "instruídos por um astrônomo" / "visão de um astrofísico".
(c) "radiação eletromagnética" / "quantidade enorme de energia".
(d) "poeira cósmica" / "visão de um astrofísico".
(e) "ausência de movimento" / "fornalhas nucleares".

17 Fuvest Considere as seguintes afirmações.

- I. Na primeira frase do texto, os termos "atribulada" e "iluminada" caracterizam dois aspectos contraditórios e inconciliáveis do que o autor chama "vida moderna".
II. No segundo parágrafo, o sentido da expressão "perfeitamente indiferentes às atribuições humanas" indica que já se desfez aquela "primeira impressão" e desapareceu a "sensação de paz".
III. No terceiro parágrafo, a expressão "estrela modesta", referente ao Sol, implica uma avaliação que vai além das impressões ou sensações de um observador comum.

Está correto apenas o que se afirma em:

- (a) I. (b) II. (c) III. (d) I e II. (e) II e III.

18 Fuvest De acordo com o texto, as estrelas:

- (a) são consideradas "maravilhas do céu noturno" pelos observadores leigos, mas não pelos astrônomos.
(b) possibilitam uma "visão pacata dos céus", impressão que pode ser desfeita pelas instruções de um astrônomo.
(c) produzem, no observador leigo, um efeito encantatório, em razão de serem "verdadeiras fornalhas nucleares".
(d) promovem um espetáculo noturno tão grandioso, que os moradores das cidades modernas se sentem privilegiados.
(e) confundem-se, por vezes, com um avião ou um satélite, por se movimentarem do mesmo modo que estes.

A questão de número 19 toma por base o poema *Lisbon revisited*, do heterônimo Álvaro de Campos do poeta modernista português Fernando Pessoa (1888-1935), e a letra da canção "Metamorfose ambulante", do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas (1945-1989).

Lisbon revisited

(1923)

Não: não quero nada.

Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!

A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!

Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!

Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!)

Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.

Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

*Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?*

*Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!*

*Ó céu azul – o mesmo da minha infância –
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.*

*Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!*
Fernando Pessoa. *Ficções do Interlúdio/4: poesias de Álvaro de Campos.*

Metamorfose ambulante

[...]
*Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*
[...]
10 *Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
eu sou um ator...*
[...]

Raul Seixas, *Os grandes sucessos de Raul Seixas.*

19 Vunesp O poema *Lisbon revisited* (1923) e a canção “Metamorfose ambulante” (1973) identificam-se por alguns aspectos formais e por focalizarem como tema a atitude de rebeldia do indivíduo aos modelos e padrões culturais que lhe são impostos. Releia-os com atenção e, a seguir:

a) servindo-se de uma escala em cujos extremos estejam atitude eufórica (sensação de bem-estar e de alegria) e atitude disfórica (sensação de mal-estar, ansiedade, inquietação), demonstre qual dos dois textos está mais próximo do polo da atitude disfórica.

b) explique em que medida o verso de número 17, de “Metamorfose ambulante”, sintetiza o conteúdo da canção.

20 Fuvest Os textos a seguir são fragmentos de poesia; leia-os e faça a comparação solicitada.

- I. *Pálida, à luz da lâmpada sombria
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor, ela dormia!*
- II. *Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente..
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço no tapete rente.*

Os dois textos apresentam diferentes concepções da figura da mulher. Aponte nos dois textos situações contrastantes que revelam essas diferentes concepções.

Texto para a questão 21.

Amor e medo

*Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, ó bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
“– Meu Deus, que gelo, que frieza aquela!”*

*Como te enganas! Meu amor é chama,
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela – eu moço; tens amor, eu – medo!...
Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,
Das folhas secas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.
[...]*

Casimiro de Abreu.

21 UFRGS Em *Amor e medo*, Casimiro de Abreu:

- (a) recomenda cautela à amada para que a luz de fogo que a cerca não revele a terceiros os segredos do casal.
- (b) evita os encantos da amada justamente por desejar a moça em excesso, respondendo ao amor dela com seu medo.
- (c) nota que a amada engana-se ao julgá-lo ardente e amoroso, pois se trata apenas de uma impressão causada pela distância que os separa.
- (d) evita aproximar-se da amada, porque as horas longas a correr velozes, em breve, prejudicarão a intensidade do desejo que os une.
- (e) discorda da amada que afirma que ele foge dela para evitar a intensidade do amor que se alimenta no voraz segredo.

22 O fragmento a seguir pertence ao compositor Cazuza. Leia-o atentamente.

[...]
Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
não para, não, não para

Eu não tenho data pra comemorar
Às vezes os meus dias são de par em par
Procurando agulha num palheiro
[...]

Cazuza; Arnaldo Brandão. "O tempo não para". Intérprete: Cazuza.
In: O tempo não para. Rio de Janeiro: Polygram, 1988. Faixa 6.

Transcreva, do excerto anterior, uma passagem que apresenta um paradoxo.

Textos para a questão 23.

Texto I

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

Camões.

Texto II

Amor é fogo? Ou é cadente lágrima?
Pois eu naufrago em mar de labaredas
Que lambem o sangue e a flor da pele acendem
Quando o rubor me vem à tona d'água.

E como arde, ai, como arde, Amor,
Quando a ferida dói porque se sente,
E o mover dos meus olhos sob a casca
Vê muito bem o que devia não ver.

Ilka Brunhilde Laurito.

23 Mackenzie Assinale a alternativa correta.

- (a) O texto I, com sua regularidade formal, recupera do texto II o rígido padrão da estética clássica.
- (b) Os dois textos, ao negarem uma concepção carnal do amor, enaltecem o platonismo amoroso.
- (c) O texto I e o texto II são convergentes no que se refere à concepção do sentimento amoroso.
- (d) O texto II contesta o texto I no que se refere ao ponto de vista sobre o amor.
- (e) Os dois textos convergem quanto à forma e à linguagem, mas divergem quanto ao conteúdo.

24 Enem A questão étnica no Brasil tem provocado diferentes atitudes:

- I. Instituiu-se o "Dia Nacional da Consciência Negra" em 20 de novembro, ao invés da tradicional celebração do 13 de maio. Essa nova data é o aniversário da morte de Zumbi, que hoje simboliza a crítica à segregação e à exclusão social.
- II. Um turista estrangeiro que veio ao Brasil, no carnaval, afirmou que nunca viu tanta convivência harmoniosa entre as diversas etnias.

Também sobre essa questão, estudiosos fazem diferentes reflexões:

Entre nós [brasileiros], [...] a separação imposta pelo sistema de produção foi a mais fluida possível. Permitiu constante mobilidade de classe para classe e até de uma raça para outra. Esse amor, acima de preconceitos de raça e de convenções de classe, do branco pela cabocla, pela cunhã, pela índia [...] agiu poderosamente na formação do Brasil, adoçando-o.

Gilberto Freire. O mundo que o português criou.

[Porém] o fato é que ainda hoje a miscigenação não faz parte de um processo de integração das "raças" em condições de igualdade social. O resultado foi que [...] ainda são pouco numerosos os segmentos da "população de cor" que conseguiram se integrar, efetivamente, na sociedade competitiva.

Florestan Fernandes. O negro no mundo dos brancos.

Considerando as atitudes expostas e os pontos de vista dos estudiosos, é correto aproximar:

- (a) a posição de Gilberto Freire e a de Florestan Fernandes igualmente às duas atitudes.
- (b) a posição de Gilberto Freire à atitude I e a de Florestan Fernandes à atitude II.
- (c) a posição de Florestan Fernandes à atitude I e a de Gilberto Freire à atitude II.
- (d) somente a posição de Gilberto Freire a ambas as atitudes.
- (e) somente a posição de Florestan Fernandes a ambas as atitudes.

TEXTO COMPLEMENTAR

Curiosidades linguísticas



Por que velhos são “co-roas”? – Quando houve a proclamação da República, tudo o que era imperial passou a ser sinônimo de coisa antiga. Em seu *Novo dicionário da gíria brasileira* (3 ed. Rio de Janeiro: Tupã, 1957, s.v. – a 1ª edição é de 1945), Manuel Viotti define coroa como gíria militar, com o sentido de “Antiguidade, a monarquia decaída”. Por força do recrutamento obrigatório dos jovens de 18 anos, que, findo o treinamento, voltam às

atividades civis e difundem a linguagem da caserna, muitas palavras da gíria militar acabam adquirindo foro de universalidade. Foi o que ocorreu com “rancho”, que designa o restaurante e, por extensão, a comida ou a refeição, como em “hora do rancho”, ou o que ocorreu com batebute, corruptela do inglês *battle boot*, “bota de batalha”, que designa o coturno ou o chapim. Assim, tudo o que era antigo ou velho era da coroa ou, simplesmente, por metonímia, era “coroa”. Um homem velho, portanto, é antiguidade, é coroa.

Por que se diz “conto do vigário”? – A palavra “vigário” vem do latim *vicariu*, que significa “substituto”. Isso quer dizer que o sacerdote é chamado vigário por ser um substituto do bispo, numa paróquia. O Papa é chamado de “vigário de Cristo”, isto é, o substituto de Cristo. É nesse sentido original de substituto que se chama “vicário” (com *c*, por ter entrado na língua por via erudita) o verbo que, numa oração, substitui outro, da oração precedente, como em “Se ele pergunta é porque não sabe”, onde o É está no lugar de PERGUNTA. A expressão “conto do vigário”, para designar um engodo, relaciona-se com o sentido primitivo do termo latino, e não com o sacerdote. Em outras palavras, “conto do vigário” é a história em que uma pessoa leva o substituto (sem valor) de algo que pretendia adquirir com vantagem. Em termos proverbiais: leva gato por lebre. Também se chama “conto do paco”. Paco veio do latim *paccus* ou do francês *pacque* (palavra originária do étimo neerlandês *packe*), por intermédio do lunfardo, como gíria de ladrões. Pacote é diminutivo de paco.

Por que “amigo da onça”? – Alguns autores fantasiam a origem da expressão popular “amigo da onça”. Magalhães Júnior, em seu *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos* (4 ed. Rio de Janeiro: Documentário, 1977, s.v. amigo da onça), conta a seguinte história: um caçador mentiroso dizia que fora acuado por uma onça de encontro a uma rocha. Sem armas e sem ter como fugir, escapa dando um grito tão violento que a onça, assustada, fugiu em pânico. Ante o descrédito do ouvinte, o contador de história pergunta: “Você é meu amigo ou amigo da

onça?”. Antenor Nascentes, no *Tesouro da fraseologia brasileira* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, s.v. amigo), conta outra história: um caçador, à beira de um abismo, encontrou uma onça. Tentou matá-la, mas a espingarda falhou. O caçador então pergunta ao ouvinte se ele imagina o que aconteceu em seguida. Este, obviamente, responde que a onça teria devorado o caçador. E o caçador, indignado, pergunta: “Você é meu amigo ou amigo da onça?”. São histórias fantasiosas sem respaldo documental.

Ora, “onça”, na expressão em estudo, não designa o felino, porque está no sentido clássico de “miséria”. “Estar na onça”, para João Ribeiro (*Frases feitas*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908, p. 125-6) é estar na penúria. A libra tem doze onças. Estar na undécima onça é estar quase na miséria. João Ribeiro refere-se à expressão também em italiano: “*su l’undic’once*”, isto é, na undécima onça, quase na miséria. Macedo Soares (*Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1954, vol. I; 1955, vol. II, s.v. onça) explicita que “estar na onça” é “loc. dos estudantes, não ter vintém”. Quem só tinha uma onça procurava guardá-la ou evitava gastá-la, para não ficar a zero. Tornou-se, portanto, compulsoriamente, um “amigo da onça”. Com o tempo, “amigo da onça” passou a sinônimo de “amigo da miséria” alheia, como o personagem que o humorista Péricles de Andrade Maranhão immortalizou nas páginas da revista *O Cruzeiro*.

Por que o mau motorista é barbeiro? – Viterbo afirma que barbeiro era o oficial “que se ocupava de alimpar, açacalar, dar esmeril e guarnecer as espadas, adagas etc.” (VITERBO, Joaquim de Santa Rosa. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica de Mário Fiúza. Porto: Civilização, 1965, s.v. Barbeiro das espadas.). O dicionário de Moraes Silva diz que barbeiro é o “homem que faz as barbas, e as rapa, corta ou apara.” E conclui: “há barbeiros de lanceta, ou sangradores, outros dantes consertavam as espadas limpando-as, e afiando-as, aliás alfagemes” (s.v. Barbeiro). No seu *Glossário crítico de dificuldades do idioma português* (Porto: Simões Lopes, 1947), Vasco Botelho do Amaral (s.v. Barbeiro) cita Gonçalves Viana, que informa que, “sobretudo, o barbeiro tinha amplas funções de médico de aldeia, aplicando mezinhas e sanguessugas, fazendo sangrias, cortando calos e tirando dentes” e que “os barbeiros da aldeia tinham, além de outras, também funções de sangradores e de cirurgiões”. Vasco B. do Amaral lembra um anexam popular de sua época: “quem lhe dói o dente busca o barbeiro”. Ora, quando um barbeiro era infeliz em alguma missão diferente daquela que lhe garantira o nome da profissão – ater-se à barba e ao cabelo – o povo lembrava que o insucesso da empreitada era “coisa de barbeiro” e não de médico ou de dentista especializado. Por extensão, era chamado barbeiro quem fazia de modo infeliz alguma coisa para a qual não era profissionalmente preparado. Um motorista, conseqüentemente, é barbeiro quando realiza algum tipo de manobra que denota a sua inabilidade ao volante ou a sua falta de vocação como condutor de veículo

José Augusto Carvalho.

RESUMINDO

Relação parte/todo

- O texto é um todo composto por partes que se relacionam entre si.
- O todo é a síntese das partes.
- O todo pode ser entendido também como o contexto.
- O contexto é a situação que cerca o fato.
- Fora de contexto, corre-se o risco de se interpretar erroneamente.
- É preciso sair do particular (parte) e atingir o geral (todo).
- A parte pode se constituir em um recurso expressivo.
- O significado de uma palavra pode mudar de acordo com o contexto.
- A progressão lógica de um texto pressupõe o encadeamento dos fatos.
- Há uma organização textual que possibilita a clareza.

Nível fundamental

- Todo texto traz uma oposição.
- Essa oposição pode estar explícita ou implícita.
- Ao falar da guerra, fala-se da paz.
- As oposições devem ser traduzidas abstratamente.
- A euforia é a positividade.
- A disforia é a negatividade.
- Nas oposições, um polo é eufórico e o outro é disfórico.
- O que é eufórico ou disfórico depende da visão de mundo.
- O conectivo “mas” introduz o argumento mais forte.
- O conectivo “embora” introduz o argumento mais fraco.
- A antítese é mera oposição de sentido.
- O paradoxo é uma contradição de ideias.

■ QUER SABER MAIS?



LIVRO

- Platão e Fiorin. *Lições de Texto: Leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2006.



REVISTA

- Caros Amigos.



FILME

- *Amarcord*, 1972. Direção de Federico Fellini.

Exercícios complementares

- 1 Unicamp** Dois adesivos foram colocados no vidro traseiro de um carro.

Deus é fiel

Porque para Deus nada é impossível

É possível ler os dois adesivos em sequência, constituindo um único período. Neste caso:

- o que se estaria afirmando sobre a fidelidade?
- o que o dono do carro poderia estar querendo afirmar sobre si mesmo?

Textos para as questões 2 e 3.

- I. *Temos saídas. Temos, por exemplo, um setor agrícola imenso. Nesse sentido, o MST tem razão. Não o MST, a política de assentamento, de pequena economia familiar.*

Fernando Henrique Cardoso, em entrevista concedida à revista *Veja*, 10 set. 1997. p. 25.

- II. *Ao falar, não posso usar borracha, apagar, anular; tudo que posso fazer é dizer “anulo, apago, retifico”, ou seja, falar mais. Essa singularíssima anulação por acréscimo, eu a chamarei de “balbucio”.*

Roland Barthes.

- 2 Fuvest** Baseando-se nessa definição de Roland Barthes, transcreva o trecho do texto I em que houve *balbucio*.

- 3 Fuvest** Nota-se que o entrevistado repetiu duas vezes a palavra “Temos”, cada vez com um complemento diferente. Explique a relação semântica que o contexto linguístico (os dois períodos em sequência) permite estabelecer entre os dois complementos utilizados.

- 4 ITA** Leia o texto.

E vai começar a “Cimeira”. Derivada de “cima” (“a parte mais elevada; cume, cimo, cimeira, topo”), a palavra é comuníssima em Portugal para denominar reuniões de cúpula. O nome foi dado por tradutores portugueses presentes à reunião do Grupo do Rio do Panamá, em que se decidiu convocar a iminente reunião. Esqueceram-se de um detalhe: a reunião é no Brasil. É isso.

Pasquale Cipro Neto. *Folha de S. Paulo*, Caderno Cotidiano, 24 jun. 1999.

Pode-se afirmar que há no texto:

- (a) afirmação de que a tradução para “reunião de cúpula” como “cimeira” foi apenas um detalhe.
- (b) discordância com a tradução dada para “reunião de cúpula”, já que ela foi realizada no Brasil.
- (c) afirmação de que a tradução deveria ter sido feita por tradutores brasileiros.
- (d) concordância com a tradução dada à “reunião de cúpula”, porém, sugestão para o uso de palavras, como “a parte mais elevada, cume, cimeira, topo” no lugar de “cimeira”.
- (e) afirmação de que os participantes da reunião esqueceram-se de que estavam no Brasil.

5 ITA Leia o seguinte trecho com atenção.

Iniciamos a jornada, uma jornada sentimental, seguindo as regras estabelecidas. Os cavalos pisavam tão macio, tão macio que parecia estarem calçados de sapatilhas. A rigor não pisavam. Faziam cafuné com as patas delicadas ao longo do caminho.

Raymundo Farias de Oliveira. “Na madrugada do silêncio”. *Linguagem Viva*, no 142. São Paulo, jun. 2001. p. 2.

O confronto das frases “Os cavalos pisavam” e “A rigor não pisavam” concretiza:

- (a) um desmentido.
- (b) uma indecisão.
- (c) uma ironia.
- (d) uma contradição.
- (e) um reforço.

Textos para a questão 6.

Os trechos a seguir foram extraídos de diferentes capítulos da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planejei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões.

Graciliano Ramos. *São Bernardo*. Capítulo 4.

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.

Graciliano Ramos. *São Bernardo*. Capítulo 11.

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.

Graciliano Ramos. *São Bernardo*. Capítulo 19.

6 PUC-SP As palavras ou expressões oferecem, aos falantes de uma língua, multiplicidade de uso, definindo-se seus significados na situação em que ocorrem. Veja, a esse exemplo, a expressão “no eito”, no primeiro trecho.

Levando em conta:

I. o verbete no dicionário, definido como:

- 1) “Sequência ou série de coisas que estão na mesma direção ou linha.”

- 2) “Bras. Limpeza de uma plantação por turmas que usam enxadas.”
- 3) “Bras. Roça onde trabalhavam escravos. A eito = a fio; a seguir.”

cf. Buarque de Holanda, p. 501.

II. o emprego no trecho apresentado, você poderia afirmar que ela se refere a:

- (a) trabalhar com astúcia.
- (b) trabalhar com afinco.
- (c) trabalhar com resignação.
- (d) trabalhar com prazer.
- (e) trabalhar com revolta.

Texto para a questão 7.

A língua é a nacionalidade do pensamento como a pátria é a nacionalidade do povo. Da mesma forma que instituições justas e racionais revelam um povo grande e livre, uma língua pura, nobre e rica, anuncia a raça inteligente e ilustrada.

Não é obrigando-a a estacionar que hão de manter e polir as qualidades que porventura ornem uma língua qualquer; mas sim fazendo que acompanhe o progresso das ideias e se molde às novas tendências do espírito, sem contudo perverter a sua índole e abastardar-se.

José de Alencar. “Pós-Escrito”. *Diva*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

7 Fuvest Escreva nos parênteses (V) se for verdadeiro ou (F) se for falso.

Em *...raça inteligente e ilustrada e ...perverter a sua índole e abastardar-se.*, os termos em destaque podem significar, respectivamente:

- que tem gravuras ou ilustrações/desvirtuar/abastecer-se.
- instruída/corromper/degenerar-se.
- digna de louvor/transtornar/prover do necessário.
- distinta/complicar/fazer perder a genuinidade.
- nobre/estabelecer/corromper-se.

Texto para a questão 8.

A diferença entre conservadores e liberais está aqui



Cientistas acreditam ter descoberto que a diferença entre conservadores e liberais não é apenas filosófica, mas física. O psicólogo americano David Amundio da Universidade de New York, descobriu que o cérebro de liberais e conservadores funciona de maneira diferente até quando eles precisam decidir sobre questões rotineiras, como mudar o trajeto do trabalho para casa. Nos testes com voluntários, o pesquisador constatou que a área do cérebro

responsável pelo monitoramento de conflitos (o córtex cingulado anterior) é mais ativa nas pessoas que se dizem liberais. "Os liberais são mais sensíveis em situações que precisam reagir rapidamente, de maneira inesperada" disse Amodio a *ÉPOCA*.

Essa talvez seja a explicação biológica para a suposta flexibilidade dos liberais.

Marcela Buscato. *Época*. São Paulo: Globo, n. 487, set. 2007. p. 17.

8 UFG A referência espacial sugerida no título é recuperada com base:

- (a) na posição enunciativa do leitor.
- (b) nas informações não verbais.
- (c) no conteúdo do texto.
- (d) nas expressões indicadoras de lugar.
- (e) no espaço de circulação do texto.

Texto para as questões 9 e 10.

A memória e o caos digital

A era digital trouxe inovações e facilidades para o homem que superou de longe o que a ficção previa até pouco tempo atrás. Se antes precisávamos correr em busca de informações de nosso interesse, hoje, úteis ou não, elas é que nos assediam: resultados de loterias, dicas de cursos, variações da moeda, ofertas de compras, notícias de atentados, ganhadores de gincanas, etc. Por outro lado, enquanto cresce a capacidade dos discos rígidos e a velocidade das informações, o desempenho da memória humana está ficando cada vez mais comprometido. Cientistas são unânimes ao associar a rapidez das informações geradas pelo mundo digital com a restrição de nosso "disco rígido" natural. Eles ressaltam, porém, que o problema não está propriamente nas novas tecnologias, mas no uso exagerado delas, o que faz com que deixemos de lado atividades mais estimulantes, como a leitura, que envolvem diversas funções do cérebro. Os mais prejudicados por esse processo têm sido crianças e adolescentes, cujo desenvolvimento neuronal acaba sendo moldado preguiçosamente.

Responda sem pensar: qual era a manchete do jornal de ontem? Você lembra o nome da novela que antecedeu o *Clone*? E quem era o técnico da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1994? Não ter uma resposta imediata para essas perguntas não deve ser causa de preocupação para ninguém, mas exemplifica bem o problema constatado pela fonoaudióloga paulista Ana Maria Maaz Alvarez, que há mais de 20 anos estuda a relação entre audição e recordação.

Apedido de duas empresas, ela realizou uma pesquisa para saber o que estava ocorrendo com os funcionários que reclamavam com frequência de lapsos de memória. Foram entrevistados 71 homens e mulheres, com idade de 18 e 42 anos. A maioria dos esquecimentos era de natureza auditiva, como nomes que acabavam de ser ouvidos ou assuntos discutidos. (Por falar nisso, responda sem olhar no parágrafo anterior: você lembra o nome da pesquisadora citada?).

Ana Maria descobriu que os lapsos de memória resultavam basicamente do excesso de informação em consequência do tipo de trabalho que essas pessoas exerciam nas empresas, e do pouco tempo que dispunham para processá-las, somados à angústia

de querer saber mais e ao excesso de atribuições. "Elas não se detinham no que estava sendo dito (lido, ouvido ou visto) e, conseqüentemente, não conseguiam gravar os dados na memória", afirma.

Fernanda Colavitti. *Superinteressante*, 2001.

9 Uece Se antes precisávamos correr em busca de informações de nosso interesse, hoje, úteis ou não, elas é que nos assediam... Na mensagem dessa frase, está implícito que

- (a) não buscamos mais as notícias.
- (b) precisamos estar mais atentos à leitura de mundo.
- (c) somos perseguidos pelos meios de comunicação.
- (d) ficamos plenamente satisfeitos com as informações digitais.

10 Uece Está implícito no texto que:

- (a) o HD (disco rígido) armazena dados como a memória humana.
- (b) a era digital permite à mente humana produzir infinitas informações.
- (c) na era digital a quantidade de informações dificulta a memorização.
- (d) a velocidade das informações da era digital compromete a inteligência humana.

11 Leia o texto a seguir.

Analfabetismo

Conforme informação da Folha de S. Paulo, de 26/05/2007, baseada em dados do IBGE, o analfabetismo no Brasil, no ano 2000 (12,1%), era maior do que o existente nos Estados Unidos, em 1940 (2,9%). Mas até que caminhamos bastante. Em 1940, o analfabetismo brasileiro atingia 56,8% da população. Isso quer dizer, mais ou menos que, de cada dois amigos de nossos pais, um era analfabeto. Quase com certeza, também, o alfabetizado só lia o *Almanaque Biotônico Fontoura!*

Benedito Machado. Disponível em: <http://beneditomachado.zip.net/arch2007-05-01_2007-05-31.html>.

Em que passagem do texto a enunciação deixa implícita a ideia de que em 1940 o analfabetismo, na prática, atingia um patamar bem superior aos 56,8% da população? Explique o porquê.

12 Leia o texto a seguir.

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física.

William Blake* sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.

Adélia Prado disse: “Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra”. Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.

Rubem Alves. “A complicada arte de ver”. Folha de S.Paulo, 26 out. 2004.

*William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês. Autor dos livros de poemas *Song of Innocence* e *Gates of Paradise*.

A palavra “epifania”, presente no segundo parágrafo, tem, no contexto em que é empregada, o sentido de:

- (a) unificação.
- (b) manifestação.
- (c) espera.
- (d) milagre.
- (e) ventura.

13 Leia o texto.

Uma sala de aula em Portugal:

– Manuel, quem tem um e tira um, quanto fica?

– Não sei, professora...

– Quem tem dois e tira um! Quanto fica?

– Não sei, professora...

– Manuelzinho – disse ela, tentando ser paciente –, eu vou tentar explicar como se faz subtração pela centésima vez... Por exemplo, imagine que eu tenho um pêssego aqui em cima da mesa. Se eu como o pêssego, o que é que fica?

– O caroço, professora!

O humor é construído a partir:

- (a) de uma ambiguidade em torno da palavra “caroço”.
- (b) de um implícito que foi desprezado pelo garoto.
- (c) de um duplo sentido a palavra pêssego (a fruta ou o caroço).
- (d) de uma inversão de termos da oração, que produz efeito de sentido.
- (e) de sanção positiva da professora em relação ao garoto.

Texto para as questões de 14 a 16.



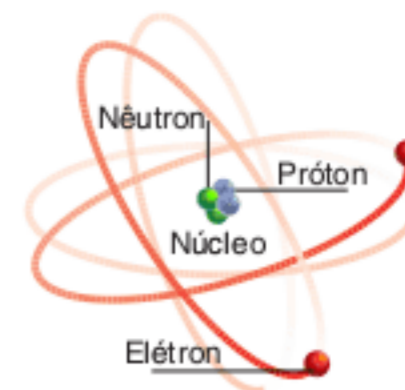
Pater. A Tribuna, 12 jun. 2008.

14 Explique por que a personagem à esquerda possui essa fisionomia.

15 Qual o sentido de “liberado”, levando em conta o contexto?

16 De que tema trata o texto?

17 A piada a seguir foi extraída de um site da Internet; ela exigirá de você raciocínio e conhecimento de mundo; leia-a.



Qual é o ruído que um átomo faz ao cair?
Planck!

O humor da frase acima baseia-se principalmente:

- (a) na sonoridade da palavra, que lembra dois ruídos.
- (b) na alusão a um físico de sobrenome “Plank” por meio de uma onomatopeia.
- (c) na referência à teoria de Darwin, que estudou os átomos como ninguém.
- (d) unicamente no fato de que o átomo não faz ruído.
- (e) no fato de “plank” remeter a um ruído e à alga de mesmo nome.

Texto para a questão 18.

O assinalado

Tu és o louco da imortal loucura,
o louco da loucura mais suprema.
A terra é sempre a tua negra algema,
prende-te nela a extrema Desventura.
Mas essa mesma algema de amargura,
mas essa mesma Desventura extrema
faz que tu'alma suplicando gema
e rebente em estrelas de ternura.
Tu és Poeta, o grande Assinalado
que povoa o mundo despovoado,
de belezas eternas, pouco a pouco.
Na Natureza prodigiosa e rica
toda a audácia dos nervos justifica
os teus espasmos imortais de louco!

Cruz e Sousa. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 135.

18 UFRJ Apresente, com suas próprias palavras, o significado de loucura depreendido a partir da leitura do texto.

Texto para a questão 19.

Baixaria sobre o aquecimento global

Longe de ser opção apenas econômica, é eminentemente ética a necessidade de drástico direcionamento das atividades de ciência, tecnologia e inovação (CT&I) para o que tem sido chamado de “energias alternativas”. É pura irresponsabilidade etiquetar de desperdício o atual gasto mundial nessa área. Ao contrário, os baixíssimos investimentos em CT&I para a superação da era dos fósseis só atestam o atraso e a miopia das elites dirigentes.

Mesmo os mais recalcitrantes “céticos”, que insistem em negar o aquecimento global ou que ele seja provocado por atividades humanas, deveriam apoiar investimentos na busca de novas fontes energéticas.

Por isso, chega a ser escandalosa a desonestidade intelectual dos que repetem como papagaios que já teriam sido gastos US\$ 50 bilhões em tentativas de provar a influência climática das emissões antrópicas de CO₂.

Quem criou a lenda dos US\$ 50 bilhões foi o paleontólogo australiano Robert M. Carter, porque é contra os esforços em CT&I focados na procura de usos mais diretos da energia solar. Prefere que se continue a esbanjar recursos fósseis e não lamenta os US\$ 3 trilhões já queimados na Guerra do Iraque.

Na contramão desse tipo de baixaria, está despontando aquilo que o jornalista Thomas L. Friedman havia apelidado de "Green new deal" e agora chama de "revolução verde".

José Eli da Veiga e Petterson Vale. Folha de S.Paulo, 25 set. 2008.

19 PUC-SP Com base no contexto proposto pelo autor, indique qual alternativa se refere ao significado de "baixaria".

- (a) Atribuição de culpa às energias alternativas pelo aquecimento global e pelos equívocos com que vem sendo trabalhada a ética da revolução verde.
- (b) Acusação à revolução verde como a responsável pelo aquecimento global e pelos equívocos com que vem sendo tratada a revolução verde.
- (c) Crítica e reprovação aos equívocos e à falta de ética com que vêm sendo tratadas questões sobre o aquecimento global.
- (d) Denúncia do escândalo das fontes energéticas e à baixaria de Thomas F. Friedman.
- (e) Crítica à baixaria de Thomas L. Friedman e ao apelido dado por ele.

20 PUC-PR Leia o poema "Irene no Céu", de Manuel Bandeira, e as afirmativas sobre ele, para depois assinalar a alternativa correta.

Irene no céu

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

– Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

Manuel Bandeira. *Meus Poemas Preferidos*.

- I. O poema aborda a questão do racismo, que esteve em discussão no início do século XIX.
 - II. O poema é religioso, como confirma a referência a São Pedro.
 - III. A linguagem coloquial é uma característica do poeta e do Modernismo brasileiro.
 - IV. A figura de Irene nos remete à imagem das ex-escravas, constantes na literatura do início do século XX.
 - V. O poema nos remete à morte de Irene, figura querida pelo eu lírico.
- (a) As afirmações I, II e III estão corretas.
 - (b) As afirmações II, III e IV estão corretas.
 - (c) As afirmações III, IV e V estão corretas.
 - (d) Somente a I e a V estão corretas.
 - (e) Nenhuma afirmativa está correta.

Texto para a questão 21.

A invasão do politicamente correto

Qual a melhor maneira de se dirigir aos negros, homossexuais e idosos? Como não ofendê-los? Quais palavras usar e quais repudiar? Há dez anos, perguntas como essas dificilmente povoariam a mente dos brasileiros. Hoje, dúvidas assim são comuns. Essa mudança de comportamento, que reflete diretamente em nossa maneira de falar, deve-se ao Movimento do Politicamente Correto. Nascido na militância política pelos direitos civis, nos Estados Unidos, na década de 70, ele ganhou força nas universidades americanas nos anos 80 e desembarcou no Brasil pouco mais de dez anos depois. Prega que alguns termos sejam banidos do vocabulário para evitar manifestações preconceituosas de gênero, idade, raça, orientação sexual, condição física e social. A mania vem sendo incorporada pela sociedade, mas ferve o sangue de intelectuais, escritores e músicos cuja ferramenta de trabalho é justamente a palavra. O professor de linguística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Bruno Dallare, considera o PC (como é chamado o movimento) autoritário, arbitrário e cerceador. "Ele provoca efeito contrário ao que defende", diz. "Ao seguir regras, a pessoa perde a naturalidade e se distancia do interlocutor." Além disso, os termos, em alguns casos, transcendem o bom senso. As expressões "terceira idade" e "melhor idade", criadas por técnicos da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), para nomear programas de viagem destinados aos idosos, têm como objetivo mascarar a velhice. Trata-se de uma jogada de marketing – o termo, mais positivo que velho, ajudaria a atrair este público. Agora, já há profissionais do setor de turismo utilizando a expressão "suave idade", como se esta realmente fosse a fase mais suave da vida.

"Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", diz o escritor Rubem Alves, do alto de seus 77 anos. "Já imaginaram se Ernest Hemingway tivesse dado ao seu livro o nome de O idoso e o mar (o nome é O velho e o mar)?" questiona. O Ministério do Turismo cunhou "melhor idade" depois que a expressão "terceira idade" foi registrada e eles perderam o direito de utilizá-la. "Não acho o termo bom, mas foi o melhor que encontramos", diz Maria Flor, do Ministério do Turismo.

As expressões difundidas pelos politicamente corretos estão presentes, principalmente, na militância gay e no movimento negro. A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) editou uma cartilha para educadores e outra para comunicadores, em que sugere quais palavras devem ser usadas. Exemplo disso é a troca de "homossexualismo" por "homossexualidade". O argumento é forte. Em 1996, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o homossexualismo da lista de doenças. Por isso, o sufixo "ismo" (que remete a doenças) não teria mais sentido. O movimento negro afirma que eles não querem ser chamados de "neguinho" e "preto". Preferem afrodescendentes – uma tradução, um pouco torta, do termo usado nos Estados Unidos pelos PCs, afro-americans. Grande parte da linguagem politicamente correta brasileira é inspirada na americana. Mas ela também nasce aqui. "Muitos termos e expressões são criados, mas somente alguns são aceitos pela mídia e passados para a frente", diz Dallare.

Até mesmo as escolas de ensino infantil são berço dessas manifestações. Há dez anos educadores alteram a letra de canções de roda consagradas. Clássicos como "Atirei o pau no gato", "O cravo e a rosa" e "Boi da cara preta" foram considerados inadequados. O primeiro, por exemplo, é tido como agressivo e "pouco amigo" dos animais. Os outros dois são tachados, respectivamente, de "desumano" e "racista".

Segundo Claudia Razuk, coordenadora de uma das unidades do Colégio Itatiaia, em São Paulo, o objetivo é, desde cedo, ensinar à criança a maneira correta de agir. "A escola existe para isso", afirma. Recentemente, a própria educadora mudou a letra de uma canção, que considerava pessimista, para uma versão mais cor-de-rosa.

Em 2005, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, do governo federal, editou a Cartilha do Politicamente Correto. E foi bombardeada de críticas - acusada de cercear a liberdade de expressão e criticada por seus "exageros". Termos como "peão", "comunista" e "funcionário público" eram desaconselhados. A obra foi engavetada, mas deixou uma lição. Com o uso de palavras politicamente corretas ou não, o fundamental é ter bom senso.

Claudia Jordão. IstoÉ, 5 set. 2008.

21 Ibmec-SP Segundo o texto, é correto afirmar que o autor:

- defende que cabe à escola minimizar os preconceitos, ensinando a linguagem politicamente correta.
- considera que a linguagem politicamente correta enfraquece a luta contra o racismo e o preconceito.
- sugere que o movimento politicamente correto mascara a realidade e toma a linguagem artificial.
- contesta a ideia de que o emprego de expressões eufemísticas, como "melhor idade", tem, na verdade, propósito comercial.
- corroboras as ideias dos educadores que alteraram letras de tradicionais canções infantis que propagam a intolerância.

Texto para as questões 22 e 23.



Glauco/Folhapress. Folha de S.Paulo, 30 maio 2008.

22 Fuvest O pressuposto da frase escrita no cartaz que compõe a charge é o de que a Amazônia está ameaçada de:

- fragmentação.
- estatização.
- descentralização.
- internacionalização.
- partidarização.

23 Fuvest A crítica contida na charge visa, principalmente, ao:

- ato de reivindicar a posse de um bem, o qual, no entanto, já pertence ao Brasil.
- desejo obsessivo de conservação da natureza brasileira.
- lançamento da campanha de preservação da floresta amazônica.
- uso de *slogan* semelhante ao da campanha "O petróleo é nosso".
- descompasso entre a reivindicação de posse e o tratamento dado à floresta.

Texto para a questão 24.

Procon notifica Brahma e Skol por publicidade abusiva e lança campanha

O Procon-SP anunciou hoje que notificou a cervejaria AmBev por considerar abusivas propagandas da Skol e da Brahma.

A notificação à Skol deve-se ao filme "Musa", criado pela agência F/Nazca e veiculado em emissoras de todo o país. No comercial, a atriz Bárbara Borges é apresentada como a musa do verão. De biquíni, ela é clonada e depois entregue para diversos homens.

Para o Procon, a publicidade da Skol coloca a mulher como um "objeto de consumo", o que a [sic] caracteriza como "publicidade abusiva", infringindo o Código de Defesa do Consumidor.

Já a propaganda da Brahma mostra um torcedor que atravessa para o lado da torcida adversária no estádio para comprar cerveja. Ele consegue chegar ao vendedor da Brahma e depois volta a seu lugar com as latas, que distribui aos amigos.

O Procon considera a propaganda abusiva porque a lei 9.470/96 proíbe a venda de cerveja nos estádios do Estado de São Paulo.

A diretora de Fiscalização do Procon-SP, Joung Won Kim, afirmou que o comercial induz o consumidor a acreditar que é permitido comprar cerveja no estádio. Ela afirma que, quando a pessoa descobre que isso é proibido, acha que está sendo privada de um direito indevidamente.

Nos dois casos, a AmBev foi notificada sobre a abertura do processo administrativo, que pode levar a uma multa. Mesmo nesse caso, a empresa pode recorrer à Justiça.

Procurada, a assessoria de imprensa da AmBev informou que não vai comentar o assunto.

O Procon também informou que encerrou a análise de processo administrativo contra a Unilever, em que considerou discriminatória e abusiva a publicidade da maionese Hellman's. Agora será aberto procedimento de multa, que pode variar de R\$ 212,81 a R\$ 3,192 milhões.

A publicidade retrata um grupo tribal de origem africana, cujos homens são negros e tratados como canibais, e a caça é representada por um homem branco.

Para o Procon, que recebeu reclamações de consumidores, a propaganda de um produto que é utilizado por crianças, cidadãos que têm menor capacidade de discernimento, não pode contribuir para alimentar a segregação racial.

A diretora executiva do Procon-SP, Eunice Prudente, disse que "não se devem tolerar, em hipótese alguma, publicidades que ferem os direitos dos afrodescendentes".

Procurada, a Unilever afirmou que não foi notificada pelo Procon oficialmente e que "só se pronunciará caso o fato venha a ocorrer".

No próximo dia 21 de março, dia Mundial de Luta contra o Racismo, o Procon-SP inicia um processo de mobilização para fins de ações legais que visam coibir a prática de propaganda discriminatória.

O objetivo é a redação de um documento para ser encaminhado a autoridades de governos e da Justiça e demonstrar que a sociedade não aceita práticas discriminatórias na mídia.

Folha online. 17 mar. 2008.

24 Ufpel Considerado o contexto, a expressão que está corretamente traduzida é:

- (a) "... anunciou hoje que notificou..." (1º. parágrafo) – comentou que mandou uma nota.
- (b) "... a publicidade da Skol coloca a mulher" (3º. parágrafo) – a propaganda da cerveja advoga a atriz Bárbara Borges...
- (c) "... induz o consumidor a acreditar..." (6º. parágrafo) – impede que o consumidor acredite.
- (d) "... publicidades que ferem os direitos dos afrodescendentes" (penúltimo parágrafo) – propaganda discriminatória.
- (e) "... um produto que é utilizado por crianças..." (11º. parágrafo) – crianças consomem cerveja.

25 Unicamp Leia a charge a seguir.



Fernando Gonçales. "Níquel Náusea". Folha de S.Paulo online. Disponível em: <www.uol.com.br/niquel>.

- a) No primeiro quadrinho, a menção a "palavrões" constrói uma expectativa que é quebrada no segundo quadrinho. Mostre como ela é produzida, apontando uma expressão relacionada a "palavrões", presente no primeiro quadrinho, que ajuda na construção dessa expectativa.
- b) No segundo quadrinho, o cômico se constrói justamente pela quebra da expectativa produzida no quadrinho anterior. Entretanto, embora a relação pressuposta no primeiro quadrinho se mantenha, ela passa a ser entendida num outro sentido, o que produz o riso. Explique o que se mantém e o que é alterado no segundo quadrinho em termos de pressupostos e relações entre as palavras.

26 Unicamp O Caderno "Aliás Debate" do *Estado de S. Paulo*, de 18/08/2006, apresenta uma matéria com o título: "Nas frestas e brechas da segurança". A matéria se inicia com o seguinte trecho:

"Estamos nas frestas, procurando as brechas". Esta boa frase, que circulou em manifesto atribuído ao PCC e ao seu líder [...], Marcola, resume bem o que pretende a organização criminosa que vem atacando a maior cidade brasileira". (p. 2)

- a) Como você interpreta frestas e brechas em "Estamos nas frestas, procurando as brechas"?
- b) Levando em consideração que "Nas frestas e brechas da segurança" é o título da matéria, como você interpreta esse enunciado comparando-o à frase atribuída a Marcola?

Texto para as questões 27 e 28.

O mosquito continua igual

Cinco anos e três meses de lulopetismo depois, mudou o foco: o culpado pelo novo surto já não é o ministro, mas o prefeito, no caso o prefeito do Rio de Janeiro, principal foco da doença.

O que não mudou foi o mosquito, firme e forte. Também não mudou a mania lulopetista (e, mais amplamente, brasileira) de fugir para a frente, culpando sempre os outros por todos os problemas, erros, ineficiências e corrupções. É bem capaz de aparecer algum debilidade com a teoria de que foi a "mídia golpista" que soltou os mosquitos.

Outra coisa que não mudou: o profundo subdesenvolvimento do país, apesar de uma certa confusão interessada em tentar fazer crer que 5,4% de crescimento, que o aumento do crédito, que a expectativa de "investment grade" – que tudo isso são sinais de desenvolvimento.

São, sim, bons sinais, mas desenvolvimento é muito mais: é evolução na saúde (que o novo surto da dengue desmente), na educação (que todos os testes, nacionais e internacionais, desmentem), na segurança pública (que o noticiário cotidiano desmente), e o vasto etc. que todo mundo conhece.

Por falar em segurança pública, esta Folha mostrou ontem que os policiais militares de São Paulo morrem mais em "bicos" do que no serviço policial propriamente dito.

Traduzindo: o Estado é incapaz de oferecer segurança, o que leva à contratação de seus agentes para tentarem dar a segurança que, como policiais, não conseguem. E eles são mortos na tentativa.

Resumo da ópera: o Brasil é governado há 13 anos e três meses por tucanos e petistas. Treze anos perdidos em copiar um ao outro, sem dizer, claro, que há cópias, e em culpar um ao outro quando as cópias não dão certo. O mosquito e o crime agradecem.

Clóvis Rossi. Folha de S.Paulo. 23 mar. 2008. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2303200803.htm>.

27 Jornalista com mais de 40 anos de carreira, Clóvis Rossi trabalhou em três dos quatro grandes jornais do país (*O Estado de S. Paulo*, *Folha de S.Paulo* e *Jornal do Brasil*). Foi editor-chefe do *Estado de S. Paulo*, participou de incontáveis coberturas internacionais tanto por *O Estado de S. Paulo* como pela *Folha*, pela qual foi correspondente em Buenos Aires e Madrid. Atualmente, é repórter especial e colunista da *Folha*.

- a) O que o articulista deixa implícito no trecho "Cinco anos e três meses de lulopetismo depois, mudou o foco: o culpado pelo novo surto já não é o ministro, mas o prefeito, no caso o prefeito do Rio de Janeiro, principal foco da doença." (explique em aproximadamente cinco linhas).
- b) Qual o significado contextual da palavra "ópera", em "Resumo da ópera"?
- c) Explique o significado contextual do neologismo criado pelo autor, "lulopetismo", e da expressão "mídia golpista"?

28 Todo texto traz uma visão de mundo, uma maneira de enxergar a realidade e um modo de explicá-la. Em relação a isso, responda.

- a) Em quatro linhas, aproximadamente, comente a visão do autor sobre o país no que tange ao seu desenvolvimento.
- b) Que conectivo do quarto parágrafo é responsável por deixar clara uma outra faceta do país? Qual é o seu valor semântico?

29 Unicamp O poema a seguir é de Carlos de Oliveira, reconhecidamente um dos maiores escritores portugueses contemporâneos. Como fica patente pelo título e por certos recursos de linguagem do texto, trata-se de um poema em forma de carta, que imita o estilo infantil.

Carta da infância

Amigo Luar:

Estou fechado no quarto escuro
e tenho chorado muito.

Quando choro lá fora
ainda posso ver as lágrimas caírem na palma das
minhas mãos e brincar com elas ao orvalho
nas flores pela manhã.

Mas aqui é tudo por demais escuro
e eu nem sequer tenho duas estrelas nos meus olhos.

Lembro-me das noites em que me fazem deitar
tão cedo e te oiço bater, chamar e bater,
na fresta da minha janela.

Pelo muito que te tenho perdido enquanto durmo

Vem agora,
no bico dos pés

para que eles não te sintam lá dentro,
brincar comigo aos presos no segredo

quando se abre a porta de ferro e a luz diz:

Bons dias, amigo.

Nota: brincar aos presos no segredo quer dizer “brincar de presos no segredo”; e presos no segredo, por sua vez, é uma expressão que significa também “presos incomunicáveis”.

- O remetente e o destinatário dessa “Carta da infância” encontram-se em espaços diferentes e opostos. Como você interpreta essa oposição espacial e quais dos cinco sentidos humanos a traduzem?
- A partir da oposição entre aqui e lá fora, que outras oposições se estabelecem no poema?
- Como os versos finais do poema sugerem uma resolução para tais oposições?

Texto para questões de 30 a 32.

O ato de transportar para o papel o trabalho feito no computador é para todo usuário uma atividade que produz certo grau de ansiedade, seja esse trabalho um complexo e dispendioso projeto mecânico ou de arquitetura, ou simplesmente uma carta comercial. Por mais que no computador tudo possa parecer em ordem, até que a cópia impressa o comprove, o usuário não se sentirá seguro da informação que foi gerada. Além disso, os sistemas de impressão costumam apresentar sempre algum imprevisto. Essa necessidade de o usuário ver e sentir materialmente o resultado de seu trabalho criou um paradoxo no mundo da informática.

Com a popularização dos computadores e da tecnologia de transmissão de informações, muitas empresas já entregam seus trabalhos sobre algum tipo de suporte digital, desde disquetes até CDs-ROM. Para aqueles que trabalham a distância, o uso da Internet se transformou em uma ferramenta de comunicação fundamental. Na América Latina, já existem escritórios de arquitetura que se comunicam pela Net com seus clientes de locais tão distantes como o Japão. Essas novas tecnologias não só reduzem custos de papel, impressão e correio, como também eliminam a necessidade de manipulação física dos documentos.

O mesmo ocorre com as maquetes tradicionais, substituídas, aos poucos, por modelos de computadores em três dimensões.

Entretanto, apesar do desenvolvimento de tantas novas tecnologias, nada indica que a impressão em papel tão cedo deixará de existir, particularmente no que se refere aos usuários de sistemas CAD. Prova disso é que a tecnologia de equipamentos de impressão (impressoras, plotters, papéis especiais, tintas) se desenvolve com a mesma velocidade que os meios eletrônicos. Hoje em dia, é possível encontrar no mercado equipamentos para as mais diversas finalidades, desde o mais simples jato de tinta de U\$ 300 até uma sofisticada plotter de tinta sólida com preço em torno de U\$ 100 mil. Mais ainda, as tecnologias de comunicação de dados estão se integrando às tecnologias de impressão, para permitir que documentos sejam produzidos e impressos em qualquer lugar do mundo.

30 UEL O paradoxo a que se refere o texto constitui-se:

- no fato de trabalhos complexos provocarem a ansiedade do usuário do computador tanto quanto um trabalho relativamente simples.
- no fato de os sistemas de impressão ainda não serem muito eficazes, apesar de as tecnologias de transmissão de informações estarem bastante desenvolvidas.
- no fato de o usuário não se sentir seguro acerca do que foi produzido no computador mesmo quando vê a informação impressa no papel.
- na existência de mecanismos altamente sofisticados para a transmissão da informação ao lado da manutenção do sistema de impressão em papel.
- na existência de maquetes tradicionais ao lado de modelos computadorizados em três dimensões.

31 UEL Ao usar a expressão “Mais ainda”, no último parágrafo do texto, o autor:

- introduz uma ideia que vai além do já afirmado: a tecnologia de equipamentos de impressão depende do desenvolvimento das tecnologias de transmissão de informações.
- apresenta um novo argumento para defender a ideia de que a impressão em papel não é algo em extinção.
- cita mais uma prova da variedade e dos reduzidos custos das modernas impressoras.
- defende, entusiasticamente, apoiado num novo dado, o uso de documentos impressos.
- contesta, aduzindo mais um item, a necessidade de as novas tecnologias garantirem a produção e impressão de documentos a longa distância.

32 UEL Por mais que no computador tudo possa parecer em ordem, o usuário costuma sentir certa insegurança.

Assinale a alternativa que, substituindo a locução conjuntiva inicial do período, lhe altera o sentido.

- Embora.
- Apesar de que.
- Mesmo que.
- Se bem que.
- A não ser que.

Maíra

Maíra só descobriu todo o seu poder, um dia, quando brincava com Micura na praia. Cada um deles tinha, levantada, uma mão cheia de vaga-lumes para alumiar, mas a luzinha era muito pouca. Maíra desenhou, assim mesmo, ali na areia da praia, uma arraia com seu ferrão e tudo. Mas naquela penumbra se distraiu e pisou na arraia desenhada. Foi aquela ferroadada! Compreendeu, então, que podia fazer qualquer coisa:

– Sou Maíra – lembrou – sou o arrote de Deus-Pai. Ele, o ambir, agora tem nome: é Mairahú, meu pai. Meu filho será Mairáira. – Pegou então a conversar com o irmão, Micura, sobre o que podiam fazer.

Maíra: – O mundo de Mairahú, meu pai, é feio e triste. Não é um mundo bom para a gente viver. Podemos melhorá-lo.

Micura: – Não vá o Velho se ofender!

Maíra: – Pode ser. É melhor não fazer nada.

Micura: – Bobagem. Alguma coisinha podemos fazer.

Maíra: – Vamos, então, tomar dos que têm, o que eles têm, para dar aos que não têm.

Micura saltou alegre: – Sim, vamos, primeiro o fogo. Ando com frio e com muita vontade de comer um churrasco.

O fogo era do Urubu-rei que mandava na aldeia grande das gentes urubus. Eles só comiam corós de carniça tostados no borralho. Não precisavam tanto do fogo. Usavam mais era luz para ver bem a carniça e o calor para esquentar o corpo nu quando se desvestiam das penas para brincar de gente.

O jeito que os gêmeos encontraram para roubar o fogo foi matar um veado grande, muito grande, deixá-lo apodrecer para criar bastante bicho-coró e, então, mandar levar uma moqueca de corós para o Urubu-rei e convidá-lo para vir à comilança. Assim fizeram. Maíra desenhou um cervo enorme, soprou para que vivesse e o matou ali mesmo. Quando estava bem podre e bichado, mandaram o passarinho que fala mais línguas, um papagaio, maracanã, atrás do Urubu-rei. Eles ficaram escondidos debaixo da carniça para agarrar o reizão bicéfalo quando ele pousasse. Assim fizeram. Quando o Urubu-rei estava bem preso, Maíra gritou:

– Calma, meu rei. Não tenha medo. Só quero o fogo pro meu povinho. Todos andam com frio. Só comem o cru.

Mas se armou a maior das confusões porque o Urubu-rei começou a responder com as duas cabeças, falando ao mesmo tempo, cada qual dizendo uma coisa. Maíra não entendia nada. Aí uma cabeça do Urubu-rei virou-se para a outra e as duas caíram numa discussão cerrada. O tempo ia passando sem que Maíra soubesse o que fazer. Afinal, teve a ideia de mandar Micura agarrar o rei-falador. Levantou, então, suas duas mãos e fez de cada uma delas uma cabeça de urubu com bico e tudo e passou, assim, a conversar duro com as duas cabeças do reizão. Só deste modo conseguiu que ele mandasse trazer o fogo, mas o rei ainda quis enganar Maíra entregando fogos que queimavam pouco e não davam luz. Felizmente ali estava Micura experimentando tudo. Provava um e dizia:

– Não, este não serve não; não é o fogo que precisamos. Não, este também não é o fogo que precisamos. Não, este também não é o fogo de verdade. – Afinal, conseguiram o fogo verdadeiro e fizeram o trato.

Maíra: – Vocês urubus vão comer carniça com fartura; o chefão de duas cabeças vai ficar com uma só, para não enganar mais ninguém, mas nesta vai usar esse diadema vermelho e branco que eu lhe dou agora.

Urubu-rei: – Fiquem com o fogo vocês, mairuns. Mas façam muita carniça pra nós.

Darcy Ribeiro. *Maíra*.

Prometeu acorrentado

Ésquilo

(A cena é o pico duma montanha deserta. Chegam Poder e Vigor, que trazem preso Prometeu; segue-os, coxeando, Hefesto, carregando correntes, cravos e malho.)

Poder. Eis-nos chegados a um solo longínquo da terra, caminho da Cítia, deserto ínvio. Hefesto, é mister, te desincumbas das ordens enviadas por teu pai acorrentando este celerado, com liames inquebráveis de cadeias de aço, aos rochedos de escarpas abruptas. Ele roubou uma flor que era tua, o brilho do fogo, vital em todas as artes, e deu-a de presente aos mortais; é preciso que pague aos deuses a pena desse crime, para aprender a acatar o poder real de Zeus e renunciar o mau vezo de querer bem à Humanidade.

Hefesto. Poder e Vigor, a incumbência de Zeus para vós está terminada; nada mais vos embarga. Eu, porém, não me animo a agrilhoar à força um deus meu parente a um píncaro aberto às intempéries. Todavia, é imperioso criar essa coragem; é grave negligenciar as ordens de meu pai. [...]

Poder. Basta! Para que te atardares em lástimas perdidas?

Por que não abominas o deus mais odioso aos deuses, que entregou aos mortais um privilégio teu?

Hefesto. O parentesco e a amizade são forças formidáveis.

Poder. Concordo, mas como se podem transgredir as ordens de teu pai? Isso não te infunde medo?

Hefesto. Tu és sempre cruel e audacioso.

Poder. Lamentos não curam os teus males; não te canses à toa em lástimas ineficazes.

Hefesto. Oh! que ofício detestável!

[...] Hefesto. Podemos ir. Seus membros já estão amarrados.

Poder. (a Prometeu) Abusa, agora! Furta aos deuses seus privilégios para entregá-los aos seres efêmeros! Que alívio te podem dar deste suplício os mortais? Errados andaram os deuses em te chamarem Prometeu; tu mesmo precisas de alguém que te prometa um meio de safar-te destes hábeis liames! (Retiram-se Poder, Vigor e Hefesto.)

Prometeu. Éter divino! Ventos de asas ligeiras! Fontes dos rios! Riso imensurável das vagas marinhas! Terra, mãe universal! Globo do sol, que tudo vês! Eu vos invoco. Vede o que eu, um deus, sofro da parte dos deuses! Contemplai quão ignominiosamente estracinhado hei de sofrer pelas miríades de anos do tempo em fora! Tal é a prisão aviltante criada para mim pelo novo capitão dos bem-aventurados! Ai! Ai! Lamento os sofrimentos atuais e os vindouros, a conjecturar quando deverá despontar enfim o termo deste suplício. Mas que digo? Tenho presciência exata de todo o porvir e nenhum sofrimento imprevisto me acontecerá. Cumpre-me suportar com a maior resignação os decretos dos fados, sabendo inelutável a força do Destino. Contudo, não posso calar nem deixar de calar minha desdita. Por ter feito uma dádiva aos mortais, estou jungido a esta fatalidade, pobre de mim! Sou quem roubou, caçada no oco duma cana, a fonte do fogo, que se revelou para a Humanidade mestra de todas as artes e tesouro inestimável. Esse o pecado que resgato pregado nestas cadeias ao relento.

Teatro grego. Seleção, introdução, notas e trad. direta do grego por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1964.

33 Vunesp Estabeleça, com base nas informações do texto, qual o castigo que, por ordem de Zeus, está sendo aplicado a Prometeu por ter roubado o fogo para os homens.

34 Vunesp Determine, na hierarquia das entidades do fragmento de *Maíra*, qual a divindade mais elevada.

35 Vunesp Comprove, transcrevendo uma passagem do fragmento, a origem divina de Maíra.

36 Vunesp Mencione uma das ações de Maíra que caracterizam seu poder de divindade.

37 Vunesp Explique o sentido que apresentam no texto as expressões “seres efêmeros” e “bem-aventurados”.

38 Vunesp Utilizando outras palavras e expressões, escreva uma frase que traduza o significado da seguinte fala de Prometeu: *Por ter feito uma dívida aos mortais, estou jungido a esta fatalidade.*

39 Vunesp Aponte a diferença entre os objetivos de Maíra e Prometeu ao entregar o fogo aos homens.

40 Vunesp Identifique o sentimento comum de Maíra e de Prometeu com relação aos homens.

41 Vunesp Indique duas palavras ou locuções com as quais o escritor, no fragmento de *Maíra*, evita repetir o nome “Urubu-rei”.

42 Vunesp Aponte a quem se refere Prometeu, no fragmento de *Êsquilo*, com a expressão “novo capitão dos bem-aventurados”.

43 Vunesp Dê duas oposições de ordem abstrata observadas em “Prometeu acorrentado”.

Texto para as questões 44 e 45.

O que há em mim é sobretudo cansaço
Não disto nem daquilo,
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.

A subtileza das sensações inúteis,
As paixões violentas por coisa nenhuma,
Os amores intensos por o suposto alguém.
Essas coisas todas -
Essas e o que faz falta nelas eternamente -;
Tudo isso faz um cansaço,
Este cansaço,
Cansaço.

Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada -
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:

Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque eu quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser...

E o resultado?
Para eles a vida vivida ou sonhada,
Para eles o sonho sonhado ou vivido,
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto...
Para mim só um grande, um profundo,
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,
Um supremíssimo cansaço.
Íssimo, íssimo. íssimo,
Cansaço...

Fernando Pessoa. Álvaro de Campos.

44 Em *Porque eu amo infinitamente o finito*, o eu lírico emprega um recurso expressivo que também está presente na alternativa:

- (a) “As flores de plástico não morrem”
- (b) “Meu cartão de crédito é uma navalha”
- (c) “Tu pisavas nos astros distraída”
- (d) “Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no bolso nem parentes importantes”
- (e) “Na Jam-Galeria, você compra antiguidades exatamente como elas eram no século XVIII: novas.”

45 Considere as seguintes afirmações sobre o texto:

- I. O sufixo “íssimo”, indicador de grau absoluto sintético, traduz a intensidade do cansaço, um cansaço de tudo que o cerca.
- II. O cansaço de que fala o eu lírico está diretamente relacionado à ideia de finito.
- III. A visão de mundo do eu lírico opõe-se a dos idealistas: estes amam tudo que é tangível e efêmero (portanto, o contrário do eu lírico).
- IV. Em *Para eles a vida vivida ou sonhada*,/Para eles o sonho sonhado ou vivido, temos uma redundância de ideias, já que o sentido de “vida sonhada” é o mesmo de “sonho vivido”.

Estão corretas as afirmações:

- (a) apenas II
- (b) apenas I e II
- (c) apenas II e IV
- (d) apenas III e IV
- (e) apenas II e III

46 Considerado como um dos pioneiros do *rock and roll* nacional, Raul dos Santos Seixas nasce em 28 de junho de 1945, Salvador, Bahia; falece em 21 de agosto de 1989, em São Paulo. Em 1977, intensifica-se a parceria Raul Seixas e Cláudio Roberto, com quem Raul comporia várias de suas canções mais conhecidas, como “Maluco Beleza”, “O Dia em que a Terra Parou”, “Rock das Aranha”, “Aluga-se” etc.

Enquanto você	Eu do meu lado
Se esforça pra ser	Aprendendo a ser louco
Um sujeito normal	Maluco total
E fazer tudo igual.	Na loucura real.
	[...]

Raul Seixas e Cláudio Roberto. “Maluco Beleza”. Intérprete: Diversos. In: *Há dez mil anos atrás*. Rio de Janeiro: Philips/Universal Music, 1976. Faixa 13.

No nível fundamental de todo texto, encontra-se uma oposição semântica (a semântica tem como escopo o significado); essa oposição pode ser explícita ou implícita. No texto lido, percebe-se uma oposição do tipo:

- (a) natureza e civilização
- (b) vida e morte
- (c) violência e paz
- (d) certeza e incerteza
- (e) contínuo e descontínuo

Texto para a questão 47.

A forma mais difundida de paquera entre os sauditas são os cafés que oferecem acesso à internet. São poucos, mas estão se tornando uma ferramenta de aproximação entre os jovens. E estão se mostrando eficientes.

Com base em sua interpretação do Corão, o governo da Arábia Saudita restringiu alguns hábitos considerados "ocidentalizados" da população, principalmente dos mais jovens. Teatros, cinemas e boates foram proibidos de funcionar tanto na capital Riad quanto nas cidades pequenas do país. Na esteira do fechamento dessas casas, perde-se uma forma centenária de encontrar um namorado ou mesmo de conhecer outras pessoas.

A alternativa para quem não costuma usar os sites de namoro é escrever nome e telefone em pedaços de papel e deixá-los nos vidros dos carros para achar, com a ajuda do destino, um candidato a cara-metade e marcar um encontro.

"Sauditas aprendem a namorar pela net". *Galileu*, nº 131.

47 Fatec Considerando o trecho *São poucos, mas estão se tornando uma ferramenta de aproximação entre os jovens.*, assinale a alternativa que explica adequadamente o emprego da palavra "mas".

- (a) Estabelece a relação de contraste entre as duas afirmações apresentadas.
- (b) Introduce uma negação para o fato afirmado na primeira oração.
- (c) Tem a função de levar o leitor a concluir algo a respeito da oração anterior.
- (d) Sinaliza a adição de mais uma informação de mesmo sentido que a anterior.
- (e) Expressa circunstância de modo na segunda informação apresentada.

Texto para a questão 48.

Esquecimento

*Esse de quem eu era e era meu,
Que foi um sonho e foi realidade,
Que me vestiu a alma de saudade,
Para sempre de mim desapareceu.*

*Tudo em redor então escureceu,
E foi longínqua toda a claridade!
Ceguei... tateio sombras... que ansiedade!
Apalpo cinzas porque tudo ardeu!*

*Descem em mim poentes de Novembro...
A sombra dos meus olhos, a escurecer...
Veste de roxo e negro os crisântemos...*

*E desse que era meu já me não lembro...
Ah! a doce agonia de esquecer
A lembrar doidamente o que esquecemos...!*

Florbela Espanca.

48 Unifesp Na última estrofe, o eu lírico expressa, por meio de:

- (a) Hipérboles, a dificuldade de se tentar esquecer um grande amor.
- (b) Metáforas, a forma de se esquecer plenamente a pessoa amada.
- (c) Eufemismos, as contradições do amor e os sofrimentos dele decorrentes.
- (d) Metonímias, o bem-estar ligado a amar e querer esquecer.
- (e) Paradoxos, a impossibilidade de o esquecimento ser levado a cabo.

Texto para as questões 49 e 50.

Ai, que calo-ô-ô-ô-ô-ô-or...

A importância da comunhão global parece um caso de ideologia de cabeça para baixo. A ideologia faz o que é de fato particular parecer universal ("todos são iguais perante a lei", mas alguns são mais iguais que os outros).

A crise do clima é, sim, uma tragédia (punição desmesurada de um erro do qual ignorava a dimensão, castigo ruinoso da inadvertida arrogância humana de sua falta de limites, como dizia o filósofo grego). Sim, há gente honrada e séria preocupada com o clima. Por que a farsa, então?

Qual grupo, classe ou país, com poder e influência, preocupa-se de fato? Considere-se um tema que até interessa ao poder global: comércio. Negocia-se há anos um modo de acabar com a proteção que governos ricos dão a 2% de sua população, a que vive de vacas gordas, de agricultura, barrando produtos de bilhões de crioulos agrícolas do mundo pobre. Nem isso se resolve, questão mais simples que o caos climático.

*O que virá? Uma ONU do clima, a ser avacalhada pelos EUA?
[...]*

Vinicius Torres Feire. *Folha de S.Paulo*. 4 fev. 2007, p. B6. Dinheiro. (Adapt.).

49 UEG Em todos são iguais perante a lei, mas alguns são mais iguais que os outros, o sentido da segunda oração:

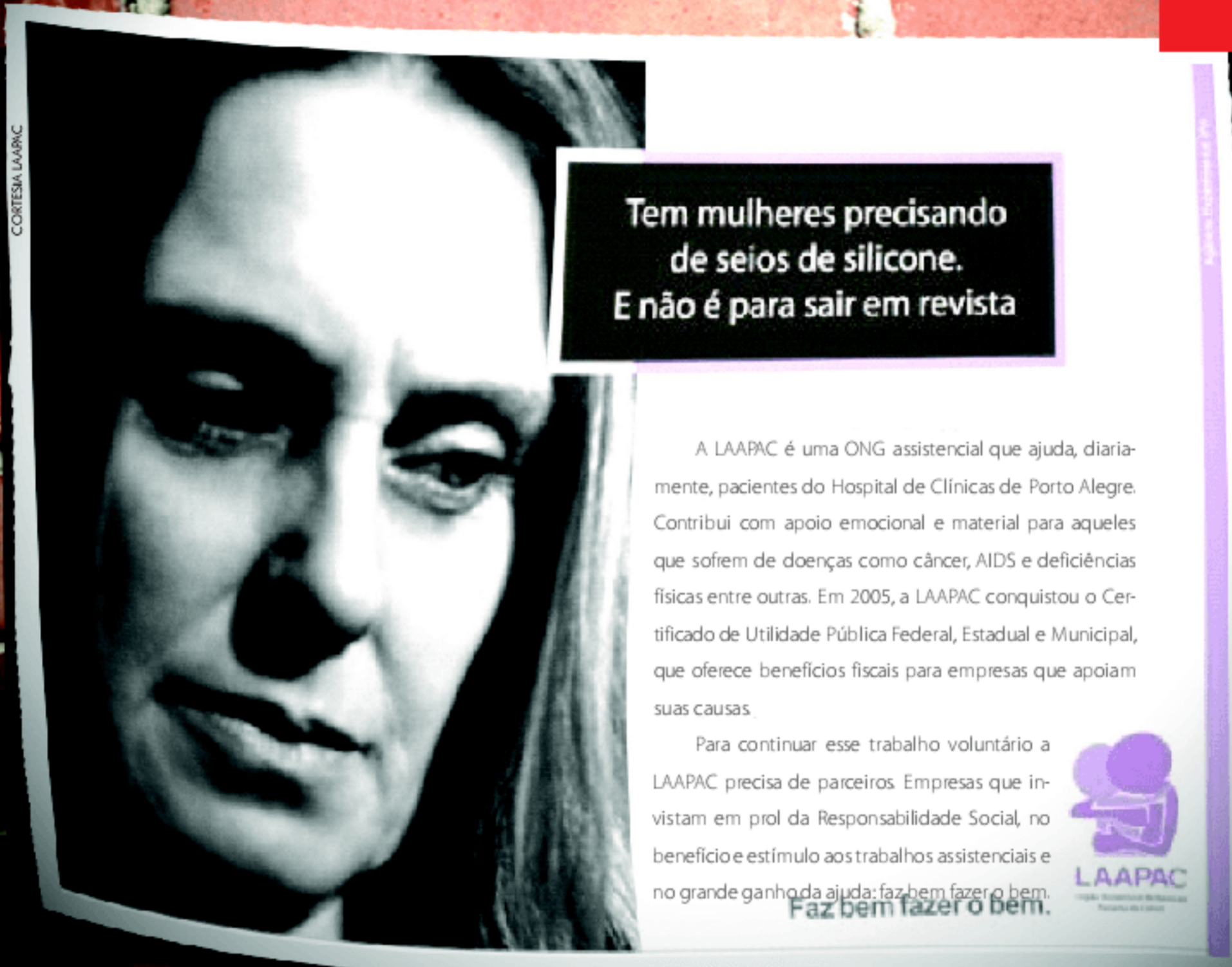
- (a) confirma o valor da primeira.
- (b) anula o valor da primeira.
- (c) reitera o valor da primeira.
- (d) ignora o valor da primeira.

50 UEG No último parágrafo do texto, está subentendido que os EUA:

- (a) vetariam a criação de uma ONU do clima.
- (b) só lucrariam com a criação de uma ONU do clima.
- (c) já desrespeitaram a ONU quanto ao tema "comércio".
- (d) só respeitam a ONU quanto ao tema "comércio".

Tipos de texto

2



Tem mulheres precisando de seios de silicone. E não é para sair em revista

A LAAPAC é uma ONG assistencial que ajuda, diariamente, pacientes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Contribui com apoio emocional e material para aqueles que sofrem de doenças como câncer, AIDS e deficiências físicas entre outras. Em 2005, a LAAPAC conquistou o Certificado de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal, que oferece benefícios fiscais para empresas que apoiam suas causas.

Para continuar esse trabalho voluntário a LAAPAC precisa de parceiros. Empresas que invistam em prol da Responsabilidade Social, no benefício e estímulo aos trabalhos assistenciais e no grande ganho da ajuda: faz bem fazer o bem.

Faz bem fazer o bem.

LAAPAC
LIGA ASSOCIADA ÀS AÇÕES
PÚBLICAS DE CARIÓTIPO

CORTESIA LAAPAC

DOSS/ETE/STOCK.XCHING

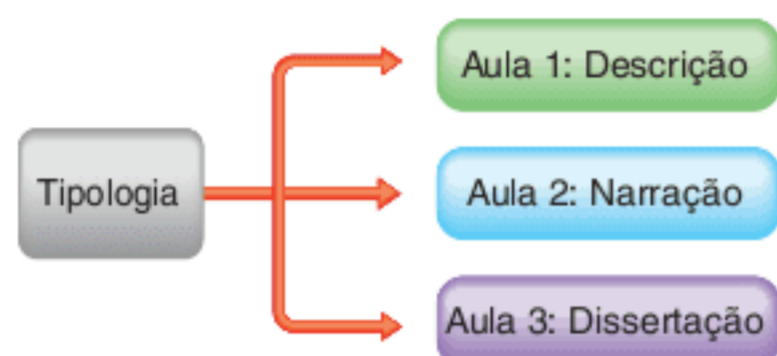
O texto acima é um anúncio publicitário de uma ONG chamada LAAPAC; sua função é sensibilizar o leitor para os que precisam de assistência médica, mas não possuem condições financeiras. Para alcançar tal intuito, a publicidade emprega recursos verbo-visuais como a imagem de uma mulher com semblante triste – representando uma vítima das doenças mencionadas no corpo do texto. Em destaque, em linguagem verbal (o texto com uma moldura em tons femininos), o anúncio informa ainda que há mulheres precisando de silicone, mas que não é para sair em revista, isto é, o anúncio deixa implícito que o silicone destina-se a mulheres vítimas de câncer de mama. O emprego do verbo “ter” é coloquial, procedimento que visa a um efeito de aproximação.

Para ganhar a credibilidade do leitor e selar o contrato fiduciário (de confiança), o anúncio faz também uma descrição da ONG, sua área de atuação, sua localização, os prêmios recebidos e sua necessidade. Finalmente, ao lado do logo da empresa, no canto direito, a publicidade emprega uma frase com efeito de sentido: “Faz bem fazer o bem”. A enunciação, nesse caso, utiliza uma mesma palavra desempenhando papéis morfológicos diferentes (“bem”): advérbio e substantivo, respectivamente. O texto publicitário, no que tange à linguagem verbal, é predominantemente descritivo; há descrição no excerto em destaque (descrição de uma realidade feminina) e no excerto que informa sobre a ONG (características da ONG). A descrição é um importante fator de persuasão para o texto em exame, pois possibilita o acesso a uma realidade não conhecida (silicone para mulheres doentes: “Tem mulheres...”), sensibilizando o leitor, e instiga neste a confiança necessária (por meio da descrição da ONG) para que haja a colaboração, uma vez que as ONGs vivem de captação financeira.

Introdução

Neste capítulo, faremos um estudo dos tipos de texto. A investigação é necessária para que possamos entender melhor o chamado nível narrativo (aula posterior) e para que respondamos às perguntas de interpretação que pedem a classificação do texto utilizado (descritivo, narrativo ou dissertativo).

É importante observar que um texto pode conter as três técnicas, mas uma deverá predominar. Assim, podemos ter uma narração com trechos descritivos, ou uma dissertação com uma passagem narrativa. As aulas servirão ainda para o exercício da interpretação.



Descrição

Característica do texto descritivo



Fig. 1 Quadro da gramática.

O texto descritivo apresentará as seguintes marcas:

1. é um retrato físico, social ou psicológico;
2. não há progressão temporal;
3. não há mudança de estado;
4. os dados são simultâneos;
5. particulariza o ser.

Vejamos alguns exemplos.

Texto A

Homicídios ficava num pardieiro velho na Presidente Vargas. Da janela do gabinete de Raul, podiam-se ver os carros percorrendo incessantemente a larga avenida que ligava a zona norte ao centro

da cidade. As paredes do prédio eram sujas e esburacadas. Pelo chão, serpenteavam fios gastos de instalações de emergência que estavam ali há anos...

Rubem Fonseca. *A grande arte*. 7 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 93.

Texto B

No fundo do mato-virgem, nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite [...] O divertimento dele era decepar cabeça de saúva [...] Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos...

Mário de Andrade. *Macunaíma*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. p. 13.

Texto C

Os doentes morriam longe da família e tinham sido proibidos os velórios e rituais, de modo que os que morriam à tardinha passavam a noite sós e os que morriam de dia eram enterrados sem demora.

Albert Camus. *A peste*. São Paulo: Círculo do Livro. p. 121.

Texto D



No texto A, temos a descrição de um lugar (“Homicídios”); no texto B, o retrato de uma personagem (“Macunaíma”); no texto C, a descrição de uma situação (a cidade foi tomada pela peste); no texto D, os produtos de um sebo. Os textos de A a C estão inseridos em uma narração, mas constituem-se em passagens puramente descritivas. Em todos eles, há a particularização do ser.

Tipos de descrição

A descrição pode privilegiar diferentes aspectos: pode haver uma ênfase nos detalhes, nos aspectos materiais e físicos; pode-se captar os movimentos dos seres, descrever sua ação no espaço; como também é possível filtrar a atividade psicológica. Esses diferentes aspectos pressupõem, portanto, uma variedade de descrições; eis alguns tipos.

Descrição física

Enfatizam-se traços físicos da personagem e aspectos materiais e naturais do ambiente.

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia – a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beijos sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Raul Pompeia. *O Ateneu*. São Paulo: Atêlie Editorial, 1999. p. 102.

Descrição psicológica

Destacam-se características psicológicas, traços de personalidade e estados mentais.

Procura-se um amigo...

Não precisa ser homem, basta ser humano, basta ter sentimento, basta ter coração. Precisa saber falar e calar, sobretudo saber ouvir. Tem de gostar de poesia, da madrugada, de pássaros, de sol, da lua, do canto dos ventos e das canções da brisa.

Autor anônimo.

Descrição sociológica

Neste tipo de descrição, exploram-se as relações de trabalho e a classe social das personagens.

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia e de vários filhinhos pálidos e tristes. Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

José Bento Monteiro Lobato. *Jeca Tatuzinho*. 35 ed. São Paulo: Laboratório Fontoura, 1973.

Descrição objetiva e descrição utilitária

A descrição objetiva emprega linguagem denotativa, impessoal, sem juízos de valor ou figuras; a descrição objetiva aparece sobretudo em textos utilitários.

De sabor morango, o chiclete contém a erva pueraria mirifica. O fabricante, a indústria cosmética B2Up, garante que a goma libera na mucosa da boca fitoestrógenos, substâncias extraídas de plantas que imitam a ação do estrógeno (hormônio feminino). Eles seriam importantes para a circulação sanguínea e estariam envolvidos no processo de acúmulo de líquido e gordura no tecido mamário. Assim, o busto ganharia centímetros a mais. [...]

"Ver para crer". *IstoÉ*. Medicina & Bem-estar. 1.850 ed., 30 mar. 2005.

Descrição subjetiva e descrição literária

A descrição subjetiva emprega a conotação, o juízo de valor e figuras de linguagem como metáfora, antítese, entre outras.

A rua convulsionava-se como se fosse fender, rebentar de luxúria e de barulho. A atmosfera pesava como chumbo. No alto, arcos de gás besuntavam de uma luz de açafão as fachadas dos prédios. Nos estabelecimentos comerciais, nas redações dos jornais, as lâmpadas elétricas despejavam sobre a multidão uma luz ácida

e galvânica, que enlivedescia e parecia convulsionar os movimentos da turba, sob o panejamento multicolor das bandeiras que adejavam sob o esfarelar constante dos confetti, que, como um irisamento do ar, caíam, voavam, rodopiavam. [...]

João do Rio. "Cordões". *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Descrição dinâmica

A descrição dinâmica ocorre quando os seres estão em movimento, agindo, como se vê no cinema; esse tipo de descrição é contemplado principalmente no texto literário.

A praça transbordava. [...] Só depois que Rosinha chegasse, começaria o Carnaval. [...] A praça inteira está cantando, tremendo. O corpo de Rosinha não tardaria a boiar sobre ela como uma pétala. [...] Acima das vagas humanas os estandartes palpitam como velas. [...] Dezenas de estandartes pareciam falar, transmitiam mensagens ardentes, sacudiam-se, giravam, paravam, desfalecendo, reclinavam-se para beijar, fugiam... [...] Se quiser agora sair daquele lugar, já não poderá mais, se sente pregado ali. O gemido cavernoso de uma cuíca próxima ressoa-lhe fundo no coração. – Cuíca de meu agouro, vai roncar no inferno... [...]

Aníbal M. Machado. "A morte da porta-estandarte". *Revista Estética*. Rio de Janeiro, jan./mar. 1925. p. 167-8.

Descrição estática

A descrição estática registra os seres como uma fotografia, sem movimento; ela está presente no texto literário e no utilitário.

Há um tradicional silêncio em suas salas e um dorido repouso em suas poltronas. O assoalho encerado, sobre o qual ainda escorrega o fantasma da cachorrinha preta, guarda as mesmas manchas e o mesmo taco solto de outras primaveras. As coisas vivem como em prece, nos mesmos lugares onde as situaram as mãos maternas quando eram moças e lisas. Rostos irmãos se olham dos porta-retratos, a se amarem e compreenderem mudamente. O piano fechado, com uma longa tira de flanela sobre as teclas, repete ainda passadas valsas, de quando as mãos maternas careciam sonhar [...]

Vinicius de Moraes. "A casa materna". *Para viver um grande amor: poemas e crônicas*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. p. 99.

Ferramentas gramaticais da descrição

- a) Uso do pretérito imperfeito do indicativo (passado durativo) com a finalidade de passar os hábitos e características das personagens:

Ricordanza della mia gioventu

A minha ama-de-leite Guilhermina

Furtava as moedas que o Doutor me dava.

Sinhá-Mocinha, minha mãe, ralhava...

Via naquilo a minha própria ruína!

[...]

Augusto dos Anjos. *Eu e outras poesias*. 42 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Ricordanza della mia gioventu: Lembrança da minha juventude.

- b) Uso de verbos de ligação como objetivo de introduzir características do ser:

Fragmento de *Triste fim de Policarpo Quaresma*

Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. [...] o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil. [...] Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo: Quaresma era antes de tudo brasileiro.

Lima Barreto. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 53.

- c) Uso considerável de adjetivos e formas adjetivas com intuito de caracterizar o ser:

Em marcha para Canudos

Foi nestas condições desfavoráveis que partiram a 12 de janeiro de 1897.

Tomaram pela Estrada de Cambaio.

É a mais curta e a mais acidentada. Ilude a princípio, perlongando o vale de Cariacá, numa cinta de terrenos férteis sombreados de cerradões que prefiguram verdadeiras matas.

Transcorridos alguns quilômetros, porém, acidenta-se; perturba-se em trilhas pedregosas e torna-se menos praticável à medida que se avizinha do sopé da serra do Acaru.

[...]

Euclides da Cunha. *Os sertões (Campanha de Canudos)*. Edição, prefácio, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 385. (Col. Clássicos Comentados 1).

- d) Uso do presente do indicativo com o objetivo de se descrever a realidade presente ou de se criar um efeito de aproximação (ênfase ao passado, pois ele tem ressonância até os dias de hoje):

*No adro da igreja há pinga, café,
imagens, fenômenos, baralhos, cigarros
e um sol imenso que lambuza de ouro
o pó das feridas e o pó das muletas.*

Carlos Drummond de Andrade. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. v. 6 p. 78. (Série Brasileira).

Descrição por planos

De cima para baixo

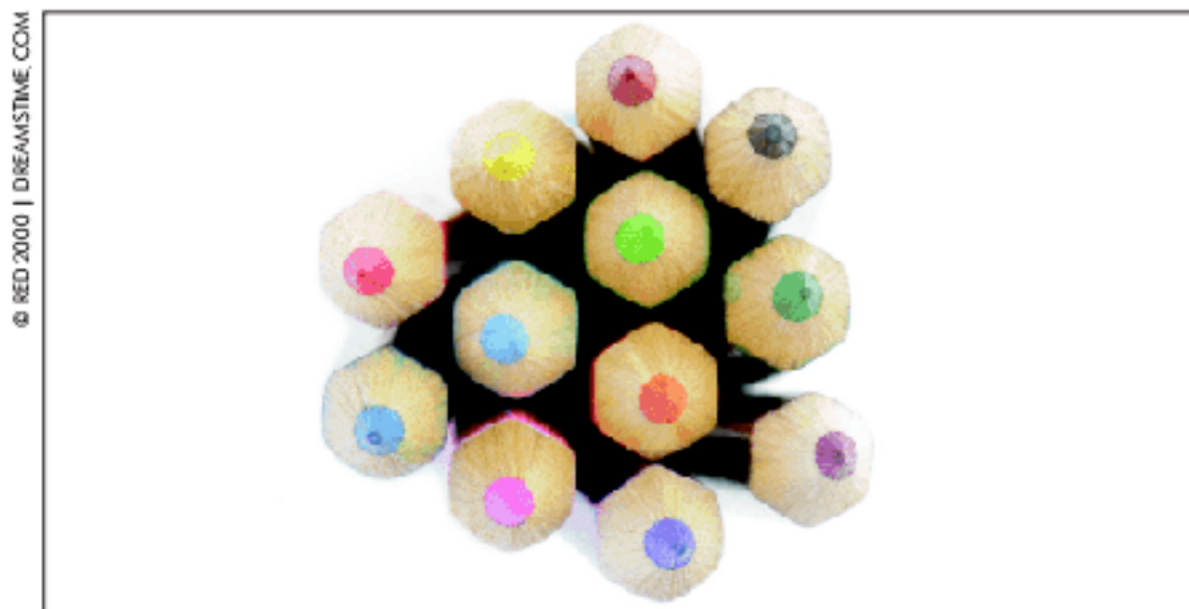


Fig. 2 De cima para baixo.

Exemplo 1

Da aeronave, via-se um grande clarão na selva, as habitações rústicas e a imagem de selvagens impondo suas flechas para o alto, como se fôssemos o inimigo.

Exemplo 2

A girafa possuía orelhas grandes, pescoço fino e comprido, pernas ágeis e musculosas; as patas eram duras, o suficiente para aguentar tanto peso. Era um ser atípico.

De baixo para cima



Fig. 3 De baixo para cima.

Exemplo 1

O chão de pedras resistia bravamente à erosão; as paredes amareladas, desbotadas pelos anos, eram entrecortadas por janelas retangulares carcomidas pelo tempo; havia no alto um telhado discreto, velho, que protegia o grande casarão.

Exemplo 2

A raiz era enorme, o tronco áspero, rugoso; os galhos muito secos e, por incrível que pareça, as folhas eram verdes e grandes, embora em pouco número. A árvore reinava só naquele deserto sem fim.

De dentro para fora



Fig. 4 De dentro para fora.

Exemplo 1

De dentro da basílica, acompanhávamos, com olhos de turistas, o caminhar dos transeuntes, o ritmo da cidade e o verde da montanha.

Exemplo 2

– Há no seu interior o mais completo jogo de acessórios, poltronas de couro reclináveis, direção hidráulica, som de última geração e computador de bordo. Sua carroceria é a mais resistente do gênero, a pintura é especial e o *design*, arrojado. As rodas são importadas e os pneus de última geração. Você o encontrará nas mais diversas cores.

De fora para dentro



Fig. 5 De fora para dentro.

Exemplo 1

Do pátio, observávamos atentamente aquele pequeno corredor, que mais parecia um túnel. Havia uma lata de lixo e nada mais, alguém deveria aparecer.

Exemplo 2

A rua estava deserta, a porta do bar manchada de sangue; dentro, uma cena triste: cadeiras e mesas quebradas, e mais sangue.

Do geral para o particular

O sítio situa-se próximo a um grande vale. É cercado por arames farpados e por uma grande extensão de grama. No seu interior, há vários ambientes, todos decorados num estilo rústico. Os móveis são antigos e bonitos.

Descrição por sensações

A descrição por sensações explora os cinco sentidos, muitas vezes criando efeitos sinestésicos (mais de uma sensação lado a lado). O emprego de sensações no texto literário pode implicar uma visão impressionista da realidade, como no exemplo 3.

Exemplo 1

Originária da Ásia e de grande variedade de cores, a prímula, cujas flores exalam agradável perfume, é uma espécie de planta ornamental que pode ser cultivada em vasos e jardins.

Vestibular ITA 1997.

Exemplo 2

[...] Sentada na espreguiçadeira da sala, Conceição lia, com os olhos escuros intensamente absorvidos na brochura de capa berrante.

Na paz daquela manhã de domingo, um silêncio doce tudo envolvia, e algum ruído que soava, logo era abafado na calma sonolenta. [...]

Rachel de Queiroz. O quinze. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 91.

Exemplo 3

[...] A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobro enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger dum berço, o chorar doloroso de uma criança.

[...]

Eça de Queirós. O primo Basílio. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 242.

Descrição – estilo

O texto a seguir é um bom exemplo de estilo em texto predominantemente descritivo. Oswald de Andrade elimina a pontuação em certos trechos (...ia vinha derrapava...) para mimetizar o ritmo da cidade, cria novas palavras (neologismos), emprega linguagem fragmentada, à base de *flashs* (linguagem cinematográfica).

Botafogo Etc

“Beiramarávamos em auto pelo espelho de aluguel arborizado das avenidas marinhas sem sol.

Losangos tênues de ouro bandeiranacionalizavam o verde dos montes interiores.

No outro lado azul da baía a Serra dos Órgãos serrava.

Barcos. E o passado voltava na brisa de baforadas gostosas. Rolah ia vinha derrapava entrava em túneis.

Copacabana era um veludo arrepiado na luminosa noite varada pelas frestas da cidade.”

Oswald de Andrade. Memórias sentimentais de João Miramar. São Paulo: Globo. p.102-3. (Obras Completas).

Narração
Características do texto narrativo



A narração apresenta como principal característica a progressão temporal e, por conseguinte, a mudança de estado.

Os dados não são simultâneos, eles estão dispostos em uma progressão. Nela, são narrados fatos que se sucedem no tempo e no espaço, com a presença de personagens e conflito. A narração supõe sempre um narrador, que conta a história. Este pode estar explícito ou implícito. Os quadrinhos, os filmes, as peças de teatro, os contos e os romances são exemplos de textos narrativos. A narrativa literária constitui-se em um texto figurativo (vide aula “Temas e Figuras”), em que o autor utiliza-se de uma história para discutir um tema. As personagens representam, na realidade, o ser humano e seus conflitos existenciais; trata-se de uma maneira indireta de discutir um assunto. Deve-se, portanto, ter sempre em mente que, por detrás dos fatos e das personagens, está presente a problemática humana. Eis as características do texto narrativo:



Vejamos alguns exemplos.

Texto A

Um dia, estava Zaratustra a dormir sob uma figueira [...]. Nisto chegou uma víbora, mordeu-lhe o pescoço, e ele soltou um grito de dor. Afastando o braço do rosto, olhou a serpente; ela reconheceu os olhos de Zaratustra, contorceu-se vagorosamente e quis se retirar. “Não – disse Zaratustra – espera, ainda não te agradeço! Despertaste-me a tempo, pois o meu caminho ainda é longo”.

“O teu caminho é curto disse tristemente a víbora: – o meu veneno mata. Zaratustra pôs-se a rir. Quando foi que o veneno de uma serpente matou um dragão? – disse – reabsorve o teu veneno! Não és rica demais para me fazeres presente dele”. Então a víbora tornou a enlaçar-lhe o pescoço e lambeu-lhe a ferida.

Friedrich W. Nietzsche. “A picada da víbora”. Assim falou Zaratustra. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 1999. p. 64.

Texto B

[...] Comecei a gostar dela. Um homem depois de cinquenta não namora, os dedos estão perros para o bandolim das serenatas, o luar dos balcões tem reumatismos. Desde que há meia dúzia de prédios, é logo casamento...

Foi o diabo... Logo na igreja, dei com a viuvinha olhando um convidado... [...]Estive quase a desmanchar tudo, na hora do receba vás... Não faz mal, pensei porém, gosto dela... que diabo! se casar com outra, não poderá suceder a mesma cousa?... Vá! É um gosto ao menos. E atirei-me de cabeça [...].

Raul Pompeia; Rosa Amanda Strausz (Org.). “Tilburi de praça”. In: 13 dos melhores contos de amor da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 81-2.

Nos dois textos citados anteriormente, empregou-se a narração, os fatos se sucedem, há progressão temporal. No texto A, temos um narrador em terceira pessoa, ele não participa da

história. No texto B, há um narrador em primeira pessoa, ele é personagem da história.

Finalmente, é importante observar que, ao contar a história, o narrador pode fazer uso da descrição. É o que se vê em Raul Pompeia em “os dedos estão perros para o bandolim”. No texto a seguir, por exemplo, a descrição é concomitante à narração:

Delicadamente passou a polpa dos dedos na pele morna e acetinada. Separou ternamente os dois rijos hemisférios musculares e admirou o rego claro, a penugem dourada iluminando [...]

Rubem Fonseca. *A grande arte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 206.

Ferramentas da narração

a) Uso do perfeito para relatar as transformações:

- *O crime do negro abriu uma clareira silenciosa no meio do povo. Ficaram todos estarecidos de espanto [...].*
Aníbal Machado. “A morte da porta-estandarte”. *Revista Estética*. Rio de Janeiro, jan./mar. 1925.

b) Uso do discurso direto para reproduzir a voz da personagem.

- *– Mataram uma moça! [...]*
Aníbal Machado. “A morte da porta-estandarte”. *Revista Estética*. Rio de Janeiro, jan./mar. 1925.

O discurso indireto livre e o discurso indireto também podem estar presentes. No indireto, temos os verbos *dicendi* (afirmou, disse, esbravejou, gritou etc.) introduzindo o discurso, o narrador assume o lugar da personagem transmitindo o que esta disse (Eles disseram que mataram a moça). Quanto ao indireto livre, veja item posterior.

c) Uso de descrição que acompanha a narração:

- *O preto ajoelhado bebia-lhe mudamente o último sorriso, e inclinava a cabeça de um lado para outro como se estivesse contemplando uma criança. [...]*
Aníbal Machado. “A morte da porta-estandarte”. *Revista Estética*. Rio de Janeiro, jan./mar. 1925.

d) Uso do presente para criar o efeito de vivacidade:

- *Quando Pedro I lança os ecos do seu grito histórico e o país desperta estrouvinhado à crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se, de novo.*
José Bento Monteiro Lobato. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2007. p. 169.

Foco narrativo

a) Em primeira pessoa:

Trata-se do narrador-personagem, narra e participa da história:

Capítulo V/em que aparece a orelha de uma senhora

Senão quando, estando eu ocupado em preparar e apurar a minha invenção, recebi em cheio um golpe de ar; adoeci logo, e não me tratei. Tinha o emplasto no cérebro; trazia comigo a ideia fixa dos doidos e dos fortes. Via-me, ao longe, ascender do chão

das turbas, e remontar ao céu, como uma águia imortal, e não é diante de tão excelso espetáculo que um homem pode sentir a dor que o punge. No outro dia estava pior; tratei-me enfim, mas incompletamente sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade. Sabem já que morri numa sexta-feira, dia aziago, e creio haver provado que foi a minha invenção que me matou. Há demonstrações menos lúcidas e não menos triunfantes.

[...]

Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

b) Em terceira pessoa:

Trata-se do narrador-observador, apenas relata os fatos, não participa da história:

O homem era bruto, de má índole; naquela tarde decidira “eliminar” os “empecilhos”, o sócio era uma peça estranha ao tabuleiro, o irmão também. Planejou o assassinato de ambos durante dois meses. Foram dias frios na pele e na alma. Marcos não sentia, raciocinava o tempo todo como uma máquina.

c) Narrador onisciente:

O narrador onisciente revela o passado da personagem, seu interior, estados psicológicos, pensamentos, ou até mesmo algo que tenha falado para si mesmo:

[...] A posição incômoda acordou Carlos. Espreguiçou, empurrando com as mãos a dor do corpo, sentado por quê? ah! lembrança viva enxota qualquer sono. Hora e meia! Desejo furioso subiu. Sem reflexão, sem vergonha da fraqueza, corre pra porta de Fräulein. Fechada! Bate. Bate forte, com risco de acordar os outros, bate até a porta se abrir, entra.

[...]

Mário de Andrade. *Amar, verbo intransitivo: Idílio*. São Paulo: Agir, 2008. p. 79.

d) Monólogo interior:

O monólogo interior pode ser definido como o fluxo de ideias, nele estão presentes, segundo Othon M. Garcia, a memória, a imaginação e os sentidos. A linguagem costuma ser desprovida de hábitos linguísticos socializados (às vezes, a pontuação é caótica para que possa remeter ao atropelo dos pensamentos). Veja o exemplo a seguir.

Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo me transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que é que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade.

Clarice Lispector. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.77-8.

No texto de Clarice, há a revelação do momento interior que a escritora explora via autoanálise da personagem. A escritora emprega a descrição intimista, que se alinha com um projeto de educação existencial, característica da obra de Clarice.

e) O narrador que se dirige ao leitor:

O narrador dirige-se ao leitor, criando um efeito de aproximação:

A imobilidade é a sala de espera do sono. Procurou ler e cochilou. Vinte e três e trinta, se ergueu. Caceteação esperar! Também o momento estava estourando por aí, graças a Deus! Sentou na cama. Mais vinte e sete minutos. Vinte e seis... Vinte e cinco... Vinte e... Nos braços cruzados sobre a guarda da cama, a cabeça dele pousou.

A posição incômoda acordou Carlos. Espreguiçou, empurrando com as mãos a dor do corpo, sentado por quê? ah! lembrança viva enxota qualquer sono. Hora e meia! Desejo furioso subiu. Sem reflexão, sem vergonha da fraqueza, corre pra porta de Fräulein. Fechada! Bate. Bate forte, com risco de acordar os outros, bate até a porta se abrir, entra.

Aqui devem se trocar naturalmente umas primeiras frases de explicação – se ele der espaço para tanto entre os dois! – porém obedeço a várias razões que obrigam-me a não contar a cena do quarto.

[...]

Mário de Andrade. *Amar, verbo intransitivo: idílio*. São Paulo: Agir, 2008. p. 79-80

f) O narrador que comenta, a metalinguagem:

O romance, por meio do narrador, comenta o próprio romance:

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade.

Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Tipos de discurso

Discurso direto

O narrador delega voz à personagem, trata-se de um efeito de realidade. O discurso direto pode aparecer pontuado de diversas maneiras, porém o mais frequente é o uso do travessão e das aspas. Pode ser introduzido ou não por verbos *dicendi* ou *sentiendi*. Os verbos *dicendi* referem-se à maneira pela qual alguém se expressa, quais palavras usa para fazê-lo. Os verbos *sentiendi* ou de sentir são assim chamados por analogia aos *dicendi*, expressam estado de alma, reações psicológicas, atitudes, gestos etc. (suspirar, esbravejar, lamentar, suplicar).

Duas mulheres conversando:

– Graças a mim, o meu marido ficou milionário!

– Ué! – estranhou a outra. – Quando vocês se casaram ele já não era milionário?

– Não, quando nos casamos ele era multimilionário!

Sírio Possenti. *Os humores da língua*. Agenda 2003. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

Abordar	Admirar-se	Ajustar	Ameaçar
Acentuar	Admitir	Alardear	Amenizar
Aconselhar	Admoestar	Alegrar-se	Anotar
Acreditar	Advertir	Alertar	Analisar
Acrescentar	Alegar	Alfinetar	Animar(se)
Acusar	Afirmar	Aludir	Antever
Adiantar	Ajuntar	Alinhar	Anuir
Anunciar	Compreender	Denunciar	Endossar
Apontar	Comprometer-se	Deplorar/Depor	Enfatizar
Apostar	Comprovar	Derramar-se	Enfocar
Apregoar	Comunicar	Desabafar	Engatilhar
Arguir	Conclamar	Desafiar	Ensinar
Arriscar	Concluir	Desarmar-se	Entender
Argumentar	Concordar	Descansar	Entusiasmar-se
Arrematar	Condenar	Descartar	Enumerar
Assegurar	Confiar	Desconfiar	Escandalizar-se
Asseverar	Confidenciar	Desculpar-se	Escapar
Assinalar	Confirmar	Desdenhar/ Ensinar/Gritar/ Ponderar	Esclarecer
Atacar	Congratular-se	Desesperar-se	Espantar-se
Atestar	Conjecturar	Desmentir	Esquivar-se
Atribuir	Consolar-se	Destacar	Estabelecer
Avisar	Contabilizar	Devolver	Evidenciar
Balbuciar	Contar	Diagnosticar	Exagerar
Bradar	Contemporizar	Discordar	Exclamar
Brincar	Contra-atacar	Discursar	Exigir/Eximir-se
Calcular	Contradizer	Disfarçar	Exortar/ Explanar
Chamar (a atenção)	Credenciar-se	Distinguir	Explicitar
Citar	Crer	Divertir-se	Explodir
Classificar	Criticar	Dizer	Expor
Cobrar	Decepcionar-se	Elogiar	Expressar-se
Comemorar	Declarar(se)	Elucidar	Exprimir-se
Comentar	Defender(se)	Emendar	Extasiar-se
Comparar	Definir(se)	Emocionar-se	Externar
Completar	Demonstrar	Encerrar	Falar
Fazer coro	Mentalizar	Raciocinar	Resumir
Festejar	Minimizar	Reafirmar	Retrucar
Finalizar	Murmurar	Rebater	Revidar
Frisar	Narrar/Negar	Receitar	Revoltar-se
Fulminar	Nomear/Notar	Reclamar	Rezar
Gabar-se	Objetar	Recompor-se	Rugir

Garantir	Observar	Reconhecer	Sacramentar
Gemer/Gritar	Opinar	Recordar(se)	Salientar
Hiperbolizar	Ordenar	Redimir-se	Segredar
Historiar	Ordenar	Refazer-se	Sentenciar
Identificar	Orgulhar-se	Refletir	Simplificar
Ilustrar	Pedir	Reforçar	Sintetizar
Incentivar	Pensar	Registrar	Sonhar
Indagar	Perguntar(se)	Regozizar-se	Sublinhar
Indicar	Ponderar	Rejeitar	Sugerir
Indignar-se	Precisar	Rejubilar-se	Supor
Informar	Preconizar	Relacionar	Suspirar
Interpretar	Pregar	Relativizar	Sustentar
Ir (mais) além	Prever	Rememorar	Teorizar
Ironizar/ Irritar-se	Proclamar	Replicar	Terminar
Isentar-se	Profetizar	Resguardar-se	Testemunhar
Jurar	Prognosticar	Resignar-se	Titubear
Justificar(se)	Propor	Resistir	Transmitir
Lamentar(se)	Propugnar	Resmungar	Trombetear
Lamuriar-se	Prosseguir	Responder	Vaticinar
Limitar-se a dizer	Provocar	Ressaltar	Vibrar
Manifestar-se	Queixar-se	Ressalvar	Vociferar
Maravilhar-se	Questionar	Ressentir-se	Zombar

Tab. 1 Lista de verbos *dicendi* e *sentiendi*.

Joanita Mota de Ataíde. Entrevista jornalística: verbos e locuções verbais: Disponível em: <www.portrasdasletras.com.br/polit2/sub.php?op=gramatica/docs/verbosdeclarativos>. (Adapt.).

Nas tiras, o discurso direto aparece no interior de balões:



Discurso indireto

O discurso indireto tem por finalidade reproduzir a fala da personagem por meio do discurso do narrador, ou seja, este diz no lugar daquela; trata-se de um efeito de distanciamento.

Elisiário confessou que estava com sono.

Joaquim Maria Machado de Assis.

Há casos em que o narrador-personagem constrói seu próprio discurso indireto:

Engrosso a voz e afirmo que sou estudante.

Graciliano Ramos.

O discurso indireto emprega verbo declarativo (dizer, afirmar etc.), conjunção integrante “que” ou “se” e subordinada substantiva.

Discurso indireto livre

A voz que narra confunde-se com a da personagem; revela-se o que esta pensa, ou o que ela diz para si mesma. Esse tipo de discurso não possui a pontuação do discurso direto (aspas, travessão, verbo *discendi*), apresenta-se na terceira pessoa, mas uma terceira que substitui uma primeira. É frequente o emprego do pretérito imperfeito (“devia”, “tinha”, “havia”), do futuro do pretérito (diria, haveria...), de exclamações e de interrogações. Veja o exemplo a seguir.

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se.

Graciliano Ramos. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 33.

Transformação de discurso

Discurso direto	Discurso indireto
Presente do Indicativo Todos os presentes disseram: – Não <i>acreditamos</i> nele.	Imperfeito do Indicativo Todos os presentes disseram que não <i>acreditavam</i> nele.
Perfeito do Indicativo O secretário perguntou: – Ele não <i>assinou</i> o requerimento?	Mais-que-perfeito do Indicativo O secretário perguntou se ele não <i>assinara</i> (<i>tinha assinado</i>) o requerimento.
Futuro do Presente O mecânico garantiu: – Eu <i>consertarei</i> o carro.	Futuro do Pretérito O mecânico garantiu que <i>consertaria</i> o carro.
Presente do Subjuntivo – Duvido de que o senado <i>aprove</i> a proposta – disse-lhe o deputado.	Imperfeito do Subjuntivo O deputado disse-lhe que <i>duvidava</i> que o senado <i>aprovasse</i> a proposta do governo.
Futuro do Subjuntivo O aluno disse: – Só sairei quando José <i>chegar</i> .	Imperfeito do Subjuntivo O aluno disse que só sairia quando José <i>chegasse</i> .
Imperativo – Passe-me o cartão – pediu-me ela.	Imperfeito do Subjuntivo Ela pediu-me que <i>lhe passasse</i> o cartão.

Tab. 2 Verbos.

Discurso direto	Discurso indireto
eu, nós, você(s), senhor(a)(s) O filho afirmou: – <i>Eu</i> amo sonhar.	ele(s), ela(s) O filho afirmou que <i>ele</i> amava sonhar.
meu(s), minha(s), nosso(a)(s) – <i>Meus</i> pais participarão da passeata – disse a menina.	seu(s), sua(s), dele(a)(s) A menina disse que <i>seus</i> pais participariam da passeata.
este(a)(s), isto, isso – <i>Isso</i> lhe pertence? – perguntou Jonas ao amigo.	aquele(a)(s), aquilo Jonas perguntou se <i>aquilo</i> pertencia ao amigo.

Tab. 3 Pronomes.

Discurso direto	Discurso indireto
ontem, hoje, amanhã – <i>Hoje</i> não posso atendê-lo – disse o médico.	no dia anterior, naquele dia, no dia seguinte O médico disse que <i>naquele dia</i> não podia atendê-lo.
aqui, cá, aí – Não entro mais <i>aqui!</i> – afirmou o empregado.	ali, lá O empregado afirmou que não entrava mais <i>ali</i> .

Tab. 4 Advérbios.

Principais gêneros narrativos

Crônica

Trata-se de uma narrativa curta, no cotidiano. A maioria das crônicas narrativas apresenta um só núcleo de ação, um só tempo e um só espaço. São fatos do cotidiano narrados em uma linguagem compatível. São comuns os desvios de norma, tal procedimento procura dar mais veracidade à história. As crônicas também podem ser dissertativas, vide boa parte das crônicas jornalísticas.



Fig. 6 Crônicas.

Conto

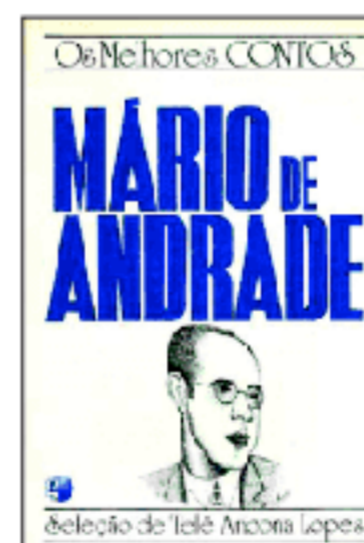


Fig. 7 Conto.

O conto é uma narrativa em que há um só conflito, um só drama, uma só ação: unidade de ação. Todos os componentes da história estão concentrados em uma única direção, ao redor de um só drama.

Novela



Fig. 8 Novela.

Por oposição ao conto, a novela possui várias células dramáticas, os conflitos se relacionam; como afirma Massaud Moisés. *A criação literária: Introdução à problemática da literatura*. 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. p.160.: as unidades dramáticas são colocadas em ordem sucessiva, uma após outra, em fila indiana, interminavelmente [...] na

novela de cavalaria, "as aventuras", que constituem as próprias células dramáticas, entrelaçam-se complicadamente e sucessivamente.

Romance



Fig. 9 Romance.

Na novela, o jogo das ações não é ambíguo, cada gesto guarda um único significado, a estrutura é fechada. No romance, a estrutura é aberta em todas as direções da realidade exterior, enquanto a novela minimiza a diversidade, o romance procura enfatizá-la. Se na novela temos uma sucessividade dramática, no romance há a simultaneidade.

Fábula

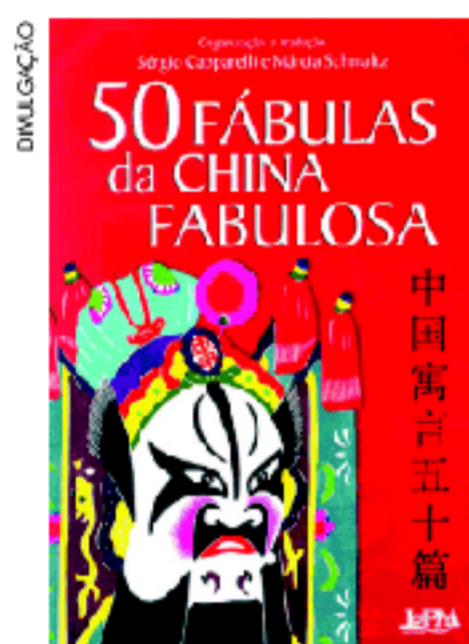


Fig. 10 Fábula.

A fábula é uma narrativa breve, as personagens são animais que, na verdade, representam os homens; a finalidade é transmitir uma lição moral. Faz-se uso da personificação.

Epopéia



Fig. 11 Epopeia.

A epopeia é uma narrativa extensa, composta em versos, destacando as ações do herói ou as aventuras de um povo; é o caso de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, *Iliada e Odisseia*, de Homero. A estrutura é dividida em proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo.

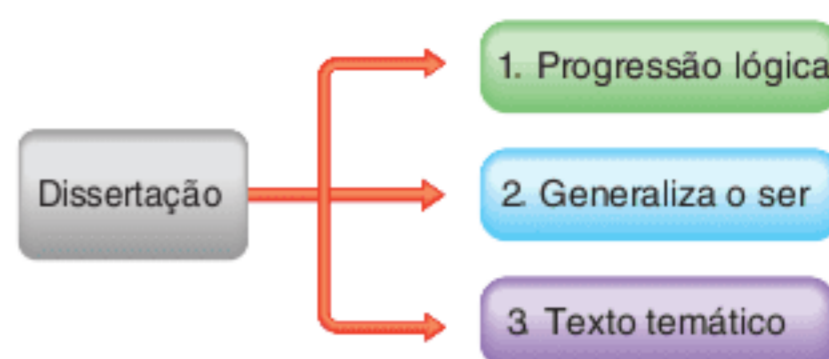
Dissertação

Características do texto dissertativo

O texto dissertativo cumpre a função de discutir um tema de forma mais objetiva, sem a utilização de figuras (ou apresentando poucas figuras). O assunto é exposto de maneira direta e não há a progressão temporal observada no texto narrativo, mas uma progressão lógica. O texto dissertativo procura fazer

uma generalização, por oposição ao texto descritivo; quando há a menção a um ser, é para que dele se retire uma característica observada em todos os seres. O texto científico é um bom exemplo disso, o objetivo é extrair do particular um fenômeno que sirva para todas as espécies.

Eis as características do texto dissertativo:



Do ponto de vista gramatical, notam-se os seguintes elementos:

- conectivos que estabelecem oposição: “mas”, “embora”, “ainda que”, “mesmo que”, “conquanto”;
- conectivos que estabelecem relação de causa e consequência e comparação: “visto que”, “uma vez que”, “porque”, “pois”, “como”, “mais...que”, “tanto...quanto” etc.
- conectivos e advérbios que estabelecem relações hipotéticas: “se”, “caso”, “por ventura”, “talvez” etc.
- conectivos, advérbios (por vezes locuções) e expressões que encerram conclusão: “por isso”, “logo”, “consequentemente”, “então”, “em suma”, “em síntese” etc.
- verbos predominantemente no presente do indicativo, o chamado presente atemporal (presente nas definições científicas).

Dissertação argumentativa/expositiva

Argumentativa

Argumentar é provar, é sustentar uma opinião, utilizando recursos que possam convencer o leitor de que se está certo. Argumentamos no texto e fora dele. Em uma discussão no pátio do colégio, argumenta-se a favor de times de futebol, a favor de ideias e preferências. Em casa, argumentamos junto aos pais e irmãos, tentamos sempre defender nosso ponto de vista, fazer crer que estamos com a razão. Como diz Othon M. Garcia, *na argumentação procuramos principalmente formar uma opinião do leitor*. O exercício da argumentação, portanto, é uma questão de sobrevivência, do contrário não fazemos valer nossas posições. A argumentação baseia-se em dois elementos principais: a consistência do raciocínio e a evidência das provas. Temos, pois, a evidência da razão (certeza a que se chega pelo raciocínio) e a evidência de fato (apresentação dos fatos). Eis alguns tipos mais comuns de evidência:

a) Os fatos propriamente ditos:

Até hoje não conseguiram achar as amas químicas iraquianas, o fato simplesmente não existe, fica claro que o motivo da ocupação é geopolítico. Os Estados Unidos querem ter o domínio militar de regiões que são estratégicas na produção do ouro negro: o petróleo.

b) Exemplos típicos de determinadas situações:

O policial não é bem pago, haja vista o fato de a maioria fazer “bico” nas principais casas noturnas do país, ou trabalhar como segurança particular de ricos e poderosos, depois do serviço. Para

combater a corrupção no interior da polícia, é mister que esse profissional seja valorizado e bem treinado. Receber um salário digno é um bom começo.

c) **Ilustrações (o exemplo se alonga em narrativa):**

Para ter um salário digno, o professor do Ensino Fundamental precisa dar uma carga horária absurda, além de dar conta dos afazeres domésticos. Imagine você acordando às 4h da manhã, tendo de pegar dois ônibus, viajando em pé, durante quase duas horas, para entrar às 7h e sair só às 18h. Levando quase duas horas (em pé novamente) para voltar para casa. Às 21h, em casa, tendo de preparar o jantar para o marido e filhos, lavar e passar a roupa de todos para o dia seguinte. Às 23h, finalmente, podendo tomar seu banho, para dormir à meia-noite e acordar às 4h novamente. Esse é o dia-a-dia da professora primária Nizete Freitas, que mora na periferia de São Paulo e leciona no centro. O marido ganha pouco e os três filhos são pequenos.

O professor, nestas condições, não conseguirá dar uma boa aula, não poderá estudar para aprofundar seus conhecimentos nem terá saúde suficiente para aguentar o cotidiano massacrante. Não basta ter colégio e professor, é preciso ter infraestrutura e profissionais em condições físicas, psicológicas e intelectuais. Educar um ser humano é muito delicado.

d) **Dados estatísticos, números:**

O vestibular seleciona? Depende. Se a proporção candidato-vaga for 3 para 1, a resposta é não! Mas se a proporção for de 50 para 1, a resposta é sim!

e) **Testemunho:**

No caso das escutas, um policial federal presenciou o momento em que o crime ocorreu. Foi a principal testemunha da acusação.

O testemunho é o fato em jogo trazido por um terceiro.

Expositiva

A dissertação expositiva utiliza uma enunciação em terceira pessoa, distante, sem evidenciar juízos de valor, sem figuras de linguagem, explanando acerca de assuntos de forma imparcial e denotativa. Trata-se do uso da função referencial, o texto tem um caráter informativo, didático. Veja o exemplo.

Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), poeta português, foi um dos principais representantes do estilo neo clássico. Sua obra é comumente classificada em três fases: satírica, árcade sonetista e pré romântica.

Subjetividade e objetividade

Dissertação subjetiva

O texto dissertativo subjetivo faz uso de juízos de valor explícitos, linguagem conotativa, recursos expressivos. O uso da primeira pessoa é frequente. Uma análise de um filme pode ser feita de forma subjetiva, sem que se perca a linha da coerência analítica. Veja o exemplo a seguir.

A música clássica não apresenta apenas riqueza melódica, ouvir Bach, Chopin é sentir o sublime, caminhar entre as nuvens, beijar os pés do sagrado. Essa estesia com o sagrado é inexplicável, porque não obedece à lógica dos humanos, a melodia leva o viajante sem que este indague para onde está indo. A música é universal, a música clássica, transcendental.

Dissertação objetiva

O autor expõe ideias, sem posicionar-se contra ou a favor em relação a elas. Veja o exemplo a seguir.

Quando Jean-Jacques Rousseau desenvolveu a teoria do contrato social em obra clássica, não estava sendo o primeiro a afirmar que o Estado surge de um acordo de vontades. Antes dele, Thomas Hobbes já desenvolvera teoria semelhante. Existe, porém, um foco de divergência entre estes autores: se ambos consideram o homem primitivo vivendo num estado selvagem, passando à vida em sociedade mediante um pacto comum a todos, exatamente como se cria uma sociedade civil ou comercial, vale frisar que Rousseau imaginava uma convivência individualista, mas cordial, vivendo os homens pacificamente, sem atrito com seus semelhantes, ao contrário de Hobbes, para quem, em célebre tirada, “o homem é lobo do próprio homem” (*homo homini lupus*). Considerava Hobbes que o homem era um ser antissocial por natureza, e seu “apetite social” seria o fruto da necessidade da vida comunitária, fiscalizada por um aparato social gigantesco destinado a impor a ordem, o Estado, enfim. A este aparato Hobbes denominava “Leviatã”. Esta palavra, de origem bíblica, designava um monstro mitológico que habitava o rio Nilo e devorava as populações ribeirinhas, tal como, segundo Hobbes, o Estado faz com seus súditos...

Marcus Cláudio Acquaviva. *Teoria geral do Estado*. 2 ed. rev. e aum. São Paulo: Saraiva, 2000. p. 18-9.

Raciocínio indutivo/dedutivo

Indutivo

Do particular, extrai-se o geral; do efeito chega-se à causa:

Os professores de escolas particulares têm reclamado das redações de seus alunos, a mesma queixa ocorre nas correções de redação de vestibular, “poucas redações se salvam”, afirma a coordenadora de um grupo de professores universitários. Os problemas detectados na realidade são os efeitos de algo muito maior e mais complexo: a ideologia.

Vivemos numa sociedade de consumo e de crescente avanço tecnológico. Essa sociedade incentiva o consumo de livros?

O desenvolvimento tecnológico implica uma prática de leitura? A resposta é não. As opções de entretenimento aumentaram e o livro ficou em segundo plano, e quem pouco lê, pouco escreve.

Dedutivo

Do geral, extrai-se o particular; da causa chega-se ao efeito:

A miséria social tem sido objeto de ampla discussão. Parece ser a causa principal de toda a violência. As crianças da favela, não tendo o que comer, partem rapidamente para o mundo do crime, porque veem no tráfico uma forma de ganhar dinheiro. Não tendo orientação, pois na maioria das vezes os pais estão trabalhando, esses garotos são facilmente seduzidos pelos traficantes. Para tirar os garotos do tráfico, só um investimento social de peso.

O silogismo

A expressão formal do raciocínio dedutivo é o silogismo. O silogismo é formado de duas premissas e uma conclusão. A primeira premissa chama-se “maior”; a segunda, “menor”. Observe:

Premissa maior: Todo cachorro late.

Premissa menor: Totó é cachorro.

Conclusão: Totó late.

A premissa maior contém uma generalização a respeito de um ser, possui um caráter universal. Caso isso não aconteça, teremos um silogismo falso:

Premissa maior: Todas mulheres falam muito.

Premissa menor: Leila é mulher.

Conclusão: Leila fala muito.

A premissa maior não é necessariamente verdadeira, posso ter uma mulher que fale pouco. O silogismo é válido na forma, mas é falso quanto à matéria. Quando o silogismo é falso na forma, a conclusão poderá ser absurda:

Premissa maior: Todo gato é ágil.

Premissa menor: Eu sou ágil.

Conclusão: Eu sou gato.

O silogismo estaria bem montado se disséssemos na premissa menor: Mimi é gato; a conclusão seria: Mimi é ágil.

O sofisma

O sofisma é um falso raciocínio com aparência de verdade; às vezes com a intenção de enganar o interlocutor. Eis alguns tipos:

a) Erro de acidente:

O acidental torna-se atributo essencial.

- *O marido de minha irmã a traiu, logo os homens são traidores.*
- *O médico da escola errou no diagnóstico do paciente, logo os médicos são incompetentes.*

Erro de acidente é, portanto, extrair do particular uma generalização falsa.

b) Falsa analogia:

O raciocínio da analogia pressupõe uma comparação do particular para o particular, trata-se de um raciocínio hipotético, que pode ser falso. Veja o exemplo a seguir.

Meu vizinho tossia muito; depois de ter tentado o uso de vários expectorantes, resolveu partir para a homeopatia e sarou. Eu também estou com tosse e também fiz uso de expectorantes sem sucesso. Logo vou usar o mesmo remédio homeopático e vou sarar.

Nada garante que a homeopatia deverá resolver o problema, as diferenças não foram consideradas.

c) Observação inexata:

Certas partes que compõem o todo são omitidas, permitindo falsas conclusões.

Houve superávit comercial, houve crescimento na economia, o povo está melhor.

É preciso considerar que não basta ter crescimento econômico, é necessário verificar ainda se a renda está sendo distribuída, se há investimento na área social etc. A análise não considera esses fatos.

d) Petição de princípio:

A justificativa, na verdade, traz uma informação que já está pressuposta na declaração, traz a própria declaração como prova.

É gordo, porque come muito!

É bêbado porque bebe sempre.

e) Ignorância da questão:

Desvia-se do foco da questão, indo em outra direção, de modo que não nos lembremos do foco inicial.

– Deputado, e as verbas de 2003, onde estão? O senhor era o responsável!

– Caro vereador José Cícero, o processo está correndo, em breve poderei provar minha inocência, porque em 2005 serei candidato a prefeito, quero inclusive antecipar que a minha prefeitura terá a participação popular, a população escolherá seus representantes e estes poderão decidir os destinos da cidade. Haverá, inclusive, debates públicos com o prefeito, propondo, criticando, enfim participando. Dia 9, em Campinas, teremos a festa do início da campanha, convido a todos para o churrasco, que é de graça, obrigado.

A progressão lógica

Observe o texto a seguir, trata-se de uma redação dissertativa que tirou nota 10 no exame da Fuvest (publicada na *Folha de S.Paulo*). Nela, observa-se o encadeamento de ideias a que chamamos progressão lógica.

A capacidade de estar à frente de seu tempo quase nunca confere a seu possuidor alguma vantagem. A dureza das sociedades humanas em aceitar certas noções desmente, não raro, o ditado popular que diz que “Em terra de cego quem tem um olho é rei”.

Exemplos, a História é pródiga em nos apresentar. Sócrates foi obrigado, pela sociedade ateniense a tomar cicuta, e em razão de suas ideias. Giordano Bruno, que concebeu a Terra como um simples planeta, tal como sabemos hoje, foi chamado herege e queimado. Darwin debateu-se contra a incompreensão e condenação de suas ideias, mais tarde aceitas.

Ainda hoje, temos exemplos de procedimentos similares. Oscar Arias, presidente da Costa Rica e prêmio Nobel da Paz, ainda há pouco tempo se debatia contra a sociedade de seu país, que teimava em colocar obstáculos à sua atuação. Em tempo: o mérito de Oscar Arias nem era o de estar à frente de seu tempo, mas simplesmente o de analisar os problemas do presente.

Esse mal não será curado tão cedo. Isso porque as pessoas que conseguem enxergar à frente apresentam ao homem o que ele odeia desde os tempos imemoriais: a necessidade de rever as próprias convicções. Enquanto esse ódio – ou será medo? – não for superado, a humanidade continuará mandando outros “Giordano Bruno” para a fogueira da incompreensão e do isolamento. E, ignorando as pessoas de visão, continuará cega para o futuro e para si mesma.

(Autor não divulgado). Audácia de enxergar à frente.
Fuvest – Redação nota 10.

O texto que você acaba de ler discute de maneira objetiva o dito popular “Em terra de cego quem tem um olho é rei” (há uma discordância em relação a ele). A progressão lógica utilizada pode assim ser resumida:

Primeiro parágrafo

a) Proposição (opinião).

A capacidade [...] vantagem.

b) Análise da proposição (esclarecimento da opinião).

A dureza [...] rei.

Segundo parágrafo

- a) Argumento baseado em fatos históricos (prova).
Sócrates [...] ideias.
- b) Argumento baseado em fatos históricos (prova).
Giordano Bruno [...] queimado.
- c) Argumento baseado em fatos históricos (prova).
Darwin [...] aceitas.

Terceiro parágrafo

- a) Argumento baseado em fatos históricos (prova mais atual).
Oscar [...] presente.

Quarto parágrafo

- a) Argumento baseado no raciocínio lógico, as causas e as consequências (aprofundamento).
Esse mal [...] si mesma.

A dissertação na poesia

A argumentação não é privilégio dos textos em prosa (construídos em parágrafos), também a poesia pode discutir um tema argumentativamente. Observe a poesia a seguir.

*Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.*

*É um não querer mais que bem querer
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que se ganha em se perder.*

*É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?*

Luís de Camões. *Sonetos de Camões*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial.

O texto citado discute o tema do amor, o poeta utiliza versos no lugar de parágrafos.

A metodologia científica



Fig. 12 Galileu Galilei.

Galileu estabeleceu os princípios da ciência moderna a partir de quatro pontos:

- Observação do objeto sem pré-conceito filosófico ou religioso;
- Formulação de hipóteses acerca do objeto estudado;
- Experimento como verificador da legitimidade da hipótese;
- Legitimando a hipótese, acha-se uma regularidade matemática na natureza, as leis.

Essa metodologia, por exemplo, é também usada em uma investigação policial.

Em aulas posteriores, discutiremos o nível narrativo (a estrutura narrativa geral) e os tipos de argumento, isto é, as provas que o enunciador utiliza para sustentar a tese.

Revisando

- 1 Van Gogh, pintor holandês nascido em 1853, é um dos principais nomes da pintura mundial. É dele o quadro a seguir.



Vincent van Gogh. *Autorretrato com a orelha cortada*, 1889. Óleo sobre tela. Instituto Courtauld de Arte, Londres, Inglaterra.

Que tipo de texto temos em *Autorretrato com a orelha cortada*?

Texto para a questão 2.

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencida com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

Machado de Assis. "Conto de escola". *Contos*. Seleção de Deomira Stefani. 26 ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 31. (Série Bom Livro).

2 Fatec (Adapt.) Quanto aos processos de composição de texto, quais elementos podemos dizer que estão presentes no trecho citado?

As questões de números 3 e 4 tomam por base as duas primeiras partes do conto *Jeca Tatu*, do escritor, editor e polemista José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), e um fragmento do poema *Juca Mulato*, do jornalista e poeta modernista Paulo Menotti del Picchia (1892-1988).

Jeca Tatu

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes. Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo. Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só. Todos que passavam por ali murmuravam: – Que grandessíssimo preguiçoso!
[...]

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol, no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele. Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo? Quando lhe perguntavam isso, ele dizia: – Não paga a pena plantar. A formiga come tudo. – Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio? – É que ele mata. E por que você não faz o mesmo? Jeca coçava a cabeça, cuspiam por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história: – Quá! Não paga a pena... – Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.

Monteiro Lobato. "Jeca Tatu". In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. v. 8. São Paulo: Brasiliense, 1951. p. 329-31.

Juca Mulato

*Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada...
Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada;
Um cavalo pigarço; uma pinga da boa;
O cafezal verdoengo; o sol quente e inclemente...*

05 *Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente,
O olhar indiferente,
Da filha da patroa...*

*"Vamos, Juca Mulato, estás doido?" Entretanto,
tem a noite lunar arrepios de susto;
10 parece respirar a fronde de um arbusto,
o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.
Tudo cria uma vida espiritual, violenta.*

O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...
 “Que diabo!” Volve aos céus as pupilas, à toa,
 15 e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...
 Olha a mata; lá está! o horizonte lho esboça;
 Pressente-o em cada moita; enxerga-o em cada poça;
 E ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, impotente,
 Esse olhar que passou, longínquo e indiferente!

20 Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece.
 Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce
 E ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos,
 Que a alma é como uma planta, os sonhos, como brotos,
 Vão rebentando nela e se abrindo em floradas...
 25 Franjam de ouro, o ocidente, as chamas das queimadas.

Paulo Menotti Del Picchia. *Poemas*. 6 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954, p. 20-1.

3 Vunesp Os trechos transcritos de *Jeca Tatu* e *Juca Mulato* exploram gêneros e temas distintos, mas não deixam de apresentar algumas identidades. Depois de relê-los, buscando observar bem suas diferenças e semelhanças:

a) mencione um ponto de contato entre os dois trechos, no que diz respeito ao ambiente descrito.

b) Baseado no fato de que numa narrativa podem ser apresentados aspectos externos e aspectos internos do comportamento das personagens, estabeleça a diferença essencial que há entre os dois textos no modo de focalizar as personagens Jeca Tatu e Juca Mulato pelos respectivos narradores.

4 Vunesp Com um discurso narrativo simples e objetivo, o narrador de *Jeca Tatu* nos fornece, no trecho citado, um retrato bem definido da situação vivida pela personagem em seu meio. Releia atentamente o trecho e, a seguir:

a) levando em consideração as informações do narrador, avalie a atuação de Jeca Tatu como proprietário rural.

b) indique dois adjetivos empregados no texto que sintetizam a opinião que as outras pessoas tinham sobre Jeca Tatu.

5 A qual gênero textual o texto em quadrinhos pertence?

6 Faap (Adapt.) “Uma velhinha ... gritou que Dario estava morrendo.”

Passe a frase acima para o discurso direto.

7 UFRN (Adapt.) Considere o trecho:

Chegara, enfim, o último dia de aula. Havia sido uma longa trajetória até ali. Mas, agora, o professor observava com ternura os alunos à sua frente, cada um voltado para seu caderno, fazendo a lição que colocaria ponto final no ano letivo. Então, agarrado à calma daquela hora, ele se recordou do primeiro encontro com o grupo. Todos o miravam com curiosidade [...].

João Anzanello Canascoza. *Apenas uma ponte*. Disponível em: <<http://novaescola.abril.uol.com.br>>. Acesso em: 14 ago. 2003.

No que se refere às quatro formas verbais em destaque, identifique quais delas indicam narração e quais assinalam descrição.

8 A charge de Henfil (Henrique de Souza Filho, 1944/1988), publicada em 1977, aborda a questão da incivilizada distribuição de renda no Brasil, como causa principal da pobreza absoluta, a empurrar crianças ao desamparo das ruas, à falta de horizontes, à delinquência. Com admirável talento e criatividade, o autor impregna de ironia o discurso de um dos personagens, por meio de um jogo entre as expressões “autor material” e “autor intelectual”. Observe atentamente o quadrinho que lhe apresentamos e responda:



Henfil. *Fradim* nº 20. Rio de Janeiro: Codecri, 1977, p. 17.

a) De acordo com a charge, interprete o possível significado da expressão “autor intelectual”.

b) Cite um elemento do plano visual da charge que caracteriza a hierarquia ou relação de poder entre os personagens em cena.

Texto para a questão 9.

A importância da história

O passado é inexoravelmente presente na vida do homem de diversas formas, sendo usado com inúmeros fins; a ausência de conhecimento histórico pode levar (e já levou) uma nação inteira a ser manipulada por oportunistas que criam ou manipulam a história a seu favor.

A memória coletiva é usada (e alterada) tanto para justificar nacionalismos como para sustentar teorias econômicas e filosóficas. Exemplos disso são inúmeros; os socialistas falam num “comunismo primitivo” das sociedades antigas, assim como Rosseau fala do mito do “bom selvagem”; conceitos inexatos, que foram criados para justificar a própria teoria. Podemos ver, na Alemanha de Hitler, a utilização do passado tanto para reforçar o nacionalismo – uma vez que afirma o passado de uma raça ariana – quanto para justificar o holocausto, atribuindo aos judeus a culpa da crise do estado Alemão. No Brasil, isso sempre foi presente, desde a criação do “indígena bondoso”, pelos poetas românticos, até a exaltação de alguns políticos como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitchek; atribuíram-se a eles qualidades que não correspondem à realidade. Todos esses casos criam uma falsa memória coletiva de modo que pessoas sem conhecimento histórico são facilmente manipuladas.

Com esses exemplos, podemos constatar quanto o passado é segundo o presente, ou seja, a forma pela qual vemos o passado demonstrar nossas atuais características. Se na década de 70 estudávamos a Revolução de 64, hoje estudamos o Golpe de 64, o que demonstra as diferentes visões das épocas sobre um determinado assunto. As diferentes visões sobre a independência de Portugal traduzem as diferentes visões sobre a religião; três séculos atrás, era indiscutível a ideia de que Jesus teria aparecido a Afonso Henriques antes da batalha de Ouriques; hoje muitos professores nem comentam sobre o tal milagre. Outros exemplos desse tipo são muito comuns na Idade Média, alguns milagres foram mudados por interesses políticos, como por exemplo a mudança do local do milagre de Santo Idefonso, com interesse de glorificar a nova basílica de Toledo.

Além disso, um povo sem consciência histórica está sujeito aos “vazios históricos”, ou seja, aquilo que não é ensinado nas escolas ou que não está nos feriados, fatos que são omitidos por serem considerados irrelevantes à visão da época. Ora, é só nos perguntarmos porque a Inconfidência Mineira – feita por brancos de elite – é lembrada todos os anos em detrimento da conjura baiana – majoritariamente feita por pobres e escravos – sendo que ambas aconteceram na mesma época e visavam à independência do país.

A ausência de conhecimento histórico acarreta uma falsa tradição, chamando de “naturais” conceitos recentes. O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, por exemplo, alegou em seu discurso que a família é o mais sagrado pilar que sustenta as sociedades humanas, argumentando que o homossexualismo ataca esse pilar. A história nos diz outra coisa. A família, como a concebemos hoje, não é uma instituição tão antiga como se pensa, suas origens remontam à Idade Média, quando se criou a moral cristã; portanto, o ser humano já viveu milhares de anos sem essa instituição, além de que civilizações, como a greco-romana, aceitaram durante muitos anos o homossexualismo como natural, e mesmo assim foram potências mundiais. Na mesma Idade Média, a “aceitação” da virgindade de Maria no século XII foi usada para justificar a moral da “virgem pura”.

Esses pontos estão longe de dizer todos os usos da história, porém nos dão uma visão geral que contradiz o velho discurso de que a história é apenas fato ou que a história deve ser uma dissertação agradável, muito próxima da literatura.

Daniel G. Carvalho

9 Após a leitura do texto, diga a qual gênero textual ele pertence. Justifique.

Texto para questão 10.

“Há muitas, quase infinitas maneiras de ouvir música. Entretanto, as três mais frequentes distinguem-se pela tendência que em cada uma delas se torna dominante: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente, ouvir intelectualmente.

Ouvir com o corpo é empregar no ato da escuta não apenas os ouvidos, mas a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro: é sentir em estado bruto. É bastante frequente, nesse estágio da escuta, que haja um impulso em direção ao ato de dançar.

Ouvir emotivamente, no fundo, não deixa de ser ouvir mais a si mesmo que propriamente a música. É usar da música a fim de que ela desperte ou reforce algo já latente em nós mesmos. Sai-se da sensação bruta e entra-se no campo dos sentimentos.

Ouvir intelectualmente é dar-se conta de que a música tem, como base, estrutura e forma. Referir-se à música a partir dessa perspectiva seria atentar para a materialidade de seu discurso: o que ele comporta, como seus elementos se estruturam, qual a forma alcançada nesse processo.”

J. Jota de Moraes. O que é música. (Adapt.).

10 Fuvest (Adapt.) Nesse texto, há uma proposição e vários esclarecimentos. Como eles estão distribuídos?

Texto para a questão 11.

Curitiba, 20 de novembro de 2003

À Verde Vivo – Paisagismo e jardinagem

At.: Joaquim Maria Matos

Assunto: Solicitação de vaga.

Senhor Gerente:

Buscando pleitear uma vaga em sua conceituada empresa, encaminho meu currículo resumido. Também informo que possuo disponibilidade para viagens.

No aguardo de uma resposta, desde já agradeço a atenção dispensada.

Atenciosamente,

João Fabrício Mazza.

11 PUC-PR (Adapt.) A respeito da caracterização do gênero textual, considere as seguintes afirmações:

- I. O nível de linguagem está adequado, porque se trata de uma situação que exige formalidade.
- II. Trata-se de um gênero que circula em núcleos de atividade comercial.
- III. A objetividade e a precisão na seleção vocabular são fundamentais no gênero carta empresarial.

Quais delas estão corretas? Por quê?

12 Leia.

Ser consciente é talvez um esquecimento.

Talvez pensar um sonho seja, ou um sono.

Talvez dormir seja, um momento,

Voltar o 'spirito nosso a ser seu dono.

Fernando Pessoa.

a) O trecho, do ponto de vista da composição, classifica-se como descritivo, narrativo ou dissertativo?

b) Justifique sua resposta, transcrevendo pelo menos dois elementos do texto.

13 Os dois exemplos a seguir possuem o mesmo tipo de raciocínio. Identifique-o e explique como ele ocorre.

Minhas provas são sempre com consulta a todo tipo de material. Os advogados não consultam os códigos? Os médicos não consultam seus colegas e livros? Não levam as radiografias para as cirurgias? Os engenheiros, os pedreiros não consultam as plantas? Então?

Disponível em: <www.pucrs.br/gpt/falacias.php>.

Os empregados são como pregos: temos que martelar a cabeça para que cumpram suas funções.

Exercícios propostos

Texto para a questão 1.

Pelas narinas

Intervalo de aula em escola pública de Antonina (PR): a molecada, barriga vazia, faz fila para pegar a merenda. Um funcionário do colégio, então, saca um frasco de perfume do bolso, manda uma borrifada num garoto e fala: "Hoje é Ralph Lauren, hein. Quero ver todo mundo cheiroso." A molecada corre, pula, rola no chão, faz aquela algazarra tradicional do intervalo, mas volta perfumada para a sala de aula. Os professores têm adorado.

Paulo R. Freire. *Educação*. São Paulo: Segmento, ano 28, n. 252, abr. 2002. p. 13. (Adapt.).

1 UFRN Nesse texto, predomina:

- (a) descrição de cena rotineira.
- (b) descrição de pessoas simples.
- (c) narração de um fato real.
- (d) narração de um fato fictício.

Texto para as questões 2 e 3.

Antônio. Assim se chamava meu pai, vindo de Piracicaba, cidade do interior de São Paulo. [...] Foi saco de pancada quando pequeno, pois meu avô paterno levava ao exagero a filosofia do "quem dá o pão dá o ensino". No entanto, nunca se referiu de maneira rancorosa a esses castigos, nem achou necessário desforrar-se em mim do tanto que havia apanhado.

Quando as coisas não lhe agradavam, preferia gargalhar num jeito muito seu, que lembrava bola de pingue-pongue descendo lentamente uma escada. Duas vezes apenas botou de lado esse tipo de reação.

Mário Lago. *Na rolança do tempo*.

2 Fuvest (Adapt.) Considere as seguintes afirmações:

- I. A frase "quem dá o pão dá o ensino" é a que apresenta marcas mais visíveis do gênero narrativo, ao qual pertence o texto.
- II. Em "nem achou necessário" expressa-se juízo subjetivo.
- III. A expressão "duas vezes apenas", na última frase, aponta para exceções que confirmam a validade de uma regra habitual, formulada na frase anterior.

Em relação ao texto, está correto somente o que se afirma em:

- (a) I.
- (b) II.
- (c) III.
- (d) I e II.
- (e) II e III.

3 Fuvest O autor estabelece uma comparação entre:

- (a) seu pai e seu avô, distinguindo o modo pelo qual cada um extravasava a euforia.
- (b) seu pai e seu avô, buscando neles traços comuns de temperamento e de personalidade.
- (c) a gargalhada de seu pai e a queda da bola de pingue-pongue, com base nos estímulos visuais provocados por ambas.
- (d) a gargalhada de seu pai e a queda da bola de pingue-pongue, com base no mesmo efeito cômico que ambas provocam.
- (e) a gargalhada de seu pai e a queda da bola de pingue-pongue, com base em impressões de ritmo e de andamento.

Texto para a questão 4.

Artistas, costureiras, soldados e desenhistas manejam ferro, madeira, isopor e tecido. No galpão do boi Garantido, o do coração vermelho, todos se esmeram (nunca usam o verbo caprichar) para preparar um espetáculo que supere o do rival. No ano passado, foi o Caprichoso, o da estrela azul, o ganhador da disputa de bois-bumbá do famoso Festival de Parintins, que todo final de junho atrai cerca de

cem mil pessoas para a doce ilha situada na margem direita do rio Amazonas. No curral da torcida caprichosa, “alegoristas”, passistas e percussionistas preferem não dizer que uma nova vitória está garantida. Dizem, sim, com todas as letras, que está assegurada.

Fernanda Pompeu. *Caprichada e garantida*.

4 Fuvest As marcas linguísticas e o modo de organização do discurso que caracterizam o texto são, respectivamente:

- (a) verbos no presente e no passado; descritivo-narrativo.
- (b) substantivos e adjetivos; descritivo-dissertativo.
- (c) substantivos; narrativo-dissertativo.
- (d) frases nominais; apenas narrativo.
- (e) adjetivos substantivados; apenas descritivo.

5 Fuvest “‘Muito!’, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro.”

Se a pergunta a que se refere o trecho fosse apresentada em discurso direto, a forma verbal correspondente a “gostara” seria a:

- (a) gostasse. (c) gostou. (e) gostaria.
- (b) gostava. (d) gostará.

Texto para a questão 6.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo. Na porta, virando-se, engançou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como cascos.

Foi até a esquina, parou, tomou fôlego. Não deviam tratá-lo assim. Dirigiu-se ao quadro lentamente. Diante da bodega de seu Inácio virou o rosto e fez uma curva larga. Depois que acontecera aquela miséria, temia passar ali. Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*.

6 Fuvest O texto, assim como todo o livro de que foi extraído, está escrito em terceira pessoa. No entanto, o recurso frequente ao discurso indireto livre, com a ambiguidade que lhe é característica, permite ao autor explorar o filete da escavação interior, na expressão de Antônio Cândido.

Assinalar a alternativa em que a passagem é nitidamente discurso indireto livre:

- (a) “Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia”.
- (b) “Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano”.
- (c) “Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos”.
- (d) “Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada!”
- (e) “O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo”.

Texto para as questões de 7 a 10.

Os dois clavinotes estavam apontados em direção à estrada. A essa altura, já o sol faiscava nos lajedos, e o ar, embora frio, era reconfortante e seco. Um sabiá veio pousar perto da caverna, mas logo esvoaçou, ao pressentir os dois homens. Houve em seguida um rumor de folhas, provocado por uma lagartixa em fuga.

– Já vem bem perto – disse o negro Guido, com o dedo no gatilho da arma.

O tropel fazia-se ouvir cada vez mais próximo. De repente, surgiu no topo do atalho a cabeça de um cavalo. O velho Patuá estava calmo, ao passo que o outro dava visíveis mostras de excitação. À vista da cabeça do cavalo, seus lábios chegaram mesmo a embranquecer, como se uma sede atroz o tivesse assaltado.

– Será ele mesmo? – perguntou.

Foi quando o cavaleiro apareceu. Subia a estrada, descuidado, assobiando. Guido logo reconheceu o fazendeiro Pedro Neves. Então, o que havia de incerteza no seu espírito transformou-se imediatamente numa sensação de alívio, marcada a um só tempo de medo e crueldade. Apontou a arma, fazendo mira, sempre com o dedo no gatilho. Viu o homem parar de assobiar, enxugar o suor do rosto, com um lenço que de novo guardou no bolso, e acender o cigarro.

Foi quando o velho Patuá comandou:

– Fogo!

O negro procurava fazer um bom alvo, na pontaria contra o paletó de brim cáqui, onde havia manchas de suor.

– Fogo! – repetiu o velho Patuá, num tom de irritação.

E, com o clavinote apontado para a nuca do homem, apertou o gatilho. O negro Guido acompanhou-o. Dois tiros estrondaram, ao mesmo tempo que a caverna se enchia de fumaça. Como se uma mão invisível os enxotasse, os pássaros voaram. Um desabrido tropel foi então ouvido: era o cavalo do fazendeiro, que fugia com os arreios vazios. Espantado, corria doidamente estrada abaixo – as caçambas batendo como sinos. Como sinos roucos. Estranhamente roucos.

Herberto Sales. "Emboscada". In: *Antologia Escolar de Contos Brasileiros*. Herberto Sales (Org.). Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. (Edijovem).

7 Puccamp A forma de apresentação dos fatos revela a seguinte organização temporal da narrativa:

- (a) Cortes bruscos na sequência cronológica natural.
- (b) Predominância da sequência cronológica natural, com alguns recuos no tempo.
- (c) Alternância entre fatos memorados e fatos do presente.
- (d) Alternância entre fatos do presente e cenas antecipadas.
- (e) Sequência cronológica natural, rigorosamente respeitada.

8 Puccamp Considere as seguintes observações sobre a caracterização do espaço, nesse texto:

- I. Tem função dramática, considerando-se que distância e aproximação são elementos essenciais da ação.
- II. É representado como um cenário pouco relevante para as ações que nele ocorrem.
- III. Tem importância relativa, considerando-se que imobilidade é a marca essencial dessa narrativa.

Está correto o que se afirma somente em:

- (a) I.
- (b) II.
- (c) III.
- (d) I e II.
- (e) I e III.

9 Puccamp Em relação à trama dessa narrativa, pode-se afirmar que ela é:

- (a) simples, pois a ação é comandada por personagens primitivas.
- (b) complexa, dada a natureza dos fatos que se entrelaçam.
- (c) simples, porque a ação se unifica num núcleo exclusivo.
- (d) complexa, devido ao aprofundamento do plano psicológico.
- (e) simples, uma vez que a linguagem do narrador é realista.

10 Puccamp As três personagens do texto revelam, basicamente, três diferentes comportamentos:

- (a) ansiedade, serenidade e cautela.
- (b) excitação, ansiedade e ingenuidade.
- (c) frieza, angústia e insegurança.
- (d) excitação, medo e displicência.
- (e) ansiedade, segurança e displicência.

11 Assinale a alternativa em que a explicação da falácia não é pertinente com o texto que está entre aspas.

- (a) "A automação cada vez maior dos elevadores desemprega muitas pessoas. Isso, portanto, é ruim, economicamente desaconselhável." (É erro reivindicar apenas a solução perfeita para qualquer plano).

- (b) "Não há evidências de que os discos voadores não estejam visitando a Terra; portanto, eles existem." (É erro provar que algo é falso por não ter sido provado que é verdadeiro).
- (c) "O chá de quebra-pedra é bom para cálculos renais. Tomei e dois dias depois expeli a pedra." (É erro acreditar que em dois eventos em sequência um seja a causa do outro).
- (d) "Mãe, cuidado com o Joãozinho. Hoje, na escolinha, ele deu um beijo na testa de Mariazinha. Amanhã, estará beijando o rosto. Depois... Quando crescer, vai estar agarrando todas as meninas." (É erro tirar de uma proposição uma série de fatos ou consequências que podem ou não ocorrer).
- (e) "Essas práticas remontam aos princípios da era Cristã. Como podem ser questionadas?" (É erro afirmar que algo é bom, correto apenas porque é antigo, mais tradicional).

12 Mackenzie Leia.

Óbito do autor

Algun tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levam a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi o berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

Joaquim Maria Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 4 ed. São Paulo: Atêlie Editorial, 2004. p. 16.

Considerando-se este fragmento no contexto da obra a que pertence, é correto afirmar que, nele:

- (a) o discurso argumentativo, de tipo racional e lógico, apresenta afirmações que ultrapassam a razão e o senso comum.
- (b) a combinação de hesitações e autocrítica já caracteriza o tom de arrependimento com que o defunto autor relatará sua vida improdutivo.
- (c) as hesitações e dúvidas revelam a presença de um narrador inseguro, que teme assumir a condução narrativa e a autoridade sobre os fatos narrados.
- (d) as preocupações com questões de método e as reflexões de ordem moral mostram um narrador alheio às meras questões literárias, tais como estilo e originalidade.
- (e) as considerações sobre o método e sobre a lógica da narração configuram o modo característico de se iniciar o romance no Realismo.

13 Enem Em 1999, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento elaborou o "Relatório do Desenvolvimento Humano", do qual foi extraído o trecho a seguir.

Nos últimos anos da década de 90, o quinto da população mundial que vive nos países de renda mais elevada tinha:

- 86% do PIB mundial, enquanto o quinto de menor renda, apenas 1%;
- 82% das exportações mundiais, enquanto o quinto de menor renda, apenas 1%;
- 74% das linhas telefônicas mundiais, enquanto o quinto de menor renda, apenas 1,5%;

– 93,3% das conexões com a Internet, enquanto o quinto de menor renda, apenas 0,2%.

A distância da renda do quinto da população mundial que vive nos países mais pobres – que era de 30 para 1, em 1960 – passou para 60 para 1, em 1990, e chegou a 74 para 1, em 1997.

De acordo com esse trecho do relatório, o cenário do desenvolvimento humano mundial, nas últimas décadas, foi caracterizado pela:

- (a) diminuição da disparidade entre as nações.
- (b) diminuição da marginalização de países pobres.
- (c) inclusão progressiva de países no sistema produtivo.
- (d) crescente concentração de renda, recursos e riqueza.
- (e) distribuição equitativa dos resultados das inovações tecnológicas.

14 Criada para ser a sede da Orquestra Sinfônica do Estado, Osesp, a Sala São Paulo foi construída dentro de exigentes padrões de acústica no meio da antiga Estação Ferroviária Júlio Prestes, no bairro da Luz. Nela, tudo segue um apurado estudo feito para favorecer a propagação do som no ambiente, desde o material usado nas cadeiras até o desenho dos camarotes. Ainda em benefício da acústica, há no teto quinze painéis de aço revestidos de madeira.

Considere as seguintes afirmações.

- I. Critica-se, no texto, a exagerada preocupação com a qualidade acústica da Sala São Paulo.
- II. No parágrafo predomina a descrição.
- III. No último período, “em benefício” reforça a ideia de finalidade.

Assinale:

- (a) se todas estão corretas.
- (b) se apenas I e II estão corretas.
- (c) se apenas II e III estão corretas.
- (d) se apenas I e III estão corretas.
- (e) se apenas III está correta.

15 **Fuvest** Os dados sobre a educação dos brasileiros revelados pelo minicenso do IBGE permitem várias leituras – todas elas acusando uma tendência positiva, apesar de alguns números absolutos causarem preocupação. Ainda há perto de 2 milhões e meio de crianças sem escolas no País, não tanto, tudo leva a crer, por deficiência da rede física. De fato, pode ler-se no censo que, embora esteja longe da ideal, a expansão quantitativa das escolas já permite ao governo redirecionar investimentos para a expansão qualitativa do ensino.

O Estado de S. Paulo, edição de 10 ago. 1997. p. A3.

Conclui-se corretamente do texto que:

- (a) os investimentos governamentais, até o momento deste artigo, não estavam preferencialmente direcionados para a melhoria da qualidade de ensino.
- (b) os números absolutos não permitem ter uma visão positiva do minicenso do IBGE.
- (c) o número de escolas e vagas oferecidas, apesar de não ter atingido o ideal, evidencia que o governo passará a investir mais na qualidade de ensino.

- (d) o crescimento quantitativo do ensino depende de investimentos anteriores no crescimento qualitativo.
- (e) os números absolutos causam preocupação, mas demonstram avanços qualitativos no ensino.

O texto a seguir refere-se às questões de 16 a 19.

Vivemos mais uma grave crise, repetitiva dentro do ciclo de graves crises que ocupa a energia desta nação. A frustração cresce e a desesperança não cede. Empresários empurrados à condição de liderança oficial se reúnem em eventos como este, para lamentar o estado de coisas. O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?

É da história do mundo que as elites nunca introduziram mudanças que favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que uma nação equilibrada precisa ter. Aliás, é ingenuidade imaginar que a vontade de distribuir renda passe pelo empobrecimento da elite. É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir. Faço sempre, para meu desânimo, a soma do faturamento das nossas mil maiores e melhores empresas, e chego a um número menor do que o faturamento de apenas duas empresas japonesas. Digamos, a Mitsubishi e mais um pouquinho. Sejamos francos. Em termos mundiais, somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo, extremamente representativos como população.

Discurso de Semler aos empresários. Folha de S. Paulo, edição de 11 set. 1991.

16 **Fuvest** Segundo se depreende do texto, é possível afirmar que:

- (a) toda mudança social provém do esforço conjunto das elites do país.
- (b) nenhum povo é capaz de alterar suas estruturas sem o apoio das elites.
- (c) as elites empresariais, produzindo riquezas, aceleram as mudanças sociais.
- (d) em qualquer tempo, as elites sempre se dispõem a participar do processo de distribuição de renda.
- (e) não é próprio das elites lançar projetos que estimulem mudanças na sociedade como um todo.

17 **Fuvest** Segundo o espírito do texto, pode-se dizer também que, no Brasil, só não há melhor distribuição de renda:

- (a) por falta de uma política econômica melhor dirigida.
- (b) porque não é do interesse das elites, nem têm elas possibilidades de favorecer essa distribuição.
- (c) porque as elites estão sempre com um pé atrás, desconfiadas do poder público.
- (d) porque os recursos acumulados, embora suficientes, são manipulados pelas elites.
- (e) porque, se assim fosse feito, as elites reagiriam ao processo de seu empobrecimento.

18 Fuvest O texto permite afirmar que:

- (a) potência mundial de peso, o Brasil está entre as maiores economias do primeiro mundo.
- (b) economicamente, o Brasil não tem relevo como potência de primeira ordem.
- (c) as dificuldades do Brasil são conjunturais e se devem especialmente às pressões internacionais.
- (d) as indústrias de ponta no Brasil estão entre as que têm mais alto faturamento universal.
- (e) só o idealismo do empresariado brasileiro pode reerguer nosso potencial econômico.

19 Fuvest O ciclo de crises vivido pelo Brasil, segundo o texto, constitui:

- (a) um componente instigante para vencer nossas dificuldades.
- (b) fator conhecido e repetitivo, desimportante de nossa história.
- (c) algo que não passa de invenção de pessimistas desocupados.
- (d) recurso eficaz para chamar a atenção para a nossa realidade.
- (e) outra forma de desgaste e de consumo de nossas energias.

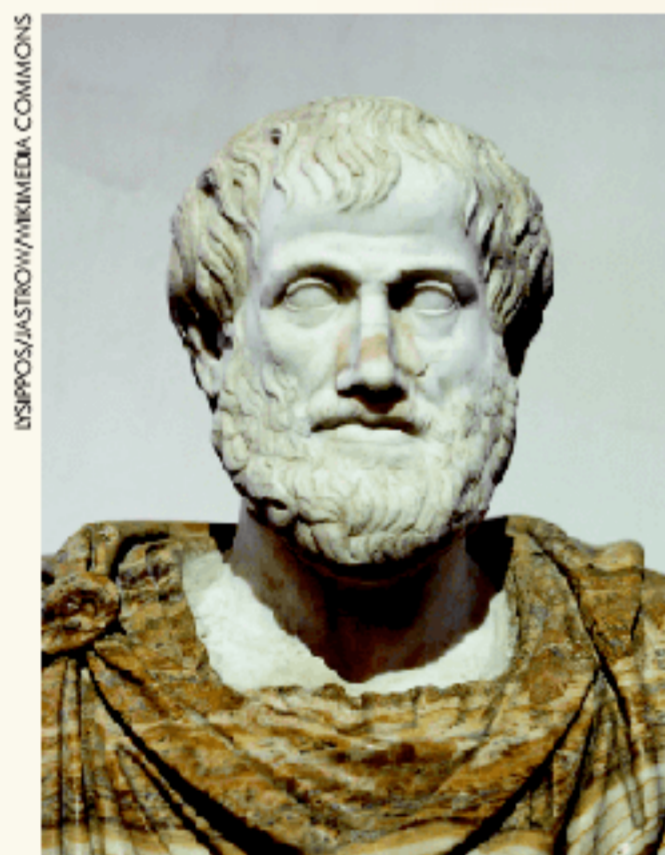
20 Enem De acordo com a história em quadrinhos protagonizada por Hagar e seu filho Hamlet, pode-se afirmar que a postura de Hagar:



- (a) valoriza a existência da diversidade social e de culturas, e as várias representações e explicações desse universo.
- (b) desvaloriza a existência da diversidade social e as várias culturas, e determina uma única explicação para esse universo.
- (c) valoriza a possibilidade de explicar as sociedades e as culturas a partir de várias visões de mundo.
- (d) valoriza a pluralidade cultural e social ao aproximar a visão de mundo de navegantes e não navegantes.
- (e) desvaloriza a pluralidade cultural e social, ao considerar o mundo habitado apenas pelos navegantes.

TEXTOS COMPLEMENTARES

A retórica



A retórica ou arte de bem falar não é muito prestigiada atualmente. Na sua origem (que remonta ao século V a.C.),

Organização do discurso

A retórica ensina a compor e organizar o discurso verbal e para tanto faz distinção entre vários tempos. Num primeiro, tem-se como tarefa encontrar o que se vai dizer (argumentos); num segundo, procura-se dispor o que se encontrou numa ordem que depende do objetivo traçado (informar, demonstrar, convencer,

consistia num conjunto de técnicas destinadas a reger a organização do discurso, segundo os objetivos a serem atingidos. Era um meio de chegar ao domínio da linguagem verbal. Além disso, a abordagem de tais técnicas levava a estudar a linguagem e seus componentes e a fazer disso um objeto de ciência. Infelizmente, a retórica confundiu rapidamente seus fins e seus meios. Reduziu-se a uma técnica de ornamentação do discurso, exagerando as sutilezas nas distinções das figuras. Depois de ter sido objeto de ensino prático da linguagem e da ciência, contribuiu para esclerosar a eloquência e sufocar o discurso verbal pela multiplicidade de regras e figuras: não tardou a apagar-se e a se tornar sinônima de afetação ou de declamação falsa. Mas, de alguns anos para cá, vem ela reconquistando seu lugar de honra. Assim, reeditam-se na França velhos tratados do século XVIII (Dumarsais) e do século XIX (Fontanier). Volta-se a estudar as figuras, sobretudo no domínio poético. Uma breve descrição dos principais elementos da retórica talvez nos ajude a compreender as razões de seu renascimento.

emocionar: cada uma dessas operações conduz a uma organização particular dos elementos do discurso). Em suma, é preciso construir um plano e, em especial, cuidar da elaboração do começo e do fim do discurso. Num terceiro tempo, a tarefa é a de atentar para o modo de apresentação dos argumentos, recorrendo-se

às figuras. Finalmente, no quarto tempo, o trabalho constitui-se em dizer o discurso, utilizando os recursos vocais (dicção) e os gestuais.

Cada um desses quatro tempos é objeto de um estudo aprofundado que gera técnicas precisas, repertoriadas nos tratados de retórica.

A prática da linguagem se faz por jogos verbais rigorosamente regulamentados. Assim, a improvisação se destina a exercitar a inventividade do candidato, visto que ele deve, a partir de um tema dado, improvisar um discurso cuja qualidade será julgada segundo o número e valor dos argumentos encontrados; a improvisação exclui a organização, mas não a ornamentação: será julgada a aptidão do candidato em mobilizar rapidamente as “figuras” que ele conhece. A *disputatio* é a apresentação de uma tese por parte do candidato escorada por um certo número de argumentos; esta tese é contraditada pelo júri e o candidato deve responder à contradição. Esses exercícios são regulamentados e quase ritualizados. As defesas de tese em nossos dias constituem resquícios dessa prática.

Os retóricos não chegaram a um acordo comum sobre os fundamentos e os métodos de sua “arte”. Assim, durante muito tempo, debateu-se a questão de saber se era preciso encontrar os argumentos e depois colocá-los em ordem (o que importa são os próprios argumentos, seu número, sua natureza, que impõem esta ordem: os argumentos criam o plano) ou se era preciso inserir os

argumentos num plano previamente estabelecido, o que implica na determinação de certos mecanismos que se utilizarão segundo as necessidades. Esse debate abrange um problema importante: recorrer a planos fixos é imobilizar o pensamento e reduzi-lo a estereótipos; fazer decorrer o plano dos argumentos é atribuir ao pensamento um poder criador. Essa distinção se evidencia na poesia; alguns poetas trabalham com formas fixas muito restritivas e limitam sua inspiração a esse modelo estreito (um exemplo claro dessa atitude pode ser observado nos *Grandes Retóricos*, que inventavam e complicavam fartamente as restrições métricas de seus poemas); outros, no entanto, partem de uma palavra, de um ritmo, de uma “impressão” e, desses elementos, que lhes são próprios, criam uma forma poética original (é o caso, por exemplo, do conhecido poema *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, cujo ritmo em algumas de suas partes é construído sobre o ritmo de cadência de tambor, típico de rituais indígenas).

Saliente-se, para finalizar, que os debates dos retóricos ligavam-se, na maioria das vezes, aos debates num outro domínio: o da Filosofia.

Francis Vanoye. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. Tradução de Clarisse Madureira Saboia; Ester Miriam Gebara; Haqueira Osakabe; Michel Lohud. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes. p. 47-8. (Col. Ensino Superior).

RESUMINDO

Características do texto narrativo

- Há progressão temporal;
- Os dados não são simultâneos;
- Há mudança de estado;
- Trata-se de texto figurativo.

Ferramentas

- Predomínio do perfeito;
- Uso de descrições;
- Uso do discurso direto e/ou do indireto;
- Uso do indireto livre;
- Uso de monólogo interior.

Características do texto descritivo

- Retrato físico, social ou psicológico;
- Não há progressão temporal;
- Não há mudança de estado;
- Os dados são simultâneos;
- Particulariza o ser.

Ferramentas

- Predomínio do imperfeito e do presente do indicativo;
- Uso considerável de adjetivos;
- Uso do verbo de ligação (ser, estar).

Texto dissertativo

O texto dissertativo é temático, predominam substantivos abstratos e categorias universais.

Argumentar é provar os principais argumentos:

- os fatos propriamente ditos;
- exemplos típicos de determinadas situações;
- ilustrações (o exemplo se alonga em narrativa);
- dados estatísticos, números;
- testemunho: é o fato em jogo trazido por um terceiro.

Dissertação argumentativa – propósito claro de convencer o interlocutor.

Dissertação expositiva – explanação de um assunto, objetividade e imparcialidade.

Dissertação subjetiva – uso de recursos expressivos, julgamentos de valor, figuras.

O sofisma é um falso raciocínio, às vezes com a intenção de enganar o outro. Eis alguns tipos:

Erro de acidente: o acidental torna-se atributo essencial. Erro de acidente é extrair do particular a generalização falsa.

Falsa analogia: o raciocínio da analogia pressupõe a comparação do particular para o particular, trata-se de raciocínio hipotético, que pode ser falso.

Observação inexata: certas partes que compõem o todo são omitidas, permitindo falsas conclusões.

Petição de princípio: a justificativa na verdade traz informação que já está pressuposta na declaração, traz a própria declaração como prova.

Ignorância da questão: desvia-se do foco da questão, indo a uma outra direção, de modo que não nos lembremos do foco inicial.

■ QUER SABER MAIS?

LIVROS

- Edgar Allan Poe. *Contos Extraordinários*. São Paulo: Bestbolso, 2010.
- Tereza Lúcia Halliday. *O que é retórica*. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Coleção Primeiros Passos).

SITE

- Academia Brasileira de Letras <www.academia.org.br>.



CHARGE

- Glauco: <www2.uol.com.br/glauco>.

FILMES

- *O homem que virou suco*. Filme brasileiro de 1981. Direção de João Batista de Andrade.
- *Chuvas de verão*. Filme brasileiro de 1977, do gênero drama. Direção de Cacá Diegues.

Exercícios complementares

1 Fuvest *De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, Tuim é capaz de ser o menor. Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, cada um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles; um morreu, outro morreu, ficou um.*

Rubem Braga.

Neste excerto de “Tuim criado no dedo”:

- (a) o narrador em terceira pessoa emprega o discurso indireto para assimilar o ponto de vista do menino.
- (b) repetições, diminutivos, simplicidade sintática introduzem no discurso a perspectiva do menino.
- (c) a escassez de adjetivos torna concreta a visão substantiva, própria da infância.
- (d) o narrador em primeira pessoa utiliza o discurso direto para recriar a visão infantil.
- (e) diminutivos, predomínio da subordinação e sinestésias recriam o registro da percepção infantil.

2 Uerj Leia o texto a seguir.

Olhos de ressaca

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retina também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*: capítulo 123. São Paulo: Martin Claret, 2004.

No texto, a descrição dos fatos não é objetiva, pois temos acesso aos traços e às ações dos demais personagens apenas por meio do olhar comprometido do personagem narrador.

A alternativa que indica uma estratégia utilizada pelo personagem narrador para expressar um ponto de vista individual dos fatos e a passagem que a exemplifica é:

- (a) enumeração de ações – “Consolava a outra, queria arrancá-la dali”.
- (b) seleção de adjetivos e advérbios – “tão fixa, tão apaixonadamente fixa”.
- (c) narração em 1ª pessoa – “As minhas cessaram logo”.
- (d) imprecisão cronológica – “Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto”.

3 Fuvest

Em janeiro de 1935, um grupo de turistas pernambucanos passeava de carro quando deu de cara com Lampião e seu bando. Revirando a bagagem do grupo, um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia. Apavorado, um deles levantou o dedo. “Quero que o senhor tire o meu retrato”, disparou o “rei do cangaço”, pondo-se a posar. O homem, esforçando-se, bateu uma chapa, mas avisou: “Capitão, esta posição não está boa”. Dando um salto e caindo de pé, Lampião perguntou: “E esta? Está melhor?” Outra foto foi feita. Quando libertava os turistas, após pilhá-los, o “fotógrafo” de ocasião indagou-lhe como podia enviar as imagens. “Não é preciso. Mande publicar nos jornais”, disse o cangaceiro.

Carlos Haag, Pesquisa FAPESP.

Os trechos a seguir encontram-se em discurso indireto e discurso direto, respectivamente. Transforme em discurso direto o primeiro trecho e, em discurso indireto, o segundo.

- I. [...] um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia.
- II. “Quero que o senhor tire o meu retrato”, disparou o “rei do cangaço”. [...].

4 UFRJ “O taxista disse:

– Pode deixar, doutor, que do jeito que o senhor está vestido, nada começa antes do senhor chegar.” Reescreva a passagem usando o discurso indireto. Faça as adaptações necessárias sem alterar o sentido da frase.

5 Unicamp A novela de Guimarães Rosa “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)”, além de ser ela própria uma estória de vaqueiro, contém outras estórias de boi narradas pelas personagens. Uma delas é a de “Destemida e a vaquinha Cumbuquinha” narrada por Joana Xaviel. Ao ouvirem a história, as pessoas presentes na festa de Manuelzão têm a seguinte reação:

Todos que ouviam, estranhavam muito: estória desigual das outras, danada de diversa. Mas essa estória estava errada, não era toda! Ah ela tinha de ter outra parte – faltava a segunda parte? A Joana Xaviel dizia que não, que assim era que sabia, não havia doutra maneira. Mentira dela? A ver quês sabia o restante, mas se esquecendo, escondendo. Mas – uma segunda parte, o final – tinha de ter!

João Guimarães Rosa, “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)”. In: *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 181.

A novela é narrada em discurso indireto livre, misturando as falas e pensamentos das personagens com a fala do narrador. Identifique uma passagem do trecho citado anteriormente em que essa mistura ocorre.

Texto para a questão 6.

Duas mulheres conversando:

- Graças a mim, o meu marido ficou milionário!
- Ué! – estranhou a outra. – Quando vocês se casaram ele já não era milionário?
- Não, quando nos casamos ele era multimilionário!

Sírio Possenti. *Os humores da língua*. Agenda 2003. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

6 PUC-MG (Adapt.) Considere a reformulação do texto em exame, desenvolvida a partir da transformação do discurso direto em indireto, e as análises propostas.

Duas mulheres conversavam. Uma delas, com certa vaidade, disse que graças a ela o marido ficara milionário. A outra, demonstrando um estranhamento, perguntou se ele já não era milionário antes do casamento. A resposta que ela obteve foi a de que o marido era multimilionário quando se casaram.

Todas as afirmativas são corretas, exceto:

- (a) No discurso indireto, a fala das personagens é reproduzida pelo narrador, que pode orientar determinadas interpretações do leitor a partir da seleção de recursos linguísticos, por meio dos quais se deixa revelar um posicionamento desse narrador.
- (b) No discurso indireto, utilizam-se como recurso linguístico verbos de elocução, cuja função é não só introduzir a fala das personagens, mas também descrever a sua ação de interlocução no diálogo.
- (c) A transformação do discurso direto em indireto, no texto em exame, não compromete a construção de sentidos pelo leitor, mas acentua a carga de humor da piada, uma das propriedades desse gênero.
- (d) Na transformação do discurso direto para o indireto, altera-se o ritmo do texto, uma vez que ocorrem mudanças na extensão das frases e no emprego da pontuação.
- (e) O emprego de exclamações e interrogações procuram mimetizar as entonações características da linguagem oral, estados emocionais e questionamentos.

Texto para a questão 7.

Brasil

*O Zé Pereira chegou de caravela
É perguntou pro guarani da mata virgem
– Sois cristão?
– Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fomalha
Tomou a palavra e respondeu
– Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval*

Oswald de Andrade.

7 Enem A polifonia, variedade de vozes, presente no poema resulta da manifestação do:

- (a) poeta e do colonizador apenas.
- (b) colonizador e do negro apenas.
- (c) negro e do índio apenas.
- (d) colonizador, do poeta e do negro apenas.
- (e) poeta, do colonizador, do índio e do negro.

8 Fuvest Leia o trecho a seguir, extraído de um conto, e responda ao que se pede.

“eu estava ali deitado olhando através da vidraça as roseiras no jardim fustigadas pelo vento que zunia lá fora e nas venezianas de meu quarto e de repente cessava e tudo ficava tão quieto tão triste e de repente recomeçava e as roseiras frágeis e assustadas irrompiam na vidraça e eu estava ali o tempo todo olhando estava em minha cama com minha blusa de lã as mãos enfiadas nos bolsos os braços colados ao corpo as pernas juntas estava de sapatos Mamãe não gostava que eu deitasse de sapatos deixe de preguiça menino! mas dessa vez eu estava deitado de sapatos e ela viu e não falou nada ela sentou-se na beirada da cama e pousou a mão em meu joelho e falou você não quer mesmo almoçar?”

Luiz Vilela. *Eu estava ali deitado*.

- a) O texto procura representar um “fluxo de consciência”, ou seja, a livre-associação de ideias do narrador-personagem. Aponte dois recursos expressivos, presentes no texto, que foram empregados com essa finalidade.
- b) Cite, do texto, um exemplo de emprego do discurso direto.

9 PUC-MG Desde criança ouvia dizer que não se deve brincar com mulher. Por favor, me entendam. Brincar não significava, nesta advertência, fugir delas, deixar de amá-las, de transar com elas quando possível e com a obrigação suplementar de tentar até o impossível. “Brincar” era não levá-las a sério, baseados na inexistente fragilidade feminina, não temê-las na capacidade de suas cóleras e vinganças.

Carlos Heitor Cony. “A grande vingança”. *Folha de S. Paulo*, 25 set. 2005.

Considere as seguintes análises:

- I. O uso da expressão “desde criança” dimensiona o fato narrado e precisa a posição do narrador em relação ao tempo da enunciação.

- II. O uso das formas verbais “ouvira dizer”, “significava” e “era” concorre para determinar a distância, em termos temporais, entre o fato narrado e o tempo da enunciação, que se traduz como o tempo do aqui e agora.
- III. O uso das formas verbais “não se deve brincar” e “me entendam” marca o tempo da enunciação.

Assinale:

- (a) se apenas I for correta.
 (b) se apenas II for correta.
 (c) se apenas II e III forem corretas.
 (d) se I, II e III forem corretas.

Texto para a questão 10.

Os que começam...

Não há decerto exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens, as mulheres ainda pantomimam a miséria para lucro próprio. As crianças são lançadas no ofício torpe pelos pais, por criaturas indignas, e crescem com o vício adaptando a curvilínea e acovardada alma da mendicidade malandra. Nada mais pavoroso do que este meio em que há adolescentes de dezoito anos e pirralhos de três, garotos amarelos de um lustro de idade e moçoilas púberes sujeitas a todas as passividades. Essa criançada parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o crime de amanhã, para a prostituição em grande escala. Há no Rio um número considerável de pobrezinhos sacrificados, petizes que andam a guiar senhoras falsamente cegas, punguistas sem proteção, paralíticos, amputados, escrofulosos, gatunos de sacola, apanhadores de pontas de cigarros, crias de famílias necessitadas, simples vagabundos à espera de complacências escabrosas, um mundo vário, o olhar de crime, o broto das árvores que irão obumbrar as galerias da Detenção, todo um exército de desbriados e de bandidos, de prostitutas futuras, galopando pela cidade à cata do pão para os exploradores. Interrogados, mentem a princípio, negando; depois exageram as falcatruas e acabam a chorar, contando que são o sustento de uma súcia de criminosos que a polícia não persegue.

A metade desse bando conhece as leis do prefeito, os delegados de polícia e acompanha o movimento da política indígena, oposicionista e vendo em cada homem importante uma roubalheira. São em geral os mendigos claramente defeituosos a que falta uma perna, um braço.

A perda que os tornou inválidos é uma espécie de felicidade, a indolência e o sustento garantidos.

À beira das calçadas o dia inteiro têm tempo de se tornarem homens e de ler os jornais. Fazem tudo isso com vagar. Quando um ponto se torna insustentável vão para outros, e há entre eles relações, morfeias que se ligam às úlceras, olhos em pus que olham com ternura companheiros sem braços, e todos guardando a data do desastre que os mutilou, que os fez entrar para a nova vida com a saudade da vida passada.

João do Rio. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987.

10 Uerj Segundo João do Rio, o maior desejo dessa população é conseguir meios de se manter no ócio. A frase do texto que melhor caracteriza este ponto de vista do autor é:

- (a) “Essa criançada parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o crime de amanhã, para a prostituição em grande escala.”

- (b) “A metade desse bando conhece as leis do prefeito, os delegados de polícia e acompanha o movimento da política indígena,”
 (c) “A perda que os tornou inválidos é uma espécie de felicidade, a indolência e o sustento garantidos.”
 (d) “À beira das calçadas o dia inteiro têm tempo de se tornarem homens e de ler os jornais.”

11 Uerj

Só não previu quem planejou

Ninguém fala em outra coisa: o Brasil do século XXI não sabe ler ou não entende o que mal lê. Todos estão pasmos. Menos os professores, posso afirmar. Eles, que nos últimos 30 anos de mudanças na área educacional lastimavelmente não foram chamados a dar o seu testemunho, nem lhes ouviram as dúvidas e as certezas. Quem está na frente de batalha, teria dito: isso não vai dar certo...

[...]

A moda do momento é a “inclusão” de alunos com necessidades especiais. Ótimo. Politicamente corretíssimo. Mas a verdadeira inclusão tem que começar pela melhora da qualidade do ensino de toda a população.

Temos que deter o processo atual, no qual o aluno termina o Ensino Fundamental – quando termina – quase tal qual estava quando entrou. Essa é a verdadeira exclusão: de posse do seu diploma, mas com precária aprendizagem, o jovem, especialmente o de classe social menos favorecida, que tanto precisa de trabalho, é ejetado do mercado de trabalho sem dó nem piedade. Afinal, até concurso para gari exige que se saiba ler e escrever direito!

Ouçamos quem executa. Eles nos dirão como evitar as tempestades do desencanto...

Tania Zagury. *O Globo*, 29 jul. 2003.

O texto utiliza, em sua estratégia argumentativa, recursos diferenciados de composição para tratar de um problema e sugerir possíveis soluções.

- a) Explique de que maneira combinam-se, na coerência interna do texto, os parágrafos de abertura e de conclusão.
 b) A polifonia é um recurso de construção pelo qual diferentes “vozes” ou pontos de vista podem ser apreendidos da leitura de um texto.

No texto, há momentos em que aparecem claramente outras “vozes” ou posicionamentos percebidos pelo leitor por meio de sinais de pontuação.

Retire do texto dois momentos em que ocorrem essas falas e aponte a quem elas podem ser atribuídas.

12 Unicamp Na primeira página da *Folha de S. Paulo* de 22 de outubro de 2004, encontramos uma sequência de fotos acompanhada de uma legenda cujo título é: “A QUEDA DE FIDEL”. No texto da legenda, o jornal explica: O ditador cubano, Fidel Castro, 78, se desequilibra e cai após discursar em praça de Santa Clara (Cuba), em evento transmitido ao vivo pela TV; logo depois, ele disse achar que havia quebrado o joelho e talvez um braço, mas que estava “inteiro”; mais tarde, o governo divulgou que Fidel fraturou o joelho esquerdo e teve fissura do braço direito.

- a) O que a leitura desse título provoca? Por quê?
 b) Proponha um outro título para a legenda que não seja ambíguo e que esteja compatível com os fatos.

Texto para as questões 13 e 14.

A língua do Brasil amanhã

Ouvimos com frequência opiniões alarmantes a respeito do futuro da nossa língua. Às vezes se diz que ela vai simplesmente desaparecer, em benefício de outras línguas supostamente expansionistas (em especial o inglês, atual candidato número um a língua universal); ou que vai se misturar com o espanhol, formando o “portunhol”; ou, simplesmente, que vai se corromper pelo uso da gíria e das formas populares de expressão (do tipo: o casaco que cê ia sair com ele tá rasgado). Aqui pretendo trazer uma opinião mais otimista: a nossa língua, estou convencido, não está em perigo de desaparecimento, muito menos de mistura. Por outro lado (e não é possível agradar a todos), acredito que nossa língua está mudando, e certamente não será a mesma.

O que é que poderia ameaçar a integridade ou a existência da nossa língua? Um dos fatores, frequentemente citado, é a influência do inglês – o mundo de empréstimos que andamos fazendo para nos expressarmos sobre certos assuntos.

Não se pode negar que o fenômeno existe; o que mais se faz hoje em dia é surfar, deletar ou tratar do marketing.

Mas isso não significa o desaparecimento da língua portuguesa. Empréstimos são um fato da vida, e sempre existiram. Hoje pouca gente sabe disso, mas avalanche, alfaiate, tenor e pingue-pongue são palavras de origem estrangeira; hoje já se naturalizam, e certamente ninguém vê ameaça nelas.

Quero dizer que não há o menor sintoma de que os empréstimos estrangeiros estejam causando lesões na língua portuguesa; a maioria, aliás, desaparece em pouco tempo, e os que ficam se assimilam. O português, como toda língua, precisa crescer para dar conta das novidades sociais, tecnológicas e culturais; para isso, pode aceitar empréstimos – ravióli, ioga, chucrute, balé – e também pode (e com maior frequência) criar palavras a partir de seus próprios recursos – como computador, ecologia, poluição – ou estender o uso de palavras antigas a novos significados – executivo ou celular, que significam hoje coisas que não significavam há vinte anos.

Mas isso não quer dizer que a língua esteja em perigo. Está só mudando, como sempre mudou, se não ainda estaríamos falando latim. Achar que a mudança da língua é um perigo é como achar que o bebê está “em perigo” de crescer.

Não estamos em perigo de ver nossa língua submergida pela maré de empréstimos ingleses. A língua está aí, inteira: a estrutura gramatical não mudou, a pronúncia é ainda inteiramente nossa, e o vocabulário é mais de 99% de fabricação nacional.

Uma atitude mais construtiva é, pois, reconhecer os fatos, aceitar nossa língua como ela é, e desfrutar dela em toda a sua riqueza, flexibilidade, expressividade e malícia.

Mário A. Perini. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 11-24. (Adapt.)

13 UFPE A tese principal defendida pelo autor se apoia no argumento de que:

- (a) os empréstimos estrangeiros causam lesões na língua, embora sejam efêmeros e assimiláveis.
- (b) há palavras cujos usos se estenderam e, por isso, receberam novos significados.

- (c) a língua portuguesa se distingue por ricos padrões de flexibilidade e expressividade.
- (d) a língua precisa crescer para dar conta das novidades sociais, tecnológicas e culturais.
- (e) a língua portuguesa tem uma tradição construtiva e merece que dela desfrutemos.

14 UFPE Pela compreensão global do texto, podemos admitir, como conclusão geral, que:

- (a) existem línguas passíveis de serem assimiladas e de se tornarem línguas universais.
- (b) a influência do inglês é frequentemente reconhecida como fator de mudança.
- (c) são inconsistentes as previsões negativas acerca do futuro da língua portuguesa.
- (d) o fenômeno dos empréstimos linguísticos se naturaliza e pode passar despercebido.
- (e) o latim teria sobrevivido historicamente, se fosse uma língua mais rica, mais flexível e expressiva.

Textos para as questões de 15 a 19.

Carta XIII – Ao rei d. João IV

4 de abril de 1654

[...]

Tornando aos índios do Pará, dos quais, como dizia, se serve quem ali governa como se foram seus escravos, e os traz quase todos ocupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos, obriga-me a consciência a manifestar a V.M. os grandes pecados que por ocasião deste serviço se cometem.

Primeiramente, nenhum destes índios vai senão violentado e por força, e o trabalho é excessivo, e em que todos os anos morrem muitos, por ser venenosíssimo o vapor do tabaco: o rigor com que são tratados é mais que de escravos; os nomes que lhes chamam e que eles muito sentem, feiíssimos; o comer é quase nenhum; a paga tão limitada que não satisfaz a menor parte do tempo nem do trabalho; e como os tabacos se lavram sempre em terras fortes e novas, e muito distante das aldeias, estão os índios ausentes de suas mulheres, e ordinariamente eles e elas em mau estado, e os filhos sem quem os sustente, porque não têm os pais tempo para fazer suas roças, com que as aldeias estão sempre em grandíssima fome e miséria.

Também assim ausentes e divididos não podem os índios ser doutrinados, e vivem sem conhecimento da fé, nem ouvem missa nem a têm para a ouvir, nem se confessam pela Quaresma, nem recebem nenhum outro sacramento, ainda na morte; e assim morrem e se vão ao inferno, sem haver quem tenha cuidado de seus corpos nem de suas almas, sendo juntamente causa estas crueldades de que muitos índios já cristãos se ausentam de suas povoações, e se vão para a gentildade, e de que os gentios do sertão não queiram vir para nós, temendo-se do trabalho a que os obrigam, a que eles de nenhum modo são costumados, e assim se vêm a perder as conversões e os já convertidos; e os que governam são os primeiros que se perdem, e os segundos serão os que os consentem; e isto é o que cá se faz hoje e o que se fez até agora.

Padre Antonio Vieira. Carta XIII, 1949.

O último pajé

Cheio de angústia e de rancor, calado,
Solene e só, a fronte carrancuda,
Morre o velho Pajé, crucificado
Na sua dor, tragicamente muda.
Vê-se-lhe aos pés, disperso e profanado,
O troféu dos avós: a flecha aguda,
O terrível tacape ensanguentado,
Que outrora erguia aquela mão sanhuda.
Vencida a sua raça tão valente,
Errante, perseguida cruelmente,
Ao estertor das matas derrubadas!
“Tupã mentiu!” e erguendo as mãos sagradas,
Dobra o joelho e a calva sobranceira
Para beijar a terra brasileira.

Péthion de Villar. “A morte do pajé”, 1978.

15 Vunesp Identifique a questão social abordada por ambos os textos.

16 Vunesp Explique em que medida o poema de Péthion de Villar, escrito em 1900, simboliza, com certa dramaticidade, um dos desfechos possíveis dos problemas apontados em 1654 por Vieira ao rei de Portugal.

17 Vunesp Aponte o que pretende significar Vieira, no terceiro parágrafo, sob o ponto de vista religioso, com a expressão “gentios do sertão”.

18 Vunesp Estabeleça, com base na leitura de todo o poema, o sentido que a palavra “crucificado” apresenta no terceiro verso do soneto de Péthion.

19 Vunesp O que quer enfatizar Vieira com a frase final “... e isto é o que cá se faz hoje e o que se fez até agora”?

20 Unicamp No folheto intitulado “Saúde da mulher – orientações”, distribuído em consultórios médicos, encontramos estas informações acerca de um produto que, aqui, chamaremos “P”:

A liberdade da mulher pode ficar comprometida quando surge em sua vida o risco de uma gravidez indesejada. Para estas situações, ela pode contar com P, um método de Contracepção de Emergência, ou pós-ato sexual, capaz de evitar a gestação com grande margem de segurança. O ginecologista poderá orientá-la sobre o uso correto desse método. [...] P é um método indolor, bastante prático e quase sem efeitos colaterais. Deve ser tomado num período de até 72 horas após o ato sexual desprotegido, sendo mais efetivo nas primeiras 48 horas. Age inibindo ou retardando a ovulação e torna o útero um ambiente impróprio para que o óvulo se implante. Dessa forma, não pode ser considerado um método abortivo, já que, quando atua, ainda não houve implantação do óvulo no útero.

“Saúde da mulher – orientações”.

a) A posição assumida no texto se baseia em uma distinção entre (medicamento) contraceptivo e (medicamento) abortivo. Explique o que vem a ser aborto para os fabricantes de P.

b) A partir do trecho transcrito, pode-se dizer que o folheto toma posição numa polêmica que tem um aspecto ético-religioso e um aspecto científico. Qual é a questão ético-religiosa da polêmica? Qual é a questão científica?

21 UFPB 2011

Profundamente

- | | | |
|----|---|---|
| 1 | Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor | – Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo |
| 4 | Estrondos de bombas
[luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas. | 24 Profundamente
Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa
[de São João
Parque adormeci |
| 8 | Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente | 28 Hoje não ouço mais as vozes
[daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues |
| 12 | Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel. | 32 Tomásia
Rosa |
| 16 | Onde estavam os que
[há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam | Onde estão todos eles?
– Estão todos dormindo
36 Estão todos deitados
Dormindo |
| 20 | Ao pé das fogueiras acesas? | Profundamente. |

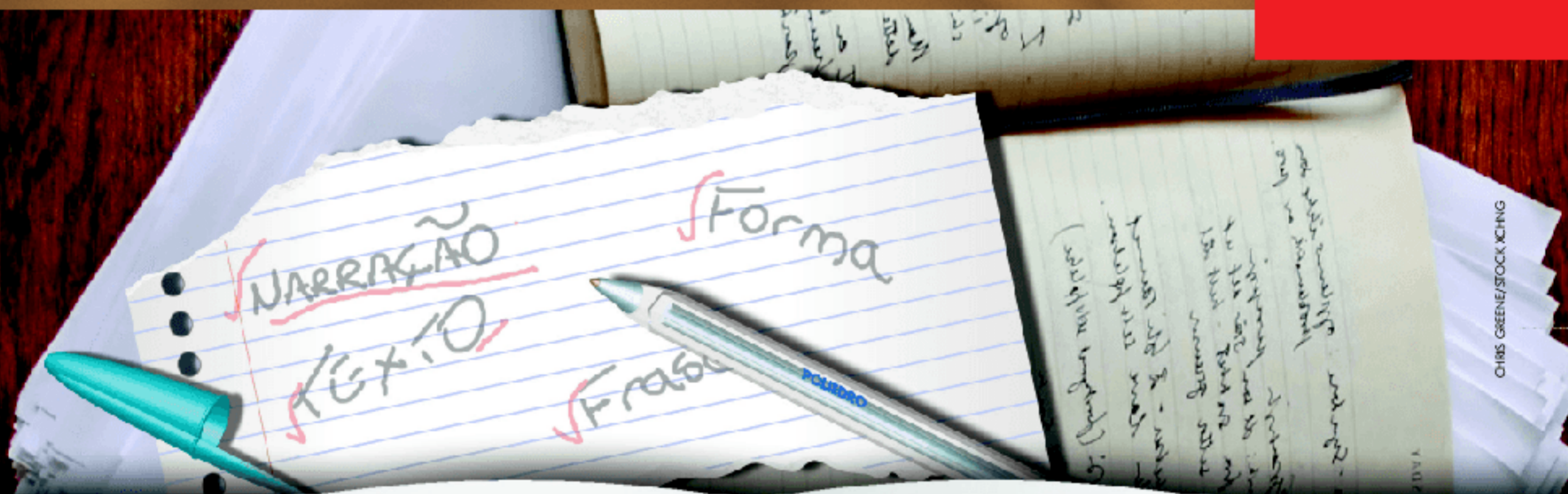
Manuel Bandeira. *Os melhores poemas de Manuel Bandeira/Seleção de Francisco de Assis Barbosa*. 12 ed. São Paulo: Global, 1998, p. 85-86. (Melhores poemas: 7).

Observando as sequências textuais, é correto afirmar que esse poema é marcado por uma estrutura predominantemente:

- (a) narrativa, impregnada de lembranças do eu lírico.
- (b) descritiva, caracterizada pela presença de imagens visuais.
- (c) dissertativa, assinalada pela reflexão sobre fatos da vida do eu lírico.
- (d) argumentativa, indicada pelo tom interrogativo do poema.
- (e) imperativa, assinalada pelo uso de perguntas retóricas.

Narratividade

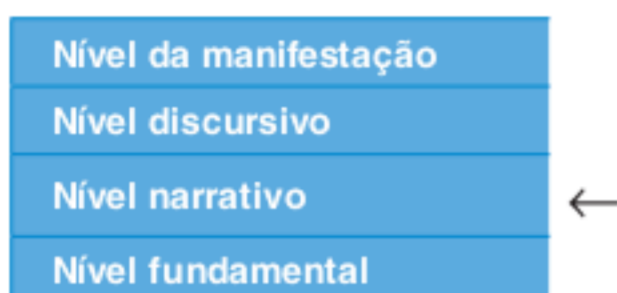
3



A charge ao lado discute um tema importante para todos os brasileiros: a fome. A fome representa – do ponto de vista das categorias modais (dever, querer, saber, poder, fazer, parecer, ser, crer) – um poder viver, poder que possibilita ao ser humano o fazer, ou seja, a *performance* da vida: trabalhar, estudar, criar uma família etc. A chuva de arroz assume, pois, duas interpretações: ligada aos noivos, funciona como uma espécie de sanção (juízo) positiva, o coroamento da união; ligada aos famintos, é o alimento para a sobrevivência. O arroz, como objeto de valor, representará para os recém-casados a conjugação com o amor; já para os famintos, a conjugação com o estado de saciedade. São duas realidades diferentes, que se opõem. A personagem que está nas escadas sanciona negativamente a *performance* dos famintos, assim como as demais personagens envolvidas no casamento (expressão facial e corporal de cada um). A sociedade recrimina, mas não reflete o porquê desse tipo de *performance*. Na realidade, os famintos vivem um conflito que os demais não experimentaram: eles devem comer (o organismo exige), eles querem comer (há esse desejo em qualquer ser humano), eles sabem comer (saber inato), mas não podem. E por que não podem? Há muitas respostas: má distribuição de renda, crise, falta de apoio do governo para as pessoas carentes etc. Ninguém come arroz de um casamento porque quer, assim como nenhum menino na rua está lá porque quer. Falta-lhe, em primeiro lugar, uma competência básica: o poder morar.

Introdução

Neste capítulo, estudaremos o conceito de narratividade. O capítulo está focado no texto narrativo, mas também pode servir para a análise do texto dissertativo. Serão estudados os enunciados que compõem a estrutura narrativa, as mudanças de estado e as categorias modais: o dever, o querer, o saber, o poder e o fazer. O conceito de narratividade não pode ser confundido com o conceito de narrativa, visto que o primeiro designa qualquer tipo de transformação. Do líquido para o sólido, temos, por exemplo, uma transformação. O estudo da narratividade está localizado no nível narrativo.



A estrutura narrativa básica que será estudada pode ser aplicada a qualquer texto e apresenta quatro etapas:

Manipulação → Competência → *Performance* → Sanção
(dever-querer) (saber-poder) (fazer)

Estrutura narrativa

O texto a seguir servirá de análise. Leia-o e, a seguir, estude a teoria.

As joias de Joana

A irmã a convenceu, afirmou que, se Joana roubasse a patroa, poderia ter uma vida boa, com conforto, comprar uma casa, por exemplo, sair da favela; livraria a todos do peso do aluguel. Disse ainda que se Joana não fizesse algo que mudasse



CALGEM/MORGUEFILE

Fig. 1 Joias.

a sua vida e de seu filho (Joana era mãe solteira), estaria condenada à miséria e ao sofrimento, que estaria sendo idiota por não abraçar essa chance de ouro. De fato, havia muitas joias na casa da patroa, só que Joana não sabia onde estavam guardadas.

Estimulada pela irmã, Joana decidiu procurar uma ex-empregada da casa, uma senhora que tinha sido despedida por suspeita de furto. O endereço dessa senhora, a cozinheira da casa o possuía. Joana contactou com a cozinheira e obteve o endereço. Joana, então, foi ao encontro da ex-empregada:

– Eu digo, mas eu quero uma participação.

– Metade é seu!

– A chave está dentro do vaso grego e o pequeno baú com as joias está dentro do guarda-roupa da patroa! Você é bastante esperta, conseguirá!

Dois dias após o diálogo com a ex-empregada, Joana furtou todas as joias da patroa e fugiu para o Rio de Janeiro. Hospedou-se em um hotel bem modesto no Catete, com a intenção de permanecer um mês, queria deixar o caso esfriar um pouco. Mas havia um problema: tinha de vender as joias rapidamente para repartir

o dinheiro com a ex-empregada, esta, aliás, era a única que sabia do seu paradeiro. Precisaria de um comprador, alguém que desse um bom dinheiro pelas joias. Lembrou-se de um conhecido em São Paulo que trabalhava nas ruas do centro, fazendo propaganda de compra e venda de ouro. Ele deveria saber! Joana ligou para o homem e combinou o encontro.

No dia seguinte, “em São Paulo,” os dois encontraram-se no local combinado. Era um daqueles cafés antigos da Rua Direita. Conversaram cinco minutos, quando apareceram cinco homens e deram voz de prisão para Joana. Ela não resistiu.

Posteriormente, Joana ficou sabendo que a ex-patroa prometeu dar uma recompensa de cinquenta mil reais a quem desse pistas sobre o seu paradeiro. O fato foi divulgado pela TV. As joias estavam estimadas em cinco milhões, Joana não sabia que valiam tanto. O conhecido fez contato com a ex-patroa, e a cilada foi armada. O conhecido de Joana, após receber a recompensa, comprou uma casa e saiu da favela. Joana foi condenada a dez anos de prisão.

A manipulação (o querer e o dever)

Partamos do primeiro elemento do percurso narrativo, a manipulação. Há quatro tipos: a tentação, a sedução, a intimidação e a provocação. O manipulador pode ser uma pessoa, um grupo, um conjunto de valores morais ou uma circunstância. O manipulador, inclusive, pode ser o próprio manipulado. Os valores morais de uma sociedade, por exemplo, levam as pessoas a agirem de determinada forma, impondo-lhes um padrão de comportamento. Em *Vidas secas*, o tempo atua como elemento manipulador à medida que obriga as personagens a caminharem em procura de trabalho, comida (dever-fazer). O clima tenso de uma prisão pode ser o responsável direto ou indireto de uma fuga, atuando como manipulador dos fatos.

Tentação



MINISTÉRIO DO TURISMO

Fig. 2 Tentação.

O manipulador oferece ao manipulado um objeto de valor abstrato ou material: *Toma a sopa, que eu te dou uma bola*. Ao manipular por tentação, o manipulador instala no manipulado o querer, o querer-estar em conjunção com o objeto de valor (a sopa). Na história citada, anteriormente, Joana é manipulada

pela irmã. Esta ofereceu àquela o objeto de valor conforto; já o conhecido de Joana é manipulado pela patroa, a qual ofereceu uma recompensa pelo paradeiro de Joana.

Sedução



Fig. 3 Sedução.

O manipulador elogia uma competência do manipulado: *Você é esperto Zezinho, tenho certeza de que você tomará a sopa! Sopa faz bem.* Da mesma forma que a tentação, o manipulado passa à condição de sujeito do querer. A sedução na história de Joana está presente quando a ex-empregada diz que Joana é esperta e que conseguirá realizar o assalto: – *A chave está dentro do vaso grego! Você é bastante esperta, conseguirá!*

Intimidação



Fig. 4 Intimidação.

O manipulador ameaça tirar do manipulado algo que este deseja: *Se você não tomar a sopa, não brinca lá embaixo!* O manipulador impõe ao manipulado um dever. No texto que serve de análise, a intimidação ocorre nesse excerto:

Disse ainda que se Joana não fizesse algo que mudasse a sua vida e de seu filho (Joana era mãe solteira), estaria condenada à miséria e ao sofrimento.

Veja este outro exemplo:



Fig. 5 Intimidação.

Nesse caso, o manipulador promete tirar do manipulado o objeto de valor vida, caso não se cumpra o que se exige: 500 mil dólares.

Provocação

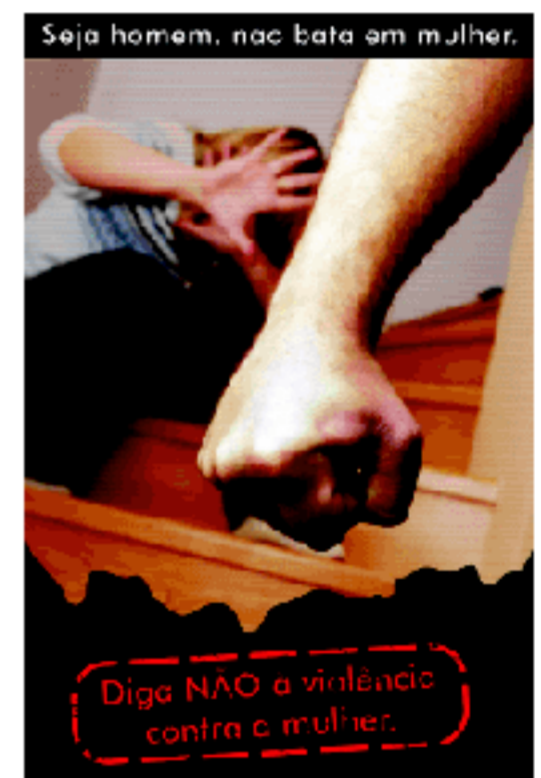


Fig. 6 Provocação.

Na provocação, o manipulador questiona uma competência do manipulado: *Você não é suficientemente corajoso para tomar esta sopa!* Da mesma forma que na intimidação, o manipulado passa a ser sujeito de um dever. A provocação é, pois, o oposto da sedução. Esta é positiva (instala-se um querer), aquela, negativa (instala-se um dever, uma obrigação). Na narrativa em análise, a provocação ocorre nesse trecho: *que estaria sendo idiota por não abraçar essa chance de ouro.*

É possível criar conflitos entre o querer e o dever; o sujeito quer, mas não deve, ou o sujeito deve, mas não quer. Bentinho, a famosa personagem de Machado de Assis, por exemplo, devia ser padre, mas não queria, pois amava Capitu.

A competência



Fig. 7 Saber.



Fig. 8 Poder.

A competência supõe um poder e um saber necessários para a realização da ação, a busca pelo objeto de valor, o fazer propriamente dito. No caso do roubo das joias, a ex-empregada é quem fornece à Joana o saber, o lugar onde está a chave. A chave, por sua vez, representa o poder, o poder roubar as joias. Nos filmes de caça ao tesouro, por exemplo, o mapa simbolizará o saber, e as armas, os navios – enfim, tudo aquilo que possibilita a busca pelo tesouro, o poder.

Quanto aos conflitos, podemos ter uma situação em que o sujeito pode, mas não sabe, ou sabe, mas não pode. É o caso de alguém que conhece o assassino, mas não o denuncia, pois se o fizer, será morto (não pode). Ou de um sujeito que pode frequentar os lugares mais finos da cidade, ganhou na loteria, mas não sabe, visto não possuir etiqueta necessária, sempre vivera em lugares mais simples. É possível, ainda, termos conflitos do tipo: quer, deve, pode, mas não sabe; ou quer, deve, sabe, mas não pode, e outras combinações.

A performance



Fig. 9 Performance.

A *performance* é a ação do sujeito em busca do objeto de valor; é ela que possibilita a mudança de estado do sujeito. No caso de Joana, ao roubar a joia, ela passa de um estado de disjunção com o objeto de valor (as joias) para um estado de conjunção. A *performance* é o resultado das modalidades anteriores, o sujeito não realiza a performance, por exemplo, se ele não for competente para isso. Quanto ao objeto de valor, não precisa ser algo material, pode ser algo bem abstrato como a cultura, o *status*, a sensualidade etc.

A sanção



Fig. 10 Sanção.

A sanção é a recompensa ou o castigo que a sociedade, ou um ser, impõe ao sujeito da *performance*. Joana foi sancionada negativamente por ter roubado as joias, foi presa. Já o conhecido de Joana foi sancionado positivamente (recebeu a recompensa) por sua *performance*. Há narrativas em que a história gira em torno da sanção, é o caso dos romances policiais em que a prisão do acusado é uma questão de honra para os policiais. A sanção pode ser pragmática (um bem material é oferecido) ou cognitiva (há um reconhecimento apenas: “Parabéns, você tirou nota 10.”). No texto a seguir, por exemplo, a justiça sanciona negativamente Mark Chapman ao negar o pedido de liberdade condicional.



Fig. 11 John Lennon.

Negado: o pedido de liberdade condicional a Mark Chapman, o assassino do líder dos Beatles, John Lennon, morto em dezembro de 1980, na frente do Edifício Dakota onde morava com a artista Yoko Ono, em Nova Iorque.

Veja on-line, 11 out. 2000.
Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/111000/datas.html>>.

Os tipos de enunciado

Há dois tipos de enunciado.

Enunciado de estado

São os que indicam um estado do ser em relação ao objeto de valor, a conjunção ou a disjunção:

- **enunciado inicial:** Joana em conjunção com a liberdade.
- **enunciado final:** Joana em disjunção com a liberdade.

Para maior compreensão, leia o texto a seguir.

Mardade de Cabocla

No arraíá do Bom Jesus	Tendo duas viola apostada
A gente vê uma cruz	E também a namorada
Que chama logo atenção	Lá na festa do arraíá
Quem fincou foi siá Chiquinha	Zé Simão indignou-se
A caboca mais bonita	Nos repentes intrapaiou-se
Que pisou no meu sertão	Perdeu pro Chico Ganzá

Essa moça era querida	Perdendo a viola amada
Que por ela davam a vida	E também a namorada
Os cabocos do rincão	Não disse mais nada, não
Dois home se apaixonaram	Foi manhãzinha encontrado
E um dia quando se oiaram	Com um punhá bem enterrado
Tiveram a mesma intenção	Pro riba do coração

Noel Rosa. Intérprete: _____. In: Noel pela primeira vez, v. 7. Brasil: Velas; Funarte, 2000. Faixa 32.

No texto “Mardade de Cabocla”, observam-se várias transformações de estado. Chiquinha encontra-se em um estado de conjunção com a beleza (“a caboca mais bonita que pisou no meu sertão”). Zé Simão e Chico Ganzá, antes da aposta, estão

em estado inicial de disjunção em relação ao seu objeto de valor, Chiquinha, e em conjunção com o objeto viola. Após a realização da aposta, Zé Simão passa ao estado final de disjunção em relação à Chiquinha, à viola (“perdendo a viola amada e também a namorada”) e, por fim, à vida (“com um punhal bem enterrado pro riba do coração”). Chico Ganzá, por sua vez, ganhador da aposta, mantém seu estado de conjunção com a viola e passa a estar em conjunção com seu objeto de valor, Chiquinha. O suicídio de João Simão é uma sanção imposta pelo próprio sujeito devido a sua performance de perder a viola e a namorada.

- **Estado inicial:** João Simão em conjunção com a vida.
- **Estado final:** João Simão em disjunção com a vida.

Enunciado de fazer

São os que possibilitam efetivamente a transformação, a mudança de estado.

- **Enunciado de fazer:** roubar as joias.
- **Enunciado de fazer:** prender Joana.

O primeiro enunciado de fazer possibilita a Joana a conjunção com as joias; já o segundo implica a disjunção com o objeto de valor e com a própria liberdade. No texto de Noel Rosa, o enunciado de fazer “apostar a namorada e a viola” vai desencadear outro enunciado de fazer, “fincar um punhal no coração”, que colocará João Simão em disjunção com a vida (enunciado de estado).

Programa de base

Trata-se do programa principal. No caso da história de Joana, o programa de base é roubar as joias. No caso de uma receita de bolo, o programa de base é assá-lo, para que as pessoas entrem em conjunção com uma sensação gustativa eufórica.

Programa de competência

Trata-se de programas auxiliares que ajudam na realização do programa de base. Buscar a chave foi um programa narrativo de competência para o programa de base roubar as joias, assim como estudar em casa é programa de competência para a *performance* principal, que é passar de ano, entrar na faculdade, ir bem no vestibular. Para se fazer um bolo, por exemplo, são necessárias algumas *performances*. Untar a fôrma é uma delas, trata-se de um programa auxiliar, uma competência necessária para que o bolo tenha sucesso e possa ser servido. O programa de competência leva o sujeito a estar em conjunção com um saber ou um poder necessários para a *performance*.

Depoimento de Xuxa: *Eu costumava dizer que Marlene era a cabeça e eu, o corpo. Hoje sei que sou mais dependente dela do que pensava. Posso dizer que Marlene é a cabeça e os pés, porque eu não consigo andar sem ela. [...]*

João Gabriel de Lima. *Veja on-line*, ed. 1670. 11 out. 2000. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/111000/p_088.html#depo>.

No texto citado, por exemplo, enfatiza-se a competência. A empresária de Xuxa realiza para a apresentadora programas de competência, como marcar espetáculos etc.

Programas narrativos Programas de aquisição

O sujeito adquire os objetos de valor. Há duas maneiras.

Aquisição transitiva

Alguém os doa. Misael dá a Maria Elvira o tratamento médico, colocando-a em conjunção com a beleza.

Aquisição reflexiva

O sujeito adquire por si mesmo. Maria Elvira arruma um namorado e entra em conjunção com os valores relativos ao amor.

Programas de privação

O sujeito perde os objetos de valor. Há duas maneiras.

Privação transitiva

Alguém tira do sujeito o objeto de valor. É o que ocorre com Joana quando ela é presa. É o que ocorre também com Collor quando ele perde o poder: o Congresso tira-lhe a presidência da República.

Privação reflexiva

É o próprio sujeito que se afasta do objeto de valor. Um bom exemplo é a renúncia de Jânio Quadros.

Nível fundamental e nível narrativo

As transformações de estado, estudadas neste capítulo, são as responsáveis pela mudança tímica (euforia e disforia). Ao conseguir o objeto de valor, o sujeito passa da disforia para a euforia. Leia o texto a seguir.

Fábula moderna

A história (quase encantada) de um ex-interno da Febem, salvo da sarjeta por uma francesa.

[...]

“No mundo há os que choram e os que vendem lenços. Hoje, estou entre os que vendem lenços.”

Cristina Poles. *Veja on-line*, ed. 1670. 11 out. 2000. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/111000/p_070.html>.

O ex-interno passa de uma situação disfórica (a prisão) para uma situação eufórica (a liberdade). A transformação ocorre graças a um programa narrativo de aquisição transitiva, segundo o texto: a ajuda da francesa. A oposição subjacente ao texto é opressão x liberdade.

Revisando

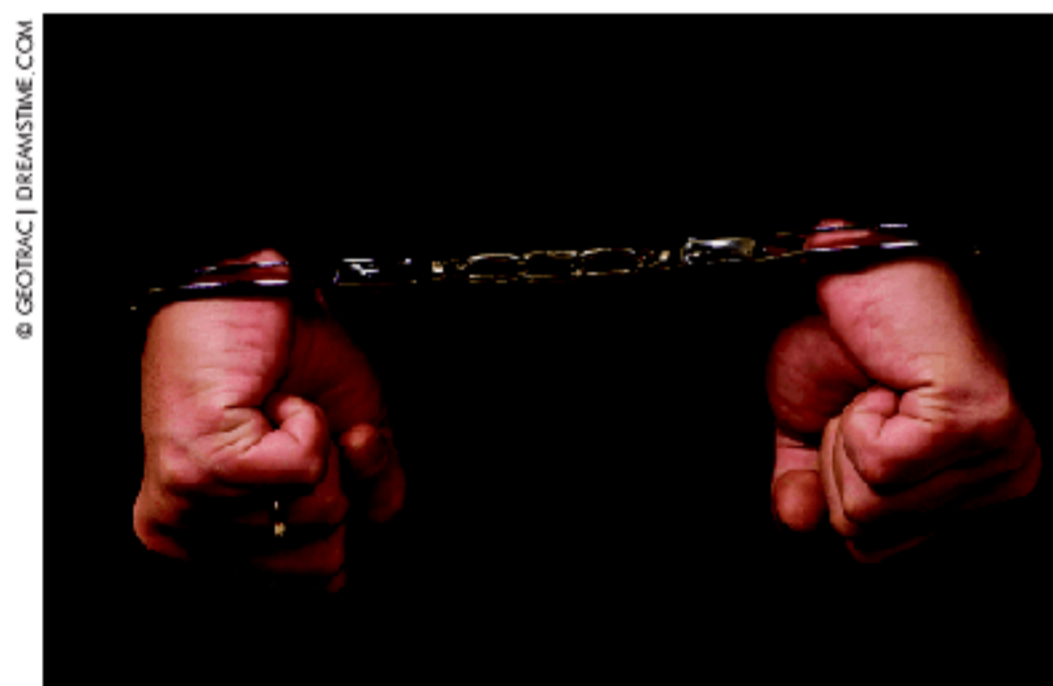
1 Leia o texto a seguir.

O brasileiro não sabe votar.

A frase apresenta um tipo de problema. De qual se trata?

2 A todo momento ocorrem conflitos entre o querer e o dever. Como isso ocorre no caso da homossexualidade em uma sociedade machista?

3 Observe a foto a seguir.



Dentro do que foi estudado neste capítulo, o que a foto privilegia?

4 Leia.

Acredito que, para ser um bom vencedor, você precisa saber perder.

Michael Schumacher. *Folha de S.Paulo*, 9 out. 2000.

Na frase do campeão, observa-se a ênfase na *performance*, na sanção ou na competência?

5 Leia o texto a seguir, extraído da *Folha de S.Paulo*.

Pagodeiro não paga pensão a filho e é preso.

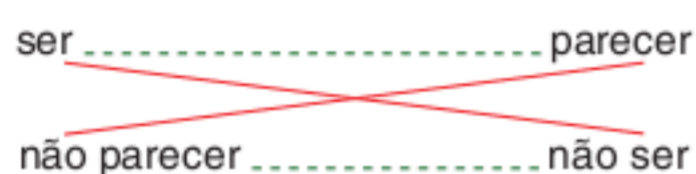
- I. Há uma mudança de estado devido a um dever-fazer não cumprido.
- II. Há uma sanção negativa devido a uma prescrição não atendida.
- III. A justiça realiza um programa de privação transitiva.

Quais afirmações estão corretas?

Exercícios propostos

Nas questões de 1 a 4, dê o tipo de manipulação.

- 1 “Não seja bobo, vá lá, mostre que você gosta dela!”
- 2 “Venha para o Hotel Sete Amores e entre em contato com o paraíso.”
- 3 “O leitor é bastante hábil para enxergar nesse discurso segundas intenções.”
- 4 “Se você insistir, eu a demito!”
- 5 Veja a seguir.



Coloque 1 para a verdade, 2 para a mentira, 3 para o falso, 4 para o segredo.

- ser e parecer
- parecer e não ser
- ser e não parecer
- não parecer e não ser

Texto para as questões de 6 a 11.

Pois bem, você
vai escutar as contas que eu vou lhe fazer:
te conheci moleque, frouxo, perna bamba,
barba rala, calça larga, bolso sem fundo
Não sabia nada de mulher nem de samba
e tinha um putinho dum medo de olhar pro mundo
As marcas de homem, uma a uma, Jasão,
tu tirou todas de mim. O primeiro prato,
o primeiro aplauso, a primeira inspiração,
a primeira gravata, o primeiro sapato
de duas cores, lembra? O primeiro cigarro,
a primeira bebedeira, o primeiro filho,
o primeiro violão, o primeiro sarro,
o primeiro refrão e o primeiro estribilho
Te dei cada sinal do teu temperamento
Te dei matéria-prima para teu tutano
E mesmo essa ambição que, neste momento,
se volta contra mim, eu te dei, por engano
Fui eu, Jasão, você não se encontrou na rua
Você andava tonto quando eu te encontrei
Fabriquei energia que não era a tua
pra iluminar uma estrada, uma estrada que eu te apontei
E foi assim, enfim, que eu vi nascer do nada
uma alma ansiosa, faminta buliçosa,
uma alma de homem. Enquanto eu, enciumada
dessa explosão, ao mesmo tempo, eu vaidosa
orgulhosa de ti, Jasão, era feliz,

eu era feliz, Jasão, feliz e iludida,
porque o que eu não imaginava, quando fiz
dos meus dez anos a mais uma sobrevida
para completar a vida que você não tinha,
é que estava desperdiçando o meu alento,
estava vestindo um boneco de farinha
Assim que bateu o primeiro pé de vento,
assim que despontou um segundo horizonte,
lá se foi meu homem-orgulho, minha obra
completa, lá se foi pro acervo de Creonte...
Certo, o que eu não tenho, Creonte tem de sobra
Prestígio, posição... Teu samba vai tocar
em tudo quanto é programa. Tenho certeza
que a gota-d'água não vai parar de pingar
de boca em boca... Em troca pela gentileza
vais engolir a filha, aquela mosca-morta
como engoliu meus dez anos. Esse é o teu preço, dez anos.
Até que apareça uma outra porta que te leve direto pro inferno.
Conheço a vida rapaz. Só de ambição, sem amor,
tua alma vai ficar torta, desganhada,
aleijada, pestilenta... Aproveitador!
Aproveitador!

Chico Buarque e Paulo Pontes. *Gota-d'água*. São Paulo: Círculo do Livro/
Civilização Brasileira, 1975. p. 98-9.

- 6 Em [...] que te leve direto pro inferno, ocorre a:
 - (a) manipulação por tentação.
 - (b) a *performance* de quem fala.
 - (c) a sanção de quem fala.
 - (d) a competência de Jasão.
 - (e) a manipulação por sedução.
- 7 Antes de conhecer quem fala, Jasão:
 - (a) queria, mas não podia.
 - (b) queria e podia.
 - (c) não queria, mas podia.
 - (d) podia e sabia.
 - (e) não queria e não sabia.
- 8 Ao ensinar a Jasão os segredos da vida, o eu lírico:
 - (a) realiza uma sanção negativa.
 - (b) realiza uma sanção positiva.
 - (c) realiza em nome de Jasão a *performance* principal.
 - (d) dá a ele uma competência necessária.
 - (e) manipula-o por provocação.
- 9 Em [...] estava vestindo um boneco de farinha [...], observa-se:
 - (a) a manipulação.
 - (b) a *performance* de Jasão.
 - (c) a competência de Jasão.
 - (d) a sanção do eu lírico.
 - (e) n.d.a.

- 10** A aquisição de uma competência está explícita em:
- (a) "Tenho certeza que a gota-d'água não vai parar de pingar..."
 - (b) "Em troca pela gentileza..."
 - (c) "... aquela mosca morta..."
 - (d) "Só de ambição, sem amor..."
 - (e) "Te dei a matéria-prima para teu tutano..."

11 Jasão, ao conhecer o eu lírico, passa de um querer não ser para um querer-ser. Explique com suas próprias palavras o que isso significa.

- 12** A independência pode ser traduzida por um:
- (a) querer-fazer.
 - (b) dever-fazer.
 - (c) poder não fazer.
 - (d) não poder fazer.
 - (e) saber não fazer.

- 13** Assinale a alternativa que traduz com precisão a prescrição e a interdição:
- (a) dever não fazer e dever-fazer.
 - (b) dever-fazer e não saber fazer.
 - (c) dever-fazer e dever não fazer.
 - (d) não dever fazer e dever-fazer.
 - (e) querer-fazer e dever não fazer.

- 14** O suicídio de Getúlio Vargas pode ser encarado como um programa narrativo de:
- (a) aquisição transitiva.
 - (b) aquisição reflexiva.
 - (c) privação transitiva.

- (d) privação reflexiva.
- (e) n.d.a.

Texto para a questão 15.



- 15** Na imagem, fica clara a _____ do governo cubano em relação aos que fugiram do país (como alguns esportistas que competiram no Pan).
- (a) competência
 - (b) performance
 - (c) sanção
 - (d) a manipulação por tentação
 - (e) manipulação por sedução

CHARGE DE LIBERATI PUBLICADA NO JORNAL DO BRASIL EM 13 JUL. 2007

TEXTO COMPLEMENTAR

Sobre as modalidades



René Magritte. *The Menaced assassin*, 1927. Óleo sobre tela. Museu de Arte Moderna, Nova York, Estados Unidos.

A modalidade do querer está ligada ao desejo, à sexualidade, ao id, à criança, à diversão, à loucura. A ambição, por exemplo, pode ser traduzida por um querer-ser; o medo, por um querer não ser; quando passamos de um querer não ser para um querer-ser, estaremos vencendo um de nossos bloqueios: o que era medo, agora é objeto de desejo. A modalidade do dever está associada ao trabalho, ao mundo adulto, à moral, ao superego, às leis. O código penal é uma prescrição – dever-fazer – e uma interdição – dever não fazer, assim como o receituário médico. Ser modalizado excessivamente por uma das categorias modais, em se tratando de adulto, é correr perigo; o ideal é que sejamos equilibrados, dando vazão ao querer e ao dever nas horas adequadas. A modalidade do saber está ligada ao conhecimento de modo geral, à intelectualidade, a instituições como a escola e o mosteiro; o saber é competência necessária para a evolução e o conhecimento de mundo. A modalidade do poder

associa-se às instituições políticas, à realeza, ao mundo material; é o poder muitas vezes que permite colocar em prática o saber. Se quero, devo, posso, mas não sei, tenho um problema. Da mesma forma, se quero, devo, sei, mas não posso. No primeiro caso, temos o aluno que possui condições materiais para cursar a escola, mas falta demais ou não estuda; no segundo caso, temos milhões de brasileiros que devem, querem, sabem, mas não podem, não possuem dinheiro para fazer uma faculdade particular (a gratuita

pressupõe um ensino de qualidade, um saber preparatório a que essa camada social não tem acesso). A modalidade do fazer é a própria *performance*, é o agir no mundo, é a ação; a propaganda é um fazer-creer (acreditar que o que diz é verdade) e um fazer-fazer (fazer-comprar o produto). As categorias modais sempre estarão presentes nas transformações do ser e da ciência; estudá-las, portanto, é conhecer melhor o ser humano.

Renato Gomes de Carvalho



ANDREW C. JSTOCK.XCHING

O querer.



JUNIOR GOMES/JSTOCK.XCHING

O saber.



RIGGVELTER/WIKIMEDIA COMMONS

O poder.



ALMA/WIKIMEDIA COMMONS

O fazer.



© LUCIANO MORTUJA | DREAMSTIME.COM

O ser.



BTR/JSTOCK.XCHING

O parecer.

RESUMINDO

Estrutura narrativa canônica

A estrutura narrativa básica estudada, e que pode ser aplicada a qualquer texto, possui quatro etapas:

Manipulação	⇒	Competência	⇒	Performance	⇒	Sanção
(dever - querer)		(saber - poder)		(fazer)		(castigo - recompensa)

Tipos de manipulação

O manipulador pode ser uma pessoa, um grupo ou até uma circunstância. O manipulador, inclusive, pode ser o próprio manipulado.

- **Tentação:** o manipulador oferece ao manipulado um objeto de valor (abstrato ou material), algo em troca, que o tente.
- **Sedução:** o manipulador destaca no discurso as qualidades do manipulado.
- **Intimidação:** o manipulador ameaça tirar do manipulado algo que este deseja ou gosta.
- **Provocação:** o manipulador questiona uma competência do manipulado.

A competência:

A competência supõe um poder e um saber necessários para a realização da ação, a busca pelo objeto de valor, o fazer propriamente dito.

- **A performance:** é a ação do sujeito em busca do objeto de valor; é ela que possibilita a mudança de estado do sujeito.
- **A sanção:** é a recompensa ou o castigo que a sociedade, ou um ser, impõe ao sujeito da performance.

Tipos de enunciado

- **Enunciado de estado:** são os que indicam um estado do ser em relação ao objeto de valor: a conjunção ou a disjunção.
- **Enunciado de fazer:** são os que possibilitam efetivamente a transformação, a mudança de estado.

Programa de base e programa de competência

- **Programa de base:** trata-se do programa principal.
- **Programa de competência:** trata-se de programas auxiliares que ajudam na realização do programa de base.

Programas narrativos

Programas de aquisição: o sujeito adquire os objetos de valor. Há duas maneiras que são a:

- **aquisição transitiva:** alguém os doa.
- **aquisição reflexiva:** o sujeito adquire por si mesmo.

Programas de privação: o sujeito perde os objetos de valor:

- **privação transitiva:** alguém os tira.
- **privação reflexiva:** ele mesmo se priva.

■ QUER SABER MAIS?



LIVRO

- Dr. Oliver Sacks. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.



SITE

- <<http://fotografosbrasileiros.blogspot.com>>.



FILME

- *Satyricon*. Direção de Federico Fellini. 1969.

Exercícios complementares

1 Unicamp São comuns, na imprensa, manifestações de profissionais liberais transmitindo ao grande público informações sobre questões técnicas de interesse social. O texto a seguir, de autoria de um advogado, elabora uma distinção relevante para definir as responsabilidades de uma certa categoria profissional, em caso de insucesso:

[...] Os processos judiciais contra médicos são complexos em razão da dificuldade de aferição da culpa pelo dano sofrido. A responsabilidade civil dos médicos em ações de indenização é, em geral, de meios e não de resultado. A obrigação de meios ocorre quando um profissional assume prestar um serviço ao qual dedicará toda a sua atenção, cuidado e conhecimento através das regras consagradas pela prática médica, sem se comprometer com a obtenção de um certo resultado. A obrigação de resultado é aquela em que o profissional se compromete a realizar um certo fim, a alcançar um determinado resultado. As exceções consagradas pela jurisprudência são a cirurgia estética embelezadora e a anestesia, atos médicos tidos como obrigações de resultado. Desde que o ordenamento jurídico brasileiro, a doutrina e a jurisprudência consagraram a necessidade da prova de culpa para aquele que pretenda uma indenização por ato ilícito de outrem, a prova desta mesma culpa, no caso dos médicos, tendo obrigação geral de meios, reside na comprovação de que o profissional agiu com falta de cuidado ou deixou de aplicar a prática dos recursos usuais da ciência médica aplicáveis ao caso concreto.

Rafael Maines. "Responsabilidade". *Diário Catarinense*, 25 ago. 2001.

- Diga, sucintamente, qual é a distinção apresentada no texto, e como ela afeta a categoria profissional em questão.
- Imagine que você mandou consertar um equipamento qualquer, mas o conserto não foi bem-sucedido. Formule uma breve reclamação, partindo do princípio de que a firma responsável pelo conserto tinha obrigação de meios, não de resultado.
- Nos dicionários, as palavras aparecem, em geral, associadas a vários sentidos. Para "consagrar", o dicionário *Houaiss* anota, entre outros, os seguintes: 1. Investir(-se) de caráter ou funções sagradas, dedicando(-se), por meio de um rito, a uma ou mais de uma divindade; sagrar. 2. Entre os católicos e em certas seitas protestantes, operar a transubstanciação pelo rito da eucaristia. 3. Oferecer(-se) a Deus, a um santo etc. por meio de voto ou promessa. [...] 6. Aclamar, eleger, promover, elevar. 7. Reconhecer como legítimo; acolher, sancionar. 8. Jurar pela hóstia consagrada. Supondo que você tenha dúvidas sobre o sentido de "consagradas" ("exceções consagradas") e "consagraram" ("a doutrina e a jurisprudência consagraram"), em qual das definições se apoiaria para aproximar-se da acepção que essas palavras têm no texto?

2 Enem Erico Verissimo relata, em suas memórias, um episódio da adolescência que teve influência significativa em sua carreira de escritor.

Lembro-me de que certa noite – eu teria uns quatorze anos, quando muito – encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam “carneado”. [...] Apesar do horror e da náusea, continuei firme onde estava, talvez pensando assim: se esse cabo-clo pode aguentar tudo isso sem gemer, por que não hei de poder ficar segurando esta lâmpada para ajudar o doutor a costurar esses talhos e salvar essa vida? [...]

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a ideia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivemos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto.

Erico Verissimo. *Solo de Clarineta*. Tomo I. Porto Alegre: Globo, 1978.

Neste texto, por meio da metáfora da lâmpada que ilumina a escuridão, Erico Verissimo define como uma das funções do escritor e, por extensão, da literatura:

- criar a fantasia.
- permitir o sonho.
- denunciar o real.
- criar o belo.
- fugir da náusea.

Texto para as questões de 3 a 5.

Em Nova Gales do Sul, Austrália, o magistrado Thomas Cleary, julgando o processo movido por um conselho municipal contra 30 pessoas que foram nuas à praia de Reef, em Sidney, decretou que uma lei aplicada desde 1919 para processar banhistas nus, na verdade, só se aplica às roupas com que eles vão à praia.

A lei estipula que as roupas de banho não devem ser “indecentes, inadequadas, finas demais ou estar em mau estado de conservação”. “A lei se aplica à roupa que está sendo usada por uma pessoa”, disse o juiz. “Ela não se aplica à pessoa que não veste nada”, concluiu por amor e lógica. Na terça-feira Cleary considerou improcedente a aplicação da lei.

Folha de S.Paulo, 8 abr. 1993. p. 2-11.

3 FGV De acordo com o texto:

- (a) a lei de 1919 fora feita especificamente para processar banhistas nus.
- (b) o juiz, ao considerar improcedente a aplicação da lei, implicitamente condenou os banhistas.
- (c) o conselho municipal decretou que a lei para punir os banhistas nus era improcedente.
- (d) o legislador antigo deu à lei a redação acima porque, em sua época, já se pressupunha a existência de banhistas nus.
- (e) o juiz tomou sua decisão porque nada encontrou na letra da lei que contrariasse a presença de nudistas na praia.

4 FGV O julgamento do juiz pode ser considerado:

- (a) uma sanção.
- (b) uma competência.
- (c) uma manipulação.
- (d) um objeto de valor.

5 FGV Na interpretação do juiz está em jogo:

- (a) um implícito não considerado.
- (b) uma intertextualidade.
- (c) uma relação de causa e consequência.
- (d) uma sanção negativa aos banhistas.

Texto para as questões 6 e 7.

O que é filosofia?

Querida Sofia,

Muitas pessoas têm hobbies diferentes. Algumas colecionam moedas e selos antigos, outras gostam de trabalhos manuais, outras ainda dedicam quase todo seu tempo livre a uma determinada modalidade de esporte.

Também há os que gostam de ler. Mas os tipos de leitura também são muito diferentes. Alguns leem apenas jornais ou gibis, outros gostam de romances, outros ainda preferem livros sobre temas diversos como astronomia, a vida dos animais ou as novas descobertas da tecnologia.

Se me interesse por cavalos ou pedras preciosas, não posso querer que todos os outros tenham o mesmo interesse. Se fico grudado na televisão assistindo a todas as transmissões de esporte, tenho que aceitar que outras pessoas achem o esporte uma chatice.

Mas será que existe alguma coisa que interessa a todos? Será que existe alguma coisa que concerne a todos, não importando quem são ou onde se encontram? Sim, querida Sofia, existem questões que deveriam interessar a todas as pessoas. E é sobre tais questões que trata esse curso.

Qual é a coisa mais importante da vida? Se fazemos esta pergunta a uma pessoa de um país assolado pela fome, a resposta será: a comida. Se fazemos a mesma pergunta a quem está morrendo de frio, então a resposta será: o calor. E quando perguntamos a alguém que se sente sozinho e isolado, então certamente a resposta será: a companhia de outras pessoas.

Mas, uma vez satisfeitas todas estas necessidades, será que ainda resta alguma coisa de que todo mundo precise? Os filósofos acham que sim. Eles acham que o ser humano não vive apenas de pão. É claro que todo mundo precisa comer. E precisa também de amor e de cuidado. Mas ainda há uma coisa de que todos nós precisamos. Nós temos a necessidade de descobrir quem somos e por que vivemos.

Portanto, interessar-se em saber por que vivemos não é um interesse “casual” como colecionar selos, por exemplo. Quem se interessa por tais questões toca um problema que vem sendo discutido pelo homem praticamente desde quando passamos a habitar este planeta. A questão de saber como surgiu o universo, a Terra e a vida por aqui é uma questão maior e mais importante do que saber quem ganhou mais medalhas de ouro nos últimos Jogos Olímpicos.

Jostein Gaarder. *O mundo de Sofia*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 24-5.

6 Os filósofos acreditam que o ser humano não vive apenas de pão. Comente a afirmativa.

7 A questão central do texto remete a uma das categorias modais (querer dever, saber poder, crer, ser, parecer), diga qual é.

Texto para a questão 8.

– Hhmm... que preguiça! Mas Piaimã insistia pro herói balangar.
– Eu até que nem não sei balançar... Melhor você vai primeiro, que Macunaíma rosnou.

– Que eu nada, herói! É fácil que nem beber água. Assuba na japecanga, pronto: eu balanço!

– Então aceito, porém você vai primeiro, gigante.

Piaimã insistiu, mas ele sempre falando pro gigante balançar primeiro. Então, Venceslau Pietro Pietra amontou no cipó e Macunaíma foi balançando cada vez mais forte [...]

Balançou até o gigante ficar bem tonto e então deu um arranco fortíssimo na japecanga. Era porque tinha comido cobra e estava furibundo. Venceslau Pietro Pietra caiu no buraco berrando cantando:

– Lem lem lem... si desta escapar, nunca mais como ninguém!

Mário de Andrade. *Macunaíma*.

8 ESPM Em toda obra, Macunaíma perpassa uma perspectiva primitiva alheia à lógica racional. Assinale a passagem que sustenta essa afirmação.

- (a) “Mas Piaimã insistia pro herói balangar.”
- (b) “Então Venceslau Pietro Pietra amontou no cipó...”
- (c) “...e Macunaíma foi balançando cada vez mais forte.”
- (d) “Era porque tinha comido cobra e estava furibundo.”
- (e) “Venceslau Pietro Pietra caiu no buraco berrando cantando.”

9 Leia o anúncio a seguir.

Para a concorrência, seu produto é café com leite?

Que tal um banquete de marketing na sua empresa?

LePera Marketing

O mais completo menu de propaganda. Agente no Brasil, S/A.
Planejamento | Propaganda | Marketing | Criação | Emissão | Avaliação | Acompanhamento

No texto citado, *seu produto é café com leite*, está em jogo a manipulação por:

- (a) tentação. (c) sedução.
(b) provocação. (d) intimidação.

Texto para as questões 10 e 11.

E uma amiga minha, acostumada a ler histórias infantis pro filho, disse que o Inocêncio parece aquele lobo que pinta as patinhas de branco pra enganar as ovelhinhas. E me disseram que o Lula é o FHC dos pobres! E aí me perguntaram: Mas você não acredita em nada? Acredito. EU ACREDITO EM GNOMOS! [...] Hoje só amanhã.

José Simão. "Ueba! É tudo Inocência até prova em contrário!",
Folha de S.Paulo, 30 abr. 1998.

10 Destaque um segmento em que a *performance* é competência necessária para atingir um objeto de valor. Procure explicá-lo.

11 Destaque do texto uma passagem irônica e explique-a.

12 Veja o texto a seguir.



- I. O uso da perspectiva cria efeito de movimento, o leitor é convidado a uma *performance*: percorrer a estrada.
II. A estrada, o avião, a perspectiva apontam para uma direção em que a ideia de “chave do destino” está manifestada por meio de signos verbo-visuais.
III. Do ponto de vista da sua construção, o texto possui características cubistas, em que a fragmentação da imagem cria efeito de sentido.
IV. A imagem não possui valor estético, pois não define com precisão o tema.

Está(ão) correta(s):

- (a) apenas I e II. (d) apenas I.
(b) apenas II e III. (e) apenas III.
(c) apenas I e IV.

Texto para a questão 13.

Revolução pela educação
A Coreia fez, o Brasil também pode fazer.

13 Considere as seguintes afirmações sobre o texto citado:

- I. Na manchete principal, nota-se a elipse dos complementos verbais; tal procedimento visa a convidar o leitor para a

leitura da capa como um todo. Tal procedimento também dá maior concisão ao texto.

- II. As formas verbais “fez” e “pode fazer” representam, respectivamente, a competência e a *performance* dos países envolvidos.
III. O advérbio “também” é empregado como mecanismo de coesão, retomando uma informação anteriormente mencionada. Ele dispara o pressuposto de que outros fizeram a revolução.

Está(ão) correta(s):

- (a) apenas I e III.
(b) apenas II.
(c) apenas III.
(d) apenas I e II.
(e) todas.

Texto para as questões 14 e 15.

Mecanismos ideológicos

São propagadas ideias que interferem nas opiniões das pessoas sem que elas se apercebam disso; são levadas a agir de uma ou outra forma que lhes é imposta. São obrigadas a conhecer a realidade somente naqueles aspectos que são permitidos e liberados, não há outra maneira de agir. Em 1964, por exemplo, os militares – com apoio de segmentos da classe média, de políticos e de empresários – redefiniram o regime político: restrição a participação popular, reorientação do modelo econômico (penetração do capital externo). Foram criadas diretrizes em função das multinacionais, grandes proprietários de terras, industriais, comerciantes e banqueiros. Estimulava-se o acúmulo de capital sem os incômodos das tensões causadas pela luta reivindicatória dos trabalhadores.

Nelson Jahr Garcia. *Propaganda ideológica*. ed 11. Brasiliense, 1982.

14 Assinale a alternativa em que haja uma avaliação equivocada da manipulação empregada.

- (a) Não houve massacre!

Policiais que participaram do massacre do Carandiru.

Manipulação: denúncias infundadas.

- (b) PT aproveita festa de aniversário para lançar candidatura de Lula. Com jantar a preços de R\$ 200 e R\$ 5.000, partido quer espantar a crise.

Folha de S.Paulo, 2 fev. 2006.

Manipulação: construção de uma imagem positiva do político.

- (c) TCU vê indício de irregularidades em tapa-buracos.

Folha de S.Paulo, 10 fev. 2006.

Manipulação: construção de obras e programas sociais, muitas vezes faraônicos.

- (d) Confiamos no Brasil

Costa e Silva.

Manipulação: ufanismo.

- (e) Viva a mata ta ta

Viva a mulata ta ta ta ta

Caetano Veloso, *Tropicália*.

Manipulação: idealização da pátria.

15 Em São obrigadas a conhecer a realidade somente naqueles aspectos que são permitidos e liberados, não há outra maneira de agir, o autor faz referência à utilização:

- (a) da ambiguidade como instrumento de manipulação.
- (b) da falta de progressão lógica, que confunde o leitor, manipulando-o.
- (c) do viés, que torna parte da realidade inacessível.
- (d) uso de termos metafóricos, que obscurecem a realidade em prol de um devaneio poético.
- (e) emprego de implícitos, que são facilmente percebidos pelo leitor comum.

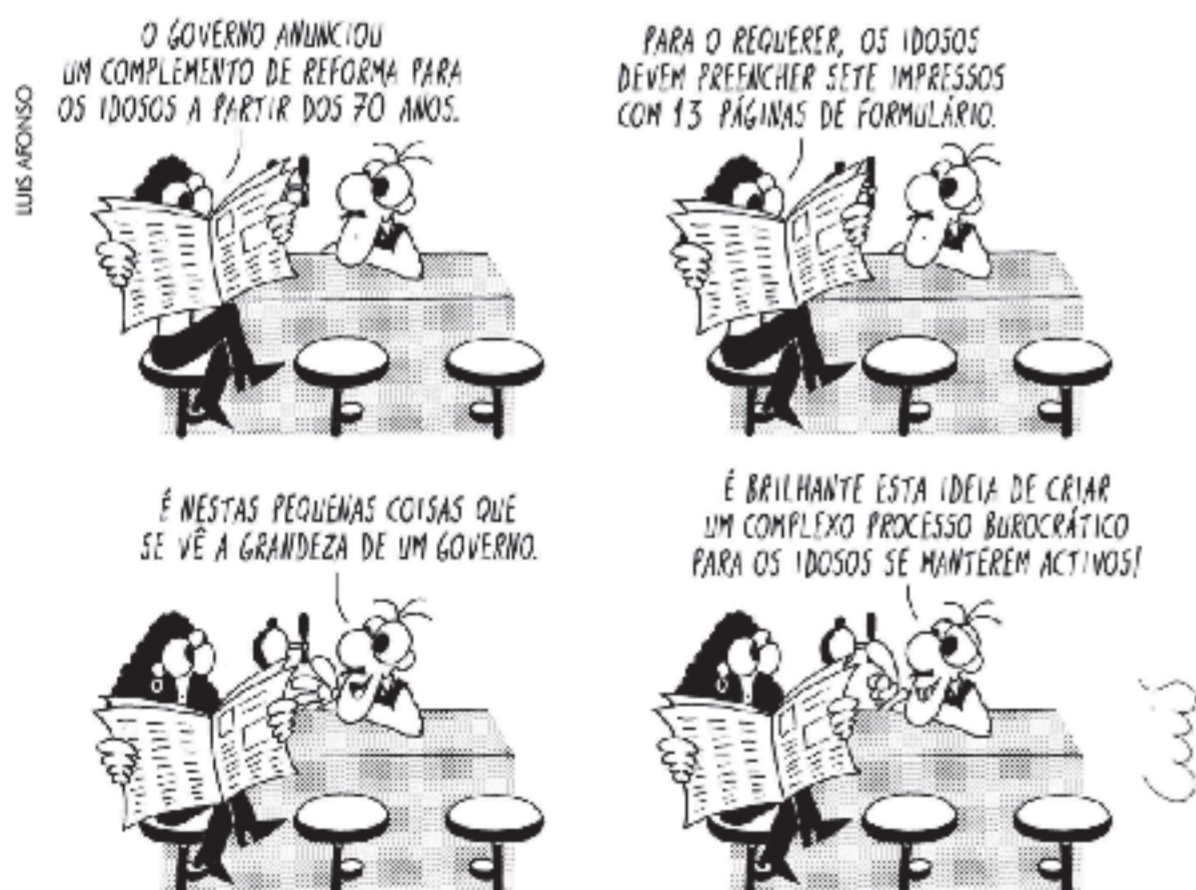
Texto para a questão 16.



16 O drama de Hagar pode ser traduzido pelo conflito existente entre:

- (a) poder x não saber.
- (b) dever x não saber.
- (c) crer x não saber.
- (d) parecer x não saber.
- (e) querer x não poder.

Texto para a questão 17.



17 Considere as afirmativas.

- I. Segundo a charge, para o aposentado receber seu benefício é exigida uma competência que ele pode não ter.
- II. O texto é irônico, pois a lei acaba complicando a *performance* do aposentado: receber seu benefício.
- III. A palavra “complexo” deve ser interpretada de forma positiva, pois faz referência à uma burocracia mais meticulosa.

Estão corretas:

- (a) apenas I e II.
- (b) apenas I e III.
- (c) apenas II e III.
- (d) apenas II.
- (e) todas.

Texto para a questão 18.

[...]
 Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
 Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
 Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
 Assim, como sou, tenham paciência!
 Vão para o diabo sem mim,
 Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
 Para que havemos de ir juntos
 [...]

Fernando Pessoa. *O Eu profundo e os outros Eus*.
 Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 373.

18 Em relação ao conflito presente nesse excerto de Fernando Pessoa, considere as seguintes afirmações.

- I. Nesse trecho, fica evidente que a sociedade quer impor um *dever-ser casado, fútil, quotidiano e tributável*, mas o eu lírico não quer: *Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade./Assim, como sou, tenham paciência!/Vão para o diabo sem mim.*
- II. O mesmo tipo de conflito observa-se em *Dom Casmurro*, a família quer que Bentinho seja padre (*dever-ser*), mas o garoto não quer (*não querer ser*).
- III. As narrativas que trabalham com conflitos psicológicos (*rebeldia, escolha de carreira, por exemplo*) costumam empregar esse tipo de conflito.

Está(ão) correta(s):

- (a) apenas I.
- (b) apenas II.
- (c) apenas III.
- (d) apenas I e II.
- (e) todas.

Figuras de linguagem ligadas aos aspectos fonético e sintático

4

ACASO (1963), © AUGUSTO DE CAMPOS

socaa
oscaa
scoaa
csoaa
oesaa
cosaa

soaca
osaca
saoca
asoca
oasca
aosea

souac
osaac
sauac
asoac
oasac
ansac

saaoc
osaoc
aasoc
oaase
aoase
aaose

saaco
asaco
aasco
caaso
acaso
aacso

oaacs
aoacs
aaocs
caaos
acaos
aacos

scaoa
csaoa
sacoa
ascoa
casoa
acsoa

seuao
csaao
sucao
ascao
casao
acsao

ocaus
coaas
oacas
aocas
caous
acoas

ocasa
coasa
oaesa
aoesa
caosa
acosa

O poema de Augusto de Campos emprega sessenta combinações com as letras da palavra acaso, com isso cria um trocadilho em torno de um mesmo vocábulo, resultando em palavras que não existem, com exceção de duas: "acaso" e "caos" ("caaos"), se desprezarmos a ortografia e considerarmos a sonoridade. O caos está no fato de as palavras serem construídas ao acaso. O trocadilho decorrente das combinações dá ao poema visualidade e sonoridade, características da poesia concreta. Esse movimento explorou sobretudo os aspectos formais de modo que estes se aproximassem do conteúdo.

DIVIDE GUGLIE/IMAGISTOCK/KCHING

Introdução

O estudo das figuras de linguagem está distribuído ao longo do livro; nestas aulas, serão discutidas as figuras ligadas à sintaxe e à fonética.

A estilística ocupa-se dos recursos que promovem a criatividade linguística. O uso da linguagem figurada está presente na poesia, nos romances, nas propagandas, nos ensaios, nas manchetes, enfim, onde houver a intenção de dar à linguagem um colorido, uma graça, um efeito de sentido.

Figuras: aspecto sonoro	Figuras: aspecto sintático	
onomatopeia	elipse	polissíndeto
aliteração	zeugma	pleonasma
assonância	anáfora	anacoluto
paronomásia	hipérbato	quiasmo
	silepse	apóstrofe
	assíndeto	

Denotação

A denotação (do latim *denotacione*, indicação) está presente no texto no instante em que o enunciador utiliza as palavras em sentido literal (ao pé da letra), ela “remete”, como afirma Massaud Moisés no *Dicionário de termos literários*, ao que no sentido é comum a todos os falantes de uma mesma língua. Assim, a palavra mala, em sentido denotativo, terá sempre o mesmo significado: saco de couro ou pano; caixa de madeira revestida de couro ou lona, destinada, geralmente, ao transporte de roupas (*Dicionário escolar da língua portuguesa*, Francisco da Silveira Bueno). A denotação move-se, mais frequentemente, no discurso científico, caracterizado pela “univocidade” das palavras (um só sentido). Nesse tipo de texto, a enunciação utiliza as palavras em sentido literal, em conformidade com o dicionário. A denotação tem sua equivalência na função referencial, também chamada função denotativa. Dessa forma, todos os textos de caráter informativo, que apresentem linguagem objetiva, também fazem uso da denotação (livros didáticos, manuais, memorandos etc.). Quando se tem a denotação, a carga semântica (o significado) deriva, não do contexto, mas da convenção.

Conotação

A conotação (do latim *cum + notatione*, notação, marca) é empregada no texto no momento em que uma palavra ou expressão tem seu sentido literal alterado. Por associação mental e por meio do encadeamento de imagens ou alusões, chega-se a um outro sentido, que não o literal. A poesia é por excelência conotativa, ao passo que a prosa narrativa típica (um romance, um conto etc.) promove uma harmonia entre esses dois níveis de linguagem. Segundo Massaud Moisés, *num texto poético cada palavra pode assumir mais de um sentido, num texto em prosa (parágrafo) o vocábulo isolado tende para a denotação, e só adquire sentido conotativo no conjunto da obra em que se insere. Compare:*

Você é um mala, Roberto!

Esqueceu minha mala em casa!

Na primeira ocorrência, a palavra “mala” está em sentido figurado, conotativo; equivale a uma ofensa do tipo: “você não faz nada direito”. Na segunda ocorrência, a palavra “mala” está empregada em sentido literal, denotativo. Na primeira ocorrência temos uma metáfora, figura de linguagem associada ao aspecto semântico. As figuras de linguagem serão estudadas segundo o seguinte critério:

- associadas ao aspecto fonético (fonema, som);
- associadas ao aspecto sintático (sintaxe);
- associadas ao aspecto semântico (significado).

As figuras ligadas ao aspecto semântico serão estudadas em capítulo posterior.

Figuras ligadas ao aspecto sonoro

Essas figuras recebem investimento no nível do som (fonético).

Paronomásia



Também chamada parequese em português (*calembour* em francês), a paronomásia consiste no emprego de palavras semelhantes na grafia e/ ou no som, mas diferentes ou opostas no sentido. Todo trocadilho se vale da paronomásia; os poetas, jornalistas, redatores também a utilizam para dar elegância ao texto.

Sagres sagrou então a Descoberta...

Miguel Torga. "Sagres". *Poemas ibéricos*. Coimbra: Coimbra Editores, 1965. p. 21.

D'esta arte a gente **força** e **esforça** Nuno

Luís Vaz de Camões. *Os Lusíadas*.

Mas não **tremas**, nem **temas**

Padre Antônio Vieira.

Todas nove nos braços o tomaram, criando-o com seu **leite** no seu **leito**.

Luís Vaz de Camões. *Lírica de Camões*.

Esse eficiente **físico** é um deficiente **físico**.

Se você não **pede**, o Paraná **perde**.

No humor, a paronomásia aparece quase sempre implícita:

O que um cromossomo disse para o outro? Cromossomos bonitos!

O seno bate na porta do banheiro para entrar. O cosseno, que estava lá dentro, responde: 'tangente'!

No Brasil, as promessas dos políticos não foram feitas para serem cumpridas... mas compridas!

Cerveja como são as coisas. Você não me conhaque, não sabe de onde eu vinho, por isso não me campari com qualquer rum.

Aliteração

É a repetição de um fonema consonantal.

Fogem fluidas, fluindo à fina flor dos fenos.

Eugênio de Castro. *Um sonho*.

Velho vento vagabundo!
No teu rosnar sonolento
Leva ao longe este lamento

Cruz e Souza. *Velho Vento!*

Casas, carros, casas, casos.
Capital
Encarcerada.
Colos, calos, cuspo, caspa.

David Mourão-Ferreira. *Capital*.

Em horas **inda** louras, lindas
Clorindas e **Belindas**, brandas
Brincam nos tempos **das Berindas**
As vindas **vendo** das varandas.

Fernando Pessoa. *Saudade dada*.

Em certos textos, a aliteração cria efeito onomatopaico, ou seja, as consoantes são utilizadas para reproduzir determinados sons.



Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço.

Vinícius de Moraes. *Pátria minha*.

A reiteração do fonema /v/ associa-se à ideia de "vento".

Assonância

É a repetição de um fonema vocálico (reiteração vogal).

Sem lenço sem documento

Caetano Veloso. *Alegria, alegria*.

Pense Forte, Pense Ford

J. Walter Thompson. Cliente: Ford do Brasil.

Onomatopeia

Consiste no emprego de palavras que reproduzem sons da natureza, de animais ou de objetos. No plano literário, a onomatopeia também consiste na recorrência de determinados sons com o objetivo de, via sonoridade (repetição de fonemas), exprimir certo conteúdo. O emprego da onomatopeia cria uma aproximação entre forma e conteúdo, ou entre o significante, parte sensível do signo (som, imagem gráfica), e o significado, parte ausente do signo (partindo do princípio de que a palavra é signo, pois representa por meio da linguagem um referente, isto é, um elemento da realidade: as vozes, as ondas etc.).



No exemplo dado, o enunciador reproduz uma explosão. Nos exemplos abaixo, as aliterações e assonâncias criam efeitos onomatopaicos:

- o batuque:



Há rataplãs, taramantãs de tamboris, roucos tutuques de zambubas e ritumbas, - e a batourar, tamborilando, em ininterrupto, no tabaréu das muçambas, o barundum dos tabaques.

Martins Pontes. *A dança*, conferência recitada no Coliseu Santista, em favor do Asilo de Órfãos, 28 jan. de 1919, p. 93.

- **o roçar do rio nas pedras e nas margens**

CDCGUARD/MORGUEFILE



[...]
 Reza, reza o rio
 Córrego pro rio e o rio pro mar
 Reza correnteza, roça a beira,
 doura a areia
 [...]

Caetano Veloso. *Luz do sol*.

Figuras ligadas ao aspecto sintático

As figuras ligadas ao aspecto sintático exploram uma das áreas da língua, a sintaxe. Pode-se dividi-las assim (as mais importantes):

- **omissão:** assíndeto, elipse e zeugma;
- **repetição:** anáfora, pleonasma e polissíndeto;
- **inversão:** hipérbato
- **ruptura:** anacoluto;
- **concordância ideológica:** silepse.

Elipse

Trata-se do ocultamento de uma ou mais palavras subentendidas no contexto ou na desinência verbal.

*Sou ave de rapina
 Sou mulher e sou menina...* (elipse de “eu”)

Reca Polleti.

Se conversar, diretoria! (elipse de “você irá à”)

O uso da elipse visa à concisão, portanto, é um procedimento estilístico que deve ser utilizado nas redações:

- Na descrição de ambientes, de estados psicológicos, de personalidade:

*Subiu a escada. A cama arrumada. O quarto. O cheiro do jasmineiro. E a voz de uma das filhas, embaixo:
 — Papai! O telefone...*

Aníbal M. Machado. *Cadernos de João*.

Gente estranha, para os negros, aqueles caçadores quase selvagens, as barbas crescidas, os pés descalços, os rifles nas mãos.

Adonias Filho. *Léguas da promessa*.

- Em textos rápidos, como um diário íntimo ou um caderno de notas:

Outubro, 10 – Depressão. Hipocondria. Reações súbitas de ódio. Depois, desalento. Pelo menos, antes havia um mistério algo excitante. Agora, mais melancolia, apenas.

Ciro dos Anjos. *Montanha*.

- provérbios, ditos:

A paciência da Esfinge. Que paciência!

Aníbal M. Machado.

- Nas enumerações, em que a elipse do artigo definido sugere a ideia de acumulação, de rapidez:

*Cristais retinem de medo,
 Precipitam-se estilhaços,
 Chovem garras, manchas, laços...
 Planos, quebras e espaços
 Vertiginam em segredo.*

M. de Sá-Carneiro; Fernando Paixão (Org.). *Rodópio*. Poesia. São Paulo: Iluminaras, 2001. p. 54.

Zeugma

A zeugma é a omissão de uma ou mais palavras anteriormente expressas (costuma ser o verbo).

Vieira vivia para fora [...] Bernardes, para a cela...

Antônio Feliciano de Castilho.

(zeugma de vivia)

João Fanhoso abriu os olhos pesados de preguiça: primeiro um, depois o outro.

Mário Palmério. *Vila dos Confins*.

[Subentende-se: ‘primeiro abriu um, depois abriu o outro’]

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.

C. Drummond de Andrade.

[Subentende-se: ‘Os altares eram humildes’]

A exemplo da elipse, trata-se de um procedimento de concisão, evita-se a repetição da palavra.

Pleonasma

Como figura de linguagem, trata-se de uma repetição com objetivo enfático.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena política para ler em minha alma.

Gonçalves Dias. *Prólogo aos primeiros cantos*.

Relógio que atrasa não adianta.

E rir meu riso e derramar meu pranto.

Vinicius de Moraes. “Soneto de fidelidade”.

Vi com estes olhos que a terra há de comer

Machado de Assis.

Vi, claramente visto, o lume vivo

Que a marítima gente tem por santo

Luís Vaz de Camões. *Os Lusíadas*.

Todos nus, e da cor da escura treva.

Luiz Vaz de Camões. *Os Lusíadas*.

Vistos com os olhos, palpados com as mãos, pisados com os pés.

Padre Antônio Vieira. *Sermões*.

Como vício de linguagem, trata-se de uma repetição de ideias, desnecessária ao texto.



Veja os pleonasmos viciosos mais presentes no cotidiano.

- acabamento **final**
- certeza **absoluta**
- quantia **exata**
- nos dias 8, 9 e 10, **inclusive**
- juntamente **com**
- **expressamente** proibido
- em duas metades **iguais**
- sintomas **indicativos**
- há anos **atrás**
- vereador **da cidade**
- **outra** alternativa
- detalhes **minuciosos**
- a razão é **porque**
- anexo **junto** à carta
- de sua **livre** escolha
- superávit **positivo**
- **todos** foram unânimes
- conviver **junto**
- fato **real**
- encarar **de frente**
- multidão **de** pessoas
- amanhecer **o dia**
- criação **nova**
- retomar **de novo**
- empréstimo **temporário**
- surpresa **inesperada**
- escolha **opcional**
- planejar **antecipadamente**
- abertura **inaugural**
- **continua** a permanecer
- a **última** versão definitiva
- **possivelmente** poderá ocorrer
- comparecer **em pessoa**
- gritar **bem alto**
- propriedade **característica**
- **demasiadamente** excessivo

Anáfora

É a repetição de um termo no início de cada verso ou de cada frase.

Amor é fogo que arde sem se ver;

É ferida que dói e não se sente;

É um contentamento descontente,

É dor que desatina sem doer.

[...]

Luís Vaz de Camões. *Sonetos*.

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba.

Padre Antônio Vieira. *Sermões*.

Castro na boca, Castro n'alma, Castro em toda a parte

Antonio Ferreira. *Poemas lusitanos*.

A epístrofe seria a repetição de palavras ou expressões no fim de cada verso (ou de cada um dos membros da frase), por exemplo:

Gastos largos, esperanças do mundo largas, vaidades largas, consciências largas, com apertos, e estreitezas se hão de castigar.

Frei Heitor Pinto. *Imagem da vida cristã*.

Os animais não são criaturas? As árvores não são criaturas? As pedras não são criaturas?

Padre Antônio Vieira. *Sermão da Sexagésima*.

Não sou nada

Nunca serei nada

Não posso querer ser nada

Álvaro de Campos. *Tabacaria*.

Polissíndeto

É a repetição intencional de uma conjunção coordenativa, visando criar determinadas sugestões, como enfatizar determinado aspecto.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia...

Machado de Assis. *A mosca azul*.

Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora.

Eça de Queirós. *Prosas bárbaras*.

Que as estrelas e o céu e o ar vizinho

E tudo quanto se via namorava

Luís Vaz de Camões. *Os Lusíadas*.

Assíndeto

Por oposição ao polissíndeto, trata-se da ausência de conjunção coordenativa entre as orações ou termos coordenados. O uso do assíndeto confere maior vigor à frase ou ao verso e produz, entre outras, uma sensação de movimento, dinamicidade (enumeração de ações, por exemplo).

Cheguei, vi, venci.

... uma vasta cidade..., onde o homem tenha durante o dia os clubes, o cavaco, os museus, as ideias, o sorriso de outras mulheres – a mulher tenha as ruas, as compras, os teatros, a atenção de outros homens;

Eça de Queirós. *Os Maias*.

Silepse

É quando o enunciador faz a concordância com a ideia. Há três tipos de silepse:

- **De pessoa**

Quanto à pátria de origem, **todos os homens somos** do céu.

Manuel Bernardes. *Bernardes*.

(todos os homens: terceira pessoa do plural; somos: primeira pessoa do plural)

- **De número**

Muita gente anda no mundo sem saber pra quê: **vivem** porque **veem** os outros **viverem**.

J. Simões Lopes Neto. *Contos gauchescos e lendas do sul*.

(muita gente: terceira pessoa do singular; vivem...veem...viverem: terceira pessoa do plural)

Um grupo mais numeroso descia da ladeira e parava a alguns passos. **Falavam** alto, comentando ainda as peripécias do leilão.

Afrânio Peixoto. *Maria Bonita e Fruta do mato*.

(grupo: terceira do singular... Falavam: terceira do plural)

- **De gênero**

Se você acha **Maria Carmem** feio, chame-me **Marial**

(“feio” concorda com “nome”)

Hipérbato

Temos um hipérbato quando há uma inversão da ordem direta dos termos da oração, podendo manifestar-se pela separação do substantivo e do adjetivo, pela colocação do sujeito ou do verbo no fim da oração, pela alteração do lugar habitual de complementos regidos preposicionalmente etc.

Não é que o meu o teu sangue

Sangue de maior primor..

Alexandre Herculano. *Poesias*.

(na ordem direta: O teu sangue não é de maior primor que o meu sangue.)

De tudo, ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre...

Vinicius de Moraes. *Soneto de fidelidade*.

(na ordem direta: Serei atento ao meu amor antes de tudo...)

Anacoluto

Trata-se da ruptura sintática da frase; o anacoluto é muito frequente na linguagem oral. Este procedimento resulta do fato de o locutor dedicar mais atenção ao pensamento do que à

organização sintática. O anacoluto ocorre, por exemplo, quando o enunciador interrompe a oração principal para introduzir a subordinada e não dá sequência à primeira oração; a oração principal ficará incompleta sintaticamente, pois não teve seu término.

A noite

– Como ela vinha!

Morna, suave,

Muito branca, aos tropeções,

Já sobre as coisas descia

E eu nos teu braços deitado

Até sonhei que morria

António Botto. *As canções de António Botto*.

Eu, parece-me que sim; pelo menos nada conheço, que se lhe aparente.

M. de Sá-Carneiro. *Cartas escolhidas*.

O homem daqui, seu conceito de felicidade é muito mais subjetivo.

Rachel de Queiroz. *Felicidade*.

O professor... eu não fiz a lição, meu Deus!

No primeiro exemplo, a oração principal não teve sequência (“A noite...”). Nos três últimos, faltou o primeiro predicado.

Quiasmo



VIVA VIVA (1972) @AUGUSTO DE CAMPOS

É a figura de estilo que apresenta repetição, invertendo a ordem das palavras (ab – ba).

Melhor que viver sonhando é sonhar vivendo.

O silêncio da voz é a voz do silêncio.

Patrícia Pessoa. *A voz do silêncio*.

Tinhas a alma de sonhos povoada

E a alma de sonhos povoada eu tinha.

Olavo Bilac. *Poesias*.

Ó minha menina loura, / Ó minha loura menina

Fernando Pessoa.

Crédit Lyonnais: A banca do futuro / a vossa futura banca

Apóstrofe

Essa figura é utilizada para evocar um ser, animado ou não.



Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Fernando Pessoa. *Mar português*. In: *O guardador de rebanhos e outros poemas*. 7 ed. Cultrix: 2004. p. 207.

Homens: porque não nasci apenas no espelho,
Sem alma deste lado?

José Gomes Ferreira. *O escritor*.

Mortos, Mortos, Desenganai estes vivos! Dizei-nos que pensamentos e sentimentos foram os vossos quando entrastes e saístes pelas portas da morte?

Padre Antônio Vieira. *Sermões*. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 44.

Paralalelismo

Trata-se de repetição de estruturas sintáticas ao longo do texto.

Com estrelas na alma, com visões na mente; Bâtegas de brasas, turbilhões de sóis.

Guerra Junqueiro. *Os simples*.

Ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afia-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos

Padre Antônio Vieira. *Sermões*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

E agora, José?
A festa acabou,
a luz se apagou,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, Você ?
Você que é sem nome,
que zomba dos outros,
Você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

Carlos Drummond de Andrade. "José" In: *José & Outros*. Rio de Janeiro: Record. © Gaña Drummond <www.carlosdrummond.com.br>.

Revisando

De 1 a 3, identifique a figura de linguagem.

1 Na messe, que enlourece, estremece a quermesse...

Eugênio de Castro.

2 Há um pinheiro estático e extático...

Rubem Braga.

3 Tinha a alma de sonhos povoada / E a alma de sonhos povoada eu tinha

Olavo Bilac. *Poesias*.

4 Leia o texto a seguir e diga quais as figuras empregadas.

Sem lenço sem documento.

Caetano Veloso. *Alegria, Alegria*.

5 No texto a seguir, a aliteração possui efeito onomatopaico. Explique.

Estamos roxos de raiva com o arrocho salarial.

Jornal Unidade Bancária.

6 Que figuras sonoras temos no verso a seguir de Olavo Bilac?

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre

7 Explique a silepse feita a seguir de autoria do grupo de rock Ultraje a Rigor:

A gente somos inútil!

Roger Moreira.

8 Explique figura de sintaxe utilizada a seguir.

O bebê... é linda!

9 No texto a seguir, há um hipérbato. Passe-o para a ordem direta.

O som longínquo vem-se aproximando do galopar de estranha cavalgada.

Raimundo Correia.

10 Em prosa, a zeugma costuma receber vírgula. Pontue adequadamente o texto a seguir, empregando a zeugma.

As meninas cortavam a laranja e os meninos a melancia.

11 Sublinhe as frases nas quais os pleonasmos são considerados viciosos.

É a principal protagonista.

Na minha opinião pessoal.

Teve uma hemorragia de sangue.

Criou uma nova concepção de arte.

Tinha o monopólio exclusivo de tudo.

12 *Na fila única, não é você que respeita a fila. A fila é que respeita você.*

a) Que figura de linguagem foi utilizada?

b) Qual é a função da locução explicativa “é que”?

13 Classifique a figura sintática utilizada no texto a seguir.

*O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.*

João Cabral de Melo Neto. *Education by Stone: Selected Poems*. Tradução de Richard Zenith. Nova York: Archipelago Books, 1999.

14 Classifique a figura de linguagem utilizada no texto a seguir.

*Passa, lento vapor, passa e não fiques...
Passa de mim, passa da minha vista,
Vai-te de dentro do meu coração,
Perde-te no Longe, no Longe, bruma de Deus,
Perde-te, segue o teu destino e deixa-me...
Eu quem sou para que chore e interrogue?
Eu quem sou para que te fale e te ame?
Eu quem sou para que me perturbe ver-te?*

Álvaro de Campos. *Antologia poética de Fernando Pessoa*. 2 ed. São Paulo: Ediouro, 2004.

Exercícios propostos

Texto para a questão 1.

Saltos altos estalam seco nas ressonantes escadas de pedra. Ar de inverno no castelo, cotas de malha enforcadas, castiçais de ferro tosco por sobre as espirais das espiraladas escadas. Tiques e taques de saltos altos, ecos altos e ocos. Alguém lá embaixo quer falar com a senhorita.

James Joyce. (Adapt.).

1 Em *de saltos altos, ecos altos e ocos*, o significante (letra/som) aproxima-se do significado; tal recurso também é observado em:

- (a) A luz das tuas feridas é o fato de o sofrimento levar à espiritualidade.
- (b) “Ouvia zum de besouro na cabeça, estava enlouquecendo”
- (c) A árvore no alto da montanha parecia um velho sábio.
- (d) Às tuas feridas, ofereço-lhes o meu mel.
- (e) – Não me seduza, o seu troço é a minha sorte.

2 UFG Leia os fragmentos do poema “Violões que choram”, de Cruz e Sousa.

[...]
 Vozes veladas, veludosas vozes,
 Volúpias dos violões, vozes veladas,
 Vagam nos velhos vórtices velozes
 Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.
 [...]
 Velhinhas quedas e velhinhos quedos,
 Cegas, cegos, velhinhas e velhinhos,
 Sepulcros vivos de senis segredos,
 Eternamente a caminhar sozinhos;
 [...]

Cruz e Sousa. *Broquéis, Faróis e Últimos sonetos*. 2 ed. reformulada. São Paulo: Ediouro, 2002. pp. 78 e 81. (Coleção Super Prestígio).

Com base na leitura desses fragmentos, explicita a figura de linguagem predominante nas estrofes e explique sua função na estética simbolista.

Texto para a questão 3.

Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-áa! Chu-áa... - ruge o rio, como chuva deitada no chão. Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego... Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

João Guimarães Rosa. “O burrinho pedrês”. *Sagarana*.

3 Fuvest Como exemplos da expressividade sonora presente nesse excerto, podemos citar a onomatopeia, em *Chu-áa! Chu-áa...*, e a fusão de onomatopeia com aliteração, em:

- (a) “vestindo água”.
- (b) “ruge o rio”.
- (c) “poço doido”.
- (d) “filho do fundo”.
- (e) “fora de hora”.

4 Maringá Leia os versos e depois assinale a alternativa correta.

Amo do nauta o doloroso grito
 Em frágil prancha sobre o mar de horrores,
 Porque meu seio se tornou de pedra,
 Porque minh’alma descorou de dores.

Fagundes Varela. “Tristeza”. *Poesias completas*.

No primeiro verso, há uma figura que se traduz por:

- (a) pleonasma.
- (b) hipérbato.
- (c) gradação.
- (d) anacoluto.
- (e) polissíndeto.

5 PUC Leia o fragmento a seguir.

Pois para temperar a tirania,
 Como quis que aqui fosse a neve ardente
 Permitiu parecesse a chama fria.

Gregório de Matos. *Antologia Poética*.

No último verso, encontramos algumas figuras de linguagem. Uma delas é:

- (a) eufemismo.
- (b) anacoluto.
- (c) pleonasma.
- (d) elipse.
- (e) anáfora.

6 FMU Leia.

De tudo ao meu amor serei atento
 Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Vinicius de Moraes.

A repetição da conjunção **e** constitui uma figura de linguagem que chamamos:

- (a) eufemismo.
- (b) anacoluto.
- (c) hipérbato.
- (d) hipérbole.
- (e) polissíndeto.

7 Indique no texto a seguir a figura utilizada.

Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ó ódio cíclico!
 Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom burguês!

Mário de Andrade. *Ode ao burguês*.

8 Cite a figura utilizada no texto a seguir.

Esta gente já terá vindo? Parece que não. Saíram há um bom pedaço.

Machado de Assis.

9 Que tipo de erro observa-se no texto a seguir?

Mariano gostava de traçar, antes da reunião, um panorama geral da situação. Era um vício deste nobre rapaz, agora gerente de vendas.

10 No texto a seguir, há uma passagem que não agrada no nível sonoro. Identifique-a e explique que vício de linguagem está em jogo.

Escapei de uma fria, o policial foi benevolente e não me multou. Graças a Deus! Eu não teria dinheiro.

11 Leia.

- I. *E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta...*
Olavo Bilac.
- II. *Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não.*
João Guimarães Rosa.
- III. *Aproximou-se do chiqueiro das cabras, viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da véspera.*
Graciliano Ramos.
- IV. *Minha vida é uma pobre rosa ao vento.*
Cecília Meireles.
- V. *Não vi mais o acampo deles, as esporas tilintim.*
João Guimarães Rosa.

Assinale a alternativa incorreta quanto aos recursos estilísticos das respectivas frases.

- (a) I. Polissíndeto
(b) II. Elipse do artigo
(c) III. Silepse
(d) IV. Metáfora
(e) V. Onomatopeia

Texto para a questão 12.

*Luz do sol
Que a folha traga e traduz
Em verde novo, em folha, em graça,
Em vida, em força e em luz*
Caetano Veloso. *Luz do sol.*

12 **Fatec** O recurso estilístico de natureza sintática encontrado no verso *Em verde novo, em folha, em graça*, é:

- (a) hipérbole. (d) antítese.
(b) epístrofe. (e) anáfora.
(c) anástrofe.

Texto para a questão 13.

[...]
Quero você
Toma conta do céu
Toma conta da terra
Toma conta do mar
Toma conta de mim
Maria Antonieta d'Alkmin
[...]
Oswald de Andrade. *Canção e calendário.*

13 **Unirio** A figura de sintaxe que predomina nesse trecho do poema, para marcar o ritmo veloz e a atitude lúdica peculiar aos modernistas da primeira fase, é:

- (a) o anacoluto. (d) o pleonasma.
(b) a hipérbole. (e) a anáfora.
(c) a personificação.

Texto para a questão 14.

Canção do exílio

[...]
*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

Antônio Gonçalves Dias. *Primeiros cantos.*

14 **Unifesp** Entre as figuras de sintaxe, como recursos que um autor emprega para obter maior expressividade, existe a “zeugma”. Uma das formas de “elipse”, a “zeugma” consiste na supressão de um vocábulo, já enunciado em frase anterior, por estar subentendido. No poema de Gonçalves Dias, a “zeugma” ocorre apenas em:

- (a) Sem qu'inda aviste as palmeiras.
(b) Em cismar, sozinho, à noite.
(c) As aves, que aqui gorjeiam.
(d) Nossa vida mais amores.
(e) Nosso céu tem mais estrelas.

15 **FOC-SP** Anacoluto:

- (a) é o emprego repetido de conjunções coordenativas, especialmente aditivas.
(b) é a omissão de um termo facilmente subentendido.
(c) é a quebra da estruturação lógica da oração.
(d) é a repetição de termo já mencionado ou de ideia já expressa.

16 FMU Em *Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos* (Machado de Assis), há:

- (a) pleonasma. (c) silepse de gênero.
(b) hipérbato. (d) silepse de pessoa.

17 UFMA Os professores da Universidade vimos desejar-lhes boa sorte. Esta oração é um exemplo de silepse de:

- (a) gênero. (c) gênero e número.
(b) número. (d) pessoa.

TEXTO COMPLEMENTAR

A paronomásia rompe o discurso (hipotaxe), tornando-o espacial (parataxe), criando uma sintaxe não linear, uma sintaxe analógico-topológica. Num poema, a paronomásia horizontal (aliteração, coliteração) cria a melodia, enquanto a paronomásia vertical é responsável pela harmonia. A rima constitui a paronomásia vertical mais comum. *Un coup de dés*, de Mallarmé, e os poemas concretos, trabalham com paronomásias audiovisuais horizontais e verticais. A repetição dos sons sempre é uma repetição que se dá no tempo. Essa repetição dos sons no tempo cria uma rede especial rítmica – um diagrama, uma sintaxe topológica. Ritmo é ícone.

O som com marcação de tempo é ritmo, assim como é ritmo a marcação espaciotemporal (na dança, no cinema ou numa cadeia de montagem) e a espacialização do espaço (na arquitetura ou na pintura). O ritmo é um ícone relacional. Resumindo, a similaridade sonora gera semelhanças e correspondências espaciais – e aqui nós temos o fundamento principal da sintaxe icônica subjacente na poesia e em certos tipos de prosa, como as obras *Tristram Shandy*, *Ulysses* e *Finnegans Wake*. A paronomásia seria a ponte do verbal para o icônico.

Décio Pignatari. *Semiótica & Literatura*. 6 ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2004. p. 181.

RESUMINDO

Figuras ligadas ao aspecto sonoro: aliteração, assonância, onomatopeia, paronomásia

Figuras de linguagem são recursos expressivos empregados como forma de ornar o texto, torná-lo mais subjetivo; em alguns casos, têm função retórica, persuasiva. Preste atenção em quatro delas, ligadas ao aspecto fonético, sonoro:

Aliteração

Trata-se da repetição de uma mesma consoante (ou similares) ao longo da frase: *Vozes veladas, veludasas vozes*.

Assonância (do latim *assonantia*, semelhança de sons.)

Consiste na repetição de um mesmo fonema vocálico, ou na reiteração da vogal tônica: “Pense forte, pense Ford” (/e/ e /o/)

Paronomásia (do grego *paronomasia*; para, próximo de, onomasia, denominação.)

Também chamada parequese em português (*calembour* em francês), a paronomásia consiste no emprego de palavras parecidas na grafia e no som, mas diferentes ou opostos no sentido: “luxo vira lixo”.

Onomatopeia (do grego *onomatopoiia*, ação de inventar nomes.)

No plano da morfologia, consiste na formação de palavras que reproduzem determinados sons da natureza, de animais ou ruídos de objetos, como “tique-taque”, “pingue-pongue”; em certos textos literários, consiste na reiteração de fonemas ao longo da frase, que reproduzem a sonoridade de um ser: vem vento varrer (reiteração do “v” = vento).

Figuras ligadas à sintaxe

Elipse

Trata-se do ocultamento de uma ou mais palavras subentendidas no contexto.

Zeugma

Zeugma é a omissão de uma ou mais palavras anteriormente expressadas (geralmente verbo).

Pleonasma

Como figura de linguagem, trata-se de uma repetição no nível das ideias com objetivo enfático. Como vício, trata-se de repetição desnecessária de uma ideia.

Anáfora

É a repetição de uma palavra ou expressão no início de cada verso ou de cada frase (se o texto for em prosa).

Polissíndeto

Trata-se da repetição da conjunção coordenativa entre elementos coordenados.

Assíndeto

Por oposição ao polissíndeto, trata-se da ausência de conjunção coordenativa entre as orações (coordenadas assindéticas) ou termos coordenados.

Silepse

A silepse ocorre no momento em que o enunciador faz a concordância com a ideia e não com a forma gramatical. Há três tipos de silepse: de pessoa, de número e de gênero.

Hipérbato

Inversão da ordem direta dos termos da oração.

Anacoluto

Trata-se da ruptura sintática da frase (mudança abrupta de construção) ou do emprego de relativo sem antecedente. O anacoluto é muito comum na linguagem oral.

Quiasmo

Quiasmo significa dispor em cruz. Repetem-se as palavras, mas há inversão na ordem (também chamada conversão).

Apóstrofe

Figura que consiste em o orador ou escritor dirigir-se a um ser, evocando-o.

■ QUER SABER MAIS?



LIVRO

- Arnaldo Antunes. *Palavra Desordem*. São Paulo: Iluminuras, 2002.



FILME

- *O grande ditador*. Direção de Charlie Chaplin. 1940.



SITE

- <www.poesiaconcreta.com.br/imagem.php>.



CHARGE/CRONISTA

- Bessinha.
- Jânio de Freitas (colunista e membro do conselho editorial do jornal *Folha de S. Paulo*).

Exercícios complementares

A questão 1 toma por base a oitava estrofe do Canto VI de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões (1524?-1580).

Os Lusíadas, VI, 8

*No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas saem furibundas,
Quando às iras do vento o mar responde,
Netuno mora e moram as jucundas
Nereidas e outros Deuses do mar, onde
As águas campo deixam às cidades
Que habitam estas úmidas deidades.*

Luís de Camões. *Os Lusíadas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971. p. 195.

1 Vunesp (Adapt.) Na Língua Portuguesa, a colocação das palavras e dos termos nas orações apresenta certa flexibilidade, o que permite aos escritores buscar efeitos estilísticos e expressivos pela alteração da ordem usual, ou também, como no caso dos dois últimos versos da estrofe de Camões, obter o número de sílabas e o ritmo desejados. Releia esses dois versos e, a seguir:

- a) indique a função sintática exercida pelo termo “campo” na oração que constitui o sétimo verso, e qual a função sintática exercida pelo termo “estas úmidas deidades”, no oitavo verso.

- b) reescreva as orações que constituem esses versos, colocando os dois termos acima mencionados em posições aceitáveis gramaticalmente, mas diferentes das escolhidas pelo poeta.

As questões 2 e 3 tomam por base um fragmento da peça teatral *Dr. Getúlio, sua vida e sua glória*, de Dias Gomes e Ferreira Gullar.

Segunda Parte

[...]

Cessa a Bateria.

Autor

*E enquanto essas coincidências
iam assim coincidindo,
num clube então existente,
um homem muito ladino
fazia uma conferência
sobre um tema pertinente,
com este título: “Como
se depõe um Presidente”.*

(Volta a Bateria. Entram homens e mulheres, todos com lanternas. Entre eles, vêm também as Aves de Rapina. Lacerda entra no meio do grupo que percorre o palco dançando e logo forma um círculo, no centro do qual, sobre um praticável, fica o conferencista.)

Lacerda

É simples:

em primeiro lugar

é preciso levantar

a bandeira moralista:

mostrar que o Governo é corrupto,

composto de chantagistas,

de ladrões,

de rufiões,

cafetões e vigaristas,

de tubarões,

charlatões,

maganões

e descuidistas.

Isto é muito importante.

Com a bandeira moralista

ganha-se então por inteiro

a famosa classe-média, que sonha ter em virtudes

o que lhe falta em dinheiro.

E como a virtude é rara

e difícil de provar,

torna-se fácil apontar

corrupção no governo.

Gatunagem,

malandragem,

ladroagem,

tratantagem

(Discursa)

“Enquanto o povo brasileiro dorme,

os gatunos agem.”

Dias Gomes; Ferreira Gullar. *Dr. Getúlio: sua vida e sua glória*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 55-6.

2 A ação da peça teatral *Dr. Getúlio, sua vida e sua glória*, de Dias Gomes e Ferreira Gullar, desenvolve-se em uma quadra de escola de samba como ensaio de um enredo sobre a vida de Getúlio Vargas. No trecho transcrito, a personagem Autor introduz a personagem Lacerda, que passa a discorrer sobre o melhor modo de depor o presidente. Leia o trecho e, a seguir, responda.

- Ao sugerir a seus correligionários que levantem a “bandeira moralista” para abalar o governo, a personagem acaba incorrendo em uma contradição também de ordem moral. Analisando a própria fala de Lacerda, demonstre essa contradição.
- Explique, com base no contexto, o significado dos versos ... a famosa classe média, / que sonha ter em virtudes / o que lhe falta em dinheiro.

3 As repetições de elementos podem tornar-se expressivas, particularmente quando apresentam implicações de ordem semântica e estilística nas frases em que ocorrem. Leia com atenção a fala da personagem Lacerda e, a seguir:

- demonstre que a rima em “-agem” na última sequência da fala de Lacerda (de “Gatunagem” até “os gatunos agem”) não é somente um processo de repetição de sons, mas tem implicações no plano do conteúdo.
- explique a razão pela qual a personagem se serve intensamente de repetições e redundâncias em seu discurso.

4 Unicamp O poema a seguir pertence ao *Cancioneiro* de Fernando Pessoa.

- Ah, quanta vez, na hora suave
- Em que me esqueço,
- Vejo passar um voo de ave
- E me entristeço!
- Por que é ligeiro, leve, certo
- No ar de amavio?
- Por que vai sob o céu aberto
- Sem um desvio?
- Por que ter asas simboliza
- A liberdade
- Que a vida nega e a alma precisa?
- Sei que me invade
- Um horror de me ter que cobre
- Como uma cheia
- Meu coração, e entorna sobre
- Minh'alma alheia
- Um desejo, não de ser ave,
- Mas de poder
- Ter não sei quê do voo suave
- Dentro em meu ser.

Fernando Pessoa. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 138.

- Identifique o recurso linguístico que representa a ave tanto no plano sonoro quanto no imagético.
- Que relação o eu lírico estabelece entre a tristeza e a liberdade?
- Interprete o fato de que as três interrogações (do verso 5 ao 11) são respondidas, a partir do verso 12, em uma única e longa frase.

5 UFSCar Leia o texto.

Eu tinha o medo imediato. E tanta claridade do dia. O arrojo do rio e só aquele *estrape*, e o risco extenso d'água, de parte a parte. Alto rio, fechei os olhos. Mas eu tinha até ali agarrado uma esperança. Tinha ouvido dizer que, quando canoa vira, fica boiando, e é bastante a gente se apoiar nela, encostar um dedo que seja, para se ter tenência, a constância de não afundar, e aí ir seguindo, até sobre se sair no seco. Eu disse isso. E o canoero me contradisse: - “Esta é das que afundam inteiras. É canoa de peroba. Canoa de peroba e de pau-d'óleo não sobrenadam...” Me deu uma tontura. O ódio que eu quis: ah, tantas canoas no porto, boas canoas boiantes, de faveira ou tamboril, de imburana, vinhático ou cedro, e a gente tinha escolhido aquela... Até fosse crime, fabricar dessas, de madeira burra!

Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p. 88-9.

amavio: feitiço, encanto; **estrape:** instrumento de tortura.

Diz Alfredo Bosi a respeito de Guimarães Rosa: 'Grande Sertão: Veredas' e as novelas de 'Corpo de Baile' incluem e revitalizam recursos da expressão poética: células rítmicas, aliterações, onomatopeias, rimas internas, ousadas mórnicas, elipses, cortes e deslocamentos de sintaxe, vocabulário insólito, arcaico ou de todo neológico, associações raras, metáforas, anáforas, metonímias, fusão de estilos, coralidade.

Alfredo Bosi. *História Concisa da Literatura Brasileira*. p. 430.

- De qual dos recursos enumerados Guimarães Rosa faz uso no trecho *Eu disse isso. E o canoeiro me contradisse?* Explique.
- Com qual desses recursos pode ser associada a frase *Até fosse crime, fabricar dessas, de madeira burra!* ?

6 Fuvest Leia o texto.

[...]
 Num tempo
 Página infeliz da nossa história
 Passagem desbotada na memória
 Das nossas novas gerações
 Dormia
 A nossa pátria mãe tão distraída
 Sem perceber que era subtraída
 Em tenebrosas transações
 [...].

Chico Buarque; Francis Hime. *Vai passar*.

- É correto afirmar que o verbo "dormia" tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.
- Identifique, nos três últimos versos, um recurso expressivo sonoro e indique o efeito de sentido que ele produz. (Não considere a rima "distraída"/"subtraída".)

Texto para a questão 7.



7 Unicamp No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.

- "Vossa Excelência me permite um aparte" é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?
- A expressão 'um aparte' pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? Explique o sentido de cada uma das expressões.
- Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, explique como se constrói a interpretação do quadrinho.

8 Leia o texto que segue e identifique o pleonasmo cometido pelo autor.

É terminantemente proibido animais circulando nas áreas comuns a todos, principalmente para fazerem suas necessidades fisiológicas.

9 ITA Relacione as colunas e assinale a opção correspondente.

(1) Aliteração (2) Anacoluto (3) Sinestesia

- Esses políticos de hoje, a gente não deve confiar na maioria deles.
- Ao longe, avistava-se o grito ruidoso dos retirantes.
- E fria, fluente, frouxa claridade / flutua como as brumas de um letargo...*

Cruz e Souza.

10 CFTMG Ele tinha os olhos salientes, [...] É como se ele tivesse duas visões independentes. Pode acompanhar coisas diferentes, em lugares diferentes.

Pe. Genésio Zeferino Silva Filho.

Nessa passagem, a repetição da palavra "diferente", pelo autor, expressa:

- realce.
- correção.
- explicação.
- confirmação.

11 Unimep-SP Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto.

- Aos homens parece não existir a verdade.
- Os homens parece-lhes não existir a verdade.
- Os homens parece que ignoram a verdade.
- Os homens parecem ignorar a verdade.
- Os homens parece ignorarem a verdade.

12 Em *Os portugueses sois assim feitos*, de Sá de Miranda, observa-se:

- emprego da segunda pessoa no lugar da terceira em "sois", criando efeito de aproximação.
- emprego denotativo da pessoa gramatical em "sois", criando efeito de distanciamento.
- emprego da silepse de número, concorda-se com a ideia.
- erro de concordância, inaceitável na literatura.
- uso conotativo do marcador espacial, criando efeito de aproximação.

13 Observe as frases a seguir.

- Lambuzava-se sem cuidado com a maquilagem.
- Nunca digo que desta água não beberei, mas acho que nunca faria isso.
- O homem deseja um futuro melhor. Assim, com esse objetivo, trabalham.

Considerando a norma culta, está(ão) bem redigida(s) a(s) frase(s):

- I e II.
- II e III.
- I.
- II.
- nenhuma.

Texto para as questões 14 e 15.

*Está tudo assim tão diferente
Se lembra quando a gente
Chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
Sem saber
Que o pra sempre
Sempre acaba?*

Renato Russo. "Por enquanto". Intérprete: Legião Urbana.
In: *Legião Urbana*. Rio de Janeiro: EMI, 1985. Faixa 11.

14 Considere as seguintes afirmações.

- I. Em "o pra sempre", o enunciador emprega recurso expressivo de natureza morfológica (substantivação da expressão "pra sempre").
- II. O enunciador emprega o hipérbato nos versos 5, 6 e 7.
- III. O eu lírico alerta o interlocutor a respeito da efemeridade do "pra sempre".

Está(ão) correta(s):

- | | |
|-----------------|---------------------|
| (a) apenas I. | (d) apenas I e III. |
| (b) apenas II. | (e) todas. |
| (c) apenas III. | |

15 Cite uma passagem do texto em que se observa a contradição de ideias.

16 Leia o texto a seguir.

O trigo que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa, em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias, e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados, e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam, e nestes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desatendem, ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons, ou os homens de bom coração, e nestes prende e frutifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um [...]

Padre Antônio Vieira. *Sermões*. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 16

Pode-se dizer que os sermões de Vieira revestem-se de um jogo intelectual no qual se vê o prazer estético do autor para pregar a palavra de Deus, por meio de uma linguagem altamente elaborada.

- a) Um dos recursos bastante utilizado por Vieira é o de disseminação e recolha, por meio do qual o autor "lança" os elementos e depois os retoma, um a um, explicando-os. Transcreva o período em que Vieira faz esse lançamento dos elementos e indique os termos aos quais eles vão sendo comparados.
- b) Explique que comparação conduz o fio argumentativo do padre Vieira neste trecho.

Texto para a questão 17.

Olhos de ressaca

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas.

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*. Capítulo 123. São Paulo: Martin Claret, 2004.

17 Uerj "[...] não admira lhe saltassem algumas **LÁGRIMAS** poucas e caladas."

"As minhas cessaram logo. [...]"

Nessa passagem, encontra-se um recurso de coesão textual em que o termo destacado é retomado por meio de elipse.

Esse mesmo recurso é empregado em:

- (a) "**QUIS DESPEDIR-SE DO MARIDO**, e o desespero daquele lance consternou a todos."
- (b) "Muitos homens **CHORAVAM** também, as mulheres todas."
- (c) "Redobrou de carícias para **A AMIGA**, e quis levá-la;"
- (d) "quais os **DA VIÚVA**, sem o pranto nem palavras desta,"

Texto para a questão 18.

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: - Basta, senhor, que eu porque roubo em uma barca sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? - Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: "Eodem loco pone latronem, est piratam, quo Regem animum latronis est piratae habentem". Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Padre Antônio Vieira. "Sermão do Bom Ladrão", *Sermões*.

18 C. Cunha e L. Cintra, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, afirmam que "a vírgula pode ser empregada, no interior da oração, para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo)". Retire do Texto o trecho em que a vírgula foi utilizada com esse propósito e indique o verbo que foi omitido.

UM JORNAL E SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★ WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO QUARTA-FEIRA, 5 DE NOVEMBRO DE 2008 ANO XLV • Nº 10.902 EDIÇÃO SÃO PAULO, LUNOULHEA 52H21 • R\$ 3,50

EUA ELEGEM OBAMA

★ Projeções indicam que senador democrata será o primeiro presidente negro dos EUA ★ Comparecimento gera filas de até oito horas e pode atingir 65%, maior índice em cem anos



SÉRGIO DÁVILA
FOTÓGRAFO, SÃO PAULO

Projeções indicam que o democrata Barack Obama, 47, foi eleito no seu primeiro turno em uma eleição que se disputou entre um americano, ele sem o primeiro negro a ocupar a Casa Branca.

Até as 2h de hoje (quarta-feira de Brasília), Obama já tinha 297 votos no Colégio Eleitoral, incluindo as esperadas vitórias nos Estados da Costa Oeste — Califórnia, Oregon e Washington. Para seu opositor republicano, John McCain, ainda faltam 199 votos.

Segundo o Comitê para o Estudo do Eleitorado Americano, compareceram às urnas pelo menos 65% dos 200 milhões de cidadãos dos EUA aptos a votar. O resultado é o maior índice de comparecimento em um século.

O índice supera os 60,9% da eleição entre Kennedy e Nixon, em 1960. O recorde histórico é de 69%, em 1904, quando existiam restrições ao voto de negros, mulheres, pobres e analfabetos.

Faltas de sistema de votação foram registradas em diversos Estados, com filas de até oito horas.

Senador Barack Obama com seu comprovante de votação em Chicago e democrata possui parte da rede de telefones, buscando convencer o eleitor a votar nele

O jornal é um canal de comunicação, sua principal missão é informar, deixar o leitor a par do que acontece. Para passar os fatos, esse veículo da mídia emprega dois códigos: o verbal e o visual. Na manchete da *Folha*, a linguagem visual aparece em forma de foto, a imagem é de Barack Obama, o qual olha em direção ao fotógrafo, procurando criar efeito de aproximação, diálogo com o leitor. Considerando que a foto é um texto, empregou-se a função apelativa, uma das seis funções da

linguagem, aquela que está centrada no receptor. Quanto à manchete principal, faz-se uso da impessoalidade, da 3ª pessoa e da linguagem denotativa e objetiva; trata-se nesse caso da função referencial, função que está associada ao contexto, aos fatos, ao referente. Embora a manchete seja imparcial, a frase não apresenta juízo de valor, o texto, como um todo (o verbo-visual), é parcial, pois Obama é manchete da principal página do jornal (a mais lida) e ocupa o lugar de maior destaque. É bom que se diga

que não há veículo de comunicação imparcial, sempre haverá um editor-chefe, que, sob o comando da direção, selecionará, distribuirá, veiculará o fato de acordo com critérios que estão ligados a uma visão de mundo, a uma ideologia. Como leitores, teremos de buscar mais de uma fonte, comparar as notícias, e, se possível, comprová-las. O estudo das funções da linguagem o ajudará na leitura dos fatos e no exercício da língua em outros textos.

Introdução

Em seu *Manual de semântica*, Mônica Rector esclarece que o termo “Função vem do latim *functione*, que significa execução de um encargo”. Dessa maneira, diz a linguista, seria adequado considerar que as funções da linguagem seriam instrumentos executores subordinados às múltiplas exigências a que a linguagem tem de adaptar-se para ser o suporte efetivo da comunicação. Ou seja, as funções seriam os diversos trajes de que a linguagem se reveste de acordo com a intenção da mensagem que se quer transmitir. O estudo das funções é de grande importância para a Literatura e para a Língua Portuguesa, a sua cobrança nos exames vestibulares é uma prova disso. O seu entendimento passa pela correlação com a chamada teoria da comunicação. Observe o esquema a seguir.



- **Emissor:** quem emite a mensagem (indivíduo ou grupo).
- **Receptor:** quem recebe a mensagem (indivíduo ou grupo).
- **Mensagem:** conteúdo das informações transmitidas.
- **Canal de comunicação:** é a via de circulação das mensagens (meios técnicos: voz, ondas sonoras, ouvido, excitação luminosa etc.).
- **Código:** é um conjunto de signos e regras de combinação destes signos (Língua Portuguesa, código Morse etc.).

As funções da linguagem

Função emotiva (ou expressiva)

Centralizada no emissor, a função emotiva expressa a sua atitude em relação ao conteúdo da mensagem e da situação. É o caso da interjeição com valor emotivo, julgamentos subjetivos (uso da primeira pessoa), entonações características, reticências e apostos.

Nota-se a presença dessa função principalmente nos textos poéticos em que, nos quais o eu lírico dá vazão aos seus sentimentos e emoções; em cartas de caráter pessoal, nas quais o destinador coloca os seus juízos de valor e seus sentimentos; em textos impressionistas, nos quais a visão de mundo do emissor é colocada no modo de retratar uma dada realidade; em textos analíticos, nos quais o crítico dá sua opinião sobre o objeto discutido. Exemplos:

- I. *Acho-me tranquilo – sem desejos, sem esperanças. Não me preocupa o futuro. O meu passado, ao revê-lo, surge-me como o passado de um outro. Permaneci, mas já não me sou. E até a morte real, só me resta contemplar as horas a esgueirar-se em minha face... A morte real – apenas um sonho mais denso.*
Mário de Sá Cameiro. *A confissão de Lúcio*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

Marcas: sentimentos do eu lírico e primeira pessoa.

- II. *Vinte anos! derramei-os gota a gota
Num abismo de dor e esquecimento...
De fogosas visões nutri meu peito...
Vinte anos!... sem viver um só momento!*
Álvares de Azevedo. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Nobel, 2008. p. 84.

Marcas: sentimentos do “eu”, primeira pessoa, exclamação.



Fig. 1 Marcas: primeira pessoa.

Na peça publicitária, lê-se:

- III. *Eu nasci pobre.
Fui criado sem pai.
Fui pedreiro. Fui sorveteiro.
Eu andava na rua e as pessoas mudavam de calçada.
Eu me converti ao Islamismo num país católico.
Escolhi o salto triplo na terra do futebol.
Eu podia ter desistido.
Pare de arrumar desculpas.*

Just do it

Função apelativa (ou conativa)

Centralizada no receptor, essa função procura estabelecer um diálogo direto com o destinatário da comunicação (o receptor, emprego da segunda pessoa do discurso). É frequente o uso de demonstrativos, possessivos de segunda pessoa, imperativos e vocativos.

Você encontrará com muita facilidade essa função em textos publicitários, em cartas de caráter profissional e em discursos políticos. Exemplos:

- I. **Versos íntimos**
*Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!*

*Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.*

Augusto dos Anjos. *Eu e outras poesias*. 42 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Marcas: pronomes e verbos em segunda pessoa.

II.



Fig. 2 Marcas: presença de pergunta e pronome de tratamento “você”.

III.

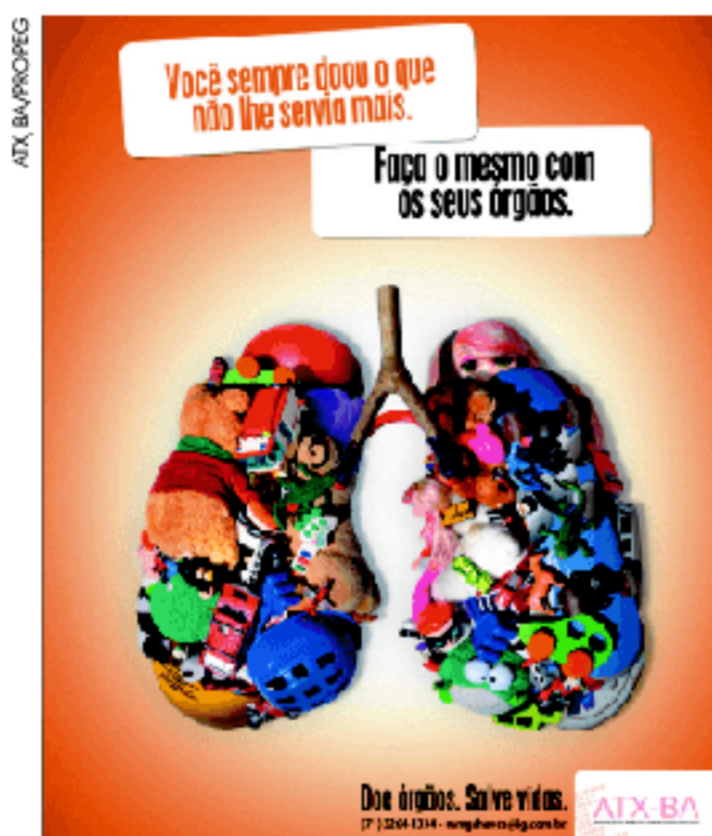


Fig. 3 Marcas: verbo na terceira pessoa do imperativo afirmativo: “Faça” (você).



Fig. 4 Marcas: vocativo, modo imperativo.

Função poética

A função poética suplementa o sentido da mensagem por meio do jogo de sua estrutura, de seu ritmo e de sua sonoridade; dá-se maior ênfase à forma e estrutura. É comum o uso de figuras de linguagem (pode ser empregada na prosa ou na poesia) e jogos de palavras. Essa função está presente na poesia, mas também é comum seu emprego em romances (a prosa poética, por exemplo, de Guimarães Rosa, Graciliano Ramos etc.), anúncios publicitários, entre outros tipos de texto.

I. *Eu gosto de palavras tortas
Como as colheres de sopa.
[...]*

Flávio Aguiar.

Marcas: rima, ritmo, versos e figuras.

II.



Fig. 5 Marcas: rima, trabalho da palavra no espaço.

III. *Levou os meus planos
Meu pobres enganos
Os meus vinte anos
[...]*

Chico Buarque. “A Rita”. Intérprete: _____. In: Chico Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: RGE, 1966. Faixa 3.

Marcas: rima, ritmo, versos e figuras.

IV. *I like Ike.*

Roman Jakobson.

Marcas: rima, jogo de palavras (paronomásia).

Função metalinguística

Centralizada no código, a função metalinguística serve para dar explicações ou precisar o código utilizado. Os dicionários e as nomenclaturas utilizadas na ciência (objeto direto, por exemplo) possuem essa finalidade (a linguagem fala da própria linguagem).

Temos metalinguagem pictórica (pintura), televisiva, teatral, cinematográfica etc. O filme *Cinema Paradiso*, por exemplo, é exemplo de metalinguagem cinematográfica, pois é um filme que comenta a estrutura cinematográfica. Exemplos:



Marcas: trabalho com os códigos linguísticos.

II. *Tudo o que contei no fim do outro capítulo foi obra de um instante.*
Machado de Assis. *Dom Casmurro*.

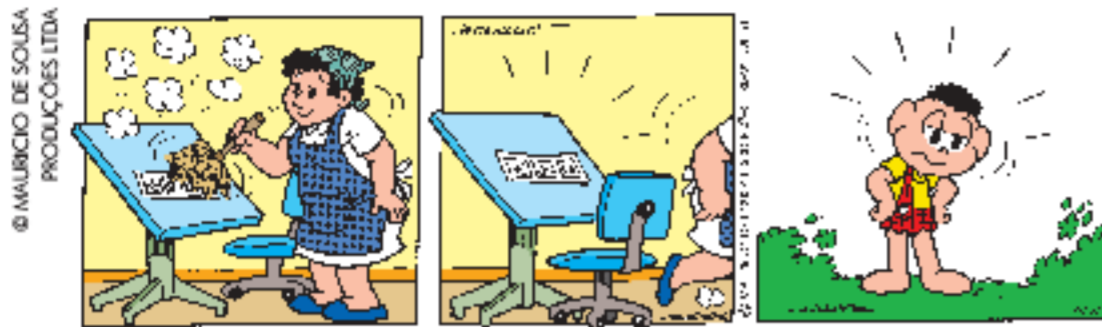
Marcas: o romance comenta sua própria arquitetura.

III. *escorbuto*: sm Moléstia que se manifesta por enfraquecimento geral, hemorragia e infecção purulenta das gengivas, geralmente causada por falta de vitamina C.

Ruth Rocha. *Minidicionário da Língua Portuguesa*.

Marcas: a palavra explica a palavra.

IV.



Marcas: o quadrinho comenta o quadrinho.

Função referencial (denotativa ou informativa)

Centralizada no referente, essa função remete-se aos referentes situacionais ou textuais, trata-se de uma ênfase ao assunto. O contexto – ou referente – é o objeto sobre o qual se fala. Observa-se seu emprego nos livros didáticos, nas bulas de remédio, nos manuais de instrução, placas informativas etc. Sua função é informar, por isso o uso preferencialmente da terceira pessoa (a objetividade predomina).

Não se percebe nem a presença do destinador, nem do destinatário; a neutralização de ambos é intencional, a objetividade não é obra do acaso. Se a função emotiva está centrada no “eu”, a conativa no “tu”, a referencial – também chamada “denotativa” ou “informativa” – está centrada no “ele” neutro, equivalente a um “isso”. Exemplos:

I. A manchete de jornal



Fig. 6 Função referencial.

Jornal de São Paulo, 1923.

II. Placa de rua



Fig. 7 Função referencial (placa informativa).

Placa curiosa, extraída de um site da internet.

III. Placa de trânsito



Fig. 8 Função referencial (placa de trânsito).

Marcas em todos os textos: conteúdo informativo, predomínio da linguagem objetiva.

Função fática

Serve para prolongar, interromper a comunicação e verificar se o canal funciona. O canal é a conexão entre os indivíduos envolvidos na comunicação, ele possibilita que os indivíduos se comuniquem. Quando se diz “olá, como vai?”, a finalidade é estabelecer o primeiro contato; quando se fala ao microfone “Som, som, testando”, o emissor quer saber se o canal funciona; são exemplos de emprego dessa função da linguagem. Em síntese, essa função tem o objetivo de instaurar ou manter o contato. Exemplos:

I. *Dona Maria, como vai sua tia?*

Chacrinha.

II. *Agora você vai desistir, né?*

III. *Olá! Como vai?*

Eu vou indo. E você, tudo bem?

Tudo bem! Eu vou indo, correndo,

Pegar meu lugar no futuro... E você?

Paulinho da Viola. “Foi um rio que passou em minha vida”. Intérprete: _____. In: *Sinal fechado*. Rio de Janeiro: EMI, 1970. Lado B. Faixa 7.

IV. – hein, mãe?
– Vou desligar.

Marcas: uso de termos como “né”, “como vai”, “tudo bem”, “pois é” e “hein”.

As várias funções juntas

Não nos esqueçamos de que em um texto pode haver várias funções ao mesmo tempo, veja o exemplo a seguir.

Minha Querida Mariana;

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teu pais e meu marido, que embora não

te conheça de ti não pode ouvir falar sem raiva. certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece. Por princípio odeia tudo o que amo, ridicularizando sempre os meus sentimentos, destruindo-os pela sua delicadeza e sensibilidade com grande prazer [...] mas de ti que é feito, Mariana? Que resta de ti, aí de clausura posta à força [...] Que desgraça o se nascer mulher..

Maria Isabel Barreno; Maria Teresa Horta; Maria Velho da Costa. *Novas cartas portuguesas*. 9 ed. Portugal: Leya, 2010. p. 134

No texto citado, notam-se as seguintes funções:

Função emotiva: os sentimentos do eu.

Função referencial: o relato da situação.

Função conativa: as perguntas feitas ao receptor.

Revisando

1 Cite os elementos da teoria da comunicação e relacione-os com cada uma das funções da linguagem.

Texto para as questões 2 e 3.

Saiba como evitar os ladrões de fim de ano.

Jornal da Tarde, 21 nov. 2005.

2 Destaque duas funções empregadas na manchete “Saiba como evitar os ladrões de fim de ano”.

3 Qual é o papel de cada uma das funções mencionadas no exercício anterior?

Exercícios propostos

1 Qual é o objetivo da utilização da função conativa no nome da revista a seguir? Explique.



2 Leia o texto a seguir e diga qual é a função da linguagem utilizada no texto em destaque.

Dizem que eu sou louco.

Dizem: oração principal; que eu sou louco: oração subordinada substantiva

3 Leia o texto a seguir e indique a função da linguagem predominante.

Atribui-se a invenção da acentuação ao gramático de Alexandria chamado Aristófanes de Bizâncio (260 a.C.).

Leodegário A. Filho. *Estudos filosóficos: homenagem a Serafim da Silva Neto.*

4 Explique a função metalinguística no texto a seguir.

Você vai roer uma pupunha.

O que é pupunha?

É dar dura.

5 Observe e responda o que se pede.



Que palavras possibilitam o emprego da função apelativa?

6 Estabeleça a correlação:

- | | | |
|--------------------|--------------------------|----------------------|
| 1. emotiva | <input type="checkbox"/> | emissor |
| 2. referencial | <input type="checkbox"/> | contexto |
| 3. poética | <input type="checkbox"/> | código |
| 4. conativa | <input type="checkbox"/> | destinatário |
| 5. metalinguística | <input type="checkbox"/> | mensagem |
| 6. fática | <input type="checkbox"/> | canal de comunicação |

7 Explique o emprego da função poética no texto a seguir.

O não me irrita

O sim me excita

8 ITA Assinale a opção que apresenta a função da linguagem predominante nos fragmentos a seguir.

Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: – Pois é.

Ela: – Pois é o quê?

Ele: – Eu só disse “pois é”!

Ela: – Mas “pois é” é o quê?

Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: – Entender o quê?

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já.

Clarice Lispector. *A hora da estrela.*

- | | |
|-----------------|--------------|
| (a) Poética | (d) Emotiva |
| (b) Fática | (e) Conativa |
| (c) Referencial | |

9 Aponte a função da linguagem predominante.

a) *O termo hesitar dá margem a uma ambiguidade: ele pode simplesmente descrever que, naquele momento preciso, houve uma pausa, e, ainda, que essa pausa tem um valor semântico específico: eu faço uma pausa, eu hesito, para criar um determinado efeito de sentido sobre o meu interlocutor, que pode ser, por exemplo, o de envolver a frase em um certo suspense. Na verdade, sempre é assim: toda pausa, ou, de modo mais geral, todo acontecimento linguístico participa do sentido que possa vir a ter; se eu ouço uma frase, que, portanto, é enunciada de uma determinada maneira, eu não a interpreto como se eu a ouvisse de uma outra maneira, dita em outra situação, por um outro interlocutor [...]*

Alcir Pécora. *Problemas de redação*, Martins Fontes, p. 33.

- b) Amarás a Deus sobre todas as coisas
 Não tomarás seu santo nome em vão
 Guardarás os domingos e feriados
 Honrarás pai e mãe
 Não matarás
 Não pecarás contra a castidade
 Não furtarás...

Os Dez Mandamentos.

- c) Ligue-se!
 Com o Palm III, dá para mandar e-mail, checar a agenda, consultar bancos de dados, navegar pela Web... tudo por menos de 1.000 reais.

Revista Info, capa, n. 150, set. 1998.

Texto para as questões de 10 a 14.

Sexa

- Pai...
- Hmmm?
- Como é o feminino de sexo?
- O quê?
- O feminino de sexo.
- Não tem.
- Sexo não tem feminino?
- Não.
- Só tem masculino?
- É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
- E como é feminino de sexo?
- Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
- Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
- O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
- Não devia ser "a sexa"?
- Não.
- Por que não?
- Porque não! Porque não. "Sexo" é sempre masculino.
- O sexo da mulher é masculino?
- É. Não! O sexo da mulher é feminino.
- E como é o feminino?
- Sexo mesmo. Igual ao do homem.
- O sexo da mulher é igual ao do homem?
- É. Quer dizer... Olha aqui. Tem o sexo masculino e o sexo feminino, certo?
- Certo.
- São duas coisas diferentes.
- Então como é o feminino de sexo?
- É igual ao masculino.
- Mas não são diferentes?
- Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
- Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
- A palavra é masculina.
- Não. A "palavra" é feminina. Se fosse masculino seria "o pal..."

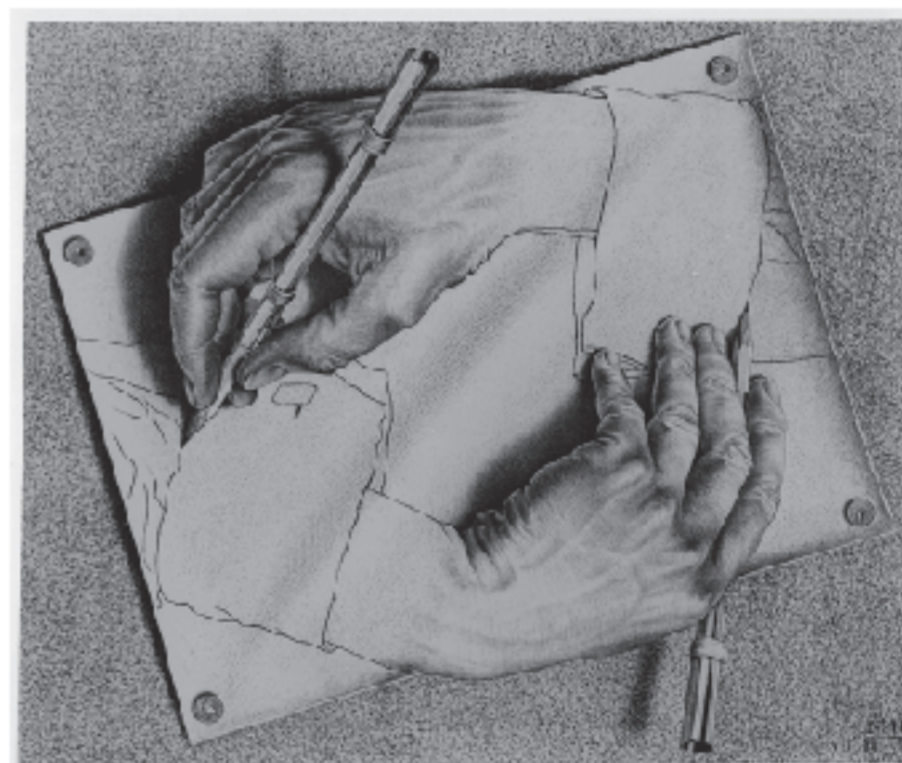
- Chega! Vai brincar, vai.
- O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:
- Temos que ficar de olho nesse guri...
- Por quê?
- Ele só pensa em gramática.

Luis Fernando Veríssimo. "Sexa". In: *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 53-4. © by Luis Fernando Veríssimo.

- 10** Aponte os trechos em que se empregou a função fática.
- 11** Qual o significado da expressão "ficar de olho", presente na antepenúltima fala? A que nível de linguagem pertence tal expressão?
- 12** Sobre o que se sustenta o humor do texto?
- 13** Na última linha do texto, há uma ambiguidade. Explique-a.
- 14** Passe a frase a seguir para a norma culta.

Tem sexo masculino e sexo feminino.

- 15** Fuvest Observe, a seguir, esta gravura de Escher.



M. C. Escher. *Drawing Hands*, 1948. Litografia.

Na linguagem verbal, exemplos de aproveitamento de recursos equivalentes aos da gravura de Escher encontram-se, com frequência:

- (a) nos jornais, quando o repórter registra uma ocorrência que lhe parece extremamente intrigante.
- (b) nos textos publicitários, quando se comparam dois produtos que têm a mesma utilidade.
- (c) na prosa científica, quando o autor descreve com isenção e distanciamento a experiência de que trata.
- (d) na literatura, quando o escritor se vale das palavras para expor procedimentos construtivos do discurso.
- (e) nos manuais de instrução, quando se organiza com clareza uma determinada sequência de operações.

TEXTO COMPLEMENTAR

Funções

A língua está a serviço de duas funções principais:

1º um sistema de respostas por meio do qual os indivíduos se comunicam – comunicação interindividual.

2º um sistema de respostas que auxilia o pensamento e a ação do indivíduo – a comunicação intraindividual.

Aquela transmite informação, pensamento e sentimento de um indivíduo para outro, esta facilita o “ato de pensar” e, conseqüentemente, o próprio comportamento individual.

Aristóteles (384-322 a.C.) já se havia preocupado com a problemática da comunicação, do seguinte ângulo: a busca de

todos os meios possíveis de comunicação implica a pessoa que fala (quem), o discurso que se pronuncia (o que), e a pessoa que escuta (quem).

Nesse sentido, a comunicação pode ser encarada sob três perspectivas diversas, que resumem as funções fundamentais da linguagem. Do ponto de vista de quem fala (trata-se aqui de expressar um pensamento, sentimento ou desejo) é um sintoma; de quem ouve (uma chamada que é respondida com uma ação verbal ou não) é um sinal; da comunicação (da coisa da qual se fala) é um símbolo.

Expressão	Representação	Apelo
Eu linguagem de primeira pessoa é o próprio falante	Ele linguagem de terceira pessoa que fala das coisas sobre as quais se diz algo	Tu linguagem de segunda pessoa, aquele a quem se dirige o enunciado, atuando sobre ele.
preponderante na lírica	fala de objetos e relações	pronomes demonstrativos ou linguagem imperativa ou de comando
Sou bem nascido, Menino/Fui como os demais, feliz,/Depois veio o mau destino/E fez de mim o que quis.	O Brasil vai entrar na era atômica. Governo legaliza venda da Cruzeiro.	Vem cá, João! Fica quieto, piá!
Sintoma	Símbolo	Sinal

Francis Vanoye. *Usos da linguagem*.

RESUMINDO

- **Função emotiva (ou expressiva):** centrada no emissor, expressa a sua atitude em relação ao conteúdo da mensagem e da situação. É o caso da interjeição com valor emotivo, julgamentos subjetivos, entonações características, reticências, apostos (linguagem de primeira pessoa, é o próprio falante), adjetivos, advérbios, torneios sintáticos, metáforas, comparações e uso de primeira pessoa.
- **Função apelativa (ou conativa):** centrada no receptor, essa função procura estabelecer um diálogo direto com o destinatário da comunicação (o receptor, linguagem em segunda pessoa). É frequente o uso de demonstrativos e possessivos de segunda pessoa, imperativos e vocativos.
- **Função poética:** centrada na mensagem, suplementa o sentido da mensagem por meio do jogo de sua estrutura, de seu ritmo e de sua sonoridade.
- **Função metalinguística:** centrada no código, a função metalinguística serve para dar explicações ou precisar o código utilizado. Os dicionários e as nomenclaturas utilizadas na ciência (objeto direto, por exemplo) possuem essa finalidade (a linguagem fala da própria linguagem).
- **Função referencial (denotativa ou informativa):** centrada no referente, essa função remete aos referentes situacionais ou textuais. Visa a informar; a ênfase é dada à terceira pessoa (impessoalidade).
- **Função fática:** serve para iniciar, prolongar ou interromper a comunicação e verificar se o canal funciona. Ou seja, tem a função de instaurar ou manter o contato.

■ QUER SABER MAIS?



LIVRO

- Chico Buarque. *Budapeste*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.



CHARGE

- Charges de Ique. *Jornal do Brasil*.



FILME

- *Batismo de Sangue*. Direção de Helvecio Raton.



SITE

- <www.semiotica.com.br/?page_id=5>.



TEATRO

- Qorpo Santo. *Relações Naturais*. São Paulo: Mercado Aberto.

Exercícios complementares

A questão de número 1 toma por base o poema “Lisbon revisited”, do heterônimo Álvaro de Campos do poeta modernista português Fernando Pessoa (1888-1935).

Lisbon Revisited (1923)

Não: não quero nada,
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?
Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!

Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul – o mesmo da minha infância –
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

Fernando Pessoa. *O Eu profundo e os outros Eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 372-3.

1 Vunesp Atentando para o fato de que a função conativa da linguagem é orientada para o destinatário da mensagem, identifique o modo verbal que, insistentemente empregado pelo eu poético, torna muito intensa a orientação para o destinatário no poema de Fernando Pessoa.

2 AFA “O filme *Cinema Paradiso* é uma película que fala sobre o próprio cinema.”

Tal característica é um exemplo da seguinte função da linguagem:

- | | |
|----------------------|----------------------|
| (a) fática. | (c) metalinguística. |
| (b) cinematográfica. | (d) referencial. |

Texto para as questões 3 e 4.



– Alô, do Bangu I?
 – Oh, meu irmão, não tô escutando nada ... e dizê que comprei este celular ontem com o carcereiro!
 – Alô, alguém tá na parada?
 – Fala, sangue ruim, é o Caveira?
 – Tá ruim, Ditinho, será que os home tá na escuta?
 – O quê?
 – Será que os home tão ligado no papo?
 – Num sei, só sei que eu paguei eles ontem.
 – Cê apagô os polícia?
 – Não, paguei... paguei, oh Caveira surda!
 – Tô caindo fora Ditinho, não esquece de pagá o deputado também.
 – Não precisa, ele foi preso no mês passado.

3 Em relação ao texto:

- cite dois termos que comprovem a presença da função fática.
- qual a referência lúdica à realidade feita por ele? Explique.

4 Que elemento da teoria da comunicação cria o ruído na transmissão da mensagem? Cite ainda uma passagem em que também ocorre a função apelativa.

Texto para as questões de 5 a 7.



5 UFF Algumas temáticas e estéticas de escolas literárias (a presença da natureza, o “eu lírico”, a idealização, o humor, a desconstrução linguística, o cultivo da forma) podem ser retomadas sob um novo modo de dizer – de forma crítica, irônica, caricatural...

Justifique, exemplificando com material do texto, um possível entendimento de uma releitura do Romantismo e/ou do Parnasianismo em *Hagar, o Horrível*.

6 Cite uma passagem do texto em que se verifica a função metalinguística.

7 Em que passagem do texto verifica-se a crítica ao aspecto formal.

Texto para as questões 8 e 9.

Sub Tegmini Fagi

[...]
 Vem comigo cismar risonho e grave...
 A poesia – é uma luz... e a alma – uma ave...
 Querem – trevas e ar.
 A andorinha, que é a alma – pede o campo.
 A poesia quer sombra – é o pirilampo...
 P’ra voar... p’ra brilhar.
 [...].

Castro Alves. *Espumas flutuantes*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p. 105.

Poesis II

luz lapidada
 de ourives segredo

incompactável brilho
 faz da sua chama
 meu ideograma.

Carlos F. F. de Magalhães. *Perau*. Goiânia: Vieira, 2004. p. 203.

8 A estrofe de Castro Alves e o poema de Carlos Fernando F. de Magalhães apresentam aspectos que os aproximam e os distinguem.

Tendo em vista esse fato, indique:

- um aspecto comum aos dois textos;
- dois aspectos que os diferenciam.

9 Cite uma passagem em que se observa a presença da função metalinguística em ambos os textos.

Texto para a questão 10.

Coplas

I
 O GERENTE – Este hotel está na **berra!**
 Coisa é muito natural
 Jamais houve nesta terra
 Um hotel assim mais tall
 Toda a gente, meus senhores,
 Toda a gente ao vê-lo diz:
 Que os não há superiores
 Na cidade de Paris!
 Que belo hotel excepcional
 O Grande Hotel da Capital
 Federal!
 CORO – Que belo hotel excepcional etc.

coplas: espécie de estrofe; **berra:** estar na moda.

II
 O GERENTE – Nesta casa não é raro
 Protestar algum freguês:
 Coisa é muito natural!
 Acha bom, mas acha caro
 Quando chega o fim do mês.
 Por ser bom precisamente,
 Se o freguês é do bom-tom
 Vai dizendo a toda a gente
 Que isto é caro mas é bom.
 Que belo hotel excepcional!
 O Grande Hotel da Capital
 Federal!
 CORO – Que belo hotel excepcional etc.

O GERENTE (Aos criados) – Vamos! Vamos! Aviem-se! Tomem as malas e encaminhem estes senhores! Mexam-se! Mexam-se!... (Vozes. Os hóspedes pedem quarto, banhos etc. Os criados respondem. Tomam as malas, saem todos, uns pela escadaria, outros pela direita.)

CENA II

O GERENTE, depois, FIGUEIREDO

O GERENTE (Só) – Não há mãos a medir! Pudera! Se nunca houve no Rio de Janeiro um Hotel assim! Serviço elétrico de primeira ordem! Cozinha esplêndida, música de câmara durante as refeições da mesa redonda! Um relógio pneumático em cada aposento! Banhos frios e quentes, duchas, sala de natação, ginástica e massagem! Grande salão com um **plafond** pintado pelos nossos primeiros artistas! Enfim, uma verdadeira novidade! – Antes de nos estabelecermos aqui, era uma vergonha! Havia hotéis em São Paulo superiores aos melhores do Rio de Janeiro! Mas em boa hora foi organizada a Companhia do Grande Hotel da Capital Federal, que dotou esta cidade com um melhoramento tão reclamado! E o caso é que a empresa está dando ótimos dividendos e as ações andam por empenhos! (Figueiredo aparece no topo da escada e começa a descer.) Ali vem o Figueiredo. Aquele é o verdadeiro tipo do carioca: nunca está satisfeito. Aposto que vem fazer alguma reclamação.

Arthur Azevedo. *A Capital Federal*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1972.

10 Uerj O texto faz parte de uma peça de teatro, forma de expressão que se destacou na captação das imagens de um Rio de Janeiro que se modernizava no início do século XX.

- Aponte o gênero de composição em que se enquadra esse texto e um aspecto característico desse gênero.
- A fala do gerente revela atitudes distintas, quando se dirige aos criados e quando está só. Identifique o modo verbal e a função da linguagem predominantes na fala dirigida aos criados.

11 Enem Leia o texto a seguir.

O jivaro

Um sr. Matter, que fez uma viagem de exploração à América do Sul, conta a um jornal sua conversa com um índio jivaro, desses que sabem reduzir a cabeça de um morto até ela ficar bem pequenina. Queria assistir a uma dessas operações, e o índio lhe disse que exatamente ele tinha contas a acertar com um inimigo.

O sr. Matter:

– Não, não! Um homem, não. Faça isso com a cabeça de um macaco.

E o índio:

– Por que um macaco? Ele não me fez nenhum mal!

Rubem Braga.

O assunto de uma crônica pode ser uma experiência pessoal do cronista, uma informação obtida por ele ou um caso imaginário. O modo de apresentar o assunto também varia: pode ser uma descrição objetiva, uma exposição argumentativa ou uma narrativa sugestiva.

Quanto à finalidade pretendida, pode-se promover uma reflexão, definir um sentimento ou tão somente provocar o riso.

Na crônica *O jivaro*, escrita a partir da reportagem de um jornal, Rubem Braga se vale dos seguintes elementos:

- Assunto – caso imaginário
 Modo de apresentar – descrição objetiva
 Finalidade – provocar o riso
- Assunto – informação colhida
 Modo de apresentar – narrativa sugestiva
 Finalidade – promover reflexão
- Assunto – informação colhida
 Modo de apresentar – descrição objetiva
 Finalidade – definir um sentimento
- Assunto – experiência pessoal
 Modo de apresentar – narrativa sugestiva
 Finalidade – provocar o riso
- Assunto – experiência pessoal
 Modo de apresentar – exposição argumentativa
 Finalidade – promover reflexão

12 Leia o verbete a seguir.

ciência [do lat. scientia]. s. f. [...] conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objetividade que permitem sua transmissão, e estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias, que visam compreender e, possivelmente, orientar a natureza e atividades humanas.

- Como você descreveria a linguagem utilizada no texto citado?
- Quais funções da linguagem ocorrem?

plafond: teto.

13 A publicidade a seguir foi publicada na revista *Veja*, leia-a.

DINHEIRO NÃO TRAZ FELICIDADE.
MUITO MENOS DEPOIS DA FALÊNCIA

Na hora da novela, mude de canal. Venha para
PERDIDOS DE AMOR
De segunda a sexta, às 19h15, na BAND

Assinale a alternativa incorreta.

- (a) A enunciação, para criar um efeito de aproximação, utiliza a função apelativa em “mude” e “venha”. O sujeito desinencial dos dois verbos é o próprio telespectador.
- (b) Apesar da oposição semântica em “muito menos”, a expressão é aceitável no contexto em que é empregada.
- (c) Se houvesse uma vírgula no lugar do ponto em “...mude de canal. Venha para...”, teríamos um período composto por coordenação. Haveria uma ideia de sobreposição.
- (d) A locução “de amor” expressa semanticamente uma relação de modo, equivale a “perdidos por amor”.
- (e) Se invertêssemos a frase que inicia o texto (“felicidade” no lugar de “dinheiro” e vice-versa), haveria alteração de sentido. Já a expressão *dinheiro não traz felicidade* é extraída da linguagem popular como forma de persuadir o leitor a assistir à novela, já que esta traz no seu título um conteúdo que se opõe ao “dinheiro”.

14 Os textos a seguir pertencem a Luís Vaz de Camões, poeta do século XVI e a Sophia de Mello Breyner Andresen, poetisa do século XX. Compare-os e a seguir analise as afirmações a seu respeito.

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

Luís de Camões. *Sonetos de Camões*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo.
Mal de te amar neste lugar de imperfeição
Onde tudo nos quebra e emudece
Onde tudo nos mente e nos separa.

Sophia de Mello Breyner Andresen, “Terror de te amar”. In: *Antologia*, 1944-1967.

- I. Aproximam-se pelo tema do amor e pelo fato de empregarem um mesmo tipo de repetição.
- II. Distanciam-se pela forma de tratar o amor (em Camões o amor é impessoal, e em Andresen é pessoal, há a função conativa).
- III. O texto de Sophia, assim como o de Camões, utiliza oposições semânticas para definir o amor, como em *Onde tudo nos mente e nos separa*.

Está(ão) correta(s):

- (a) apenas II. (c) apenas I e II. (e) todas.
- (b) apenas III. (d) apenas I e III.

15 Observe a manchete a seguir.

CAOS NO AEROPORTO, CHUVA
E ESTRADA CHEIA NO FERIADO

Jornal *valeparaibano*, 2 nov. 2006.

Na manchete do *valeparaibano*, nota-se o emprego:

- (a) da função apelativa.
- (b) da função fática.
- (c) da função metalinguística.
- (d) da função referencial.
- (e) da função poética.

Texto para as questões 16 e 17.

E sabe a diferença entre o Alckmin e o Romário? O Alckmin é da Opus Dei, o Romário é da Opus Night. [...] E essa vai ser a campanha mais indigesta do século: chuchu com lula. AARGH! Sapo barbudo x Careca Tucano.

[...]

José Simão. “Efeito Alckmin! O dólar cai, e o chuchu sobe!”.
Folha de S.Paulo, 16 mar. 2006.

16 Em AARGH, nota-se o emprego da função:

- (a) referencial.
- (b) conativa.
- (c) emotiva.
- (d) referencial e poética.
- (e) conativa e poética.

17 Em *E sabe a diferença entre o Alckmin e o Romário?*, José Simão empregou a função:

- (a) metalinguística.
- (b) poética.
- (c) conativa.
- (d) poética e conativa.
- (e) referencial e emotiva.

18 Você sabe o que é arte “naïf” ou arte primitiva? Segundo alguns catálogos de artes plásticas, trata-se da criação intuitiva de artistas populares, sem qualquer formação técnica ou erudita. Um dos maiores representantes brasileiros dessa vertente artística foi Heitor dos Prazeres, que também se consagrara como sambista na primeira metade do século passado.

No texto anterior, nota-se a presença de algumas funções da linguagem; entre elas destacam-se a que promove uma aproximação com o leitor e a que informa a respeito do assunto. Diga quais são.

Texto para a questão 19.

As pessoas que falam uma língua estrangeira sem sotaque são geralmente as que aprenderam o idioma estrangeiro na infância, juntamente com a língua materna. Nesses verdadeiros

bilíngues, de alto desempenho, a mesma região do cérebro que produz a fala é compartilhada pela representação dos dois idiomas, enquanto nas pessoas que aprendem a segunda língua, na vida adulta, duas regiões vizinhas, separadas, cuidam cada uma de um idioma. A representação conjunta talvez explique a maior facilidade dos bilíngues verdadeiros em transitar entre os dois idiomas, já que as mesmas redes neurais de associação devem ser acionadas por um idioma e outro.

Suzana Herculano-Houzel. (Adapt.).

19 Mackenzie É correto afirmar que no texto há:

- (a) diferentes níveis de linguagem, evidenciando a presença de variações no uso da língua.
- (b) o predomínio da função apelativa, com o uso de elementos linguísticos que reforçam o apelo ao leitor, revelado pela linguagem acadêmica.
- (c) linguagem formal na transmissão de informações, intenção preponderante que indicia a função referencial do texto.
- (d) uma estrutura típica da argumentação que apresenta duas teses conflitantes, sendo que ao final uma delas é privilegiada.
- (e) predomínio da subjetividade, depreendida principalmente pelo uso de expressões como “geralmente” e “talvez”.

Texto para a questão 20.



20 UEG É correto afirmar que, na charge:

- (a) a linguagem dos políticos é apropriada pelos traficantes de drogas.
- (b) a linguagem dos traficantes de drogas é apropriada pelos políticos.
- (c) o contexto dos políticos é apropriado pelos traficantes de drogas.
- (d) o contexto dos traficantes de drogas é apropriado pelos políticos.

21 UEG Leia estes trechos:

Trecho 1

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

João Guimarães Rosa. *Grande sertão: Veredas*. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 132.

Trecho 2

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo, recruzado.

João Guimarães Rosa. *Grande sertão: Veredas*. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 253-4.

Com base na leitura desses trechos, redija um texto, explique o uso da metalinguagem pelo narrador de *Grande sertão: Veredas*.

Textos para a questão 22.

O canto do guerreiro

Aqui na floresta
 Dos ventos batida,
 Façanhas de bravos
 Não geram escravos,
 Que estimem a vida
 Sem guerra e lidar.
 – Ouvi-me, Guerreiros,
 – Ouvi meu cantar.

Valente na guerra,
 Quem há, como eu sou?
 Quem vibra o tacape
 Com mais valentia?
 Quem golpes daria
 Fatais, como eu dou?
 – Guerreiros, ouvi-me;
 – Quem há, como eu sou?

Antônio Gonçalves Dias. *Cantos e Recantos*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Macunaíma (Epílogo)

Acabou-se a história e morreu a vitória.

Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo na tribo Taparhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares, aqueles campos, furos puxadouros arrasadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era solidão do deserto... Um silêncio imenso dormia à beira do rio Uraricoera.

Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar da tribo nem contar aqueles casos tão pançudos. Quem podia saber do Herói?

Mário de Andrade. *Macunaíma*.

22 Considerando-se a linguagem desses dois textos, verifica-se que:

- (a) a função da linguagem centrada no receptor está ausente tanto no primeiro quanto no segundo texto.
- (b) a linguagem utilizada no primeiro texto é coloquial, enquanto, no segundo, predomina a linguagem formal.
- (c) há, em cada um dos textos, a utilização de pelo menos uma palavra de origem indígena.
- (d) a função da linguagem, no primeiro texto, centra-se na forma de organização da linguagem e, no segundo, no relato de informações reais.
- (e) a função da linguagem centrada na primeira pessoa, predominante no segundo texto, está ausente no primeiro.

Texto para a questão 23.

Prevenção contra assaltos

Como os assaltos crescem dia a dia, não podendo contê-los, a PM, sabiamente, dá conselhos aos cidadãos para serem menos assaltados:

- I. Não demonstre que carrega dinheiro.
 - II. Jamais deixe objetos à vista, dentro do carro.
 - III. Levante todos os vidros, mesmo em movimento.
 - IV. Não deixe documentos no veículo.
- [...]

Millôr Fernandes. *Que país é este*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1948. p. 113.

23 CFTMG Nesse fragmento, a função da linguagem predominante é:

- (a) fática. (c) conativa.
- (b) emotiva. (d) referencial.

Texto para a questão 24.

Este inferno de amar

*Este inferno de amar – como eu amo!
Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é a vida – e que a vida destrói –
Como é que se veio a atear,
Quando – ai quando se há de ela apagar?*

24 Unifesp Nos versos de Garrett, predomina a função

- (a) metalinguística da linguagem, com extrema valorização da subjetividade no jogo entre o espiritual e o profano.
- (b) apelativa da linguagem, num jogo de sentido pelo qual o poeta transmite uma forma idealizada de amor.
- (c) referencial da linguagem, privilegiando-se a expressão de forma racional.
- (d) emotiva da linguagem, marcada pela não contenção dos sentimentos, dando vazão ao subjetivismo.
- (e) fática da linguagem, utilizada para expressar as ideias de forma evasiva, como sugestões.

25 UFG Uma propaganda a respeito das facilidades oferecidas por um estabelecimento bancário traz a seguinte recomendação:

Trabalhe, trabalhe, trabalhe. Mas não se esqueça: vírgulas significam pausas.

Veja. 1918 ed. São Paulo: Editora Abril, 17 ago. 2005. p. 17. Nesse texto, observa-se um exercício de natureza metalinguística. Explique como esse recurso auxilia a construção do sentido pretendido para persuadir o leitor.

Textos para a questão 26.

Texto 1

Nossa cultura valoriza a consciência crítica dos indivíduos. As decisões coletivas nos parecem fadadas ao erro por serem paixões da massa manipulada ou médias estatísticas, consensos numéricos sem argumentação e sem complexidade.

Contardo Calligaris, *Elogio das eleições*. Folha de S.Paulo, 30 set. 2004. p. E8.

Texto 2

Qualquer estagiário de publicidade sabe que não se deve conjugar os verbos no plural. O certo é dizer: "compre", "veja", "experimente"; nunca "comprem", "vejam", "experimentem". Cada consumidor quer ser tratado como indivíduo, e não como rebanho. Teoricamente, os anúncios apelam para a liberdade de quem os lê: apresentam-se como um esforço de persuasão pessoal, e não de mobilização coletiva.

Marcelo Coelho. "Por que era tão moderno usar chapéu". Folha de S.Paulo, São Paulo, 8 jun. 2005. p. E10.

26 UEG Considerando a ideia de que a linguagem tem funções que dependem das intenções do autor em relação ao leitor e, ainda, a leitura atenta dos textos 1 e 2, analise as seguintes proposições:

- I. O propósito predominante do texto 1 é discutir conceitos culturais de forma direta e objetiva, o que caracteriza a função referencial da linguagem.
- II. Predomina, no texto 2, a função apelativa da linguagem, fato percebido no uso das palavras "consumidor", "anúncios" e "persuasão", termos típicos do gênero publicitário.
- III. O texto 2 utiliza a metalinguagem ao explicar que o uso de verbos na segunda pessoa do imperativo singular produz um forte efeito persuasivo no consumidor, pois o individualiza e o faz sentir-se único.
- IV. Nos dois textos predomina a função emotiva porque ambos pretendem expressar sentimentos de insatisfação com a valorização da consciência crítica do indivíduo pela massa manipulada.

Marque a alternativa correta:

- (a) Apenas a proposição I é verdadeira.
- (b) Apenas a proposição II é verdadeira.
- (c) Apenas a proposição III é verdadeira.
- (d) Apenas as proposições II e III são verdadeiras.
- (e) Apenas as proposições III e IV são verdadeiras.

27 FGV Leia o seguinte texto de Ubirajara Inácio de Araújo:

Todo texto é uma sequência de informações: do início até o fim, há um percurso acumulativo delas. Às informações já conhecidas, outras novas vão sendo acrescentadas e estas, depois de conhecidas, terão a si outras novas acrescentadas e, assim, sucessivamente. A construção do texto flui como um ir-e-vir de informações, uma troca constante entre o dado e o novo.

É correto afirmar que, nesse texto, predominam:

- (a) Função referencial e gênero do tipo dissertativo.
- (b) Função fática e gênero de conteúdo didático.
- (c) Função poética e gênero do tipo narrativo.
- (d) Função expressiva e gênero de conteúdo dramático.
- (e) Função conotativa e gênero de conteúdo lírico.

Textos para a questão 28.

- I. *Mais de 800 milhões de pessoas, muitas delas crianças, estão 'desnutridas e privadas da oportunidade de viver uma vida plena' em todo o mundo, denunciou a FAO (Fundo das Nações Unidas para a Alimentação) em um informe apresentado na semana passada ao Comitê sobre a Segurança Alimentar Mundial, em Roma.*
Folha de Londrina, 4 jun. 2001.
- II. *O mundo vai terminar o ano mais pobre. Na semana que passou, o Fundo Monetário Internacional (FMI), que é uma organização financeira com participação de praticamente todos os países industrializados, anunciou que a economia mundial deverá crescer apenas 2,6% em 2001, e não mais os 3,2% projetados em abril. No início do ano, o Fundo previa expansão de 4,5% para a economia global este ano. Mas, a cada trimestre que passa, os números encolhem e mostram que o planeta está empobrecendo. O Brasil não deverá ser exceção.*
Folha de Londrina, 24 set. 2001.
- III. *As políticas públicas para combater a fome foram tema de um encontro entre representantes de 17 municípios do Paraná, Santa Catarina e São Paulo, na semana passada. O objetivo principal da reunião foi estimular a troca de experiências. Segundo Maya Takagi, coordenadora técnica do programa Fome Zero, desde 1994 o Brasil não tem políticas nacionais de combate à fome e à miséria.*
Folha de Londrina, 10 dez. 2001.

28 UEL Como se sabe, uma das principais características da notícia de jornal é tentar criar a impressão de objetividade e neutralidade. Isso ocorre nos textos por meio de:

- (a) apresentação de posicionamentos contraditórios.
- (b) discordância com as informações extraídas de outras fontes.
- (c) emprego abusivo de adjetivos.
- (d) apelos constantes à ironia.
- (e) referência a dados estatísticos.

Texto para a questão 29.

Se, pela pronúncia, você está desconfiado de que a nossa palavra "xará" surgiu de alguma expressão indígena, acertou. "Ela tem origem em 'sa rara', um derivado de 'se rera', que significa aquele que tem o mesmo nome, em tupi", diz o etimologista Cláudio Moreno. No sul do Brasil, usa-se também a palavra "to-caio" com o mesmo significado. Vem do espanhol "tocayo" que, por sua vez, tem origem na frase ritual latina que a noiva dizia ao noivo quando a comitiva nupcial vinha buscá-la em casa: "Ubi'tu Caius, ibi ego Caia" (Onde fores chamado Caio, ali eu serei Caia). Por transmitir a ideia de que a noiva, ao se casar, passava a ter o mesmo nome do noivo, a palavra passou a ser usada como sinônimo de xará.

Rodrigo Cavalcante. (Adapt.).

29 Mackenzie Sobre o trecho *Se, pela pronúncia, você está desconfiado de que a nossa palavra xará surgiu de alguma expressão indígena, acertou*, é correto afirmar que:

- (a) corresponde a um trecho de diálogo real travado entre o redator do texto e os especialistas em língua portuguesa.
- (b) explora a função referencial da linguagem, que impõe certa distância entre o texto e o leitor.
- (c) exemplifica o que chamamos de discurso direto livre, já que reproduz uma pergunta do leitor, tal como foi elaborada.
- (d) corresponde a um trecho de diálogo entre o redator do texto e o leitor Cláudio Moreno.
- (e) explora o recurso de simular um diálogo entre o redator e o leitor do texto, a fim de motivar a leitura.

6

Categorias de mundo e temas e figuras

O quadro ao lado pertence a René Magritte, pintor surrealista. Trata-se de um texto figurativo, emprega em suas imagens elementos concretos, como o espelho, o homem, o livro. Por ser um texto que privilegia o concreto, é preciso abstraí-lo para que possamos identificar o assunto, o tema. É preciso ainda tornar o particular geral. O que se vê é um homem diante do espelho, a cena é simples, os elementos presentes estão bem figurativizados, claros, contudo há uma quebra de expectativa, pois o homem está ainda de costas, criando uma incoerência. Essa incoerência desafia a lógica, instiga a fantasia, remete ao desconhecido. Trata-se de um estranhamento que cria efeito de sentido. A proposta do quadro, portanto, é transgredir a lógica, ir em direção contrária ao óbvio, mostrar outra realidade com a qual o observador do quadro ainda não lidou. O surrealismo, do qual pertence o quadro, não atuou apenas na pintura; em linguagem verbal, por exemplo, temos André Breton, que redigiu o manifesto surrealista; eis algumas passagens:

A atitude realista [...], parece-me hostil a todo impulso de liberação intelectual e moral. Tenho-lhe horror por ser feita de mediocridade, ódio e insípida presunção. É ela a geradora hoje em dia desses livros ridículos, dessas peças insultuosas.

André Breton. *Manifesto do Surrealismo.*

O espírito que mergulha no surrealismo revive com exaltação a melhor parte de sua infância.

Esta intratável mania de reduzir o desconhecido ao conhecido, ao classificável, embala os cérebros.

André Breton. *Manifesto do Surrealismo.*

As ideias do manifesto estão contidas no quadro, o tema continua sendo o mesmo, apenas a linguagem é diferente, mais abstrata, já que se trata de um texto temático (predomínio de substantivos abstratos).



Introdução

Neste capítulo, daremos continuidade aos níveis do texto; o nível discursivo é o mais próximo da manifestação textual. Nesta etapa, estudaremos as categorias pessoa-tempo-espaço e o uso de temas e figuras. A abordagem das categorias acima citadas possibilitará um aprofundamento das estratégias utilizadas pela enunciação. Já o estudo dos temas e das figuras permitirá ao aluno identificar com mais clareza o assunto discutido no texto, o tema.

Categorias pessoa-tempo-espaço

O sujeito da enunciação, segundo Diana Luz Pessoa de Barros, professora livre-docente da Universidade de São Paulo, faz uma série de opções para projetar o discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir. Essas opções criam efeitos de proximidade ou distanciamento da enunciação e efeitos de realidade.

Objetividade e subjetividade – efeitos de aproximação e distanciamento

Linguagem objetiva

Há recursos na língua que permitem criar efeitos de objetividade e distanciamento da enunciação, uma espécie de neutralidade em relação ao que é dito. Um dos recursos utilizados para obter esse efeito é a instalação da terceira pessoa. Jornais como *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, por exemplo, dificilmente utilizam a primeira pessoa, ou a segunda, em suas manchetes. O distanciamento produzido pelo uso da terceira pessoa cria a ilusão de imparcialidade, como se a enunciação não tivesse opinião formada sobre o assunto (o leitor desses jornais identifica-se com esse procedimento linguístico). A ausência de juízo de valor explícito e de certas figuras de linguagem – como a metáfora, a ironia, a hipérbole (que costumam estabelecer juízo de valor) – também são marcas de objetividade.

Eu (enunciação)



Ele → (enunciado) objetividade

Linguagem subjetiva

O efeito de subjetividade ocorre no momento em que a enunciação projeta a primeira ou a segunda pessoa (além de pronomes de terceira, como “você”). Essa estratégia é frequente em revistas especializadas, jornais sensacionalistas e textos publicitários. O tom confessional e a conversa direta com o leitor são elementos persuasivos. Há subjetividade ainda quando a enunciação, por meio de adjetivos, expressões adjetivas, verbos, substantivos e advérbios, expressa juízo de valor, em linguagem denotativa ou conotativa.

Eu (enunciação)



Eu → (enunciado) subjetividade

Compare os textos a seguir:

Assim é demais? Saiba quando o exercício físico em excesso vira compulsão e prejudica a saúde.

Veja, 6 fev. 2008.

Recessão no Brasil acabou em maio, avaliam Bancos.

Folha de S. Paulo, 28 jul. 2009.

Na manchete da revista *Veja*, o enunciador estabelece diálogo com o leitor por meio do ponto de interrogação e do verbo saber no imperativo (saiba você); esse procedimento cria efeito de aproximação e subjetividade. Além disso, a frase “assim é demais” constitui-se em um juízo de valor, outra marca de subjetividade. Os dois procedimentos tornam a manchete subjetiva, o que é coerente com esse tipo de revista. No texto da *Folha de S. Paulo*, não há a conversa com o leitor nem o juízo de valor, o fato é colocado de modo objetivo e impessoal.

Efeitos de realidade

Ao projetar as categorias pessoa-tempo-espaço, a enunciação procura convencer o destinatário de que aquilo que é posto no enunciado é real. Isso ocorre, pois as três categorias citadas são na realidade as categorias do mundo. Veja como Noel Rosa obtém esse efeito de sentido:

Eu vou pra Vila

*Quando eu me formei no samba
Recebi uma medalha
Eu vou pra Vila
Pro samba do chapéu de palha.
A polícia em toda a zona
Proibiu a batucada
Eu vou pra Vila
Onde a polícia é camarada.*

Noel Rosa. “Eu Vou Pra Vila”. Intérpretes: Diversos. In: *Noel pela primeira vez*. Velas/Funarte, 2000. v. 1, Faixa 8.

A categoria tempo aparece em: “Quando eu me formei no samba...”; a categoria espaço ocorre nos versos “Eu vou pra Vila/ Pro samba do chapéu de Palha”, “A polícia em toda a zona”, “Eu vou pra Vila/ Onde a polícia é camarada”. A categoria pessoa aparece no pronome pessoal “eu” e em formas verbais como “recebi” (eu), “vou” (eu) e “proibiu” (ele). Com isso, a enunciação cria uma ilusão de realidade, um simulacro da vida, de modo que o enunciatário passa a se envolver com aquilo que lê. Outra estratégia da enunciação, para criar o efeito de realidade, consiste no uso do discurso direto; neste o narrador dá voz à personagem criando um efeito de aproximação:

Banana de louco

*No hospício, dois loucos comem banana no pátio.
O primeiro tira a casca da banana com o maior cuidado. O segundo come com casca e tudo.
– Ô, cara! – diz o primeiro – Você é louco?
– Vou tirar a casca pra quê? – diz ele, dando mais uma mordida
– Eu já sei o que tem dentro!*

No texto acima, a enunciação delega a voz ao narrador (No hospício...), que, por sua vez, cede internamente a palavra aos interlocutores (– Ô cara...). Esquematizando, teríamos o seguinte:

Autor (real)



Enunciador



Narrador



Interlocutores

Troca da pessoa (embreagem)

A enunciação pode, em alguns casos, trocar uma pessoa por outra para criar efeitos de sentido. Veja os casos mais importantes:

1. Terceira do singular no lugar da primeira do singular (efeito: distanciamento).



Fig. 1 (Eu sei...)

Essa troca é bastante frequente na fala de gente famosa:

– Dizem que o Pelé é isso e aquilo; veja bem, eu...
(Pelé = eu)

2. Terceira do singular no lugar da segunda do singular (efeito: distanciamento).

– O patrão pode confiar em mim.
(Tu podes.../ você pode...)

3. Terceira do plural no lugar da primeira do plural (efeito: distanciamento).



Fig. 2 (Nós nos matamos...)

ATENÇÃO!

Nos casos anteriores, a utilização da terceira evidencia o papel social.

4. Primeira do singular no lugar da segunda do singular ou do plural (efeito: aproximação).

– Então eu faço arte e ainda dou risada?



(Tu fazes... dás...)

(a mãe dirigindo-se ao filho pequeno)

– Eu preciso fazer exercícios, certo?



(Vós precisais...)

(o professor aos alunos)

5. Primeira do singular no lugar da terceira do singular (efeito: aproximação).

– Eu sou pobre, não tenho assistência médica decente, como muito mal. Que futuro tenho?

(O brasileiro é... tem... come... tem)

6. Segunda do singular no lugar da primeira do singular ou do plural (efeito: aproximação).

– Tu queres uma empada, não tem; tu precisas de uma caneta, não tem. Assim não dá!

(eu quero... eu preciso...)

7. Primeira do plural no lugar da segunda do singular (efeito: aproximação).



Fig. 3 (... Tu vais...)

8. Segunda do plural no lugar da segunda do singular (efeito: respeitabilidade).

– Vós tendes minha admiração, príncipe.



(Tu tens...)

ATENÇÃO!

Nos casos anteriores discutidos, o pronome você pode ser colocado no lugar do tu; apesar de o pronome de tratamento exigir o verbo na terceira, ele se refere ao interlocutor (ao tu).

9. Terceira do singular no lugar da primeira (no discurso indireto livre, o efeito é passar ideias, reflexões e sentimentos da personagem).

Marina estava à porta do cemitério com outro homem. Ele então estava certo, ela o traía.

↓ ↓
(eu) (ela me...)

Troca do espaço (embreagem)

A exemplo dos pronomes pessoais, os demonstrativos (às vezes, os advérbios) também são suscetíveis a uma troca. Veja o caso a seguir:

– Esta mulher não me sai da cabeça, cara! Ela é tudo!

↓
(Aquela...)

No caso citado, a mulher não está próxima do enunciador, está ausente do local; todavia ela está presente em sua mente, em virtude de muito amá-la. A troca das pessoas cria um efeito de aproximação. Por oposição, se colocarmos o pronome essa no lugar de esta, criaremos um efeito de distanciamento (supondo que o enunciador despreze quem está do seu lado):



Fig. 4 (...esta...)

Troca do tempo (embreagem)

A troca de tempos verbais será estudada nas aulas sobre o verbo, dado que é preciso conhecer os tempos verbais. De qualquer maneira, veja o exemplo a seguir, em que o presente substitui o futuro, dando o efeito de certeza:

Termina amanhã o prazo de entrega do imposto de renda.

↓
(Terminará...)

Marcadores temporais

A discussão sobre o tempo está presente na história, na Filosofia (o maior expoente é Santo Agostinho), na Linguística e na Mitologia. Santo Agostinho discute, por exemplo, “o não ser do

tempo”; argumenta que o passado não existe, porque não é mais; o futuro, porque ainda não é; para o filósofo só o presente pode ser medido. Agostinho critica o fato de afirmarmos que possuímos três tempos: o presente, o passado e o futuro. Para ele haveria, sim, três tipos de presente: o do passado, a memória; o do presente, o olhar; o do futuro, a espera. Pelo tempo mede-se a duração do movimento de um corpo, do ponto inicial ao ponto final, assim como se mede o seu repouso. O tempo da enunciação, momento em que um texto é produzido, é sempre um presente; os acontecimentos narrados podem ser anteriores ao momento da enunciação, o passado (chorei); concomitantes ao momento da enunciação (choro), o presente, ou posteriores ao momento da enunciação, o futuro (chorarei). Os advérbios de tempo e as locuções adverbiais de tempo são marcadores temporais; no texto, podem manifestar anterioridade, concomitância ou posterioridade:

- anterioridade: ontem, anteontem, na semana passada, na véspera, na semana anterior etc.
Anteontem, achei a luz que me faltava.
- concomitância: agora, hoje, neste momento, então nesse mesmo momento etc.
Hoje, há muita violência em nome do poder e de Deus.
- posterioridade: amanhã, depois de, na próxima semana, no sábado seguinte, três anos depois etc.
Na próxima semana, as tropas americanas entrarão em território sírio.

Esses advérbios podem ser empregados em relação ao momento da enunciação (sistema enunciativo) ou em relação a um marco temporal do enunciado (sistema enuncivo). Por exemplo:

- Sistema enuncivo.
O prefeito foi assassinado numa sexta; **na tarde anterior**, foi visto conversando com um empresário famoso da cidade.
“numa sexta”: marco temporal do enunciado.
“na tarde anterior”: anterioridade em relação ao marco temporal “numa sexta”.
- Sistema enunciativo.
Na semana passada, fui alvo de gozação, motivo: não sei.

A locução adverbial “Na semana passada” mantém uma relação de anterioridade em relação ao momento da enunciação (sempre um presente).

Quanto à aspectualidade, o advérbio pode manifestar:

- um aspecto pontual: de repente, de supetão, subitamente, repentinamente etc.
Subitamente, uma voz surgiu dos escombros, era voz de criança.
- um aspecto durativo contínuo: gradualmente, paulatinamente, aos poucos etc.
Gradualmente ele foi se tornando o principal assessor do ministro.

- c) um aspecto durativo iterativo (que se repete): habitualmente, normalmente, eventualmente, muitas vezes etc.
Habitualmente molhava as plantas como se alimentasse seus filhos.
- d) um aspecto incoativo (início de processo): primeiramente, no início, no começo, para começar etc.
Primeiramente, tomava banho, depois escrevia.
- e) um aspecto terminativo: enfim, finalmente, no término etc.
Enfim, a CPI terminou, em pizza, claro!

Os advérbios “já” e “ainda” mantêm uma relação de oposição e manifestam traços temporais e aspectuais.

Veja os exemplos e as análises.

Ele **ainda** tem dificuldade com a ortografia.

Pressuposto: anterioridade = cometia erros de ortografia.

Posto: concomitância/inacabado = comete erros.

Eles **ainda** estão estudando a planta.

Pressuposto: anterioridade = estudavam a planta.

Posto: concomitância/inacabado = estudam a planta.

A pequena Maria **já** era pesquisadora do Instituto.

Pressuposto: posterioridade = esperava-se que ela fosse pesquisadora do Instituto em um momento posterior.

Posto: concomitância/acabado = é pesquisadora do Instituto, já se formou pesquisadora.

Marcadores espaciais

Bachelard foi um dos que mais estudaram o espaço. Em sua obra *Apoética do espaço*, o filósofo relaciona os lugares com os estados de alma: o porão, por exemplo, estaria ligado à morte, à irracionalidade, à obscuridade; o telhado à liberdade, à racionalidade. Em *As astúcias da enunciação*, José Luis Fiorin, professor livre-docente da Universidade de São Paulo, ao citar Osman Lins, afirma que o espaço cria uma ambientação, processo pelo qual a enunciação cria determinado ambiente. Sabe-se que o espaço influi na psicologia humana, um ambiente escuro e fechado pode suscitar o medo do leitor em relação ao que vai acontecer com a personagem. Dessa forma, teríamos uma semântica do espaço. O espaço articula-se, diz Fiorin, em oposições do tipo: fechado × aberto; fixidez × mobilidade; interior × exterior; verticalidade × horizontalidade, superatividade × inferatividade. Além das oposições, o espaço nos dá as noções de lateralidade e perspectiva. Nos itens a seguir, há a explicação em torno do emprego de determinados advérbios, preposições e locuções. As informações a seguir foram extraídas do livro *As astúcias da enunciação*, de José Luiz Fiorin.

1. Determinados advérbios de lugar são utilizados de acordo com a sua posição em relação ao **eu**, espaço da enunciação, ao **tu** e ao **ele**:

aqui: espaço do *eu*

aí: espaço do *tu*

ali: espaço do *ele*

cá: espaço do *eu*

lá: espaço do *ele*

acolá: espaço do *ele*

2. Alguns advérbios de terceira pessoa possuem baixa frequência na oralidade; é o caso de:

algures: em algum lugar

alhures: em outro lugar

nenhures: em nenhum lugar

3. Os advérbios e locuções adverbiais de lugar, por meio das preposições e locuções prepositivas que os introduzem, podem ser analisados de acordo com a visão de orientação vertical, com a visão de orientação horizontal e consoante a uma visão de aproximação ou distanciamento.

Por cima do túmulo, Pedro, **frente a frente** com o assassino; **junto** ao túmulo vizinho, o investigador contratado por Pedro. **Longe** de todos, três homens da máfia vigiavam o movimento do policial.

Temos no exemplo, respectivamente, verticalidade, horizontalidade, proximidade e distância.

4. Segue o significado de algumas preposições e locuções prepositivas que expressam uma orientação vertical (sobre, por cima de, acima de, em cima de, de cima de, sob, por baixo de, debaixo de, embaixo de etc.).

- a) Sobre, por cima de: posição superativa de um objeto em relação ao ponto de referência (pode ter ou não contato).

Sobre a mesa, cigarros e copos vazios.

- b) Acima de: posição superativa de um objeto em relação ao ponto de referência (não tem contato).

Acima das cabeças, pairavam no céu dois grandes pássaros metálicos.

- c) Em cima de: posição superativa de um objeto em relação ao ponto de referência (tem contato).

Em cima da viatura, uma sirene endoidecida metralhava os ouvidos que por lá passavam.

- d) De cima de: visão para baixo a partir de um ponto de referência elevado.

De cima dos andaimes, José contemplava a selva de prédios como uma criança.

- e) Sob, por baixo de: posição inferativa de um objeto em relação a um ponto de referência (pode haver contato ou não).

Sob o viaduto colorido, caminhões angustiados desfilavam suas mercadorias; os mais altos procuravam outras passarelas.

- f) Abaixo de: posição inferativa de um objeto em relação a um ponto de referência (pode haver contato ou não).



Abaixo da prateleira, dormia um velho dicionário da língua portuguesa.

- g) De baixo de: uma direção para o alto, a partir de um ponto de referência colocado em posição inferativa.

De baixo da gaveta, há uma sacola, pegue-a para mim, sou baixinho.

Texto temático e texto figurativo

Os textos podem ser temáticos (ou predominantemente temáticos) ou figurativos (ou predominantemente figurativos). Os primeiros são mais abstratos, “*procuram explicar a realidade, classificam-na e ordenam-na, estabelecendo relações e dependências*”, como diz José Luiz Fiorin. É o caso da dissertação, texto de natureza conceitual, que possui uma função interpretativa. Os segundos são mais concretos, “*criam um efeito de realidade, representando o mundo*”, como diz o mesmo linguista. É o caso do texto narrativo, do quadro de pintura, textos de natureza representativa. Observe os textos a seguir:

Texto 1

Um cordeiro estava desfrutando da água pura de um córrego. Surgiu um lobo faminto, em busca de aventura.
– És tão ousado a ponto de perturbar a minha bebida?

Diz o animal cheio de raiva. – Serás punido por sua **temeridade**.
– Senhor, respondeu o cordeiro, vossa majestade não precisa se zangar. Veja que estou apenas me refrescando neste córrego e a mais de vinte passos distante, portanto, não posso atrapalhar vossa bebida.

– Tu a atrapalhas, disse a fera cruel. Sei que falaste mal de mim no ano passado.

– Como o faria se não era nascido? Respondeu o cordeiro. Ainda estou sendo amamentado.

– Se não foste tu, então foi teu irmão.

– Não tenho nenhum.

– Então foi qualquer um de vós, porque nunca me poupam.

Vós, vossos pastores e cães e foi-me dito que devo me vingar.

Com isso, o lobo vence.

E nas profundezas da floresta come o cordeiro, sem mais demora.

Jean de La Fontaine. “Le Loup et l’agneau”. *Fables*, livre I (1668).

Tradução de Carlos Eduardo de Freitas.

Moral: a razão do mais forte é sempre a melhor.

Texto 2

Em certas discussões, a força argumentativa de um dos interlocutores esbarra na ignorância do outro. Parece que o discurso persuasivo torna-se ineficaz diante da brutalidade. A força prevalece diante da razão!

Texto 3



Fig. 5 Gustave Courbet. *Mulheres peneirando trigo*. Museu de Belas artes de Nantes, Nantes, França.

Texto 4

Os realistas, sob o comando de Gustave Courbet, reagem ao convencionalismo neoclássico e à emoção dos românticos. Negam a imaginação. A pintura é uma arte objetiva, destinada a fixar as coisas existentes, não as imaginadas. O pintor representa somente aquilo que vê.

Disponível em: <http://taislc.blogspot.com/2010_01_27_archive.html>.

Os textos 1 e 3 são figurativos, predominam as categorias concretas, elementos do mundo natural, possuem função representativa:

temeridade: coragem imprudente e presunçosa; ousadia.

Texto 1	Texto 3
lobo cordeiro córrego água ↓ percurso figurativo	mulher de costas em primeiro plano mulher deitada menino utensílios do quarto o próprio quarto o trigo ↓ percurso figurativo

Tab. 1 Percurso figurativo dos textos 1 e 3.

Os textos 2 e 4 são temáticos, predominam as categorias abstratas, possuem função interpretativa:

Texto 2	Texto 4
discussões ignorância brutalidade razão ↓ percurso temático	convencionalismo emocionalismo imaginação ↓ percurso temático

Tab. 2 Percurso temático dos textos 2 e 4.

Os textos 1 e 3 falam por meio de figuras; os textos 2 e 4, por meio de temas. Os textos 1 e 3 são mais subjetivos; os textos 2 e 4 são mais objetivos, diretos.

A tematização

O tema de um texto está diretamente ligado à reiteração de determinadas figuras, no caso dos textos figurativos, ou à reiteração de determinadas categorias abstratas, no caso dos textos temáticos (ou as duas coisas nos textos mistos). No texto de Monteiro Lobato, por exemplo, os abstratos “brutalidade” e “ignorância” constituem o percurso temático da violência, da irracionalidade. Essa reiteração possibilitará ainda a descoberta da oposição que subjaz ao texto. Nos textos a seguir, faz-se um levantamento de temas e figuras, agrupando-os por oposição.

Exemplo 1

O arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, acredita que os livros de Paulo Coelho sejam uma espécie de ponto de apoio dos desacreditados na religião. “Eles oferecem um mundo espiritualizado para o vazio deixado pelo materialismo da máquina e ensinam a felicidade que cada um busca”, diz dom Paulo.

“A conversão do mago”. IstoÉ, 3 ago. 1994.

O texto anterior discute o tema da autoajuda; em momentos de crise, o homem procura desesperadamente encontrar saídas. O texto, predominantemente temático, estabelece uma oposição entre o mundo material e o mundo espiritual:

A oposição

Espírito	Matéria
arcebispo Paulo Coelho ponto de apoio mundo espiritualizado felicidade	desacreditados vazio materialismo máquina

Tab. 3 Oposição entre “espírito e matéria”.

Exemplo 2



Fig. 6 Tematização.

O texto publicitário discute o tema da violência nos estádios de futebol. Para isso, a enunciação constrói a oposição diversão (que pressupõe a paz) e violência.

A oposição

Diversão	Violência
Imagem da bola	Imagem da faca
Futebol	Mata

Tab. 4 Oposição entre “diversão e violência”.

Expressões idiomáticas e provérbios

As expressões idiomáticas e provérbios possuem a função de traduzir uma sabedoria popular; a maioria deles vale-se de substantivos concretos e são predominantemente figurativos. Além de figurativos, expressam-se em linguagem conotativa, isso implica a necessidade de interpretá-los de uma forma não literal, abstrata e geral (vale para muitos seres). A seguir, há uma lista deles, leia-os e procure interpretá-los. Discuta com os colegas e professores.

- De boas intenções o inferno está cheio.
- A cavalo dado não se olham os dentes.
- Antes calar que mal falar.
- Antes causar inveja que dó.
- Antes fanhoso que sem nariz.
- Boi sonso, chifrada certa.
- Beleza não se põe à mesa.
- Cada macaco no seu galho.
- Cão que ladra não morde.
- De algodão velho não se faz bom pano.
- De graça só relógio trabalha, e assim mesmo quer corda.
- De grão em grão a galinha enche o papo.
- Devagar com o andor, que o santo é de barro.
- Diz-me com quem andas dir-te-ei quem és
- Dois bicudos não se beijam.
- Em boca fechada não entra mosca.
- Em briga de marido e mulher, não metas a colher.
- Falar sem pensar é atirar sem apontar.
- Faz mais quem quer do que quem pode.
- Faça o bem sem olhar a quem.
- Feio é roubar e não poder carregar.
- Galinha que canta é que é a dona dos ovos.
- Gato escaldado de água fria tem medo.
- Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.
- Mais vale um cachorro amigo do que um amigo cachorro.
- Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.

Mãos frias, coração quente.
 Nem tudo que reluz é ouro.
 Ninguém toca flauta e chupa cana ao mesmo tempo.
 Não se amarra cachorro com linguíça.
 O castigo anda a cavalo.

Olho por olho, dente por dente.
 Onde há fumaça, há fogo.
 Onde o ouro fala, tudo cala.
 Palavras não enchem barriga.
 Para bom entendedor, meia palavra basta

Revisando

Textos para as questões de 1 a 3.

Texto 1

PRIMEIRO/ULISSES

O mito é o nada que é tudo.
 O mesmo sol que abre os céus
 É um mito brilhante e mudo –
 O corpo morto de Deus,
 Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
 Foi por não ser existindo,

Sem existir nos bastou,
 Por não ter vindo foi vindo
 E nos criou.

Assim a lenda se escorre
 A entrar na realidade,
 E a fecundá-la decorre.
 Em baixo, a vida, metade
 De nada, morre.

Fernando Pessoa. Mensagem. Brasília: Thesaurus, 2006. p. 83.

Texto 2

Exaltação da mediocridade

Nunca antes neste país se fez tamanha exaltação da mediocridade.

SÃO PAULO – Fernando Haddad, o ministro da Educação, telefona para dizer que jamais afirmou que “nunca” a escola pública será tão boa quanto a particular. O que ele disse é que, “enquanto a escola pública não se qualificar”, quem pode pagar põe o filho na escola privada, que acaba tendo melhores resultados.

Feita a correção, tenho que repetir o que já disse a ele e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em breve diálogo trilateral em Londres: está levando tempo demais para “qualificar” a escola pública. Na verdade, requalificar, porque sou filho da escola pública e, no meu tempo, a excelência era dela, não do ensino privado.

Por falar nisso, o caminho para a “qualificação” está longe de ser o insinuado pelo prefeito Gilberto Kassab, qual seja, dar um prêmio aos professores que não faltem ou faltem menos. Não é sério premiar quem apenas cumpre a sua obrigação primária que é a de comparecer ao local de trabalho. Se os professores faltam porque o salário e as condições de trabalho são inadequadas, que se corrijam as inadequações. E se puna quem não cumpre sua obrigação.

O educador Tião Rocha, empreendedor social 2007, diz que a escola dos sonhos dele, que deveria ser o sonho de todos, é a que faz o aluno desejar frequentá-la também aos sábados e domingos. Premiar professores que não querem frequentá-la com assiduidade nem de segunda a sexta é premiar a mediocridade. Por falar em mediocridade, os torcedores do América de Natal deveriam considerar-se “abençoados por Deus”. É verdade que ficaram em 20º lugar entre os 20 clubes da elite do futebol brasileiro.

Mas o Brasil, no IDH da ONU, ficou em 70º entre os 70 países da elite e, mesmo assim, o presidente Lula se acha abençoado por Deus.

Clóvis Rossi. Folha de S.Paulo, 29 nov. 2007. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2911200703.htm>.

1 Por que o autor, no texto 2, emprega as aspas em “qualificar” do ponto de vista argumentativo?

2 Aponte no texto 2 duas marcas de subjetividade; cite as passagens do texto que comprovem tais marcas.

3 Uma das características do texto subjetivo é o emprego de linguagem conotativa; cite do texto 1 uma passagem em que se nota o paradoxo.

Texto para as questões 4 e 5.

CPI dos cartões rejeita convocar Dilma.

Folha de S.Paulo, 27 mar. 2008.

4 Levando em conta que o fato anunciado na manchete principal ocorreu no dia anterior ao momento da leitura, explique a embreagem temporal usada pela enunciação do jornal na forma verbal “rejeita”.

5 Em “Saiba os 23 cursos de direito do país em que o MEC pretende cortar vagas”, temos um efeito de aproximação. Explique.

Texto para a questão 6.

O “ele” que é “eu” e o “eu” que é “ele”

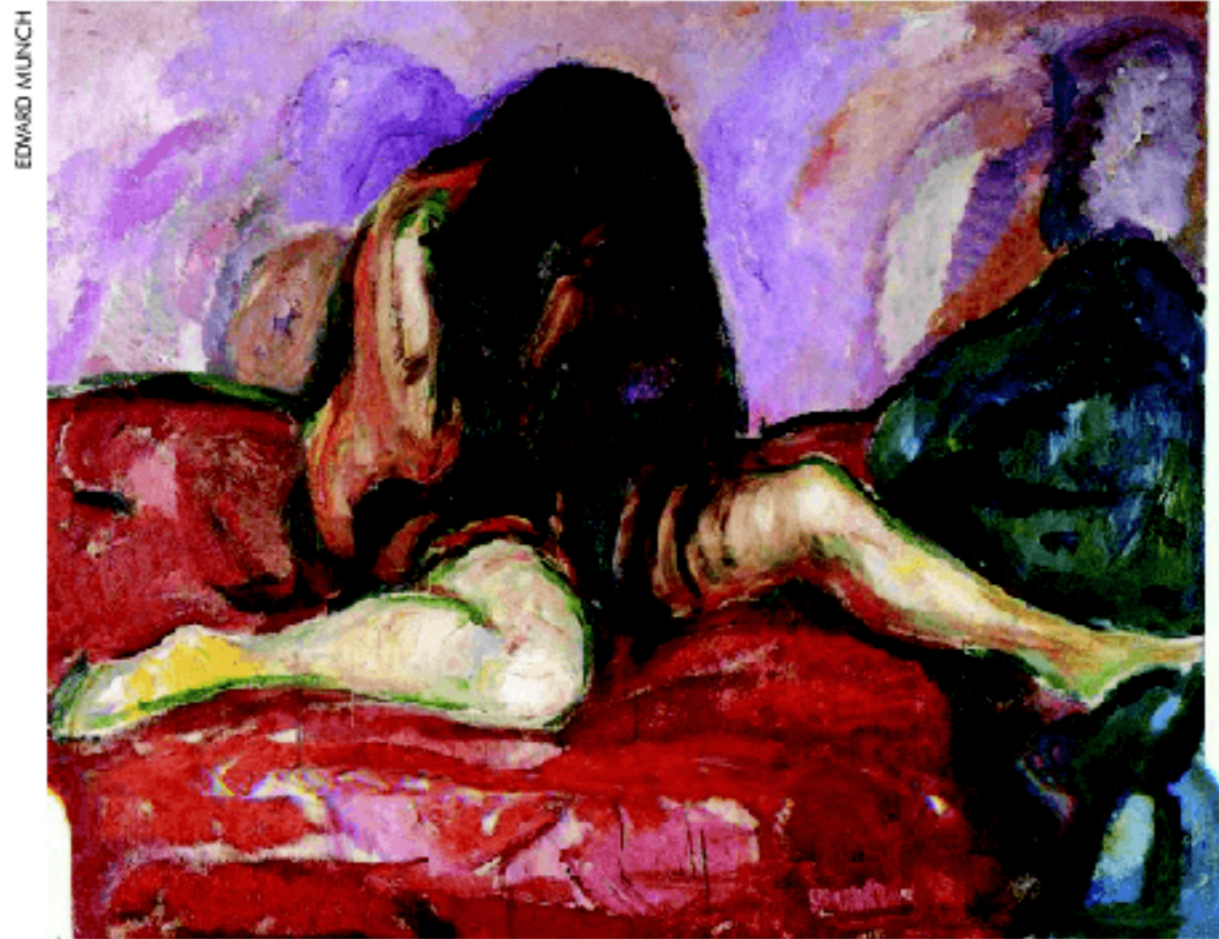
Algumas suposições sobre o curioso hábito de falar de si próprio na terceira pessoa

O governador eleito do Rio de Janeiro se chama de Garotinho. Não, não se está dizendo que ele se chama Garotinho. Isso já seria suficientemente bizarro, mas é fato tão bem conhecido que não mais se estranha. Ele se chama de Garotinho, vale dizer, quando se está referindo a si próprio, usa a terceira pessoa. Diz: “O Garotinho vai cumprir suas promessas”, “O Garotinho tem o melhor programa de segurança para o Rio”, “O Garotinho não aprova o modelo econômico em vigor”. É como se ele estivesse falando não de si mesmo, mas de outro. É um curioso hábito, esse. Revelaria quem sabe uma expansão do ego, de forma a localizá-lo não apenas dentro da pessoa, mas projetá-lo para fora. Ou, ao contrário, revelaria uma tal retração do ego que a pessoa o projetaria para fora pelo motivo de não suportá-lo, dentro?
[...]

Roberto Pompeu de Toledo. *Veja*, 4 nov. 1998. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/041198/p_154.html>.

6 Quais as duas interpretações de “Ele se chama de Garotinho”? Em qual delas há a embreagem?

7 O quadro a seguir é de Munch, pintor expressionista:



Edvard Munch. *Weeping Nude*. 1913. Óleo sobre tela. Museu Munch, Oslo, Noruega.

O que faz com que o quadro de Munch seja considerado figurativo do ponto de vista da classificação “temático ou figurativo”?

8 Veja a informação dada a seguir.

Munch pintou em suas telas mulheres sofridas em função de paixões malevolentes como o ciúme, o desespero, a obsessão pela morte, a melancolia.

Levando em conta o que se diz nesse período, procure identificar o tema do quadro *Wedding Nude*, de Munch.

Texto para a questão 9.

Lâmpada, não es quente.
 Da parede saiu um braço magro de mulher.
 Era pálido e tinha veias azuis.
 Os dedos estavam carregados de preciosos anéis.
 Quando beijei a mão, assustei-me:
 Estava viva e quente.
 Arranhou-me o rosto.

O visiotário

Peguei uma faca de cozinha e cortei algumas veias.
 Um grande gato lambeu graciosamente o sangue do chão.
 Entretanto um homem de cabelos arrepiados subiu
 Por um cabo da vassoura encostado à parede.

Jacob van Hoddis. “O visiotário”. In: *Poesia expressionista alemã: uma antologia*. Tradução de Claudia Cavalcanti (Org.). São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

9 Jakob Van Hoddis é poeta expressionista alemão e pertence a mesma corrente estética de Munch. Extraia do poema de Hoddis uma seleção lexical (um percurso figurativo e/ou temático) que esteja em concordância com a visão pessimista da escola alemã (cite 7 vocábulos).

Texto para as questões 10 e 11.

A Lebre e a Tartaruga

A lebre estava se vangloriando de sua rapidez, perante os outros animais:

- Nunca perco de ninguém. Desafio a todos aqui a tomarem parte numa corrida comigo.
- Aceito o desafio! Disse a tartaruga calmamente.
- Isto parece brincadeira. Poderia dançar à sua volta, por todo o caminho, respondeu a lebre.
- Guarde sua presunção até ver quem ganha, recomendou a tartaruga.

A um sinal dado pelos outros animais, as duas partiram. A lebre saiu a toda velocidade. Mais adiante, para demonstrar seu desprezo pela rival, deitou-se e tirou uma soneca.

A tartaruga continuou avançando, com muita perseverança. Quando a lebre acordou, viu-a já pertinho do ponto final e não teve tempo de correr, para chegar primeiro.

Esopo.

10 Como deve ser interpretada a existência de animais que falam? Que figura de linguagem temos?

11 Que lição de moral a fábula nos traz?

12 Interprete os provérbios a seguir.

a) Águas passadas não movem moinhos.

b) Cutucar a onça com vara curta.

Exercícios propostos

1 ITA Assinale a opção em que a manchete de jornal está mais em acordo com os cânones da “objetividade jornalística”:

- (a) O mestre do samba volta em grande forma.
O Estado de S. Paulo, 17 jul. 1999.
- (b) O pior do sertão na festa dos 500 anos.
O Estado de S. Paulo, 17 jul. 1999.
- (c) Proteína direciona células no cérebro.
Folha de S. Paulo, 24 jul. 1999.
- (d) A farra dos juroz saiu mais cara que a da casa própria.
Folha de S. Paulo, 13 jun. 1999.
- (e) Dono de telas “falsas” diz existir “armação”.
O Estado de S. Paulo, 21 jul. 1999.

2 Explique o efeito de aproximação no anúncio a seguir.



3 Indique no texto a seguir a palavra que cria um efeito de subjetividade:

Em busca do exótico, os fotógrafos alemães produziram um significativo retrato da paisagem nacional.

4 Indique as marcas de objetividade no texto a seguir.

Um dos mecanismos usados pelos países para obter dinheiro emprestado é a emissão de certificados no mercado externo que representam a dívida.

Folha de S.Paulo.

5 Explique os efeitos de subjetividade no texto a seguir.

Eu ia escrever um artigo sobre o atual canibalismo político no Brasil, sobre o campeonato de denúncias para saber quem é mais ladrão...

Arnaldo Jabor, Folha de S.Paulo, 6 mar. 2001.

6 Assinale a alternativa em que a frase possui maior objetividade.

- (a) “Os crimes frios são o prenúncio dos futuros extermínios em massa.”
- (b) “Hannibal é pós-moderno. Ele nos acena com um delicioso futuro primitivo.”
- (c) “Hopkins (alcoólatra e famoso perverso inglês) criou uma personagem exemplar...”
- (d) “Livro é trabalho de fôlego para tenor nenhum botar defeito.”
- (e) “Médico faz análise do tenor Enrico Caruso.”

7 Assinale a alternativa em que a frase possui maior subjetividade.

- (a) “Acabamos de ver as escolas de samba e um grande supermercado de corpos.”
- (b) “Primeiro dia de atividade no mercado após as declarações do ministro.”
- (c) “O principal indicador da Bolsa de Buenos Aires fechou o dia com alta.”
- (d) “China planeja crescer 7% ao ano até 2005.”
- (e) “Previdência vai apurar operações da Petros.”

8 Explique os efeitos de subjetividade no texto a seguir, citando a passagem mais significativa.

Uns dizem que tenho mais tendência para a comédia, como se me acusassem de não ser densa. Agora você me diz que eu não sou comediante. Nunca vão chegar a uma conclusão. Acho que sou tragicômica.

Fernanda Montenegro.

9 Modifique o texto a seguir, tornando-o mais objetivo; utilize a partícula apassivadora ou o índice de indeterminação do sujeito.

Acho que é um baita de um cachorro. Deve ter, acredito, uns dois anos, se não estiver enganado.

10 Unicamp Uma revista semanal brasileira traz a seguinte nota em sua seção “A Semana”.

O homem das bexigas

O britânico Ian Ashpole bateu no domingo 28 o recorde de altitude em voo com bexigas: subiu 3.350 metros amarrado a 600 balões, superando sua marca de 3 mil metros. Ian subiu de bexiga e voltou de para quedas. “Quando eu era criança, assisti a um filme chamado Balão Vermelho. Desde então me apaixonei por esse esporte”, disse ele.

IstoÉ, 7 nov. 2001.

- a) O título poderia ser considerado ambíguo, dado que a palavra “bexiga” tem vários sentidos em português. Cite pelo menos dois desses sentidos.
- b) Em que passagem do texto se desfaz a ambiguidade do título?
- c) Dada a modalidade esportiva que Ian pratica, qual poderia ser o tema do filme mencionado?

11 Assinale a alternativa em que se faz uma afirmação falsa em relação ao marcador espacial em itálico.

- (a) *Sobre a carteira*, havia um papel e um colírio.
– posição superativa de um objeto em relação ao ponto de referência (pode ter ou não contato).
- (b) *Acima dos corpos*, a bandeira brasileira.
– posição superativa de um objeto em relação ao ponto de referência (não tem contato).
- (c) *Em cima do carro*, o manifestante gritava o nome do político.
– posição superativa de um objeto em relação ao ponto de referência (tem contato).
- (d) *De cima dos prédios*, os policiais controlavam o movimento.
– visão para baixo a partir de um ponto de referência elevado.
- (e) *Sob o viaduto*, dez mendigos dormiam.
– posição superativa de um objeto em relação a um ponto de referência (pode haver contato ou não).

12 Quanto à aspectualidade, os marcadores temporais em itálico manifestam, respectivamente:

- I. *Repentinamente*, o bandido sacou a arma.
 - II. Falava *habitualmente* do avô falecido.
 - III. *Primeiramente*, entre e sente.
- (a) uma ação pontual, um processo durativo iterativo, um processo incoativo.
 - (b) uma ação terminativa, uma ação pontual, um processo incoativo.
 - (c) um processo durativo contínuo, uma ação terminativa, um processo durativo iterativo.
 - (d) uma ação pontual, um processo durativo contínuo, uma ação pontual.
 - (e) um processo incoativo, uma ação pontual, um processo durativo iterativo.

13 Leia a frase a seguir.

Gradualmente ele convencia os alunos de que o conhecimento exige paciência.

O marcador temporal em destaque indica um processo:

- (a) incoativo.
- (b) durativo iterativo.
- (c) durativo contínuo.
- (d) terminativo.
- (e) pontual.

14 Por ocasião do governo Collor, a *Folha de S. Paulo* divulgou várias reportagens a respeito dos bastidores políticos da época. Eis um trecho de uma das notícias:

Existe aí uma pergunta capaz de tirar o sono de muita gente. Quando PC resolver abrir a boca, as instituições resistiriam?
Folha de S. Paulo, 26 out. 1993.

Quanto à colocação das formas verbais “resolver” e “resistiriam”, só é correto afirmar que:

- (a) trata-se de um erro grave do jornal, pois o correto seria “resistirão”.
- (b) houve um cochilo do redator, que deveria empregar a forma “resolvesse” para que houvesse paralelismo com “resistiriam”.
- (c) o uso do futuro do pretérito em “resistiriam” é inadmissível, pois há certeza em torno dos fatos.
- (d) trata-se de emprego metafórico dos tempos verbais, “resistiriam” substitui “resistirão” para que o enunciador marque a dúvida em relação aos fatos.
- (e) houve quebra do paralelismo verbal, o que acarreta falta de clareza.

Texto para a questão 15.

O artigo a seguir foi extraído da revista *Galileu* de agosto de 2005. Leia-o atentamente.

Estimativas recentes falam que até 6% dos homens e 10% das mulheres sofrem de algum tipo de distúrbio mental, em sua maioria, depressão; entre 10% e 20% das crianças sofrem de alguma doença mental ou distúrbio de comportamento e a expectativa é de que esses números cresçam exponencialmente. Estima-se que em 2020 esses distúrbios sejam a segunda causa de afastamento por invalidez. Em resumo, estamos todos ficando loucos. A hipótese é de que essa “loucura generalizada” impossibilitaria a tomada de decisões e levaria a população à morte, até à extinção.

“Bizarro”. *Galileu*, edição 187, fevereiro 2007.

15 Em relação ao texto lido:

- I. A linguagem é altamente objetiva, a enunciação não se mostra, cria-se um distanciamento, o que dá ao texto um caráter científico.

- II. A enunciação emprega, em alguns momentos, a linguagem subjetiva para dar mais precisão aos fatos, é o caso de “Em resumo, estamos todos ficando loucos”.
- III. O emprego da palavra “se” em “Estima-se”, o uso da terceira pessoa (efeito de aproximação) e a utilização de dados estatísticos (o argumento prova-concreta) são marcas de objetividade na linguagem.

Está(ão) correta(s):

- (a) apenas I e III.
- (b) apenas I e II.
- (c) apenas II.
- (d) apenas III.
- (e) nenhuma.

16 Em qual das alternativas a seguir o segundo texto não parodia o primeiro?

- (a) Penso, logo existo./Penso, logo desisto.
- (b) Quem vê cara não vê coração./Quem vê cara não vê Aids.
- (c) Nunca deixe para amanhã o que pode fazer hoje./Nunca deixe para amanhã o que pode fazer depois de amanhã.
- (d) Em terra de cego, quem tem um olho é rei./Em terra de cego, quem tem um olho não abre cinema.
- (e) Antes só do que mal acompanhado./Antes mal acompanhado do que só.

17 Dê o significado dos provérbios populares, transformando o figurativo em temático.

- a) “Rapadura é doce, mas não é mole não.”
- b) “Calça de veludo ou bunda de fora.”
- c) “Da casa grande para a senzala.”
- d) “Nada como sobretudo em matéria de entretanto.”
- e) “Em festa de nhambu, jacu não pia.”
- f) “Quem nasceu para vintém não chega a dez réis.”
- g) “Sabão em cabeça de burro velho não espuma.”
- h) “Puxa de leve, senão arranca.”
- i) “Se dois aleijados tentam se ajudar, os dois caem no buraco.”
- j) “Não vá ao sapateiro além dos cordões.”
- k) “Um asno coça o outro.”

O texto a seguir refere-se às questões de 18 a 21.

Profissão de fé

*Não quero o Zeus capitolino
Hercúleo e belo,
Talhar no mármore divino
Com o carmatelo.*

*Que outro – não eu! – a pedra corte
Para, brutal,
Erguer de Atena o altivo porte
Descomunal.*

*Mais que esse vulto extraordinário,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicário
De fino artista.*

Invejo o ourives quando escrevo:
 Imito o amor
 Com que ele, em ouro, o alto relevo
 Faz de uma flor.

Imito-o E, pois, nem de Carrara
 A pedra firo:
 O alvo cristal, a pedra rara,
 O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
 Sobre o papel
 A pena, como em prata firme
 Corre o cinzel.

[...]

Olavo Bilac. *Poesias*. 27 ed. Rio de Janeiro:
 Livraria Francisco Alves, 1961. p. 5.

18 Cite as palavras que compõem o percurso figurativo da escultura.

19 Cite as palavras que compõem o percurso figurativo da ourivesaria.

20 Cite o percurso figurativo do fazer poético.

21 O enunciador estabelece uma comparação entre dois percursos figurativos. Quais são?

O texto a seguir refere-se às questões de **22 a 24**.

Certa vez uma família inglesa foi passar as férias na Alemanha. No decorrer de um passeio, as pessoas da família viram uma casa de campo que lhes pareceu boa para passar as férias de verão. Foram falar com o proprietário da casa, um pastor alemão, e combinaram alugá-la no verão seguinte.

De volta à Inglaterra discutiram muito acerca da planta da casa. De repente a senhora lembrou-se de não ter visto o W.C. Conforme o sentido prático dos ingleses, escreveu imediatamente para confirmar tal detalhe. A carta foi escrita assim:

Gentil Pastor,

Sou membro da família inglesa que o visitou há pouco com a finalidade de alugar sua propriedade no próximo verão. Como esquecemos um detalhe muito importante, agradeceria se nos informasse onde se encontra o W.C.

O pastor alemão não compreendendo o significado da abreviatura W.C. e julgando tratar-se da capela da religião inglesa White Chapel, respondeu nos seguintes termos:

Gentil senhora,

Tenho prazer de comunicar-lhe que o local de seu interesse fica a 12 km da casa. É muito cômoda, sobretudo se se tem o hábito de ir lá frequentemente; nesse caso, é preferível levar comida para passar lá o dia inteiro. Alguns vão a pé, outros de bicicleta. Há lugar para quatrocentas pessoas sentadas e cem em pé; recomenda-se chegar cedo para arrumar lugar sentado, pois os assentos são de veludo. As crianças sentam-se ao lado dos adultos e todos cantam em coro. Na

entrada é distribuída uma folha de papel para cada um; no entanto, se chegar depois da distribuição, pode-se usar a folha do vizinho ao lado. Tal folha deve ser restituída à saída para poder ser usada durante um mês. Existem ampliadores de som. Tudo o que se recolhe é para as crianças pobres da região. Fotógrafos especiais tiram fotografias para os jornais da cidade a fim de que todos possam ver seus semelhantes no desempenho de um dever tão humano.

Autor desconhecido. In: José Luiz Fiorin. *Elementos de análise do discurso*. 13 ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 114.

22 Quais são os percursos figurativos envolvidos no texto?

23 Que palavra faz a conexão entre os dois percursos?

24 O que motivou a ambiguidade do ponto de vista da teoria da comunicação?

O texto a seguir, pertencente ao filme *O grande ditador* de Charles Chaplin, refere-se às questões de **25 a 28**.

Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

Charles Chaplin. "O último discurso". *O grande ditador*.

25 Qual é o tema de que trata o texto?

26 Que tipo de oposição o texto trabalha?

27 Relacione os substantivos do texto em dois grupos de acordo com a oposição que você estabeleceu na questão anterior.

28 O texto é predominantemente temático ou figurativo? Justifique.

O texto a seguir refere-se às questões de **29 a 31**.

(Fábula: o final foi excluído propositalmente)

O escorpião estava à beira do rio, quando a mata começou a pegar fogo. Acuado pela chama, pediu ajuda ao sapo, que estava preparando-se para saltar; o escorpião argumentou que se o sapo não o levasse nas costas para o outro lado do rio, morreria, pois não sabia nadar. O sapo, então, disse:

– Isso eu não faço de jeito nenhum, você vai me dar uma ferroada...

– Se eu lhe der uma ferroada, eu também morrerei!

O sapo pensou bem e resolveu ajudar o escorpião; no meio do rio, o escorpião aplica uma ferroada no sapo; este, já sentindo a ação do veneno, diz:

– Só gostaria de saber os motivos que o levaram a me matar?

O escorpião responde...

La Fontaine. "O sapo e o escorpião". (Adapt.).

29 Procure explicar o motivo pelo qual o escorpião matou o sapo.

30 Que temática o texto aborda?

31 O texto é predominantemente figurativo ou temático?

Texto para a questão **32**.

Prometo construir hospitais

Lego: o candidato da maioria das crianças.

32 Considere as seguintes afirmações:

- I. O texto utiliza dois universos de conhecimento: o da política e o da criança.
- II. Embora seja uma publicidade, a linguagem empregada no texto é literal.
- III. O “eu” implícito no enunciado refere-se à criança, mas também pode remeter à figura do político e ao próprio Lego.

Está(ão) correta(s):

- | | |
|---------------------|----------------------|
| (a) apenas I. | (d) apenas II e III. |
| (b) apenas II. | (e) todas. |
| (c) apenas I e III. | |

TEXTO COMPLEMENTAR

Cadáver boiava na piscina Fuzilado primo de cartola tricolor

Estas são as manchetes, colhidas aleatoriamente, do jornal NP do dia 1º de março de 1999. A malícia, aliada do riso, pressupõe, como já ressaltamos, um distanciamento emocional da enunciação em relação ao enunciado. Então, onde se julga ver morbidez, desponta o tom malicioso de voz, ao construir a tragédia cotidiana do outro, que também é a de si próprio. O estado da malícia, nesse caso, passa a constituir-se em meio auxiliar para que o sujeito se mantenha intensamente conjunto com o objeto desejado, a *satisfação das necessidades primárias*, objeto discursivizado na afirmação da sobrevivência emocional e física. O ator malicioso pauta-se, aqui, pela imagem dada por um poder-ser, um saber-ser, um querer-ser, um dever-ser, à revelia, ou por insubordinação, frente às próprias desgraças. Nesse caso, opõe-se a malícia ao temor, em que há “uma espera, modalizada ao mesmo tempo e de modo conflitual pelo poder-ser (a eventualidade) e pelo querer-não-ser (a recusa)”, como dizem Greinas e Fontanille* (1993: 193). Firmam-se os papéis do ator da enunciação, que não pode e não deve querer-ser temeroso. Isso, paradoxalmente, por meio de um narrador que submete, aos gritos, o narratário, para que este possa “engolir sem mastigar” as notícias.

Confirmamos que o estilo de um jornal definitivamente não pode ser buscado apenas em fenômenos pontuais da expressão ou em desvios, com suposto significado “subjetivo” e “subjetivizador”, em relação a suposta norma. Imaginando que se acrescentariam tais desvios à suposta norma zero, “despida de estilo”, porque também supostamente despida de figuras de linguagem, de efeitos especiais e literários, de apelos estéticos, enfim, não encontraríamos estilo em NP, ou em jornal nenhum. Não. O estilo é uma determinada artimanha discursiva reiterada, definível num único enunciado totalizador, sendo este enunciado a abstração da sequência de muitos enunciados, como temos visto.

Ficando com a artimanha, voltemos à primeira página de NP, que aprisiona o leitor na fluência anárquica de emoções.

Cristalizam-se, aí, competências linguísticas e enciclopédicas de um leitor que, quanto mais evocado, menos se constitui num coenunciador, se considerarmos que lhe é dado interagir com um sentido mais “acabado”, ou com um texto menos pontilhado de lacunas a preencher. O inverso é verdadeiro, para os outros jornais. Em NP, uma homogeneidade aparente, verdadeira e assumida faz emergir um enunciado que, também aparentemente, elimina contradições. Num parecer que se confunde com um ser, um ator da enunciação. um sujeito semiótico, vai fazendo ser um sentido. Um enunciado, objeto semiótico, por sua vez e concornitantemente, vai fazendo ser um sujeito. Assim vai-se construindo o efeito de estilo, visto como um “gesto semiótico”.** É bom lembrar que um determinado público-leitor, coletivo e único, é simulacro construído, no caso dos jornais, em um único exemplar, ou na sequência deles, assim como o é o sujeito enunciador, também sempre coletivo e único, como compete a esse gênero de discurso, que se alimenta do cotidiano, nascendo e morrendo todo dia com ele. Acontece que o enunciatário inscrito, tanto no enunciado da *Folha*, como no do Estado, ou no de NP, constitui-se num sujeito fortemente modalizado para querer sempre, e sempre mais, aquele e tão somente aquele discurso, o que se desdobra num dever e num poder para o jornal e para o leitor. O leitor tem, portanto, o direito de encontrar um jornal no qual se reconheça. O jornal sabe disso e, assumindo as expectativas desse leitor, tem uma performasice adequada. O jornal é vendido, bem sabemos, não pela frustração do público-alvo. Cumprem-se os objetivos da indústria cultural, nessa dinâmica entre actantes que, transformados em atores com papéis temáticos e figurativos recorrentes, determinam o efeito de individuação de dois tipos de imprensa, ou o estilo de cada uma delas. A propósito, esses papéis temáticos e figurativos recorrentes constituem os papéis configurativos resultantes do estoque de configurações discursivas. sendo próprios de isotopias formadas pela totalidade de discursos.

Norma Discini. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. 2 ed. São Paulo: Contexto: 2004. p. 139-41.

Observação: * Do ponto de vista da produção do discurso, pode-se distinguir o sujeito da enunciação, que é um actante implícito logicamente pressuposto pelo enunciado, do autor da enunciação: neste último, o ator será, digamos, "Baudelaire", enquanto se define pela totalidade de seus discursos.

A. J. Greimas & J. op. cit., p. 35.

** O sentido, longe de ser recebido ou percebido, é pensado como o fruto de um ato semiótico gerador.

E. Landowski, "Simulacres em construction", In: Parret H. (Org.), Language, 70, Paris, Larousse, 1983, p. 75.

RESUMINDO

Categoria pessoa-tempo-espaço

Enunciação

- Instância pressuposta no texto, criada pelo autor, responsável pelas operações linguísticas.
- A interlocução (a comunicação entre enunciador e enunciatário).

Pessoa

- Primeira: efeito de aproximação.
- Terceira: efeito de distanciamento.

Subjetividade

- Uso de figuras e/ou.
- Primeira pessoa e/ou.
- Julgamentos de valor e/ou.
- Comunicação com o enunciatário.

Objetividade

- Linguagem denotativa.
- Terceira pessoa.
- Não há diálogo com o enunciatário.
- Não há julgamento de valor.

Embreagem

- Embreagem: emprego conotativo das pessoas do discurso. Eis algumas possibilidades:
 1. terceira pessoa pela primeira do singular.
 2. terceira pessoa pela primeira do plural.

3. segunda pessoa do plural pela terceira.
4. primeira pessoa do singular pela segunda do singular.
5. segunda pessoa do singular pela primeira do singular.
6. primeira pessoa do plural pela segunda do plural.
7. segunda pessoa do singular pela primeira do plural.
8. primeira pessoa do singular pela segunda do plural.

Temas e figuras

Os textos podem ser figurativos ou temáticos.

Na maioria das vezes, os textos são "predominantemente" figurativos ou temáticos.

Textos figurativos são aqueles que utilizam figuras, elementos verbais ou visuais que remetem ao mundo natural como homem, jogar futebol, bar, frio, azul. Textos temáticos são aqueles que utilizam categorias abstratas como amor, rivalidade, violência, paz.

Percurso figurativo é o conjunto de figuras que remete a um mesmo universo semântico, ou a um mesmo tema. Por exemplo: cadeira, geladeira, mesa, cerveja, homens bebendo constituem o percurso figurativo do bar, o qual pode tematizar, dependendo do contexto, a boemia e a embriaguez.

Percurso temático é o conjunto de termos abstratos que convergem para um mesmo universo semântico (ou tema). Por exemplo: serenidade, concentração, silêncio, reflexão podem constituir um percurso temático de uma seita religiosa.

Para interpretar um texto figurativo, é preciso passar do concreto para o abstrato. Quando há vários percursos (figurativos ou temáticos), a interpretação decorre da relação entre os percursos e de sua abstração.

■ QUER SABER MAIS?



LIVRO

- George Orwell. *Revolução dos Bichos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.



FILME

- *Nosferatu*, Direção de Werner Herzog.



CHARGE/REVISTA

- Benett.
- Bravo. Ed. Abril.



SITE

- <www.louvre.fr/llv/exposition/liste_expositions.jsp?bmLocale=en>.



TEATRO

- Eugène Ionesco. *A Cantora Careca*. Campinas: Papyrus.

Exercícios complementares

1 Explique a troca dos pronomes e o efeito de sentido obtido.

Exemplo:

O presidente não vai aceitar a intromissão dos partidos de oposição. (fala do presidente)

Neste caso, a 3ª pessoa (ele, o presidente) está no lugar da 1ª pessoa, criando um efeito de distanciamento.

- O meu filhinho brincou muito?
- Se eu preciso do serviço público de saúde, quero ser bem atendido, pois para isso pago.
- O coronel está elegante? Vai sair?
- O Papa leva no fundo do coração o desejo e a esperança de que a nação brasileira trilhe a senda da valorização. (fala do Papa)
- Seu tio e sua tia o educaram a vida inteira, seja grato, ao menos!
- Então, é assim, tomo iniciativas sem consultar ninguém? (dirigindo-se ao filho)
- Sim, eu agora ando bom. E tu, meu Luís, como vamos de saúde? (Garrett)
- Convenhamos, portanto, que uma brisa radical agitava igualmente as terras brasileiras, proveniente, em boa parte, do furacão sobre Cuba. (do autor para o leitor)
- Nós, durante o nosso governo, queremos a participação de todos. (do presidente ao povo)

2 Explique o efeito de sentido obtido pela troca da pessoa gramatical (pronomes pessoais, pronomes demonstrativos e advérbios).

- Não nego que os católicos vos salvais na Igreja Romana. (Pe. Antonio Vieira)
- Então, eu quebrei o vaso da Companhia das Índias, eu escondi os cacos, eu quis pôr a culpa na empregada. (mãe dirigindo-se ao filho travesso)
- Eu só queria estar lá para receber estes cachorros a chicote. (José Lins do Rego)
- Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. (Graciliano Ramos. *Vidas Secas*.)
- Esta batida não sai da minha memória!
- Tire esse bandido da minha frente, João! Tome conta dele. (Ferreira de Castro. *A selva*.)
- Então, eu me disse:
– Meu caro, vós não sois um gênio.
- E a filha? Onde está essa beleza?

Observação: Alguns exemplos da questão 2 foram extraídos do livro de José Luiz Fiorin, *As astúcias da enunciação*.

Os textos a seguir referem-se às questões 3 e 4.

Convite a Marília

Já se afastou de nós o Inverno agreste
Envolto nos seus úmidos vapores;
A fértil primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o sutil nordeste
Os torna azuis; as aves de mil cores
Adejam entre Zéfiros e Amores,
E toma o fresco Tejo a cor celeste:

Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:

Deixa louvar da corte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo
Notando as perfeições da Natureza!

Bocage. *Obras de Bocage*. Porto: Lello & Irmão, 1968, p. 142.

Bye Bye Brasil

Mulher Nordestina:

Meu santo, minha família foi embora, meu santo. Filho, nora, neto..., fiquei só com o meu velho que morreu na semana passada. Agora, quero ver o meu povo. Meu santo, me diga, onde é que eles foram, meu santo?

Lord Cigano:

E eu sei lá? Como é que eu vô saber? Quer dizer... eu sei... eu... Eu tô vendo. Eu estou vendo a sua família, eles estão a muitas léguas daqui.

Mulher Nordestina:

Vivos?

Lord Cigano:

É, vivos, se acostumando ao lugar novo.

Mulher Nordestina:

A gente se acostuma com tudo... Onde é que eles estão agora, meu santo?

Lord Cigano:

Ah, pera aí, deixa eu ver! Eu tô vendo: eles estão num vale muito verde onde chove muito, as árvores são muito compridas e os rios são grandes feito o mar. Tem tanta riqueza lá, que ninguém precisa trabalhar. Os velhos não morrem nunca e os jovens não perdem sua força. É uma terra tão verde... Altamira!

Filme *Bye Bye Brasil* (1979). Produzido por Lucy Barreto. Escrito e dirigido por Carlos Diegues.

3 Vunesp Os escritores clássicos gregos e latinos produziram certas fórmulas de expressão que, retomadas ao longo dos tempos, chegaram até nossa modernidade. Uma dessas fórmulas é a chamada *tópica do lugar ameno*, ou seja, a evocação literária de um recanto ideal, delicado, geralmente bucólico, cuja paz e tranquilidade servem de palco ao idílio dos amantes e ao sossego da vida. Simboliza o porto almejado ou o retorno à felicidade perdida. Tomando por base este comentário, releia os textos em pauta e, a seguir:

- aponte, na sequência de *Bye Bye Brasil*, dois elementos da paisagem descrita por Lord Cigano que caracterizam Altamira como um *lugar ameno*.
- localize, no segundo terceto de Bocage, o verso em que se estabelece relação opositiva com a *tópica do lugar ameno*.

4 Vunesp A primeira fala da Mulher Nordestina, em *Bye Bye Brasil*, caracteriza-se pelas interpelações em primeira pessoa, repetições de palavras e a retomada insistente dos mesmos conteúdos. Releia com atenção o referido discurso direto e, em seguida:

- indique uma frase em que ocorre repetição do elemento vocativo.
- explique o valor semântico que o vocábulo *povo* representa na elocução emotiva da personagem.

5 Fuvest Leia:

A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobro enjoou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde o cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.

Eça de Queirós. *O Primo Basílio*.

Observando-se os recursos de estilo presentes na composição desse trecho, é correto afirmar que:

- o acúmulo de pormenores induz a uma percepção impessoal e neutra do real.
- a descrição assume caráter impressionista, dando também dimensão subjetiva à percepção do espaço.
- as descrições veiculam as impressões do narrador, e o monólogo interior, as da personagem.
- a carência de adjetivos confere caráter objetivo e real à representação do espaço.
- o predomínio da descrição confere caráter expressionista ao relato, eliminando seus resíduos subjetivos.

6 ITA Leia o texto seguinte.

“No dia 13 de agosto de 1979, dia cinzento e triste, que me causou arrepios, fui para o meu laboratório, onde, por sinal, pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos. Lá, trabalhando com tripanossomas, e vencendo uma terrível dor de dentes...”. Não. De saída tal artigo seria rejeitado, ainda que os resultados fossem soberbos. O estilo... O cientista não deve falar. É o objeto que deve falar por meio dele. Daí o estilo impessoal, vazio de emoções e valores:

*observa-se,
constata-se,
obtem-se,
conclui-se.
quem? Não faz diferença...*

Rubem Alves. *Filosofia da ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 149.

- Do primeiro parágrafo, que simula um artigo científico, extraia os aspectos da forma e do conteúdo que vão contra a ideia de que “o cientista não deve falar”.
- O autor exemplifica com uma sequência de verbos a ideia de que o estilo deve ser impessoal. Que estratégia de construção é usada para transmitir o ideal de impessoalização?

7 *O assassinato só foi descoberto um mês depois; Pedro, um dos chefes do tráfico, atirou em dois policiais militares que estavam fazendo a revista na favela mais famosa do Rio de Janeiro. A barbárie ocorreu no dia 14/02, às 22h. Pedro usou uma pistola americana utilizada pelo exército ianque. Segundo a namorada do traficante, presa ontem à noite num bar de Ipanema, o bandido comprou a arma em São Paulo, na Galeria Pajé, na semana passada. O criminoso atirou seis vezes, sem piedade; os policiais não tiveram chance. Ontem, Rocinha viveu mais um dia de luto, que está virando quase todo dia.*

Dia do crime: 14/02

Compra da arma: 7/02

No texto citado, há um problema decorrente do emprego de marcadores temporais. Identifique o problema e faça a substituição adequada de modo que haja clareza.

Textos para a questão 8.

De criança para criança

Depois de ler os Direitos das Crianças, você pode trocar ideias com seus irmãos, com o papai e a mamãe. Se quiser, escreva ou faça um desenho. Coloque seu nome, endereço, idade e o nome da escola.

Direito à família

Todas as crianças têm direito à atenção e ao carinho dos adultos, de preferência do papai e da mamãe. E as crianças que não têm família? Elas merecem uma proteção especial dos adultos, você não acha?

Disponível em: <www.tvcultura.com.br>. (Adapt.).

8 Unifesp Considere o texto e analise as três afirmações seguintes.

- A frase “Toda criança deve ser assistida quanto ao seu direito à atenção e ao carinho dos adultos” está correta quanto aos sentidos propostos no texto e também quanto à regência.
- Deve-se interpretar a referência do pronome *você* como criança, conforme sugerido pelo título do texto.
- As duas orações que compõem as perguntas estabelecem entre si relação de adversidade.

Está correto apenas o que se afirma em:

- (a) I. (c) III. (e) II e III.
(b) II. (d) I e II.

9 Fuvest De acordo com o ditado popular “inveioso nunca medrou, nem quem perto dele morou”:

- (a) O inveioso nunca teve medo, nem amedronta seus vizinhos.
(b) Enquanto o inveioso prospera, seus vizinhos empobrecem.
(c) O inveioso não cresce e não permite o crescimento dos vizinhos.
(d) O temor atinge o inveioso e também seus vizinhos.
(e) O inveioso não provoca medo em seus vizinhos.

10 Vunesp Esta questão tem como base fragmentos da Carta de Pero Vaz de Caminha a d. Manuel, escrita em 1º de maio de 1500, e um trecho do livro *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil* (1995), do antropólogo, educador e escritor Darcy Ribeiro.

Carta

Senhor,

A feição deles [os indígenas] é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. [...] E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir, sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem raspadas e feitas. O Capitão mandou pôr por baixo da cabeça de cada um seu cochim; e o da cabeleira esforçava-se por não a estragar. E deitaram um manto por cima deles; e consentindo, aconchegaram-se e adormeceram. [...]

Ali por então não houve mais fala ou entendimento com eles, por a barbaria deles ser tamanha que se não entendia nem ouvia ninguém. Acenamolhes que se fossem. E assim o fizeram e passaram-se para além do rio. [...]

Esse que o agasalhou era já de idade, e andava por galantaria, cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia seteado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; e outros de vermelhas; e outros de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima, daquela tintura, e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha!) tão graciosa que as muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, envergonhava, por não terem as suas como ela. [...]

E [Diogo Dias] levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita. Depois de dançarem fez-lhes ali muitas voltas ligeiras, andando no chão, e salto real, de que se eles se espantavam e riam e folgavam muito. E conquanto com aquilo os seguiu e afagou muito, tomavam logo uma esquivada como monteses, e foram-se para cima... Bastará [isso para Vossa Alteza ver] que até aqui, como quer que se eles em alguma parte amansassem, logo de uma mão para outra se esquivavam, como pardais, [com medo] do cevadoiro. E tudo se passa como eles querem – para os bem amansarmos! [...]

Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Nesse dia enquanto ali andavam, dançavam e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos do que nós seus. Se lhes a gente acenava, se queriam vir às naus, aprontavam-se logo para isso, de modo tal que, se os convidáramos a todos, todos vieram. Porém não levamos esta noite às naus senão quatro ou cinco; a saber, o Capitão-Mor, dois; e Simão de Miranda, um que já trazia por pajem, e Aires Gomes a outro, pajem também.

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa atenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente, esta gente é boa e de bela simplicidade.

Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei d. Manuel, escrita do porto seguro de Vera Cruz com a data de 1º de maio do ano de 1500.

O enfrentamento dos Mundos

Os índios perceberam a chegada do europeu como um acontecimento espantoso, só assimilável em sua visão mítica do mundo. Seriam gente de seu deus sol, o criador – Maíra –, que vinha milagrosamente sobre as ondas do mar grosso. Não havia como interpretar seus desígnios, tanto podiam ser ferozes como pacíficos, espoliadores ou dadores.

Provavelmente seriam pessoas generosas, achavam os índios. Mesmo porque, no seu mundo, mais belo era dar que receber. Ali, ninguém jamais espoliara ninguém e a pessoa alguma se negava louvor por sua bravura e criatividade. Visivelmente, os recém-chegados, saídos do mar, eram feios, fétidos e infectos. Não havia como negá-lo. [...]

Aquele desencontro de gente índia que enchia as praias, encantada de ver as velas enfundadas, e que era vista com fascínio pelos barbudos navegantes recém-chegados, era, também o enfrentamento biótico mortal da higidez e da morbidade. A indiada não conhecia doenças, além de coceiras e desvanecimentos por perda momentânea da alma. A branquitude trazia da cárie dental à bexiga, à coqueluche, à tuberculose e o sarampo. Desencadeia-se, ali, desde a primeira hora, uma guerra biológica implacável. De um lado, povos peneirados, nos séculos e milênios, por pestes a que sobreviveram e para as quais desenvolveram resistência. De outro lado, povos indenes, indefesos, que começavam a morrer aos magotes. Assim é que a civilização se impõe, primeiro como uma epidemia de pestes mortais. Depois, pela dizimação através de guerras, de extermínio e da escravização. Entretanto, esses eram tão-só os passos iniciais de uma escalada do calvário das dores inenarráveis do extermínio genocida e etnocida.

Darcy Ribeiro. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 46-7.

Pero Vaz de Caminha e Darcy Ribeiro (1922-1997) enfocam os primeiros contatos entre os portugueses e os indígenas brasileiros. No entanto, um dos principais aspectos que ressalta a comparação entre os fragmentos da *Carta* e do livro *O povo brasileiro* é a diferença entre as visões de mundo dos dois escritores, distanciados no tempo por 495 anos. Tomando por base este comentário:

- localize uma passagem do texto de Caminha na qual, em meio a expressões de admiração e louvor, se subentende a ideia de conquista do indígena pelo branco civilizado.
- explique o significado que adquire no texto de Darcy Ribeiro a expressão “guerra biológica”.

11 Fuvest Leia:

“Navegar é preciso, viver não é preciso”. Esta frase de antigos navegadores portugueses, retomada por Fernando Pessoa, por Caetano Veloso e sabe-se lá por quantos mais citadores ou reinventores, ganha sua última versão no âmbito da informática, em que o termo navegar adquire outro e preciso sentido.

Na nova acepção, em tempos de internet, o lema parece mais afirmativo do que nunca. Os olhos que hoje vagueiam pela tela iluminada do monitor já não precisam nem de velas, nem de versos, nem de fados: da vida só querem o cantinho de um quarto, de onde fazem o mundo flutuar em mares de virtualidades nunca dantes navegados.

Considere as seguintes afirmações.

- A significação das palavras constitui um processo dinâmico e supõe o reconhecimento histórico de seu emprego.
- As expressões “velas”, “fados” e “nunca dantes navegados” ligam-se ao contexto primitivo do velho lema.
- Desligando-se de suas raízes históricas, as palavras apresentam-se esvaziadas de qualquer sentido.

Conforme se pode deduzir do texto, está correto o que se afirma:

- apenas em I e II.
- apenas em I e III.
- apenas em II e III.
- apenas em I.
- em todas.

12 ITA Leia o texto a seguir.

Boleiros sob medida

Ciência e futebol é uma tabelinha raramente esboçada no Brasil. A academia não costuma eleger os gramados como objeto de estudo e o mundo dos boleiros tampouco tem o hábito de, digamos, dar bola para o que os pesquisadores dizem sobre o esporte mais popular do planeta. Numa situação privilegiada nos dois campos, tanto na ciência quanto no futebol, Turíbio Leite de Barros, diretor do centro de Medicina da Atividade Física e do Esporte da Universidade Federal de São Paulo (Cemafe/Unifesp) e fisiologista da equipe do São Paulo Futebol Clube há 15 anos, produziu um estudo que traça o perfil do futebol praticado hoje no Brasil do ponto de vista das exigências físicas a que jogadores de cada posição do time são submetidos numa partida.

Marcos Pivetta. *Pesquisa Fapesp Online*. 75 ed., maio 2002, p. 42.

- O texto contém termos do universo do futebol, como, por exemplo, “tabelinha”, uma jogada rápida e entrosada normalmente entre dois jogadores. Retire do texto outras duas expressões que, embora caracterizem esse universo, também assumem outro sentido. Explique esse sentido.
- O título pode ser considerado ambíguo devido à expressão “sob medida”. Aponte dois sentidos possíveis para a expressão, relacionando-os ao conteúdo do texto.

13 Unicamp A coluna Marketing da revista *Classe*, ano XVII, nº 94, 30/ago. a 30/out./2002, inclui as seguintes passagens (parcialmente adaptadas):

Os jovens de classe média e alta, nascidos a partir de 1980, foram criados sob a pressão de encaixarem infinitas atividades dentro das 24 horas. E assim aprenderam a ensanduichar atividades. [...] Pressionados pelo tempo desde que nasceram, desenvolveram um filtro e separam aquilo que para eles é o trigo, do joio; ficam com o trigo, e naturalmente, deletam o joio. (p. 26)

- Explique qual é o sentido da palavra “ensanduichar” no texto e diga por que ela é especialmente expressiva ou sugestiva aqui.
- O texto menciona um ditado corrente, embora não na ordem usual. Qual é o ditado e o que significa?
- A palavra “deletar” confere um ar de atualidade ao texto. Explique por quê.

Os textos a seguir referem-se à questão 14.

Não é possível idear nada mais puro e harmonioso do que o perfil dessa estátua de moça.

Era alta e esbelta. Tinha um desses talhes flexíveis e lançados, que são hastes de lírio para o rosto gentil; porém na mesma delicadeza do porte esculpam-se os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos.

Não era alva, também não era morena. Tinha sua tez a cor das pétalas da magnólia, quando vão desfalecendo ao beijo do sol. Mimosa cor de mulher, se a aveluda a pubescência juvenil, e a luz coa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de róseo matiz. A dela era assim.

Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema cintilando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que a abstraía da terra. Contemplando-a naquele instante de enlevo, dir-se-ia que ela se preparava para sua celeste ascensão.

José de Alencar. *Diva*. São Paulo: Saraiva, 1959. p. 17.

Era muito bem feita de quadris e de ombros. Espartilhada, como estava naquele momento, a volta enérgica da cintura e a suave protuberância dos seios, produziavam nos sentidos de quem a contemplava de perto uma deliciosa impressão artística.

Sentia-se-lhe dentro das mangas do vestido a trêmula carnadura dos braços; e os pulsos apareciam nus, muito brancos, chamalotados de veiazinhas sutis, que se prolongavam serpeando. Tinha as mãos finas e bem tratadas, os dedos longos e roliços, a palma cor-de-rosa e as unhas curvas como o bico de um papagaio.

Sem ser verdadeiramente bonita de rosto, era muito simpática e graciosa. Tez macia, de uma palidez fresca de camélia; olhos escuros, um pouco preguiçosos, bem guamecidos e penetrantes; nariz curto, um nadinha arrebitado, beijos polpudos e viçosos, à maneira de uma fruta que provoca o apetite e dá vontade de morder. Usava o cabelo cofiado em franjas sobre a testa, e, quando queria ver ao longe, tinha de costume apertar as pálpebras e abrir ligeiramente a boca.

Aluísio Azevedo. *Casa de pensão*, 20 ed. São Paulo: Martins, s.d. p. 87.

14 Unesp Os dois trechos citados, que pertencem a romances de José de Alencar (1829-1877) e Aluísio Azevedo (1857-1913), têm em comum o fato de descreverem personagens femininas. Um confronto entre as duas descrições permite detectar não somente diferenças nos planos físico e psicológico das duas mulheres, mas também no modo como cada uma é concebida pelo respectivo narrador, segundo os princípios estéticos do Romantismo e do Naturalismo. O resultado final, em termos de leitura, é o surgimento de duas personagens completamente distintas, vale dizer, duas mulheres que causam impressões inconfundíveis no leitor. Levando em conta estas informações, procure relacionar a diferença essencial entre as duas personagens.

O texto a seguir refere-se à questão 15.

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;
Com sua língua ao nobre o vil decepa:
O Velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa:
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por tulipa;
Bengala hoje na mão, ontem garlopa:
Mais isento se mostra, o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa,
É mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

Gregório de Matos Guerra. *Antologia Poética*.

15 Fatec Fica claro, no poema citado, que a principal crítica do autor à sociedade de sua época é feita por meio da:

- denúncia da proteção que o mundo de então dava àqueles que agiam de modo condenável, embora sob a capa das leis da Igreja.
- enumeração de certos tipos que, por seus comportamentos, revelam um roteiro que identifica e recomenda a ascensão social.
- elaboração de uma lista de atitudes que deviam ser evitadas, por não condizerem com as práticas morais encontradas na alta sociedade.
- comparação de valores e comportamentos da faixa mais humilde daquela sociedade com os da faixa mais nobre e aristocrática.
- caracterização de comportamentos que, embora sejam moralmente condenáveis, são dissimulados em seus opostos.

Texto para a questão 16.

Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse: perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos?

Os mortos são pó, nós também somos pó; em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguímo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído, os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: **Hic jacet**. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar, e que faz? O que fazem os vivos, e muitos vivos. **Não aquieta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra; em tudo e por tudo se mete, sem aquieta nem sossegar um momento, enquanto o vento dura.** Acalmou o vento: cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é.

Antônio Vieira. Trecho do Cap. V do *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*. Apud: *Sermões de Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Núcleo, 1994. p. 123-4.

16 UFSCar Segundo o *Novo dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*, “sermão” é um “discurso religioso geralmente pregado no púlpito”.

- De que forma o autor reproduz, no texto escrito, características próprias do discurso falado?
- O texto apresenta uma relação de oposição entre estaticidade e movimento. Indique, no trecho destacado em negrito, qual dessas ideias é abordada e a forma de construção de período utilizada para exprimi-la.

Texto para as questões 17 e 18.

Ah, um soneto

Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a vai relembrando pouco a pouco
em casa a passear, a passear...

No movimento (eu mesmo me desloco
nesta cadeira, só de o imaginar)
o mar abandonado fica em foco
nos músculos cansados de parar.

Há saudades nas pernas e nos braços.
Há saudades no cérebro por fora.
Há grandes raivas feitas de cansaços.

Mas – esta é boa! – era do coração
que eu falava... e onde diabo estou eu agora
com almirante em vez de sensação?...

Álvaro de Campos. (Fernando Pessoa). *Poemas de Álvaro de Campos*.

hic jacet: aqui jaz.

17 A frase “eu mesmo me desloco nesta cadeira, só de o imaginar” representa:

- (a) comentários extemporâneos e inadequados sobre o soneto.
- (b) uma recordação do tempo em que o autor foi louco.
- (c) uma impropriedade estilística.
- (d) a interferência do eu poético no próprio texto.
- (e) uma prova da loucura do poeta que se imagina navegando.

18 O desenvolvimento figurativo do texto tem seu ponto de partida em uma:

- (a) relação de comparação. (d) relação de redundância.
- (b) relação de implicação. (e) relação de parte/todo.
- (c) relação de oposição.

19 Leia as frases a seguir, elas trazem uma reflexão acerca da própria vida:

a) *A árvore não deixa de ser árvore desde a semente até crescer e ficar frondosa.*

Parmênides (530-460? a.C.).

b) *Um homem não se banha duas vezes no mesmo rio porque as águas sempre correm.*

Heráclito (535-470? a.C.).

Considere as seguintes afirmações:

- I. Em a, afirma-se que toda mudança é ilusória, há uma essência que permanece.
- II. Em b, afirma-se que tudo está em constante transformação, nada é efêmero.
- III. Os dois textos assemelham-se no que tange à linguagem figurada, porém opõem-se no conteúdo veiculado.

Está(ão) correta(s):

- (a) apenas I. (d) apenas I e III.
- (b) apenas I e II. (e) todas.
- (c) apenas II e III.

20 Fuvest No conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, o protagonista é um homem rude e cruel, que sofre violenta surra de capangas inimigos e é abandonado como morto, num brejo. Recolhido por um casal de matutos, Matraga passa por um lento e doloroso processo de recuperação, em meio ao qual recebe a visita de um padre, com quem estabelece o seguinte diálogo:

– Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?

– Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...

[...] Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito!

a) A linguagem figurada amplamente empregada pelo padre é adequada ao seu interlocutor? Justifique sua resposta.

b) Transcreva uma frase do texto que tenha sentido equivalente ao da frase “não regateia a nenhum coração contrito”.

21 Observe a publicidade da Bienal de 2004.

A gente quer chocar você logo na entrada.

Este ano a Bienal é gratuita.

- a) Qual fenômeno linguístico serviu de base para o publicitário?
- b) Explique o efeito conseguido, no contexto da peça publicitária.

22 Unicamp Reportagem da *Folha de S.Paulo* informa que o presidente do Brasil assinou decreto estabelecendo prazos para o país colocar em prática o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que unifica a ortografia nos países de língua portuguesa. Na matéria, o seguinte quadro comparativo mostra alterações na ortografia estabelecidas em diferentes datas.

Após as reformas de 1931 e 1943	Êles estão tranqüilos, porque provavelmente não crêem em fantasmas.
Após as alterações de 1971	Eles estão tranqüilos, porque provavelmente não crêem em fantasmas.
Após o novo acordo, a vigorar a partir de janeiro de 2009	Eles estão tranquilos, porque provavelmente não creem em fantasmas.

Sobre o acordo, a reportagem ainda informa:

As regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que entram em vigor no Brasil a partir de janeiro de 2009, vão afetar principalmente o uso dos acentos agudo e circunflexo, do trema e do hífen. Cuidado: segundo elas, você não poderá mais dizer que foi mordido por uma jibóia, e sim por uma jiboia. [...]

Eduardo Simões, “Que língua é essa?”. *Folha de S.Paulo*. Ilustrada, 28 set. 2008. p. 1.

- a) O excerto anterior supõe que alterações ortográficas modifiquem o modo de falar uma língua. Mostre a palavra utilizada que permite essa interpretação. Levando-se em consideração o quadro comparativo das mudanças ortográficas e a suposição expressa no excerto, explique o equívoco dessa suposição.
- b) Ainda sobre a reforma ortográfica, Diogo Mainardi escreveu o seguinte:

Eu sou um ardoroso defensor da reforma ortográfica. A perspectiva de ser lido em Bafatá, no interior da Guiné-Bissau, da mesma maneira que sou lido em Carinhonha, no interior da Bahia, me enche de entusiasmo. Eu sempre soube que a maior barreira para o meu sucesso em Bafatá era o C mudo [como em facto na ortografia de Portugal]. [...]

Diogo Mainardi, “Uma reforma mais radical”. *Veja*, 8 out. 2008. p. 129.

O excerto acima apresenta uma ironia. Em que consiste essa ironia? Justifique.

7

Texto, ideologia e argumentação

A letra da canção “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, traz uma crítica de teor político; questiona um sistema e uma forma de governo; e repudia o uso da força como forma de impor uma ideologia e defender o Estado:

[...]

Quase todos perdidos

De armas na mão

Nos quartéis lhes ensinam

Uma antiga lição:

De morrer pela pátria

E viver sem razão...

A letra ainda ressalta que a transformação da realidade está ao alcance de todos; a história, somos nós que a construímos:

[...]

A certeza na frente

A história na mão

Caminhando e cantando

E seguindo a canção

Aprendendo e ensinando

Uma nova lição...

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer...

A letra clama por um ideal democrático, o povo possui seus direitos, e todos são iguais perante a lei:

[...]

Somos todos iguais

Braços dados ou não

Nas escolas, nas ruas

Campos, construções

O sofrimento do povo é lembrado a fim de que todos se conscientizem de que há injustiça:

Pelos campos há fome

Em grandes plantações

Pelas ruas marchando

Indecisos cordões

Ainda fazem da flor

Seu mais forte refrão

[...]

Temos, em síntese, um texto em que as ideias de um sistema e de um governo são poeticamente criticadas; trata-se de uma forma de protesto e de uma maneira de propagar uma reflexão; isto é, funciona como propaganda ideológica de oposição ao governo da época. Esse componente ideológico do texto – a visão de mundo, a ideologia – é também um componente presente em outros textos; trata-se de um nível de análise textual.

Introdução

Neste capítulo, estudaremos as relações que um texto mantém com outros textos. Trata-se de um aprofundamento da teoria e um mergulho no universo ideológico. Veja o que a linguista Diana Luz Pessoa de Barros diz a respeito.

O exame interno de um texto não é suficiente, no entanto, para determinar os valores que o discurso veicula. Para tanto, é preciso inserir o texto no contexto de uma ou mais formações ideológicas que lhe atribuem, no fim das contas, o sentido.

Pode-se caminhar nessa direção e executar a análise contextual, desde que o contexto seja entendido e examinado como uma organização de textos que dialogam com o texto em questão. Assim concebido, o contexto não se confunde com o 'mundo das coisas', mas se explica como um texto maior, no interior de cada texto se integra e cobra o sentido.

Diana Luz Pessoa de Barros. *Teoria semiótica do texto*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 78.

Na segunda parte do capítulo, serão examinados a propaganda ideológica e os tipos de argumento. O assunto não só ajudará na interpretação de textos dissertativos, como também auxiliará na composição destes.

Interdiscursividade, intertextualidade e propaganda ideológica

Interdiscursividade

O conceito de discurso está ligado à ideologia, conjunto de ideias e ações de uma pessoa ou de um grupo de indivíduos.

A ideologia é inerente ao homem, todos nós a possuímos, trata-se de valores adquiridos ao longo de nossa existência, passados de geração para geração, valores transmitidos pela família, pela escola, pelos amigos, pela mídia e pelo sistema econômico vigente no país em que se vive; somos produto de muitos discursos. Não há um discurso original; há, sim, um estilo original; todo discurso reproduz um discurso que já existe, ao mesmo tempo em que se opõe a outro. O discurso dos republicanos, partido conservador de maior projeção nos Estados Unidos, por exemplo, reproduz o discurso da direita, ao mesmo tempo que se opõe ao discurso de Fidel Castro, que reproduz o discurso da esquerda.

Disc. dos republicanos

Disc. de Fidel



Discurso da direita

Discurso da esquerda

Pode-se afirmar, portanto, que o discurso dos republicanos mantém uma relação de “interdiscursividade” com o discurso da direita; e o de Fidel, com o da esquerda.

O discurso pode variar no tempo e no espaço; o discurso feito antes da Revolução Russa, por exemplo, era muito diferente do discurso Pós-Revolução; da mesma maneira que o discurso dos românticos e parnasianos (século XIX) em nosso país era oposto ao discurso dos modernistas (século XX). O poema “Os sapos” é um bom exemplo de discurso que se opõe; nele, as figuras do sapo-boi e do sapo-tanoeiro representam os parnasianos, enquanto o sapo-cururu representa os modernistas.

Bandeira, modernista, satiriza no poema a preocupação formal dos parnasianos. Por meio da manifestação dos sapos, o poeta indica que, enquanto os parnasianos fazem estardalhaço, eles, os modernistas, trabalham em silêncio.

Na pintura, observa-se o mesmo fenômeno da interdiscursividade. O Impressionismo, por exemplo, tinha a preocupação de observar e fixar as variações das cores sob a ação direta do Sol, tirando o modelo do ateliê – onde o pintor ficava nos períodos neoclássico, romântico e realista – para colocá-lo ao ar livre, em uma varanda, em um terraço, em um jardim etc. O discurso dos impressionistas opunha-se ao de seus antecessores. Compare os dois quadros a seguir.



Fig. 1 Claude Monet. *Claude Monet e sua mulher no seu atelier flutuante*, 1874. Óleo sobre tela. Nova Pinacoteca, München, Alemanha.

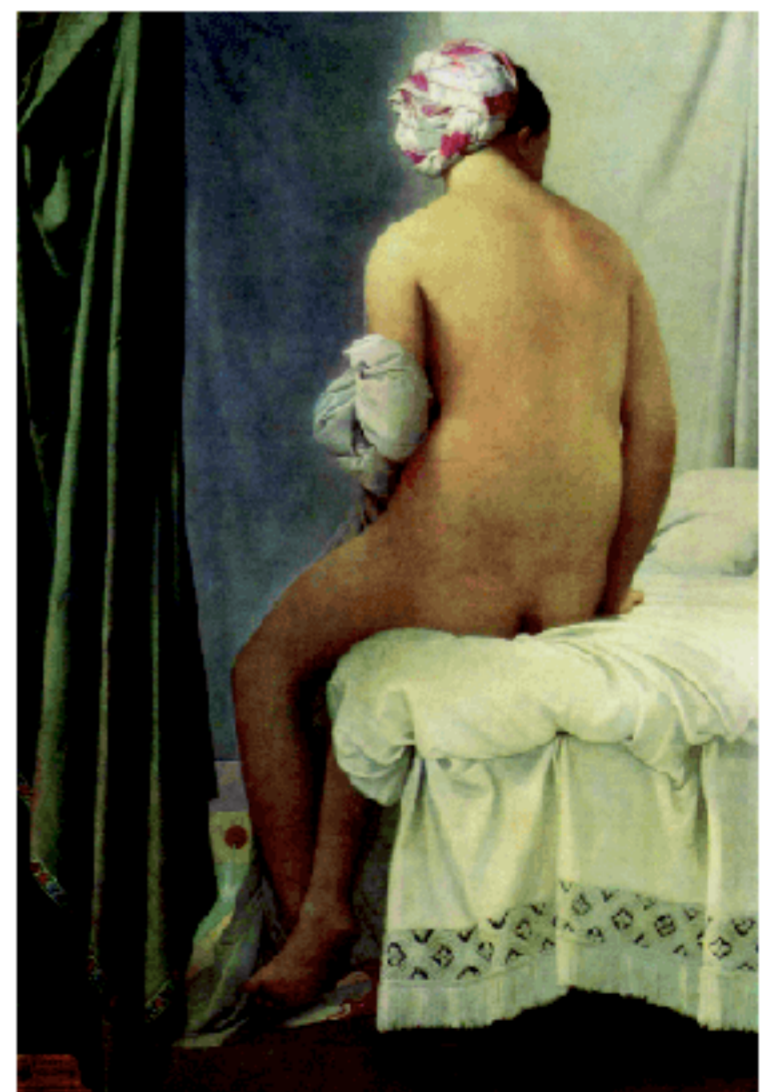


Fig. 2 Ingres. *A banhista de Valpinçon*, 1808. Óleo sobre tela. Louvre, Paris, França.

Em Monet, não há preocupação em se pintar a realidade de forma precisa; em Ingres, o detalhe é valorizado; em Monet, os modelos estão em espaço aberto; em Ingres, em local fechado. Eis algumas diferenças.

O discurso muda também de acordo com o grupo social; em um mesmo momento histórico poderemos ter vários discursos, várias ideologias.

Na Segunda Guerra Mundial, por exemplo, o discurso de Hitler opunha-se ao discurso dos aliados. Nos quadros a seguir, temos uma clara oposição envolvendo dois discursos antagônicos; o quadro nazista enaltece a força e a violência da guarda de ferro da Revolução Alemã, enquanto o quadro de Pablo Picasso é um manifesto contra qualquer ato de brutalidade.



Fig. 3 Cartaz alemão, 1934. "Uma batalha, um vencedor".



Fig. 4 Pablo Picasso. *Guernica*, 1937. Óleo sobre tela. Museu Nacional da Rainha Sofia, Madrid, Espanha.

Discursos e teorias

Os textos científicos também possuem um discurso, uma visão de mundo; a ciência evolui, novas descobertas são feitas, algumas delas desmentindo uma visão de mundo anterior. As oposições ocorrem não só em relação ao passado, mas também em relação ao presente; a divergência teórica existe, possibilitando a criação de vários discursos em uma mesma época. É preciso que tenhamos consciência de que, ao estudar História, estamos diante de um discurso sobre a história e não diante do fato histórico; a linguagem é o elemento intermediário e quem a manipula é a enunciação, instância criada pelo autor, o historiador.

Intertextualidade

Todos nós já ouvimos uma paródia; elas povoam os comerciais de TV, estão presentes na boca do povo. A paródia é um texto construído a partir de outro, trata-se, portanto, de uma citação implícita. Percebemos que é paródia porque conhecemos o texto de origem. Há textos que não são exatamente paródicos (a paródia possui humor), mas também citam, parcialmente ou totalmente, outros textos. São filmes, poesias, romances, crônicas, peças de teatro etc. A esse fenômeno, um texto citando o outro, chamaremos de intertextualidade. Veja os exemplos a seguir.

Canção do exílio

*Minha terra tem palmeiras,
onde canta o Sabiá;
as aves que aqui gorjeiam,
não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
nossas várzeas têm mais flores,
nossos bosques têm mais vida,
nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho, à noite,
mais prazer encontro eu lá;
minha terra tem palmeiras,
onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores,
que tais não encontro eu cá;
em cismar – sozinho, à noite,
mais prazer encontro eu lá;
minha terra tem palmeiras,
onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra,
sem que eu volte para lá;
sem que desfrute os primores
que não encontro por cá;
sem qu'inda aviste as palmeiras,
onde canta o Sabiá.*

Gonçalves Dias.

Outra canção do exílio

*Minha terra tem Palmeiras,
Corinthians e outros times
de copas exuberantes
que ocultam muitos crimes.
As aves que aqui revoam
são corvos do nunca mais,
[...].*

Eduardo Alves da Costa. *No caminho com Maiakóvski*.
São Paulo: Geração Editorial, 2003. p. 88.

Os dois textos citados apresentam discursos que entram em oposição; Gonçalves Dias escreveu seu poema vivendo um exílio físico e geográfico. O poeta exalta a pátria, enaltecendo o que esta tem de mais belo: os recursos naturais. Já Eduardo Alves da Costa sente-se como um exilado dentro de sua própria pátria devido à falta de liberdade; ao contrário do poeta romântico, o poeta contemporâneo faz uma crítica ácida à situação social de seu país. O país vive um estado de opressão; suas riquezas naturais estão sendo destruídas; o povo, oprimido. Além da relação interdiscursiva (relação de oposição), os textos apresentam uma relação intertextual; o poema de Eduardo

Alves da Costa foi construído a partir de estruturas sintáticas e léxicos presentes no poema de Gonçalves Dias. A esse fenômeno, chamamos de intertextualidade (intertextualidade também pode ser realizada por meio do estilo, isto é, quando um autor reproduz o estilo de outro). A intertextualidade não aparece apenas em textos literários; a propaganda, o jornal, a música também utilizam esse recurso. Observe o cartum a seguir, faz-se uma intertextualidade com o quadro de Vincent van Gogh, *O quarto de Vincent*.



Fig. 5 Vincent van Gogh, *O quarto de Vincent*, 1888. Óleo sobre tela. Museu d'Orsay, Paris, França.



Fig. 6 *O Natal de Van Gogh*.

Propaganda ideológica

Existem vários mecanismos de propagação ideológica; tais mecanismos são usados por aqueles que estão no poder e por aqueles que se colocam contra ele. Como cidadãos, somos alvo dessa propaganda; devemos, portanto, estar conscientes, pois nem sempre o que se diz nesse tipo de texto tem compromisso com a verdade. O estudo sobre a propaganda ideológica baseou-se no livro *O que é propaganda ideológica*, de Nelson Jahr Garcia.

Slogans

O *slogan* político tem por finalidade convencer o cidadão de forma rápida e repetitiva. Eis um dos *slogans* mais utilizados pelo governo de Médiçi.

“Brasil, ame-o ou deixe-o”

Nelson Jahr Garcia. *O que é propaganda ideológica*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 16.

Campanha nas ruas

O contato com o povo nas ruas é um fator de persuasão e ajuda a propagar as ideias de determinado grupo social.



Fig. 7 O senador de Nova York Robert Kennedy em campanha presidencial em 1968.

Retrato, fotos e cartazes

A propagação da imagem do político o torna mais conhecido, famoso; além disso, há quem afirme que a memória fotográfica é mais eficiente. Veja a foto a seguir.



Fig. 8 Barack Obama em campanha presidencial, que ficou famosa pela frase: “Yes, we can”.

Outros tipos de fotos também ganham destaque, principalmente aquelas de cunho social, de protesto, de reivindicações. A foto a seguir retrata uma passeata pelo direito de voto.



Fig. 9 Passeata pelo direito de voto.

Os cartazes também foram muito utilizados, principalmente na época das grandes guerras, em que era necessário convocar jovens para o alistamento militar, bem como convencê-los de que estariam colaborando com a nação.

Um exemplo foi a Ação Integralista Brasileira (AIB), partido político brasileiro fundado em 7 de outubro de 1932, por Plínio Salgado, escritor modernista, jornalista e político. A ideologia da AIB baseou-se principalmente no Fascismo italiano. Havia uma série de rituais e símbolos, como a utilização da expressão indígena *Anauê* como saudação, a letra grega *sigma* (Σ) e os uniformes verdes. Observe o cartaz a seguir.



Fig. 10 Cartaz da Ação Integralista Brasileira.

Nome em avenidas, ruas ou praças



Fig. 11 Placa da Rodovia Presidente Dutra.



Fig. 12 Presidente Dutra.

Uma das rodovias mais importantes do país chama-se Rodovia Presidente Dutra. O governo Dutra, cujo início se deu em 31 de janeiro de 1946, implementou uma política econômica liberal, de arrocho salarial. Distanciou o Brasil do bloco socialista do leste europeu. Em 1947, pôs o Partido Comunista Brasileiro na ilegalidade, sob o pretexto de que o PCB atendia aos interesses da ex-União Soviética. Atribui-se a Dutra a influência dos Estados Unidos sobre o Brasil nas décadas posteriores. Muitas pessoas que viveram o governo Dutra talvez discordariam dessa homenagem; outros, pelo contrário, queriam propagar as ideias deste homem e daquele período.

A palavra falada



Fig. 13 Lenin discursando para o povo.

Lenin – um dos partícipes da Revolução Russa de 1917, líder do Partido Comunista e primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética – afirmava que o político deveria agir de viva voz, pois a observação direta possibilita maior controle e maior credibilidade (o denominado argumento de presença).

A palavra escrita

A letra a seguir é de Chico Buarque de Holanda.

*Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue*

*Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
[...]*

Gilberto Gil; Chico Buarque. "Cálice". Intérpretes: Diversos.
In: *Álibi*. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1978. Faixa 2.

Afastar o "cálice" é afastar o "cale-se", ou seja, a censura e a opressão; o texto de Chico Buarque propaga um ideal de liberdade.

Programa de rádio e novelas

"A voz do Brasil" é um programa radiofônico que transmite o que acontece na Câmara dos Deputados e no Senado; nesse programa, os políticos passam por meio de seus textos a visão de mundo de seus partidos. Já as novelas transmitem – por meio de personagens e histórias – modelos, comportamentos e valores sociais; agem, portanto, no cotidiano das pessoas, na maneira de falar, de vestir-se etc.



Fig. 14 Capa de CD, o qual traz a trilha sonora de uma famosa telenovela brasileira.

Teatro

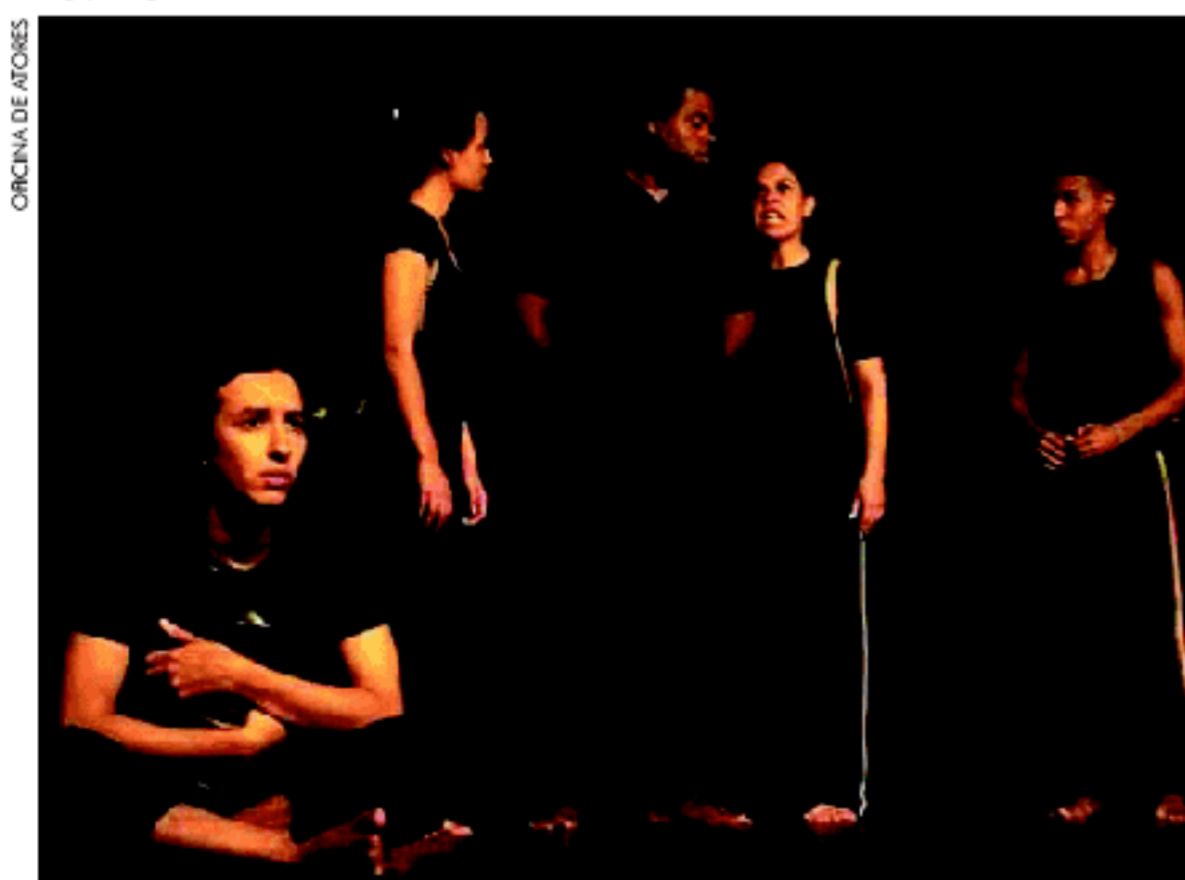


Fig. 15 "Aquele que diz sim aquele que diz não", de Bertold Brecht, peça apresentada no Teatro Dercy Gonçalves, em agosto de 2007, direção de Rafael Cruz, e alunos da Oficina de Atores no elenco.

Na Revolução Francesa, tivemos o teatro dos revolucionários; na ex-União Soviética, o teatro dos bolchevistas; na Alemanha, o teatro operário de Bertold Brecht. No Brasil, destacam-se os nomes de Plínio Marcos (dramaturgo que denunciou a pobreza do país e o submundo das grandes cidades) e José Celso (diretor de teatro, que se confunde com a história do teatro Oficina, em São Paulo, lugar em que muitas peças denunciavam a opressão dos governos militares). Cada teatro comunicava valores que julgava ser importantes para a compreensão e transformação de seus respectivos contextos.

Construção do super-herói

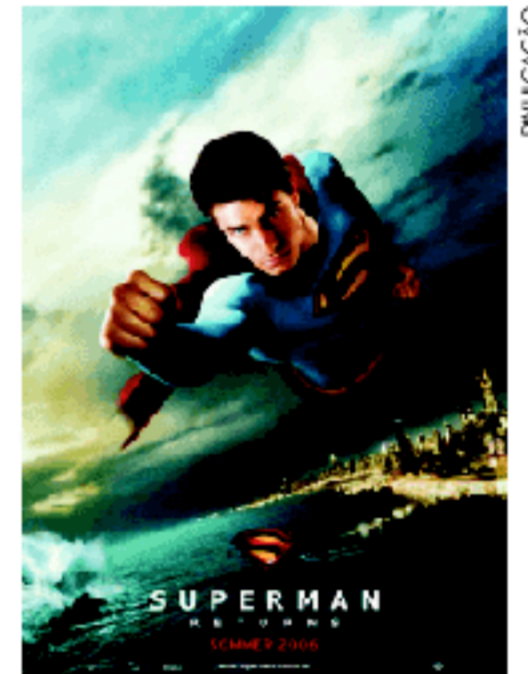


Fig. 16 Super-homem.

O super-homem é um herói que costuma estar inserido em situações em que o patrimônio privado está em perigo. Outra personagem que traduz a ideologia econômica da maior potência mundial é o Tio Patinhas, ele representa um dos pilares do sistema capitalista: a concentração de renda.

Denúncias infundadas



Fig. 17 Casa de Detenção de São Paulo, o Carandiru, desativado em 2002.

"Não houve massacre!"

A frase foi dita por policiais que participaram do massacre do Carandiru.

Entretanto, o massacre do Carandiru ocorreu por volta das 11 horas do dia 2 de outubro de 1992; um conflito entre detentos deu início a um tumulto no Pavilhão 9 da Casa de Detenção de São Paulo, na Zona Norte da Capital; a polícia invadiu o prédio e o confronto com os prisioneiros resultou em várias mortes.

Necessidade de combater o inimigo



A charge mostra a preocupação de segmentos políticos em relação a Lula, o advérbio “só” cria um implícito de que ele deveria sair do governo.

As charges podem também tachar políticos ou partidos colocando-os responsáveis por um contexto considerado ruim.



A publicidade, muitas vezes, aponta para um inimigo a ser combatido. Na peça publicitária a seguir, por exemplo, temos o combate a AIDS.



Fig. 18 Combate ao inimigo: AIDS.

Construção de obras e programas sociais faraônicos



Fig. 19 Transamazônica.

A transamazônica foi um projeto faraônico inserido no contexto do “milagre econômico”, no início dos anos 1970, quando o Brasil vivia o governo de Médici. A rodovia deveria ter 8 mil quilômetros de comprimento e ligaria as regiões Norte e Nordeste do Brasil, além do Peru e do Equador. Contudo, o projeto fracassou e muitos trabalhadores morreram em função de doenças transmitidas por animais silvestres.

Uso do ufanismo

Determinadas frases, letras de músicas, poemas etc. foram disseminadas com o intuito de exaltar a pátria.

O céu do meu Brasil tem mais estrelas
O Sol do meu país, mais esplendor
A mão de Deus abençoou
Em terras brasileiras
Vou plantar amor.
[...]

Dom e Ravel. *Eu te amo, meu Brasil.*

Brasil, meu Brasil Brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos
Ô Brasil, samba que dá
Bamboleio, que faz gingar
Ô Brasil do meu amor
Terra de Nosso Senhor
[...]

Ary Barroso. *Aquarela do Brasil.* 1939.

Ninguém segura este país.

Slogan no governo Médici.

Nosso céu tem mais estrelas,
nossas várzeas têm mais flores,
nossos bosques têm mais vida,
nossa vida mais amores.

Gonçalves Dias. *Canção do exílio.*

Ufanismo às avessas

Em oposição às ideias ufanistas, surgem críticas ao governo do país.

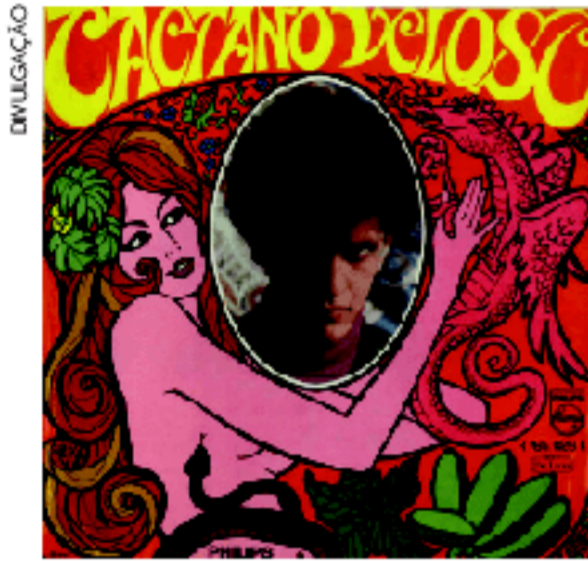


Fig. 20 Capa de disco de Caetano.

Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz
Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento no planalto central
Do país

Viva a bossa-sa-sa
Viva a palhoça-ça-ça-ça-ça
[...]

O monumento é de papel crepom e prata
Os olhos verdes da mulata
A cabeleira esconde atrás da verde mata
O luar do sertão
O monumento não tem porta
A entrada de uma rua antiga, estreita e torta
E no joelho uma criança sorridente, feia e morta
Estende a mão

Viva a mata-ta-ta
viva a mulata-ta-ta-ta-ta
[...]

Caetano Veloso. "Tropicália". Intérprete: _____. In: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1968. Faixa 1.

O último verso de Caetano é ambíguo: viva a natureza e viva a morte; a onomatopeia "ta-ta-ta-ta" também remete a uma possível metralhadora. Haveria, pois, uma crítica aos que promovem a violência.

Apresentar a riqueza como disfórica e a pobreza como eufórica

As frases abaixo traduzem uma relação de conformidade com a pobreza, pensamento que beneficia as classes dominantes.

"Dinheiro não traz felicidade".
"Rico morre de enfarte".
"Natal de pobre é mais humano".
"Rico não pode comer à vontade por ter de obedecer a regras de etiqueta".

Ideia de igualdade

"Todos são iguais perante a lei".

A frase acima não condiz com a realidade; a lei na prática, muitas vezes, acaba beneficiando os que têm maior poder aquisitivo e os que melhor se relacionam com as altas esferas do poder público.

Conceitos ambíguos

Atente para como o conceito de trabalho é usado por partidos políticos de posturas ideológicas diferentes. Neste caso, isso faz com que esse conceito se torne ambíguo.

PTB	–	Partido Trabalhista Brasileiro
PDT	–	Partido Democrático Trabalhista
PT	–	Partido dos Trabalhadores
PTC	–	Partido Trabalhista Cristão
PT do B	–	Partido Trabalhista do Brasil
PRTB	–	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
PSTU	–	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PTN	–	Partido Trabalhista Nacional

Universalização

A universalização consiste no fato de divulgar ideias que se referem aos interesses de um grupo social, mas que são apresentadas como de interesse geral.

Por exemplo, na Revolução Francesa, a ideia de Liberdade, Igualdade e Fraternidade foi difundida como válida para todos os homens. Contudo, quando a burguesia teve seus interesses de classe garantidos, Liberdade, Igualdade e Fraternidade sofreram uma série relativização.

Tipos de argumento

Argumentar significa provar. O enunciador de um texto, ao estabelecer uma tese, procura defendê-la, utilizando os mais variados argumentos. Se digo que o time x é melhor que o time y, preciso provar, isto é, apresentar argumentos, não basta afirmar. O conhecimento dos tipos de argumentos permitirá a você identificar as estratégias persuasivas utilizadas nos mais variados textos. A seguir, há uma relação de argumentos empregados nos mais diversos textos. Leia-os.

- **O anterior sobre o posterior:** x é anterior a y; logo, x é melhor que y, ou x tem mais direito que y.

O índio chegou primeiro nestas terras, logo ele é o dono delas.

Sandálias havaianas: as legítimas.

Slogan de sandálias.

As escolas antigas é que ensinavam, havia disciplina e muita leitura. Hoje... bom... ninguém lê!

Os judeus não são extraterrestres que vieram de outro planeta. Eles vivem aqui há mais de 2.000 anos. Por isso, luto para que os palestinos tenham o seu Estado, vizinho a Israel, mas não no lugar de Israel.

Amós Oz. "A síndrome da paz". Veja, 7 fev. 2001. Entrevista concedida a José Eduardo Barella. (Adapt.).

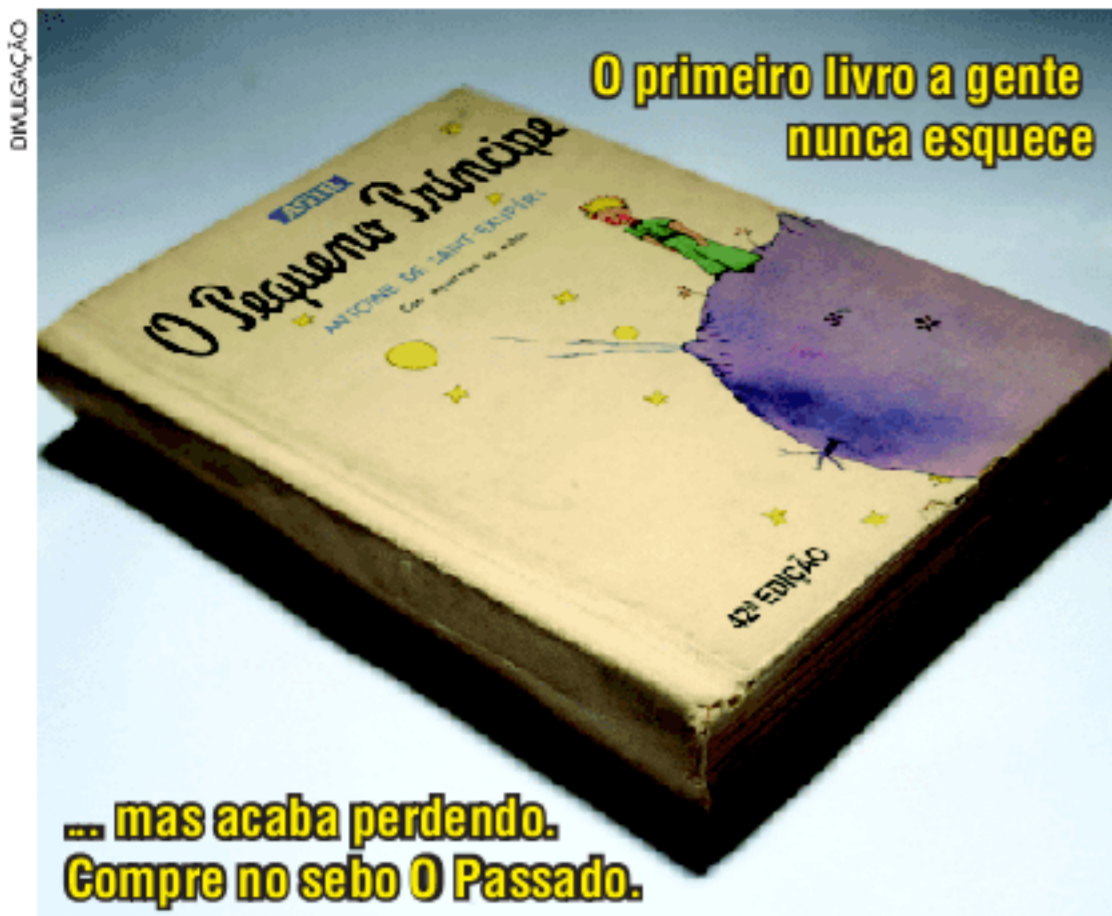


Fig. 21 O anterior sobre o posterior.

- **O posterior sobre o anterior:** x é posterior a y; logo, x é melhor, ou é mais moderno, eficiente que y.

Trata-se de um carro de última geração, a mais moderna tecnologia, o que há de melhor. Os outros? Carroças! Coisa do passado!

O ensino tradicional está superado, o aluno não aprendia a refletir, apenas decorava. O ensino moderno de língua portuguesa faz com que o aluno pense.



Fig. 22 O posterior sobre o anterior.

- **O durável sobre o efêmero:** x dura mais que y; logo, x é melhor do que y, merece a nossa confiança.

Vulcabras, o sapato para a vida toda.

Slogan marca de sapato.

Vai ser jogador de futebol? Não faça isso! A carreira de jogador é curta demais. Seja médico, é profissão para a vida inteira.

- **O efêmero sobre o durável:** x é mais rápido do que y; logo, x é melhor.

Dicas para não poluir: cuidado com as embalagens de plástico, esse tipo de material é mais resistente ao tempo. Prefira outro tipo de embalagem, o papel, por exemplo, dura muito pouco.

Não faça crediário, você paga a vida inteira. Compre à vista, vamos!

- **O existente sobre aquilo que é possível:** x é certo, y é um risco.

Você vai trocar o emprego na firma, algo estável, por um negócio arriscado? Você está louco?



Fig. 23 O existente sobre aquilo que é possível.

- **Argumento de qualidade:** x é superior a y, porque x possui mais qualidade que y (ou é mais raro).

Um carro feito por encomenda, o único do mundo.

Estadão é muito mais jornal.

Slogan marca de Jornal.

- **Argumento de quantidade:** x é superior a y, porque x possui mais do que y.

Bombril, mil e uma utilidades.

Slogan marca de palha de aço.



Fig. 24 Argumento de quantidade.

- **Argumento de direção:** para atingir y é preciso passar por x.

Para entrardes na universidade, precisais, primeiramente, estudar.

Para obter o título de mestre, é necessário escrever uma dissertação.

- **Argumento baseado na competência linguística:** refere-se à habilidade com que o enunciador utiliza a linguagem, ou o fato de usar uma linguagem adequada ao receptor e ao contexto.

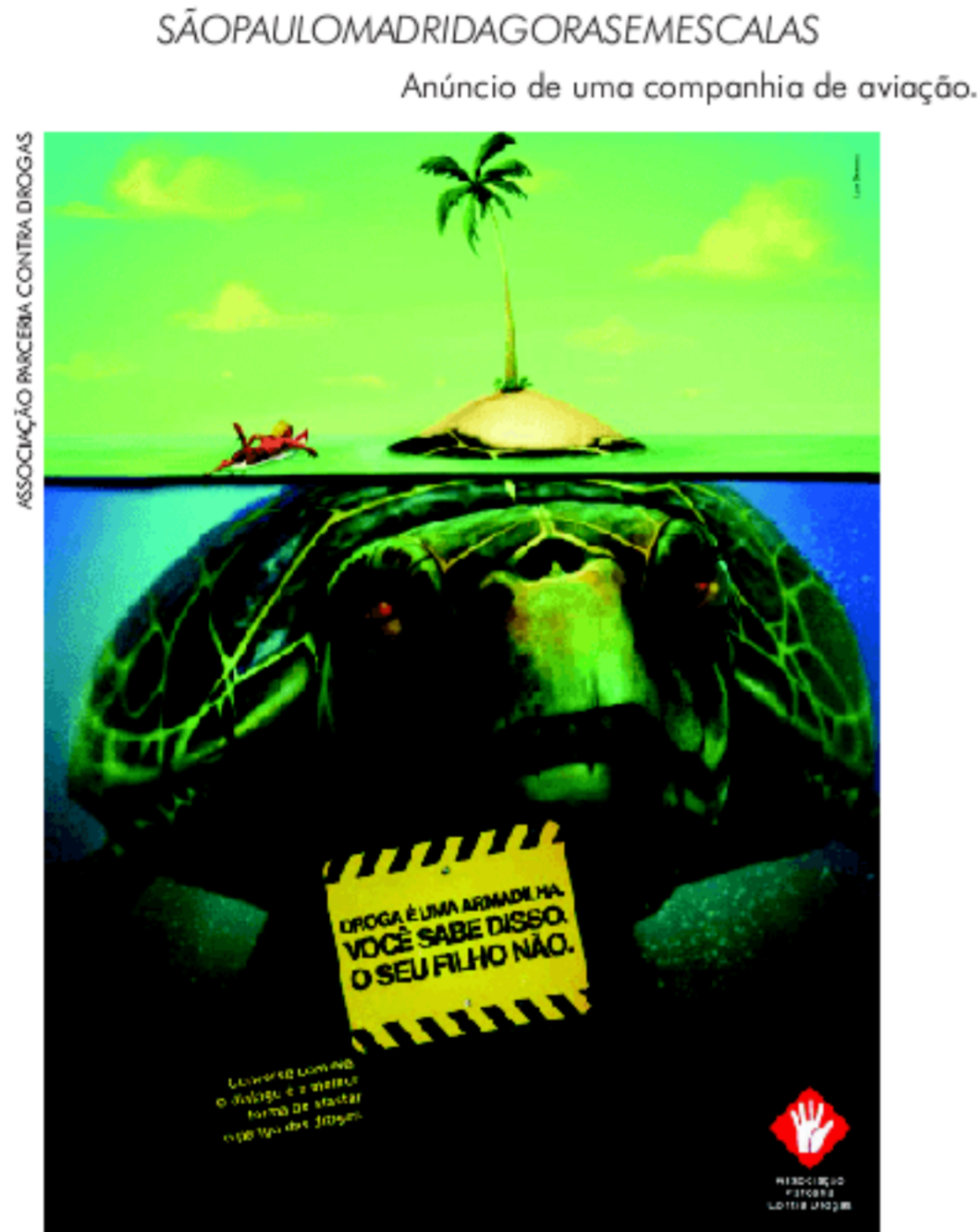


Fig. 25 Argumento baseado na competência linguística.

- **Argumento baseado em prova concreta:** trata-se da apresentação de estatísticas, cifras, documentos, fatos históricos e fatos do cotidiano.

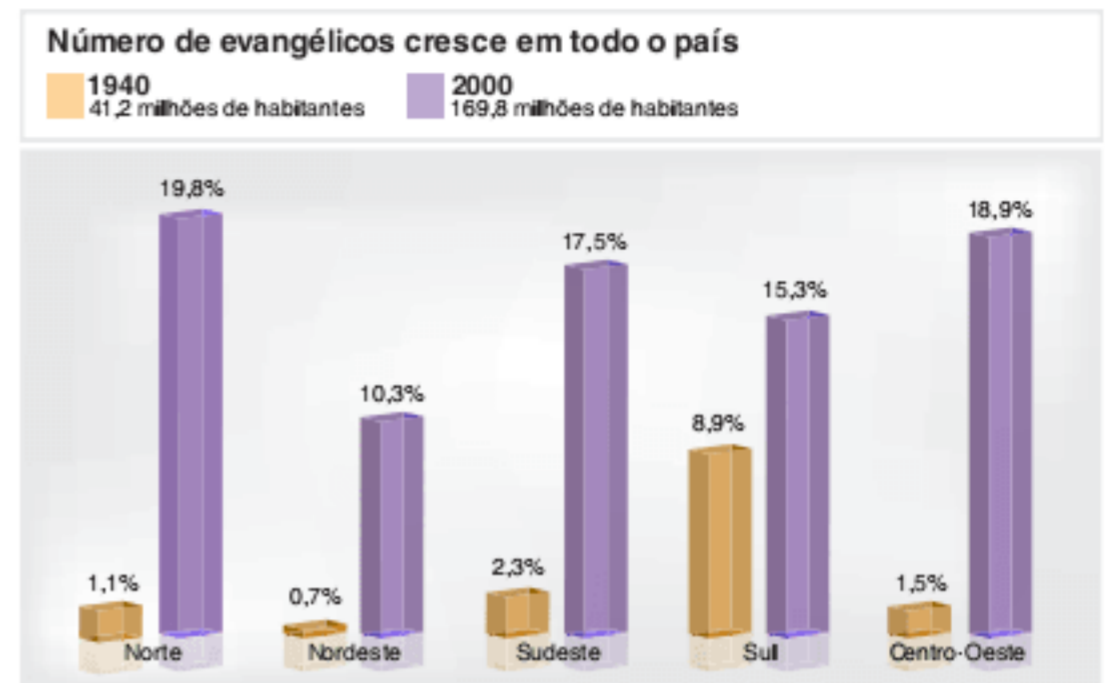
Está tudo errado:

	Brasil	EUA
A perícia de uma arma leva	6 meses	alguns dias
Um preso é levado pela polícia ao juiz em	10 meses	48 horas
É possível fazer acordos?	nunca	em 90% dos casos
Existe cela especial?	sim	não
Tempo para julgar um caso de homicídio:	6 anos	3 anos
Há vagas para todos os condenados?	não	sim

Veja, 7 fev. 2001.

Os Estados Unidos são o único país cujos soldados podem matar, mas não podem morrer. O historiador Eric Hobsbawn disse isso a propósito da síndrome do Vietnã, da relutância do Pentágono em empregar tropas terrestres em operações militares depois das muitas milhares de vidas perdidas no lamaçal do sudeste asiático. Há o caso recente de Kosovo, a guerra feita "por cima", com mísseis e bombardeios aéreos mortíferos, e a recusa em enfrentar os sérvios no corpo a corpo.

Newton Carlos.



Fonte: IBGE, censo demográfico 1940/2000.

O Código de Defesa do Consumidor completa 17 anos de criação. Para celebrar este aniversário, o Procon coloca a disposição da população o novo site e reativa o telefone de atendimento ao público através do número 151.

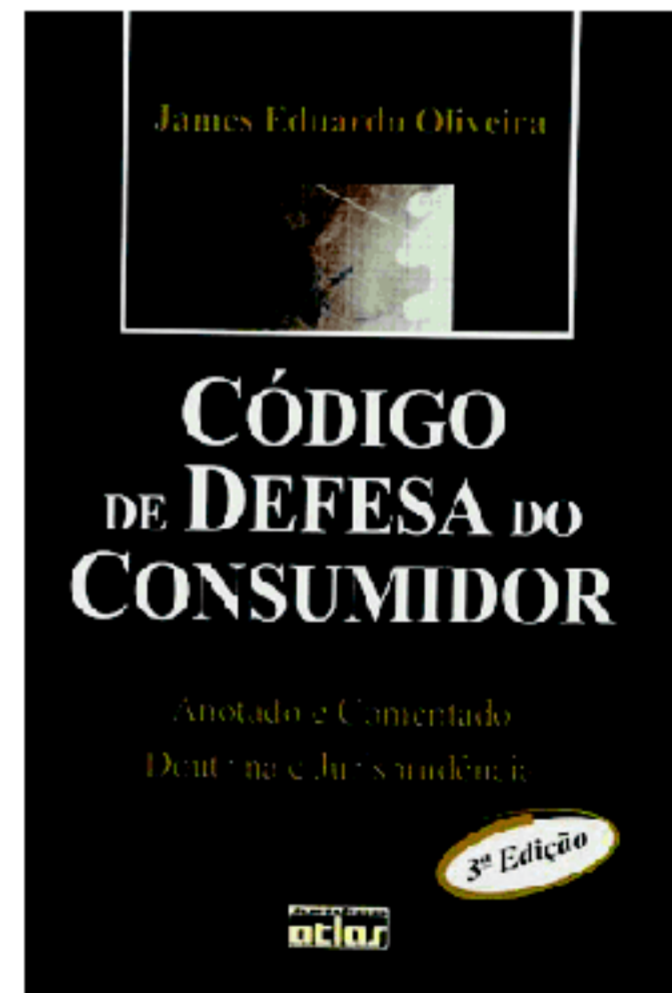


Fig. 26 Argumento baseado em prova concreta.

Total de endividados no país cresce 47% em dois anos, diz BC
Folha de S.Paulo, 22 jun. 2008.

- **Argumento de autoridade:** citar uma autoridade sobre o assunto do qual se fala.

Segundo um ex-presidente francês, o Brasil não é um país sério. Leve em conta o número de escândalos políticos que ocorrem anualmente em nosso país.

De mulher para mulher: Marisa.

Slogan das lojas Marisa.

Ninguém pode ser considerado um leigo em língua; o analfabeto utiliza orações absolutamente complexas ao falar com seus filhos. Como dizia Chomsky, o maior linguista do século, já nascemos com uma competência linguística.

A Rede Globo tem uma enorme influência no cotidiano do brasileiro, isso devido ao seu poderio econômico. Segundo a revista Forbes, Roberto Marinho era um dos homens mais ricos do mundo.

- **Argumento de consenso:** quando não há discordância em torno do que se fala e a comunidade científica coloca como verdade inquestionável.

O câncer pode matar.

Um governo justo é um governo democrático.

- **Argumento baseado no raciocínio lógico:** trata-se do uso de comparações, relações de causa e efeito, silogismos, oposições etc.

Premissa maior: *todo homem é mortal*

Premissa menor: *eu sou homem*

Conclusão: *logo, sou mortal*

Quando uma instituição se enrijece demais, não tem mais apelo junto à população. Ela perdura porque tem história e, mais ainda, porque entrou no inconsciente profundo das pessoas. Os que fazem parte dessa instituição não são mais sujeitos às variações da história, sobrevivem.

Frei Leonardo Boff.

- **Argumento de reciprocidade:** se x fez algo a y; y tem o direito de dar o troco na mesma medida.



Fig. 27 Argumento de reciprocidade.

O provérbio “olho por olho, dente por dente” é um exemplo desse argumento.

- **Argumento de ressalva:** faz-se uma ressalva, dá-se um argumento contrário, porém de menor peso (evita-se na maioria das vezes a generalização).

[...] Embora Chico afirme em diversas entrevistas que a atração pela literatura é anterior ao gosto pela música, um fato chama a atenção: antes de partir para Roma, deixou para a avó um bilhete, de uma crueldade ingênua, só permitida às crianças: “Vovó Heloísa. Olhe vizinha não se esqueça de mim. Se quando eu chegar aqui você já estiver no céu, lá mesmo veja eu ser um cantor do rádio. [...]

Wagner Homem. *Histórias de canções: Chico Buarque*. São Paulo: Leya, 2009. p. 7.

- **Argumento de presença:** trata-se da presença do debatedor, sua proximidade física com o outro debatedor (plateia, eleitores etc.); ou a presença da prova, um objeto, algo que é importante para a argumentação (a arma do crime, por exemplo).



Fig. 28 Homem discursando.

- **Argumento por sacrifício:** alguém sacrifica-se por você; dessa forma, é preciso retribuir.
 - A gente se mata de trabalhar para você fazer isso?
 - Mas mãe...
 - Fique quieto, jogar comida fora não tem desculpa!

Revisando

Texto para as questões de 1 a 4.

De fato, como brasileiro eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso. Como humanista, sentindo o risco da degradação ambiental que sofre a Amazônia, posso imaginar a sua internacionalização, como também de tudo o mais que tem importância para a Humanidade. Se a Amazônia, sob uma ótica humanista, deve ser internacionalizada, internacionalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem-estar da humanidade quanto a Amazônia para o nosso futuro. Apesar disso, os donos das reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não o seu preço. Da mesma forma, o capital financeiro dos países ricos deveria ser internacionalizado.

Se a Amazônia é uma reserva para todos os seres humanos, ela não pode ser queimada pela vontade de um dono, ou de um país. Queimar a Amazônia é tão grave quanto o desemprego provocado pelas decisões arbitrárias dos especuladores globais. Não podemos deixar que as reservas financeiras sirvam para queimar países inteiros na volúpia da especulação. Antes mesmo da Amazônia, eu gostaria de ver a internacionalização de todos os grandes museus do mundo. O Louvre não deve pertencer apenas à França. Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano. Não se pode deixar esse patrimônio cultural, como o patrimônio natural amazônico, seja manipulado e destruído pelo gosto de um proprietário ou de um país.

Não faz muito, um milionário japonês, decidiu enterrar com ele um quadro de um grande mestre. Antes disso, aquele quadro deveria ter sido internacionalizado. Durante este encontro, as Nações Unidas estão realizando o Fórum do Milênio, mas alguns presidentes de países tiveram dificuldades em comparecer por constrangimentos na fronteira dos EUA. Por isso, eu acho que Nova York, como sede das Nações Unidas, deve ser internacionalizada. Pelo menos Manhattan deveria pertencer a toda a Humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história do mundo, deveria pertencer ao mundo inteiro. Se os EUA querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA. Até porque eles já demonstraram que são capazes de usar essas armas, provocando uma destruição milhares de vezes maior do que as lamentáveis queimadas feitas nas florestas do Brasil. Nos seus debates, os atuais candidatos à presidência dos EUA têm defendido a ideia de internacionalizar as reservas florestais do mundo em troca da dívida.

Começemos usando essa dívida para garantir que cada criança do mundo tenha possibilidade de ir à escola. Internacionalizemos as crianças, tratando-as, todas elas, não importando o país onde nasceram, como patrimônio que merece cuidados do mundo inteiro. Ainda mais do que merece a Amazônia. Quando os dirigentes tratarem as crianças pobres do mundo como um patrimônio da Humanidade, eles não deixarão que elas trabalhem quando deveriam estudar; que morram quando deveriam viver. Como humanista, aceito defender a internacionalização do mundo. Mas, enquanto o mundo me tratar como brasileiro, lutarei para que a Amazônia seja nossa. Só nossa.

* O autor foi governador do Distrito Federal (PT) e reitor da Universidade de Brasília (UnB), nos anos 90. É palestrante e humanista respeitado mundialmente.
Cristovam Buarque. "Discurso sobre a Internacionalização da Amazônia". Estados Unidos, nov. 2000.

1 O texto de Cristovam Buarque é dissertativo-argumentativo, o autor emprega seus argumentos baseados no raciocínio lógico. Identifique passagens em que esse raciocínio utiliza:

a) a ressalva, a concessão (primeiro parágrafo).

b) o raciocínio hipotético, a condição (segundo parágrafo).

2 Na passagem "Queimar a Amazônia é tão grave quanto o desemprego provocado pelas decisões arbitrárias dos especuladores globais.", Cristovam utiliza o argumento baseado no raciocínio lógico, para isso emprega conectivos como "tanto ... quanto", que dão uma direção argumentativa ao texto. Que valor semântico esse tipo de correlação conjuntiva imprime ao período? Cite um período do terceiro parágrafo em que esse argumento também esteja presente.

3 Como pode ser entendido o termo "brasileiro" no contexto em que foi empregado?

4 O texto apresenta duas visões de mundo acerca da Amazônia, quais são? Em seguida, procure sintetizar como o autor do texto defende a sua visão.

Texto para as questões de 5 a 8.

[...]
Está provado, quem espera nunca alcança...

[...]
*Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar...*

[...]
*Devagar é que não se vai longe
Eu semeio vento na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade*

Chico Buarque.

5 O autor emprega a intertextualidade em “Eu semeio vento na minha cidade/Vou pra rua e bebo a tempestade.” A que provérbio o autor faz referência?

6 Cite outras passagens em que Chico Buarque faz a intertextualidade com provérbios populares.

7 Que recurso expressivo de natureza semântica (a intertextualidade é de natureza coesiva) foi empregado na relação provérbio-música?

8 O que o autor deixa em termos de mensagem?

Exercícios propostos

1 **Fuvest** Leia.

*Chega!
Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.
Minha boca procura a “Canção do exílio”.
Como era mesmo a “Canção do exílio”?
Eu tão esquecido de minha terra...
Ai terra que tem palmeiras
Onde canta o sabiá!*

Carlos Drummond de Andrade. “Europa, França e Bahia”. *Alguma poesia*.

Nesse excerto, a citação e a presença de trechos constituem um caso:

- (a) do famoso poema de Álvares de Azevedo/discurso indireto.
- (b) da conhecida canção de Noel Rosa/paródia.
- (c) do célebre poema de Gonçalves Dias/intertextualidade.

- (d) da célebre composição de Villa-Lobos/ironia.
- (e) do famoso poema de Mário de Andrade/metalinguagem.

O texto a seguir refere-se às questões de 2 a 7.

Os desastres de Sofia

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão, e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara.

Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

– Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tomara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. [...].

Clarice Lispector. *Legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. pp. 5 e 6.

2 Faap Os sentimentos da aluna pelo professor eram ambíguos, sentimentos que se contrariavam, como, por exemplo, este:

- (a) “Falava muito alto, mexia com os colegas.”
- (b) “Passei a me comportar mal na sala.”
- (c) “Eu o exasperava tanto.”
- (d) “Amava-o com a cólera de quem ainda não foi covarde.”
- (e) “E eu era atraída por ele.”

3 Faap “Cale-se ou expulso a senhora da sala.”

Perante essa explosão, a aluna tem dupla reação; também ambígua:

- (a) atraída/pelo silêncio.
- (b) ofendida/adivinhara.
- (c) falava/mexia.
- (d) ferida/triunfante.
- (e) respondia/desafio.

4 Faap “Amava-o com a cólera de quem ainda não foi covarde”. Explica-se o uso do advérbio ainda com o seguinte significado:

- (a) o narrador admite a possibilidade de um dia vir a ser covarde como o professor.
- (b) o narrador não se diz covarde e afirma que nunca será.
- (c) o narrador não é covarde, porque não tem ombros tão curvos como os do professor.
- (d) o narrador não é covarde, porque não é tão forte como o professor.
- (e) o narrador tem a cólera, mas não a covardia do professor.

5 Faap Segundo o texto, o professor era covarde, porque:

- (a) amava a aluna.
- (b) odiava a aluna.
- (c) fazia coisa de que não gostava.
- (d) ensinava no primário.
- (e) era gordo, grande e silencioso.

6 Faap Em resumo, o texto revela:

- (a) a contenção das emoções ditadas por regras sociais.
- (b) o afeto que sentem ao mestre.
- (c) a tarefa abnegadora do professor.
- (d) o amor ao saber.
- (e) o conhecimento dos mestres.

Texto para a questão 7.

Canção do exílio

Minha terra tem campos de futebol, onde cadáveres amanhecem emborcados pra atrapalhar os jogos. Tem uma pedrinha cor-de-bile que faz “tuim” na cabeça da gente. Tem também muros de bloco (sem pintura, é claro, que tinta é a maior frescura quando falta mistura) onde pousam cacos de vidro pra espantar malandro.

Minha terra tem HK, AR15, M21, 45 e 38 (na minha terra, 32 é uma piada). As sirenes que aqui apitam, apitam de repente e sem hora marcada. Elas não são mais das fábricas, que fecharam. São mesmo é camburões, que vêm fazer aleijados, trazer tranquilidade e aflição.

Fernando Bonassi. *100 coisas*. São Paulo: Angra, 2000. p. 19.

7 Considere as seguintes afirmações acerca do texto.

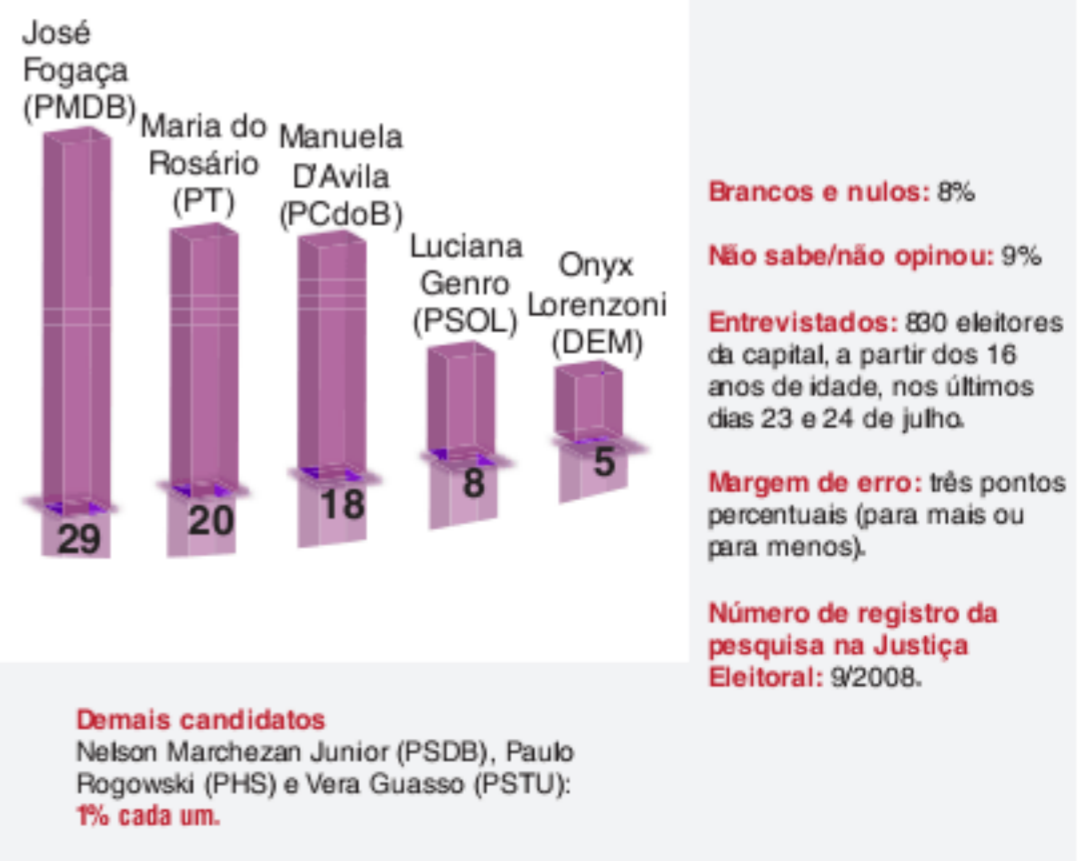
- I. O texto de Fernando Bonassi entra em oposição à visão ufanista contida no poema de Gonçalves Dias, “Canção do Exílio”.
- II. Em “tranquilidade e aflição”, o autor cria um paradoxo em que o primeiro termo torna irônico o segundo. Implicitamente há uma crítica à ação da polícia.
- III. Em “as sirenes que aqui apitam”, observa-se o uso da assonância, da onomatopeia e do anacoluto.
- IV. O texto põe a nu uma realidade brasileira em que o crime domina e a ação do Estado é ineficaz.

Estão corretas:

- (a) apenas I e II.
- (b) apenas I, II e IV.
- (c) apenas II, III e IV.
- (d) apenas I, III.
- (e) apenas I e IV.

8 Identifique o tipo de argumento utilizado.

- a) O homem é um ser racional.
- b) Para uma empresa atingir um lucro significativo, é preciso fazer um plano de *marketing*.
- c)



Fonte: Datafolha/ 25 jul. 2008.

d)

MINISTÉRIO DA SAÚDE/MINISTÉRIO DO TRANSPORTE



Texto para a questão 11.

Linguagem de computador

Como funciona o código de barras?

Alexandre Nogueira, Maceió, AL

Também chamado de código UPC, Universal Product Code, Código Universal de Produtos, as barras nada mais são do que representações gráficas do código binário utilizado pelos computadores (0 e 1). Cada barra escura equivale a 1 e cada barra clara equivale a 0. Uma barra escura mais grossa que as outras é, na verdade, a somatória de várias barras escuras, umas ao lado das outras; o mesmo vale para as barras claras.

Sim, parece difícil de entender, afinal, é uma operação que envolve muitas contas, mas a intenção é simples: rastrear os passos de uma mercadoria e permitir ao proprietário ter mais controle do que tem e do que vende em uma loja.

Apesar da tecnologia ter sido desenvolvida na década de 50, somente após sua padronização, nos anos 70, empresas americanas e europeias começaram a utilizá-la em larga escala. Funciona assim: cada produto recebe uma numeração exclusiva internacionalmente reconhecida como GTIN, Número Global de Item Comercial (Global Trade Item Number), que será a chave de acesso para identificação do produto e suas características que devem estar armazenadas nos bancos de dados das empresas. É como se fosse um RG internacional da mercadoria e que pode ser representada por um ou mais tipos de código de barras. [...]

Galileu. São Paulo: Globo, set. 2004, p. 84.

11 UFG Em “É como se fosse um RG internacional de mercadoria”, o autor compara o código de barras ao RG para:

- (a) esclarecer que ambos os sistemas são controlados por redes de monitoramento.
- (b) explicar a finalidade do código de barras como instrumento de registro.
- (c) mostrar que esses códigos necessitam de procedimentos especiais de leitura.
- (d) descrever o funcionamento dos sistemas de identificação de produtos e de pessoas.
- (e) justificar a existência generalizada de códigos de identificação.

9 Leia o texto a seguir.



No texto acima, observa-se o emprego do argumento baseado no raciocínio lógico; trata-se de:

- (a) da oposição.
- (b) da analogia.
- (c) da hipótese.
- (d) da relação causa e consequência.
- (e) da concessão.

10 Leia o trecho a seguir.

- Premissa maior: *todo gato é ágil*
- Premissa menor: *eu sou ágil*
- Conclusão: *logo, eu sou gato*

- a) Onde está o erro no silogismo acima?
- b) Reestruture no box a seguir o silogismo de modo que ele possa ser coerente.

Premissa maior: _____

Premissa menor: _____

Conclusão: _____

TEXTO COMPLEMENTAR

Lugares da qualidade

Os lugares da qualidade, os menos apreensíveis, aparecem na argumentação quando se contesta a virtude do número. Será esse o caso dos reformadores, daqueles que se revoltam contra a opinião comum, tal como Calvino, que alerta Francisco I contra aqueles que arguem, opondo-se à sua doutrina, que “ela já é condenada por um consenso geral de todos os estados”. Rejeita ele o costume, pois “a vida dos homens jamais foi regradada tão bem, que as melhores coisas agradassem à maior parte”. Ele opõe ao número a qualidade da verdade garantida por Deus:

“Em oposição a toda essa multidão é enviado Jeremias, para denunciar, da parte de Deus, que a Lei perecerá entre os Sacerdotes, o conselho será retirado dos sábios e a doutrina, dos Profetas.”

Mesmo os chefes podem, pois, enganar-se. Não se trata, no ponto extremo onde se coloca Calvino, de uma ciência superior concedida à elite. Já não se trata, tampouco, de um conhecimento da verdade correspondente ao que admitiria, como em Platão, um auditório universal de deuses e de homens. Trata-se da luta de quem detém a verdade, garantida por Deus, contra a multidão que erra. O verdadeiro não pode sucumbir, seja qual for o número de seus adversários: estamos em presença de um valor de ordem superior, incomparável. É esse aspecto que os protagonistas do lugar da qualidade não podem deixar de enfatizar: no limite, o lugar da qualidade redundava na valorização do único que, assim como o normal, é um dos pivôs da argumentação.

O único é ligado a um valor concreto: o que consideramos um valor concreto nos parece único, mas é o que nos parece único que se nos torna precioso:

“Sua semelhança comigo, diz-nos Jouhandeau, o que se nos assemelha, nos confunde, não me interessa; é o sinal particular que isola X, a sua “singularidade” que me importa, se me impõe.”

Considerar entes como permutáveis, não ver o que produz a especificidade de suas personalidades é desvalorizá-los. Basta às vezes uma inversão dos termos para que se manifeste o caráter apagado de quem eles designam: “Thanks, Rosencrantz and gentle Guildenstem”, diz o Rei. “Thanks, Guildenstem and gentle Rosencrantz”, repete a Rainha.

Esses exemplos tendem a mostrar que a unicidade de um ente ou de um objeto qualquer decorre da maneira pela qual concebemos nossas relações com ele: para um, tal animal não passa de uma amostra de uma espécie; para outro, trata-se de um ser único com o qual mantém relações singulares. Filósofos como Martin Buber, como Gabriel Marcel, insurgem-se contra o fungível, o mecânico, o universalizável:

“É preferível, dirá Buber, violentar um ser que se possuiu realmente do que praticar uma benevolência anódina a números sem rosto!”

Para G. Marcel, o valor de um encontro com um ser nasce de esse encontro ser “único em seu gênero”. O que é único não tem preço, e seu valor aumenta pelo próprio fato de não ser avaliável. Por isso, Quintiliano aconselha ao orador não cobrar a sua colaboração, porque “a maioria das coisas pode parecer sem importância, apenas por se dar um preço a elas”.

O valor do único pode exprimir-se por sua oposição ao comum, ao corriqueiro, ao vulgar. Estes seriam a forma depreciativa do múltiplo oposto ao único. O único é original, distingue-se, por isso é digno de nota e agrada mesmo à multidão. É a valorização do único, ou pelo menos do que parece tal, a base das máximas de Gracián e dos conselhos que ele dá ao homem da corte. Cumprir evitar repetir-se, cumprir parecer inesgotável, misterioso, não classificável com facilidade: a qualidade única torna-se um meio com vistas a obter o sufrágio do maior número. Mesmo o grande número aprecia o que se distingue, o que é raro e difícil de realizar.

“O mais difícil, dirá Aristóteles, é preferível ao que o é menos, pois apreciamos mais a posse das coisas que não são fáceis de adquirir.”

Nota-se que Aristóteles não se contenta em enunciar o lugar. Esboça uma explicação. Relaciona-o com a pessoa, com o esforço. O raro conceme sobretudo ao objeto, o difícil ao sujeito, enquanto agente. Apresentar uma coisa como difícil ou rara é um meio de valorizá-la.

A precariedade pode ser considerada o valor qualitativo oposto ao valor quantitativo da duração; é correlativa ao único, ao original. Sabe-se que tudo quanto está ameaçado ganha um valor eminente: *Carpe diem*. A poesia de Ronsard joga habilmente com esse tema que nos toca imediatamente. A precariedade nem sempre é ameaça de morte, pode referir-se a uma situação: a dos amantes aos olhos um do outro, comparada com a dos esposos, é oposição do valor do precário ao do estável.

Esse lugar é vinculado a um lugar muito importante citado por Aristóteles, que seria o da oportunidade:

“Cada coisa é preferível no momento em que tem mais importância: por exemplo, a ausência de mágoa é mais desejável na velhice do que na juventude, pois tem mais importância na velhice.”

Se invertermos o exemplo de Aristóteles, se insistirmos nas coisas importantes para a criança ou o adolescente, veremos que, fazendo o valor depender das circunstâncias transitórias, insistimos na precariedade desse valor e, ao mesmo tempo, enquanto ele é válido, aumentamos-lhe o preço.

O lugar do irreparável se apresenta como um limite, que vem acentuar o lugar do precário: a força argumentativa, vinculada à sua evocação, pode ter um efeito fulminante. Exemplo, a célebre peroração de São Vicente de Paulo, dirigindo-se às damas piedosas e mostrando-lhes os órfãos por ele protegidos:

“Fostes suas mães segundo a graça, desde que suas mães segundo a natureza os abandonaram. Vedes agora se quereis também abandoná-los para sempre...; sua vida e sua morte estão em vossas mãos... Eles viverão, se continuardes a ter para com eles um cuidado caridoso; mas, declaro-vos perante Deus, estarão mortos amanhã, se vós os desamparardes.”

Se essa peroração teve tanto sucesso (o apelo resultou na fundação do Hospital das Crianças Abandonadas), é ao lugar do irreparável que o deve.

O valor do irreparável pode, se quisermos pesquisar-lhe os fundamentos, relacionar-se com a quantidade: duração infinita do tempo que se escoará depois que o irreparável tiver sido feito ou constatado, certeza de que os efeitos, intencionais ou não, se prolongarão indefinidamente. Mas ele também pode vincular-se à qualidade: a unicidade é conferida ao acontecimento que se qualifica de irreparável. Seja ele bom ou mau em suas consequências, é fonte de pavor para o homem; para que uma ação seja irreparável, é preciso que não possa ser repetida: ela adquire um valor pelo próprio fato de ser considerada sob esse aspecto.

O irreparável se aplica ora ao sujeito, ora ao objeto; alguma coisa pode ser irreparável em si ou com relação a tal sujeito: poderão replantar à frente de minha porta um novo carvalho, mas já não serei eu que sentarei à sua sombra.

Vê-se que o irreparável na argumentação é realmente um lugar do preferível, no sentido de que, quando ele se refere a um objeto, só pode ser na medida em que este é portador de um valor; não se mencionará o irreparável, o irremediável, quando se tratar de uma irreparabilidade que não acarreta nenhuma consequência na conduta. Talvez se fale num discurso científico da segunda lei da termodinâmica, mas esta só será considerada argumento do irreparável se atribuirmos um valor a um certo estado do universo.

Uma decisão cujas consequências seriam irremediáveis é valorizada por isso mesmo. Na ação, prendemo-nos em geral ao que é urgente: os valores de intensidade, vinculados ao único, ao precário, ao irremediável, nela estão no primeiro plano. Assim é que Pascal vale-se dos lugares da quantidade para mostrar-nos que é preciso preferir a vida eterna à vida terrena, mas quando nos pressiona para tomar uma decisão afirma-nos que estamos embazcados e que

cumpramos escolher, que a hesitação não pode durar, que há urgência e temor de naufrágio.

Além dos usos do lugar do único como original e raro, cuja existência é precária e a perda irremediável, pelo que é contraposto ao que é fungível e comum, que não corremos o risco de perder e é facilmente substituível, há, numa ordem de ideias totalmente diferente, um uso do lugar do único como oposto ao diverso. O único é, nesse caso, o que pode servir de norma: esta adquire um valor qualitativo em relação à multiplicidade quantitativa do diverso. Opor-se-á a unicidade da verdade à diversidade das opiniões. A superioridade das humanidades clássicas em relação às humanidades modernas, dirá um autor, deve-se ao fato de os antigos apresentarem modelos fixos, reconhecidos, eternos e universais. Os autores modernos, mesmo que sejam tão bons quanto os antigos, oferecem o inconveniente de não poder servir de norma, de modelo indiscutível: é a multiplicidade dos valores representados pelos modernos que lhes causa a inferioridade pedagógica. Esse mesmo lugar serve a Pascal para justificar o valor do costume:

“Por que se seguem as antigas leis e as antigas opiniões? Será que são mais sadias? Não, mas são únicas, e nos extirpam a raiz da diversidade. O que é único se beneficia de um prestígio inegável: a exemplo de Pascal, pode-se explicar com isso um fenômeno de adesão, fundamentando-o nesse valor positivo que se toma como base de uma argumentação, sem dever fundamentá-lo por sua vez. A inferioridade do múltiplo, seja ele o fungível ou o diverso, parece admitida com muita frequência, sejam quais forem as justificações, muito variadas aliás, que seríamos capazes de lhe encontrar.”

Chaim Perelman; Lucie Olbrechts - Tyteca. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 100-5.

RESUMINDO

Discurso/ideologia

- **Ideologia** – visão de mundo; conjunto de ideias; maneira de conceber a realidade.
- **Discurso** – visão de mundo presente no texto.
- **Interdiscursividade** – todo texto utiliza um discurso que já existe; a relação entre os discursos recebe esse nome.
- **Oposição de discursos** – todo discurso opõe-se a outro existente.
- **Linguagem** – sistema de regras e repertório, varia no tempo e no espaço, a exemplo dos discursos.
- **Intertextualidade** – quando um texto cita o outro (a paródia, por exemplo).
- **Intertextualidade estilística** – quando um texto cita o outro no estilo.

Tipos de argumento

- **O anterior sobre o posterior**: x é anterior a y; logo, x é melhor do que y, ou x tem mais direito que y.
- **O posterior sobre o anterior**: x é posterior a y; logo, x é melhor, ou é mais moderno, eficiente.
- **O durável sobre o efêmero**: x dura mais que y; logo, x é melhor do que y, merece a nossa confiança.

- **O efêmero sobre o durável**: x é mais rápido do que y; logo, x é melhor.
- **O existente sobre aquilo que é possível**: x é certo, y é um risco.
- **Argumento de qualidade**: x é superior a y, porque x possui mais qualidade que y (ou é mais raro).
- **Argumento de quantidade**: x é superior a y, porque x possui mais do que y.
- **Argumento de direção**: para atingir y, é preciso passar por x.
- **Argumento baseado na competência linguística**: refere-se à habilidade com que o enunciador utiliza a linguagem.
- **Argumento baseado em provas concretas**: trata-se da apresentação de estatísticas, cifras, documentos, fatos históricos e fatos do cotidiano.
- **Argumento de autoridade**: citar uma autoridade sobre o assunto do qual se fala.
- **Argumento de consenso**: quando não há discordância em torno do que se fala, a comunidade científica coloca o tema como verdade inquestionável.
- **Argumento baseado no raciocínio lógico**: trata-se do uso de comparações, relações de causa e efeito, silogismos etc.

■ QUER SABER MAIS?

LIVRO

- Gabriel García Márquez. *Relato de um Náufrago*. Trad. de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SITE

- <vagalume.uol.com.br>.

FILME

- *Carandiru*. Direção de Hector Babenco.

TEATRO

- Dias Gomes. *O pagador de Promessas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JORNAL

- *Carta Capital*. Ed. Confiança.
- Clóvis Rossi, colunista da *Folha de S.Paulo*.

Exercícios complementares

1 Unicamp Em setembro de 2003, uma universidade brasileira veiculou um convite-propaganda para a palestra “Desenvolvimento da saúde e seus principais problemas”, que seria proferida por José Serra, ex-Ministro da Saúde. Do convite-propaganda fazia parte uma foto de José Serra sobre a qual foi colocada uma tarja branca com o seguinte enunciado:

A “Universidade X”
ADVERTE:
ESSA PALESTRA
FAZ BEM À SAÚDE

- Esse enunciado faz alusão a um outro. Qual?
- Compare os dois enunciados.
- O convite-propaganda situa a “Universidade X” em um lugar de autoridade. Explique como isso acontece.

O texto a seguir refere-se às questões 2 e 3.

Auto da Lusitânia

Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando alguma coisa que se lhe perdeu; e logo após ele um homem, vestido como pobre. Este se chama Ninguém, e diz:

– Que andas tu aí buscando?

Todo o Mundo:
– Mil cousas ando a buscar:
delas não posso achar,
porém ando perfiando,
por quão bom é perfiar.

Ninguém:
– Como hás nome, cavaleiro?

Todo o Mundo:
– Eu hei nome Todo o Mundo,
e meu tempo todo inteiro
sempre é buscar dinheiro,
e sempre nisto me fundo.

Ninguém:
– E eu hei nome Ninguém,
e busco a consciência.

(Berzebu para Dinato)
– Esta é boa experiência!
Dinato, escreve isto bem.

Dinato:
– Que escreverei, companheiro?

Berzebu:
– Que Ninguém busca consciência
e Todo o Mundo dinheiro.

(Ninguém para Todo o Mundo)
– E agora que buscas lá?

Todo o Mundo:
– Busco honra muito grande.

Ninguém:
– E eu virtude, com que Deus mande
que tope com ela já.

(Berzebu para Dinato)
– Outra adição nos acude:
escreve aí, a fundo,
que busca honra Todo o Mundo,
e Ninguém busca virtude.

Ninguém:
– Buscas outro mor bem qu’esse?

Todo o Mundo:
– Busco mais quem me louvasse
tudo quanto eu fizesse.

Ninguém:
– E eu quem me repreendesse
em cada coisa que errasse.

(Berzebu para Dinato)
– Escreve mais.

Dinato:
– Que tens sabido?

Berzebu:
– Que quer em extremo grado
Todo o Mundo ser louvado,
e Ninguém ser repreendido. [...]

(Todo o Mundo para Ninguém)
– É mais queria o paraíso,
sem mo ninguém estorvar.

Ninguém:
– É eu ponho-me a pagar
quanto devo pera isso.

(Berzebu para Dinato)
– Escreve com muito aviso.

Dinato:
– Que escreverei?

Berzebu:
– Escreve
que Todo o Mundo quer paraíso,
e Ninguém paga o que deve. [...]

Gil Vicente. *Teatro de Gil Vicente*. Lisboa: Portugal, 1959.

2 Vunesp Na cena da farsa *Auto da Lusitânia* atuam os personagens *Todo o Mundo* e *Ninguém*, e, intercaladamente, *Berzebu* e *Dinato*. Os diálogos entre estes dois últimos estabelecem uma ambiguidade semântica com respeito aos dois primeiros. Releia o texto e responda:

- qual personagem se responsabiliza diretamente por promover a ambiguidade?
- explique a ambiguidade que adquirem os nomes *Todo o Mundo* e *Ninguém*.

3 Vunesp Gil Vicente (1465?-1540?), na rubrica de seu texto, ao introduzir em cena os personagens *Todo o Mundo* e *Ninguém*, indica-os dissimulados por suas aparências. Isto implica considerar que podem não ser o que parecem. Tendo em vista que a farsa é uma peça cômica irreverente, com elementos da comédia de costumes, e fazendo uso dos equívocos e dos enganos, releia o texto e, a seguir:

- aponte e classifique gramaticalmente o vocábulo que, empregado duas vezes na indicação inicial de como deve ser executada a cena (rubrica), permite inferir que as aparências de *Todo o Mundo* e *Ninguém* são dissimuladas.
- demonstre, com base no texto, uma característica farsesca do *Auto da Lusitânia*.

Os textos a seguir referem-se às questões de 4 a 6.

Soneto XIII

Nise? Nise? onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira;
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah se ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave, que respira!
Nise, cuida, que diz; mas é mentira.
Nise, cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos de espessura,
Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o eco me responde!
Ah como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? onde estás? aonde? aonde?

Cláudio Manuel da Costa. *Obras Poéticas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903.

Pedaço de mim

Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar
Que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar
[...]
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu
[...]
Leva os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus

Chico Buarque.

4 UFRGS No soneto, o sujeito lírico dirige-se, mediante o vocativo:

- somente à Nise.
- à aura e ao eco.
- à Nise, à aura, a grutas, a troncos e a penhascos de espessura.
- à aura, a grutas, a troncos e a penhascos de espessura.
- à Nise, a grutas, a troncos e a penhascos de espessura.

5 UFRGS É correto afirmar que, em “Pedaço de mim”, a saudade:

- é comparada a uma série de tormentos afetivos ou psicológicos evocados pelo sujeito lírico.
- causa um mal-estar maior do que o esquecimento e a entranhação causados pela senilidade e maus tratos.
- causa um tormento maior do que o castigo de levar a mortalha do amor a um outro amante.
- é provocada pela ausência do filho morto, cujos pertences ainda se encontram na casa dos pais.
- é comparada a um conjunto de fatos domésticos e políticos que perturbariam o poeta.

6 UFRGS Considere as seguintes afirmações sobre os poemas.

- I. Nos dois poemas há reflexão sobre a perda amorosa: em Cláudio, a mulher/ninfa amada tem nome, e o poeta anseia por ela; em Chico, a “metade afastada” não é nomeada, e o poeta chora sua ausência.
- II. No soneto, o sujeito lírico, situado em um cenário rústico, chama pela mulher sem jamais encontrá-la; em “Pedaço de mim”, temos apelos que se dirigem ao parceiro que provoca a dor, tudo se encerrando com a despedida a indicar a separação.
- III. Em ambos os poemas, o momento em que ocorreu a separação é evidente, quer seja a hora em que “a aura suave respira” de Cláudio, quer sejam os dias posteriores ao revés do parto mencionados por Chico.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- (a) Apenas I.
- (b) Apenas III.
- (c) Apenas I e II.
- (d) Apenas II e III.
- (e) Todas.

Texto para a questão 7.

Raposa na pele de cordeiro

Os golfinhos sempre tiveram uma das mais agradáveis imagens do mundo animal. Dóceis e úteis, permeiam a literatura infantil com gestos dignos do melhor samaritano. Flipper que o diga. Bom, descobriu-se que a coisa não é bem assim. Seguindo um rastro de evidências perturbadoras, cientistas de vários países, que vêm estudando com mais cautela o comportamento desses mamíferos, chegaram a uma triste conclusão: os golfinhos estão longe de ser aquelas criaturas felizes e pacíficas. Foram observadas práticas de infanticídio – golfinhos adultos matando filhotes – e morte em série de outros mamíferos aquáticos. Em locais tão distantes entre si quanto a costa americana e a da Irlanda, os golfinhos usam seu bico pontudo e dentado como clavas para bater e retalhar suas presas. Mas, diferentemente de outros animais carnívoros, eles não comem um pedaço sequer de suas vítimas. Como a espécie é muito social com humanos, teme-se que essa violência possa se repetir em parques aquáticos ou cidades costeiras onde há muita proximidade com golfinhos.

IstoÉ, 1.554, 14 jul. 1999.

7 Unicamp

- a) Suponha que alguém não saiba nada sobre golfinhos. Como os classificaria, do ponto de vista da Zoologia, com base em informações fornecidas pelo texto?
- b) Qual o receio expresso na última frase do texto, e o que o justifica?
- c) Nas fábulas, o inimigo do cordeiro não é a raposa. Tendo isso em conta, qual deveria ser o título deste texto?

Texto para as questões 8 e 9.

O texto a seguir é um excerto de *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, autor pertencente à escola modernista.

Senhoras:

Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta **missiva**. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de **saùdade** e muito amor com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo – a maior do universo, no dizer de seus prolixos habitantes – não sois conhecidas por “**icamiabas**”, voz expúria, sinão que pelo apelativo de Amazonas; e de vós, se afirma, cavalgardes **ginetes** belígeros e virdes de Hélade clássica; e assim sois chamadas. Muito nos pesou a nós, Imperator vosso, tais **dislates** de erudição, porém heis de convir conosco que, assim, ficais mais heroicas e mais **conspícuas**, tocadas por essa **plátina** respeitável da tradição e da pureza antiga.

Mas não devemos desperdiçarmos vosso tempo **fero**, e muito menos conturbarmos vosso entendimento, com notícias de mau calibre; passemos pois, imediato, ao relato de nossos feitos cá.

[...]

Mário de Andrade. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. 1 reimp. São Paulo: ALLCA XX, 1997.

8 Apesar de o autor ser modernista, esse excerto assume, em muitos momentos, a forma clássica de escrever, não havendo passagens em que se nota a variante popular, muito presente em textos modernistas. Assinale a alternativa em que a linguagem empregada por Mário não recupera necessariamente o estilo clássico.

- (a) Emprego de léxico preciosista como “missiva” e “ginetes belígeros”.
- (b) Uso de sintaxe em desuso no português contemporâneo, como em “não devemos desperdiçarmos”, em que se observa a flexão do infinitivo na locução verbal.
- (c) Emprego de léxico arcaizante, como em “Hélade” (em vez de Grécia).
- (d) Uso da segunda pessoa do plural para referir-se ao interlocutor, como em “Não pouco vos surpreenderá”.
- (e) Emprego da conjunção adversativa “mas” no início do parágrafo em “Mas não devemos....”.

9 Mário de Andrade, ao usar o estilo clássico, ridiculariza uma certa norma do português, o que era tido por “português castiço” no período. Ironiza uma forma de escrever, em que, sem o menor propósito, se cita a literatura clássica. É um caso de imitação de estilo por subversão, também chamada de...:

Platão e Fiorin. *Lições de texto*.

- (a) metalinguagem.
- (b) quebra do paralelismo.
- (c) paródia.
- (d) antítese.
- (e) prosopopeia.

missiva: carta; **saùdade:** acentuação portuguesa de saudade; **icamiabas:** as amazonas, mulheres guerreiras; **ginetes:** cavalos de guerra; **dislates:** asneiras; **conspícuas:** ilustres; **plátina:** envelhecimento; **fero:** feroz.

Texto para as questões 10 e 11.

Pegue um jornal.
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar ao seu poema.
Recorte o artigo.
Em seguida, recorte com atenção cada palavra que forma esse artigo e coloque num saco.
Agite suavemente.
A seguir, retire cada pedaço, um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas foram retiradas do saco.
O poema se parecerá com você.



Tristan Tzara.

Tristan Tzara. Para fazer um poema dadaísta.

10 Em que o poema se baseia, como ele é construído?

11 Ainda em relação ao poema, responda:

- a intertextualidade ocorre no momento em que o poeta se serve de outro texto para a construção de seu poema; contudo, pode haver uma intertextualidade estilística, isto é, faz-se proveito de um outro texto no que tange ao estilo ou ao tipo de texto. Explique como isso ocorre no poema.
- que palavras possibilitam o reconhecimento dessa intertextualidade?
- em que os dois textos (o de origem e o de Tristan Tzara) diferenciam-se? Em que eles se assemelham?

12 Fuvest

I. Não deis o que é santo aos cães, nem atireis vossas pérolas aos porcos [...].

Mateus, 7:6.

II. Você pode atirar pérolas aos porcos. Mas não adianta nada atirar pérolas aos gatos, aos cães ou às galinhas porque isso não tem nenhum significado estabelecido.

Millôr Fernandes. *Millôr definitivo: a bíblia do caos*.

- Considerando-se que o texto II tem como referência o texto I, qual é a expressão que, de acordo com Millôr Fernandes, tem um “significado estabelecido”?
- No texto I, os significados dos segmentos “não deis o que é santo aos cães” e “nem atireis vossas pérolas aos porcos” reforçam-se mutuamente ou se contradizem? Justifique sucintamente sua resposta.

13 Leia os textos a seguir.

Texto 1

A sobrevivência do Ocidente depende de os norte-americanos reafirmarem sua identidade ocidental e de os ocidentais aceitarem que sua civilização é singular e não universal, e se unirem para renová-la e preservá-la diante de desafios por parte das sociedades não ocidentais. Evitar uma guerra global das civilizações

depende de os líderes mundiais aceitarem a natureza multicivilizacional da política mundial e cooperarem para mantê-la.

Samuel Huntington. *A superpotência solitária. Política Externa*. São Paulo: Paz e Guerra, 2000.

Texto 2

Os dois acontecimentos, embora intimamente relacionados, são de natureza totalmente diferente. O fim dos comunismos marca o fim de uma era. Já a Guerra do Golfo marca o começo de uma era. O primeiro acontecimento encerra, o segundo inaugura. Um pede um exame, o outro uma avaliação. Um é a história de esperanças frustradas; o outro, de receios ainda não materializados.

Immanuel Wallerstein.

Considere as seguintes afirmações.

- De acordo com o texto 2, o comunismo é a história de esperanças não concretizadas e de temores não materializados.
- Os numerais ordinais “primeiro” e “segundo”, no texto 2, funcionam como elementos de coesão, introduzindo respectivamente o “comunismo” e a “Guerra do Golfo”.
- De acordo com o texto 2, o Comunismo e a Guerra do Golfo relacionam-se de forma intimista, mas são de natureza oposta.
- No texto 1, o adjetivo “singular” assume o mesmo significado observado em “É uma pessoa singular, possui hábitos que ninguém possui.”

Estão incorretas:

- | | |
|-------------------------|---------------------|
| (a) apenas I, II e III. | (d) apenas I e III. |
| (b) apenas I e II. | (e) nenhuma. |
| (c) apenas III e IV. | |

14 Todos os seguintes trechos são construídos com o recurso da citação, exceto em:

- Ele gritou com eles até se calar de repente, como se tivesse despertado aturdido de um sono profundo.
- Segundo os Trumai, o Sol criou todas as tribos, à exceção dos Suyá, descendentes das cobras.
- Ele sorriu de novo e respondeu orgulhoso e entusiasmado: “Vou estudar os índios do Brasil”.
- Não sabia, eu já disse, que naquela última correspondência vinha a sua sentença de morte.
- De acordo com o mestre, o verdadeiro sábio é aquele que nada sabe.

15 Assinale a opção que melhor substitui a expressão destacada no trecho a seguir e, ao mesmo tempo, esteja de acordo com a relação por ela estabelecida.

[...] Embora o Enem seja um avanço **no sentido de permitir** uma avaliação do Ensino Médio, ele pode incorrer em um problema que existe atualmente: tornar-se um modelo para os currículos das escolas. [...]

Folha de S.Paulo. “Risco é Enem virar modelo curricular”. Disponível em:

<www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/enem2408/pag1ris.htm>.

- que permite – restrição.
- porque permite – explicação.
- e permita – adição.
- para permitir – finalidade.
- a despeito de permitir – concessão.

Texto para a questão 16.

É melhor atirar-se à luta em busca de dias melhores, mesmo correndo o risco de perder tudo, do que permanecer estático como os pobres de espírito, que não lutam, mas também não vencem, que não conhecem a dor da derrota, nem a glória de ressurgir dos escombros. Esses pobres de espírito, ao final de sua jornada na Terra não agradecem a Deus por terem vivido, mas desculpam-se perante Ele, por terem apenas passado pela vida.

Robert Nesta Marley (Bob Marley).

16 Considere as seguintes afirmações.

- I. Em “mesmo correndo...”, temos o argumento de ressalva.
- II. No texto de Marley, observa-se o argumento baseado do raciocínio lógico: oposições, relações de causa e consequência.
- III. A expressão “pobres de espírito” refere-se aos que não pedem perdão a Deus.

Estão corretas:

- (a) apenas I. (c) apenas I e II. (e) todas.
 (b) apenas II. (d) apenas I e III.

Texto para questão 17.

A importância da história

O passado é inexoravelmente presente na vida do homem de diversas formas, sendo usado com inúmeros fins; a ausência de conhecimento histórico pode levar (e já levou) uma nação inteira a ser manipulada por oportunistas que criam ou manipulam a história a seu favor.

A memória coletiva é usada (e alterada) tanto para justificar nacionalismos como para sustentar teorias econômicas e filosóficas. Exemplos disso são inúmeros; os socialistas falam num “comunismo primitivo” das sociedades antigas, assim como Rousseau fala do mito do “bom selvagem”; conceitos inexatos, que foram criados para justificar a própria teoria. Podemos ver, na Alemanha de Hitler, a utilização do passado tanto para reforçar o nacionalismo – uma vez que afirma o passado de uma raça ariana – quanto para justificar o holocausto, atribuindo aos judeus a culpa da crise do estado Alemão. No Brasil, isso sempre foi presente, desde a criação do “indígena bondoso”, pelos poetas românticos, até a exaltação de alguns políticos como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek; atribuíram-se a eles qualidades que não correspondem à realidade. Todos esses casos criam uma falsa memória coletiva de modo que pessoas sem conhecimento histórico são facilmente manipuladas.

Com esses exemplos, podemos constatar quanto o passado é segundo o presente, ou seja, a forma pela qual vemos o passado demonstra nossas atuais características. Se na década de 70 estudávamos a Revolução de 64, hoje estudamos o Golpe de 64, o que demonstra as diferentes visões das épocas sobre um determinado assunto. As diferentes visões sobre a independência de Portugal traduzem as diferentes visões sobre a religião; três séculos atrás, era indiscutível a ideia de que Jesus teria aparecido a Afonso Henriques antes da batalha de Ouriques; hoje muitos professores nem comentam sobre o tal milagre. Outros exemplos desse tipo são muito comuns na Idade Média, alguns milagres

foram mudados por interesses políticos, como por exemplo a mudança do local do milagre de Santo Idefonso, com interesse de glorificar a nova basílica de Toledo.

Daniel G. Carvalho.

17 Na passagem “a Revolução de 64, hoje estudamos o Golpe de 64”, o autor:

- (a) altera o sentido por meio de uma mudança morfológica, de classe gramatical.
- (b) altera o sentido por meio de uma mudança fonética, que soa mais agradável.
- (c) altera a interpretação dos fatos, por meio da mudança de léxico.
- (d) altera a interpretação dos fatos por meio de um recurso sintático.
- (e) comete um deslize de vocabulário, troca “Revolução” por “Golpe”.

18 Leia atentamente o seguinte fragmento de crônica.

– Vambora, Nazaré. Nesta casa não dão à gente nem uma bolacha.

Mas não se pense que é mercenária. Ela reclama a bolacha, primeiro porque gosta de bolacha, depois por uma questão de princípio: como uma autoridade que reclamasse o pagamento do imposto. Sempre quando chega numa casa é comum lhe oferecerem uma banana, um bombom – ou bolacha. Se ninguém oferece nada registre-se a anomalia – será má vontade ou esquecimento? Talvez o convite para ir embora não seja sincero, seja apenas um lembrete.”

Rachel de Queiroz. *Cenas brasileiras*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1997.

A autora desenvolve, no fragmento lido, um raciocínio lógico a partir do comportamento peculiar da pequena Neuma. Em qual das alternativas a seguir há um pressuposto adequado àquele raciocínio?

- (a) Neuma não era mercenária, pois fazia chantagem emocional com os adultos em troca de guloseimas por culpa deles próprios, que a haviam mimado demais.
- (b) Neuma não era mercenária, mas sim esperava apenas que os adultos fossem coerentes: se lhe ofereciam sempre guloseimas, teria o direito de reclamar quando essa regra fosse quebrada.
- (c) Como Neuma era uma criança egocêntrica e voluntariosa, reclamava o seu “pagamento” em bolachas tal como uma autoridade que exige o pagamento de impostos.
- (d) A anomalia consistiria não no fato de alguns adultos se esquecerem de oferecer guloseimas a Neuma, mas sim no fato de alguns, por má vontade, deliberadamente se recusarem a dar-lhe esse mimo.
- (e) Neuma entendia que seu afeto para com os adultos tinha um “valor de troca”, por isso cobrava deles as guloseimas como forma de pagamento.

19 Fuvest

Crianças perguntam... Einstein responde!

O professor da 5ª série de uma escola americana descobriu que seus alunos ficavam chocados ao aprender que os seres humanos são classificados no reino animal. Então sugeriu que escrevessem

para grandes cientistas e intelectuais e pedissem a opinião deles sobre isto. Albert Einstein respondeu: “Queridas crianças. Nós não devemos perguntar ‘O que é um animal?’, mas, ‘Que coisa chamamos de animal?’ Bem, chamamos de animal quando essa coisa tem certas características: alimenta-se, descende de pais semelhantes a ela, cresce, movimenta-se sozinha e morre quando seu tempo se esgotou. É por isso que chamamos a minhoca, a galinha, o cachorro e o macaco de animais. E nós, humanos? Pensem nisto da maneira que eu mencionei anteriormente e então decidam por vocês mesmas se é uma coisa natural nós nos considerarmos animais”.

Ciência Hoje – Crianças.

- Em sua resposta às crianças, Albert Einstein propõe a substituição da pergunta “O que é um animal?” por “Que coisa chamamos de animal?”. Explique por que essa substituição já revela uma atitude científica.
- Fazendo as adaptações necessárias e conservando o seu sentido original, reconstrua o último período do texto (“... Pensem nisto da maneira que eu... animais.”), começando com “[...] Decidam por vocês mesmas... animais”.

20 Unicamp O texto abaixo é extraído de artigo jornalístico no qual se comparam duas notícias que chamaram a atenção da imprensa brasileira no mês de outubro de 2007: de um lado, o caso entre o senador Renan Calheiros e a jornalista Mônica Veloso; de outro, o artigo em que o apresentador de TV Luciano Huck expressa sua indignação contra o roubo de seu relógio Rolex.

Aparentemente, o que aproxima todos esses personagens é a disputa por um objeto de desejo. No caso dos assaltantes de Huck, por estar no pulso de um “bacana”, mais que um relógio, o objeto em questão aparece como um equivalente geral que pode dar acesso a outros objetos [...]. Presente de sua mulher, a igualmente famosa apresentadora global Angélica, um relógio desse calibre é sinal de prestígio, indicando um lugar social que, no Brasil, costuma “abrir portas” raras vezes franqueadas à maior parte da população. [...] Mais afinado com as tradições patriarcais de seu Estado natal, Renan aparece nos noticiários, bem de acordo com a chamada “preferência nacional” dos anúncios de cerveja. Daí que não seja possível, em ambos os episódios, associar os casos em questão àquele “obscuro objeto de desejo” que dá título a um dos mais instigantes filmes de Luís Buñuel. Tratava-se, para o cineasta, de mostrar como um desejo singular, único, podia engendrar um objeto de grande opacidade. Em direção oposta, tanto na parceria Calheiros/Veloso, quanto no confronto Huck/assaltantes, há uma espécie de exibição ostensiva dos objetos em jogo, como que marcando a coincidência de desejos que perderam sua singularidade para cair na vala comum das banalidades. Eliane Robert Moraes. Folha de S.Paulo, edição de 14 out. 2007. (Adapt.).

Grifos nossos.

- Um dos usos de aspas é o de destacar elementos no texto. Explique a finalidade desse destaque nas seguintes expressões presentes no texto: “bacana”, “abrir portas” e “preferência nacional”.

- No caso de “obscuro objeto de desejo”, as aspas marcam o título de um filme de Buñuel. Explique como a referência a esse título estabelece uma oposição fundamental para a argumentação do texto.

21 Unicamp O trecho abaixo (texto 1), extraído de um artigo publicado no caderno *Vida&* do *Estado de São Paulo*, de 18 de agosto de 2006, aborda uma questão polêmica relacionada à ética médica. Esse artigo inclui dois excertos: um do *Código de Ética Médica* (texto 2) e uma *Resolução do Conselho Federal de Medicina* (texto 3).

Texto 1

[...] médicos de todo o país distribuem aos pacientes cupons que dão descontos na compra de produtos farmacêuticos. Os cupons são feitos pelos próprios laboratórios.

A (empresa X), por exemplo, distribui cupons que dão 80% de desconto na compra de uma loção cicatrizante. A (empresa Y) criou um cartão de fidelidade que garante descontos de até 50% na compra de medicamentos para doenças crônicas, como diabetes e asma. Os dois laboratórios firmaram convênios com diversas farmácias no Brasil. [...]

O cupom da empresa X, por exemplo, não tem valor sem o carimbo, a assinatura e o registro do médico no Conselho de Medicina. No caso da empresa Y, o cartão definitivo só é dado depois que o médico fornece ao cliente um provisório. [...]

Texto 2

O que dizem as normas.

Código de Ética Médica: O artigo 98 afirma que é vedado ao médico “exercer a profissão com interação ou dependência de farmácia, laboratório ou qualquer organização destinada à fabricação, manipulação ou comercialização de produtos de prescrição médica de qualquer natureza [...]”.

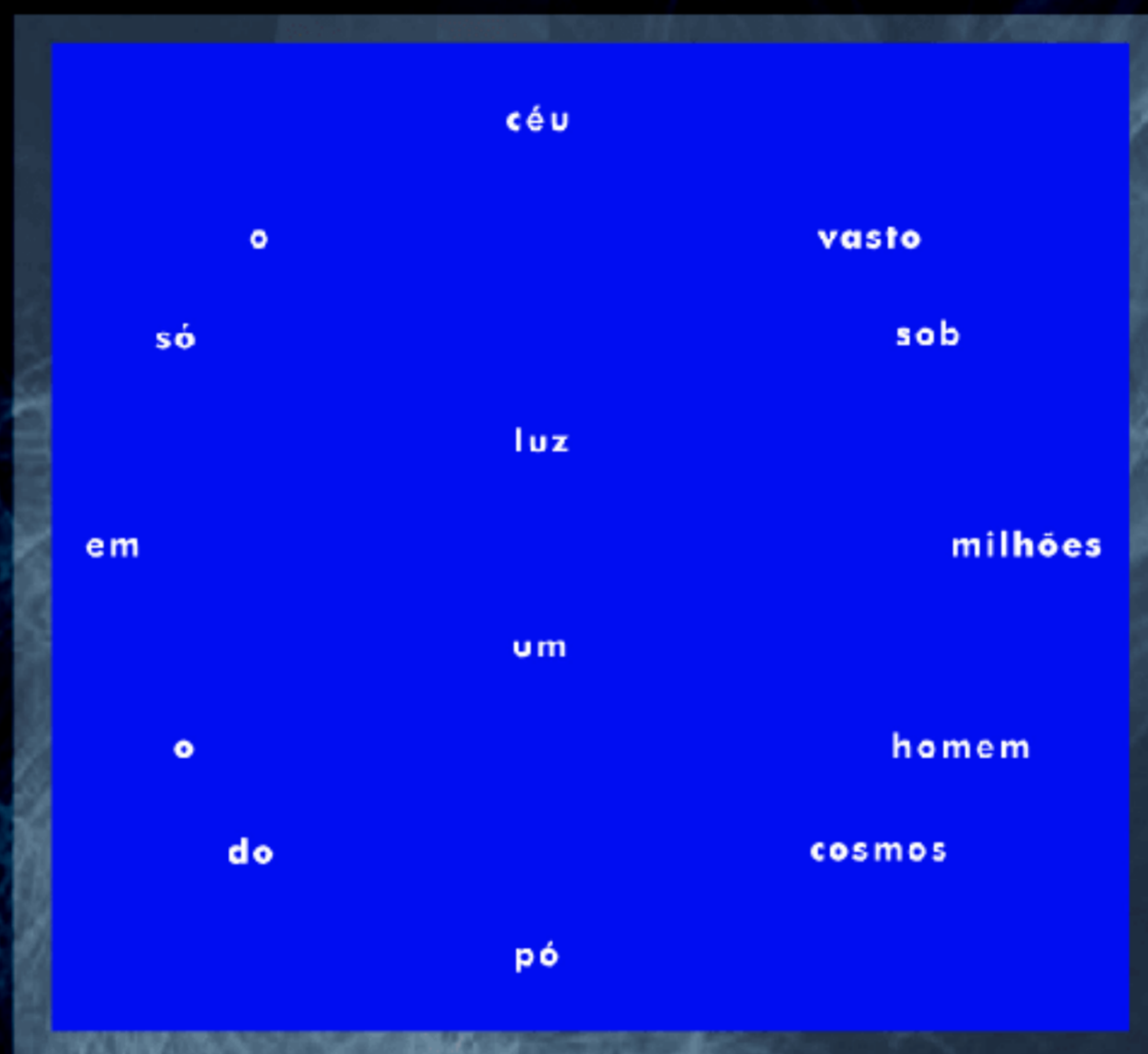
Texto 3

Resolução 1595 do Conselho Federal de Medicina: Considerando que “o trabalho do médico não pode ser explorado por terceiros com objetivo de lucro”, o CFM proíbe “a vinculação da prescrição médica ao recebimento de vantagens materiais oferecidas por agentes econômicos interessados na [...] comercialização de produtos farmacêuticos ou equipamentos de uso na área médica.”

- As posições expressas nos Textos 2 e 3 são semelhantes? Responda sim ou não e justifique.
- A situação descrita no Texto 1 fere as normas apresentadas nos Textos 2 e 3? Responda sim ou não e justifique.

Nível da expressão – relações entre linguagens

8



O texto de Augusto de Campos emprega duas linguagens: a verbal e a visual. A relação entre elas é de complementariedade. O azul do poema aponta para o espaço e as palavras para o que há dentro dele, se levarmos em conta o título, o pó do cosmos. O poema permite várias leituras, na diagonal, na vertical, na horizontal, de cima para baixo, de baixo para cima; as palavras estão diagramadas no texto de uma forma que mimetizem planetas girando em torno de algo, no caso, duas palavras: “um” e “luz”. A luz pode ser a do Sol, a do conhecimento, a luz divina; o poema é aberto. A obra de Augusto de Campos faz uma reflexão sobre o estar no mundo: o pó do cosmos é o próprio homem, visto que ele está presente no espaço de muitas maneiras e por muitos motivos.

No nível dos recursos expressivos, pode-se afirmar que o poema promove uma forte aproximação entre o significante (as imagem das palavras e a cor azulada) e o significado (a ideia do pó no cosmos, tudo em movimento). Neste capítulo, estudaremos os recursos visuais, fonéticos, sintáticos e gestuais, isto é, os elementos que estão na superfície do texto. A análise desses recursos permite estabelecer relações entre forma e conteúdo, entre o visível e o invisível. É preciso saber, por exemplo, que significado assume, no nível mais profundo do texto, uma oposição claro e escuro, um excesso de formas retas, moles; que sentido oculta um primeiro plano ou uma perspectiva. Veja o que diz Ignácio Assis Silva, um dos maiores teóricos do texto a respeito do nível da expressão.

Relida semioticamente, a colocação de Lévi-Strauss nos dá uma espécie de Plano da Expressão (PE) constituído por oposições do tipo /de perfil/, /liso/, /escorregadio/ etc. Esse PE é obtido mediante uma análise da percepção que mobiliza uma espécie de lógica do concreto, em nível do sensível. Sobre esse PE, muito vinculado ao mundo da experiência sensível, vem sobrepor-se outro recorte, o que organiza os contrários vida/morte, natureza/cultura; constitui-se assim um Plano do Conteúdo [...].

Conceito de signo

O texto apresenta dois grandes níveis: nível de conteúdo e nível de expressão (ou de manifestação). No primeiro, a enunciação explora relações de sentido; no segundo, explora, dependendo da linguagem (verbal, visual etc.), recursos gráficos, visuais, fonéticos, sintáticos, gestuais, isto é, elementos que estão na superfície do texto. O estudo do signo tem por finalidade esclarecer, de forma mais objetiva, as relações entre forma e conteúdo, entre significante e significado.

- *Signo*
Tudo aquilo que possui um significante e um significado apresenta uma dupla face (a língua é um sistema de signos).
- *Significante*
Trata-se da parte sensível; imagem acústica (fonema) ou imagem gráfica (letra).
- *Significado*
É a parte ausente; o conteúdo.
- *Significação*
Relação entre significante e significado.
- *Existência do signo*
Fora da sociedade, os signos não existem. A foice e o martelo no antigo sistema comunista eram signos (símbolo) da união entre o povo do campo e o povo da cidade. Em outras sociedades eram apenas objetos.
- *Linguagem*
A linguagem é um sistema de signos; a língua é uma das linguagens existentes.
- *Signo e o referente*
O referente é a coisa em si. O signo é a representação linguística ou visual do referente (referente: o objeto caneta; signo: a palavra caneta ou o desenho da caneta).

- *Um significante para vários significados*
A palavra *durex*, por exemplo, significa fita adesiva no Brasil, mas, em Portugal, é marca de preservativo.
- *Um significado para vários significantes*
Maison, “casa”, *house* e *tapy* são significantes que remetem a um mesmo significado: moradia, lar.
- *Signo visual x signo verbal*
O signo visual é universal e icônico (imagem); o signo verbal é arbitrário (muda de cultura para cultura) e não é icônico.

A existência do signo

Fora da sociedade, os signos não existem. O signo é uma convenção dos homens; o que é um sistema de signos, linguagem, em uma sociedade, pode não ser em outra. A fumaça pode vir a ser linguagem, código, sistema de signos se naquela tribo for uma mensagem decodificável. Duas pancadas fortes e uma pancada fraca poderão se tomar um sistema de signos se em uma prisão for um meio de comunicação para se transmitir uma mensagem; neste caso, os sons decorrentes da pancada serão o significante, o qual se associa a um significado (por exemplo, o carcereiro não está no corredor). A própria leitura dos objetos varia de sociedade para sociedade, uma cadeira pode virar ornamento em uma sociedade indígena. Seja como for, cadeira para sentar ou cadeira para ornar, é preciso que haja uma sociedade para que essa leitura exista.

Signo verbal: aproximação entre significante e significado na linguagem verbal

Há determinados textos em que o significante assume o primeiro plano, como diz Alfredo Bosi, professor titular de Literatura Brasileira da USP. Vejamos alguns exemplos.



Fig. 1 Augusto de Campos, *Coraçãocabeça*, 1980.

Em relação ao poema acima, diz Augusto de Campos:

Em 1985, na versão que considero definitiva, finalizada em serigrafia por Omar Guedes, usei as cores verde sobre o fundo vermelho, buscando, com a utilização das complementares, criar uma vibração plástica, também convergente para o ícone da pulsação. Era um álbum de dimensões grandes, tiragem de 300 exemplares.

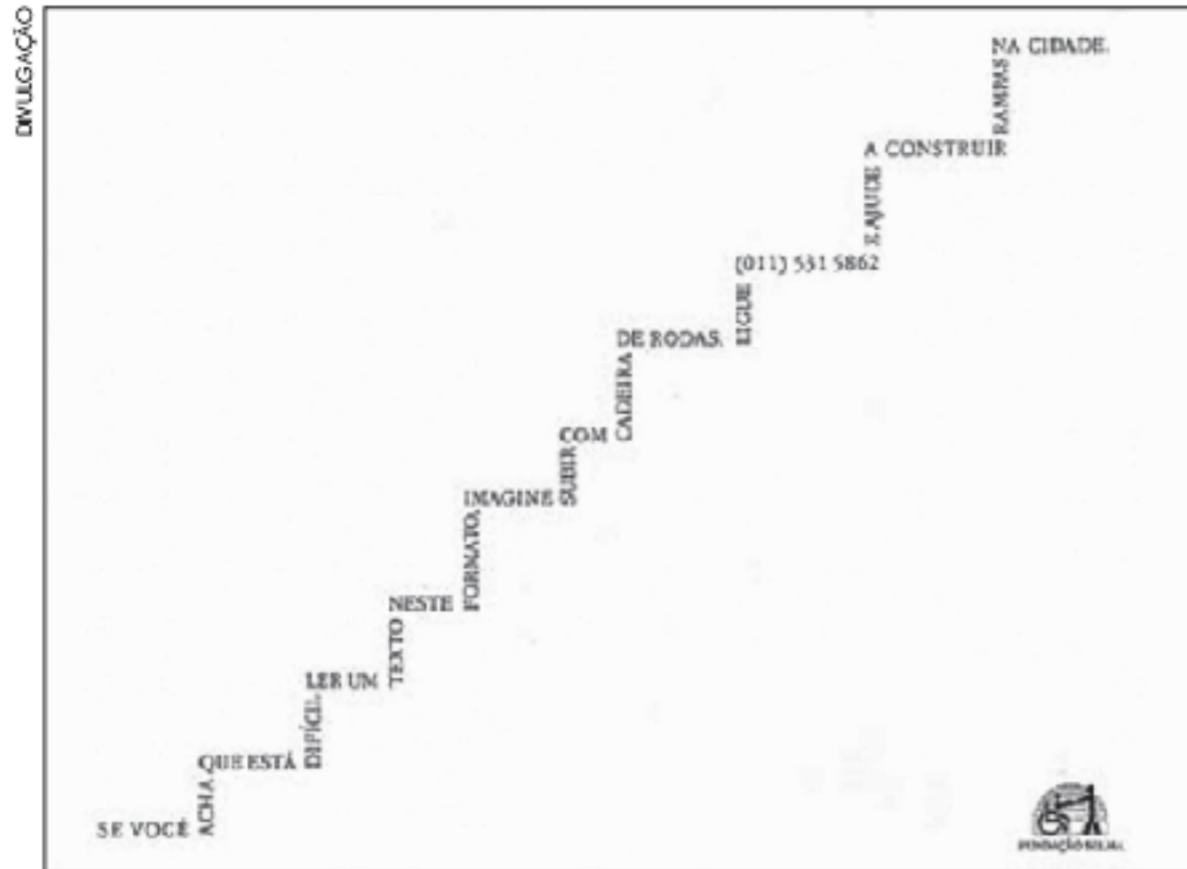


Fig. 2 Signo verbal.

No anúncio da DM9, as escadas são formadas por palavras. A dificuldade com que se lê o anúncio traduz de forma linguística a situação por que passa o deficiente físico.

O signo visual: efeitos de sentido e oposições A perspectiva

O uso da perspectiva está vinculado à ideia de algo infinito, prolongado, ilimitado, algo a ser conquistado ou percorrido. A perspectiva faz com que o contínuo não tenha fim, como se não houvesse o descontínuo. Na figura a seguir, a perspectiva cria o efeito de sentido profundidade. Há a sensação de que se está à procura de um objetivo, no caso, o fim do túnel.



Fig. 3 Perspectiva.

O primeiro plano

O primeiro plano é um recurso enfático, um efeito de aproximação. Ao colocar em primeiro plano um objeto ou um ser, o enunciador faz com que o olhar do enunciatário dirija-se a esse ser, colocando-o como foco principal. No teatro, é a colocação de um ator na frente dos demais; na linguagem verbal, é a topicalização de um termo da oração (por exemplo, um objeto direto à esquerda do verbo, iniciando a oração). Na foto a seguir, a escultura de Aleijadinho ganha destaque por estar no primeiro plano.

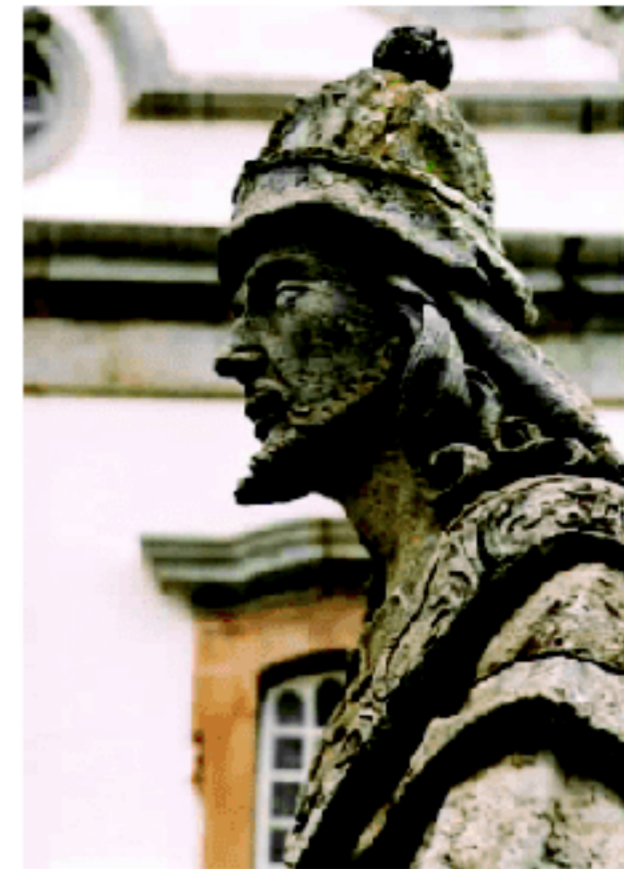


Fig. 4 Primeiro plano.

O close

O *close* também cria um efeito de aproximação, todavia, o objetivo é o detalhe, as particularidades. O *close* chama atenção da parte (a parte pelo todo). Na estilística, a figura de linguagem que apresenta essa relação é a sinédoque (tipo de metonímia). Na figura abaixo, o *close* permite observar com detalhe as marcas de uma vida: as rugas, a pele já desgastada pelo tempo.



Fig. 5 Close

O dinâmico e o estático



Fig. 6 Dinamicidade.



Fig. 7 O estático.

O dinâmico associa-se comumente à ideia de aventura, paixão, jovialidade, emoção. O movimento sugere também a progressão temporal, ação em processo. O estático, por sua vez, remete à ausência de progressão temporal, ao retrato, ao descritivo. A estaticidade visual permite uma atenção maior ao detalhe. Na foto anterior, a do executivo, a ideia de retrato está presente na própria expressão de quem está sendo fotografado. Há a impressão de que a emoção não existe, apenas há a concentração para a foto. Na foto da bailarina registra-se uma ação em processo: a *performance* da artista. O efeito de dinamicidade na linguagem verbal pode ser obtido por meio, por exemplo, do gerúndio (“Caminhando e cantando...”).

A superatividade, a inferatividade, a lateralidade



Fig. 8 Superativo/inferativo.



Fig. 9 Central.



Fig. 10 Lateral.

A superatividade pode relacionar-se ao poder, à espiritualidade, enfim, àquilo que denota superioridade em algum nível. Por oposição, a inferatividade associa-se muito mais às coisas terrenas, ao aspecto carnal, material ou àquilo que indica inferioridade em algum nível. Quanto à lateralidade, pode indicar algo à margem do

processo, algo que não constitua o centro das atenções, secundário (há exceções). Na primeira foto, o superativo está ligado à fantasia (tapete voador, poder mágico), e o inferativo à natureza; na segunda foto, a mulher de costas ocupa o lugar central, o que confere a ela certo poder; já na terceira foto, Martin Luther King ocupa posição mais lateral, pois é intenção do fotógrafo mostrar a multidão que assiste ao discurso deste pacifista.

O áspero e o liso

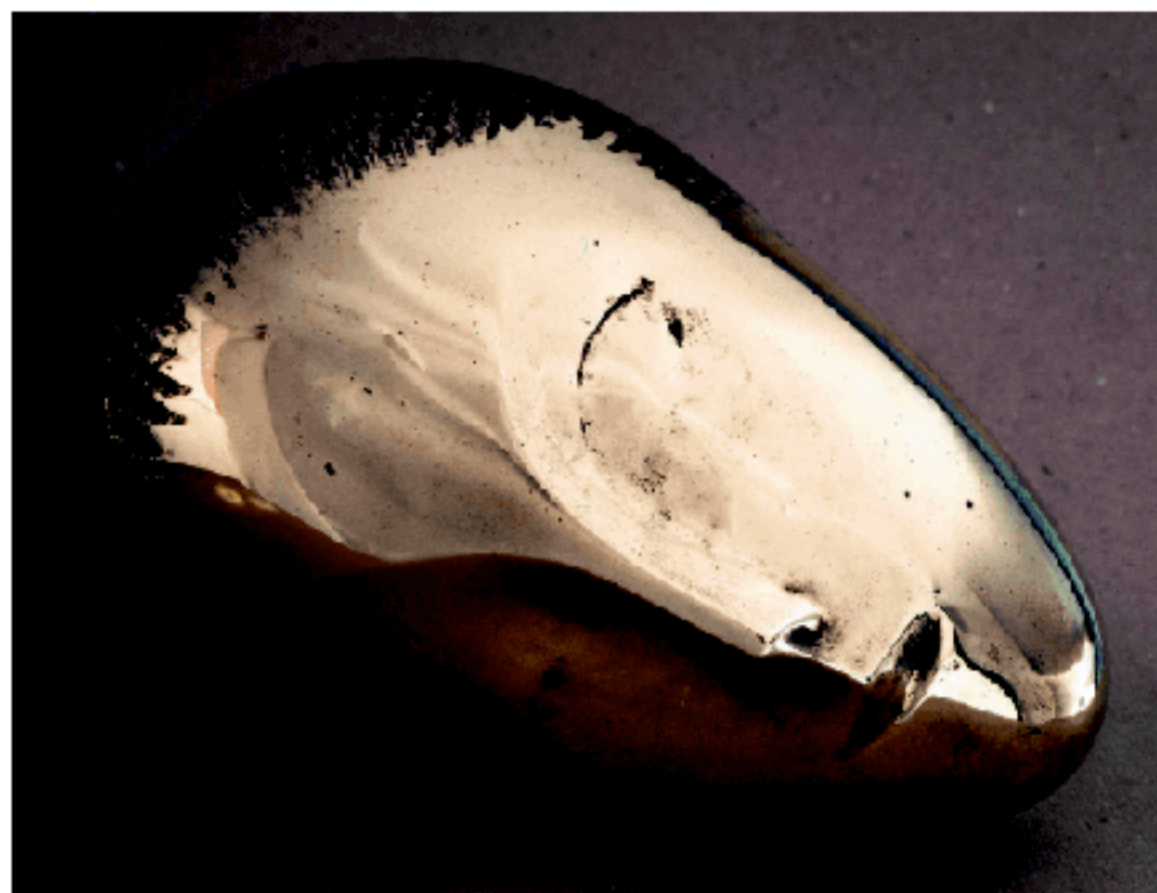


Fig. 11 Liso e áspero – Brancusi.

ATENÇÃO!

Constantin Brancusi é considerado um dos maiores escultores do séc. XX (Craiova, Romênia, 1876-Paris, 1957). Tentou simplificar suas obras, atingindo uma forma abstrata básica, semelhante à forma de um ovo. Essa simplicidade abstrata pode ser vista no seu *Pássaro no espaço*.

Brancusi inspirou-se na escultura primitiva e pré-histórica, que considerava mais próxima do seu ideal de forma básica do que os estilos europeus mais desenvolvidos. Seus primeiros trabalhos sofreram grande influência do escultor francês Auguste Rodin. A partir de Rodin, Brancusi concentrou seu interesse em superfícies esculturais refinadas e no jogo da luz sobre a forma. Ele polia os seus trabalhos em bronze até alcançar um brilho tão intenso que as superfícies pareciam se dissolver em reflexos.

Brancusi instalou-se em Paris, em 1904. Seu estilo de escultura quase não se modificou depois de 1910.

©Enciclopédia e Dicionário Koogan-Houaiss Digital.

A superfície áspera remete ao rudimentar, ao primitivo, a algo que não tenha passado totalmente pelas mãos do homem. Há o efeito do primitivo. O atrito que provoca traz dificuldade de movimento, há o obstáculo. A natureza possui essa aspereza, bem como seu contrário, a superfície lisa. O liso está associado ao escorregadio, ao movimento, à leveza, ao feminino (possui o traço da suavidade). O liso pode ser o resultado de uma tecnologia. A modernidade fabrica em abundância superfícies lisas. A cabeça de Brancusi, na foto anterior, sofreu um processo especial de polimento; esse processo deu à obra uma suavidade muito grande. O brilho, o efeito do liso, a desfigurativização do

rosto e o fato de ser uma cabeça solta do corpo criam uma figura estranha, tétrica e ao mesmo tempo suave. O cabelo rugoso e áspero sugere o primitivo, o antigo. O rugoso e o liso, nesta escultura, convivem em harmonia, dando equilíbrio à peça.

As formas moles e as formas duras

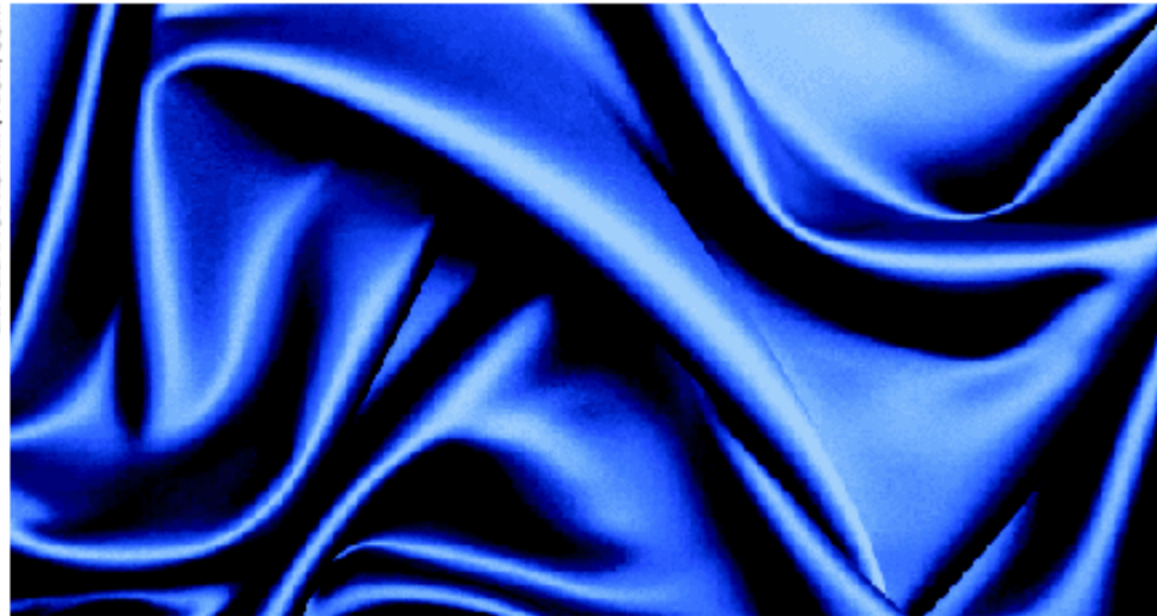


Fig. 12 Formas moles.



Fig. 13 Formas duras.

As formas moles transmitem suavidade, lentidão e movimento; parecem adaptáveis a qualquer superfície e podem sugerir certa subjetividade. As formas duras dão ao texto uma ideia de solidez, racionalidade e materialidade.

O reto e o curvo



Fig. 14 O reto.



Fig. 15 O curvo.

As formas retas podem imprimir ao texto modernidade, rigidez, virilidade. As formas curvas podem estar ligadas àquilo

que é antigo (arquitetura barroca, rococó), suave e feminino. As formas curvas também estão associadas ao religioso e àquilo que é pomposo, com muita ornamentação. Compare a imagem dos prédios e da igreja. No primeiro, retas, simplicidade, racionalidade nas formas; no segundo, curvas, ornamentos, detalhes.

O aberto e o fechado



Fig. 16 O aberto.



Fig. 17 O fechado.

As formas abertas sugerem um espaço não delimitado, um contínuo efeito de sentido de liberdade, de espaço a ser percorrido, de possibilidade de movimento. As formas fechadas remetem a um espaço descontínuo, mais concentrado. O fechado pode estar ligado à intimidade, ao secreto, ao oculto ou até mesmo à falta de liberdade. Na foto da estrada, o vazio criado pelo espaço aberto significa, no plano do conteúdo, sensação de liberdade, um caminho a ser percorrido. Na foto do quarto, o espaço é fechado, sem saída. Há a sensação de confinamento.

Desfigurativização e o figurado

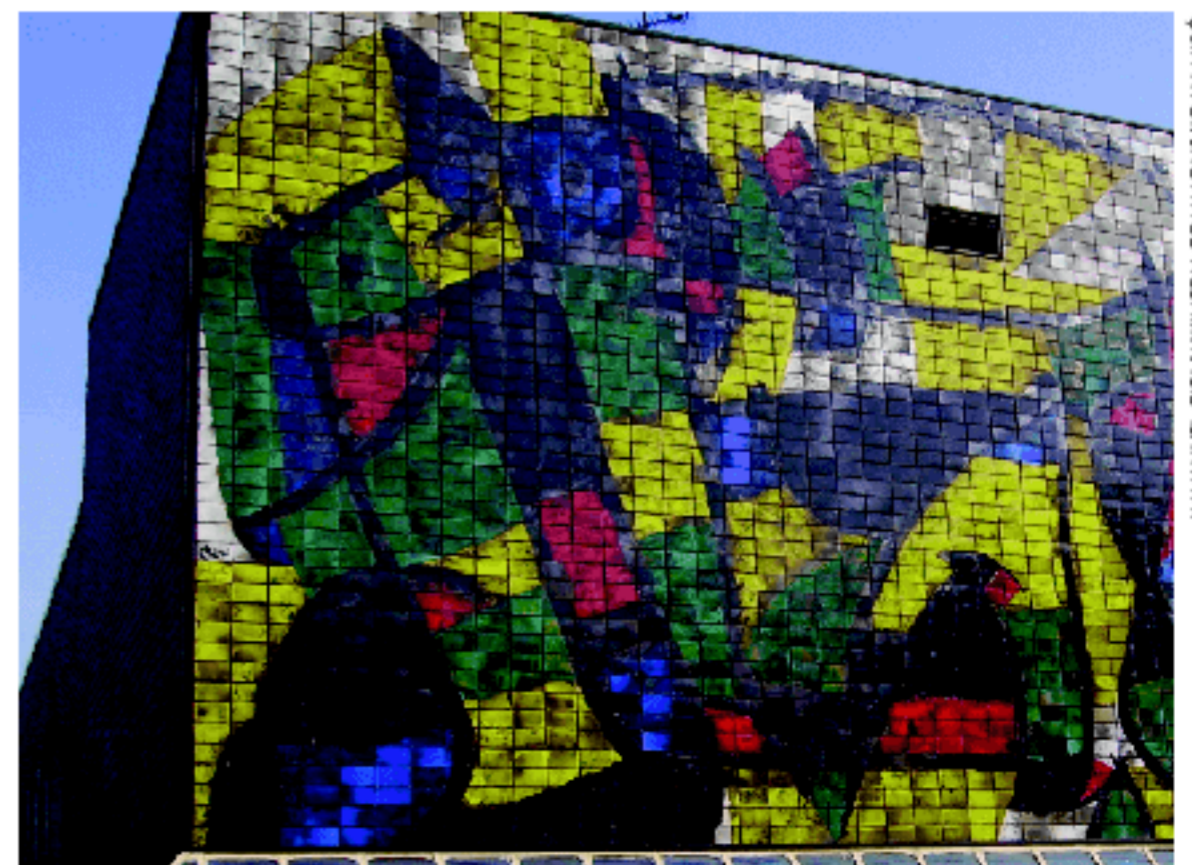


Fig. 18 A desfigurativização.

A desfigurativização pode ser entendida como uma procura da essência, de um estado em que a significação ainda não seja possível, um estado anterior ao signo. Por esse motivo, a desfigurativização é difícil de interpretar. A natureza está repleta de formas que consideramos abstratas e sem sentido em uma pintura moderna. O leitor teria dificuldade em discernir uma foto de explosão de estrelas de um quadro abstracionista. As formas que habitam o universo também habitam as telas, a distância que separa a ciência da arte é pequena. O abstracionista está comprometido com o figural, com aquilo que particulariza cada ser neste mundo, ou seja, sua essência. Teremos uma essência da cadeira, do sol, do amor. O traço mínimo, observado nas telas de Picasso, traduz essa procura; a tela final é o último touro, o qual possui o mínimo de desenho, apenas algumas linhas. Picasso foi ao encontro de uma essência da forma. Compôs para decompor.

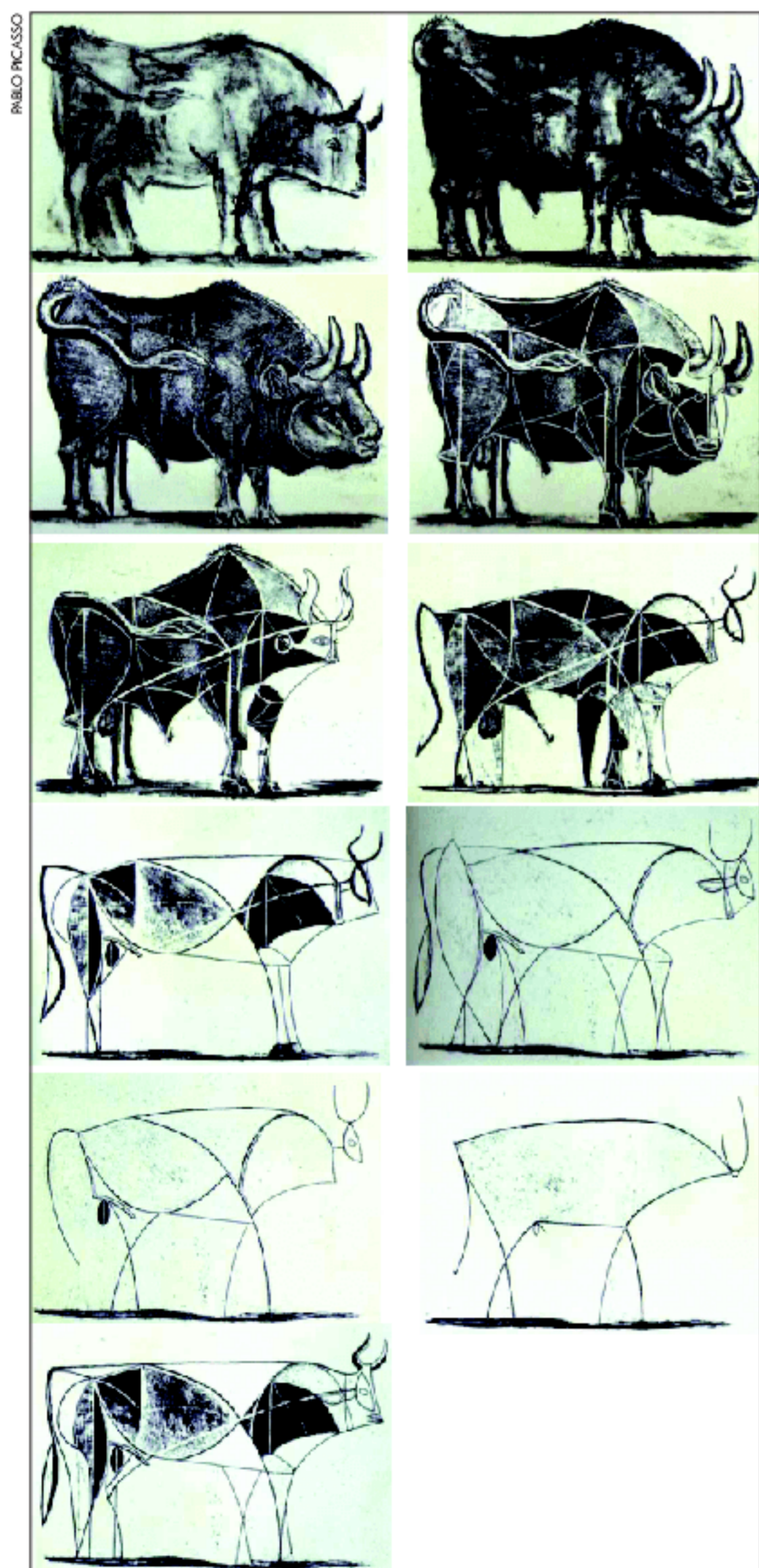


Fig. 19 O traço mínimo.

O estranhamento

O estranhamento ocorre na arte quando a enunciação resolve dar outra função ao ser, diferente daquela por que é conhecida. Provoca-se um efeito de sentido. Na tela de Hieronymus Bosch (reprodução a seguir), temos um aparente caos, em que os seres se misturam, criando uma combinação e uma funcionalidade inusitada. Como no sonho, os objetos se relacionam de forma incoerente e estranha (para muitos, referência ao inconsciente). Ao dar outra função ao objeto, a enunciação esvazia-o de sua significação usual, dando-lhe outro sentido. Esse novo sentido pode obrigar o enunciatário a ver o objeto sob um novo ângulo. Vemos sempre uma cadeira com uma ideia preconcebida, é preciso tirar essa ideia e olhar a cadeira como se fosse a primeira vez, como se ela fosse a única.



Fig. 20 O estranhamento.

Relações entre linguagens Barroco

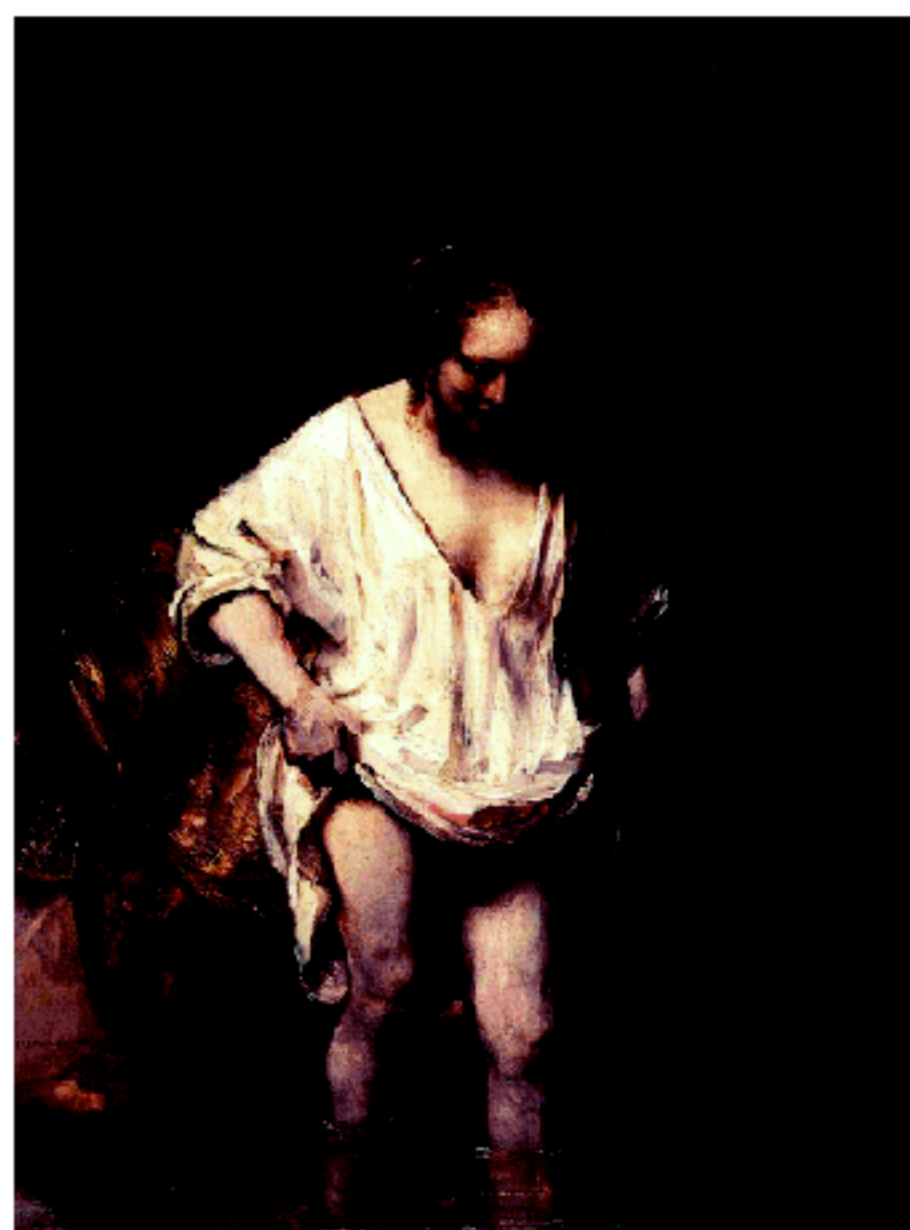


Fig. 21 Rembrandt. *Mulher banhando-se num córrego*, 1654. Óleo sobre madeira. The National Gallery, Londres, Inglaterra.

A cultura barroca (1580 a 1756), segundo o historiador José Antônio Maravall, foi uma resposta à crise do século XVII, que foi

econômica, social, política, moral e religiosa. No campo econômico, a produção estava em decadência nas minas de prata na América; no campo político-religioso, a Guerra dos Trinta Anos, opondo católicos a protestantes, deixou 4 milhões de mortos na Europa; no campo moral, os padres de toda a Europa queixavam-se do “afrouxamento” dos valores europeus e do aumento da sodomia. A decadência do poder nobiliárquico, em face do aumento do poder real no século XVI, foi responsável por uma reação aristocrática no século XVII, com uma demanda da nobreza por recuperar antigos privilégios e recuperar o poder que tinha nos tempos medievais (Miguel de Cervantes satirizou esse fato em *Dom Quixote*); no campo social, somente na França, entre o fim do século XVII e o começo do XVIII, ocorreram cerca de 8 mil e 500 revoltas no campo, em geral, contra o aumento de impostos causado pelo crescente fortalecimento do poder real. Na Inglaterra, a Revolução Gloriosa inaugurava uma nova forma de governo e abria caminho para a construção do Capitalismo; na Península Ibérica, onde a crise se manifestou com maior intensidade, a contrarreforma e a volta da Inquisição foi particularmente importante na cultura barroca. Diante de todos esses conflitos na maior parte da Europa, o Estado aumentou ainda mais suas prerrogativas, de modo que, na França, ascendeu Luís XIV, o mais absoluto dos monarcas. Uma sensação de profunda opressão e abatimento toma conta da Europa, consciente de que algo não anda bem. O termo “Barroco” advém da palavra portuguesa homônima que significa “pérola imperfeita”, ou, por extensão, joia falsa. A palavra foi rapidamente introduzida nas línguas francesa e italiana.



Fig. 23 Rembrandt. *Lição de anatomia do Dr. Tulp*, 1632. Óleo sobre tela. Royal Picture Gallery Mauritshuis, Deen Haag, Países Baixos.

Na literatura, dois nomes foram importantes para a escola barroca: Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira.

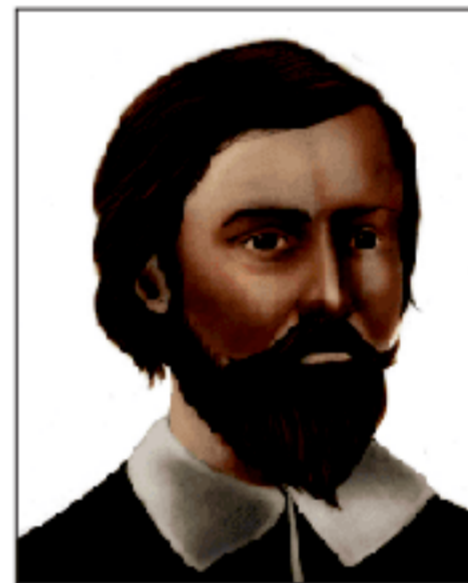


Fig. 24 Gregório de Matos.

Gregório de Matos é conhecido pela crítica à corrupção da época, pela irreverência de suas palavras e pelo erotismo de algumas poesias. Uma das figuras de linguagem mais presente em Gregório é a antítese, a figura que emprega a oposição como recurso expressivo.

*Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.*

*A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrada,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.*

*Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sangaz Brichote.*

*Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!*

Gregório de Matos. “Pondo os Olhos Primeiramente na sua Cidade Conhece, que os Mercadores São o Primeiro Móvel da Ruína, em que Arde Pelas Mercadorias Inúteis e Enganosas.” In: *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

nobiliárquico: referente à classe dos nobres, à nobreza.

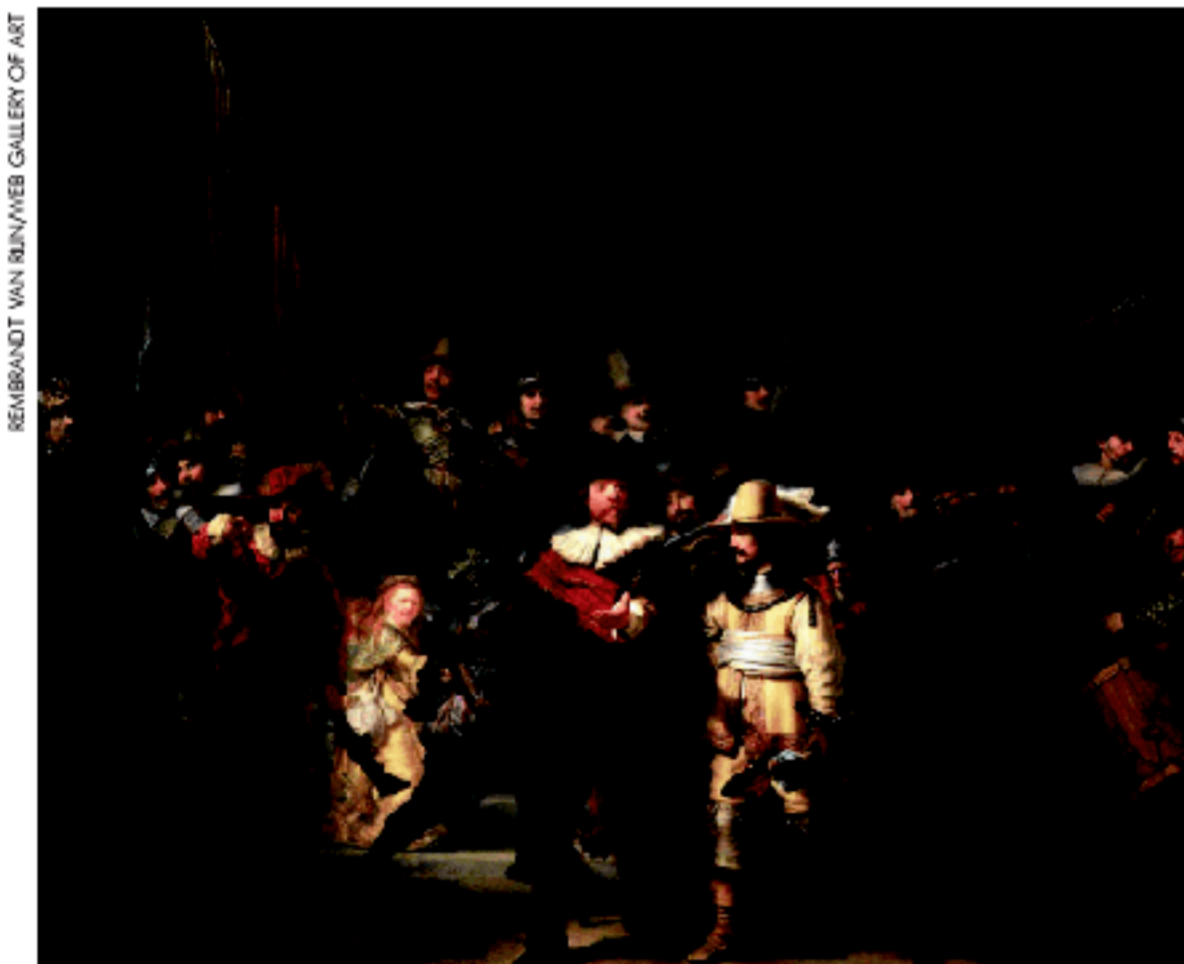
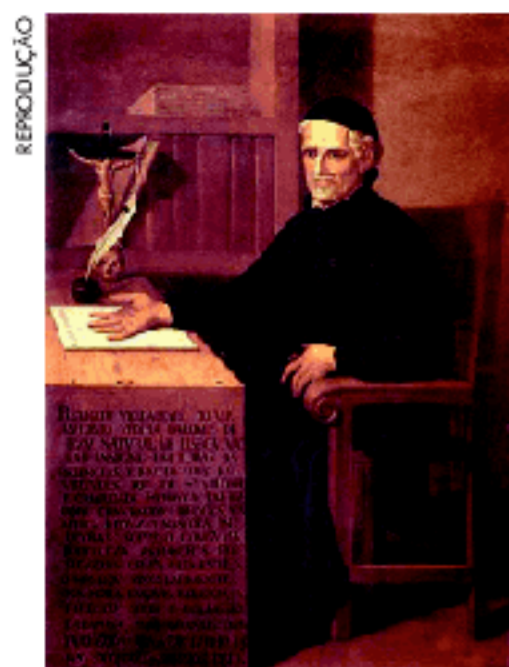


Fig. 22 Rembrandt. *Ronda Noturna*, 1642. Óleo sobre tela. Rijksmuseum, Amsterdã, Holanda.

No Barroco, tanto na literatura como na pintura, explora-se a emoção, em oposição ao racionalismo da arte renascentista; conciliam-se forças antagônicas, como o bem e o mal; Deus e diabo; céu e terra; pureza e pecado; paganismo e cristianismo; espírito e matéria. Nos quadros, emprega-se estilo grandioso; acentuado contraste de claro-escuro, e a expressão dos sentimentos; vide os quadros de Rembrandt. A temática é realista, abrangendo todas as camadas sociais. O pintor tenta captar cenas de maior intensidade dramática. Rembrandt é considerado um dos maiores nomes da pintura barroca.

Padre Antônio Vieira é famoso pelos seus sermões metalinguísticos, pelo jogo de palavras e também pela crítica à postura de alguns homens.



[...] O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os de maior calibre e de mais alta esfera, [...].

Pe. Antônio Vieira. "Sermão do Bom Ladrão". In: *Sermões*. São Paulo: Hedra, 2001. p. 395.

Fig. 25 Padre Antônio Vieira.

Entre 1733 e 1748, em Minas Gerais, o ciclo do ouro viveu o seu apogeu. A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, foto a seguir, foi construída em 1733, e é a segunda igreja mais rica do Brasil; nela foram gastos 400 quilos de ouro a fim de revestir talhas e anjos esculpidos. Ela possui um dos mais completos arquivos documentais de Ouro Preto. No subsolo da Igreja Matriz, há o Museu de Arte Sacra; nele se encontram artefatos religiosos, peças sacras, prataria e vestimentas utilizadas em celebrações em Vila Rica.



Fig. 26 Igreja Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto, Minas Gerais.

Na escultura, o Barroco mineiro empregava materiais típicos, como o cedro e a pedra-sabão (variedade macia da esteatita), adaptando-os às necessidades das obras. Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho – escultor, entalhador, desenhista –, é o maior representante das artes plásticas no Brasil no período Colonial.



Fig. 27 Aleijadinho. *Cristo carregando a cruz*. Escultura. Santuário de Congonhas do Campo, Minas Gerais, Brasil.

Romantismo

O Romantismo surgiu nas últimas décadas do século XVIII na Europa, estendendo-se por grande parte do século XIX. A Revolução Francesa excitou o imaginário de muitos jovens da época. Os alemães Schelling, Holderlin e Hegel, quando souberam da tomada da Bastilha, plantaram uma árvore, batizando-a de “árvore da liberdade”. Com o Congresso de Viena, no entanto, para os jovens da época, a sociedade parecia regredir com a volta dos reis absolutistas. Eles estavam frustrados com o mundo, melancólicos, voltando-se para si mesmos, para o seu interior, para a autorreflexão, para aquilo que é subjetivo, transcendente, obscuro, inconsciente. Eles não sabiam se marchavam sobre uma semente ou sobre uma ruína: “[...] o povo que passou por 1793 e 1814 traz no coração duas feridas: tudo o que era deixou de ser, tudo o que será não é ainda” (frase de Alfred Louis Charles de Musset, poeta, novelista e dramaturgo francês). Foi nesse contexto que nasceu o Romantismo, que, segundo o historiador Elias T. Saliba, pode ser entendido como uma tomada de consciência das mudanças que a Revolução Industrial e a Revolução Francesa mostravam ao mundo, e uma resposta à frustração com esse mundo nascente. A ideologia romântica opõe-se à visão racionalista do neoclassicismo; os românticos buscam um nacionalismo que viria a consolidar os Estados nacionais na Europa. Os autores românticos voltaram-se cada vez mais para si mesmos, retratando o drama humano, amores trágicos, ideais utópicos e desejos de escapismo. Entre os românticos franceses, destacaram-se Victor Hugo (*Os Miseráveis*, *O Corcunda de Notre-Dame*), Stendhal (*O Vermelho e o Negro*) – pseudônimo de Henri Beyle – e Honoré de Balzac (*A Comédia Humana*); na Inglaterra, Lord Byron (*Manfred*) e Walter Scott (criador de romances históricos, como *Ivanhoe*); na Alemanha, Johann Goethe (*Fausto*) e Friederich von Schiller (*Maria Stuart*).



Fig. 28 Eugène Delacroix. *A Morte de Sardanápalo*, 1827. Óleo sobre tela. Museu do Louvre, Paris, França.

Havia, entre os ideais românticos, a valorização dos sentimentos, da imaginação, da natureza e de ideais como a Liberdade e a Igualdade. Se o século XVIII foi marcado pela objetividade, pela razão iluminista, o início do século XIX seria marcado pelo lirismo, pela subjetividade, pela emoção e pelo eu. O poema de Garrett é um bom exemplo:

*Não te amo, quero-te: o amor vem d'alma.
E eu n'alma – tenho a calma,
A calma – do jazigo.
Ai! não te amo, não.
[...]*

*Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.*

Almeida Garrett. "Não te amo". In: *Cartas de amor à viscondessa da luz*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004. p. 61.

Veja agora o quadro do famoso pintor romântico francês, Ferdinand Victor Eugène Delacroix:



Fig. 29 Eugène Delacroix. *A liberdade guiando o Povo*, 1830. Óleo sobre tela. Museu do Louvre, Paris, França.

No quadro, estão presentes o nacionalismo, a emoção (o que implica movimento), a subjetividade e o tema da liberdade; tanto no quadro como na poesia de Garrett o que se privilegia é o lado emocional e não o racional.

Na poesia abaixo, o tema é a saudade, a qual funciona como espécie de escapismo.

Meus oito anos

*Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!*

[...]

*N'aqueles tempos ditosos
la colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!
[...]*

Casimiro de Abreu. *As primaveras*. Porto: Typ. Jornal do Porto, 1866. p. 27-8.

Há muitas formas de escapismos, a saudade é uma delas, faz-se uma viagem no tempo. O escapismo, entretanto, pode ocorrer no espaço; observe este outro quadro de Delacroix:



Fig. 30 Eugène Delacroix. *O massacre de Chios*, 1824. Museu do Louvre, Paris, França.

No quadro romântico, somos levados a um espaço em que personagens e cenário são exóticos; o pintor retrata os seres com uma dramaticidade e simbolismo cromático que

afrontavam a Academia. Novamente, a emoção e o movimento são componentes presentes. Delacroix gostava de trabalhar em suas telas temas românticos e políticos, acontecimentos históricos, episódios medievais e costumes pitorescos árabes. A poesia a seguir é de Álvares de Azevedo, poeta romântico de perfil niilista.

Lágrimas da vida

Se tu souberas que lembrança amarga,
Que pensamentos desfloraram meus dias,
Oh! tu não creras meu sorrir leviano,
Nem minhas insensatas alegrias!

Quando junto de ti eu sinto, às vezes,
Em doce enleio desvairar-me o siso,
Nos meus olhos incertos sinto lágrimas...
Mas da lágrima em troco eu temo um riso!

O meu peito era um templo – ergui nas aras
Tua imagem que a sombra perfumava...
Mas ah! emurcheceste as minhas flores!
Apagaste a ilusão que o aviventava!

E por te amar, por teu desdém, perdi-me...
Tresnoitei-me nas orgias macilento,
Brindei blasfemo ao vício e da minh'alma
Tentei me suicidar no esquecimento!

Como um corcel abate-se na sombra,
A minha crença agoniza e desespera...
O peito e lira se estalaram juntos...
E morro sem ter tido primavera!
[...]

Álvares de Azevedo. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 182-3.

Rompimento, dor e perturbação: eis o mundo romântico. Eles eram homens que não conseguiam esconder sua perplexidade ante as guerras, a violência napoleônica, o industrialismo, as mudanças no campo. Sem conseguir apontar um rumo certo para esse mundo, restava uma única solução: o *ensimesmamento*, a volta para o eu, para o indivíduo. O grito solitário do poeta maldito, devorado por fúrias interiores, chegou ao seu limite, quase uma compulsão paranoica, onde já espreitavam o perigo do isolamento absoluto e a prisão em um universo estritamente individual. E o poeta se via como um gênio, senhor de um domínio superior, livre dos problemas mundanos, encarando a si próprio como portador de um nobre desígnio: irradiar simpatia dentro de um mundo ameaçado. Desse panorama de dor e ensimesmamento, vem um ingrediente básico do Romantismo: o *desenraizamento do presente*, a busca por um mundo melhor, seja no futuro, após uma revolução, em um paraíso distante, ou mesmo no sonho, no devaneio, na loucura. Daí que proliferaram os romances de ficção: escrever sobre o que não existia era mais estimulante que falar sobre este mundo. Shelley dizia que se arriscar do outro lado do espelho era como procurar a luz no fim do túnel, era vislumbrar nas sombras o semblante de

um mundo futuro. A ficção, dessa forma, constituiu um sintoma dessa frustração, dessa vontade de um mundo melhor. Especialmente na Alemanha, os românticos, sem modificar sua realidade, refugiaram-se num mundo ideal e mais valioso, essencialmente diferente do real, as utopias. A filosofia de Hegel, tipicamente romântica, está ligada a esse ideal.

Realismo

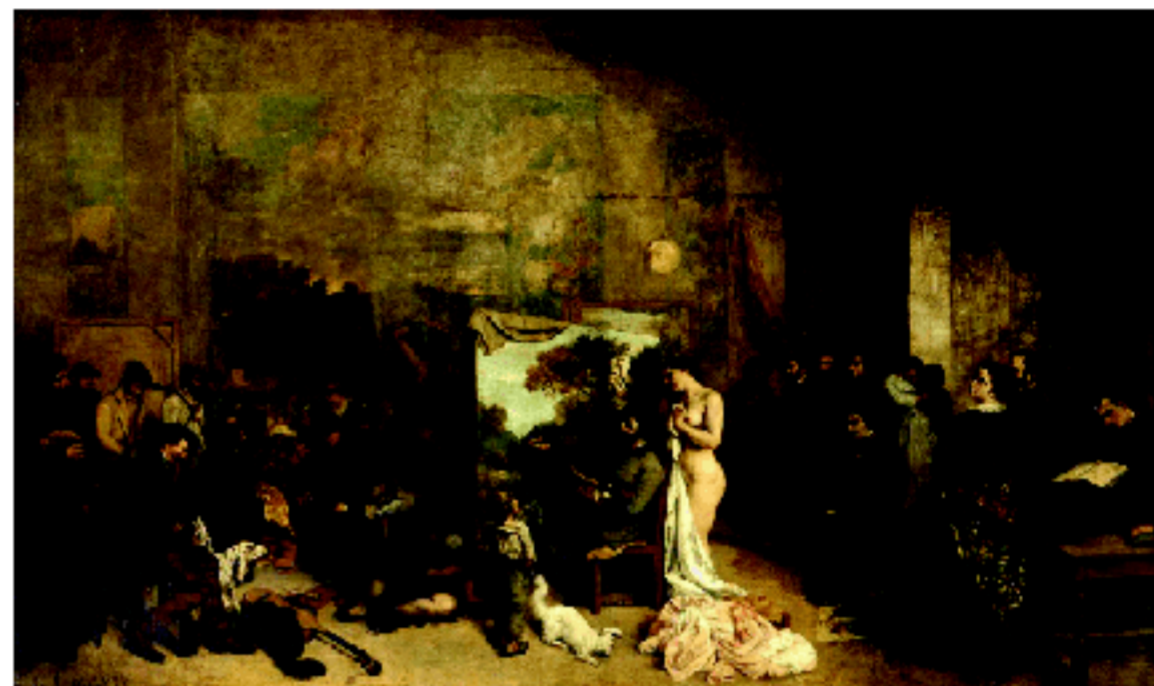


Fig. 31 Gustave Courbet. *O ateliê do pintor*, 1855.

O Realismo na literatura surgiu no século XIX. Como afirmou o historiador Eric Hobsbawn, o século XIX europeu é marcado por uma dupla-revolução: política e econômica.

Por um lado, no campo econômico, a Segunda Revolução Industrial se expande e as relações capitalistas tomam-se predominantes na Europa. O Positivismo de Auguste Comte (filósofo francês, 1798-1857), nesse sentido, exaltava religiosamente a ciência, a qual deveria tomar conta de todos os campos de atividade humana, destruindo tudo aquilo que fosse “metafísico”. A objetividade e a praticidade científica eram o ideal a ser seguido. Na política, por exemplo, deveria ser instaurado um Estado laico, governado por uma ditadura de tecnocratas, enquanto os políticos e sua democracia, retórica, demagógica e metafísica, deveriam ser esquecidos.

Por outro lado, no campo político, os princípios da Revolução Francesa tomam conta da Europa e da América, derrubando reis, esmagando nobres e ridicularizando padres em uma série de Revoluções em 1820, 1830 e 1848. No dia 24 de fevereiro de 1848 – sob a bandeira democrata, jacobina e republicana – foi implantado um governo provisório republicano na França. A Revolução teve grande repercussão na Europa. Nas palavras de Hobsbawn, “o que em 1789 foi o levante de uma só nação, era agora a Primavera dos Povos de todo o continente”, anunciando uma nova fase da história europeia. Eram movimentos essencialmente populares, amplos, com grandes promessas, misturando ideais liberais, nacionalistas e socialistas. Ao mesmo tempo, a crise econômica que ocorreu na década de 1840 matava de fome populações inteiras em lugares como a Irlanda. Tanto na Alemanha quanto na Itália, movimentos republicanos e pró-unificação ganharam força, de maneira que Veneza instaurou uma república; a Sicília teve sua constituição liberal; e muitos territórios protestaram contra o domínio austríaco. Dentro do império austríaco, protestos de tchecos, iugoslavos, húngaros, romenos e venezianos, unindo-se a operários

e estudantes, fizeram o chanceler Metternich fugir de Viena, ao mesmo tempo em que o imperador Ferdinando I ordenava massacres e bombardeiros, matando dezenas de milhares de revoltosos, especialmente na Hungria e na Tchecoslováquia.

A Primavera dos Povos é um marco no nascimento de um novo mundo: agora o conflito não é mais entre Velho e Novo Regime, mas entre ordem e revolução, entre burgueses e proletários. A burguesia finalmente deixou de ser uma força revolucionária, e passou a ser uma força conservadora, reprimindo os movimentos. Agora as revoluções se mostram perigosas. É nesse contexto que Marx formulou sua teoria sobre a Revolução Proletária, anunciando uma mudança nos tempos. É nesse contexto também que o Romantismo e suas utopias têm fim. Os movimentos de 1848, apesar de terem amplas promessas, foram rapidamente derrotados. A partir de então, novas ideias estavam em jogo.



Fig. 32 Anton Rudolf Mauve. *Barco de pesca na praia*, 1882. Óleo sobre tela. Gemeentemuseum Den Haag, Den Haag, Países Baixos.

Na América, as colônias conhecem sua independência. O Liberalismo tornou-se uma doutrina quase hegemônica entre as elites de todo o mundo. Ao mesmo tempo, o Socialismo e o Anarquismo ascendiam como doutrinas antiburguesas, atuando junto à classe trabalhadora. Enquanto a Europa libertava-se da tirania de seus reis, a Ásia e a África conheciam uma nova era de dominação político-econômica europeia, conhecida como Imperialismo. Sustentando essa dominação, uma série de ideias sobre a superioridade de raças tomou conta do imaginário Europeu. Apesar de Darwin nunca dizer que sua teoria se aplica às sociedades humanas, o chamado darwinismo social e a eugenia – que, certamente, tem no nazismo seu ponto máximo – tornaram-se extremamente influentes no mundo ocidental a partir do século XIX. Na Europa, o Realismo teve início com a publicação do romance realista *Madame Bovary* (1857) de Gustave Flaubert. Os escritores dessa corrente artística, influenciados, de certo modo, pelo pensamento positivista, enfatizam em seus textos a observação da realidade, a razão e a ciência. A passagem do Romantismo para o Realismo implica uma transformação do belo e ideal para o real e objetivo. Era necessário para os realistas revelar um outro lado: o cotidiano enfadonho, o adultério, o jogo das aparências, o individualismo, a impotência do homem comum diante dos poderosos. Em vez de heróis, surgem personagens comuns, repletos de problemas.



Fig. 33 Na obra naturalista *O cortiço*, o foco é o cotidiano de pessoas comuns que convivem em um cortiço.

No século XIX, o Brasil conheceu uma posição singular na América Latina. Sendo o único a tornar-se uma monarquia após a independência (o México também manteve por pouco tempo essa conformação política), para muitos pensadores, o Brasil representava a civilização, era o país porta-voz da Europa na América do Sul, em contraposição à barbárie do resto da América Latina, que estava dominada pelos caudilhos e formada por republiquetas.

Após a Guerra contra Rosas (Buenos Aires) e Oribe (Uruguai), o Brasil tornou-se hegemônico na América do Sul. Na primeira metade do século, muitos escritores românticos preocuparam-se na construção da brasilidade, isto é, da identidade nacional do brasileiro. No fim do século, no entanto, a situação era diferente. A campanha abolicionista mostrava como o Brasil, longe da civilização, possuía uma situação social anacrônica. Com a Guerra do Paraguai, os setores militares, fortemente influenciados pelo positivismo, ganharam força e passaram a criticar a monarquia, acusando-a de ser uma instituição retrógrada ou, em termos cientificistas, “metafísica”. A nova oligarquia cafeeira do oeste paulista, utilizando o trabalho livre, mostrava também seu descontentamento com o Império.

Em 1889, setores cientificistas do exército, em aliança com as oligarquias paulistas, derrubam o desgastado imperador. Nesse contexto, em 1881, Machado de Assis publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (primeiro romance realista do Brasil).



Fig. 34 Cena do filme *Memórias Póstumas* (2001), uma adaptação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Após 1865, o Realismo surgia em Portugal, tendo em Eça de Queirós o responsável, juntamente com Antero de Quental, pela introdução desse movimento no país. O romance social, psicológico e de tese passa a ser a principal forma de expressão do Realismo, portanto a literatura passa a ser um veículo de crítica à sociedade burguesa, à religião, às instituições etc.

Antero de Quental, poeta realista, estudou Direito em Coimbra, porém se dedicou também à Filosofia e à política. Durante a faculdade, manifestou as primeiras ideias socialistas. Ele fundou a Sociedade do Raio, que pretendia renovar o país pela literatura.



Fig. 35 A obra *Primo Basílio*, de Eça de Queirós, também foi adaptada para o cinema.

Evolução

*Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incógnita floresta...
Onda, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquíssimo inimigo...*

*Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que ensombra urze e giesta;
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paul, glauco pascigo...*

*Hoje sou homem – e na sombra enorme
Vejo, a meus pés, a escada multiforme,
Que desce, em espirais, da imensidade...*

*Interrogo o infinito e às vezes choro...
Mas, estendendo as mãos no vácuo, adoro
E aspiro unicamente à liberdade.*

Antero de Quental.

Na poesia de Antero, a emoção cede lugar ao pensamento; há uma perfeita articulação entre forma e fundo. Em *Odes modernas*, fase tipicamente realista, observa-se a tendência político-filosófica, sob a influência de Platão e Proudhon. Antero discute a visão do homem da modernidade, dividido entre fé e progresso, religião e socialismo.

No que tange às artes plásticas, o pintor dessa escola retrata a realidade como ela se apresenta, com recorrência a temas de ordem social e política; pintam-se trabalhadores, cenas do dia a dia. A perspectiva é utilizada para criar a ilusão de espaço, assim como a perspectiva aérea, dando uma nova visão da paisagem ou da cena (vista superior aérea). Os volumes são muito bem representados, com gradação de cor, de luz e de sombra. Há preocupação de representar a textura, a aparência real do objeto (a textura da pele, dos tecidos, da parede etc.).

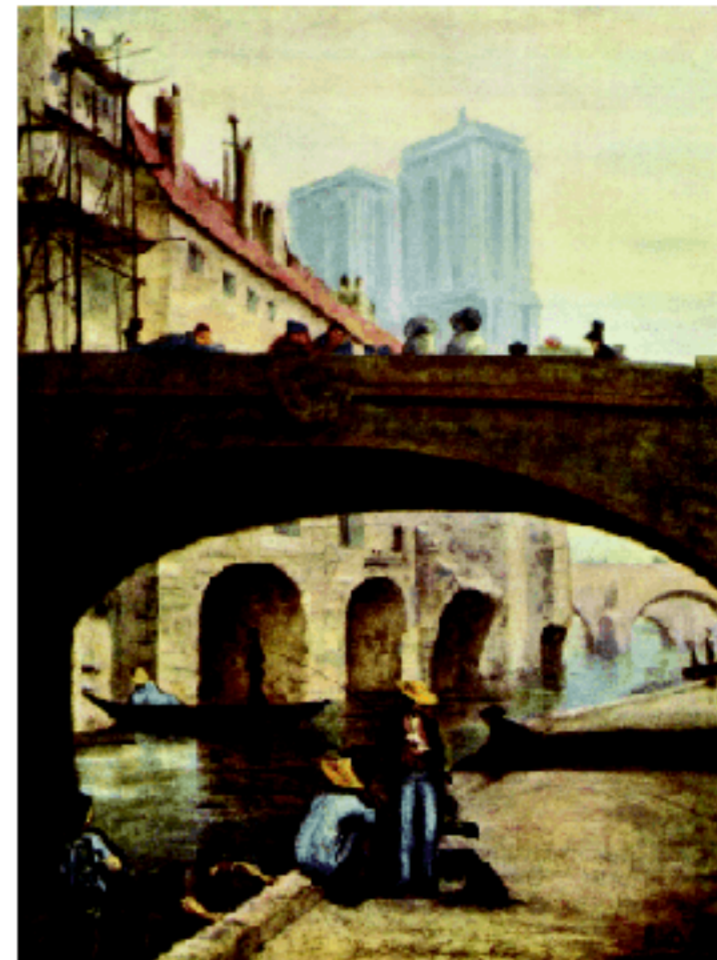


Fig. 36 Honoré Daumier. *Der Künstler vor Notre-Dame*. 1834. Óleo sobre tela. Museu Calvet, Avignon, França.

Veja o trecho a seguir, retirado do livro *Como entender a pintura moderna*, de Carlos Cavalcanti.

Ser realista [...] não é ser exato e minucioso como uma fotografia. Ser realista é ser verdadeiro. Ser verdadeiro é selecionar, sintetizar e realçar os aspectos mais característicos, expressivos e, por isso mesmo, mais comunicáveis e inteligíveis das formas da realidade, não sendo necessário idealizá-las ou perturbá-las com a emoção. Ao representar um tigre, por exemplo, o realista não precisa ser minucioso [...], não precisa fazer as pestanas do tigre, pode ser sintético, porque será verdadeiro, desde que nos transmita o caráter do tigre, isto é, sua ferocidade e poderosa força elástica. No caso do retrato, se o modelo tiver aquele queixo irregular, denunciador de sua personalidade, que o neoclássico esconderia em nome da forma idealmente bela, o realista não o corrigirá; fixa-o com verdade, pois certamente o achará belo e rico.

Carlos Cavalcanti. *Como entender a pintura moderna*. Rio de Janeiro: Rio, 1975. p. 77. (Adapt.).

Agora, observe os quadros a seguir de Gustave Courbet.



Fig. 37 Gustave Courbet. *Os quebradores de pedra*, 1849. Óleo sobre tela. Gemäldegalerie, Berlim, Alemanha.



Fig. 38 Gustave Courbet. *Mulheres peneirando trigo*, 1855. Óleo sobre tela. Museu de Belas Artes, Nantes, França.

Gustave Courbet pertenceu à escola realista. Em seus quadros mais famosos predominavam paisagens campestres, marítimas e cenas de trabalho. Os seres retratados são despidos de emoção, há uma ênfase à razão e à objetividade. Considerado anarquista, Courbet era amigo do filósofo anarquista Proudhon, do poeta Charles Baudelaire e do caricaturista Daumier. Ao representar as coxas e a vulva de uma mulher, na obra *A Origem do Mundo*, o pintor abalou o meio artístico da época.

Observe agora uma escultura de Rodin.



Fig. 39 Auguste Rodin. *O beijo*, 1884. Escultura em bronze. Legião da honra, Fine Arts Museums of San Francisco, São Francisco, Estados Unidos.

A escultura realista não idealizou a realidade; ao contrário, procurou recriar os seres tais como eles são em vida. Dentre os escultores, aquele que mais se destacou foi Auguste Rodin (1840-1917). Toda a criação do escultor baseou-se no conceito de *non finito*.



Fig. 40 Rodin. *Homem de nariz quebrado*.

A escultura *O Homem de nariz quebrado* (1864), por exemplo, não foi aceita no Salão de Paris, pois foi considerada um esboço, uma obra inacabada. Esses fragmentos de obras representam, na visão de Rodin, o momento da criação.

As vanguardas – contexto histórico

As transformações tecnológicas por que o mundo passou na transição do século XIX para o século XX modificaram o modo de o homem ler a realidade. O automóvel, o avião, o cinema deslocaram e aceleraram o olhar do homem moderno. Em meio a essas transformações surgem várias manifestações artísticas – Impressionismo, Expressionismo, Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo –, que ficariam conhecidas como “correntes de vanguarda” e que, conjugadas, dariam origem ao Modernismo.

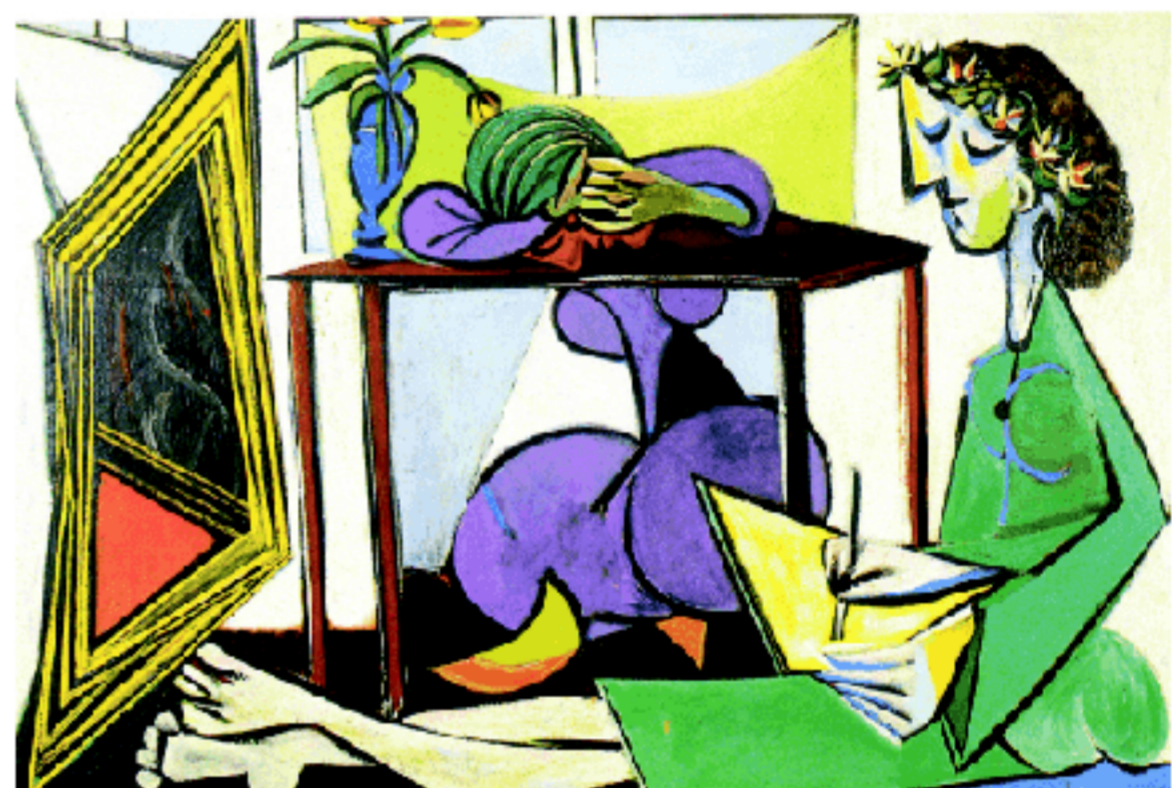


Fig. 41 Pablo Picasso. *Interior com duas meninas*, 1935. Óleo sobre tela. Museu de Arte Moderna, Nova York, Estados Unidos.

A Primeira Revolução Industrial teve início na indústria têxtil, ao passo que a máquina a vapor foi a principal descoberta do período. O ferro e o carvão eram as matérias-primas essenciais para a época.

No século XVIII, a Revolução Industrial concentrava-se na Inglaterra. Entretanto, no século XIX, surgiram novas tecnologias, novas fontes de energia, e o capitalismo se expandiu de maneiras diferentes para o resto do planeta.

No período da Segunda Revolução Industrial, o laboratório e a fábrica já possuíam uma relação íntima: cada vez mais a ciência trabalhava com o objetivo de criar novas tecnologias para as fábricas, reduzindo custos e melhorando a qualidade dos produtos. Novas fontes de energia apareciam como alternativa ao vapor. Em 1853, o petróleo começou a ser utilizado como fonte de energia para a iluminação (Tomas Edison desenvolveu a lâmpada incandescente em 1879). A vida passou a ser iluminada por luzes, ligadas por extensos cabos. A iluminação pública, desde então, tornou-se símbolo da modernidade.

Além disso, os meios de transporte conheceram transformações fundamentais. Nas cidades, implantaram-se os bondes elétricos e metrô. Em 1895, os primeiros automóveis surgiram a partir dos motores de explosão movidos a gasolina, diesel. A expansão das ferrovias culminou o crescimento da indústria de ferro, cimento, locomotivas e vagões. O sistema de comunicações também conheceu transformações com a invenção do telefone e do telégrafo. A medicina, por sua vez, teve avanços com a criação de novas

vacinas e remédios. Os centros urbanos cada vez mais eram habitados e a taxa de mortalidade caía substancialmente. Com essas transformações, a vida urbana mudou drasticamente.

Com a emergência do Liberalismo e dessas novas tecnologias, nasceu no século XIX uma nova ideia de modernidade, com um significado diferente do que lhe atribuíram os renascentistas. O mundo e o homem modernos seriam movidos por preceitos racionais, livres de qualquer interferência da fé. A razão dominaria desde a política até a própria natureza: os belos jardins franceses do século XIX mostrariam como o homem ordenava a selvageria das matas. A cidade seria a perfeita ordenação racional do mundo: a grande concentração de pessoas, a eletricidade, a água encanada, os bondes, os trens, o chuveiro, o cinema (que nasce em 1895), os vasos sanitários, a descarga automática, o papel-higiênico, a pasta de dente, os arranha-céus, e os telégrafos mostrariam o triunfo da racionalidade do homem perante a barbárie da natureza. A modernidade também está associada à cidade, movimento, transformação, agitação, mudança, uma eterna sensação de caos, em um mundo onde a repetição, a segurança, o sólido e a tradição perderiam força.

O poema “Ode Triunfal” ilustra essa modernidade. Observe:

[...] ó manequins!
 Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!
 Olá anúncios elétricos que vêm e estão e desaparecem!
 [...]
 Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!

Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
 Amo-vos carnivoramente,
 Pervertidamente e enroscando a minha vista
 Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
 Ó coisas todas modernas,
 Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima
 Do sistema imediato do Universo!
 Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!
 Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,
 Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes
 Na minha mente turbulenta e incandescente
 Possuo-vos como a uma mulher bela,
 Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não
 [se ama.
 Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

[...]
 Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!
 Eh-lá-hô recomposições ministeriais!
 [...]

Fernando Pessoa (Álvaro de Campos). “Ode Triunfal”. *Antologia poética de Fernando Pessoa*. São Paulo: Ediouro, 2004. p. 54.

De qualquer forma, a euforia do mundo europeu, encantado com o progresso e as novas tecnologias, deu origem ao que ficou conhecido como *Belle Époque*. A *Belle Époque* (bela época em francês) foi um período na história da Europa que começou com o fim da “Era das Revoluções” (1871) e durou até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. A *Belle Époque* foi a era de ouro da beleza, inovação e da paz entre os países europeus. Com seus cafés-concertos, balés, operetas, livrarias, teatros, *boulevards* e alta costura, Paris, a Cidade Luz, era o centro produtor e exportador da cultura mundial. Leitores de todo o mundo liam os franceses Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Zola, Anatole France e Balzac. Ir a Paris ao menos uma vez por ano era quase uma obrigação entre as elites, pois garantia o vínculo com a atualidade do

mundo. Novas invenções tornavam a vida mais fácil — telefone, telégrafo, bicicleta, automóvel. A cena cultural estava em efervescência: os cabarés, o cançã, e o cinema haviam nascido, e a arte tomava novas formas com o Impressionismo na pintura, e a *Art Nouveau* na arquitetura.



Fig. 42 Pierre-Auguste Renoir. *Le Moulin de La Galette*, 1876. Óleo sobre tela. Musée d'Orsay, Paris, França.

O cinema foi inventado pelos irmãos Lumière no fim do século XIX. Em 28 de dezembro de 1895, no subterrâneo do Grand Café, em Paris, eles realizaram a primeira exibição de cinema: uma série de dez filmes, com duração de 40 a 50 segundos cada. Os filmes mais conhecidos desta primeira sessão chamavam-se *A saída dos operários da Fábrica Lumière* e *A chegada do trem à Estação Ciotat*, cujos títulos exprimem bem o conteúdo. Nessa mesma época, um mágico ilusionista chamado Georges Méliès, que comandava um teatro nas vizinhanças do local da primeira exibição mencionada, conseguiu um aparelho semelhante e foi o primeiro grande produtor de filmes de ficção, voltados para o entretenimento. Em suas experimentações, o mágico descobriu vários truques que resultaram nos primeiros efeitos especiais da história do cinema.

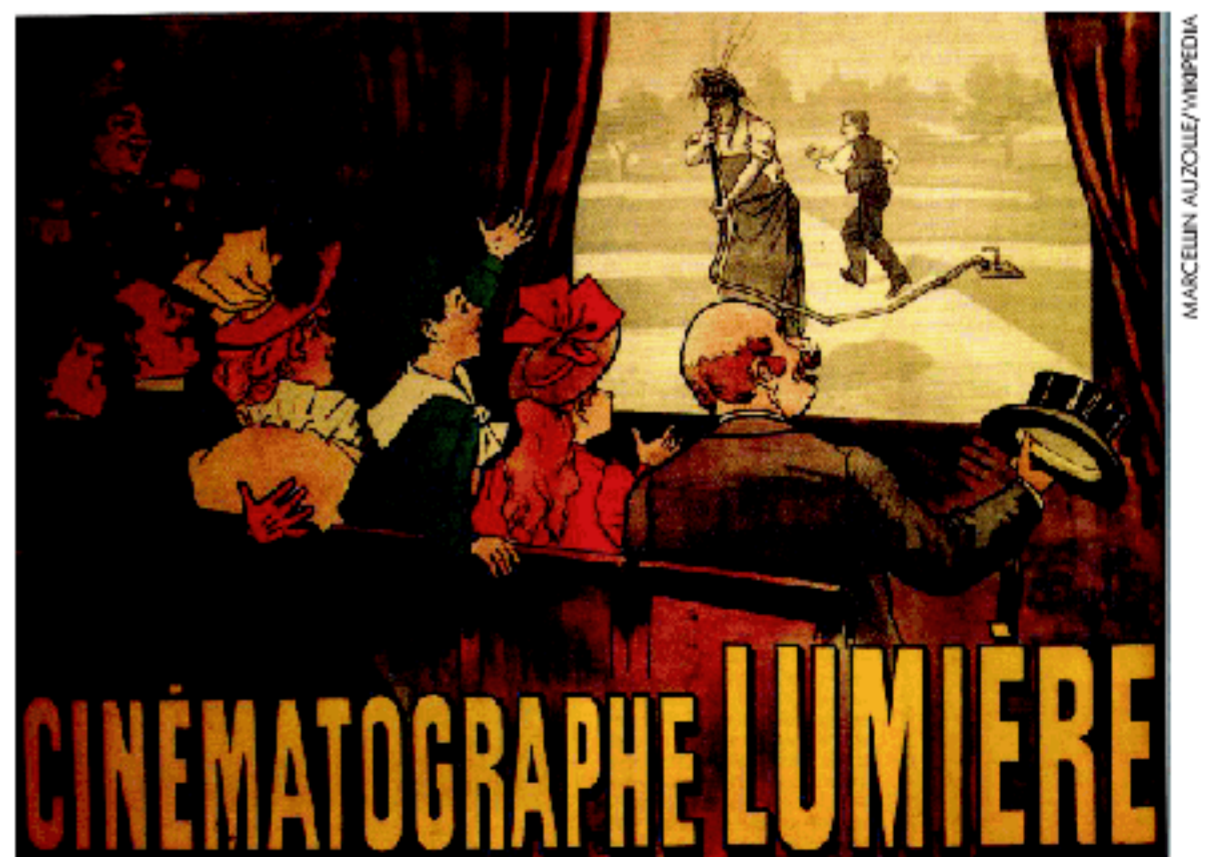


Fig. 43 Cinema, criado pelos irmãos Lumière.

Em 1911, na Califórnia, EUA, nascia Hollywood, um espaço destinado à instalação de estúdios para produzirem filmes. Em poucas décadas, os estúdios de Hollywood acumularam imensas

fórtunas e tornaram-se quase hegemônicos no mundo ocidental. Quando a revista *Motion Pictures World* sugeriu que se colocassem os nomes dos atores nos créditos do filme, tinha início a era dos grandes mitos e estrelas de Hollywood, a fábrica de sonhos.

Impressionismo



Fig. 44 Pierre-Auguste Renoir. *Banhistas*, 1918-19. Óleo sobre tela. Museu d'Orsay, Paris, França.

O pintor impressionista preocupa-se com as tonalidades que os objetos adquirem ao refletir a luz solar em um determinado instante, pois as cores da natureza estão em constante transformação. As figuras não devem ter contornos nítidos, pois a linha é uma abstração do ser humano para representar imagens. As sombras devem ser luminosas e coloridas, como é a impressão visual que nos causam; e não escuras ou pretas, como os pintores costumavam empregá-las no passado.



Fig. 45 Monet. *A Ponte Argenteuil*, 1874. Museu D'Orsay, Paris, França.

As cores e tonalidades não devem ser obtidas pela mistura das tintas na paleta do pintor; mas devem ser puras e dissociadas nos quadros em pequenas pinceladas. É o observador que, ao ver a tela, combina as várias cores, obtendo o resultado final. A mistura deixa, pois, de ser técnica para ser óptica.

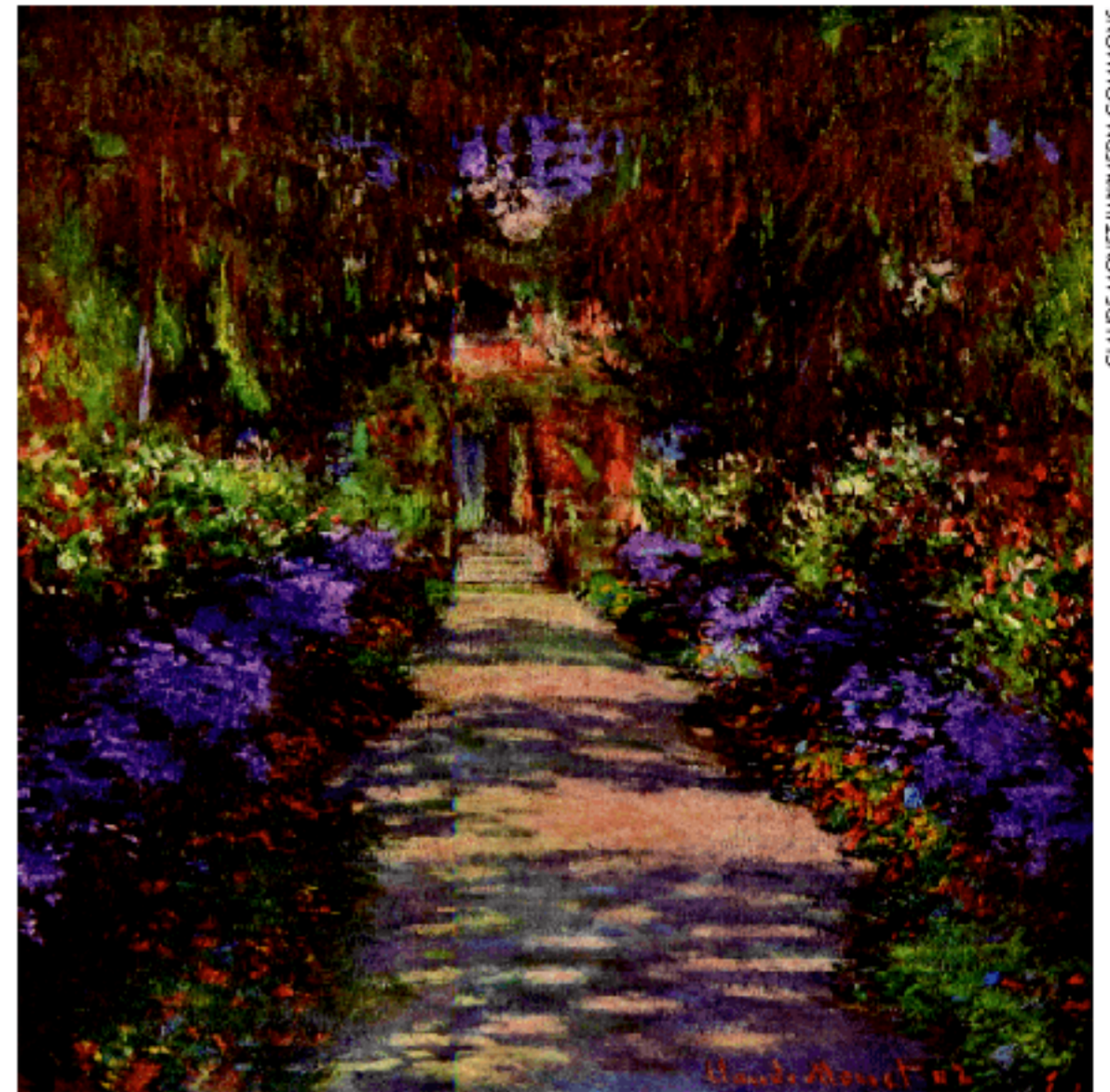


Fig. 46 Monet. *Weg in Monets Garten in Giverny*, 1902. Belvedere. Viena, Áustria.

Segundo Carlos Cavalcanti, [...] O pintor impressionista não está a rigor interessado no modelo como ser humano, [...]. As suas reações e intenções artísticas diante de uma pessoa serão praticamente as mesmas diante de uma árvore, de um lago, de uma praia, [...] a sua preocupação exclusiva será observar e fixar as constantes e sutis modificações que a luz do sol produz nas cores da natureza. [...] – o seu primeiro cuidado foi retirar o modelo do interior do atelier, [...] para colocá-lo ao ar livre, [...]. [...] os impressionistas são chamados pintores do *plein air*, ao ar livre, *plénaristas* ou *arlivristas*.

Carlos Cavalcanti. *Como entender a pintura moderna*. Rio de Janeiro: Rio, 1975. p. 78.

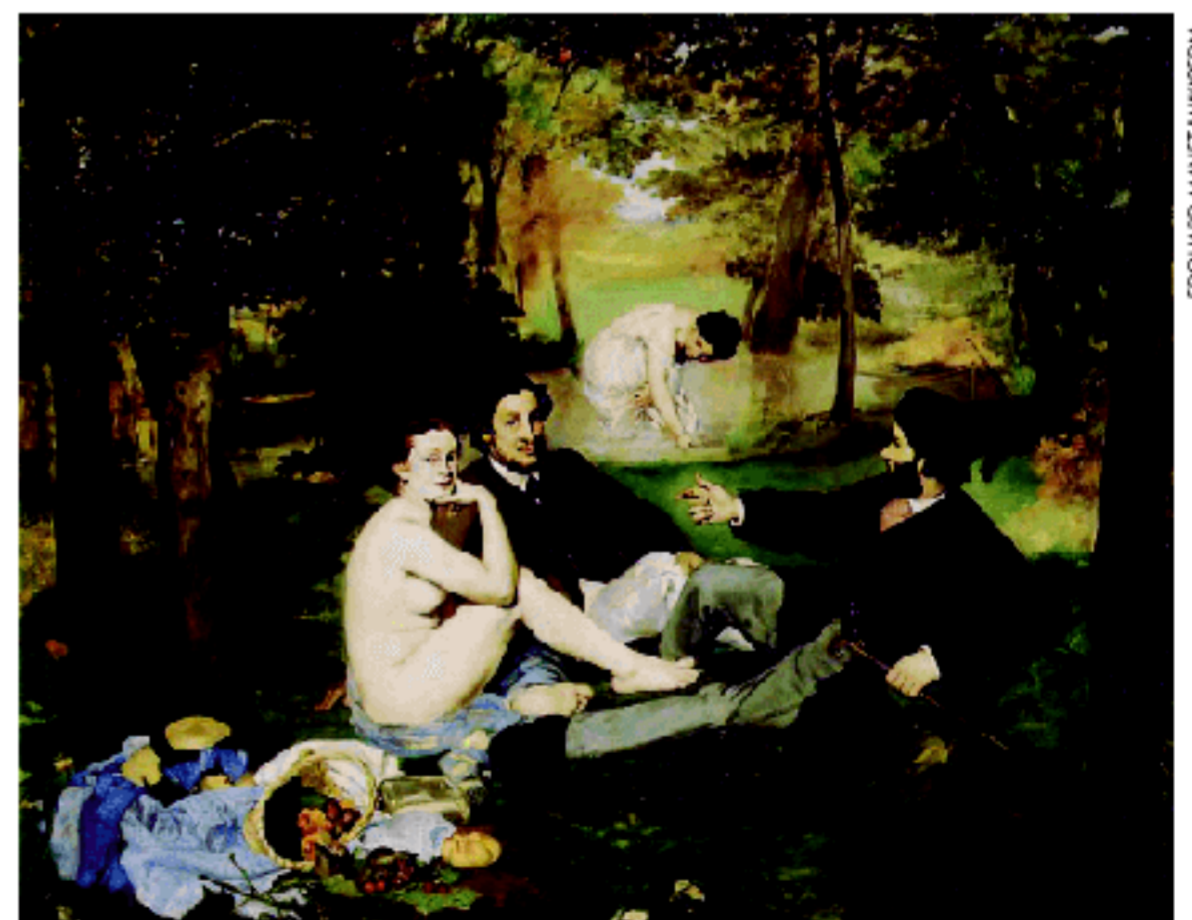


Fig. 47 Edouard Manet. *Piquenique na relva*, 1863. Óleo sobre tela. Museu D'Orsay, Paris, França.



Fig. 48 Camille Pissarro. *Boulevard Montmartre em Paris*, 1897. Óleo sobre tela. Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia.

Na literatura portuguesa, Cesário Verde é considerado um poeta impressionista.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.
[...]

Cesário Verde. "Ave-Maria". O livro de Cesário Verde. Ática, 1959. p. 101.

A poesia de Cesário Verde procura a captação da realidade pelos sentidos, com predominância da visão: a cor, a luz, o recorte e o movimento. O forte componente sinestésico (cruzamento de várias sensações na apreensão do real) e a valorização da sensação em detrimento do objeto real dão à obra desse poeta um caráter impressionista.

Uma iluminação a azeite de purgueira,
De noite, amarelava os prédios macilentos.
Barricas d'alcatrão ardiam; de maneira
Que tinham tons d'inferno outros arruamentos.
Cesário Verde. "Nós". O livro de Cesário Verde. Ática, 1959. p. 123.

Cesário emprega em muitas poesias o contraste luz/sombra; esse jogo lúdico da luz produz imagens poéticas que recriam a realidade. A luz do dia é a luz artificial da cidade, mas também uma forma de valorizar os objetos, entendendo-se a luz como princípio de vida.

Eu tudo encontro alegremente exacto,
Lavo, refresco, limpo os meus sentidos.
E tangem-me, excitados, sacudidos,
O tacto, a vista, o ouvido, o gosto, o olfacto!
[...]

Cesário Verde. "Cristalizações". O livro de Cesário Verde. Ática, 1959. p. 70.

Na escultura, destaca-se Edgar Degas (também pintor); a escultura abaixo chocou a sociedade da época, visto que se tratava de uma bailarina pobre que Degas conhecera na ópera; bailarina que posteriormente teve de se prostituir para sobreviver; na escultura havia implicitamente a crítica à vida fútil de muitos parisienses.



Fig. 49 Edgar Degas. *Bailarina de quatorze anos*. 1880. Escultura em bronze com vestuário. Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, Brasil.

No cinema, o Impressionismo tem sua maior *performance* na França, o denominado cinema de vanguarda (*avant garde*).

Entre os cineastas importantes, destacam-se Abel Gance (*J'Accuse*, filme épico) e Jean Epstein (*A queda da casa de Usher*).



Fig. 50 *J'accuse*, filme impressionista.

Os filmes impressionistas empregavam como técnica as sobreimpressões, os planos subjetivos, o ritmo de montagem, a valorização da imagem em sua carga afetiva e o aperfeiçoamento de técnicas de enquadramento.

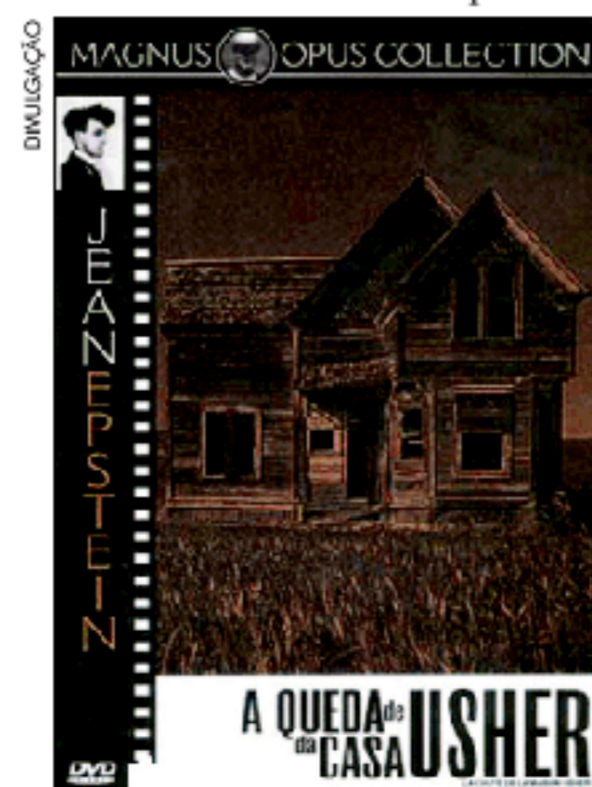


Fig. 51 *A queda da casa de Usher*, filme impressionista.

Além dos dois representantes do movimento impressionista no cinema, temos ainda Louis Delluc, Marcel L'Herbier e Germaine Dulac.

Expressionismo



Fig. 52 Edvard Munch. *A cama do defunto*, 1895. Coleção Rasmus Meyer, Bergen, Noruega.

O Expressionismo surge na Alemanha no início do século XX; trata-se de uma arte em que se privilegia o instinto, a dramaticidade, a subjetividade, “a expressão dos sentimentos humanos”. A arte expressionista revelou em suas obras um niilismo (amargura) que se instalava nos meios artísticos e intelectuais da Alemanha pré-bélica, bem como da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e do período Entreguerras (1918-1939). Nesse tipo de arte, há a predominância dos valores emocionais sobre os intelectuais.

Programa

*Não queremos poesia,
Queremos mágicas, artifícios,
Procuramos tapar na existência fatais vazios
E apesar de imenso esforço, uma atrofia.*

Mas o que sabem vocês outros da secreta elevação,

*Dos sagrados e histéricos soluços da garganta a chorar,
Quando, consumidos pelo haxixe da alma em imersão,
Beijamos o primeiro degrau, para além de cujo limiar
Os deuses moram?*

Wilhelm Klemm, 1915.

O Expressionismo defende a liberdade individual, o irracionalismo, o arrebatamento e os temas proibidos, como o erotismo, a perversão, o demoníaco ou o fantástico. Tal movimento mostra nas obras que o representam uma realidade deformada, com o objetivo de expressar subjetivamente a natureza e o ser humano, preferindo os sentimentos à descrição objetiva da realidade.

O Expressionismo mostrou a todos o lado pessimista da vida, o sofrimento humano em uma sociedade moderna e industrializada, na qual o indivíduo vê-se isolado e alienado. O existencialismo dessa escola traduziu-se em uma ênfase à emoção, à tragédia humana e à morte.

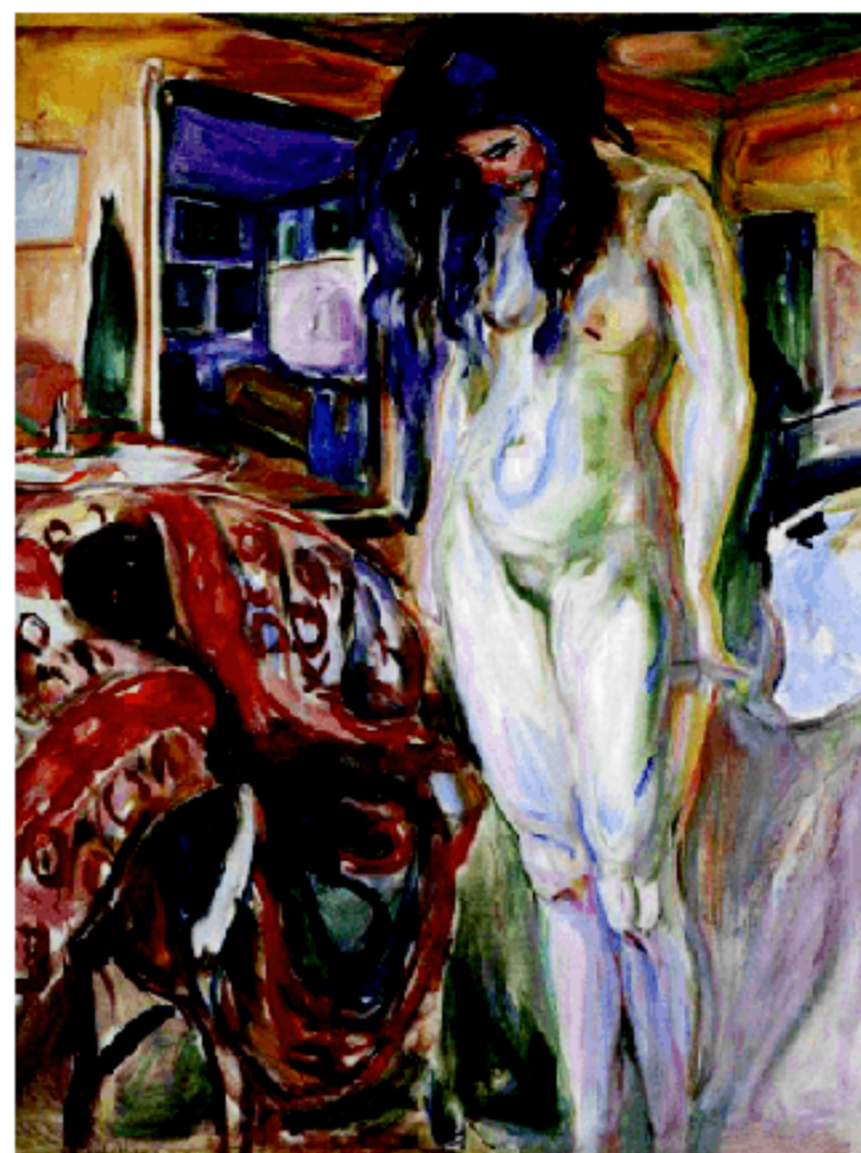


Fig. 53 Edvard Munch. *Nude by Wicker Chair*, 1929. Óleo sobre tela. Munch Museum, Oslo, Noruega.

A pintura expressionista trabalha com cores inverossímeis, que dão forma plástica ao amor, ao ciúme, ao medo, à solidão, à miséria humana, à prostituição; deforma-se a figura para ressaltar o sentimento.

O pintor expressionista mais famoso foi Edvard Munch; em seus quadros, há rostos sem feições e figuras distorcidas. Sua obra mais famosa *O Grito* é uma das mais importantes da história do Expressionismo.

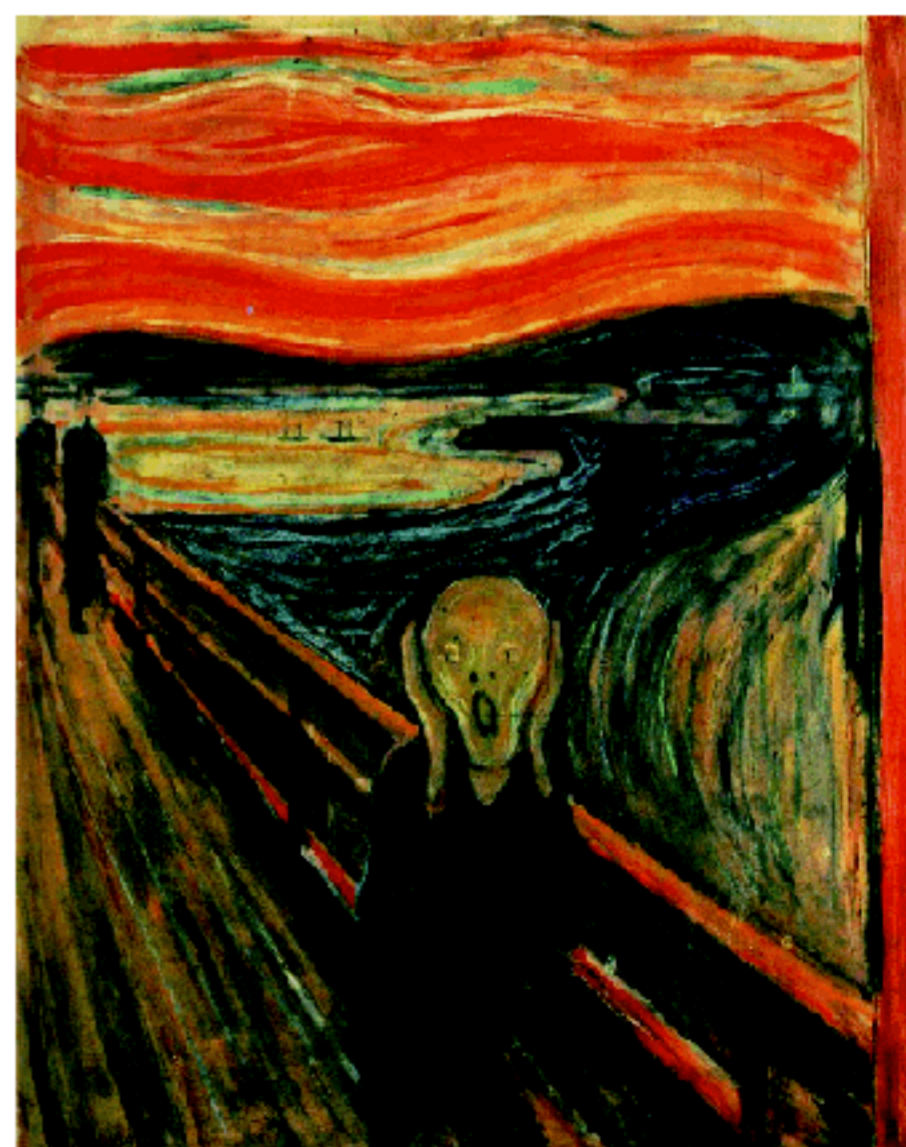


Fig. 54 Edvard Munch. *O grito*, 1893. Óleo, têmpera e pastel sobre cartão. Nasjonalgalleriet, Oslo, Noruega.

A literatura expressionista possui um lirismo acentuado, de engajamento e de tempos incertos. Os poemas são sombrios e os temas impactantes (erotismo, tragédias, morte etc).

Os principais poetas expressionistas não tiveram sorte em vida; Lichtenstein, Stadler e Stramm morreram em combate; Hasenclever e Trakl cometeram suicídio; Van Hoddis morreu em campo de concentração; Heym afogou-se; e Rubiner foi vitimado pela pneumonia.

O visiotário

Lâmpada, não es quente.
Da parede saiu um braço magro de mulher.
Era pálido e tinha veias azuis.
Os dedos estavam carregados de preciosos anéis.
Quando beijei a mão, assutei-me:
Estava viva e quente.
Arranhou-me o rosto.
Peguei uma faca de cozinha e cortei algumas veias.
Um grande gato lambeu graciosamente o sangue do chão.
Entretando um homem de cabelos arrepiados subiu
Por um cabo de vassoura encostado à parede.

Jacob van Hoddis. "O visiotário". In: *Poesia expressionista alemã: uma antologia*. Tradução de Claudia Cavalcanti (Org.). – São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

O poeta mais importante da escola foi Georg Trakl, que se matou em 1914, aos vinte e sete anos. Os escritores expressionistas possuem um sentimento de desconcerto e horror diante do absurdo da guerra (no caso, a Primeira Guerra Mundial) e exaltam o pacifismo e a solidariedade humana.

Vento Quente

[...]
Profundo o vento em árvores destruídas,
E a figura de lamento da mãe
Vagueia pela floresta solitária

Desse luto silente; noites
Repletas de lágrimas, de anjos de fogo.
Prateado, espatifa-se contra a parede nua um esqueleto
[de criança.

[...]
Georg Trakl. *De profundis e outros poemas*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras.

Oh, a loucura da grande cidade, quando no anoitecer
As árvores estropiadas se inteirizam junto ao muro enegrecido,
Da máscara prateada espreita o espírito do mal;
Luzes com açoites magnéticos rechaçam a noite pétrea.
Oh, o repicar submerso dos sinos vespertinos.

Putá, que pare um filho morto em arrepios de gelo,
Com látigos frenéticos a cólera de Deus pune a fronte do
[possesso,
Peste purpúrea, fome que quebranta olhos verdes.
Oh, a horrenda gargalhada do ouro.
Mas calma nas cavernas negras da humanidade ainda mais
[quieta sangra.

De metais duros molda a fronte redentora.

Georg Trakl. *A verdade da poesia*. Michael Hamburger. Tradução de Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Cosac Naify.

O cinema expressionista alemão trabalhou com temas sombrios de suspense policial e mistério; buscou ambientes urbanos e personagens bizarras e assustadoras. A exemplo da pintura, distorce as imagens e impõe excessiva dramaticidade na atuação dos atores, na sua maquiagem e na cenografia.



Fig. 55 Cartaz do filme *Metrópolis*, de Fritz Lang.

Destacam-se os filmes *O gabinete do doutor Caligari* (1920), do diretor Robert Wiene; *Nosferatu* e *Phantom* (ambos de 1922), do diretor Friedrich Wilhelm Murnau; e *Metrópolis* (1929), de Fritz Lang. Este último é um dos filmes mais representativos do movimento. A história do filme se passa em 2026 e apresenta uma sociedade dividida em dois grupos: os pensadores, que fazem planos e vivem muito bem na superfície da Terra; e os trabalhadores, que moram no subterrâneo, sustentando toda a vida de privilégio dos pensadores. Um homem do primeiro grupo se apaixona por uma trabalhadora, enquanto uma revolução ameaça colocar em xeque todo o sistema, composto de robôs e arranha-céus.

Van Gogh



Fig. 56 Vincent van Gogh. *La méridienne*, 1889-1890. Óleo sobre tela. Museu d'Orsay, Paris, França.

Vincent van Gogh, chamado de impressionista por alguns estudiosos, e de expressionista por outros, foi um dos principais nomes da vanguarda europeia. O pintor deforma a realidade objetiva com intuito de expressar seus sentimentos. Nas palavras de Van Gogh, *Procuro com o vermelho e o verde exprimir as mais terríveis paixões humanas.*



Fig. 57 Vincent van Gogh. *On the Threshold of Eternity*, 1890. Óleo sobre tela. Kröller-Müller Museum, Otterlo, Países Baixos.

A intensidade dos sentimentos revelar-se-á nas cores, nos desenhos e no modo de pincelar. Van Gogh adotou por algum tempo técnicas impressionistas como o pontilhismo, mas, por oposição a essa escola, não queria representar as aparências visuais; servia-se destas para expressar emoções, realidades interiores, estados afetivos e morais (daí o caráter expressionista de sua obra).

Cubismo

O Cubismo prega a simplificação das formas, reduzindo-as a elementos geométricos básicos. Esse movimento de vanguarda busca também a percepção total do objeto, mostrando-o em todos os ângulos. Para que isso aconteça, o pintor cubista passará a fazer a decomposição da estrutura dos objetos, na intenção de sugeri-la na totalidade, como se tivéssemos vista total e simultânea do objeto retratado.

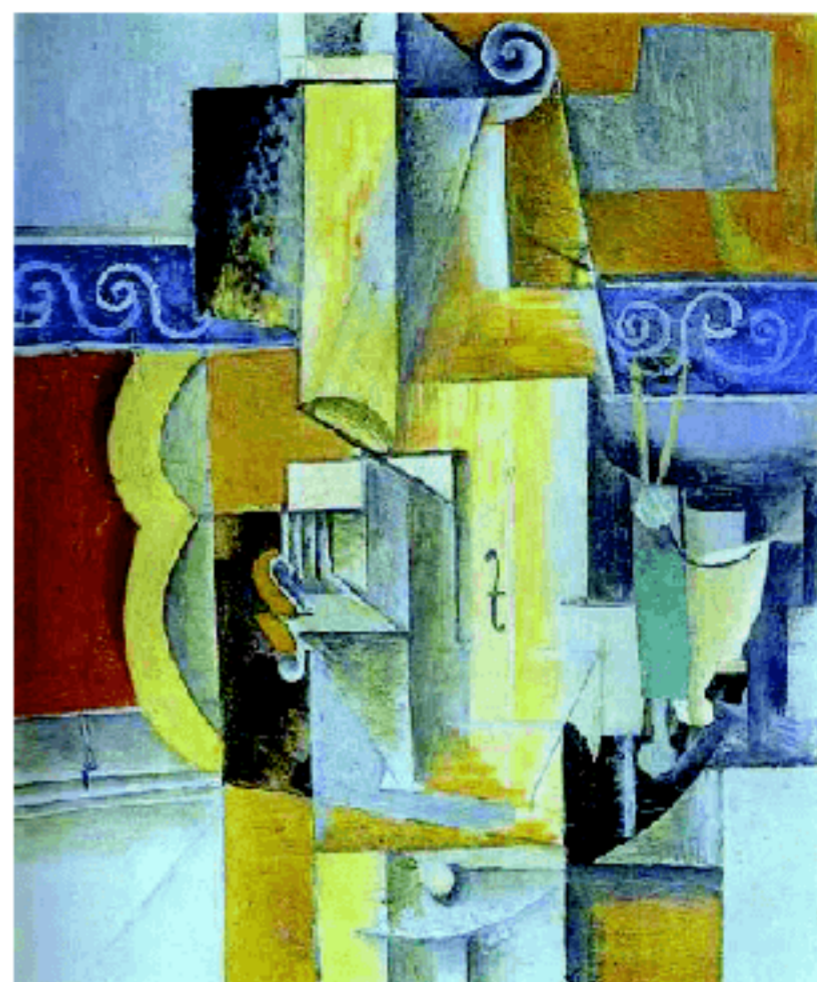


Fig. 58 Pablo Picasso. *Guitarra e violino*, 1912. Óleo sobre tela, Hemritage, São Petersburgo, Rússia.

O Cubismo substitui a realidade convencional por uma geometrização lógica de formas naturais dentro da escala de valores pessoais. A obra de arte, para os cubistas, não deve ser uma representação objetiva da natureza, mas uma transformação dela, ao mesmo tempo objetiva e subjetiva; a procura da verdade deve centralizar-se na realidade pensada, criada, e não na realidade aparente; a ordem cronológica deve ser eliminada e as sensações e recordações vão e vêm do presente ao passado, embaralhando o tempo.

Para Appolinaire, artista dessa vanguarda, o Cubismo entra em oposição à rotina, à pintura-sentimento e à pintura tema. O pintor cubista emprega uma linguagem exclusivamente pessoal, dentro da nova percepção de espaços, estrutura e ritmo.

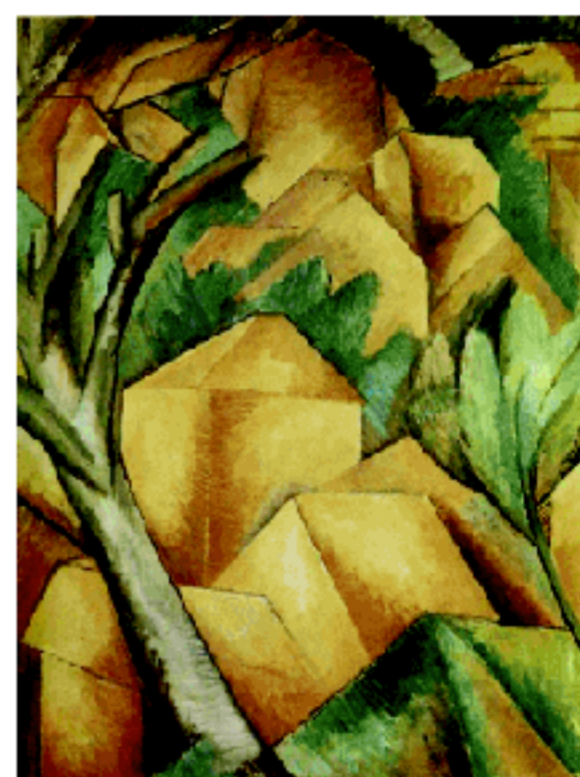


Fig. 59 Georges Braque. *Casas em estaque*, 1908. Óleo sobre tela. Kunstmuseum de Berna, Berna, Suíça.

Um dos representantes mais conhecidos do Cubismo foi o pintor Pablo Picasso. O quadro a seguir, *Guernica*, é uma referência à Guerra Civil Espanhola.



Fig. 60 Pablo Picasso. *Guernica*, 1937. Óleo sobre tela. Museu do Prado, Madrid, Espanha.

A poesia cubista é fragmentária e elíptica, vai à procura da simultaneidade de fatos com rapidez e agilidade. Do ponto de vista sintático, a linguagem cubista privilegia o substantivo em detrimento ao adjetivo, usa formas nominais e se utiliza da aparente falta de coesão (poucos nexos sintáticos). No Brasil, Oswald de Andrade, escritor modernista, empregou o estilo cubista em muitas de suas obras.

A prosa cubista é também caracterizada pela ausência dos nexos sintáticos, por uma linguagem cinematográfica à base de *flashes*.

[...] Cristais joias couros lavrados marfins caíam com xales italianos de cores vivas nos canais de água suja.

Gondolamos graciosamente na Ponte de Rialto e suspiramos na outra.

[...]

Oswald de Andrade. *Memórias Sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Editora Globo, 2004.

No excerto acima, nota-se a falta de pontuação e de nexos lógicos; há ainda antíteses, sinestésias (cores vivas nos canais de água suja) e metonímia em *Gondolamos*. O humor ocorre por meio de clichês sentimentais (graciosamente/suspiramos) e a imagem da ponte aponta para um ícone cubista.

Surrealismo

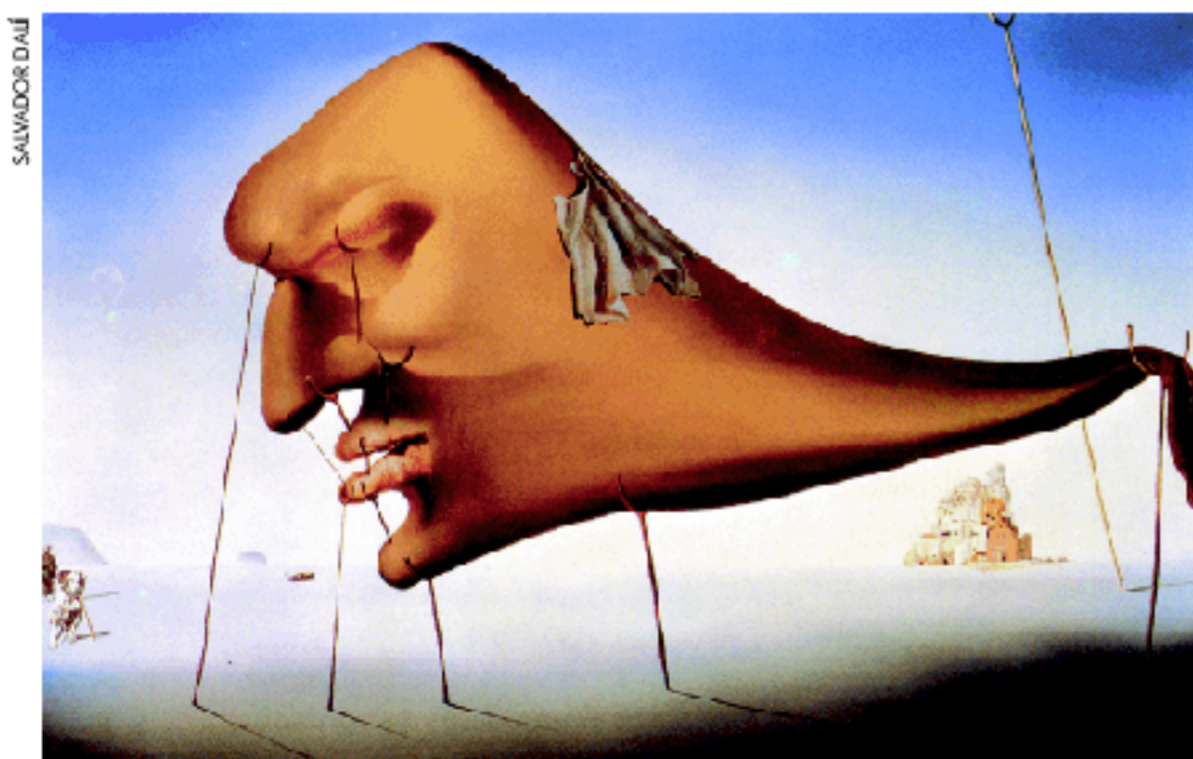


Fig. 61 Salvador Dalí. *O sono*, 1937. Óleo sobre tela. Col. Edward Jaes, Sussex, Inglaterra.

O Surrealismo foi um movimento artístico que investiu fortemente na representação do irracional e do subconsciente. Para o artista dessa escola, a imaginação deve se manifestar livremente, sem a opressão do ego e do superego; o importante é o impulso psíquico.

Os surrealistas deixam o mundo real para penetrarem no irreal; para esses artistas, as emoções do ser humano expressam-se apenas com a aproximação do fantástico, quando a razão humana perde o controle. André Breton, um dos líderes do movimento, afirmava que o sonho pode ser também aplicado à solução das questões fundamentais da vida; no sonho, o inconsciente aflora, a criatividade é maior.

Os surrealistas buscavam um automatismo psíquico que pudesse ser expresso pictoriamente ou verbalmente, de modo que a obra de arte revelasse o funcionamento real do pensamento. Os dois mais importantes pintores surrealistas foram Salvador Dalí e René Magritte; nos dois percebem-se associações que rompem a lógica, criando o fantástico.



Fig. 62 René Magritte. *Castelo nos Pirineus*, 1959. Museu de Israel, Israel, Jerusalém.

No Brasil, o Surrealismo aparece na pintura *Essencialismo*, de Ismael Nery.

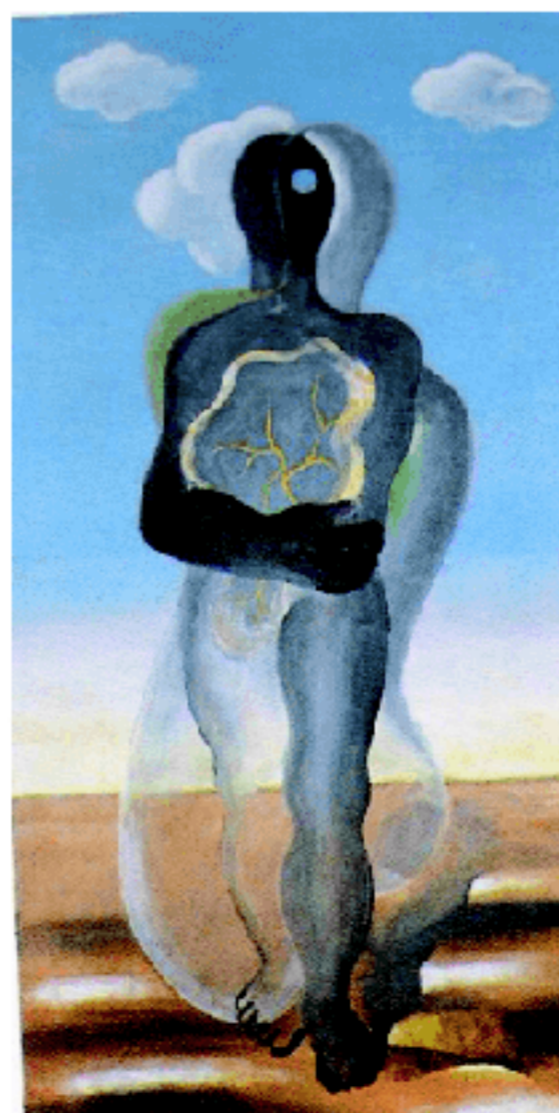


Fig. 63 Ismael Nery. *Essencialismo*, 1931. Óleo sobre tela. Coleção Chaim José Hamer, São Paulo.

Na literatura, os escritores surrealistas propunham a automatização da escrita, o texto devia ter como preocupação maior captar o funcionamento real do pensamento. Os pensamentos devem ser exprimidos caoticamente, tal como nos ocorrem, sem preocupação com o ordenamento lógico. Nos textos, há a presença do humor negro e, com a finalidade de escapar da obviedade e do lógico, os surrealistas associaram muitas vezes uma palavra logicamente adequada a uma outra absurda, produzindo imagens incoerentes.

**As realidades
(fábula)**

*Era uma vez uma realidade
com as suas ovelhas de lã real
a filha do rei passou por ali
E as ovelhas baliam que linda que está
a re a re a realidade.*

*Na noite era uma vez
uma realidade que sofria de insônia
Então chegava a madrinha fada
e realmente levava-a pela mão
a re a re a realidade.
[...]*

Louis Aragon. In: Franco Fortini. O movimento surrealista. Tradução de António Ramos Rosa. 2 ed. Barbacena: Editorial Presença, 1980.

Os maiores representantes do Surrealismo na literatura são o poeta Paul Éluard, autor de *Capital da Dor*; e André Breton, autor de *O Amor Louco*, *Nadja* e *Os Vasos Comunicantes*. O Surrealismo aparece ainda em certas canções da música popular brasileira como em “Chão de Estrelas”, de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa; no quarto verso do excerto abaixo, a imagem criada é surreal.

*[...]
A porta do barraco era sem trinco
Mas a lua, furando nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão...
Tu pisavas os astros, distraída,
Sem saber que a ventura desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão
[...]*

No cinema, os cineastas surrealistas romperam com o cinema tradicional, havia uma despreocupação com o enredo e com a história do filme; criticavam-se os ideais dos burgueses, dava-se vazão ao irracional. Os filmes mais representativos do cinema surrealista são *Um Cão Andaluz* (1928) e *L'Âge D'Or* (1930) de Luiz Buñuel em parceria com Salvador Dalí.



Fig. 64 *Um cão andaluz* e *a idade do ouro* são filmes que representam o cinema surrealista.

No teatro, o maior representante foi o dramaturgo, poeta, ator e escritor francês Antonin Artaud; sua obra *O Teatro e seu Duplo* é um dos principais escritos surrealistas, que serviu de referência a grandes diretores de cinema como Peter Brook, Jerzy Grotowski e Eugenio Barba. Nessa obra de Artaud, o dramaturgo apresenta um conjunto de ideias que constituíram o teatro da crueldade, o qual defendia uma linguagem que pudesse expressar “as verdades secretas”. O teatro da crueldade é apresentado como um ritual, que valoriza o gestual e o objeto. Nesse tipo de encenação, muda-se a concepção de espaço da representação e de espaço da plateia. Nas décadas de 1940 e 1950, as ideias do Surrealismo influenciaram o teatro do absurdo de Samuel Beckett, Arthur Adamov, Eugène Ionesco e Jean Genet.

Dadaísmo

*Parafins gatins alphaluz sexonhei la guerrapaz
Ouraxé palávoras driz okê cris espacial
Projeitinho imanso ciuortevida vivavid
Lambetelho frútuorgasmaravalha-me Logun
Homenina nel paraís de felicidadania:
[...]*

Caetano Veloso. "Outras Palavras". Intérprete: _____.
In: *Outras Palavras*. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1981. Faixa 1.

O Dadaísmo foi o mais radical dos movimentos de vanguarda, a corrente ganhou força em Zurique, na Suíça, por meio do manifesto do romeno Tristan Tzara, lido em 1916. O movimento envolvia artistas de várias partes da Europa, os quais buscavam abrigo contra a Primeira Guerra Mundial na Suíça. Entre esses artistas destacam-se Hans Arp, Marcel Jancso e Hugo Ball.

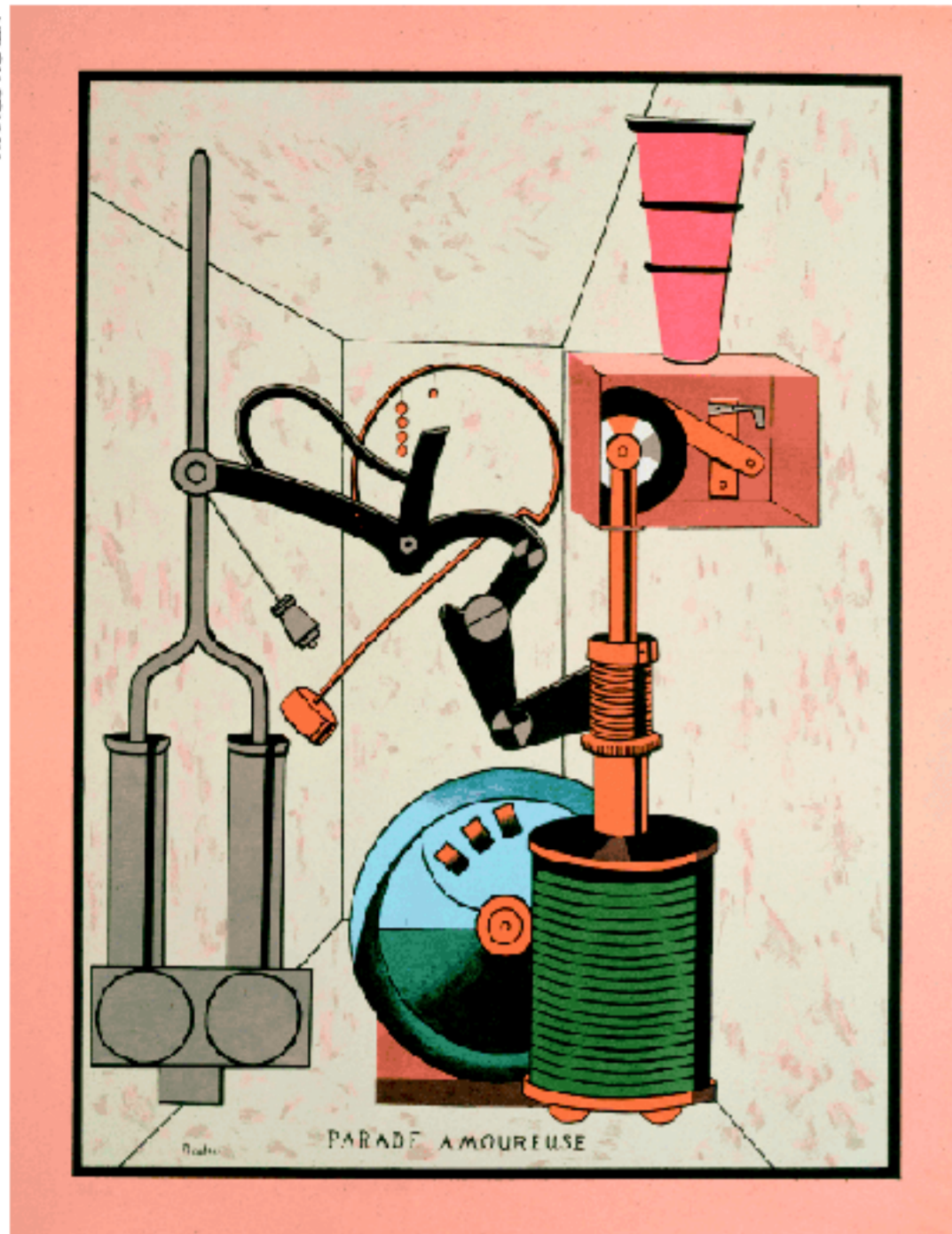


Fig. 65 Francis Picabia. *Parade Amoureuse*, 1917. Óleo sobre tela. Coleção Particular.

Para os dadaístas, a guerra refletia a crise da sociedade, cujos valores morais e espirituais estavam deteriorados. Decorrente dessa visão, rejeitavam teorias e modelos: “Não reconhecemos nenhuma teoria. Basta de academias cubistas e futuristas: laboratórios de ideias formais”.



Fig. 66 Kurt Schwitters. *Das Undbild*, 1919. Pintura e colagem. Centre Georges Pompidou, Paris, França.

O nome do movimento, Dadaísmo, é explicado por Tristan Tzara: *Encontrei o nome por casualidade, inserindo uma espátula num tomo fechado do Petit Laorusse e lendo imediatamente, ao abri-lo, a primeira linha que me chamou a atenção: Dada. Meu propósito foi criar apenas uma palavra expressiva que através de sua magia fechasse todas as portas à compreensão e não fosse apenas mais um -ISMO. O termo “dada” possui muitos sentidos; em romeno significa “sim”; em italiano, mãe; em determinadas regiões africanas, o rabo da vaca sagrada. O fato de haver uma plurissignificação implica improvisação, desordem, desequilíbrio. Eis uma receita de poesia dadaísta:*

Pegue um jornal.

Pegue uma tesoura.

Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.

Recorte o artigo.

Em seguida, recorte com atenção cada palavra que forma esse artigo, e coloque-as num saco.

Agite suavemente.

A seguir, retire cada pedaço, um após o outro.

Copie conscienciosamente na ordem em que elas foram retiradas do saco.

O poema se parecerá com você.

Tristan Tzara. *Para fazer um poema dadaísta.*

Os dadaístas tinham por finalidade denunciar as fraquezas pelas quais a Europa passava; opunham-se aos valores burgueses; negavam a lógica (nesse sentido, o Surrealismo sofre forte influência dadaísta), a linguagem, a arte e a ciência.



Fig. 67 Na foto, Hugo Ball, poeta e escritor alemão, um dos principais artistas do Dadaísmo.

Os dadaístas criaram a técnica dos *ready-made*: retirava-se um objeto do uso corrente de seu ambiente normal, para a invenção de máquinas que não possuíam utilização social. Marcel Duchamp, um dos mais geniais criadores do *ready-made*, pintor e escultor francês (que também atuou como artista expressionista, impressionista e cubista), expôs uma roda de bicicleta cravada em um banco, e um urinol como objetos artísticos.

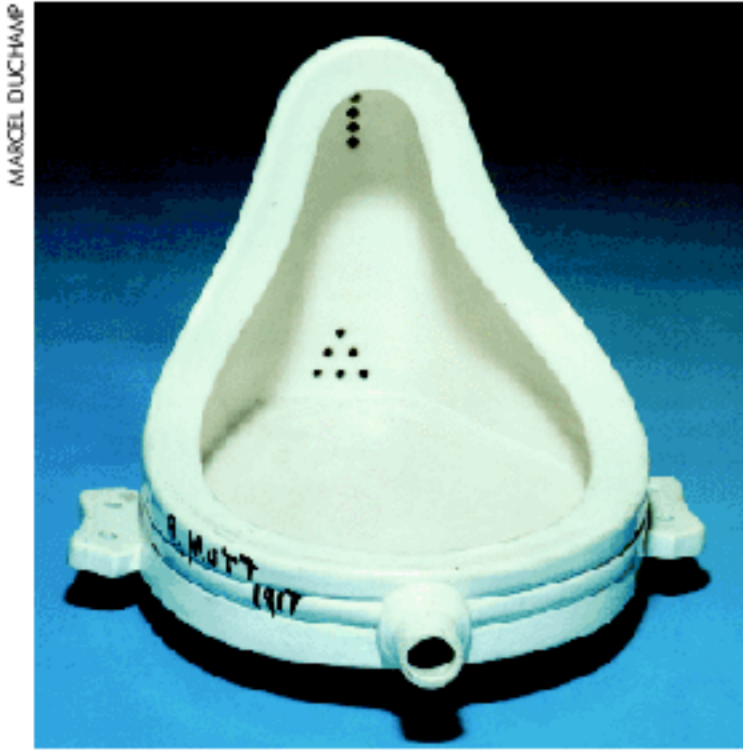


Fig. 68 Marcel Duchamp. *Fonte*, 1917-1964. *Ready-made*, 23,5 x 18 cm, altura 60 cm. Urinol de porcelana. Coleção de Arturo Schwarz, Milão, Itália.

Marcel Duchamp fez uma interferência na obra *Mona Lisa*:

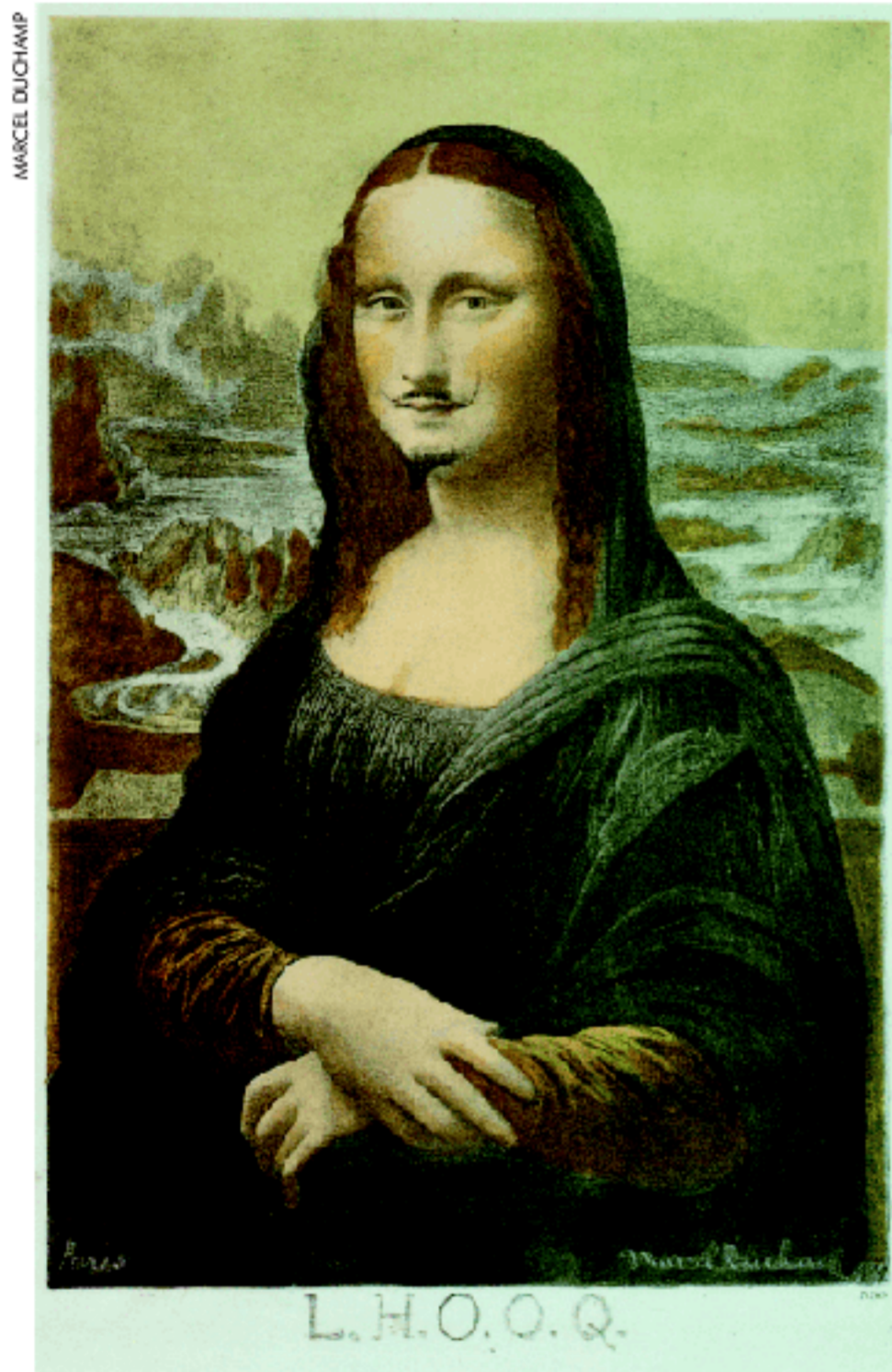


Fig. 69 Marcel Duchamp. *LHOOQ*, 1919. *Ready-made*: lápis sobre reprodução de *Mona Lisa*. 19,7 x 12,4 cm. Museu de arte da Filadélfia, Coleção Louise e Walter Arensberg. Filadélfia, Estados Unidos.

As exposições dadaístas sempre provocavam escândalo; em uma delas, ocorrida em Colônia, Alemanha, os *ready-made* entregaram aos visitantes um martelo para que destruíssem as obras de que não gostassem; além disso, distribuíram, em grande quantidade, bebidas alcoólicas; simultaneamente uma jovem vestida de branco, como se fosse participar da primeira comunhão, recitava poemas pornográficos.



Fig. 70 Max Ernst, *O Gigante Acéfalo (sem cabeça)*, 1921. Óleo sobre tela. Tate Gallery. Londres, Inglaterra.

O Dadaísmo espalhou-se para outros centros, como Nova York, Berlim, Colônia, Hannover e Paris. Na década de 1950, surgiram movimentos neodadaístas nos Estados Unidos.

Futurismo



Fig. 71 Umberto Boccioni. *Charge of the lancers*, 1915. Têmpera e colagem sobre papel cartão. Coleção Juncker, Milão, Itália.

Nós afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma nova beleza: a beleza da velocidade. Um carro de corrida cujo capô é adornado de grandes tubos, qual serpentes de hálito explosivo – um automóvel que rugir e parece cavalgar uma metralha é mais belo que a Vitória de Samotrácia.

Richard Humphreys. *Futurismo*. Tradução de Luiz Antônio Araújo. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

O Futurismo tem sua origem em 1909, em Paris, por meio do Manifesto futurista, escrito pelo italiano Filippo Tommaso Marinetti. O Manifesto condenava o passado, a arqueologia, o academicismo, a nostalgia e o sentimentalismo; exaltava o amor ao perigo, à verdade, à energia; o documento defendia ainda a guerra, o militarismo, o patriotismo, a bofetada e o soco.



Fig. 72 Giacomo Balla. *Velocità d'automobile + Luci*, 1913. Moderna Museet, Stockholm.

A guerra é a única higiene do mundo... A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o extase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco.

Richard Humphreys. *Futurismo*. Tradução de Luiz Antônio Araújo. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. (Adapt.).

"[...] que alegria ver ouvir farejar tudo tudo
taratatata das metralhadoras berrar teimosamente sob dentadas bofetadas traak-traak frustadas pic-pac-pum-tumb bizarras saltos altura 200m. da fuzilaria em baixo embaixo no fundo da orquestra charcos.

agita-se bois búfalos aguilhões
carros pluff plaff empinar de cavalos flic flac
zing zing chaaack hílares relinchos iiiiii... pateadas tinidos
3 batalhões búlgaros em marcha croooc-chaaac [LENTO DOIS TEMPOS] Sciumi Maritza ou Karkavena croooc craaac gritos dos [oficiais

batttter como pratttos de lattão pan daqui paaack dali tching buuum tching tchang [PRESTO] tchia tchia tchia tchiaak em cima em baixo ali ali à volta ao alto atenção sobre a vabeça tchiaak belo Chamas

chamas
chamas chamas
chamas chamas
chamas ribalta dos fortes a-
chamas
chamas
trás daquela fumaça [...]"

Felippo Tommaso Marinetti. "Zang Tumb Tumb". *The futurists*.

Os futuristas propunham ainda a substituição da psicologia do homem (destruindo o eu na literatura) pela obsessão da matéria, a incorporação de novos objetos como temas de poesia: locomotivas, automóveis, aviões, navios a vapor, fábricas, multidões de trabalhadores. Um bom exemplo de texto futurista é "Ode Triunfal" de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, poeta modernista.

[...]

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
[...]

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fernando Pessoa. (Álvaro de Campos). "Ode triunfal". *Antologia poética de Fernando Pessoa*. São Paulo: Ediouro, 2004. p. 51-2.

No plano da linguagem verbal, os futuristas pregavam a destruição da sintaxe; empregavam os substantivos ao acaso; aboliram os adjetivos, os advérbios, os clichês e os elementos de comparação; e empregavam o verbo no infinitivo. Tais recursos estavam em sintonia com a ideia de movimento, energia, progresso.

Para muitos, o Futurismo é um meio de divulgação do Fascismo de Mussolini. O Futurismo e Fascismo tinham em comum o desprezo pela democracia e pelo Socialismo; o antifeminismo; e o caráter antiburguês.

Os quadros Futuristas apresentavam planos fragmentados e cores expandidas, nos quais as formas se repetiam, umas sobre as outras, para comunicar uma sensação de movimento contínuo, uma ideia de dinamismo.

O Futurismo procurava expressar o movimento real, registrando a velocidade descrita pelas figuras em movimento no espaço. O artista futurista não está interessado em pintar um automóvel, mas captar a forma artística, a velocidade.

carros: carruagens, carros (não motorizados); vagões de trem.

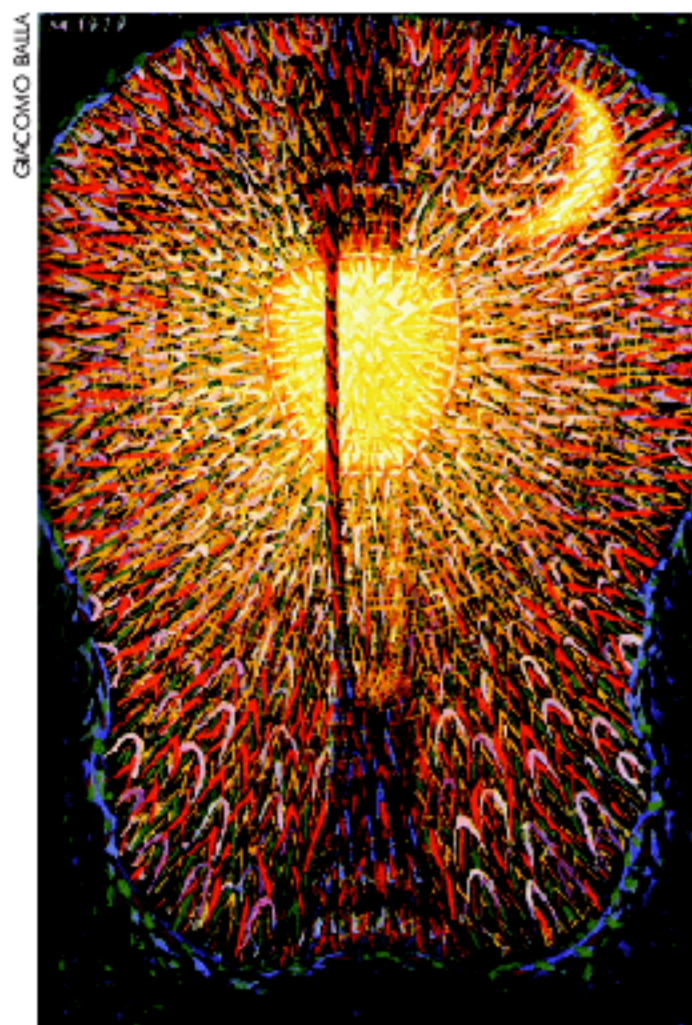


Fig. 73 Giacomo Balla. *Street Light*, c. 1910-11 (pintura datada de 1909). Óleo sobre tela. Museu de Arte Moderna, Nova York, Estados Unidos.

O teatro futurista, o *teatro sintético futurista* (1915), emprega em sua dramatização ações simultâneas que tomam o palco e a plateia, a chamada intervenção cênica (*Teatro da Surpresa*, 1922; e *Teatro Visionário*, 1929). O cinema (*Vida Futurista*, 1916) é visto como a nova forma de expressão artística que atenderia à necessidade de uma expressividade plural e múltipla. Destacam-se os filmes *Funerale dell'anarchista Galli* (Carrà, 1911), *Velocità astrata, l'auto è passato* (Balla, 1912), *Ballerina al Bal Tabarin* (Severini, 1913) e *Dinamismo di un Foot-baller* (Boccioni, 1913),

Revisando

Textos para as questões 1 e 2.

Texto 1



Richard Hamilton. *Just what is it that makes today's home so different, so appealing?* 1956. Colagem. Kunsthalle, Tübingen, Alemanha. ©DACS/ The Bridgeman Art Library.

Texto 2

A arte na década de 1960

Nos anos 60, predominou a arte pop, influenciando não somente quadros e pinturas, mas todo o estilo de vida. Os artistas *pop* (entre eles, Andy Warhol, Roy Lichtenstein, Jasper Johns e Robert Indiana) compartilham todos de uma utilização mais ou menos direta do nosso meio ambiente na realização de suas obras, sendo quase invariável a sua seleção de motivos recolhidos nos meios de comunicação de massa, o que justifica o epíteto *pop*.

A arte *pop* mais característica é essencialmente um produto da sociedade de vastos horizontes, sempre em mutação, da América. Como movimento, a arte *pop* não emergiu espontaneamente do povo, em qualquer país, nem constituiu uma fusão internacional de estilos. Seus padrões eram determinados por uma decisão de abordar o mundo contemporâneo com uma atitude mais positiva. Apesar dos aspectos carnavalescos, das cores orgíacas e da escala gigantesca, a alternativa da arte *pop* baseou-se claramente em um padrão adequado aos anos 1960, donde estavam excluídos o desagradável, o *nonsense*, o preciosismo, o refinamento. A arte *pop* é espontânea, direta e extrovertida.

Rodrigo Landulfo Rocha. *Arte Pop*. 18 set. 2004. Disponível em: <<http://amigonerd.net/trabalho/19244-arte-pop>>.

1 Extraia do texto em linguagem verbal três passagens teóricas que podem ser aplicadas à foto.

2 Extraia agora do texto 1 o tema; procure ser abstrato e genérico na colocação.

3 Leia o fragmento a seguir.

“... tentaram plasmar em suas pinturas a ideia de dinamismo, entendido como a deformação e desmaterialização por que passam os objetos e o espaço quando ocorre a ação.”

Disponível em: <<http://galeriadearte.vilabol.uol.com.br/HistoriadaArte/09/Sala09.htm>>.

O que se diz no texto é compatível com as ideias do:

- (a) Cubismo.
- (b) Futurismo.
- (c) Dadaísmo.
- (d) Surrealismo.
- (e) Expressionismo.

Texto para a questão 4.

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal sornidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.
[...]

Cesário Verde. “O sentimento de um Ocidental”. In: *O livro de Cesário Verde*. Ática, 1959. p. 101.

4 Em que medida o texto acima apresenta características impressionistas?

Exercícios propostos

1 Leia o texto a seguir.

Comeram um pedaço do meu p^o!

Explique a intenção do poeta ao tirar a vogal “a”.

2 Nos versos a seguir, Bandeira utilizou o *clôse* na linguagem verbal. Explique como isso ocorre.

[...]
Os girassóis

amarelo!

[...]

resistem.

3 Dê os acentos tônicos dos versos de Noel Rosa:

Quem é você que não sabe o que diz?
Meu Deus do céu, que palpíte infeliz!

4 Faça o mesmo em relação ao verso a seguir.

[...]
sou feiticeiro de nascença.

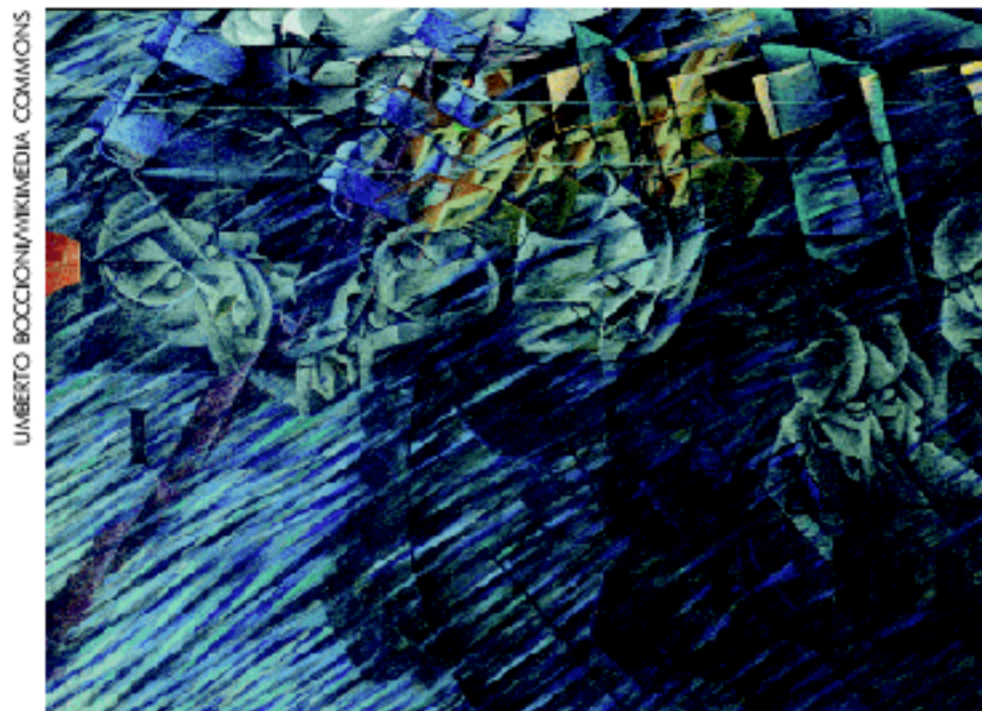
[...]

Torquato Neto. *Torquatália*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. p. 329.

5 Explique o jogo de palavras na frase a seguir e indique a figura de linguagem empregada.

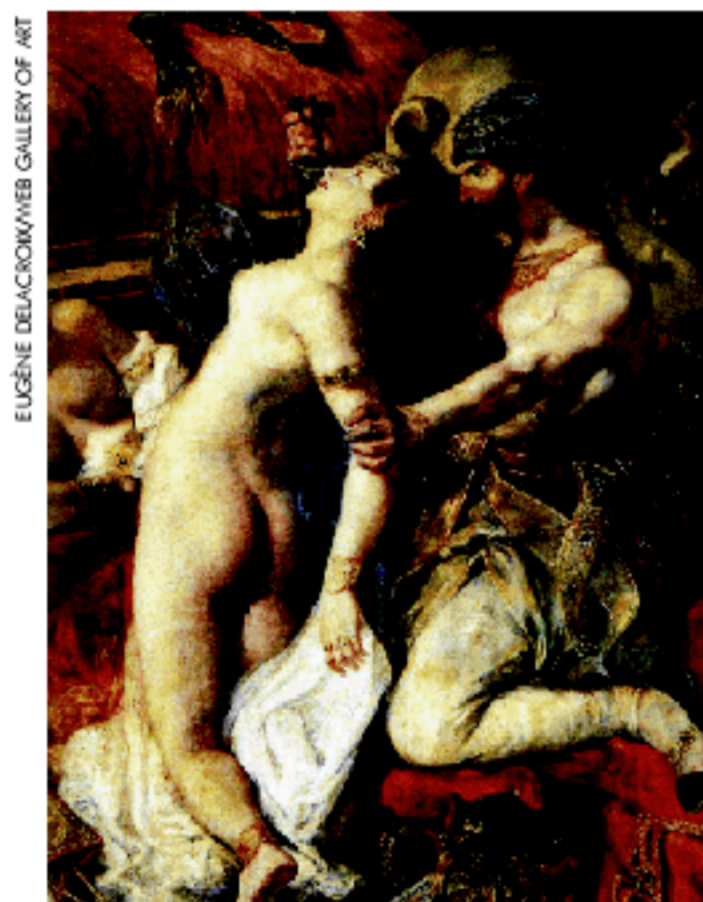
Comer e coçar, é só começar.

6 O texto a seguir é uma pintura futurista de Umberto Boccioni. Explique como o pintor transmitiu a ideia de velocidade no plano das formas.



UMBERTO BOCCIONI/WIKIMEDIA COMMONS

7 Comente, no plano das formas, o conteúdo emocional na obra de Delacroix, pintor romântico.



EUGÈNE DELACROIX/WEB GALLERY OF ART

Texto para as questões 8 e 9.



PABLO PICASSO

8 A decomposição e a geometrização das imagens no texto anterior é uma característica:

- (a) romântica.
- (b) cubista.
- (c) surrealista.
- (d) impressionista.
- (e) parnasiana.

9 Considere as seguintes afirmações, retiradas do livro *História da arte*, de E. H. Gombrich.

- I. [...] Abandonamos há muito a pretensão de que representamos as coisas tal como se apresentam aos nossos olhos [...]
- II. Não queremos fixar na tela a impressão imaginária de um momento fugaz. [...]
- III. É essa estranha e ímpar combinação de suavidade e precisão que torna inesquecíveis suas melhores pinturas. [...]

São compatíveis com a obra de Picasso:

- (a) I e II.
- (b) nenhuma.
- (c) II e III.
- (d) I e III.
- (e) todas.

10 Explique, na propaganda a seguir, a relação significante/significado.

D VASTAÇÃO DA C STA BRASIL IRA

11 Comente o uso da onomatopeia no texto a seguir e aponte a relação semântica estabelecida (de acordo com as ideias das orações adverbiais).

*Nova escova dental signal antiplaca.
É melhor prevenir do que bzzzzzzzzzzzz.*

12 Explique o jogo sonoro no anúncio a seguir.

*Chegou o samba que as mulheres vão cantar.
Cueca Mash. Samba jovem.*

13 Interprete o texto a seguir.

Paralização – a nossa visão. Quem consegue ver numa paralização somente um erro ortográfico é míope.

14 Enem



TARSILO DO AMARAL

Tarsila do Amaral. *Operários*, 1933. Óleo sobre tela. Acervo Artístico-cultural do Palácio do Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Desiguais na fisionomia, na cor e na raça, o que lhes assegura identidade peculiar, são iguais enquanto frente de trabalho. Num dos cantos, as chaminés das indústrias se alçam verticalmente. No mais, em todo o quadro, rostos colados, um ao lado do outro, em pirâmide que tende a se prolongar, infinitamente, como mercadoria que se acumula, pelo quadro afora.

Nádia Gotlib. *Tarsila do Amaral*, a modernista.

O texto aponta no quadro de Tarsila do Amaral um tema que também se encontra nos versos transcritos em:

(a) *Pensem nas meninas*

Cegas inexatas

Pensem nas mulheres

Rotas alteradas

Vinicius de Moraes.

(b) *Somos muitos Severinos*

iguais em tudo e na sina:

a de abrandar estas pedras

suando-se muito em cima,

João Cabral de Melo Neto.

(c) *O funcionário público*

não cabe no poema

com seu salário de fome

sua vida fechada

em arquivos.

Ferreira Gullar.

(d) *Não sou nada.*

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Fernando Pessoa.

(e) *Os inocentes do Leblon*

Não viram o navio entrar. [...]

Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoravam,

mas a areia é quente, e há um óleo suave

que eles passam nas costas, e aquecem.

Carlos Drummond de Andrade.

15 A leitura do poema “Descrição da guerra em Guernica” traz à lembrança o famoso quadro de Picasso.

Entra pela janela

o anjo camponês;

com a terceira luz na mão;

minucioso, habituado

aos interiores de cereal,

aos utensílios

que dormem na fuligem;

os seus olhos rurais

não compreendem bem os símbolos

desta colheita: hélices,

motores furiosos;

e estende mais o braço; planta

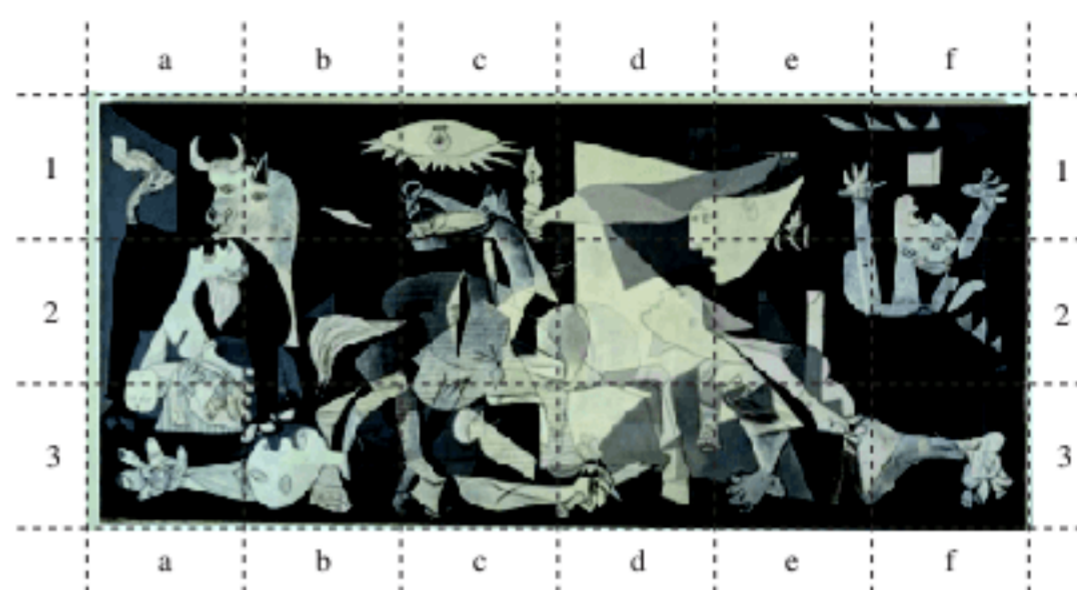
no ar, como uma árvore,

a chama do candeeiro.

[...]

Carlos de Oliveira. In: Eugénio Andrade. *Antologia pessoal da poesia portuguesa*. Porto: Campo das Letras, 1999.

Uma análise cuidadosa do quadro permite que se identifiquem as cenas referidas nos trechos do poema.



Pablo Picasso. *Guernica*, 1937. Óleo sobre tela. Museu do Prado, Madrid, Espanha.

Podem ser relacionadas ao texto lido as partes:

(a) a1, a2, a3.

(b) f1, e1, d1.

(c) e1, d1, c1.

(d) c1, c2, c3.

(e) e1, e2, e3.

16 Observe atentamente a figura abaixo.



Charles Allan Gilbert. *Tudo é vaidade*, 1892.

Observa-se no texto o emprego da:

(a) ambiguidade verbo-visual.

(b) onomatopeia.

(c) ambiguidade visual.

(d) aliteração.

(e) fragmentação cubista.

TEXTO COMPLEMENTAR

A produção do som e os tipos de afasia

1. O som

A produção de fonemas obedece ao seguinte percurso: o ar expelido pelos pulmões (via brônquios) penetra na traqueia e atinge a laringe; ao atravessar a glote (abertura entre duas pregas musculares das paredes superiores da laringe, conhecidas pelo nome de cordas vocais), encontra o primeiro obstáculo: a glote aberta ou fechada. Se relaxada, ele passa e produz articulações surdas; senão, sonoras. Ao sair da laringe, o fluxo de ar entra na cavidade faríngea (uma encruzilhada de duas vias de acesso ao exterior: o canal bucal e o nasal), na qual fica suspenso o véu palatino, que é capaz de obstruir, ou não, o acesso do ar na cavidade nasal. Quando o véu palatino se prende à parte posterior da faringe, temos os sons orais; quando abaixado, deixa livres as fossas nasais e orais, então, o ar se divide e produz sons nasais. Na cavidade bucal, outros órgãos influem: maxilares (arcada dentária), bochechas, lábios e língua.

2. Os tipos de afasia

- *Afasia motora*: priva o sujeito da fala, mas não lhe retira a capacidade de compreensão ou mesmo de leitura.
- *Afasia sensorial*: torna a fala incompreensível; a leitura impossível; e a emissão defeituosa corresponde a um distúrbio de ordem intelectual. Existem no cérebro zonas da linguagem, cuja destruição resulta na desorganização da função linguística.

Certos tipos de afasia afetam a capacidade que o indivíduo tem de combinar e selecionar as unidades linguísticas.

Observação: falar implica na seleção de certas entidades linguísticas; e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade [...] quem fala, seleciona palavras e as combina em frases de acordo com o sistema sintático de cada língua.

- *Distúrbio da similaridade*: afeta a capacidade de seleção e substituição; o contexto é indispensável e decisivo. Dando fragmentos de palavras ou frases à criança, esta as completa (capacidade reativa). Palavras-chave podem sumir ou ser substituídas por anafóricos abstratos. Substantivos como “coisa” substituem todos os inanimados.
- *Distúrbio da contiguidade*: dificuldade de combinar entidades linguísticas mais simples em unidades mais complexas. Perdem-se as regras sintáticas mais complexas (agramatismo, um monte de frases) para dar espaço a um estilo “telegráfico” (desaparecem as palavras de função puramente gramatical: conjunções, preposições, pronomes, artigos).
- *Afasia universal*: a perda total do poder de utilizar ou aprender a falar.

RESUMINDO

O texto apresenta dois grandes níveis:

- **nível de conteúdo**: relações de sentido.
- **nível de expressão (ou de manifestação)**: recursos gráficos, visuais, fonéticos, sintáticos, gestuais.

Signo

Tudo aquilo que possui um significante e um significado apresenta uma dupla face (a língua é um sistema de signos).

Significante

Trata-se da parte sensível; imagem acústica (fonema) ou imagem gráfica (letra).

Significado

É a parte ausente; o conteúdo.

Significação

Relação entre significante e significado.

Existência do signo

Fora da sociedade, os signos não existem.

Linguagem

A linguagem é um sistema de signos; a língua é uma das linguagens existentes.

Signo e o referente

O referente é a coisa em si.

Signo visual x signo verbal

O signo visual é universal e icônico (imagem); o signo verbal é arbitrário (muda de cultura para cultura) e não é icônico.

■ QUER SABER MAIS?

LIVRO

- Nietzsche. *Assim Falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

SITE

- <www.tarsiladoamaral.com.br>.

FILME

- *A lista de Schindler*, Steven Spielberg.

TEATRO

- Nelson Rodrigues. *Vestido de noiva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CHARGE

- Ique

Exercícios complementares

1 Fvest 2004 Compare o provérbio “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento” com a seguinte mensagem publicitária de um empreendimento imobiliário:

Por fora as mais belas árvores. Por dentro a melhor planta.

- Os recursos sonoros utilizados no provérbio mantêm-se na mensagem publicitária? Justifique sua resposta.
- Aponte o jogo de palavras que ocorre no texto publicitário, mas não no provérbio.

2 Vunesp Leia os textos a seguir.

Soneto

*Deserta a casa está... Entrei chorando,
De quarto em quarto, em busca de ilusões!
Por toda a parte as pálidas visões!
Por toda a parte as lágrimas falando!*

*Vejo meu pai na sala, caminhando,
Da luz da tarde aos tépidos clarões,
De minha mãe escuto as orações
Na alcova, aonde ajoelhei rezando.*

*Brincam minhas irmãs (doce lembrança!...),
Na sala de jantar... Ai! mocidade,
És tão veloz, e o tempo não descansa!*

*Oh! sonhos, sonhos meus de claridade!
Como é tardia a última esperança!...
Meu Deus, como é tamanha esta saudade!...*

José Bonifácio, o “Moço”. *Poesias*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962. p. 247.

Visita à casa paterna

*Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quis também rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo:*

*Entreí. Um Gênio carinhoso e amigo,
O fantasma, talvez, do amor materno,
Tomou-me as mãos, — olhou-me, grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.*

*Era esta a sala... (Oh! se me lembro! e quanto!)
Em que da luz noturna à claridade,
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto*

*Jorrou-me em ondas... Resistir quem há-de?
Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.*

Luís Guimarães Junior. *Sonetos e Rimas*.

Em nota de rodapé ao “Soneto”, de José Bonifácio, o “Moço”, os organizadores da edição mencionada, Alfredo Bosi e Nilo Scalzo, fazem o seguinte comentário: “Talvez tenha-se inspirado neste soneto o parnasiano Luiz Guimarães, ao compor o famoso ‘Visita à casa paterna’”. Releia os poemas atentamente e, em seguida:

- enuncie o tema comum aos dois textos.
- indique dois aspectos da forma poética (versificação, rimas, estrofes) em que haja identidade entre os dois poemas.

3 AFA Leia atentamente o trecho a seguir, de Oswald de Andrade.

E tia Gabriela sogra grasnadeira grasnou graves grossas de infâmias.

Oswald de Andrade. “Mobilização”. *Memórias sentimentais de João Miramar*.

Trata-se de um texto literário porque:

- (a) o plano da expressão (sons) articula-se com o plano do conteúdo, contribuindo para a significação global.
- (b) o plano do conteúdo prevalece, priorizando, assim, o que se diz, em vez de o modo como se diz.
- (c) é possível fazer um resumo do texto, sem perder o essencial em nenhum dos planos.
- (d) o uso estético da linguagem é sacrificado em função de uma abordagem mais denotativa.

4 Uerj Leia o texto a seguir.

[...]
 Engenho de febre
 Sono e lembrança
 Que arma
 E desarma minha morte
 Em armadura de treva.

Armando Freitas Filho. Disponível em: <http://geocities.yahoo.com.br/jerusalem_13/armandofreitasfilho.html>.

A ausência de pontuação nessa estrofe pode nos levar a diferentes leituras do texto.

A única interpretação incoerente desse trecho é apresentada em:

- (a) Engenho de febre e de sono, e lembrança que arma e desarma minha morte em armadura de treva.
- (b) Engenho de febre, de sono e de lembrança, a qual arma e desarma minha morte em armadura de treva.
- (c) Engenho de febre, de sono e de lembrança, o qual arma e desarma minha morte em armadura de treva.
- (d) Engenho de febre, engenho que é sono e lembrança, e que arma e desarma minha morte em armadura de treva.

5 ITA Leia o texto a seguir.

Do interior da floresta, no alto das montanhas, em pequenos grotões cercados de muito verde, a água cristalina brota da terra e vai buscando seu caminho por entre as pedras. Ao unir-se às águas de outras nascentes, o filete dessa água cristalina vai se transformando em riachos, córregos e rios. Descendo a serra em busca do mar, rumo à planície litorânea, as águas vão esculpindo as rochas, formando corredeiras e se lançando pelos vales em cachoeiras que formam os mais belos cenários da Mata Atlântica com suas piscinas naturais.

Folheto do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo de Santa Virgínia.

A descrição no texto apresenta uma paisagem que parece estar em movimento. Esse movimento é construído basicamente pelo emprego de:

- (a) adjetivos.
- (b) locuções adverbiais.
- (c) substantivos que designam elementos da natureza.
- (d) preposições.
- (e) locuções verbais com gerúndio.

Texto para as questões 6 e 7.

A cidade sitiada (1949)

O subúrbio de S. Geraldo, no ano de 192..., já misturava ao cheiro de estrebaria algum progresso. Quanto mais fábricas se abriam nos arredores, mais o subúrbio se erguia em vida própria sem que os habitantes pudessem dizer que transformação os atingia. Os movimentos já se haviam congestionado e não se poderia atravessar uma rua sem desviar-se de uma carroça que os cavalos vagarosos puxavam, enquanto um automóvel impaciente buzina atrás lançando fumaça. Mesmo os crepúsculos eram agora enfumaçados e sanguinolentos. De manhã, entre os caminhões que pediam passagem para a nova usina, transportando madeira e ferro, as cestas de peixe se espalhavam pela calçada, vindas através da noite de centros maiores. Dos sobrados desciam mulheres despenteadas com panelas, os peixes eram pesados quase na mão, enquanto vendedores em manga de camisa gritavam os preços. E quando sobre o alegre movimento da manhã sopra o vento fresco e perturbador, dir-se-ia que a população inteira se preparava para um embarque.

Ao pôr do sol galos invisíveis ainda cocoricavam. E misturando-se ainda à poeira metálica das fábricas o cheiro das vacas nutria o entardecer. Mas de noite, com as ruas subitamente desertas, já se respirava o silêncio com desassossego, como numa cidade; e nos andares piscando de luz todos pareciam estar sentados. As noites cheiravam a estrume e eram frescas. Às vezes chovia.

Clarice Lispector. *A Cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

6 No texto, o crescimento de um subúrbio é representado como uma força que se impõe aos habitantes.

Transcreva duas orações que, apresentando como núcleo do sujeito um substantivo referente a um ser humano, confirmam essa perspectiva.

7 Ao longo do texto, percebe-se o uso sistemático do pretérito imperfeito do indicativo (... misturava... abriam... erguia... atingia... haviam... puxavam...). Que relação existe entre o emprego desse tempo verbal e o crescimento do subúrbio?

Texto para a questão 8.

O seu último truque intelectual era este do clássico. [...] O processo era simples: escrevia de modo comum, com as palavras e o jeito de hoje, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e substituía incomodar por molestar, ao redor por derredor, isto por esto, quão grande ou tão grande por quamanho, sarapintava tudo de ao invés, empós, e assim obtinha o seu estilo clássico que começava a causar admiração aos seus pares e ao público em geral.

Lima Barreto. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

8 Considere as seguintes afirmações.

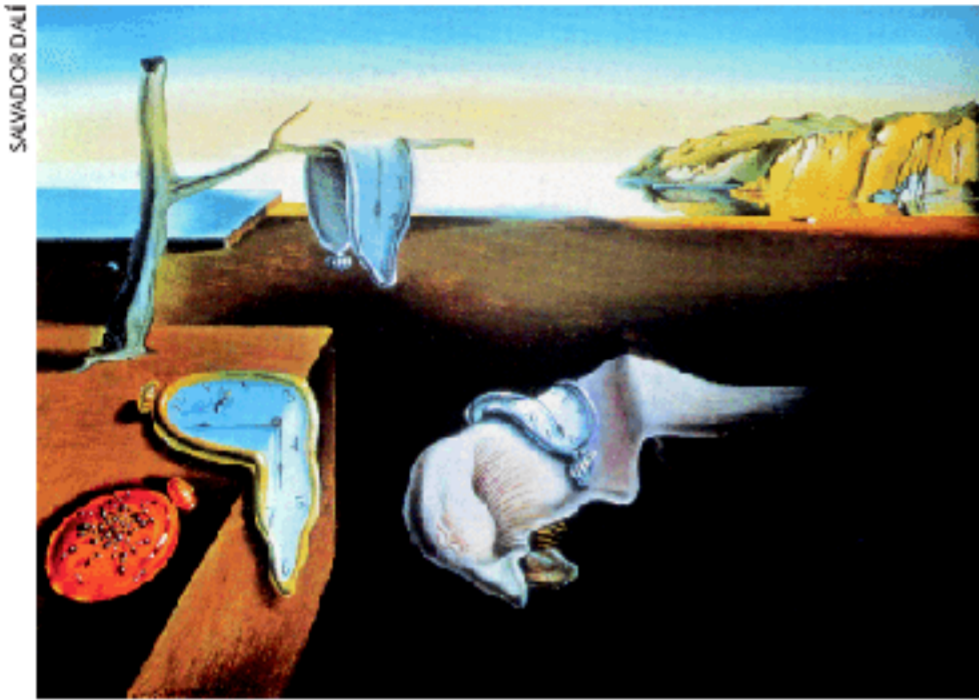
- I. O texto enfatiza o nível do conteúdo, ressaltando a maneira como o escritor compunha o texto. As substituições propostas remetem a uma linguagem culta.
- II. O texto possui um caráter metalinguístico, uma vez que se explora o código por meio do código.
- III. Há uma preocupação formalista quando se diz “assim obtinha o seu estilo clássico”.

IV. O texto possui alto teor subjetivo, os juízos de valor e as figuras de linguagem são abundantes.

Estão corretas:

- (a) apenas I, II e IV. (d) apenas II, III e IV.
(b) apenas II e III. (e) todas.
(c) apenas I, II e III.

9 Veja a figura a seguir.



Salvador Dalí. *Persistência da Memória*, 1931. Óleo sobre tela. Museu de Arte Moderna, Nova York, Estados Unidos.

Assinale a alternativa que não se relaciona com o quadro.

- (a) A atitude realista é fruto da mediocridade, do ódio e da presunção rasteira. É dela que nascem os livros que insultam a inteligência.
(b) A mania incurável de reduzir o desconhecido ao conhecido, ao classificável, só serve para entorpecer cérebros.
(c) Hoje em dia, os métodos da Lógica só servem para resolver problemas secundários.
(d) A extrema diferença de importância que, aos olhos do observador ordinário, têm os acontecimentos de vigília e os do sono sempre me encheu de espanto. [...] Talvez o meu sonho da noite passada tenha dado prosseguimento ao da noite anterior e continue na próxima noite com rigor meritório.
(e) Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, a bofetada e o sopapo.

Texto para as questões 10 e 11.



Candido Portinari. *Criança Morta*. 1944. Óleo sobre tela. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil.

10 O quadro anterior é de Candido Portinari, um dos principais nomes da pintura nacional e internacional; em relação a essa obra do pintor, pode-se afirmar que:

- I. o tema do sofrimento humano está presente em vários níveis: nos traços no visual das personagens, assim como no tempo e no espaço em que estas estão inseridas.
II. há uma interação de linguagens: o verbal e o visual se complementam, formando um todo significativo.
III. apesar de o quadro transmitir uma mensagem (há uma denúncia social), não pode ser considerado um texto, pois não há palavras.
IV. o contexto em que as personagens estão inseridas denota aridez, precariedade e volúpia.

Estão corretas:

- (a) apenas I, III e IV. (d) apenas I e IV.
(b) apenas II, III e IV. (e) apenas I.
(c) apenas I e II.

11 Utilizando o seu conhecimento de mundo, assinale a alternativa que aponta para um autor que desenvolveu o tema presente no quadro de Portinari.

- (a) Casimiro de Abreu. (d) Graciliano Ramos.
(b) Gregório de Matos. (e) Eça de Queirós.
(c) Fernando Pessoa.

Texto para a questão 12.



René Magritte. *Os amantes*, 1928. Óleo sobre tela. National Gallery of Australia, Austrália.

12 Explique em quatro linhas, aproximadamente, o significado do quadro de Magritte, analisando os elementos presentes. Procure abstraí-los, de modo que possamos chegar a uma interpretação.

Implícitos, ambiguidade e semântica

9

UOL, 5 abr. 2009.



A charge de Angeli trabalha com significados implícitos, a placa “passa-se o ponto” e a imagem dos comércios ligados ao mundo do entretenimento deixam entrever a opinião do autor sobre o ensino no Brasil: a educação está perdendo espaço para o universo dos jogos eletrônicos e para outras formas de diversão (“Cyber Café”).

A charge faz, pois, uma reflexão sobre o ensino, um dos temas mais importantes para a vida do brasileiro. Sabe-se que o ensino público e parte do privado não atendem o padrão de qualidade que uma escola precisa ter. É preciso repensar o ensino, levando em conta a dura competição do mundo do entretenimento.

Introdução

Este capítulo tem por objetivo trabalhar a ambiguidade, os implícitos e alguns aspectos da semântica. Como afirma Maingueneau, “dizer nem sempre é dizer explicitamente, a atividade discursiva entrelaça constantemente o dito e o não dito” (*Pragmática para o discurso literário*). É preciso perceber o que foi dito nas entrelinhas, muitas vezes o autor enuncia o explícito para passar o implícito. Veja, por exemplo, o texto a seguir:

EU GOSTO DE VOCÊ

O casal inglês, daqueles que conversam pouco mesmo, está na sala, depois do jantar. Ela vidrada na TV e ele lendo seu jornalzinho, quieto, lá num canto da poltrona. De repente, ela volta-se para ele e pergunta:

– Meu bem, você gosta mais de mulher bonita ou inteligente?

E ele, distraído, sem tirar os olhos do jornal:

– Nem de uma coisa, nem de outra, querida. Você sabe que gosto mesmo é de você.

Almanaque de piadas.

Na fala do marido, “Nem de uma coisa, nem de outra, querida. Você sabe que gosto mesmo é de você.”, há uma ideia implícita: o fato de ele achar que a mulher não é nem inteligente nem bonita; ou seja, o explícito serve para passar um implícito. Trata-se de uma visão de mundo machista, pois, questionando uma competência feminina, coloca-se em posição de superioridade.

No discurso literário, o implícito aparece na relação que se estabelece entre a obra e seu destinatário. Ao ler uma obra de Machado de Assis, um conto ou um romance, pergunta-se: que mensagem o autor quis passar ao escrever esta obra? Procedendo dessa maneira, o destinatário está, na realidade, à procura do implícito; como diz o autor de *Pragmática para o discurso literário*, “qualquer obra que figura no *corpus* da Literatura leva seu leitor a perseguir o implícito”.

Implícito: pressuposto

Segundo Diana Luz Pessoa de Barros, linguista da USP, “o ato de pressupor um conteúdo consiste em situá-lo como já conhecido do enunciatário e em apresentá-lo como fundo comum, no interior do qual o discurso deve prosseguir”. Se afirmo “Maria continua bonita.”, parto de um pressuposto de que meu interlocutor concorda com o fato de que Maria era bonita, ao mesmo tempo em que digo que ela é bonita. Se meu interlocutor não aceitar o pressuposto (o fato de que ela era bonita), a conversa não evolui. Por vezes, o emprego do pressuposto pode ser instrumento de manipulação, o enunciatário coloca como pressuposto uma mentira:

– Ontem, vi o professor de História e sua amante no cinema.

Imaginemos que o interlocutor (pessoa a quem o enunciatário se dirige) não tenha a informação de que o professor de História possuía uma amante, apenas de que o mestre era casado com a professora de Geografia. O enunciatário colocou o fato de o professor ter uma amante como pressuposto, como se aquele soubesse. Com isso, o enunciatário livra-se da alcunha de fofocheiro, tagarela.

Observe este outro exemplo:

– O progresso da nação deve ser visto com cautela, meu jovem.

No diálogo anterior, o enunciatário coloca como pressuposto o fato de que a nação está progredindo, o que pode não estar ocorrendo. Na realidade, o pressuposto, a nação progredir, seria garantido por um sujeito indefinido, que não se sabe exatamente quem é. Como diz Diana, “todo ato de pressupor implica presumir e, de alguma forma, impor a adesão do enunciatário [receptor]”. Ou como afirma Ducrot: “dizer que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar [...] a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de X”.

Maingueneau ressalta também a importância do pressuposto para a construção da coerência textual. Para progredir, diz o linguista, um texto se vale de uma informação posta que converte depois em pressuposto. Ou seja, as informações iniciais servirão de pressupostos para as informações posteriores. Se o pressuposto não está nas informações iniciais, ele pode aparecer como uma informação já admitida pelo interlocutor (conhecimento de mundo). Dito de outro modo, se, como enunciatário, redijo um texto acerca das soluções para a crise energética por que passa o país, estabeleço o pressuposto de que meu leitor já está a par do assunto (o país vive uma crise energética).

Maingueneau, em seu livro *Pragmática para o discurso literário*, enumera alguns recursos linguísticos em que se apoiam os pressupostos:

- **Verbos factivos** (pressupõem a verdade) **ou contrafactivos** (pressupõem a mentira):
João sabe que Lia saiu. → pressupõe que seja verdade que Lia saiu.
João imagina que Lia saiu. → pressupõe que é mentira.
- **Verbos subjetivos** (implicam um julgamento de valor):
João confessou que desviara a verba. → pressupõe que João é culpado.
- **Verbos ou marcadores aspectuais** (pressupõem que anteriormente havia um processo):
João parou de falar. → pressupõe que João falava anteriormente.
- **Nominalizações** (expressões sem verbo):
O sofrimento de João abala a família. → pressupõe que João sofre.
- **Descrições definidas** (pressupõem a existência de um referente correspondente):
O tio de João morreu. → pressupõe que João tinha um tio.
- **Epítetos não restritivos** (pressupõem que a qualidade era conhecida):
O jornal fez referência à duvidosa honestidade do deputado. → pressupõe que a honestidade era duvidosa.

• **Interrogativas parciais:**

Quando João foi ao teatro? → pressupõe que João foi ao teatro.

• **Construções clivadas (uso de relativos):**

É João quem dorme na sala? → pressupõe que há alguém na sala.

Implícito: subentendido

Segundo Diana Luz Pessoa de Barros, em *Teoria do discurso*, “no caso da pressuposição, o enunciador pode sempre atribuir o conteúdo pressuposto ao ‘senso comum’, a fatos conhecidos de todos e pelos quais ninguém responde; no [caso] do subentendido, a forma implícita de dizer faz a responsabilidade recair sobre o enunciatário [receptor], podendo o enunciador afirmar, em qualquer tempo, que não foi ele quem disse, mas o outro quem assim interpretou”. Veja o exemplo a seguir:

- O que você achou do filme?
- O final é bom.

Quando o interlocutor diz que “o final é bom”, deixa subentendido que o restante não o é. Leia agora o seguinte trecho extraído do livro de Dominique Maingueneau:

Em *A ilha dos escravos de Marivaux, Iphicrate e seu escravo, Arlequim, desembarcam numa região onde são os escravos que dão as ordens a seus senhores. Iphicrate continua, contudo, comportando-se como antes:*

IPHICRATE: Acompanha-me, vamos!
 ARLEQUIM (assobio): hu! hu! hu!
 IPHICRATE: Como! O que queres dizer?
 ARLEQUIM (distraindo, canta): tra-lá-lá-lá-lá!

Arlequim quer fazer Iphicrate compreender que ele não é mais seu escravo. Em vez de lhe dizer explicitamente, recorre a uma estratégia de subentendido. Viola abertamente as regras de conversação, pois assobia ou canta em vez de responder, agindo como se não tivesse ouvido. Iphicrate seria, desse modo, levado a construir uma hipótese capaz de conciliar o postulado de que Arlequim respeita essas máximas e o fato de que aqui ele as transgride. Essa hipótese é que Arlequim quer lhe fazer deduzir um subentendido: “não sou mais teu escravo”.

Pragmática para um discurso literário, p. 106.

O subentendido é inferido de um contexto singular e sua existência é sempre incerta; já o pressuposto é estável; o primeiro está ligado à enunciação (o enunciatário participa da interpretação), o segundo, à frase (inscrito no enunciado). Para ilustrar essa diferença, Maingueneau dá o seguinte exemplo:

- A: Estou procurando alguém para consertar meu carro.
 B: Meu irmão está em casa.
 A: Mas ele está sempre tão ocupado!

Pressuposto: B tem um irmão (inscrito no enunciado).

Subentendido: B propõe a A empregar seu irmão (conteúdo inferido a partir de um raciocínio).

Para H.P. Grice, filósofo da linguagem, a atividade discursiva supõe uma cooperação de seus participantes, que devem seguir um certo número de regras de conversação. O enunciador do subentendido pode transgredir uma dessas regras para passar um conteúdo implícito, o subentendido. Por exemplo:



Fig. 1 Subentendido.

Uma das leis da conversação é a de que para toda pergunta há uma resposta. Juliana não dá a resposta a Daniel, com isso, deixa um subentendido: ela não quer encontrá-lo depois da aula do Renato. Ela quebra uma lei da conversação. Observe agora o exemplo a seguir:



Fig. 2 Avaliação parcial.

Bianca transgride uma lei da conversação (lei da exaustividade) no momento em que faz uma avaliação parcial; o emissor do primeiro diálogo espera que Bianca esgote as informações acerca do visual, mas Bianca faz uma avaliação parcial, cita apenas o botão, o que gera o subentendido.

Para finalizar, eis as palavras de Maingueneau sobre os implícitos:

O julgamento sobre o manejo do implícito é, aliás, ambíguo. Pode-se nele ver tanto uma recusa da franqueza quanto uma marca de delicadeza, tanto uma falta de vontade de convívio quanto uma extrema vontade de convívio.

Ambiguidade

Ambiguidade – latim *ambiguu(m)*, ambíguo, que apresenta duas faces, dois sentidos.

O vocábulo “ambiguidade”, ou anfibologia (Grego *amphibologia*, discurso ambíguo), emprega-se em Gramática para designar os equívocos de sentido provenientes de construção defeituosa da frase ou do uso de termos impróprios. Em crítica literária, a palavra foi introduzida por William Empson: [em seu livro *Seven types of ambiguity*, publicado em 1930] a seu ver, ambiguidade consiste em “toda nuance verbal, posta ligeira, que dê lugar a diferentes reações ao mesmo fragmento de linguagem”. [...]

Em razão do sentido pejorativo que o vocábulo “ambiguidade” pode adquirir (“dúbio” e cognatos), seria de preferir ambivalência, polivalência, plurivocidade, multivocidade, ou, conforme sugere Wheelwright (1964:61), plurissignificação: “um símbolo expressivo tende, em qualquer circunstância da sua realização, a conter mais de uma referência legítima, de tal forma que seu sentido exato se torna a tensão entre duas ou mais direções de carga semântica”.

Em oposição ao “discurso científico”, que se caracteriza pela univalência dos signos, o caráter ambíguo ou múltiplo do texto literário, sobretudo o poético, decorre necessariamente de encerrar uma linguagem por excelência metafórica. De onde a vizinhança da ambiguidade com a metáfora, a conotação, a ironia e termos afins. [...]

M. Moisés. *Dicionário de termos literários*. 12 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 19.

Há mecanismos linguísticos e visuais que desencadeiam a ambiguidade. É interessante que o usuário da língua os conheça para que não seja levado ao erro.

Pronome pessoal

No carnaval, no mesmo dia, o vizinho bateu o carro na zona norte e o seu irmão mais velho foi atropelado na zona sul. Por quê? Porque **ele** não foi prudente.

O pronome pessoal **ele** pode referir-se a vizinho ou a irmão.

Pronome relativo

Avizinha do chefe, **que** estava muito doente, ligou para o escritório. O relativo **que** pode recuperar vizinha ou chefe.

Pronome possessivo

Os assessores do presidente comunicaram a **sua** demissão. O pronome **sua** pode se referir a assessores ou a presidente.

Elipse

O rapaz foi maltratado pelo pai inúmeras vezes, sempre de maneira muito cruel. O vizinho, um alemão de dois metros de altura e com forte sotaque, sabia do fato, mas não denunciava às autoridades, pois temia uma reação violenta do pai, uma pessoa imprevisível. Certa vez, em pleno carnaval, discutiram de maneira tão violenta, que uma viatura da polícia que passava pelo local chegou a intervir. Dois anos depois, o rapaz, cansado de tanta briga, fugiu de casa. Não se obteve mais notícia do filho.

Quem discutiu, o vizinho e o pai ou o pai e o filho? (elipse do sujeito de discutir).

Ordem das palavras

Encontrei um sapato de menino **muito feio**.

Em outra ordem, teríamos: Encontrei um sapato **muito feio** de menino.

Artigo definido sem o contexto

A mulher é pura emoção.

Trata-se da classe das mulheres, ou de uma em particular (o artigo como anafórico)? Em “Mulher é pura emoção”, teríamos a classe; em “A mulher do vizinho é pura emoção”, teríamos o indivíduo (com o acréscimo do adjunto adnominal).

Léxico (vocabulário se insere em dois campos semânticos)

– Tu precisas de um lenço, meu filho! Enfia na **testa**, criatura de Deus!

O termo **testa** pode ser cabeça ou consciência.

Ambiguidade verbo-visual

A expressão **na rua**, associada à imagem, pode significar carnaval de rua ou demissão de trabalhadores.

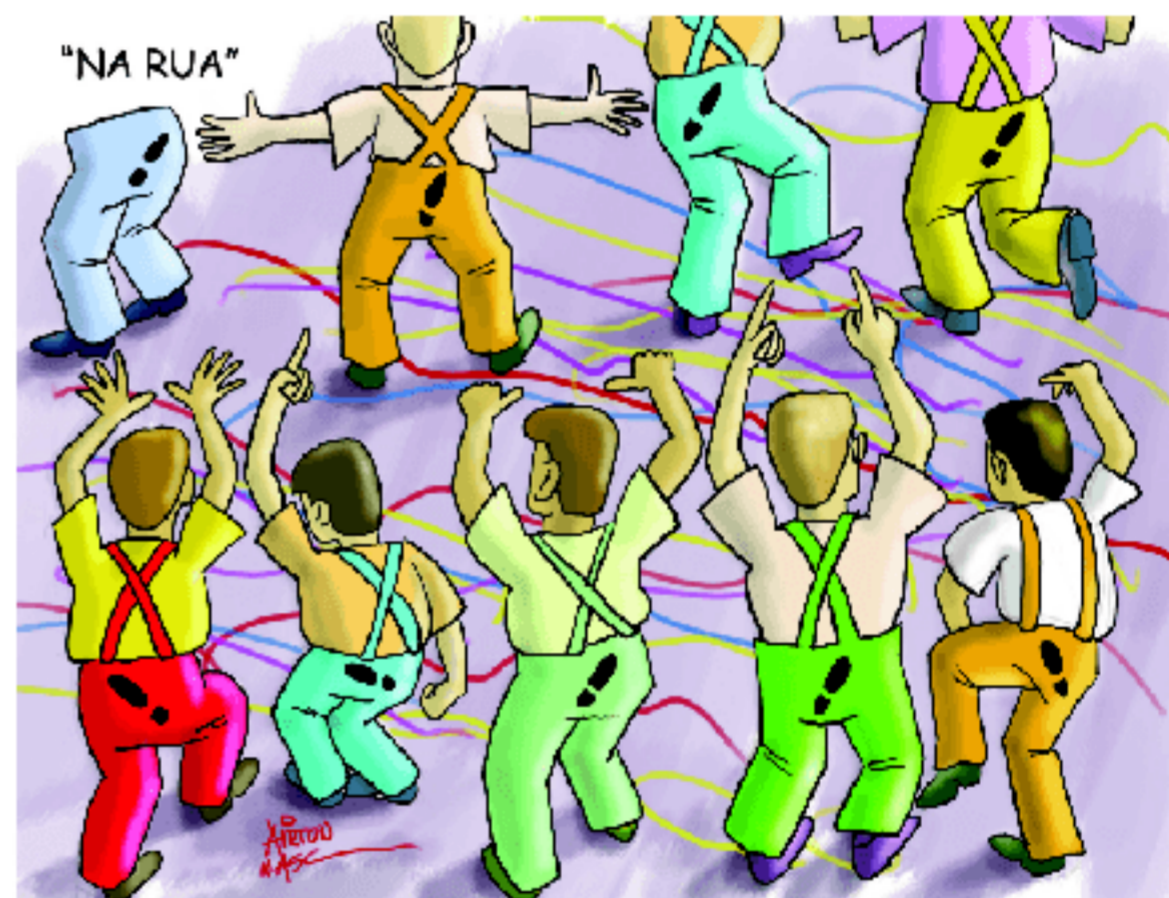


Fig. 3 Ambiguidade verbo-visual.

Ambiguidade visual

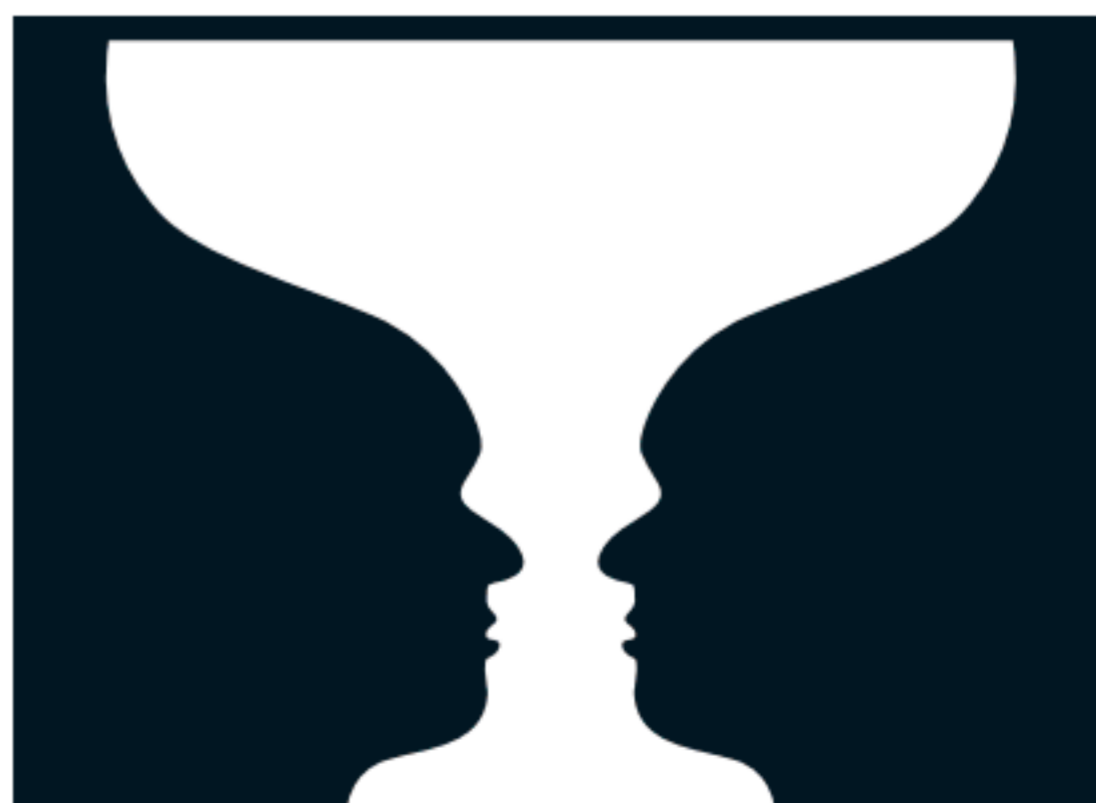


Fig. 4 Ambiguidade visual.

A imagem remete a um só tempo a uma taça e a dois rostos.

Ambiguidade obtida por meio da paronomásia (trocadilho)

Um bêbado chega num bar e pergunta:

– Você poderia me vender uma pinga fiada?

O dono do bar responde:

– Tá vendo aquele cara bem forte e alto, é o seguinte, de tanto ele malhar seu pescoço ficou pequeno, e quem chama ele de pescossim, leva uma baita surra; se você chamar ele de pescossim eu te vendo fiado por um ano!

O bêbado chega até a mesa, dá uma batida nas costas do cara e diz:

– Meu amigo, como vai?

– Mas eu nem te conheço.

– A gente pesco junto!

– Não pesco não!!

– Pesco sim!!!!

O termo **Pescossim** é nome próprio, mas se pronunciado pausadamente remete à frase “pescou, sim”.

Semântica

A Semântica tem por objetivo estudar o sentido das palavras em uma determinada língua. O usuário da língua emprega palavras e as ordena com o intuito de construir um sentido. Cabe à Semântica avaliar essa construção de ideias.

Polissemia (do Grego *poli*, “muitos”, e *sema*, “significado”)

Propriedade que uma palavra possui de apresentar diferentes sentidos. Um exemplo de vocábulo polissêmico é LETRA, que possui no mínimo três sentidos:

1. sinal gráfico do alfabeto;
2. texto de uma canção;
3. título de crédito.

Todos os significados estão relacionados à escrita. Se isso não acontecer, teremos um caso de homonímia e não polissemia, por exemplo, manga de camisa e manga (fruta); a fruta origina-se do malaio *manga*, enquanto a parte da vestimenta, do latim *manica*. Veja os exemplos a seguir:

Exemplo 1:

Coloque-se na **posição** correta para a foto. (postura física)

Gostou da **posição** dos móveis? (local)

Felipe atingiu uma boa **posição** na sociedade. (situação econômica)

Esta é a minha **posição**. (opinião)

Exemplo 2:

Rompeu a roupa no arame farpado. (rasgou)

Romper um segredo. (revelar)

Romperam as músicas! (princiaram)

O senador **rompeu** com o governo. (brigou com, desligou-se de)

A cavalaria **romperá** as hostes inimigas. (destroçará)

Subcategoria da polissemia

Pode haver uma focalização maior em uma parte dos sentidos contidos na palavra, nesse caso teremos uma subcategoria da polissemia. Veja o exemplo da palavra escola:

- A firma do meu pai construiu esta **escola**. (estrutura física)
- A **escola** de Daniel venceu o campeonato de futebol no ano passado. (grupo de pessoas participantes)

Nos dois casos, temos a referência à escola, como instituição escolar, mas o sentido muda.

Novo significado

As palavras assumem no decorrer do tempo novos significados; isso se dá principalmente por meio de mecanismos metafóricos (analogia) ou metonímicos (implicação). Veja o texto a seguir, a palavra *impeachment* assumiu outros significados na boca do povo depois de Collor ter sido deposto do governo (a palavra estava na mídia, o que fez com que ela fosse empregada com muita recorrência).

[...] E esse tal de impíxima, dotô, que tão querendo botá pra cima dele? É alguma mandinga?

– Não, Félix, Impeachment quer dizer impedimento, como no futebol.

– E por que ficam chamando impedimento de impíxima? Tudo hoje é impíxima. Impíxima pra lá. Impíxima pra cá. Todo mundo só fala nisso [...]. [...] fui na vendinha tomei umas duas. Deu vontade de ir no banheiro, mas não pude porque o banheiro tava cheio de impíxima até a boca [...].

Carlos Eugênio Junqueira Ayres. “O Impíxima”.
A Tarde (Salvador), edição de 5 set. 1992.

O sentido e a história da palavra

Para que você tenha uma ideia de como a língua é dinâmica, veja a origem da palavra moeda:

Do latim *moneta*, derivada do verbo *monere* (“avisar, aconselhar, lembrar”) – da mesma família, portanto, de monumento (“o que deve ser lembrado”) e de premonição (“aviso prévio de que algo vai acontecer”). *Moneta* (“a que avisa”) era um dos nomes dados à deusa *Juno*, porque os romanos acreditavam que ela os havia advertido várias vezes da iminência de desastres militares e de catástrofes da natureza. No grande templo dedicado a *Juno Moneta*, que se erguia no Capitólio, foi instalada uma casa de cunhagem de dinheiro metálico, que logo passou a ser designado de *moneta*. Daí vieram *moeda* e *monetário* (port.), *moneda* (esp.), *moneta* (it.), *monnaie* (fr.) e *money* (ing.).

Cláudio Moreno. *Sua língua*. Disponível em: <http://198.106.73.59/02/02_vocabulos_dinheiro.htm>.

Carga tímica: negativo (–), positivo (+) e neutro

As palavras possuem uma carga positiva, negativa ou neutra; a escolha depende basicamente de dois fatores:

A visão de mundo

Visão de mundo é a maneira como se concebe a realidade. A ideologia do enunciador interfere diretamente na escolha das palavras; para os anarquistas, por exemplo, o vocábulo “anarquismo” é visto de forma positiva; já para os que não são, pode ser sinônimo de bagunça, assumindo uma carga negativa.

O repertório

O emprego das palavras depende também do vocabulário do enunciador, a pobreza vocabular pode, em muitos casos, tornar o positivo negativo (uso da variante coloquial no lugar da culta.)

Foi ao casamento. (+)

Foi ao casório (-)

Revisando

De 1 a 4, traduza o sentido da palavra “grave”.

1 Doença grave.

2 Voz grave.

3 Vocábulo grave.

4 Homem de aspecto grave.

5 O que fica implícito na charge?

6 Qual palavra dispara esse implícito?

7 Leia a piada a seguir.

No consultório:

- Doutor, todas as noites eu vejo crocodilos azuis.
- Você já viu um psicólogo?
- Não, não. Só crocodilos azuis.

Explique como o humor é construído.

Texto para as questões 5 e 6.



Cortesia de Gersus. Disponível em: <www.gersus.com.br>.

Texto para a questão 8.

Ninguém: Que mais buscas?
Todo o Mundo: Lisonjear.
Ninguém: Eu sou todo desengano.
Belzebu: Escreve, ande lá, mano.
Dinato: Que me mandas assentar?
Belzebu: Põe aí mui declarado,
não te fique no tinteiro
Todo o mundo é lisonjeiro,
e ninguém desengano.

8 Dê os significados de “ninguém” e a respectiva classe gramatical.

Exercícios propostos

1 ITA O Nordeste se rende ao hábito de tomar café expresso. A região é a nova aposta das redes de cafeterias para expandir sua atuação no mercado nacional. Só este ano, a expectativa é que pelo menos mais 11 franquias sejam inauguradas nas principais capitais nordestinas. [...] O mito de que o café é um hábito dos paulistas começa a ser quebrado no Nordeste. Um bom indicador é o consumo per capita, que em âmbito nacional chega a 3,4 quilos por habitante/ano, contra um índice de 3,2 quilos na região.

Adriana Guarda. *Gazeta Mercantil*, 12 mar. 2003.

Sobre o texto, é possível afirmar que:

- a inauguração de 11 franquias em capitais nordestinas é algo certo.
- a região Nordeste é ainda inexplorada como consumidora de café.
- não há mais o mito de que tomar café seja um hábito apenas dos paulistas.
- no texto, a palavra **aposta** envolve a ideia de **desafio**.
- as expressões **se rende** e **começa a ser quebrado** se equivalem em significado.

2 Mackenzie Assinale a alternativa correta, relativa à tira a seguir.



Folha de S.Paulo, 22 maio 2000.

- A imobilidade do corpo é reforçada pela do olhar.
- Em seus pensamentos, o personagem apenas reflete sobre os outros.
- O problema-chave é exposto nos questionamentos do segundo quadro.
- O terceiro quadro subentende uma limitação imposta pelo excesso de peso.
- A pergunta do último quadro tem a resposta implícita na pequenez dos pés.

3 ITA Leia o seguinte texto:

- Toma outra xícara, meia xícara só.
- E papai?
- Eu mando vir mais; anda, bebe!

Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino.

- Papai! papai! exclamava Ezequiel.
- Não, não, eu não sou teu pai!

Machado de Assis. *Dom Casmurro*. 27 ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 173.

A cena criada por Machado de Assis está relacionada a:

- abuso de autoridade paterna.
- excesso de carinho paterno.
- reflexo de conflito interior.
- violenta rejeição à criança.
- cuidado com a alimentação da criança.

4 Unicamp Na coluna “De zero a dez”, de Rubem Tavares, publicada na revista *Business Travell*, 34, no primeiro semestre de 2000, p.13, encontram-se, entre outras, as seguintes notas, parcialmente adaptadas:

Para os lunáticos que insistem em soltar balões de grande porte, causando incêndios e sérios riscos à segurança dos voos: segundo o Controle de Tráfego Aéreo, em 1998 foram registradas 99 ocorrências em Guarulhos. Em todo o ano passado foram registradas 33 ocorrências e, neste ano, só no período de janeiro a abril, já foram 31. As autoridades deveriam enquadrar os responsáveis por crime inafiançável e trancafiá-los em presídios por longos anos.

Não seria o caso de a Prefeitura pagar por cada nova pichação feita na cidade? É claro que sim. Se todos entrassem com uma ação simultaneamente, com certeza o prefeito encontraria novas atribuições para a Guarda Municipal. Vide sugestão na nota anterior que também poderia ser aplicada nestes casos.

- Qual é a conclusão implícita na sequência “neste ano, só no período de janeiro a abril, já foram 31”, que se encontra na primeira nota?
- Explicite a sugestão dada no final da segunda nota.

5 ESPM Veja a charge a seguir.



Chiclete com banana – Angeli.

Pode-se afirmar sobre a charge:

- que ela ironiza o uso hermético da linguagem por algumas categorias profissionais, como a dos economistas, por exemplo.
 - que a graça objetivada fica comprometida, porque a simulação de um discurso altamente técnico e modelo de padrão culto de linguagem contém um erro na conjugação do pretérito imperfeito do modo subjuntivo de um verbo irregular.
 - que a fala do personagem do último quadrinho quer significar a ignorância da maioria dos brasileiros em relação à própria língua.
- São verdadeiras as afirmações I e III.
 - São verdadeiras as afirmações II e III.
 - É verdadeira apenas a afirmação II.
 - É verdadeira apenas a afirmação I.
 - São verdadeiras as afirmações I e II.



Folha de S.Paulo, 10 jun. 1999.

Pode-se afirmar, sobre a charge anterior, que:

- I. ela tem por objetivo ironizar a figura dos políticos que só sabem propor e nada resolver, além de não revelarem domínio da norma culta ao conjugar um verbo que não existe: "propinar".
 - II. ela afirma que os políticos são homens de ação.
 - III. ela faz uma crítica direta aos políticos envolvidos no caso da CPI da Máfia da Propina, sejam eles o acusado ou o acusador, desnudando suas intenções: o uso da política com fins pessoais.
- (a) Todas as afirmativas são verdadeiras.
 - (b) Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras.
 - (c) Apenas as afirmativas I e III são verdadeiras.
 - (d) Apenas as afirmações II e III são verdadeiras.
 - (e) Apenas a afirmação III é verdadeira.

7 ESPM Tigrão, a Febem e nós

SÃO PAULO – Não houve ontem, ao que consta, nenhuma morte, nenhuma rebelião na Febem, a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (sic). Na falta de notícias mais emocionantes, programas de TV dedicados à "família brasileira" devem tê-la divertido com o funk do Tigrão.

O fenômeno musical (?) da vez, oriundo do Rio, chegou aos bolsões ricos de São Paulo.

Tchutchuquinhas dos Jardins e da Vila Olímpia (bairro novo-rico da capital que explica por que Maluf é possível) imitam as "minas" da Cidade de Deus, boca quente do crime do Rio. Repetem sorrindo que "um tapinha não dói".

Fernando de Barros e Silva. Folha de S.Paulo, p. A-2. 19 mar. 2001.

O trecho contém dois sinais entre parênteses: "sic" e "?". Seria possível explicá-los como:

- (a) um recurso padrão de linguagem, no primeiro caso, sempre que quisermos marcar que transcreveu-se exatamente o que alguém disse, deixando marcado o "erro" linguístico cometido; e no segundo caso para indicar uma dúvida em relação à ortografia usada.

- (b) um recurso irônico, no primeiro caso, por desconsiderar tal instituição como garantidora do que representa; e, no segundo caso, por duvidar de que o referido grupo seja, de fato, um fenômeno musical.
- (c) um recurso para marcar que não se escreve Bem-Estar separado por hífen; e, no segundo caso, por duvidar de que esse grupo seja um fenômeno.
- (d) um recurso para marcar que não se escreve palavra hifenizada com a segunda usando maiúscula; e, no segundo caso, por duvidar de que esse grupo seja um fenômeno.
- (e) um recurso para indicar que a instituição não é uma fundação; e, no segundo caso, para indicar que alguns resistem à ideia de que esse grupo seja um fenômeno musical.

8 ESPM Veja a figura a seguir.



Folha de S.Paulo, 11 dez. 1998.

Considerando-se que a charge citada compõe-se de linguagem verbal e não verbal, parece contraditória a fala da personagem se contrastada com o contexto em que ela foi proferida. Como a linguagem objetiva a interação, qual seria a intenção da falante?

- I. A intenção da falante é, de fato, agradecer a Deus pelos bens alcançados pela sociedade, mesmo eles não chegando a atingi-la; quer ser reconhecida como um ser humano bom e humilde.
 - II. A intenção é gerar o choque a partir do contraste: fala da personagem (calcada no pressuposto da DDH) e o contexto real que cerca a personagem, utilizando-se da ironia. O objetivo é provocar a indignação.
 - III. A intenção é mostrar que a situação idealizada pela Declaração dos Direitos Humanos não se realizou completamente, embora alguns direitos civis tenham sido readquiridos. Aludir às contradições das lutas políticas no Brasil recente é intencional a crítica, com o objetivo de se proceder à revisão dela.
- (a) Todas as afirmações são verdadeiras.
 - (b) Apenas as afirmações I e II são verdadeiras.
 - (c) Apenas as afirmações II e III são verdadeiras.
 - (d) Apenas as afirmações I e III são verdadeiras.
 - (e) Apenas a afirmação I é verdadeira.

9 ITA Os trechos a seguir foram baseados em “Retratos do entardecer”, de Marcos Pivetta, publicado na revista *Pesquisa Fapesp*, maio/2003. Neles, foram feitas alterações para a formação de períodos distintos. Leia-os com atenção, buscando observar se o último período de cada trecho estabelece uma relação de conclusão ou consequência com os anteriores do mesmo trecho.

- I. “Os preocupantes índices de deterioração cognitiva em idosos [...] são um indício de que uma série de problemas devem aparecer num futuro próximo, em especial demências como o mal de Alzheimer, e perda de autonomia para a realização das tarefas cotidianas. Esses idosos, se a deterioração mental avançar, terão de ser assistidos por alguém diuturnamente.” (p. 37-8)
- II. “[...] o nível de escolaridade dos idosos parece se comportar como um marcador de sua condição geral de saúde, sobretudo de seus aspectos cognitivos. Aparentemente, quanto maior o grau de educação formal do entrevistado, menor seu desconforto físico e mental.” (p. 36)
- III. “Embora a relação entre escolaridade e distúrbios cognitivos realmente exista, ela deve ser um pouco relativizada. Os idosos sem estudo têm mais dificuldade de responder ao questionário de pesquisadores. Muita gente com pouca ou nenhuma escolaridade acaba sendo rotulada, erroneamente, de demente ou portadora de problemas mentais.” (p. 38)

Pode-se afirmar que o último período do mesmo trecho constitui uma *conclusão* ou *consequência* em:

- (a) I e II.
- (b) I e III.
- (c) apenas a II.
- (d) II e III.
- (e) todas.

10 Unicamp (Adapt.) O “Jornal do Automóvel”, um dos cadernos do *Diário do Povo*, de Campinas, em sua edição de 8 ago. 1993, trazia a seguinte notícia:

Que flagra! O J.A. descobriu os primeiros veículos importados da Ford em Campinas. São eles três mini-van Explorer, que deverão ser lançados no Brasil até o final deste mês.

O Jornal do Automóvel flagrou nesta semana a chegada dos primeiros veículos importados da Ford para o Brasil e que serão vendidos em Campinas pela Forbrasa.

Foram três mini-van Explorer que deverão ser lançados oficialmente pela Ford do Brasil até o final deste mês. A data ainda não foi divulgada, mas o lançamento será simultâneo em todo o país em 16 concessionárias autorizadas. A Explorer é apenas o primeiro modelo de passeio que a Ford traz para o Brasil depois da liberação da importação de veículos [...]

Como a Ford ainda não promoveu o lançamento nacional dos veículos, os que vieram para Campinas estão sendo guardados na loja da Forbrasa [...] Quem passa pelo lado de fora não enxerga os automóveis, mas é visível a mudança que a loja está sofrendo para abrigar a nova loja e assistência técnica especializada.

O primeiro parágrafo da notícia presta-se à seguinte interpretação: “os primeiros três carros importados pela Ford – três *mini-van Explorer* – vieram para Campinas: com eles a Ford fará em Campinas o lançamento nacional dos importados Ford”. O restante do artigo fornece informações parcialmente diferentes.

- a) Transcreva as passagens que desmentem aquela primeira interpretação.
- b) A leitura da segunda parte do texto leva o leitor a mudar sua primeira interpretação. Em que consiste essa mudança?

11 Há vocábulos na língua que possuem a propriedade de estabelecer implícitos, trata-se de palavras-gatilho. Destaque do texto de *O Estado* a palavra que dispara um implícito, explicando-o de acordo com o contexto. Procure usar também seu conhecimento de mundo.

Horror do 11/3 ainda persegue vítima

O Estado de S. Paulo, 11 mar. 2006.

12 Leia a manchete a seguir.

SEM-TERRAS INVADEM ÁREA PERTENCENTE AO GOVERNO FEDERAL

- a) Qual o pressuposto que o verbo “invadir” estabelece?
- b) Substitua o verbo “invadir” por outro, de modo que a ação dos sem-terra tenha uma interpretação menos comprometedora.

13 Um falecido general da ditadura militar estava caminhando pela avenida Paulista quando interceptou um cidadão suspeito.

- O que o senhor está pensando?
- O mesmo que o senhor, General!
- Então o senhor está preso!

A piada deixa um implícito em relação ao general, diga qual é.

Texto para a questão 14.



Folha de S. Paulo, 9 nov. 2003.

- 14** Considere as seguintes afirmações sobre o texto:
- Fica implícito que o "PCC" domina a cidade de São Paulo.
 - O texto trabalha com significados explícitos e com linguagem verbo-visual.
 - A sigla PCC deixa implícita a violência urbana por que passa a capital financeira do país.

Estão corretas:

- apenas I.
- apenas II.
- apenas III.
- apenas I e III.
- todas.

15 Unicamp O humor da tirinha a seguir gira em torno de um enunciado ambíguo (isto é, que pode ter mais de uma interpretação):



© 2010 King Features Syndicate/Ipess.

- GOULACHE: prato típico húngaro que consiste em ensopado de carne e verduras, temperado com páprica.
- HELGA: esposa de Hagar.

Responda:

- como Eddie Sortudo esperava que Hagar interpretasse sua pergunta?
- como Hagar de fato interpretou a pergunta de seu amigo?
- o que torna a pergunta ambígua, na forma em que se apresenta?

16 Dê quatro interpretações para a frase a seguir:

Vi uma foto sua no metrô.

17 ITA No texto a seguir, sobre as eleições em São Paulo, há ambiguidade no último período, o que pode dificultar o entendimento.

Ao chegar à Liberdade [bairro da cidade de São Paulo], a candidata participou de uma cerimônia xintoísta (religião japonesa anterior ao budismo). Depois, fez um pedido: "Quero paz e amor para todos". Ganhou um presente de um ramo de bambu.

Folha de S. Paulo, 9 jul. 2000. (Adapt.).

A ambiguidade deve-se:

- à inadequação na ordem das palavras.
- à ausência do sujeito verbal.
- ao emprego inadequado dos substantivos.
- ao emprego das palavras na ordem indireta.
- ao emprego inadequado de elementos coesivos.

18 ITA Leia o texto seguinte.

Sítio Bom Jardim apresenta Forró Sertanejo com a banda Casa Nova, no dia 30 de outubro, a partir das 21 horas. Mulher acompanhada até 24 horas não paga. Venha e participe desta festa.

Jornal Vale ADC'S, out. 1999. (Adapt.).

- Localize o trecho em que há ambiguidade.
- Aponte duas interpretações possíveis para esse trecho, considerando o contexto.

19 Dentre as seguintes frases, assinale aquela que não contém ambiguidade.

- Peguei o ônibus correndo.
- Os professores do colégio, que detêm um terreno na zona Sul, pediram demissão.
- O guarda deteve o suspeito em casa.
- O menino viu o incêndio do prédio.
- Deputado fala da reunião no canal 2.

20 Leia o texto a seguir.

O falso policial

Essa notícia foi veiculada em um jornal de Lisboa. Sem cerimônia alguma, um português faminto entrou num bar da capital portuguesa e comeu um frango inteiro vestido de policial, na mesma mesa em que era oferecido a delegados da região um arroz à grega, em um encontro da categoria em Lisboa. O frango era destinado a todos os presentes, mas o português não quis nem saber. Os delegados, no entanto, desconfiaram do falso policial e passaram a hostilizá-lo. Em poucos minutos, o português teve de sair correndo para não apanhar. O fato ocorreu em Lisboa, e o impostor foi encontrado morto em uma esquina próxima, momentos após o episódio do frango.

- No texto há duas passagens malconstruídas que podem suscitar ambiguidade no momento da leitura. Identifique-as.
- Comente as interpretações possíveis.
- Redija novamente o trecho de modo que não haja mais o problema de clareza.

21 Leia a tira a seguir.



No texto observa-se um(a):

- ambiguidade decorrente da ordem dos termos.
- subentendido.
- pressuposto.
- ambiguidade decorrente da elipse de uma palavra.

22 Leia a piada a seguir.



- Em que consiste o humor?
- Dê outra redação de modo que o trabalhador não se engane na interpretação; inicie a frase com "Esta é a rua..."

23 Leia.

A professora dirigiu-se à aluna e disse:
 – Fale sobre o mar Morto, Rosa!
 – Eu nem sabia que ele estava doente!!

- Explique de que maneira a ambiguidade é construída "morfologicamente".
- Por que em língua escrita a frase não é ambígua?
- Levando em conta o raciocínio de Rosa ao interpretar a pergunta da professora, que outra interpretação Rosa faria se lesse o primeiro discurso direto sem a vírgula? Explique também morfologicamente.

24 Certa vez, um artista muito famoso precisava ir a São Paulo fazer um espetáculo na tarde seguinte. Como estava muito ocupado com os ensaios e não gostava de viajar de avião, deixou o seguinte bilhete para seu empresário:

João, devo estar em São Paulo amanhã de qualquer jeito.
 Reserve um lugar, à noite, no trem das 10 para São Paulo amanhã.
 Observação:
 O artista, simplesmente, perdeu o trem!
 Por quê?

Izidoro Blinkstein. Técnicas de comunicação escrita.
 São Paulo: Ática, 1990. p. 5. (Adapt.).

- Que resposta você daria à pergunta do autor?
- Corrija de um modo que o texto seja claro.

25 Leia a publicidade a seguir.



- Identifique a passagem malredigida. Justifique.
- Dê outra redação à passagem identificada, eliminando o problema.

Texto para as questões 26 e 27.



26 Qual palavra do texto à direita, mais abaixo, liga-se à palavra que foi omitida no texto principal?

27 Explique o duplo sentido contido na propaganda.

Texto para a questão 28.

Mantenha seu cão fora dos jardins e recolha suas fezes.

28 No texto, a ambiguidade é decorrente do emprego:

- da ordem das palavras.
- da elipse de alguns termos.
- do emprego do possessivo.
- do emprego do tempo verbal.
- do emprego do substantivo "fezes".

TEXTO COMPLEMENTAR

Pressupostos e subentendidos

A problemática do implícito abre para a das leis do discurso, para as regras que governam tacitamente os intercâmbios discursivos. Apoiando-se nelas e na situação de enunciação, os coenunciadores conseguem captar uma boa parcela dos conteúdos implícitos, no caso, os *subentendidos*. Em compensação, o outro grande tipo de conteúdos implícitos, os pressupostos, inscreve-se na estrutura do enunciado, independentemente de seus contextos de emprego. É possível ilustrar essa distinção fundamental a partir de um exemplo elementar:

A: Estou procurando alguém para consertar meu carro.

B: Meu irmão está em casa.

A: Mas ele está sempre tão ocupado!

Da réplica de B, podemos deduzir o pressuposto “B tem um irmão”; trata-se de uma proposição implícita, mas inscrita no enunciado, qualquer que seja a situação de enunciação. Pode-se também deduzir dessa réplica um outro conteúdo implícito, por exemplo, que B propõe a A empregar seu irmão. Ora, esse conteúdo não é inferido por A a partir do valor literal da réplica, mas por uma espécie de raciocínio que se poderia glosar do seguinte modo: “Ele me diz que seu irmão está em casa; posso presumir que fala de modo adequado e, portanto, que sua enunciação tem relação com o que acabo de dizer; certamente pretende me dizer com isso que seu irmão conseguiria fazer esse conserto.” Vemos até que ponto os dois tipos de implícitos são diferentes; o subentendido é inferido de um contexto singular e sua existência é sempre incerta; já o pressuposto é estável. O primeiro é tirado do enunciado, o segundo da enunciação.

É claro que a análise dessas inferências não pode se operar independentemente do tipo de enunciado nas quais elas intervêm. Aqui, a problemática dos gêneros literários desempenha um papel crucial. Retomemos nossos primeiros versos de *O Cid*:

CHIMENA: Elvira, fizeste-me um relato bem sincero?
Não estais escondendo nada do que meu pai disse?

Do verso 1, podemos deduzir o pressuposto de que Elvira fez um relato; do verso 2, que o pai de Chimena disse algo. Também deduziremos que Chimena tem um pai (pressuposto existencial), pois basta introduzir uma descrição definida ou um nome próprio

no discurso para que por aí se pressuponha que esse indivíduo existe na realidade. Esse poder conferido ao enunciador oferece a possibilidade de muitas manobras.

Porém, dessas duas questões de Chimena, podemos igualmente inferir o subentendido: a moça está muito preocupada com o que seu pai disse. De fato, como a segunda questão é redundante com relação à primeira, é permitido pensar que essa estranheza pode ser explicada se levarmos a hipótese de que Chimena está particularmente envolvida nos propósitos de seu pai.

A diferença de estatuto entre esses dois tipos de implícito é nítida: qualquer locutor que sabe o português pode, em princípio, identificar os pressupostos, enquanto a decifração dos subentendidos é mais aleatória. Ademais, o número desses subentendidos é aberto por definição. Suponhamos que o espectador desse início de *O Cid* conheça bem as convenções da tragicomédia dessa época; como Chimena parece muito impaciente e como as heroínas desse tipo de peça só fazem conduzir intrigas amorosas, ele terá bons motivos para pensar que a moça fala de seu amor. Como esse espectador sabe, ademais, que são os pais que concedem a mão de suas filhas, talvez também inferirá que o conde falou do casamento de Chimena.

Detenhamo-nos aqui quanto aos subentendidos e consideremos sobre quais elementos se apoiam os conteúdos implícitos. É possível distinguir três fontes sem dificuldade:

- a competência linguística para os pressupostos;
- o conhecimento das leis do discurso (que excluem, por exemplo, a redundância);
- um certo saber “enciclopédico”: por exemplo, o conhecimento das convenções de um gênero teatral ou dos costumes matrimoniais numa determinada sociedade.

A construção das inferências só pode, portanto, ser um trabalho complexo; ao lado de um núcleo relativamente duro, os pressupostos, existem zonas muito mais instáveis, os subentendidos, que se distribuem entre o mais garantido (cf. os atos de linguagem indiretos do tipo “o senhor desejaria?”) e o mais incerto.

Dominique Maingueneau. *Pragmática para o discurso literário*.
São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 91-3.

RESUMINDO

Implícitos

Há dois tipos:

- subentendido: pode ser negado, emprega a parte pelo todo, burla a lei da conversação, entre outros mecanismos.
- pressuposto: está marcado na frase, o emissor não pode negar que o tenha feito.
 - verbos factivos (pressupõem a verdade): saber, ter consciência...;
 - verbos contrafativos (pressupõem a mentira): imaginar, acreditar, achar...;
 - verbos subjetivos (pressupõem a culpabilidade ou a inocência): confessar, admitir, aceitar...;
 - epítetos (adjetivos e formas adjetivas) incrível, eficaz...;

- construções nominais (sem verbo);
- interrogativas.

Semântica

- ocupa-se do significado;
- polissemia: as palavras possuem vários significados, que variam de acordo com o contexto (“letra”, por exemplo);
- o emprego das palavras, a escolha do vocabulário está em concordância com a visão de mundo de cada um;
- as palavras possuem carga positiva, negativa ou neutra;
- as palavras podem ser eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas);
- campo semântico: conjunto de palavras, imagens, gestos, sons que remetem a um mesmo assunto;
- neologismo semântico: novo significado que a palavra adquire;
- seleção lexical: conjunto de palavras que apresentam vocabulário ligado a algum universo de significação.

Ambiguidade

Mecanismos responsáveis pela ambiguidade:

- pronome pessoal;
- pronome demonstrativo;
- pronome possessivo;
- pronome relativo;
- elipse;
- ordem das palavras;
- duplo contexto;
- visual;
- verbo-visual;
- decorrente de paronomásia.

■ QUER SABER MAIS?



LIVRO

- Albert Camus. *A peste*. São Paulo: Bestbolso, 2008.



MÚSICA

- Chickcorea (jazz).



FILME

- Paolo e Vittorio Taviani. *Pai patrão*.



REVISTA

- *Exame*.



TEATRO

- Samuel Beckett. *Esperando Godot*. São Paulo: Cosac Naif, 2005.

Exercícios complementares

1 Unicamp A revista *IstoÉ* publica regularmente a seção “Polêmica”, que confronta duas opiniões sobre um tema atual, indicado por uma pergunta. Na edição de 13 dez. 1995, a pergunta “Os juros devem ficar altos?” era respondida pelo economista Cláudio Contador e pelo empresário Moreira Ferreira. A julgar pelas passagens que transcrevemos a seguir, os dois debatedores entenderam a pergunta de maneiras diferentes, levados pelo duplo sentido do verbo *dever*:

Os juros devem ficar altos?

SIM Cláudio Contador, economista e professor da UFRJ.

Os juros devem continuar altos. Não necessariamente crescentes, mas sim elevados. Os juros altos são o resultado do desequilíbrio das contas públicas. É a passividade exagerada do governo federal durante todo o ano de 1994 contribuiu para aumentar as despesas do setor público. [...]

O setor público deve continuar registrando déficit em 1996 [...] Além disso houve uma espécie de omissão – melhor dizendo, conivência – ao não controlar os gastos dos Estados e municípios. Hoje, a principal fonte do déficit está nos Estados e municípios.

NÃO Moreira Ferreira, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

Entende-se claramente a necessidade de se manter rígidas as políticas fiscal e monetária nas fases iniciais de um programa de estabilização. Isso não significa, porém, que se deva praticar juros tão elevados como os que se têm observado no país nos últimos meses. Além disso, as taxas de juros muito elevadas [...] provocam prejuízos definitivos no lado real da economia quando perduram [...]

[...] O nível de demanda já se contraiu excessivamente [...] e as reservas internacionais já bateram recordes [...] não se justificando, portanto, a manutenção dos juros nos níveis atuais.

- Reescreva a pergunta tal como foi entendida por Cláudio Contador.
- Reescreva a pergunta tal como foi entendida por Moreira Ferreira.
- É possível que os dois debatedores estejam simultaneamente certos em suas respostas? Se você acredita nesta possibilidade, resuma o debate em uma única fórmula que reúna as duas opiniões, sem contradição.

2 Unicamp A *Folha de S.Paulo*, de 29 de abril de 1997, anunciou o funcionamento do comércio e de outros serviços na cidade durante o feriado do Dia do Trabalhador com a notícia a seguir:

Lojas fecham 5ª e abrem domingo

O que abre e o que fecha no feriado prolongado:

- Postos de gasolina: funcionamento facultativo na quinta-feira
- Correios: fecham quinta-feira
- Supermercados: fecham quinta-feira
- Mercado municipal: funciona quinta-feira das 7h às 12h

- *Shopping centers: funcionam na quinta-feira apenas praças de alimentação e lazer, das 10h às 22h; funcionam normalmente sexta-feira e sábado; todas as lojas funcionam no domingo das 10h às 22h.*

A leitura da manchete, feita isoladamente, poderia levar a crer que as lojas ficariam fechadas por três dias.

Escreva uma nova *manchete* desfazendo a possibilidade dessa leitura.

Texto para as questões de 3 a 5.

[...]

As angústias dos brasileiros em relação ao português são de duas ordens. Para uma parte da população, a que não teve acesso a uma boa escola e, mesmo assim, conseguiu galgar posições, o problema é sobretudo com a gramática. É esse o público que consome avidamente os fascículos e livros do professor Pasquale, em que as regras básicas do idioma são apresentadas de forma clara e bem-humorada. Para o segmento que teve oportunidade de estudar em bons colégios, a principal dificuldade é com a clareza. É para satisfazer principalmente a essa demanda que um novo tipo de profissional surgiu: o professor de português especializado em adestrar funcionários de empresas. Antigamente, os cursos dados no escritório eram de gramática básica e se destinavam principalmente a secretárias. De uns tempos para cá, eles passaram a atender primordialmente gente de nível superior. Em geral, os professores que atuam em firmas são acadêmicos que fazem esse tipo de trabalho esporadicamente, para ganhar um dinheiro extra. “É fascinante, porque deixamos de viver na teoria para enfrentar a língua do mundo real”, diz Antônio Suárez Abreu, livre-docente pela Universidade de São Paulo [...].

João Gabriel de Lima. “Falar e escrever, eis a questão”.

Veja, 7 nov. 2001, n. 1.725.

3 ITA Aponte a alternativa que contém uma inferência que não pode ser feita com base nas ideias explicitadas no texto.

- Frequentemente, uma boa escola é uma espécie de passaporte para a ascensão.
- O conjunto que abrange “gente de nível superior” não contém o subconjunto “secretárias”.
- No âmbito da Universidade, os estudos da língua estão prioritariamente voltados para a prática linguística.
- A escola de qualidade inferior não favorece o aprendizado da gramática.
- O conhecimento gramatical não garante que as pessoas se expressem com clareza.

4 ITA Considerando que o autor do texto apresenta os fatos a partir da perspectiva daqueles que procuram um curso de Língua Portuguesa, aponte o sentido que a palavra “demanda” assume no texto.

- busca.
- necessidade.
- exigência.
- pedido.
- disputa.

5 ITA O adjetivo “principal” (linha 8) permite inferir que a clareza é apenas um elemento dentro de um conjunto de dificuldades, talvez o mais significativo. Semelhante inferência pode ser realizada pelos advérbios:

- (a) avidamente, principalmente, primordialmente.
- (b) sobretudo, avidamente, principalmente.
- (c) avidamente, antigamente, principalmente.
- (d) sobretudo, principalmente, primordialmente.
- (e) principalmente, primordialmente, esporadicamente.

6 Unicamp O trecho seguinte dá a entender algo diferente do que seu autor certamente quis dizer.

Malcolm Browne, também da Associated Press, deveria ter impedido que o monge budista em Saigon não se imolasse, sentado e ereto, impedindo o mundo de ver o protesto em cuja foto encontrou seu maior impacto?

Caio Túlio Costa. Folha de S.Paulo, 17 mar. 1991.

- a) Se tomando ao pé da letra, o que significa exatamente o trecho “... deveria ter impedido que o monge... não se imolasse”?
- b) Se não foi isso que o autor quis dizer, que sentido pretendeu dar a esse trecho?

Texto para as questões 7 e 8.

Em um piano distante, alguém estuda uma lição lenta, em notas graves. [...] Esses sons soltos, indecisos, teimosos e tristes, de uma lição elementar qualquer, têm uma grave monotonia. Deus sabe por que acordei hoje com tendência a filosofia de bairro; mas agora me ocorre que a vida de muita gente parece um pouco essa lição de piano. Nunca chega a formar a linha de uma certa melodia. Começa a esboçar, com os pontos soltos de alguns sons, a curva de uma frase musical; mas logo se detém, e volta, e se perde numa incoerência monótona. Não tem ritmo nem cadência sensíveis.

Rubem Braga. O homem rouco.

7 Fuvest O autor estabelece uma associação poética entre a vida de muita gente e uma lição de piano.

Esclareça o sentido que ganha, no contexto dessa associação, a frase “Nunca chega a formar a linha de uma certa melodia”.

8 Fuvest “Deus sabe por que acordei hoje **com tendência a filosofia de bairro.**”

Reescreva a frase anterior, substituindo a expressão destacada por outra de sentido equivalente.

Texto para as questões 9 e 10.

– Vovô, eu quero ver um cometa!

Ele me levava até a janela. E me fazia voltar os olhos para o alto, onde o sol reinava sobre a Saracena.

– Não há nenhum visível no momento. Mas você há de ver um deles, o mais conhecido, que, muito tempo atrás, passou no céu da Itália.

Muito tempo atrás... atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo.

E vovô Leone continuava:

– Um dia, você há de estar mocinha, e eu já estarei morando junto das estrelas. E você há de ver a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010...

Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês.

Ilke Brunhilde Laurito. A menina que fez a América. São Paulo: FTD, 1999. p.16.

No trecho “Muito tempo atrás... atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo”:

9 Unicamp 2007 Identifique os sentidos de “atrás” em cada uma das três ocorrências.

10 Unicamp 2007 Compare “Atrás de minha memória daquele tempo” com “Atrás do jardim da minha casa”. Explique os sentidos de “atrás” em cada uma das frases.

11 Unicamp Na embalagem de um aparelho eletrônico, você encontra um “Termo de Garantia” no qual se leem, entre outras, as informações a seguir:

Este produto é garantido pela Amelco S. A. Indústria Eletrônica dentro das seguintes condições:

1. Fica garantida, por um período de 6 (seis) meses a contar da data da emissão da nota fiscal de venda ao consumidor, a substituição de peças, partes ou componentes que apresentarem defeitos de fabricação, exceto aqueles decorrentes de instalação e uso inadequado e em desacordo com as especificações contidas no “Manual de Instruções”.
2. A Amelco não se responsabiliza pelos produtos agregados aos seus pelos consumidores, e ainda por defeitos que esses causarem.
3. Essa garantia será extinta caso:
 - o defeito for causado pelo consumidor ou por terceiros estranhos ao fabricante;
 - o produto tiver sido violado, alterado, adulterado ou consertado por pessoas ou empresas não autorizadas pelo fabricante;
 - sejam interligados ao produto elementos não recomendados pelo fabricante;
 - não sejam seguidas as instruções constantes do manual, principalmente quanto à correta instalação e voltagem elétrica.

- a) Aponte uma contradição na cláusula 1.
- b) Considerando o uso corrente, o pronome *esses* (cláusula 2) pode ser interpretado como referindo-se a mais de um antecedente. Aponte dois.

12 Leia a seguir.

- I. Para se candidatar a um emprego, o recém-formado compete com levas de executivos de altíssimo gabarito, desempregados. O jovem, sem experiência, literalmente, dança.
- II. Acostumados às apagadas, às vezes literalmente, mulheres dos dirigentes do Kremlin, os russos achavam que ela era influente demais, exibida, arrogante.
- a) O advérbio “literalmente” está adequadamente empregado nos dois textos? Justifique sua resposta.
- b) A que palavra, em II, refere-se a expressão “às vezes literalmente”? Qual o duplo sentido produzido pela relação que aí se estabeleceu?

13 **ITA** Com relação ao texto a seguir:

Primeira mulher:

Trabalhar o tempo inteiro e tomar conta da casa está me levando à loucura! Depois do trabalho, cheguei em casa e lavei a roupa e a louça. Amanhã tenho de lavar o chão da cozinha e as janelas da frente.

Segunda mulher:

Então? E teu marido?

Primeira mulher:

Ah! Isso eu não faço de maneira alguma! Ele pode muito bem se lavar sozinho!

Rodolfo Ilari. *Introdução à semântica*. São Paulo: Contexto, 2001.

Podemos afirmar que, do ponto de vista das funções gramaticais, a piada fundamenta-se num mal-entendido, nascido do fato de:

- (a) a primeira mulher ter usado o pronome “isso” para retomar um predicado que ficou implícito na fala da segunda mulher.
- (b) a segunda mulher não ter enunciado uma frase completa com a pergunta “E teu marido?”
- (c) a primeira mulher ter usado, na sua justificativa para a recusa, o verbo “poder”, indicando que o marido tinha condições de se lavar sozinho.
- (d) a primeira mulher ter atribuído a “teu marido” o papel de alvo e não de agente.
- (e) a primeira mulher confundir as funções sintáticas pertinentes, evidenciadas na fala da segunda mulher.

14 **ITA** Assinale a opção em que a ambiguidade ou efeito cômico não decorre da ordem dos termos.

- (a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (*Folha de S.Paulo*, 19 out. 2000. Equilíbrio.)

- (b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (*Folha de S.Paulo*, 26 jan. 2003.)
- (c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo. (Placa sobre um dos caixas de um banco.)
- (d) Temos vaga para rapaz com refeição. (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
- (e) Detido acusado de furtos de processos. (*Folha de S.Paulo*, 8 jul. 2000.)

Texto para as questões **15** e **16**.

Há certas expressões significativas: “Contra fato não há argumento”. Elas querem dizer que, diante da evidência do real, não cabem as argumentações em contrário, o que em princípio parece estar certo. Mas, na verdade, significam também coisas como “o que vale é a força” ou “ideia não resolve”. Assim, pregam o reconhecimento do fato consumado, a capitulação diante do que se impôs no terreno “prático”, negando o direito de discutir, de argumentar para mudar a realidade. E então se tornam sinistras.

Antonio Candido. *Recortes*.

Entre as “expressões significativas”, a que se refere o autor do texto, podem-se incluir certos provérbios, como, por exemplo:

Cada macaco no seu galho.

Indique o sentido que esse provérbio assume:

15 **Fuvest** se for entendido como uma afirmação aceitável, que em princípio parece estar certa.

16 **Fuvest** se for entendido como uma afirmação autoritária, que impõe um fato consumado.

Texto para as questões **17** e **18**.

Em transmissão de um jornal noturno televisivo (“RedeTV”, 7/10/2008), um jornalista afirmou: “Não há uma só medida que o governo possa tomar.”

17 **Unicamp** Considerando que há duas possibilidades de interpretação do enunciado acima, construa uma paráfrase para cada sentido possível de modo a explicitá-los.

18 **Unicamp** Compare o enunciado citado com: Não há uma medida que só o governo possa tomar. O termo “só” tem papel fundamental na interpretação de um e outro enunciado. Descreva como funciona o termo em cada um dos enunciados. Explique.

Variantes linguísticas

10



A vaqueijada

[...]

*Quando eu pensei, meu patrão,
um dia casá cum ela,
senti frio na ispinhéla,
e cóscá no coração.*

*A cabrocinha era linda
cumo a frô do mussambé!*

*Tinha relampo nos óio,
que nem fôia de quicé!*

*Foi dendê piquininha
que eu amava a ela ansim...*

*Quando eu não via Lindinha,
ficava longe de mim!*

*Prá quê tá róbando ainda
o tempo de vassuncê,*

*se é impussive dizê
cumo Lindinha era linda?!*

*Se aqueles grande vaquêro
vinhéro lá d'outras banda,
cum tamanha afobação,
não foi só prú móde a neta
de João Peráo, meu patrão!!*

[...]

Catulo da Paixão Cearense. *Meu sertão.*

O português empregado no texto de Catulo da Paixão Cearense não está incorreto, pois se trata de um poema que objetiva passar a realidade do homem nordestino, daquele que mora no sertão. Catulo não só reproduz a fala regional como também trabalha as palavras de modo criativo: rimando, utilizando figuras, ritmo e sugerindo imagens. Há no poema uma riqueza estilística; os erros de concordância e as infrações ortográficas espelham uma realidade linguística de um grupo social, são coerentes para o contexto da obra e possuem sua beleza. A fala regional é tão bonita quanto a do homem da cidade; diferem no vocabulário, no sotaque, pois expressam realidades diferentes. A língua é dinâmica, ela se adapta ao tempo, aos lugares, ao sexo, à idade, aos grupos sociais, à pessoa (idioleto) e à situação. A diversidade linguística é enriquecedora e inevitável face às diferenças existentes entre os seres humanos. O estudo das variantes linguísticas, objeto de investigação deste capítulo, consiste em uma tomada de consciência do uso da língua, tão importante para as relações sociais.

Catulo da Paixão Cearense (1863-1946) nasceu em São Luis do Maranhão e mudou-se, ainda adolescente, para o Rio de Janeiro com os pais, em 1888. Lá, trabalhou como relojoeiro. Relacionou-se com músicos ("chorões") da época, participando da vida boêmia da cidade. De suas composições, o "Luar do Sertão" (1908), com letra de sua autoria, é até hoje peça popular, considerada um verdadeiro hino do sertanejo. Atribuem ao poeta a popularização do violão em salões da sociedade de seu tempo e também a reforma da "modinha". Publicava seus poemas em formato de cordel.

Disponível em: <www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/maranhao/catulo_da_paixao.html>.

Comunicação oral e escrita

A comunicação escrita é a forma tangível das imagens acústicas da linguagem articulada, manifesta um estado avançado da língua e só é encontrada nas civilizações evoluídas (há línguas ágrafas, isto é, sem escrita). Sua origem situa-se na necessidade de os homens conservarem as mensagens para veiculá-las ou transmiti-las. Na linguagem falada, a percepção de uma mensagem é simultânea; na escrita, o receptor só lê a mensagem depois de sua formulação. A escrita é uma garantia legal, confia-se sempre mais em uma assinatura, em um contrato do que em uma palavra dada, ou em um aperto de mão. Na linguagem oral, a comunicação só é possível se o emissor não ultrapassar os limites fisiológicos (pode haver ruídos, por exemplo), se a mensagem for identificável (um código comum ao emissor e receptor) e se o contato psicológico se mantiver.

Traços da oralidade

A língua, quando utilizada oralmente, apresenta suas especificidades, as quais devem ser respeitadas e aceitas como marcas desse tipo de comunicação. Veja a seguir algumas delas.

Repetição

A repetição é marca de oralidade; na escrita culta, deve ser evitada. Observe o texto a seguir.

– *Eu falei pra mãe, mas a mãe não escutou. Diz pra mãe novamente, tá?*

O termo “mãe” é repetido em curto espaço de tempo. Na linguagem escrita culta, tal procedimento não seria adequado.

Mudança de pronúncia

Ao pronunciar as palavras, o falante omite sílabas, consoantes finais, abrevia palavras (*pra* em vez de *para*) e altera a pronúncia das vogais. Observe como **Jô Soares** satiriza a oposição oral/escrito no texto a seguir.

“Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala”.

Pois é. U purtuguêis é muinto fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamenti cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português não. É só prestátenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muinto diferenti. Qui bom qui a minha língua é u português. Quem soubé falá sabi iscrevé.

Jô Soares. Veja, edição 1.158, p. 19, de 28 nov. 1990.

Quebra sintática

Outro traço de oralidade é o uso do anacoluto; o falante começa a frase e, em seguida, interrompe-a, iniciando outra ou a abandonando.

– *Você quebrou... agora eu já sei... eu... meu pai vai dar uma bronca em você.*

Léxico menos formal

Em linguagem oral, o vocabulário é mais informal. Dependendo do falante, há o emprego de gírias ou de um léxico mais chulo (palavrões):

– *A mina tá viajando, cara. Eu não fiz nada, tá ligado?!*

Coordenação

O predomínio da coordenação está ligado ao fato de que, nesse tipo de comunicação, utiliza-se uma sintaxe mais simples e frases mais curtas.

– *O meu time foi mal. O que fazer? Mudar o time, claro, e mandar um monte de jogador embora. Mas com aquele técnico... Está tudo errado e ninguém faz nada. Droga!*

Elipses

Ainda que se observe a ocorrência de elipses em linguagem escrita, elas se tornam mais abrangentes em linguagem oral. No texto a seguir, o falante omite palavras como “está” (está na esquerda...), “passa” (Pelé passa de calcanhar), “bola” etc.

Brasil x Suécia

Final Mundial 1958

O time do Brasil na esquerda com Orlando, Orlando para Pelé. Pelé domina no peito, de calcanhar para Zagalo, Zagalo prepara-se, vê Pelé penetrando rápido na área, Zagalo levanta para Pelé, Pelé entrou de cabeça para o arco e GOOOOOOOOOL!!!

ATENÇÃO!

Devido ao excesso de elipses, é frequente a frase nominal.

Coloquial e culto

A norma culta está mais presente na comunicação escrita, pois, nesse tipo de linguagem, há a necessidade de um código mais uniforme. O coloquial, por sua vez, é mais utilizado na comunicação oral, pois nesta o receptor está presente e temos o contexto.

ATENÇÃO!

Há momentos em que o culto será utilizado na comunicação oral – momentos de maior formalidade, por exemplo, uma palestra.

O coloquial também pode estar presente na escrita, por exemplo, no romance, na crônica, no conto etc.

Os tipos de variante

A língua pode variar de acordo com o tempo, com o espaço, com o grupo social, com a situação, com a idade e com o sexo. Tais variações comprovam como a língua está em constante transformação e como ela é dinâmica. Veja, a seguir, os exemplos de cada variação.

Histórica

A língua varia no tempo, há palavras, expressões e construções típicas de determinada época. Veja os textos a seguir e observe as variantes ortográficas e lexicais (vocabulário).

Exemplo 1

PALAVRA DE DEOS
 EMPENHADA, E DESEMPENHADA:
 EMPENHADA
 NO SERMAM DAS EXEQVIAS DA
 Rainha N. S. Dona Maria Francifca
 Ifabel de Saboya;
 DESEMPENHADA
 NO SERMAM DE ACÇAM DE GRAÇAS

Pelo nafcimento do príncipe D. João Primogênito De S.S.
 Antônio Vieira. *Palavra de Deos empenhada, e desempenhada [...]*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1690.

No texto de Vieira, nota-se que as regras que norteiam a ortografia são outras: presença do “y”; sequência “am” em vez de “ão”; “magestade” com “g” em vez de “j”; “Deos” em vez de “Deus”. O texto pertence ao século XVII.

Exemplo 2



Fig. 1 Variante histórica.

Na publicidade citada, observa-se o emprego de uma ortografia diferente da usada nos dias atuais; a presença do “ph”, de etimologia grega, e do *p* mudo, por exemplo, projetam a língua no tempo; estamos no início do século XX.

Geográfica



A língua varia no espaço; de região para região temos vocábulos e expressões diferentes, que refletem uma geografia e uma cultura peculiares. Em Santos, cidade do litoral sul paulista, o falante pediria 20 pães dessa maneira:

– Seu Manuel, dê-me vinte médias!

Na cidade de São Paulo, no entanto, “média” significa café com leite e pão com manteiga; vinte médias seriam vinte cafés com leite e vinte pães com manteiga.

No sul do país, mandioca frita recebe o nome de *aipim*; já no nordeste, *macaxeira*.

Palavras que em Portugal possuem outro significado:



- alfinete: lá é broche
- bica: o nosso cafezinho
- drogaria: é o nosso armarinho, não vende remédios
- estalo: trata-se de uma bofetada
- fino: chope pequeno
- girafa: cerveja
- hipótese: em Portugal significa chance
- jogo do galo: é o jogo da velha

pipi: órgão sexual feminino das “meninas”; também
[pode significar “elegante”]

quinta: sítio, pequena propriedade

reformado: aposentado

salchicha: é a nossa linguiça

trepador: ciclista

31 de boca: entrar numa fria, mentira

vaivêm: ônibus espacial

Mário Prata. *Dicionário de português Schifaiçfavoire*.

Social

A língua varia de acordo com a classe social. Os setores da sociedade mais privilegiados economicamente utilizam com maior frequência a norma culta; já os menos privilegiados, a linguagem coloquial. Observe a letra de **Adoniran Barbosa**, ela retrata o falar das classes mais populares:

Luz da Light

Lá no morro,

Lá no morro, quando a luz da light pifa

a gente apela pra vela

Que alumeia também, quando tem

Se não tem, [...]

Adoniran Barbosa. “Luz da light”. Intérprete: Demônios da Garoa.
In: *Mais demônios que nunca*. São Paulo: Trama, 2000. Faixa 4.

ATENÇÃO!

Notam-se, na letra de Adoniran Barbosa, erros de concordância, gírias, léxico informal, repetições e abreviações; marcas de coloquialidade; trata-se de uma variante popular.

Situacional

A língua varia conforme a situação; em contextos mais formais, por exemplo, há o predomínio do culto; em situações mais informais, há o predomínio do coloquial.

Situação de formalidade:

Uma cerveja, por favor.

Situação de informalidade:

Uma cerva, campeão!

As variantes culta e popular (níveis gramaticais)

Lexical


A língua varia no vocabulário. Veja o anúncio a seguir.

DIVULGAÇÃO

Oh meu! já leu Machado?
Então dá uma sapiada, é o maior barato!

Pode crê que no final do livro seu vocabulário vai ficá massa!

Galeria do rock paulista:
CD's, DVD's e livros.



Rua da Paz, 41 – Bom retiro, SP.

O texto anterior utiliza a variante popular no nível do vocabulário.

Morfológico

A variação linguística no nível da morfologia ocorre quando está em jogo a flexão das classes de palavras (gênero, número e grau) e o uso de afixos (prefixo e sufixo).

Variante culta:

O moço era sem-vergonha!

Variante popular:

O moço era sem-vergonho!

Variante culta:

Que luxo, é nobilíssimo!

Variante popular:

Que luxo, é supernobre!

Variante culta:

Ela é macérrima!

Variante popular:

Ela é magríssima!

ATENÇÃO!

O termo “magríssimo” é superlativo consagrado na linguagem oral, mas deve ser evitado em situação culta.

Sintático

Trata-se de erros de regência e concordância, principalmente.

Variante culta:

Chegaram as férias, graças a Deus!

Variante popular:

Chegou as férias, graças a Deus!

Observa-se a falta de concordância na segunda oração.

É interessante observar que a variação sintática ocorre também no uso de orações; em Portugal, por exemplo, há uma preferência pelo infinitivo precedido de preposição em vez do gerúndio, note:

Portugal	Brasil
Estava a <u>jogar</u> futebol.	Estava <u>jogando</u> futebol.
↓ infinitivo	↓ gerúndio

Fonético



Diz respeito à maneira como se pronuncia as palavras. Observe que a palavra “pro” substituiu as palavras “para o”.

Variante culta:

○ *ônibus passou!*

Variante popular:

○ *ôbus passou!*

ATENÇÃO!

É comum o falante pouco instruído transformar uma palavra proparoxítona em paroxítona (esta mais frequente na língua).

As alterações de pronúncia são comuns na oralidade; ao falar, acrescentamos, omitimos, trocamos de posição, substituímos fonemas; na gramática histórica, esse fenômeno recebe o nome de metaplasmos; veja a seguir alguns tipos de metaplasmos.

- **Aférese:** queda de fonema no início da palavra:
Eu proximei e falei: sai, cão do inferno!
- **Epítese (ou paragoge):** adição de fonema no fim do vocábulo, comum nas formas aportuguesadas:
“Recorde” vem de record, epíteses da língua.
- **Anaptixe:** intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes:
A forma antiga de *caranguejo* era “cranguejo”, fizeram uma anaptixe!
- **Apócope:** queda de fonema no fim do vocábulo:
– Gosta de *dançá?*

Muito frequente na linguagem oral, ocorre a apócope no discurso direto com o “r” final do verbo “dançar”.

O vocábulo “legal”, por exemplo, veio de *legale*, houve apócope.

- **metátese:** transposição de fonema que se pode verificar na mesma sílaba ou entre sílabas:
– O que significa *intertextualidade, José?*
– *Intertextualidade é...*
– **INTERTEXTUALIDADE, José!**

Semântico

De uma variante para outra, há alteração no significado.

Variante culta:

Que gata! (feminino de gato)

Variante popular:

Que gata! (mulher bonita)

Neologismo

A invenção de novas palavras denomina-se “neologismo” (se apenas o significado for novo, teremos o neologismo semântico: “ficar”, por exemplo). Para se criar o neologismo, é preciso ter reconhecida competência linguística e não haver no léxico palavra de igual sentido. A sua ocorrência em textos não literários exige o emprego das aspas.

A linguagem ficou mais leve, ficamos menos hipócritas. Burgueses “epatáveis” ainda existem, mas o acúmulo de agressões a seus ouvidos e pruridos os insensibilizou e hoje, se reagem, não é em público.

L. F. Verissimo. Conluio. Porto Alegre: Extra Classe, jun./jul. 1996. p. 3.

A palavra “epatáveis” foi inventada por Verissimo a partir do verbo *épater*, que no francês quer dizer espantar. O neologismo obedece às regras de derivação da língua: a partir do empréstimo da palavra francesa, obtém-se o verbo “epatar”; tomando tal verbo como radical é possível, então, a formação de “epatáveis”.

Gíria

A gíria tem frequência em todas as camadas sociais e está relacionada a situações informais. Os jovens a utilizam como uma espécie de código secreto que os defende da intromissão dos adultos, ao mesmo tempo que serve de cartão de acesso ao grupo. A gíria costuma ter pouca duração no léxico de uma língua; a moda e a ideologia vigentes determinam seu tempo de duração. Caso você utilize gíria em linguagem escrita, faça uso das aspas, “tá ligado?”.

Jargão/emprego de jargões

O jargão é uma espécie de língua grupal empregada principalmente em contextos profissionais e esportivos; é o caso do economês, conjunto de palavras ou expressões utilizadas pelos economistas com o intuito de traduzir determinados fatos econômicos. O jargão funciona como uma espécie de gíria dos trabalhadores; observe o texto a seguir.

[...] e o C-Bond ganhou 0,43%, vendido com ágio de 2,323%. Mas o Ibovespa desvalorizou-se 0,27%, enquanto o paralelo perdeu 0,26%, para R\$ 2,693 na venda.

5 Cite do texto uma variante social no nível do léxico.

6 Cite ainda duas palavras que constituem, em marcas de oralidade, o nível fonético.

7 Qual é a atitude da mãe no final da história?

8 Que passagem do texto fica claro que o garoto foi morto?

9 O emprego da linguagem coloquial no texto do famoso compositor é coerente? Justifique.

10 Que reflexão a letra de Chico Buarque sugere?

Exercícios propostos

1 ITA (Adapt.) Leia:

Tem gente que junta os trapos, outros juntam os pedaços.

No texto, a marca da coloquialidade apresenta-se como transgressão gramatical. Assinale a alternativa que corresponde ao fato:

- (a) ausência de conectivo.
- (b) escolha das palavras.
- (c) emprego do verbo ter.
- (d) repetição do verbo juntar.
- (e) emprego da vírgula.

De 2 a 4, diga se a linguagem é coloquial ou culta. Justifique.

2 Boa forma. A melhor forma de viver numa boa.

Propaganda da revista "Boa Forma". *Superinteressante*, ago. 1989.

3 Com Darling Uva você logo amuma um cacho. (marca de sutiã)

Propaganda da lingerie "Darling". *Cláudia*, maio 1990.

4 A Rossi Residencial orgulhosamente apresenta o grande lançamento do ano.

Folha de S.Paulo, 29 out. 1989.

5 Explique o objetivo do autor ao utilizar o empréstimo linguístico no texto a seguir.

Este é um Chateaubriand com um toque de gourmet.

Propaganda da maionese "Gourmet". Nova, jun. 1990.

6 ITA Leia:

O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

O verbo "assistir", empregado em linguagem coloquial, está em desacordo com a norma gramatical.

- a) Reescreva o último período de acordo com a norma.
- b) Justifique a correção.

De 7 a 11, passe para a norma culta, eliminando os erros:

7 Uma equipe estrangeira pode vencer o torneio Governador do Estado de basquete.

José Luiz Fiorin; Francisco Platão Savioli. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16 ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 233.

8 A equipe americana de basquete possui muitas chances de conquistar o primeiro lugar, pois ainda não perdeu (foram sete vitórias consecutivas). Se espera, no entanto, que a equipe do Palmeiras faça frente ao campeão da liga americana.

- 9** – Deixei ele sair, pois estava atrapalhando a aula.
 – Mas, mestre, o aluno não pode permanecer no corredor, fora da sala de aula!
 – Eu concordo com o senhor, mas no momento que mandei ele calar a boca, ele simplesmente disse: “Não calo!”
 – Então, procure conversar com ele.
 – Isso não! Entre eu e ele não há mais clima.

10 A polícia entrevistou com violência na briga, pois os torcedores estavam munidos de faca. O delegado reteu o chefe da torcida, já que este foi o responsável pelos distúrbios. Após a confusão, um dos pagantes reaveu a carteira que tinha sido roubada por um dos agitadores. Este foi encaminhado imediatamente para o Deic.

11 Havia cerca de vinte alunos; a maioria, crianças. Fazem dez anos que esse tipo de desastre não ocorria na marginal Pinheiros. Uma moradora, aliás, ficou meia tonta com o que viu. Houve uma reunião após o acidente onde se decidiu pelo fechamento da avenida.

Nas questões **12** e **13**, identifique o tipo de leitor e dê as marcas linguísticas características desse público-alvo (fonético e lexical).

12 Identifique nos níveis fonético e lexical.
*40 páginas de moda, decoração, ceia, maquiagem, cabelos...
 Nós desejamos a você um maravilhoso fim de ano!*

13 Identifique no nível lexical.
Arrase os monstros com nosso roteiro detalhado, mapas e quebra-cabeças.

14 Você pode dar um rolê de *bike*, lapidar o estilo a bordo de um *skate*, curtir o sol tropical, levar sua gata para surfar. Considerando-se a variedade linguística que se pretendeu reproduzir nessa frase, é correto afirmar que a expressão proveniente de variedade diversa é:

(a) “dar um rolê de *bike*”. (d) “curtir o sol tropical”.
 (b) “lapidar o estilo”. (e) “levar sua gata para surfar”.
 (c) “a bordo de um *skate*”.

15 Leia o texto a seguir, extraído do filme *Cidade de Deus*:



Cabeleira: Alô Berenice. É o seguinte, vou te mandar uma letra invocada agora. Pô mina... já viu falar em amor à primeira vista?

Berenice: Malandro não ama, malandro só sente desejo.

Cabeleira: Assim não dá prá conversar...

Berenice: Malandro não conversa, malandro desenrola uma ideia.

Cabeleira: Pô! Tudo que eu falo, tu mete a foice!

Berenice: Malandro não fala, malandro manda uma letra!

Roteiro de Bráulio Mantovani. Dirigido por Fernando Meirelles. *Cidade de Deus*. Rio de Janeiro: O2 filmes, 2002.

- a) Qual o significado de “tu mete a foice”?
 b) Que variante está em jogo no excerto inteiro?

16 Fuvest *Uma flor, o Quincas Borba*. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Embora pertença à modalidade escrita da língua, este texto apresenta marcas de oralidade, que têm finalidades estilísticas. Dos procedimentos verificados no texto e indicados a seguir, o único que constitui marca típica da modalidade escrita é:

- (a) uso de frase elíptica em “Uma flor, o Quincas Borba”.
 (b) repetição de palavras como “nunca” e “pajem”.
 (c) interrupção da frase em “Quem diria que...”.
 (d) emprego de frase nominal, como em “E de imperador!”
 (e) uso das formas imperativas “suspendamos” e “não adiantemos”.

17 No terceiro dia, o Criador fez a terra. Cercada de água por todos os lados pra ninguém invadir a sua praia.

Texto de propaganda de Aruba, Ilha do Caribe.

Observa-se no texto:

- (a) uma relação entre textos, apoiada na interrupção de um discurso por um outro, de outra natureza.
 (b) uma incoerência, pois o segundo período não continua logicamente o assunto do primeiro.
 (c) uma argumentação fundamentada na oposição entre dois discursos: o da religião e o do jovem.
 (d) um tom marcadamente religioso, confirmado, no segundo período, pelo uso do possessivo sua, para referir-se ao Criador.
 (e) uma inadequação no uso de linguagem coloquial no segundo período, mesmo tratando-se de propaganda.

Textos para as questões de 18 a 21.

Na sua coluna diária do jornal Folha de S.Paulo de 17 de agosto de 2005, José Simão escreve:

“No Brasil nem a esquerda é direita!”.

José Simão. Folha de S.Paulo, 17 ago. 2005.

18 Unicamp Nessa afirmação, a polissemia da língua produz ironia. Em que palavras está ancorada essa ironia?

19 Unicamp Quais os sentidos de cada uma das palavras envolvidas na polissemia referida?

20 Unicamp Comparando a afirmação “No Brasil nem a esquerda é direita” com “No Brasil a esquerda não é direita”, qual a diferença de sentido estabelecida pela substituição de “nem” por “não”?

21 Unicamp A que tipo de jargão pertencem as palavras “esquerda” e “direita”?

22 É sabido que as histórias de Chico Bento são situadas no universo rural brasileiro.



- Explique o recurso utilizado para caracterizar o modo de falar das personagens na tira.
- É possível afirmar que esse modo de falar caracterizado na tira é exclusivo do universo rural brasileiro? Justifique.

TEXTO COMPLEMENTAR

Acerca da linguagem

Para certos linguistas, a linguagem foi criada para exprimir, da melhor forma possível, o pensamento; para outros, o pensamento sem linguagem permaneceria no estado de massa amorfa e confusa. É a linguagem que modela o universo que pensamos; as diferentes línguas remetem a diferentes sistemas de pensamento, a visões de mundo, filosofias, morais, hábitos etc. De acordo com Lévi-Strauss, o povo *nambiquara* tem apenas uma palavra para exprimir “bonito” e “velho”; os esquimós possuem cerca de 100 palavras para designar a neve; os árabes possuem cerca de 6 mil

palavras para designar o camelo, suas variedades, suas qualidades, empregos etc. Para Watson (1924 – fundador do *Behaviorismo* – psicologia experimental), o que a psicologia denomina pensamento não é nada mais senão falar-se a si mesmo. Mais tarde, Piaget (em sua teoria da gênese do subdesenvolvimento intelectual) ressalta que a função simbólica ou semiótica é anterior à linguagem. Como a linguagem é um sistema de signos, a criança já estaria predisposta à linguagem. Para a psicologia, a linguagem é adquirida mediante hábitos (reflexo condicionado).

RESUMINDO

Culto e coloquial

Em linguagem oral, a recepção da mensagem é imediata, o contexto está presente e outras linguagens atuam em sintonia com o verbal, como o gestual. Na língua oral, o falante explora a entonação das palavras e o subtexto (intenção), isso a torna mais rica que a escrita. A língua escrita é cravada na matéria, no papel, é transregional e transtemporal; a língua oral é construída por meio de fonemas, que uma vez ditos, não existem mais. A oralidade favorece as elipses, os desvios de norma, a coloquialidade. A escrita pressupõe a norma culta, a obediência às normas, pois os interlocutores não estão frente a frente, há necessidade de clareza.

Traços de oralidade

Vocabulário mais simples

Na oralidade, salvo em certas circunstâncias em que a norma é exigida, o vocabulário costuma ser mais simples, menos rebuscado. Dependendo do grupo social, podem ocorrer vulgarismos e gírias.

Anacoluto

O anacoluto é uma quebra sintática decorrente de uma mudança de construção sintática realizada pelo enunciador, que abandona a velha estrutura em prol de uma nova. Em algumas situações, pode vir a ser um recurso expressivo de natureza enfática.

Simplicidade sintática

(orações e períodos curtos, predomínio da coordenação)

A simplicidade sintática está relacionada ao uso de orações e períodos curtos e ao predomínio da coordenação.

Repetição de termos e de ideias (pleonasmos)

A repetição na oralidade tem mais frequência, não há a preocupação em substituir os termos citados e, em muitas ocasiões, é enfática.

Mudança de pronúncia

Muitas são as alterações fonéticas em linguagem oral; na maioria dos casos as alterações (acréscimos, omissões, substituições

de fonemas) apontam para uma variante popular (linguagem coloquial), social (grupo social), situacional (situação informal) ou geográfica (pronúncia característica de determinadas regiões).

Elipses

O fato de estarmos diante do interlocutor e utilizarmos os gestos implica um número maior de elipses; as omissões são entendidas por meio do conhecimento de mundo e do próprio contexto.

Tipos de variante

Geográfica

A variante geográfica aponta para um falar peculiar de determinada região. O regionalismo está presente inclusive no falar dos analfabetos e, em alguns casos, pode tomar-se uma espécie de dialeto.

Histórica

A língua varia no tempo, as regras do sistema e o próprio repertório modificam-se em concordância com as transformações sociais; determinadas palavras e expressões já não são mais usadas, outras possuem ortografia antiga ou não obedecem às regras de acentuação atual, constituindo-se em variantes históricas.

Social

De grupo social para grupo social, notam-se diferenças no vocabulário, na pronúncia e até mesmo na sintaxe e na morfologia. A variante social projeta o indivíduo em uma classe ou num grupo social.

Situacional

A língua varia conforme a situação vivida pelo enunciador. Em situações mais formais, teremos o predomínio da norma culta; em situações informais, a linguagem coloquial.

Outras variantes

A língua varia também de acordo com a idade, o sexo e a profissão.

Variantes e níveis gramaticais

A língua pode variar nos seguintes aspectos gramaticais:

- sintático: concordância, regência, sintaxe dos pronomes, coordenação e subordinação.
- morfológico: classes gramaticais, uso de morfemas (radicais, afixos).
- fonético: pronúncia, metaplasmos (acréscimos, omissões, substituições de fonemas).
- lexical: vocabulário, repertório.
- semântico: significado.

Neologismo

A invenção de novas palavras denomina-se neologismo (se apenas o significado for novo, teremos o neologismo semântico: “ficar”, por exemplo). Para se criar o neologismo, é preciso ter reconhecida competência linguística e não haver no léxico palavra de igual sentido. A sua ocorrência em textos não literários exige o emprego das aspas.

Gíria

A gíria tem frequência em todas as camadas sociais e está relacionada a situações informais. Os jovens a utilizam como uma espécie de código secreto que os defende da intromissão dos adultos, ao mesmo tempo que serve de cartão de acesso ao grupo.

Jargão

Jargão é uma espécie de língua grupal empregada principalmente em contextos profissionais e esportivos; é o caso do “economês”.

Estrangeirismo

Os estrangeirismos ocorrem em função das imigrações, do domínio econômico, dos modismos, do poder da mídia. A sua utilização ainda gera polêmica, todavia, devemos encará-los como fatos linguísticos que têm sua origem em fatos sociais; com o decorrer do tempo, serão incorporados ao léxico da língua, como muitos já foram. Alguns estrangeirismos permanecem como chegaram (*marketing*), outros foram aportuguesados (recorde). Quando há a forma aportuguesada, dê a preferência. Caso contrário, utilize as aspas.

■ QUER SABER MAIS?

LIVRO

- Augusto dos Anjos. *Eu e outras poesias*.

FILME

- *O vagabundo*, de Charles Chaplin.

TEATRO

- Constantin Stanislavski. *A construção da personagem*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.

MÚSICA

- Astor Piazzola (jazz/tango).

JORNAL

- *O Estado de S. Paulo*.

Exercícios complementares

1 ITA Leia:

Miguilim espremia os olhos. Drelina e a Chica riam. Tomezinho tinha ido se esconder.

– Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim...

E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

– Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma clareza, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante.

João Guimarães Rosa. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Considere as seguintes afirmações sobre o trecho citado:

- I. na narrativa, transparece o universo infantil, captado pela ótica da criança.
- II. há o uso de recursos linguísticos, como ritmo, rima e figuras de linguagem, que desfazem as fronteiras entre prosa e poesia.
- III. a narrativa reporta ao mundo rústico do sertão pela ótica de um narrador externo à comunidade.

Está(ão) condizente(s) com o trecho:

- (a) apenas I.
- (b) apenas II.
- (c) I e II.
- (d) I e III.
- (e) II e III.

2 Fuvest Passe o texto a seguir para a linguagem culta:

A princesa Diana já passou por poucas e boas. Tipo quando seu ex-marido Charles teve um love affair com Lady Camile revelado para Deus e o mundo.

Folha de S. Paulo, 5 nov. 1993. (Adapt.).

3 Unicamp Reescreva o texto a seguir de forma a adequá-lo à modalidade culta.

Estudei durante seis anos muito a vida de um paulista e fiz um filme sobre ele, que é o Mário de Andrade, um puta poeta muito pouco falado pelas ditas vanguardas modernistas [...] Hoje em dia, felizmente, já existe vários trabalhos, há muita gente reavaliando a poética do Mário, que ela é muito mais importante e profunda do que aparentemente pareceu nestes últimos anos. Estudando o Mário, eu descobri que o Mário foi um exemplo do cara que morreu de amor, mas de amor pelo seu povo, pelo seu país [...]

Paulo Leminski. *Os sentidos da paixão*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1995. p. 301.

4 Corrija o texto a seguir, tornando-o mais culto e menos repetitivo.

Na avenida, haviam apenas um guarda e um garoto. O garoto deveria ter uns dez anos; o guarda, uns quarenta. O guarda perdeu o controle e acabou batendo no garoto, machucando o garoto. Pena, pois o garoto estava com a razão, o guarda não estava atento aos fatos.

5 Unicamp 1997 No dia 10/11 próximo passado [1997], os jornais divulgaram a carta mediante a qual o médico Adib Jatene solicitava ao presidente da República sua demissão do cargo de Ministro da Saúde, e a carta do presidente da República aceitando a demissão. Dessas cartas foram extraídos, respectivamente, os dois trechos a seguir.

A Sua Excelência, o Senhor Doutor Fernando Henrique Cardoso, Presidente da República Federativa do Brasil.

Repito a frase aprendida de Vossa Excelência: “A política não é a arte do possível. É a arte de tornar o possível necessário.”

Estou tranquilo porque dei minha contribuição com lealdade e no limite de minha capacidade, sem trair os dois que lutam no setor da saúde pela equidade e pela garantia de acesso às camadas mais sofridas da população. Outros complementarão o trabalho, sob a liderança de Vossa Excelência, para que seja possível atender ao necessário que detectamos.

Aproveito para manifestar-lhe o meu melhor apreço,

Cordialmente,

Adib Jatene

Ministro da Saúde.

Meu Caro Jatene,

Exatamente porque acredito que é preciso tornar possível o necessário, apoiei a CPMF e fiz, junto consigo, os esforços para aumentar a dotação do Ministério da Saúde. Só assim foi possível quase dobrar, em dois anos, os recursos do SUS. Ainda sim, eles são insuficientes. O que fazer? Continuar lutando, como continuarei: pena que sem você, embora com sua inspiração.

Resta agradecer, muito sinceramente, sua colaboração, sua coragem para diagnosticar os problemas do ministério e enfrentar as soluções, e o ânimo que você infundiu em todos nós.

Tenha a certeza de que suas declarações mostrando a disposição de continuar a luta pela saúde não ficarão nas palavras. O Brasil precisa de gente como você.

Com afetuoso abraço.

Fernando Henrique Cardoso

- a) Os autores das duas cartas utilizam registros linguísticos diferentes, no interior da variedade culta do português escrito. Aponte nos textos essas diferenças de registros e explique o efeito que cada um deles produz.

- b) Pelo que se lê no primeiro parágrafo das duas cartas, Jate- ne teria aprendido com Fernando Henrique o conceito de política que procurou aplicar enquanto ministro, mas uma leitura atenta desses parágrafos aponta uma grande diferença. Explique essa diferença.

6 Unicamp 1997 Perguntado em fins de 1997 pelo *Jornal das Letras* (Lisboa) se seu nome seria uma boa indicação para o Prêmio Nobel de Literatura, junto com os nomes, sempre lembrados pela imprensa, de José Saramago e António Lobo Antunes, o escritor português José Cardoso Pires deu a seguinte resposta.

A Imprensa tem lá as suas razões. Durante anos e anos passei a vida a assinar papéis a pedir um Nobel para um escritor português e isso não serviu de nada. De modo que o facto da Imprensa agora prever isto ou aquilo... Uma coisa eu sei: o Prémio Nobel dado a um escritor português de qualidade beneficiava todos os escritores portugueses. Que todos gostariam de ter o Prémio Nobel também é verdade, mas se um ganhar ganhamos todos. De qualquer modo o critério actual é o dos mais traduzidos e os mais traduzidos são o Saramago e o Lobo Antunes. Eu sou menos. Mas isso não me preocupa nada. Sinceramente.

- a) Aponte, na resposta de Cardoso Pires, as características de acentuação e grafia que a identificam como um texto em português europeu (leve em conta a ortografia portuguesa antes da atual reforma).
- b) Aponte, na mesma resposta, as construções que a caracterizam como um texto em português europeu e dê os prováveis equivalentes brasileiros dessas construções.

7 Unicamp A edição de 30 de janeiro de 1998 do *Noite e Dia* (Feira de Santana, BA) trazia, na seção Zé Coió, a seguinte história.

Vou pegar o talão!

Cansado de não vender nada na sua loja, João pegou o carro e saiu pelo interior para vender seus produtos. Depois de 15 dias sem tirar um só pedido, sentou-se embaixo de uma árvore para descansar. De repente viu uma garrafa e chutou. A garrafa deu meia volta e chegou junto. João tornou a chutar e a garrafa deu outra meia volta e ficou bem ao seu lado. João pegou a garrafa, começou a acariciar e de repente surgiu uma voz que disse:

– “Você tem direito a três pedidos!”

João levantou correndo e disse:

– “Espere aí que eu vou buscar o talão”. Cá, cá, cá, cá, cá, cá, cá, cá.

- a) A sequência *Cá, cá, cá, cá, cá, cá, cá, cá* não faz parte da história. Explique por quê.
- b) A fala de João, retomada no título, revela um equívoco fundamental na identificação de quem fala de dentro da garrafa. Em que consiste esse equívoco?
- c) Transcreva as palavras que, no diálogo entre as duas personagens, permitem articular a resposta de João com sua experiência prévia de vendedor itinerante.

8 ITA 2003 O texto a seguir, de divulgação científica, apresenta termos coloquiais que, apesar de muito expressivos, não são comuns em textos científicos. Reescreva o primeiro período, utilizando a linguagem no nível formal.

A ciência vive atrás de truques para dar uma rasteira genética no câncer, mas desta vez parece que pesquisadores americanos deram de cara com um ovo do Colombo. Desligando um só gene, eles pararam o crescimento do tumor. Melhor ainda: quando a substância que suprimia o gene parava de agir, ele se ativava, outra vez – mas a favor do organismo, ordenando a morte do câncer.

José Reinaldo Lopes. “Gene ‘vira-casaca’ derruba tumor”.
Folha de S.Paulo, 5 jul. 2002, A-16.

9 Unicamp Os dois textos a seguir, extraídos do livro *E os preços eram commodos*, de M. Guedes e R. de A. Berlink (São Paulo, Humanitas, 2000), representam um tipo de anúncio comum nos jornais do século passado e são muito semelhantes, embora tratem de assuntos que hoje considerariamos bastante diferentes.

Escravo fugido

Fugio no dia 30 de Junho pp o escravo de nome Anacleto; creoulo, representando idade de 30 a 35 annos, com os seguintes signaes: altura mediana, côr fula, corpo delgado, rosto comprimido e um pouco entortado, boca regular e falta de 2 ou 3 dentes da parte de cima, um signal de cada lado das maçans do rosto, cabello cortado rente; a entrada da testa do lado esquerdo é maior do que a do lado direito, falla manso mostrando humildade. Sabe lêr e escrever e costuma inculcar-se forro e voluntário da pátria. Levou vestido paletot e calça de casimira preta com pouco uso e uma trouxa de roupa com calças e paletots brancos. Uma tambem de bigode de barba rapada.

Quem o prender e trazer em Campinas e pozer na Cadêa receberá de gratificação 100\$000 do sr Joaquim Candido Thevenar.

Gazeta de Campinas, 17 jul. 1870.

Animal desaparecido

Na noite de domingo para segunda-feira, foi roubado em frente do Chico Pinto um animal com os seguintes signaes ruano, calçado dos quatro pés, tem no queixo um osso saliente para fora, andar de trote. O referido estava arreado com basto, novo, pellego imitação de carneiro, sobrexincha de cadarço verde. Quem der notícias certas ou entregar ao proprietário, será gratificado com 50\$000.

Antonio Victorino da Silva

Jahú, 1 ago. 1897.

Correio do Jahu, 8 ago. 1897.

- a) Sem considerar as diferenças de ortografia, identifique no anúncio da *Gazeta de Campinas* duas expressões que hoje não seriam correntes e, portanto, para ser adequadamente compreendidas, exigiriam algum tipo de pesquisa histórica ou linguística.
- b) Explícite pelo menos duas semelhanças no conteúdo dos dois anúncios.
- c) Que traço da mentalidade escravocrata pode ser identificado pela comparação dos dois anúncios?

10 Fuvest Leia:

A tua saudade corta
como aço de navaia...
O coração fica aflito
Bate uma, a outra faia...
E os óio se enche d'água
Que até a vista se atrapaia, ai, ai...

Cuitelinho, canção folclórica.

- a) Nos dois primeiros versos há uma *comparação*. Reconstitua esses versos numa frase iniciada por “Assim como [...]”, preservando os elementos comparados e o sentido da comparação.
- b) Se a forma do verbo *atrapalhar* estivesse flexionada de acordo com a norma-padrão, haveria prejuízo para o efeito de sonoridade explorado no final do último verso? Por quê?

11 PUC-Rio Suponha que o texto a seguir vá ser divulgado em um *site* da *internet* sobre o tratamento da dor e que você é o revisor encarregado de garantir a qualidade da redação. Reescreva-o, eliminando quatro problemas de redação apresentados.

A dor faz com que o paciente, já debilitado em consequência da enfermidade, vê-se incapacitado de realizar as mais simples atividades que está habituado, tais como cuidar da higiene pessoal, alimentar-se e levantar-se do leito etc. É necessário, então, os cuidados especiais, para evitar piora na qualidade de vida do paciente.

Texto para as questões 12 e 13.

Sagrado dever

Menino, tira o dedo do nariz. Menino, não põe a mão na boca. Menino, não coma doce antes do almoço. Vai fazer a lição de casa. Sai daí. Vai dormir.

Ignácio de Loyola Brandão. Cabeças de segunda feira. São Paulo: Global, 2002. In: Sebastião Andreu; Katia P. G. Sanches. Aprendendo a ler e escrever textos. São Paulo: Ediouro, 2002. (ALET).

12 Unirio O tipo de linguagem do texto caracteriza a relação existente entre pais e filhos. Explique a afirmativa.

13 Unirio Reescreva o texto, utilizando o registro culto da língua.

14 UFRJ Leia o texto a seguir.

Balada do amor através das idades

Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
[...]
Matei, brigamos, morremos.
[...]

Carlos Drummond de Andrade. *Alguma poesia*, 1930.

A norma culta não prevê o emprego dos pronomes tal como aparecem no texto. Levando em consideração a proposta de linguagem do movimento literário em que o poema se insere, justifique o uso dos pronomes no primeiro verso.

15 UFRJ Leia o texto a seguir.

– Como é que é o homem?

Grandão, meio laranja no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num guenta mororã porque tem pele branquinha, branquinha. Peitão meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de sucusiri. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano irixato. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano...

José Mauro de Vasconcelos. *Rosinha, minha canoa*.

- a) Cite uma passagem em que se observa a variante linguística no nível morfológico.
- b) Que tipo de variante linguística ocorre nesse exemplo?

Texto para a questão 16.



Dick Browne. O melhor de Hagar, o horrível, v. 2. L&PM pocket, p. 55-6 (Adapt.).

16 Enem Assinale o trecho do diálogo que apresenta um registro informal, ou coloquial, da linguagem.

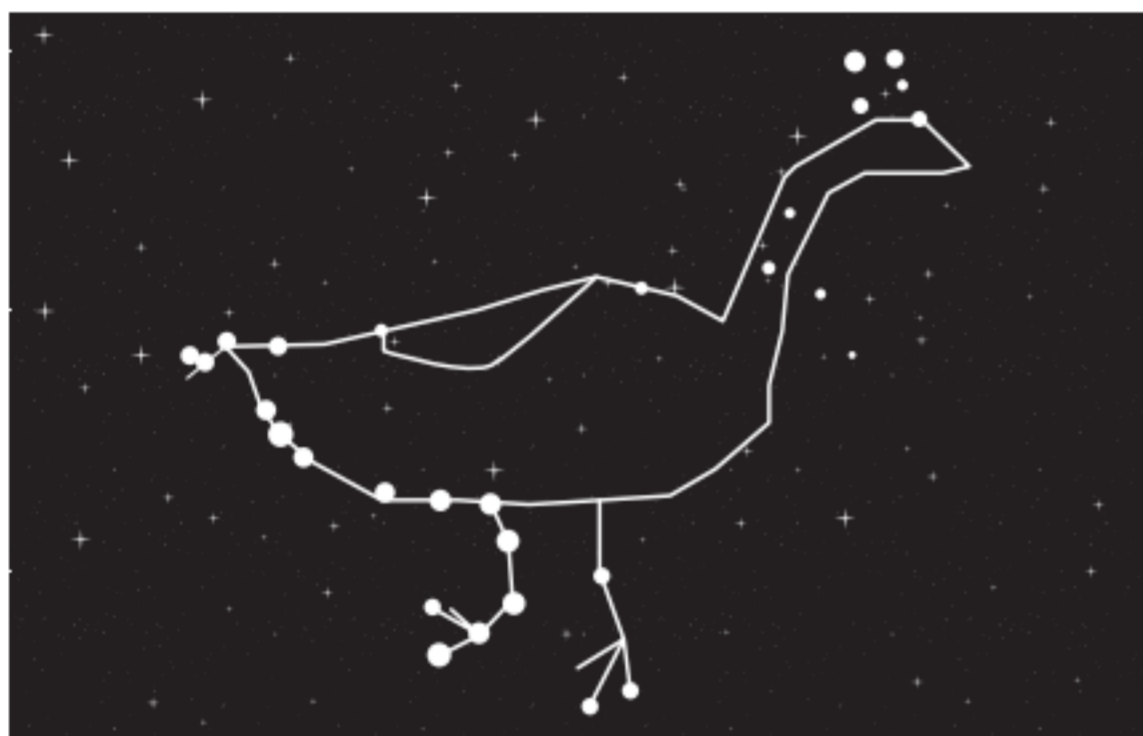
- (a) “Tá legal, espertinho! Onde é que você esteve?!”
- (b) “E lembre-se: se você disser uma mentira, os seus chifres cairão!”
- (c) “Estou atrasado porque ajudei uma velhinha a atravessar a rua [...]”
- (d) “[...] e ela me deu um anel mágico que me levou a um tesouro [...]”
- (e) “[...] mas bandidos o roubaram e os persegui até a Etiópia, onde um dragão [...]”

Texto para a questão 17.

A ema

O surgimento da figura da Ema no céu, ao leste, no anoitecer, na segunda quinzena de junho, indica o início do inverno para os índios do sul do Brasil e o começo da estação seca para os do norte. É limitada pelas constelações de Escorpião e do Cruzeiro do Sul, ou Cut'uxu. Segundo o mito guarani, o Cut'uxu segura a cabeça da ave para garantir a vida na Terra, porque, se ela se soltar, beberá toda a água do nosso planeta. Os tupis-guaranis utilizam o Cut'uxu para se orientar e determinar a duração das noites e as estações do ano.

Uma das figuras a seguir é uma representação dos corpos celestes que constituem a constelação da Ema, na percepção indígena.



Almanaque BRASIL, maio 2007. (Adapt.).

A outra figura mostra, em campo de visão ampliado, como povos de culturas não indígenas percebem o espaço estelar em que a Ema é vista.



Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br>>. (Adapt.).

17 Enem Assinale a opção correta a respeito da linguagem empregada no texto “A Ema”.

- (a) A palavra *Cut'uxu* é um regionalismo utilizado pelas populações próximas às aldeias indígenas.
- (b) O autor se expressa em linguagem formal em todos os períodos do texto.
- (c) A ausência da palavra Ema no início do período “É limitada [...]” caracteriza registro oral.
- (d) A palavra *Cut'uxu* está destacada em itálico porque integra o vocabulário da linguagem informal.
- (e) No texto, predomina a linguagem coloquial porque ele consta de um almanaque.

18 Fuvest Leia o texto que segue.

Sair a campo atrás de descobridores de espécies é uma expedição arriscada. Se você não é da área, vale treinar um “biologuês” de turista. Mas, mesmo quem não tem nada a ver com o pato-mergulhão ou a morfologia da semente da laurácea, pode voltar fascinado da aproximação com esses especialistas.

De olhos nos livros e pés no mato, eles etiquetam a natureza, num trabalho de formiga. São minoria que dá nome aos bois – e a plantas, aves, mosquitos, vermes e outros bichos.

Heloisa Helvécia, *Revista da Folha*.

- a) Transcreva do texto as expressões que mais diretamente exemplificam o “biologuês” mencionado pela autora.
- b) Tomada em seu sentido figurado, como se deve entender a expressão “dar nome aos bois”, utilizada no texto?

Coesão

11



Pablo Picasso. Retrato de Ambroise Vollard, 1910. Óleo sobre tela.
Museu Pushkin, Moscou, Rússia.

[...]
Um maxixe escorrega dos dedos morenos
De Gilberta
Janela
[...]
O piano fox-trota
Domingaliza
Um galo canta no território do terreiro
A campainha telefona
Cretones
O cinema dos negócios
Planos de comprar um forde
O piano fox-trota
Janela
Bonde

Oswald de Andrade. "Bengaló". In: *Pau-Brasil*. 2. ed.
São Paulo: Globo, 2003. p. 177.

O texto de Oswald dialoga em certa medida com o texto de Picasso; os signos (visuais no caso de Picasso, e verbais no caso de Oswald) apresentam um traço em comum: a fragmentação do significante. Em Picasso, tem-se a fragmentação da imagem em partes (e a do ser ali retratado), as quais assumem formas geométricas; em Oswald, há a fragmentação da linguagem, dificultando a coesão, a ligação entre os versos. As frases no poema modernista estão soltas sintaticamente, sem nexos sintáticos; contudo, há algo que as une: o tema. O poema faz referência a um domingo, em que um gato canta; o telefone toca; alguém aciona a campainha; cobre-se a cama com cretone; fecham-se negócios; Gilberta executa ao piano um maxixe; da janela, veem-se bondes. A linguagem de Oswald é baseada em flashes do cotidiano; daí a fragmentação do real, o estilo cubista. A falta de coesão no texto do modernista deve ser encarada como recurso expressivo.

A função da coesão

Neste capítulo, trataremos da coesão textual, assunto de fundamental importância para o entendimento de texto. Serão estudados os marcadores de coesão, elementos que promovem a ligação entre as partes do texto; como diz Leonor Lopes Fávero, em *Coesão e coerência textuais*, a coesão refere-se às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto. A título de exemplo, leia o texto a seguir.

Atualmente, não há nenhuma prova de que o regime iraquiano esteja implicado nos atentados suicidas”, declarou o vice-presidente dos Estados Unidos, Dick Cheney. Ainda não temos uma impressão digital do Iraque que o implique no caso [...].

Patrice de Beer. “Parte do governo americano quer implicar Saddam”.
Le Monde, 19 set. 2001.

No enunciado acima, há três importantes marcadores de coesão: o relativo “que”, o qual retoma “impressão digital”; o pronome pessoal “o”, que recupera “Iraque”; e o substantivo “caso”, que se liga a “atentados suicidas”. O entendimento desses três marcadores de coesão só é possível se estabelecermos uma relação com o que vem antes, isto é, “atentados suicidas”, “impressão digital” e “Iraque”.

Os marcadores de coesão

Coesão por anáfora

Trata-se de pronomes, advérbios, numerais que exercem a função de recuperar um termo (palavra, frase, parágrafo). São chamados anafóricos.

Exemplo 1

Líder do Nacional afirma temer seu ex-técnico Marco Aurélio, que deve deixar time de Campinas após o jogo de hoje.

Eduardo Arruda. “Palmeiras elege Ponte o rival mais difícil”.
Folha de S.Paulo, 22 set. 2001.

O relativo “que” é um anafórico, pois recupera o antecedente “Marco Aurélio”.

Exemplo 2

Ontem, o secretário do Desenvolvimento e Assistência Social, Nelson Guimarães Proença, esteve na cidade para tentar convencer a comunidade a aceitar a instalação da unidade. Depois disso, a obra deve começar.

Keila Ribeiro. “Governo quer apressar nova Febem em S. José”.
Folha de S.Paulo, 22 set. 2001. C8.

O anafórico “isso” retoma o período anterior, ou seja, o fato de o secretário tentar convencer a população a aceitar a instalação da unidade.

Os demonstrativos “isso”, “esse” e “essa” funcionam apenas como anafóricos.

Exemplo 3

Estados Unidos e Síria vivem momentos de tensão. Os dois podem entrar em guerra.

O anafórico “dois” recupera “Estados Unidos” e “Síria”.

Exemplo 4



Fig. 1 Anafórico.

O pronome “isso” recupera o dado estatístico, e a imagem remete a uma situação disfórica: a miséria no mundo.

Coesão por catáfora

A exemplo dos anafóricos, trata-se de pronomes, advérbios e numerais; todavia, em vez de retomar, projetam um elemento que ainda vai aparecer.

Exemplo 5:



Fig. 2 Catafóricos.

Na figura 2, o pronome demonstrativo “isto” exerce função catafórica, pois introduz o quadro de Marc Chagall, metáfora da imaginação do leitor ao ler um livro.

Ao contrário dos demonstrativos “isso”, “esse” e “essa” – que retomam um termo anterior –, os demonstrativos “isto”, “este” e “esta” projetam algo que ainda vai aparecer. Contudo, se houver dois termos para serem recuperados (ou um dos dois), utilizar-se-ão os demonstrativos “este” e “aquele”. Por exemplo:

Havia negros e brancos. Estes ajudavam aqueles no resgate dos corpos.

↓ ↓
brancos negros

SAIBA MAIS

Os pronomes este, esta e isto também são empregados quando se quer dar ênfase ou quando se faz referência ao tema tratado. Na capa a seguir, o pronome refere-se ao ex-presidente estadunidense, tema principal de *Carta Capital* da edição de 26 set. 2001.



Fig. 3 Pronome dando ênfase.

O pronome demonstrativo enfatiza o ex-presidente, além de assumir valor depreciativo.

Coesão por sinonímia

A coesão por sinonímia ocorre por meio de sinônimos, expressões sinônimas ou quase sinônimas. A hiperonímia (o conjunto substituindo a parte: animal no lugar de leão) e a hiponímia (a parte substituindo o conjunto: cantora no lugar de artista) são tipos de sinonímia. Veja os exemplos a seguir.

Exemplo 6

Folha – Quais os principais problemas que afetam o país?

Goedgebuur – O problema principal atualmente são os

refugiados internos, pessoas que tiveram de abandonar suas casas para fugir da seca e dos confrontos. A princípio, elas se instalaram de maneira absolutamente provisória em campos ao redor de grandes cidades. Há centenas de milhares de pessoas deslocadas internamente. Há um problema de saúde grave, ligado especialmente à desnutrição e à falta de abrigo. Há ainda o inverno, extremamente rigoroso, que chega daqui a poucas semanas.

Paulo Daniel Farah. “Afeganistão enfrenta catástrofe”.

Folha de S.Paulo, 19 set. 2001. Disponível em:

<www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj1909200103.htm>.

No texto anterior, há palavras e expressões que estão em relação sinonímica, a saber:



A coesão por sinonímia permite não só estabelecer relações entre as partes do texto, como também obter informações sobre os elementos envolvidos: o problema principal são os refugiados internos, os quais passam por um problema de saúde grave: a desnutrição.

Exemplo 7

Fernandinho Beira-Mar está preso, a mídia já não dá mais destaque ao perigoso bandido.

No texto, “bandido” é hiperônimo de “Fernandinho Beira-Mar”, visto que este é parte daquele. Ademais, o termo “perigoso” expressa um julgamento de valor acerca do traficante. Ou seja, além de informar, a coesão por sinonímia permite ao enunciador emitir sua opinião sobre os seres e fatos mencionados.

Coesão por conectivos

As conjunções, os pronomes relativos, os advérbios e as preposições são operadores linguísticos que estabelecem conexão, coesão entre as partes do texto, além de dar direção argumentativa. O emprego inadequado dos conectivos pode gerar incoerência, ambiguidade ou falta de clareza.

Exemplo 8

Coesão sem coerência:

É argentino, mas é boa gente. → há coesão (com conectivo), mas não há coerência, pois não existe oposição.

Exemplo 9

Coerência sem coesão:

- O ataque terrorista.
- A procura do autor intelectual.
- O deslocamento das tropas.
- A expectativa da guerra.

As frases estão soltas, sem ligação (sem coesão, não há conectivos que liguem as partes do texto), mas referem-se a um único assunto (há coerência).

Exemplo 10

Ambiguidade (*distância entre regente e regido*):

Toalha da francesa de plástico. → coesão malrealizada: ambiguidade.

Toalha de plástico da francesa. → coesão.

Exemplo 11

A direção argumentativa:

Era inteligente porque estudava. → causa.

Era inteligente, logo estudava. → conclusão.

Era inteligente, quando estudava. → tempo.

Era inteligente, se estudava. → condição.

Coesão por elipse

A elipse também é um marcador de coesão. Leia o anúncio a seguir.

A maior empresa do ramo no Brasil.

Aliás, é a maior da América do Sul.

Anúncio em *Carta Capital*.

Na segunda oração, temos a elipse de “empresa”; essa oração só pode ser entendida em coesão com a frase anterior. A elipse, contudo, pode criar, em certos casos, uma ambiguidade (elipse do sujeito da segunda oração).

- *Os policiais civis atacaram os militares, pois estavam bêbados. (Quem estava?)*
- *Os policiais civis atacaram os militares, pois estes estavam bêbados. (Os militares).*

Coesão por meio de artigo (definitivação)

José construiu um sonho. O sonho era ter um cavalo todo branco.

No primeiro período, empregou-se o artigo indefinido, pois não se sabia da existência do sonho; no segundo período, a colocação do artigo definido ocorre em função de a palavra “sonho” ter ocorrido. No texto a seguir, há um problema de coesão.

Surgiu, em Pedras Altas, numa tarde de muito frio, o cavaleiro misterioso. Ninguém o conhecia... O cavaleiro chamava-se...

Não se apresenta uma personagem com artigo definido; este ocorrerá apenas quando a personagem (ou o ser) já ter sido mencionada.

Surgiu, em Pedras Altas, numa tarde de muito frio, um cavaleiro misterioso. Ninguém o conhecia... O cavaleiro chamava-se...

Pró-formas verbais

Muitos políticos apropriam-se do que não é seu. Parcela da população faz o mesmo.

No exemplo anterior, o primeiro período é recuperado por meio de uma expressão que faz uso do verbo “fazer”; “faz o mesmo” significa apropriar-se do que não é seu.

Conectivos preposicionais (regente e regido)

Regente é a palavra que comanda a preposição; regido é a palavra comandada. Observe a manchete a seguir, propositalmente

alterada; o termo regente foi deslocado de sua posição, afastando-se do regido, acarretando uma outra interpretação.

Uma das metas é acelerar o término do secretário de 22 grupos de trabalho.

A interpretação sugere que o secretário tem seus dias contados; todavia, essa interpretação não condiz com o texto verdadeiro; veja os elementos que exercem o papel de regentes e regidos.

Uma das metas é acelerar o término do secretário de 22 grupos de trabalho.

Colocando o termo regido em sua posição original, teremos:

Uma das metas do secretário é acelerar o fim de 22 grupos de trabalho.

Veja este outro exemplo:

A ajuda deve ser intensificada aos menores abandonados. → coesão prejudicada: distância entre regente e regido.

A ajuda aos menores abandonados deve ser intensificada. → coesão: contiguidade entre regente e regido.

A distância entre regente e regido pode criar falta de clareza; incoerência, ambiguidades. A seguir, você lerá um texto em que a coesão prejudica a clareza; procure descobrir no texto 1 os termos regidos que estão malposicionados; a seguir você terá a resposta.

Texto 1: sem coesão

Em uma de suas colunas, o ombudsman reproduziu um trecho de uma do jornal Folha de S. Paulo notícia do Jornal e fez uma do Brasil crítica ao título notícia da mesma.

Texto 2: detectando o problema

Em uma de suas colunas, o ombudsman reproduziu um trecho de uma do jornal Folha de S. Paulo notícia do Jornal e fez uma do Brasil crítica ao título notícia da mesma.

Texto 3: com coesão

Em uma de suas colunas, o ombudsman do jornal Folha de S. Paulo reproduziu um trecho de uma notícia do Jornal do Brasil e fez uma crítica ao título da mesma notícia.

A repetição de termos

Uma maneira de estabelecer a coesão entre as partes é repetir a palavra, a expressão ou mesmo uma oração; esse recurso está presente principalmente na poesia.

XVIII

*Quem me dera que eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando...*

*Quem me dera que eu fosse os rios que correm
E as lavadeiras estivessem à minha beira...*

[...]

*Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro
E que ele me batesse e me estimasse...*

*Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena...*

Fernando Pessoa. *Ficções do Interlúdio I: Poemas completos de Alberto Caeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 58.

Na prosa, desde que não prejudique o estilo, também é possível esse tipo de coesão:

— *Queria, sinceramente, um vinho; mas um vinho bom, do Porto!*

Mataram o chargista Glauco. Glauco se foi, mas sua obra ficou.

A coesão entre as estruturas/o paralelismo sintático

O paralelismo sintático ocorre quando uma mesma estrutura sintática é repetida, ou quando se observa uma relação de dependência sintática entre dois elementos; quando um desses elementos está ausente, teremos uma quebra de paralelismo sintático.

Texto 1

- *E belo porque com o novo
todo o velho contagia.*
- *Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.*
- *Infeciona a miséria
com vida nova e sadia.*
- *Com oásis, o deserto,
com ventos, a calma.*

João Cabral de Melo Neto. *Morte e vida Severina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 85.

No texto anterior, o paralelismo sintático está presente na reiteração das orações coordenadas e dos adjuntos adverbiais iniciados pela preposição “com”; esse procedimento, no nível semântico, visa ao convencimento de que a vida vale a pena, o ser que nasce representa a esperança.

Texto 2

Leia o texto a seguir, ele apresenta uma quebra de paralelismo.

Assim que Lula chegou ao aeroporto, por volta das 14h, em companhia de três ministros.

A oração subordinada adverbial temporal, “*Assim que Lula chegou ao aeroporto*”, está sem a correspondente oração principal, provocando um problema de coesão. Veja agora com a oração principal:

Assim que Lula chegou ao aeroporto, por volta das 14h, em companhia de três ministros, ocorreu uma manifestação contrária à viagem do presidente.

Texto 3

No Haiti, os soldados brasileiros esperavam que o povo elege-se pacificamente o presidente e a não intervenção dos rebeldes na eleição.

A conjunção aditiva “e” deve coordenar elementos de igual função, o que não ocorre no texto; neste, o “e” está ligando uma oração (que o povo elege-se pacificamente o presidente) a um sintagma nominal (a não intervenção dos rebeldes na eleição). Observe a correção:

No Haiti, os soldados brasileiros esperavam que o povo elege-se pacificamente o presidente e que os rebeldes não interviessem na eleição.

A coesão entre os textos/a intertextualidade

Leia os textos a seguir, há uma relação intertextual entre eles.

Texto 1

*Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida.
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais.
[...]*

Casimiro José Marques de Abreu. “Meus oito anos”. In: *As primaveras*. 2 ed. Lisboa: Typ. do Panorama, 1867. p. 17.

Texto 2

*Ai, que saudade que eu tenho
Dos meus doze anos
Que saudade ingrata
Dar banda por aí
Fazendo grandes planos
E chutando lata
[...]*

Chico Buarque. “Doze anos”. Intérpretes: Chico Buarque; Moreira da Silva. In: *Ópera do Malandro*. Universal, 1979. Faixa 6. © Marola Edições Musicais.

O segundo texto recupera o primeiro, utilizando estruturas sintáticas e vocábulos deste; esse tipo de coesão denomina-se intertextualidade. Há a intertextualidade, mas não ocorre o mesmo discurso (interdiscursividade), a visão sobre a infância é diferente; em Chico, não há a idealização romântica.

Revisando

Texto para as questões de 1 a 10.

Poema de Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser **gauche** na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Carlos Drummond de Andrade. *Alguma Poesia*, Rio de Janeiro:
Record. © Graña Drummond www.carlosdrummond.com.br

1 Considere a passagem a seguir.

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser **gauche** na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.

Cite os dois anafóricos empregados pelo autor e as palavras por eles recuperadas.

2 Um dos anafóricos também faz o papel de catafórico. Explique como isso ocorre.

3 Em “mas essa lua/ mas esse conhaque”, o demonstrativo e o conectivo “mas” exercem um papel semântico em relação aos substantivos “lua” e “conhaque”. Que papel é esse?

4 Explique o valor semântico do conectivo “porém” e substitua-o por outro de mesmo sentido.

Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

5 Considere o seguinte excerto:

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas.

Nesse fragmento, o autor emprega uma linguagem que se aproxima de uma escola de pintura. Justifique essa afirmativa.

gauche: termo francês, que quer dizer torto, desajeitado.

6 Que contribuição o paralelismo sintático observado no trecho abaixo traz à estética (componente artístico, recursos expressivos) do texto (nos planos sonoro e semântico)?

*se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.*

7 Empregue um conectivo que una os dois versos e que mantenha a mesma ideia. Aponte seu valor semântico.

*A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.*

8 Em “Meu Deus, por que me abandonaste/se sabias que eu não era Deus”, o autor emprega a palavra Deus com dois sentidos diferentes; quais são?

9 Considere o seguinte excerto:

[...] o homem atrás dos óculos e do bigode.

Que palavra está elíptica? Qual a função dessa elipse para a frase?

10 Identifique no trecho abaixo uma elipse e reduza a oração subordinada “Quando nasci”.

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.*

Exercícios propostos

1 AFA Leia.

A ilusão de uma verdade puramente exterior, existindo a priori e sem a participação do indivíduo na sua realidade intrínseca, entrou a dominar a literatura europeia[...]. A imaginação perdeu seu poder temporal e suas prerrogativas absolutas; as construções que não tinham por base o documento principiavam a vacilar, e a observação limitou o terreno da fantasia, nivelou-lhe a superfície irregular, marcou-lhe(1) as dimensões e determinou-lhe(2) os confins, reduzindo-o(3) a uma porção insignificante e quase desprezível.

Ronaldo de Carvalho. *Pequena história da literatura brasileira*. 13 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. p. 229.

Observando-se o emprego dos pronomes assinalados, 1, 2 e 3, no processo coesivo do texto, dir-se-á que:

- (a) 1, 2 e 3 retomam a expressão “terreno da fantasia”.
- (b) 1 e 2 retomam “superfície”, 3 retoma “dimensões”.
- (c) 1 retoma “superfície”; 2 retoma “dimensões”; 3 retoma “confins”.
- (d) 1 retoma “terreno da fantasia”; 2 retoma “dimensões”; 3 retoma “confins”.

2 AFA Leia este fragmento de *São Bernardo*, atentando para o pronome destacado.

Azevedo Gondim reclamava liberdade, aos gritos. Contenta-se hoje com a renda mofina do jornal e deve os cabelos da cabeça. Conforma-se com isso.

Graciliano Ramos. *São Bernardo*.

O pronome em questão faz parte do grupo de instrumentos linguísticos que retomam partes do discurso e promovem a coesão textual. Nesse trecho, refere-se à(s):

- (a) liberdade outrora reclamada aos brados.
- (b) acomodação do jornalista no presente, advinda de percalços e frustrações do passado.
- (c) dívidas e à renda ordinária provinda do jornal, com a qual Gondim se contenta atualmente.
- (d) dívidas geradas pelo salário mofino que Gondim recebe do jornal, com o qual se conforma nesse momento da vida, apesar de ter protestado no passado.

3 AFA 2000 Leia.

São Bernardo faz *interagir*, como num jogo, dois modos de focalizar a narrativa: de um lado o modo próprio, autossuficiente e pragmático do fazendeiro; de outro, o modo de narrar de Paulo Honório-escritor, feito de hesitações, dúvidas e interrogações, **as quais ele** partilha com o leitor. A dupla focalização se explica pelos tempos diferentes em que **um** e **outro** se encontram.

Lúcia H. Vianna. *Roteiro de leitura: São Bernardo de Graciliano Ramos*. Os termos em negrito, as quais, ele e um e outro, resgatam, respectivamente, estes elementos do excerto:

- (a) "interrogações"; "escritor"; "modos de focalizar a narrativa".
- (b) "modos de focalizar a narrativa"; "Paulo Honório"; "escritor" e "leitor".
- (c) "dúvidas e interrogações"; "fazendeiro"; "fazendeiro" e "escritor".
- (d) "hesitações, dúvidas e interrogações"; "Paulo Honório-escritor"; "escritor" e "fazendeiro".

4 Fuvest



Business Intercontinental da Iberia.
Mais espaço entre as poltronas

Viajar virou sinônimo de relaxar. Principalmente quando você tem à sua disposição uma poltrona de design ergonômico com maior capacidade para reclinar e 132 cm de espaço entre a sua poltrona e a da frente. Além disso, você conta com mais de 300 salas VIP em aeroportos no mundo todo e pode acumular e utilizar pontos no seu programa de milhagens voando com qualquer linha aérea da Oneworld. Business Intercontinental da Iberia. Sorria.

Nesse anúncio, a imagem fotográfica associa-se diretamente à palavra sorria e à expressão:

- (a) "mais de 300 salas VIP".
- (b) "acumular e utilizar pontos".
- (c) "Mais espaço entre as poltronas".
- (d) "aeroportos no mundo todo".
- (e) "programa de milhagens".

5 Leia o texto a seguir.

Os terroristas atacaram Nova Iorque.
Houve muitas vítimas.
Há um suspeito.

No texto citado, observa-se:

- (a) coesão e coerência.
- (b) coesão, mas sem coerência.
- (c) sem coesão e sem coerência.
- (d) coerência, mas sem coesão.

6 Leia o texto a seguir.

Chegou, na madrugada de ontem, o artista Chico Buarque de Holanda. O compositor estava acompanhado de Caetano Veloso. Assinale a alternativa correta.

- (a) "compositor" é hipônimo de "artista".
- (b) "artista" é hipônimo de "compositor".
- (c) "compositor" é hiperônimo de "artista".
- (d) "Caetano" é hiperônimo de "artista".
- (e) "compositor" remete a Caetano Veloso.

7 Dá-se livro de português adequado, ao primeiro que telefonar, a alunos de primeiro grau.

No texto, observa-se:

- (a) o uso inadequado de preposições.
- (b) um problema de contiguidade entre regente e regido.
- (c) quebra do paralelismo semântico.
- (d) quebra do paralelismo sintático.
- (e) problemas de coerência.

8 Maria e Joaquina brigam muito. Ela é muito nervosa.

Tire a ambiguidade do texto citado, utilizando apenas pronomes demonstrativos (dê as duas versões). Aponte o ser a que se refere o demonstrativo.

9 Leia o texto a seguir.

Professor e aluno bateram boca em plena sala de aula. O motivo: o aluno estava xingando uma menina da sala, esta resolveu retrucar. Ofenderam-se durante um bom tempo, mas no fim, tudo foi resolvido.

No texto, a coesão fica comprometida devido:

- (a) a uma elipse do sujeito.
- (b) à falta de marcadores espaciais.
- (c) à omissão do objeto direto.
- (d) ao sujeito indeterminado.
- (e) à ordem indireta utilizada.

10 Mackenzie Leia.

– Meus amigos, são essas as condições:

- a) não pode repetir o ano;
- b) não pode conversar;
- c) não pode nada;

No texto, observa-se o uso indevido:

- (a) do ponto e vírgula.
- (b) do pronome "essas".
- (c) dos itens a, b, c.
- (d) da dupla negação.
- (e) do vocativo.

11 Leia o texto a seguir e corrija-o.

Na semana passada, houve uma reunião onde foram discutidas as problemáticas existentes na firma. O chefe ficou extático ao saber que havia brigas internas. Disse que a demissão para os envolvidos era iminente, mas ninguém acreditou.

12 Mackenzie Leia.

O garoto pedia tudo, até o que não via:
 – Pai, eu quero um avião de guerra, de verdade.
 – Eu lho dou, assim que tiver vinte anos.

No texto citado, o pronome “lho” recupera:

- (a) o garoto.
- (b) tudo.
- (c) o avião.
- (d) o avião e o garoto.
- (e) tudo e o garoto.

13 Leia a frase a seguir.

João pediu uma foto ao pai do Natal.

Assinale a incorreta.

- (a) O texto é ambíguo.
- (b) A inversão dos termos resolve o problema de clareza.
- (c) A falta de clareza deve-se à má utilização de termos que estabelecem coesão.
- (d) “do Natal” é regido pelo verbo, por isso não pode estar no fim da oração.

O texto a seguir refere-se às questões de 14 a 19.



1. É natural que você pense que o Leite Longa Vida tenha alguma coisa. Afinal, os de saquinho duram um ou dois dias e o Leite Longa Vida dura meses. Isto porque ele não tem bactérias.
2. Como ele não tem bactérias, o Leite Longa Vida não precisa de aditivos nem de conservantes [...].
3. Você não deve desconfiar quando um leite é tudo isso.
4. Você deve desconfiar quando um leite não é nada disso.
5. Pensando bem, você nem precisa agradecer o fato do Leite Longa Vida fazer tudo isso por você.
6. Porque, no fundo, isso não é mais que uma obrigação do Leite Longa Vida.
7. Beba leite. Este.

14 No primeiro parágrafo, observa-se:

- (a) mau uso do “porque”.
- (b) mau uso do “isto”.
- (c) mau uso do “os”.
- (d) mau uso do “ele”.
- (e) mau uso do “você”.

15 O conectivo “como” (2º parágrafo) introduz uma ideia de:

- (a) conformidade.
- (b) comparação.
- (c) causa.
- (d) consequência.
- (e) modo.

16 A que se referem os pronomes demonstrativos em 3 e 4?

17 Em “isso não é mais que uma obrigação” (6º parágrafo), o demonstrativo refere-se a:

- (a) leite puro e nutritivo.
- (b) fazer tudo isso.
- (c) Leite Longa Vida.
- (d) obrigação.
- (e) obrigado por não ter aditivos.

18 Explique o uso do demonstrativo “este” (7º parágrafo).

19 No quinto parágrafo, há um erro de sintaxe. Identifique-o e faça a correção.

20 Identifique o tipo de coesão empregada e liste as palavras que estão em relação de sinonímia.


Rio de Janeiro está em festa. A cidade maravilhosa completa mais um ano de vida.

Na capital do carnaval, ninguém descansa. A terra de Tom é só batucada.

21 Veja o anúncio a seguir.



- a) Que elemento do texto possui função anafórica? Quem ele recupera?
- b) Explique o efeito de criatividade no texto.



LIBERDADE - UM DIREITO DE TODOS

SEU CRIME
NASCER

SUA PENA
PRISÃO PERPÉTUA

JUIZ
**QUEM NÃO SE CONTENTA COM
A BELEZA DA NATUREZA LIVRE**

ASAS SÃO PARA VOAR

**DIGA NÃO ÀS PRISÕES
DIGA NÃO ÀS GAIOLAS**

WWW.PEA.ORG.BR

PEA.ORG

- a) Que pronomes da publicidade remetem à ave?
b) Dê uma outra tradução para juiz.

TEXTO COMPLEMENTAR

Linguística textual

A linguística textual, como ciência da estrutura e do funcionamento dos textos, começou a desenvolver-se na década de 1960 na Europa, especialmente na Alemanha.

A origem do termo “linguística textual” encontra-se em Cosériu, embora, no sentido que lhe é atualmente atribuído, tenha sido empregado pela primeira vez por Weinrich.

As causas de seu desenvolvimento são, dentre outras, as falhas das gramáticas da frase no tratamento de fenômenos como a referência, a definitivização, as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, a ordem das palavras no enunciado, a entoação, a concordância dos tempos verbais, fenômenos estes que só podem ser explicados em termos de texto ou em referência a um contexto situacional.

Assim, o que a legitima é sua capacidade de explicar fenômenos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado ou, como afirma Conte (1977, pp. 17-8), “é a descontinuidade entre enunciado e texto, já que há uma diferença qualitativa entre ambos (e não meramente quantitativa)”.

Sendo o texto mais do que a soma dos enunciados que compõem, sua produção e compreensão derivam de uma competência específica do falante – a competência textual.

Chegados a este ponto, algumas questões podem ser colocadas:

O que é competência textual? E o que é texto? Do que se constitui e em que se distingue de um conjunto de frases? O que une, por exemplo, um grito isolado “– Socorro!” – a um soneto de Camões e o que separa estes dois textos de um pseudotexto, por exemplo, um léxico?

Todo falante de uma língua tem capacidade de distinguir um texto coerente de um alongamento incoerente de enunciados e esta competência é linguística, em sentido amplo (distingue-se da competência frasal ou linguística em sentido estrito, como a descreve, por exemplo, Chomsky em *Aspects of the theory of syntax* – 1965). Qualquer falante é também capaz de parafrasear um texto, de resumi-lo, de atribuir-lhe um título, de produzir um texto a partir de um título dado e de distinguir um texto segundo os vários tipos de texto (por exemplo, uma conversação de um texto científico, de uma receita de bolo, de uma poesia). Todas essas habilidades explicitam a competência textual e justificam a construção de uma gramática textual.

Leonor Lopes Fávero. *Coesão e coerência textuais*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2009.

RESUMINDO

Coesão: ligação entre as partes.

Ausência de coesão: erro ou recurso expressivo (linguagem cubista, cinematográfica).

Linguagem cubista: sintaxe entrecortada, ausência de nexos sintáticos.

Linguagem cinematográfica: à base de *flashes*.

Elementos que promovem a coesão textual:

- anafóricos: pronomes, advérbios e numerais que têm a função de retomar palavras.
- catafóricos: pronomes, advérbios e numerais que têm a função de introduzir palavras.
- isso, esse, essa: só anafóricos.
- isto, este, esta: catafóricos.

Exceção 1: quando há dois elementos, usa-se “este” (para recuperar o mais próximo) e “aquele” (para recuperar o mais distante).

Exceção 2: usa-se “este” no lugar de “esse” para enfatizar o termo recuperado.

- elipse: ocultar palavras, mecanismo que promove a coesão e a concisão.
- conectivos: conjunções, preposições e pronomes relativos.
- distância entre regente e regido: distância entre o termo que comanda a preposição e o termo comandado pela preposição.
- quebra do paralelismo sintático: emprega-se “não só”, mas não se coloca o “mas também”; emprega-se “ora”, mas não se coloca o outro “ora” etc.
- coesão por sinonímia: quando se utilizam sinônimos para retomar palavras.

■ QUER SABER MAIS?



LIVRO

- Leon Tolstói. *Guerra e Paz*. Porto Alegre: LP&M, 2007.



SITE

- <www.guiademidia.com.br/sites/artesecultura.htm>.



FILME

- *Titus*; direção de Julie Taymor.



TEATRO

- Jean Racine. *Fedra*. Porto Alegre: LP&M, 2001.



MÚSICA

- “Einstein on the beach”. Philip Glass. (música minimalista).



FOTOGRAFIA

- Orlando Azevedo.

Exercícios complementares

1 AFA A distância entre o motorista de vidros lacrados e o mendigo que pede esmola no sinal vermelho é maior que a distância entre ele e as trilhas agrestes das novelas e dos comerciais. Nas ruas esburacadas das metrópoles, ele talvez se sinta escalando falésias. No seu coração a cidade embrutecida é a pior de todas as selvas. Em relação ao excerto citado, extraído da revista *Veja* e propositalmente alterado, é correto afirmar que:

- redundâncias e tautologias interferem na clareza.
- é claro e conciso, porém apresenta falhas gramaticais.
- não é conciso, pois os pronomes “ele” e “seu” causam ambiguidade.
- a clareza está comprometida pelo emprego do pronome pessoal e do possessivo.

2 AFA Aponte a alternativa cujo período, extraído da revista *Veja* e propositalmente alterado, apresenta falha na sintaxe.

- (a) Num dos casos mais angustiantes entre os 23 acidentes fatais debaixo da água, um mergulhador morreu quando o sistema de respiração falhou e ele não conseguiu subir, porque estava amarrado a uma estrutura metálica, lá no fundo.
- (b) Assim como tantos outros administradores públicos, Júlio Lacerda, prefeito de Moema, em Minas Gerais, insistia numa velha fórmula para resolver os problemas de caixa de sua cidade: passar o chapéu nos gabinetes burocráticos da capital do Estado.
- (c) O *Massachusetts Institute of Technology*, MIT, acaba de acertar, por intermédio do Ministério da Ciência e Tecnologia, sua colaboração com o governo para implementar a infovia – jargão que designa os meios digitais de circulação de dados e informações – no Brasil.
- (d) Carlos de Almeida Valente, que mora na cidade de Prateados, no extremo norte do país, apontado pela Polícia Federal como um dos reis do contrabando, transportando em um de seus aviões bimotores e turbinados mais de 70% das mercadorias contrabandeadas dos Estados Unidos e Paraguai para o Brasil.

3 Mackenzie Leia.

A propósito da exposição de Malfatti

Há duas espécies de artistas. Uma das que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida [...]. A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas como cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos da decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro.

[...] Se vissemos na sra. Malfatti apenas uma “moça que pinta”, como há centenas por aí, sem denunciar centelha de talento, calar-nos-íamos, ou talvez lhe déssemos meia dúzia desses adjetivos “bombons”, que a crítica açucarada tem sempre à mão em se tratando de moças.

Monteiro Lobato. *Paranoia ou mistificação*. 1917.

Assinale a alternativa correta.

- (a) O advérbio *cá* aponta para um espaço próximo de quem está falando, espaço onde também surgem furúnculos da cultura excessiva.
- (b) A oposição pureza/impureza está implícita apenas no primeiro período do primeiro parágrafo.
- (c) No segundo parágrafo, a crítica de arte feita na época é avaliada com mágoa e ressentimento.
- (d) No segundo parágrafo, confirma-se o talento de Malfatti, então relacionado à arte pura.
- (e) A expressão “adjetivos bombons” afasta qualquer crítica negativa em relação a Malfatti.

4 Mackenzie Leia os versos a seguir.

Quando eu me sento à janela,
P’los vidros que a neve embaça
Vejo a doce imagem dela
Quando passa... passa... passa...

[...]

Lançou-me a mágoa seu véu: –
Menos um ser neste mundo
E mais um anjo do céu.

Quando eu me sento à janela,
P’los vidros que a neve embaça
Julgo ver a imagem dela
Que já não passa... não passa..

Fernando Pessoa. “Quando ela passa”. In: *Vozes da saudade*.

- I. Os versos 6 e 7 referem-se à morte de maneira denotativa.
- II. Nos versos 6 e 7 há uma referência irônica ao véu da mágoa.
- III. O paralelismo entre os versos 1/2 e 8/9 aponta para uma ação cíclica.

Das afirmações anteriores:

- (a) apenas I está correta.
- (b) apenas II está correta.
- (c) apenas III está correta.
- (d) todas estão corretas.
- (e) nenhuma está correta.

5 Leia.

A marquesa de Alegros ficara viúva aos quarenta e três anos, e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. [...] As suas duas filhas, educadas no receio do Céu e nas preocupações da moda, eram beatas e faziam o chique, falando com igual fervor da humanidade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas:

– Pensam todos os dias na toilette com que hão de entrar no Paraíso.

Eça de Queirós. *O crime do Padre Amaro*. Açores-Portugal: Erres e Esses Ltda., 1972. p. 25-6.

Paralelismo sintático e oposição semântica são recursos usados na caracterização das filhas da marquesa de Alegros.

- a) Transcreva do texto os segmentos em que isso ocorre.
- b) Identifique os efeitos de sentido que decorrem do emprego de tais recursos.

6 Leia o texto a seguir.

Os anões do orçamento estão voltando. Paulo Maluf está voltando. Fernando Collor está voltando. Até mesmo a inflação, nossa velha conhecida, está de volta. A história política brasileira só avança em flashbacks.

Revista *Bundas*, 12 set. 2000.

Assinale a alternativa incorreta.

- (a) A expressão “em flashbacks” remete a “anões do orçamento”, “Paulo Maluf”, “Fernando Collor”, “inflação”.
- (b) O adjunto adverbial “em flashbacks” indica o modo como a política brasileira avança.
- (c) “Em flashbacks” estabelece uma sanção negativa ao processo político.
- (d) O termo “em flashbacks” pressupõe o fato de que não há avanço político, mas um retrocesso.
- (e) A expressão “em flashbacks” traduz a lentidão do processo político.

7 Observe as frases quanto à regência.

- I. O tabloide londrino *Gossips*, com duas edições diárias, entende melhor do que ninguém de fofocas.
- II. No horário previsto, a cerimônia foi iniciada com a entrada no salão nobre da universidade dos professores aposentados.
- III. Oferece-se oportunidade a moça de boa aparência, inteligente e fluente em francês, de acompanhar idoso em temporada de convalescença nos Alpes.

As frases I, II e III estariam mais bem estruturadas se houvesse nelas:

- (a) uso adequado das preposições.
- (b) observância da correta pontuação.
- (c) contiguidade entre regente e regido.
- (d) compatibilidade semântica entre subordinante e subordinado.

8 Unesp

Poética

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu.

Aristóteles. *Poética*.

Os pronomes demonstrativos são algumas vezes empregados na frase para fazer referência a termos antecedentes, ou seja, empregados anteriormente na mesma ou em outra frase. De posse desta informação:

- a) aponte os respectivos antecedentes dos pronomes demonstrativos *aquela* e *esta* no terceiro período do texto de Aristóteles (de “Por isso...” até “... o particular”).
- b) explique, com base nessa e em outras passagens do texto de Aristóteles, a diferença entre o historiador e o poeta.

9 Unicamp O trecho que se segue foi extraído de uma entrevista concedida por um engenheiro eletrônico a um jornal. Na transcrição da entrevista, manteve-se a linguagem coloquial característica desse tipo de interação verbal.

Identifique a passagem que precisa ser modificada para tornar o texto adequado à linguagem escrita culta. Reescreva-a como achar mais conveniente.

Pergunta: Houve precipitação?

Resposta: Lógico. Os grandes problemas você deve ter um desenvolvimento tecnológico local. [...] Resolvemos brigar para ser usada tecnologia brasileira.

10 Unicamp No texto a seguir, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

[...] ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. [...]

Machado de Assis, *Missa do Galo*.

11 Unicamp No trecho que se segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy).

Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.

“E se os russos atacassem agora?”, perguntou certa ocasião [...] Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefe mafioso Sam Giancana.

Veja, ed. 1002, 18 nov. 1987.

12 Unicamp Leia com atenção o texto a seguir.

Já houve o tempo da moreninha, da loirinha e agora chegou a vez da ruivinha. A cor do cabelo, no entanto, faz pouca diferença pois a fórmula para conquistar jovens plateias com um interesse maior em sexo do que em música. O segredo do sucesso na música pop é um rostinho – e um corpinho – feminino bonito e sensual.

Folha de S.Paulo, 17 set. 1988.

Há nesse texto uma passagem cujo sentido ficou prejudicado, provavelmente por uma distração do revisor do jornal. Identifique essa passagem e explique por que, na forma como foi publicada, ela dificulta a compreensão do texto.

13 Unicamp A historinha transcrita a seguir foi publicada na seção “Humor” de uma revista.

A professora passou a lição de casa: fazer uma redação com o tema “Mãe só tem uma”. No dia seguinte, cada aluno leu a sua redação. Todas mais ou menos dizendo as mesmas coisas: a mãe nos amamenta, é carinhosa conosco, é a rosa mais linda de nosso jardim etc. Portanto, mãe só tem uma...

Então chegou a vez do Juquinha ler a sua redação:

“Domingo foi visita lá em casa. As visitas ficaram na sala. Elas tinham sede e minha mãe pediu para mim (sic) ir buscar coca-cola na cozinha. Eu abri a geladeira e só tinha uma coca-cola. Aí eu gritei pra minha mãe: ‘Mãe, só tem uma!’”

Viaje Bem, revista de bordo da Vasp, n. 4, 1989.

Essa piada baseia-se nas interpretações diferentes de (I) “Mãe só tem uma” e (II) “Mãe, só tem uma!”

Compare esses dois enunciados e, com base na análise das relações sintáticas que se estabelecem entre as palavras, em cada um dos casos, identifique e explique a diferença de significado entre (I) e (II), responsável pelo efeito engraçado do texto.

14 No texto a seguir, propositalmente alterado, o regente encontra-se distante do regido. Identifique-os e a seguir reconstrua o texto aproximando-os.

O direito abrangerá os seguintes aspectos à proteção especial:

I. idade mínima para admissão ao trabalho de 14 anos, observado o exposto no art. 7, XXXIII;

[...]

III. garantia de acesso à escola do trabalhador adolescente.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

15 Precisamos de um quadro adequado, para a semana que vem, amarelo, sóbrio, a salas de reunião. Liguem JÁ!!

A distância entre regente e regido e a colocação das locuções adverbiais prejudicam a clareza do texto; redija-o novamente e faça as adaptações necessárias.

Texto para as questões 16 e 17.



O símbolo chinês, alçado a ícone pop nos anos 1970, representa o equilíbrio eterno de forças opostas.

O Yin está associado ao feminino, à água e à escuridão. O Yang, ao masculino, à atividade e à luz. Eles trazem um pedaço, ou uma semente, do outro, e são interdependentes.

John Bowker. Para entender as religiões. São Paulo: Ática, 1997.

16 Considere as seguintes afirmações.

- I. Yin e Yan são dois símbolos chineses, a relação estabelecida entre eles é de contradição, um opõe ao outro.
- II. Por meio do conhecimento de mundo, “anos 70”, deduz-se que o símbolo foi utilizado pelo movimento *hippie*.
- III. “O Yin está associado ao feminino; a água, à escuridão.”, se a frase do segundo período fosse assim redigida, não haveria alteração semântica, mas uma nova sintaxe em que a palavra “água” seria destaque.
- IV. A expressão “alçado a ícone” significa, no contexto, colocado como um dos símbolos de uma geração feminista.

Está(ão) correta(s) apenas:

- | | |
|-----------------|--------------|
| (a) I e IV. | (d) II e IV. |
| (b) I, II e IV. | (e) II. |
| (c) I e II. | |

17 Ainda em relação aos textos, pode-se afirmar que:

- I. a ideia de semente está presente no verbal e no visual e representa para os chineses a parte oposta dentro de si mesmo.
- II. o ponto escuro (o homem) dentro da imagem clara (a mulher) relaciona-se à ideia de equilíbrio eterno.

III. a imagem pode ser considerada um todo (o ser humano) constituído por duas partes (homem e mulher), que se relacionam por uma relação de complementariedade e ao mesmo tempo de oposição.

IV. a ideia de complementariedade também se associa ao fato de que as imagens, opostas na cor, se moldam perfeitamente uma à outra, formando um todo em que as partes são independentes.

Está(ão) correta(s) apenas:

- | | |
|------------------|---------------|
| (a) I, II e III. | (d) II. |
| (b) I, III e IV. | (e) III e IV. |
| (c) I e III. | |

18 Fuvest 2006 Considere as seguintes afirmações.

- I. Kramer apaixonou-se por uma corista.
 - II. Kramer e a corista jamais se encontraram.
 - III. Talvez Kramer julgasse ter sido melhor assim.
- As afirmações anteriores estão articuladas de modo coerente e correto no seguinte período:

- (a) Talvez Kramer tenha julgado ter sido melhor que ele e a corista por quem se apaixonou jamais se houvessem encontrado.
- (b) Muito embora Kramer se apaixonou por uma corista, jamais se encontraram, mesmo porque ele julgaria ter sido melhor assim.
- (c) Jamais se encontraram Kramer e a corista por quem se apaixonou, pois talvez Kramer julgava que é melhor ser assim.
- (d) Quando se apaixonou por uma corista, ainda que ambos jamais se encontraram, Kramer talvez tenha achado que assim seria melhor.
- (e) Desde que Kramer se apaixonou e julgou melhor assim, ele e a corista jamais teriam se encontrado.

19 ITA Das opções abaixo, cujos textos foram extraídos do Manual do Proprietário de um carro, a única alternativa que não apresenta inadequação quanto à construção ou ao emprego de palavras é:

- (a) Se o veículo costuma permanecer imobilizado por mais de duas semanas ou se é utilizado em pequenos percursos, com frequência não diária [...] adicione um frasco de aditivo.
- (b) Algumas [instruções], todavia, merecem atenção especial, em virtude das graves consequências que sua não observância pode representar para a integridade física dos ocupantes e para o funcionamento do veículo.
- (c) Ao calibrar os pneus, não se esqueça de examinar também o de reserva. Veja instruções na Seção 7, sob Pneus.
- (d) Somente se a utilização do veículo ocorrer essencialmente nas rodovias asfaltadas na maior parte do tempo é que se pode proceder à troca de óleo a cada 6 meses ou 10.000 km, o que primeiro ocorrer.
- (e) O uso dos cintos de segurança deve também ser rigorosamente observado em veículos equipados com sistema *Air bag*, que atua como complemento a este sistema.

O texto a seguir refere-se às questões 20 e 21.

Na capa do caderno “Aliás” do jornal O Estado de S. Paulo de 10 de julho de 2005, encontramos o seguinte conjunto de afirmações que também fazem referência à crise política do Governo Lula.

Getúlio tanto sabia que preparou a carta-testamento. Juscelino sabia que seria absolvido pela História. Jânio sabia que sua renúncia embutia um projeto autoritário. Jango sabia o tamanho da conspiração ao seu redor. Médici ia ao futebol, mas sabia de tudo. Geisel sabia que Golbery entendera o projeto de abertura. [...]

20 Unicamp 2006 Em todas as afirmações, há um padrão que se repete. Qual é esse padrão e como ele estabelece a relação com a crise política do atual governo?

21 Unicamp 2006 Apresente, por meio de paráfrases, duas interpretações para a palavra “tanto” na frase “Getúlio tanto sabia que preparou a carta-testamento”.

O texto a seguir refere-se às questões de 22 a 25.

O soneto a seguir, de Machado de Assis, intitula-se “*Suave mari magno*”, expressão usada pelo poeta latino Lucrécio, que passou a ser empregada para definir o prazer experimentado por alguém quando se percebe livre dos perigos a que outros estão expostos.

Suave mari magno

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,
De um riso **espúrio** e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

22 Unicamp Que paradoxo o poema aponta nas reações do cão envenenado?

23 Unicamp Por que se pode afirmar que os passantes, diante dele, também agem de forma paradoxal?

24 Unicamp Em vista dessas reações paradoxais, justifique o título do poema.

25 Unicamp Que elemento de coesão está presente no primeiro verso da segunda estrofe que possibilita a retomada do “cão”?

O texto a seguir refere-se às questões 26 e 27.

O trecho a seguir corresponde ao desfecho do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.

[...] Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em **borbotões**, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

Machado de Assis, “A causa secreta”. In: *Obra Completa*. v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. p. 519.

26 Unicamp Explique a repetição do adjetivo “longa” no desfecho do conto.

27 Unicamp Que relação há entre a atitude de Fortunato e o poema “*Suave mari magno*”?

Texto para a questão 28.

Investimos em 55 mil agentes comunitários. Olha só o lucro



Os Agentes Comunitários de Saúde são pessoas comuns, selecionadas e treinadas para trabalhar com a comunidade em que vivem. Visitam as moradias, acompanhando de modo permanente o desenvolvimento dos vizinhos. Em especial as crianças, gestantes e idosos. Assim, a porta de cada casa se torna uma entrada para o sistema de saúde.

Em apenas 5 anos, os Agentes já ajudaram a reduzir em 30% a mortalidade infantil no Brasil. Isso mostra que, com um mínimo de esforço, nossa gente pode dar um salto para condições de vida mais dignas.

espúrio: não genuíno; ilegítimo; ilegal, falsificada. em medicina, diz respeito a uma enfermidade falsa, não genuína, a que faltam sintomas característicos; **borbotões:** em jorros, em grande quantidade.

Cada Agente Comunitário é responsável por 150 a 200 famílias, em seu bairro, sua vila ou povoado. Promove a saúde da vizinhança com informações simples, faz a base da ação preventiva. E identifica pequenos males, antes que estes se agravem e alimentem as filas dos hospitais. O Agente reforça a ponte entre as pessoas e o posto de atendimento local.

É a concretização de um sonho que parecia impossível: uma saúde que vai onde o povo está, encurtando as distâncias físicas e sociais que deixam tanta gente à margem dos serviços públicos. Ao fim de 1997, havia 54 mil Agentes atendendo 41 milhões de brasileiros. Até dezembro de 1998 eles já serão 100 mil, trabalhando pelo bem-estar de cerca de 75 milhões de pessoas (metade da nossa população) em 3 mil cidades.

Nós sabemos que você quer resultados na Saúde. É o seu direito. É o nosso dever.

Veja, mar. 1998. (Adapt.).

28 UEPG Com referência aos segundo e terceiro parágrafos, assinale o que for correto.

- 01 A locução adverbial “em apenas 5 anos” retoma a ideia de eficácia da política de saúde pública .
- 02 O pronome demonstrativo “estes” está em lugar de “agentes comunitários”, permitindo que se juntem outras ideias ao texto.
- 04 A locução adverbial “antes que” dá seguimento à exposição de argumentos, imprimindo força à ideia constante de preocupação do governo com a saúde pública.
- 08 O demonstrativo “isso” mantém a coesão das ideias expostas, permitindo-lhes a progressão.

Soma:

29 Veja o texto a seguir, manchete do jornal *O Estado de São Paulo*.

PF evita megarroubos a banco do PCC no Sul e prende 37

O Estado de S. Paulo, 2 set. 2006.

Observa-se na manchete um problema de:

- (a) concisão.
- (b) coesão.
- (c) colocação pronominal.
- (d) concordância.
- (e) progressão lógica.

Texto para a questão 30.

Olhos de ressaca

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancho quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance conster-nou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Con-solava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxu-gou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

Machado de Assis. “Olhos de ressaca”. *Dom Casmurro*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

30 Uerj

“[...] não admira lhe saltassem algumas **LÁGRIMAS** poucas e caladas. As minhas cessaram logo.”

Nessa passagem, encontra-se um recurso de coesão textual em que o termo destacado é retomado por meio de elipse. Esse mesmo recurso é empregado em:

- (a) “**quis despedir-se do marido**, e o desespero daquele lance consternou a todos.”.
- (b) “Muitos homens **choravam** também, as mulheres todas.”.
- (c) “Redobrou de carícias para **a amiga**, e quis levá-la;”.
- (d) “quais os **da viúva**, sem o pranto nem palavras desta,”.

Coerência e concisão

12



A coerência é a compatibilidade de sentido entre duas partes do texto (A é compatível com B). A falta de coerência prejudica a clareza do texto, compromete a mensagem; porém, em alguns textos, pode servir como recurso expressivo. No texto de Angeli, por exemplo, "TV digital ou analógica" (A) é incompatível com o que se vê: a máquina de assar frangos (B). A falta de coerência nesse caso é proposital, pois enfatiza uma realidade: a pobreza. Para esta, a TV não é o prioritário, pois falta-lhe o básico: a comida, o frango (o conteúdo da máquina). A falta de coerência no texto de Angeli denuncia uma falta de coerência na realidade do país: uma economia forte ("TV analógica, digital"), mas uma estrutura social ainda frágil, pois a maioria ainda vive em estado precário ("Pra mim tanto faz! O importante é o conteúdo!").

Neste capítulo, estudaremos os tipos de coerência por meio de textos que pecam no seu emprego ou que utilizam a falta de coerência como instrumento de criatividade, por exemplo, o cinema, a propaganda, a charge etc.

Coerência

Coesão e coerência

A coesão pode ser traduzida por ligação; a ligação entre palavras, orações, partes de um texto. A coesão está para a sintaxe, assim como a coerência está para a semântica. Portanto, um texto com boa coesão é um texto bem armado; as partes que o compõem estão unidas, e não soltas. A falta de coesão pode gerar, por exemplo, falta de clareza ou de coerência; um texto em que a coesão está mal feita, pode ainda resultar em uma ambiguidade. A coerência é a compatibilidade semântica entre palavras, termos de uma oração, orações, partes de um texto, ou ainda entre argumento e tese, argumento e realidade.

Sem coerência e sem coesão

*O monumento desaba. Fiz as compras? Ai!
Quantos corvos na careca?
Aviões despejam bombas. Caviar na boca do mendigo.*

O texto acima não possui coesão, pois as frases e as partes que o compõem estão soltas, não há conectivos que as liguem. Também não há coerência, pois cada frase aponta para um assunto diferente, gerando a falta de unidade temática.

Com coerência e sem coesão

A noite caminha silenciosamente. Os moradores cansados deitam-se. Os policiais partem para a ignota ronda. O medo toma conta dos infelizes. Os ladrões iniciam seu trabalho. Talita experimenta a saia.

O texto acima possui coerência; é possível entendê-lo, pois fala-se em todas suas partes de um mesmo tema: a noite; mas suas orações não estão ligadas, poderia haver vírgulas ou conectivos (conjunções, no caso). A falta de coesão pode ser entendida como um recurso estilístico (o Modernismo o empregava) ou como um erro, caso não tenha propósito literário.

Sem coerência e com coesão

João vai à padaria. O balcão da padaria é feito de madeira. A madeira foi extraída da floresta Amazônica. A Amazônia é pura riqueza natural. Isso dá um status a qualquer um. Também há status em ser poeta. A psicologia estuda esse fenômeno.

O texto possui coesão, pois há palavras que estabelecem a ligação entre as partes; é o caso da repetição de uma palavra que está contida no período anterior (três primeiras palavras em grifo) e a colocação de vocábulos que estabelecem a coesão por meio de implícitos (o advérbio “também” pressupõe algo anterior) ou de anafóricos (os demonstrativos “isso” e “esse” retomam algo anterior). Entretanto, não há coerência, visto que cada período aponta para um assunto diferente; diz-se nesse caso que não há textualidade (não dá para entender); em outras palavras, para que um texto seja entendido é preciso no mínimo haver coerência.

As mulheres calar-se-iam diante daquela cena, ainda que fossem medrosas.

A locução conjuntiva “ainda que” promove a coesão entre as duas orações que formam o período à medida que as liga; contudo, o conectivo está mal empregado do ponto de vista semântico, pois não há oposição entre as duas orações que compõem o período. Era necessário haver um advérbio de negação em uma das orações para que a coerência fosse restabelecida.

As mulheres calar-se-iam diante daquela cena, ainda que não fossem medrosas.

Formas de coerência

A coerência pode ser externa (compatibilidade com elementos exteriores ao texto, a realidade) ou interna (no interior do texto).

Coerência externa

O que está no texto é compatível com a realidade – a ciência, os fatos históricos, os dados estatísticos etc.

Exemplos de falta de coerência:

*A gramática só cria exceções.
Mulher não sabe dirigir.*

Nas duas frases, temos falta de coerência externa. As exceções (primeiro exemplo), de modo geral, são criadas pelo povo, que, por razões diversas, faz uso de uma nova variante, a qual é assimilada pela gramática. Quanto ao segundo exemplo, estatísticas provam que as mulheres são mais prudentes ao dirigir.

Veja o anúncio a seguir em que a falta de coerência externa é proposital (o contexto dá coerência).

“Marcianos atacam padaria e roubam balas”



Três menores fantasiados de “marcianos” roubaram a principal padaria de São Miguel Paulista, São Paulo. Os menores foram presos instantes depois, em um terreno próximo, comendo os doces roubados. Os infratores foram conduzidos à Fundação Casa.

Fig. 1 Coerência com dados da realidade.

Coerência interna

Há coerência interna quando os elementos pertencentes ao texto são compatíveis entre si (do ponto de vista semântico). Há vários tipos de coerência interna; o importante não é a nomenclatura, mas os exemplos.

Coerência no nível sintático-semântico

Ocorre quando termos pertencentes à mesma frase ou período possuem compatibilidade de sentido e se relacionam sintaticamente; trata-se de um tipo de coerência interna. Observe a falta de coerência nas frases a seguir.

Os jogos do Santos no Campeonato Nacional, serão realizados na Vila Belmiro, desde que nosso campo tenha boas condições físicas...”

↓
B

↓
A

Dirigente do Santos.

O dinheiro não é tudo, mas é 100%.

↓
A

↓
B

Falcão; Tarcísio Matos. “O dinheiro não é tudo, mas é 100%”.
Intérprete: Falcão.

Há falta de coerência interna (no interior da frase) nos dois períodos. No primeiro, a expressão “boas condições físicas” é incompatível com o substantivo “campo”. No segundo, temos um paradoxo: não ser tudo e ser 100%. O termo 100%, para que haja coerência, deve assumir o sentido de “bom”.

Coerência no nível de linguagem

Ocorre quando os níveis de linguagem (o coloquial e o culto) estão adequadamente empregados (a norma culta em textos científicos, por exemplo). Veja abaixo dois casos de incoerência.

Roubei, porque subjaz em minha alma uma vontade incontrolável, tá ligado?

↑
A

↓
B

O enunciador atribui a um mesmo falante termos cultos (“subjaz”) e coloquiais (“tá ligado”); há falta de coerência na linguagem. Veja agora este outro exemplo.

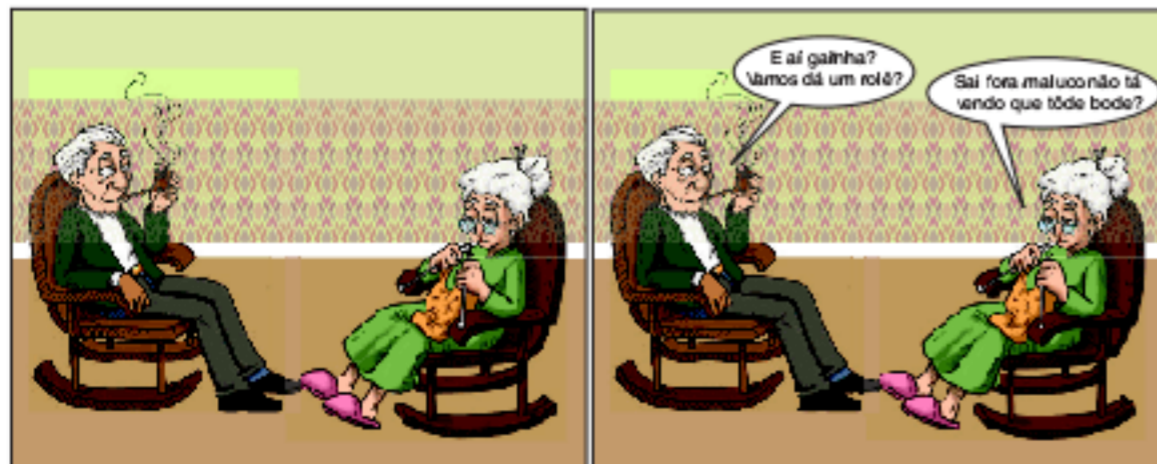


Fig. 2 Coerência no nível de linguagem.

A fala dos velhinhos é incompatível com a sua idade; espera-se um vocabulário que não tivesse as gírias citadas.

Coerência na narrativa

Trata-se da compatibilidade de sentido entre os elementos que compõem a narrativa (personagens, tempo, espaço e o que os cerca). Leia os dois textos a seguir; neles há falta de coerência entre a personagem e as ações por ela desempenhadas.

Em Ouro Preto, Josibaldo treina todos os dias, correndo como louco, passa pelos transeuntes como um foguete. Josibaldo é conhecido como “pernas de aço”, esse anônimo atleta consegue correr sessenta quilômetros em um só dia! (detalhe, toma quatro cervejas todas as noites). O nosso herói nasceu no dia 03/03/1902 e é do signo de peixes.

Um homem com mais de 100 anos não consegue tal desempenho físico.



Fig. 3 Coerência na narrativa.

Pedro era um pobre garoto de 10 anos, sem lugar para morar, sem ter uma das pernas para andar (usava muletas). Ainda assim trabalhava, vendia salgadinhos nos faróis da maior metrópole do país. Porém o destino dá voltas. Em setembro de 2004, esse menino conheceu uma senhora que o ajudou a sair da miséria, seu nome era Valéria. Pedro conheceu-a numa tentativa de assalto. Dona Valéria estava aguardando o sinal verde em um dos faróis da avenida Paulista, quando surgiram dois ladrões; um deles apontou a arma e pediu o dinheiro; Pedro estava do outro lado da calçada, vendendo seu amendoim, quando observou a cena; tomado de um impulso de valentia, Pedro foi atrás dos bandidos, que saíram correndo; Pedro, mais veloz que os tratantes, conseguiu alcançar um deles; o garoto deu-lhe um empurrão e tomou o dinheiro do bandido; em seguida gritou que ali estava havendo um assalto, o que fez com que os ladrões desaparecessem. Assim que os assaltantes sumiram, Pedro levou o dinheiro à senhora, a qual o adotou para a vida inteira. Hoje Pedro é psicólogo e atende deficientes físicos com depressão.

O garoto não poderia ter alcançado os assaltantes, visto que não tinha uma das pernas.

Coerência no nível da argumentação

Ocorre quando o texto obedece a uma progressão lógica e quando os argumentos sustentam a tese do enunciador. Observe a falta de coerência nos textos a seguir.

A
 ↑
 Não negociamos o Sócrates, porque ele é insubstituível, inegociável e imprestável!
 ↓
 B

Vicente Mateus.

Não votei no Lula, porque ele é baixinho!

↓
A

↓
B

Nos dois casos, o argumento (B) não sustenta a tese (A).
 Veja agora o anúncio a seguir.



Fig. 4 Coerência no nível da argumentação.

Votar em um candidato que rouba é no mínimo insensatez, visto que o que se rouba é o dinheiro do contribuinte (inclusive de quem votou no candidato).

Coerência temporal

Ocorre quando há uma progressão temporal coerente com os fatos assinalados.

Nos exemplos a seguir, a ordem dos fatos gera incoerência.

Saiu, vestiu a calça com pressa, ligou o carro e disse adeus àquela casa que não soube entendê-lo.

O correto seria:

Vestiu a calça com pressa, saiu, ligou o carro e...

Seis horas da manhã! Atrasadíssimo. Levanta acrobaticamente e voa em direção à cozinha, come o pão de ontem, bebe

o leite amanhecido no fogão; lembra-se do jornal, corre para o quintal, acena para a vizinha, entra em casa como um foguete, joga o jornal no sofá, olha para o relógio... o chefe daria uma dura...era a segunda vez na semana... precisava ser rápido: põe a cueca amassada (sempre dormia nu), veste o velho paletó surrado, enfia os sapatos e pensa: a chave, onde pus? Caetano sofre um ataque cardíaco.

O correto seria pôr a cueca (e o restante da roupa) antes da saída à rua.

Coerência verbo-visual

Trata-se da compatibilidade de sentido entre o verbal (as palavras) e o visual (as imagens).

Observe o anúncio a seguir.



Fig. 5 Coerência verbo-visual.

Há uma metáfora, o carro é comparado a um foguete, a incoerência é aparente.

Veja agora a seguinte imagem.



Fig. 6 René Magritte. A traição das imagens, 1928-1929. Óleo sobre tela. Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, Estados Unidos.

A frase em francês diz: “isso não é um cachimbo”; de fato, é linguagem visual, signo, a representação do real; em outras palavras, é coerente.

Coerência visual

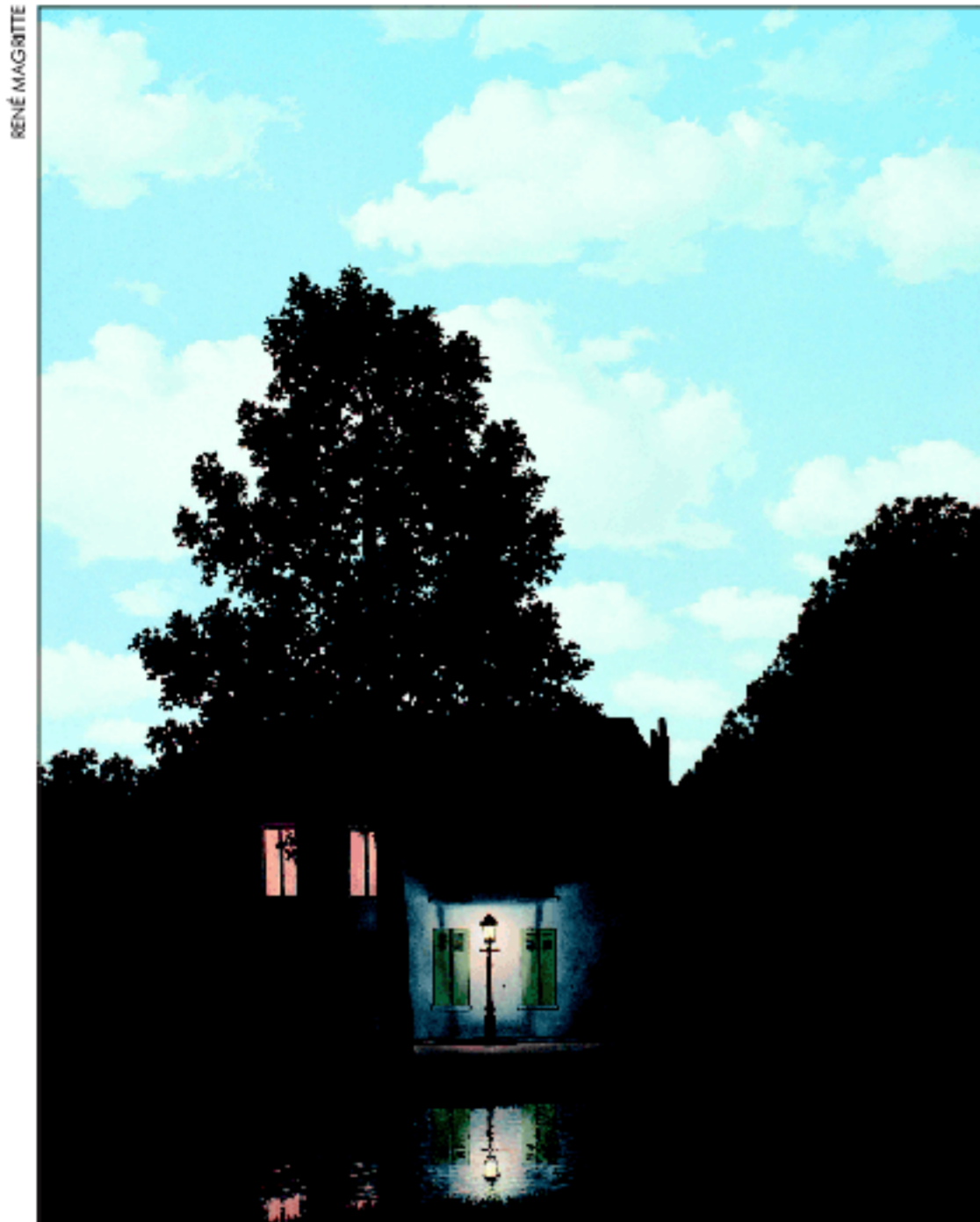


Fig. 7 René Magritte. *Império das luzes*, 1953-1954. Óleo sobre tela. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos.



Fig. 8 René Magritte. *Golconda*, 1953. Óleo sobre tela. Coleção Menil, Houston, Texas, Estados Unidos.

Nos exemplos acima, temos quadros surrealistas; essa escola investiu fortemente na falta de lógica, no inconsciente (onde tudo é possível), na superação do real como forma de criatividade e de reflexão sobre a realidade.

No quadro a seguir, temos uma obra dadaísta; o Dadaísmo foi um movimento de vanguarda que também enfatizou a falta de coerência, o improvisado.



Fig. 9 Theo van Doesburg with Kurt Schwitters (?). *Kleine Dada Soirée*, 1922. Litografia. Museum of Modern Art, Nova York, Estados Unidos.

Concisão

Coesão é a ligação entre as partes do texto; a coerência é a compatibilidade de sentido entre as partes; a “concisão” é o fato de o texto ser objetivo, enxuto.

Importância da concisão

De modo geral, a concisão é necessária para que não percam tempo com o não necessário; há textos em que a concisão é princípio estético, o caso da poesia; e há textos em que só a concisão é necessidade, um texto empresarial, por exemplo. Seja como for, há recursos gramaticais que promovem a concisão.

Alguns textos concisos

Poesia

p
 pl
 plu
 pluv
 pluvi
 pluvia
 fluvial
 fluvial
 fluvial
 fluvial
 fluvial
 fluvial
 fluvial

“Pluvial” (1959). © Augusto de Campos.

No texto apresentado, observa-se a síntese no nível do conteúdo e no nível da forma; nesse caso ocorre a fusão das linguagens verbal e visual.

Crônica

O jivaro

Um sr. Matter, que fez uma viagem de exploração à América do Sul, conta a um jornal sua conversa com um índio jivaro, desses que sabem reduzir a cabeça de um morto até ela ficar bem pequenina. Queria assistir a uma dessas operações, e o índio lhe disse que exatamente ele tinha contas a acertar com um inimigo.

O sr. Matter:

– Não, não! Um homem, não. Faça isso com a cabeça de um macaco.

E o índio:

– Por que um macaco? Ele não me fez nenhum mal!

Rubem Braga.

O assunto de uma crônica pode ser uma experiência pessoal do cronista, uma informação obtida por ele ou um caso imaginário. O modo de apresentar o assunto também varia: pode ser uma descrição objetiva, uma exposição argumentativa ou uma narrativa sugestiva. Quanto à finalidade pretendida, pode-se promover uma reflexão, definir um sentimento ou tão somente provocar o riso.

Publicidade



O texto publicitário visa convencer o leitor acerca das qualidades de um produto ou um serviço. O texto anterior é um anúncio de um tecido de roupas denominado “Tergal” (comercial refere-se à propaganda de TV). A linguagem verbo-visual é extremamente concisa; por meio de uma única palavra: “Tergalize-se”; e uma única imagem: a do leitor; o enunciador dá a sua mensagem: vista “Tergal”. O verbo no imperativo faz alusão ao leitor (tergalize-se você), ao mesmo tempo que cita o nome do produto. A concisão está diretamente ligada ao fato de que o consumidor não costuma perder tempo lendo textos publicitários. Quando há a necessidade de compra, o consumidor preferirá ler muitos anúncios, o que exigirá concisão (textos curtos).

Provérbios, máximas

Se pagares o mal com o bem, com que, então, recompensarás a bondade?

Pagarás o bem com o bem e o mal com a justiça.

Confúcio.

O povo que aguarda dos chefes a salvação só merece o nome de plebe.

E Bertarelli.

O provérbio de uma forma concisa expressa um saber popular.

Mecanismos gramaticais e textuais

Veja, a seguir, os mecanismos gramaticais que ajudam na concisão gramatical.

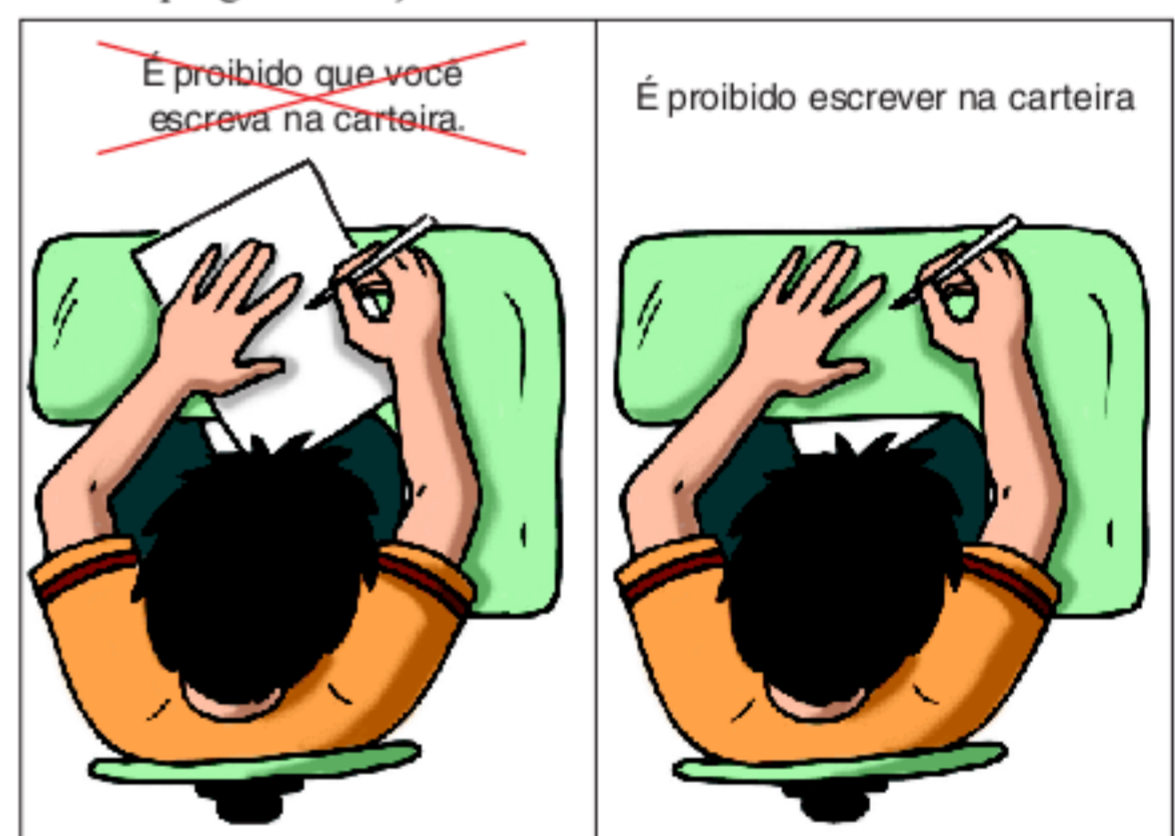
- Elipse e zeugma

~~Nós~~ vimos o que não queríamos.

Uns querem fugir; outros ~~querem~~ transgredir.

No lugar do segundo verbo “querer”, deve-se empregar a vírgula.

- Emprego da oração reduzida



- Tomar a oração um sintagma nominal

Eu quero ~~que você~~ participe!

Eu quero a sua participação.

- Uso de adjetivos no lugar de locuções adjetivas ou orações adjetivas

Os alunos que ~~nasceram~~ em São Paulo são mais agitados.

Os alunos paulistanos são mais agitados.

- Mecanismos gramaticais que prejudicam a concisão

Eu devo estar ~~sendo atendido~~ esta manhã?

– Sim!

Eu serei atendido esta manhã?

– Sim, senhor!

• Redundância de palavras

O jogo foi uma sequência rápida de jogadas em que o jogador mais experiente jogou melhor.

O jogo foi uma sequência rápida de passes em que o mais experiente teve uma performance melhor.

• Queísmo

~~Que que você queria que o querido do Queiroz fizesse?~~

O que você desejava que ele fizesse?

• Excesso de orações

Nós queríamos que ele ~~viesse~~, que ele ~~cantasse~~, que ele se ~~alegrasse~~.

Nós queríamos a sua vinda, o seu canto, a sua alegria.

• Excesso de locuções verbais

Eu ~~estarei fazendo~~ o que o senhor deseja, mas ~~vou terminar~~ o que o chefe ~~estava pedindo~~.

Farei o que o senhor deseja, mas terminarei o que o chefe pediu.

• Excesso de vírgulas

Ontem ~~X~~ Pedro tirou ~~X~~ lentamente ~~X~~ a sua dor da gaveta da memória.

Ontem Pedro tirou lentamente a sua dor da gaveta da memória.

• Excesso de artigos

~~X~~ seu comportamento é ~~X~~ atitude ~~d~~o garoto ~~d~~a rua, que não tem ~~X~~ liberdade da escolha.

Seu comportamento é atitude de garoto de rua, que não tem liberdade de escolha.

• Mecanismos textuais que promovem a concisão:

- não sair do tema;
- delimitar o tema;
- seleção prévia dos argumentos;
- não repetir o mesmo tipo de argumento.

• Fatores que levam à falta de concisão textual:

- digressão;
- não delimitar o tema;
- fugir do tema;
- não selecionar previamente os argumentos;
- excesso de detalhes.

Revisando

1 Leia o anúncio a seguir.

Entre o conforto de uma casa e a segurança de um apartamento, fique com os dois.

Explique a falta de coerência. Qual sua função para o texto?

2 Leia a manchete a seguir.

Surdos-mudos cantam e recebem bênção do Sumo Pontífice.
O Estado do Maranhão, dez. 1992.

Que tipo de coerência está em jogo na manchete?

3 Leia o texto a seguir, extraído da *Folha de São Paulo*.

O fuzilamento

O condenado levantou o pé para evitar a poça-d'água.
Fabrício Corsaleti. *Folha de S.Paulo*, 25 mar. 2004.

Explique o humor no texto de Fabrício.

Texto para as questões 4 e 5.

PM de São Paulo prende na BR 103 suspeitos de tráfico.

4 Um erro de coesão pode levar a um erro de coerência; explique como isso ocorre na manchete citada.

5 Dê a versão mais razoável, efetuando alterações mínimas na manchete.

6 Leia a notícia a seguir.

Um ex-meia do Santos mandou um telegrama à família, quando em excursão à Europa, dizendo o seguinte:

– Chegarei de surpresa dia 15, às duas da tarde, voo 619 da VARIG...

Mengálvio.

Que partes do texto apresentam incompatibilidade de sentido?

7 Identifique no texto abaixo a quebra de paralelismo semântico.

A festa era para poucos. Os convidados, elegantemente vestidos, bebiam uísque e comiam caviar nas quinze salas do palacete. No salão central, uma orquestra tocava o melhor da música clássica: Ravel, Chopin, Mozart, Tom Jobim. O deputado estava extasiado, a festa era a melhor dos últimos tempos em todo o governo.

8 O pai deveria ter evitado – ainda que ausente no momento da fatalidade – que o filho não se envenenasse, foi ele que deixou aquele terrível pote da morte.

O que causa a incoerência na frase citada? Reescreva a frase de modo que haja coerência.

Exercícios propostos

1 **AFA** Observe os excertos I, II e III.

- I. Os morcegos entraram pela janela e voejaram sobre a classe. De repente um dos mamíferos enroscou-se nos cabelos de Pat, a aluna mais chata. Foi uma gozação geral!
- II. Muito derrotista apregoa que o plano econômico do atual governo tende ao fracasso, mas eles estão completamente enganados.
- III. A casa de Anacleto no bairro de Santana, em São Paulo, é bastante confortável. Além das dependências convencionais, possui escritórios, biblioteca, sauna e uma espaçosa varanda

voltada para o leste, onde todas as tardes se vê Anacleto, em sua cadeira de balanço, admirando o pôr do sol.

Dir-se-á que:

- (a) I é coeso, mas não é coerente; II é coeso e coerente; III é coeso e coerente.
- (b) I é coeso e coerente; II é coeso e coerente; III é coeso, mas não coerente.
- (c) I é coeso e coerente; II é coerente, mas não é coeso; III é coeso, mas não coerente.
- (d) I é coerente, mas não coeso; II é coeso, mas não é coerente; III é coerente, mas não coeso.

2 AFA 2000 Observe este excerto e responda.

Sociólogo garante não existir segregação racial nos blocos do carnaval de Salvador, destacando que a folia reflete a tolerância racial reinante na sociedade baiana. Afirma, também, que lá se tem não apenas uma intensa convivência entre as raças, mas também mecanismos que permitem colocar cada um no seu devido lugar.

A respeito desse escrito, pode se afirmar que:

- (a) está gramaticalmente correto, mas peca pela incoerência.
- (b) é coeso e coerente, mas apresenta ambiguidade gerada pelo mau uso do pronome possessivo.
- (c) apresenta falhas de gramática e de coesão, mas é inatacável quanto à clareza e à coerência.
- (d) revela incompatibilidade do ponto de vista da variante linguística escolhida e falhas de estruturação do discurso indireto.

3 AFA 2000 Observe este excerto:

Os craques Edmundo e Romário estiveram jogando algumas temporadas no futebol europeu.

Estão atuando no Japão numerosos craques brasileiros de primeira categoria.

Vários outros jogadores revelados na atual temporada brasileira estão sendo sondados por empresários do exterior.

O Brasil é um respeitável exportador de talentos futebolísticos.

Dir-se-á que esse escrito:

- (a) não tem textualidade.
- (b) tem textualidade garantida pela coesão.
- (c) tem textualidade garantida pela coerência.
- (d) tem textualidade garantida pela coesão e coerência.

4 AFA 2001 Assinale a alternativa em que há incoerência.

- (a) Em todas as gerações, os jovens criaram gírias para que os mais velhos não pudessem entendê-los. A gíria é também uma maneira de sentir-se parte de um grupo, algo muito importante para os adolescentes.
- (b) Nos últimos 500 anos, o português usado no Brasil desenvolveu-se de forma distinta do idioma falado em Portugal. Isso não quer dizer que os brasileiros falem errado. Falam de acordo com uma gramática brasileira.
- (c) À medida que as pessoas começaram a usar o *e-mail* em vez de falar pessoalmente ou pegar o telefone, os mal-entendidos foram se multiplicando. Isso aconteceu porque muita gente que usa a *internet* não estava habituada a escrever antes do surgimento dela.
- (d) O governo brasileiro deveria tomar medidas para proteger os idiomas dos índios da Amazônia. Pois, se não há mais resquícios da sociedade indígena, se eles estão numa favela bebendo cachaça o dia inteiro, seria mais útil ensinar a eles o português, para ajudá-los a conseguir um emprego.

5 AFA Assinale a passagem em que a coerência temporal encontra-se comprometida.

- (a) “Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe.”
- (b) “Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.”
- (c) “Saiu atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós.”
- (d) “Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou”.

6 Em um documento obtido na internet, cujo título é “Como escrever legal”, encontram-se as seguintes recomendações.

1. Evite lugares-comuns como o diabo foge da cruz.
2. Nunca generalize: generalizar é sempre um erro.
3. A voz passiva deve ser evitada.

Qual é a estratégia geral utilizada nessas recomendações? Explícite-as.

O texto a seguir refere-se às questões de 7 a 13.

Capítulo XXII / Sensações alheias

Não alcancei mais nada, e para o fim arrependi-me do pedido: devia ter seguido o conselho de Capitu. Então, como eu quisesse ir para dentro, prima Justina reteve-me alguns minutos, falando do calor e da próxima festa da Conceição, dos meus velhos oratórios, e finalmente de Capitu. Não disse mal dela; ao contrário, insinuou-me que podia vir a ser uma moça bonita. Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo, se o receio me não fizesse discreto. Entretanto, como prima Justina se metesse a elogiar-lhe os modos, a gravidade, os costumes, o trabalho para os seus, o amor que tinha a minha mãe, tudo isto me acendeu a ponto de elogiá-la também. Quando não era com palavra, era com o gesto de aprovação que dava a cada uma das asserções da outra, e certamente com a felicidade que devia iluminar-me a cara. Não adverti que assim confirmava a denúncia de José Dias, ouvida por ela, à tarde, na sala de visitas, se é que também ela não desconfiava já. Só pensei nisso na cama. Só então senti que os olhos de prima Justina, quando eu falava, pareciam apalpar-me, ouvir-me, cheirar-me, gostar-me, fazer o ofício de todos os sentidos. Ciúmes não podiam ser; entre um pirralho da minha idade e uma viúva quarentona não havia lugar para ciúmes. É certo que, após algum tempo, modificou os elogios a Capitu, e até lhe fez algumas críticas, disse-me que era um pouco trêfega e olhava por baixo; mas, ainda assim, não creio que fossem ciúmes. Creio antes... sim... sim, creio isto. Creio que prima Justina achou no espetáculo das sensações alheias uma ressurreição vaga das próprias. Também se goza por influência dos lábios que narram.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*.

7 Fuvest Em [...] e certamente com a felicidade que devia iluminar-me a cara [...] o verbo **devia** forma com **iluminar** uma locução verbal, acrescentando-lhe a ideia de:

- (a) necessidade. (d) indiferença.
- (b) probabilidade. (e) certeza.
- (c) obrigação.

8 Fuvest O verbo *ser*, que por duas vezes aparece no trecho [...] *Quando não era com palavras, era com o gesto de aprovação que dava a cada uma das asserções da outra...*, está empregado em substituição de verbo anteriormente expresso, ao qual se refere e cujo sentido passa a ter. No trecho ele está substituindo:

- (a) insinuava.
- (b) acendia.
- (c) bradava.
- (d) elogiava.
- (e) achava.

9 Fuvest Durante o tempo em que prima Justina elogiou as qualidades de Capitu, Bentinho:

- (a) com receio de se trair, permaneceu calado e indiferente.
- (b) pensava intimamente que ela dizia tudo aquilo movida mais pelo ciúme do que pela verdade.
- (c) dizia que Capitu era lindíssima, a mais bela criatura do mundo.
- (d) limitava-se a concordar e apoiar dissimuladamente com gestos as palavras da outra.
- (e) saindo de sua atitude inicialmente contida, manifestava apoio às palavras de prima Justina por meio de diversas formas de expressão.

10 Fuvest No trecho *Não adverti que assim confirmava a denúncia de José Dias...* aparece a palavra **assim**, que faz parte do grupo de instrumentos linguísticos que ligam as partes do discurso e promovem a coesão do texto. Ela remete a algo que já foi dito, isto é, ao contexto anterior. No presente caso refere-se:

- (a) aos elogios feitos por prima Justina.
- (b) ao pedido de ajuda feito à prima Justina para não ser mandado ao seminário.
- (c) à maneira como Bentinho reagira diante dos elogios de Justina a Capitu.
- (d) ao fato de Bentinho não ter seguido o conselho dado por Capitu.
- (e) ao receio e à discrição afetados por Bentinho.

11 Fuvest O título “Sensações alheias”, que se explica ao longo do texto, deixa a impressão de que:

- (a) há pessoas que têm no prazer dos outros o despertar das próprias emoções.
- (b) o ciúme, funcionando como barreira, impede o desabrochar do prazer.
- (c) prima Justina, com ciúme de Capitu, procura envolver Bentinho.
- (d) Bentinho somente vibra de emoções com as referências a Capitu.
- (e) prima Justina está escondendo sua paixão por José Dias.

12 Fuvest Fora do contexto, o interesse de alguém pela relação amorosa entre dois adolescentes pode ser interpretada de múltiplas maneiras. Dentro do contexto desse capítulo de *Dom Casmurro*, porém, o narrador-personagem deu a sua interpretação particular ao interesse com que a prima Justina trocava com ele impressões sobre Capitu.

Com base nos dados que o conjunto do texto nos fornece, essa curiosidade de prima Justina se explica:

- (a) pelo interesse de manter o menino sob seu controle.
- (b) pelo desejo de confirmar as denúncias de José Dias.
- (c) pelo prazer de reviver, pelo discurso ou pelas palavras do interlocutor, sensações já experimentadas por ela.
- (d) pela tendência natural de “fofocar” sobre as experiências dos outros e com isso criar cumplicidade.
- (e) pela intenção de investigar a vida amorosa de Capitu e Bentinho e contar para a mãe dele.

13 Fuvest Em [...] *como eu quisesse ir para dentro [...]*, a conjunção expressa uma ideia de:

- (a) comparação.
- (b) conformidade.
- (c) causa.
- (d) finalidade.
- (e) consequência.

14 Explique a falta de coerência nos textos a seguir.

- a) Quem sai na chuva é para se queimar.
- b) Há violência em todos os lugares: de Pernambuco a Porto Alegre; é só conferir o índice de criminalidade em cada uma das regiões. A violência, para muitos sociólogos, está relacionada diretamente à miséria; nas regiões mais carentes, há um maior número de homicídios.
- c) Um certo jogador, num almoço, quando todos comiam uma salutar macarronada, responde o seguinte ao ser inquirido sobre o motivo de não estar comendo a macarronada:
– Estou de regime, o doutor me proibiu de comer bicarbonato.
- d) O ministro era uma pessoa corretíssima e muito bondosa, era também um cavalheiro. Certa vez, almoçando com um vigarista, teve a sensibilidade de convidar dois pobres para almoçar à mesa.
- e) Era um insipiente, embora não tivesse estudado.
- f) Vossa Excelência há de convir que é a maior treta, sacanagem mesmo. Entretanto estou disposto a atendê-lo, desde que o senhor não fique no mocó, dando uma de migué. Agradeço antecipadamente, até mais.
- g) O mundo vivencia um clima de terror, medo e apatia.
- h) Há cerca de 4.448 veículos estacionados no pátio da Ford.
- i) Na igreja, a fusão de um homem e uma mulher.

15 ITA Há algum tempo, apareceu na imprensa a notícia de uma controvérsia sobre a lei de Aposentadoria, envolvendo duas teses que podem ser expressas nas sentenças a seguir.

- I. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos e 30 anos de contribuição para o INSS.
- II. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos ou 30 anos de contribuição para o INSS.

Aponte a alternativa que apresenta a interpretação que não pode ser feita a partir dessas sentenças.

- (a) De acordo com (I), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.

- (b) De acordo com (II), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
- (c) De acordo com (II), uma pessoa que tenha 65 anos de idade e 5 anos de contribuição para o INSS poderá se aposentar.
- (d) De acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha 65 anos de idade, pelo menos.
- (e) De acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha contribuído para o INSS por, pelo menos, 30 anos.

16 A obra a seguir é de um conhecido movimento artístico. A improvisação e a falta de coerência são duas marcas importantes dessa escola. Segue abaixo uma obra desse movimento.



Marcel Duchamp. Fonte, 1917-1964. Ready-made, 23,5x18cm, altura 60cm. Urinol de Porcelana. Coleção de Arturo Schwarz, Milão, Itália.

O comentário e a obra acima estão relacionados ao movimento:

- (a) futurista.
- (b) cubista.
- (c) dadaísta.
- (d) surrealista.
- (e) expressionista.

17 Leia com atenção.

1. Todo ginecologista é habilidoso.
2. Todo ginecologista é formado em Medicina.
3. Nereu é habilidoso.
4. Maria é médica.

Com base nessas afirmações, assinale a alternativa correta.

- (a) Nereu é médico.
- (b) Há médicos habilidosos.
- (c) Todo médico é habilidoso.
- (d) Nereu é ginecologista.
- (e) Maria é habilidosa.

18 UFC Leia o texto a seguir.



O texto citado passa de uma forma concisa uma situação vivida pelo atual mercado de equipamentos de alta tecnologia. Explique-a em 5 linhas aproximadamente.

19 Assinale a alternativa que apresenta melhor concisão de ideias (enxutas).

- (a) A largada será no Leme. A chegada acontecerá no mesmo local da partida.
- (b) O procurador encaminhou ofício à área criminal da Procuradoria determinando que seja investigado [...]
- (c) A posição do Governo brasileiro é de que esgotem todas as possibilidades de negociação para que se alcance uma solução pacífica.
- (d) Havia um elo de ligação entre o governo militar e a elite empresarial da época.
- (e) Suicidou-se, mas a polícia não sabia o motivo.

20 Leia o texto a seguir.

Outros Bushismos

*Cada vez mais nossas importações vêm do exterior.
Um orçamento tem uma porção de números.*

IstoÉ, 27 fev. 2002.

Que tipo de problema se observa nas frases do presidente?

21 Reduza as orações presentes no período a seguir, (1) para gerúndio, (2) para infinitivo e (3) para participípio.

Os anões, que caçavam (1), viram um ET que pescava peixes (2) num lago que se localizava (3) na ponta extrema daquele continente invisível.

22 Utilize a zeugma.

Os preguiçosos querem o fácil, os valentes querem o difícil.

23 Reduza a oração em grifo.

[...] Se vingasse, até um ano de idade eu não era chamada não tinha um nome, [...]

Clarice Lispector. *A hora da estrela*. Rocco, 1998. p. 43.

24 Leia a frase a seguir.

Eu pinte o presidente e José, o ministro.

A vírgula na frase acima pode ocultar um termo ou não. Dê as interpretações.

TEXTO COMPLEMENTAR

Coesão e coerência – devem-se distinguir?

A coesão e a coerência constituem dois fatores importantes da textualidade. Deve-se distingui-las? Como fazer?

Há autores que distinguem dois níveis de análise, correspondendo a coesão e coerência, embora a terminologia possa ser diferente; outros não distinguem, e outros ou fazem referência a apenas um desses fenômenos ou estudam vários de seus aspectos sem qualquer rotulação.

Halliday e Hasan (1976) afirmam que o que permite determinar se uma série de sentenças constitui ou não um texto são as relações coesivas com e entre as sentenças, que criam a textura:

“Um texto tem uma textura e é isso que o distingue de um não texto. O texto é formado pela relação semântica de coesão” [...].

Isenberg, linguista alemão da Academia de Ciências de Berlim (um dos mais importantes centros de formação de gramática gerativa da Europa), procura fundamentar sua gramática de texto na teoria-padrão gerativa, postulando, porém, como unidade básica de estudo o texto, e não o enunciado.

Em seu trabalho cita treze fenômenos somente explicáveis no âmbito da estrutura textual (por exemplo, a anáfora, a seleção de artigos, a pronominalização e os elementos pró-adverbiais, a sucessão dos tempos), que podem ser considerados fatores de coesão, ao lado de diversos tipos de textualização, ou seja, relações entre os enunciados assinteticamente conjugados (por exemplo, conexão causal, conexão de motivos, tematização de objetos novos), estes podendo ser considerados fatores de coerência.

Weinrich estuda aspectos relevantes para a elaboração de uma macrossintaxe dos discursos, como a sintaxe dos artigos e dos tempos verbais; mostra que a distribuição do artigo é um aspecto importante da estrutura sígnica textual, orientando o receptor na compreensão dos demais signos do texto. Quanto aos tempos verbais, classifica-os em dois grandes grupos, com limites bem definidos: os do mundo comentado e os do mundo narrado. Embora não fale nem em coesão nem em coerência, tanto os artigos quanto os tempos verbais devem ser incluídos entre os elementos de coesão.

Beaugrande e Dressler (1981), autores que serviram de ponto de partida para este trabalho, consideram constituírem a coesão e a coerência níveis diferentes de análise.

A coesão, manifestada no nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma sequência.

A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos.

Leonor Lopes Fávero. *Coesão e coerência textuais*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2009.

RESUMINDO

Coerência

- Coerência: compatibilidade de sentido entre duas partes do texto.
- Coesão: ligação entre as partes.
- O texto pode apresentar:
 - coesão sem coerência;
 - coerência sem coesão;
 - sem coesão e sem coerência;
 - coesão e coerência.
- Coerência externa: compatibilidade semântica com a ciência, com a realidade.
- Coerência interna: compatibilidade de sentido entre as partes que compõem o texto:
 - sintático-semântica: quando as partes estão em relação sintático-semântica;
 - temporal: quando se respeita a progressão temporal dos fatos;
 - narrativa: quando os elementos que pertencem à narrativa apresentam compatibilidade, coerência;
 - argumentativa: quando os argumentos sustentam a tese;
 - verbo-visual: quando a linguagem verbal entra em concordância semântica com a linguagem visual;
 - visual: quando as imagens que compõem o texto visual se harmonizam no sentido.
- Quebra de paralelismo semântico: quando se quebra a expectativa no nível do sentido.

Concisão

- Concisão: quando o texto é enxuto, objetivo.
- Mecanismos gramaticais que promovem a concisão:

- frases nominais;
- orações reduzidas;
- elipses, zeugmas;
- emprego de adjetivos e locuções adjetivas no lugar de orações adjetivas;
- evitar gerundismo;
- evitar o queísmo;
- evitar excesso de artigos;
- evitar excesso de orações.
- Mecanismos textuais que promovem a concisão:
 - delimitar o tema;
 - não fugir do tema;
 - selecionar os argumentos previamente;
 - não repetir os mesmos argumentos.
- Fatores que levam à falta de concisão textual:
 - digressão;
 - não delimitar o tema;
 - fugir do tema;
 - não selecionar previamente os argumentos;
 - excesso de detalhes.

■ QUER SABER MAIS?



LIVRO

- Pablo Neruda. *El río invisible*. Barcelona: Seix Barral, 1980.



TEATRO

- Oduvaldo Vianna Filho. *Rasga Coração*.



MÚSICA

- Lenine, "Paciência".



ESCULTURA

- Constantin Brancusi.



FOTOGRAFIA

- Sebastião Salgado.

Exercícios complementares

1 AFA Leia o período a seguir.

Fita-Verde resolveu tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso.

Fita-Verde encontrou borboletas, avelãs e plebeínnhas flores.

Guimarães Rosa.

Assinale a alternativa em que as ideias acima estão organizadas num só período coerente e coeso e expressam relação de causa e consequência.

- (a) Assim que Fita-Verde resolveu tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso, encontrou borboletas, avelãs e plebeínnhas flores.

- (b) Fita-Verde encontrou borboletas, avelãs e plebeínnhas flores, posto que resolvesse tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso.

- (c) Ainda que Fita-Verde resolvesse tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro encurtoso, encontraria borboletas, avelãs e plebeínnhas flores.

- (d) Na medida em que resolveu tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso, Fita-Verde encontrou borboletas, avelãs e plebeínnhas flores.

- 2 Unicamp Quando o treinador Leão foi escolhido para dirigir a seleção brasileira de futebol, o jornal *Correio Popular* publicou um texto com muitas imprecisões, do qual consta a seguinte passagem.

Durante sua carreira de goleiro, iniciada no Comercial de Ribeirão Preto, sua terra natal, Leão, de 51 anos, sempre impôs seu estilo ao mesmo tempo arreado e disciplinado. Por outro lado, costumava ficar horas aprimorando seus defeitos após os treinos. Ao chegar à seleção brasileira em 1970, quando fez parte do grupo que conquistou o tricampeonato mundial, Leão não dava um passo em falso. Cada atitude e cada declaração eram pensadas com um racionalismo típico de sua família, já que seus outros dois irmãos, Edmilson 53 anos, e Édson, 58, são médicos.

Campinas, 20 out. 2000.

- O que aconteceria com Leão se ele, efetivamente, ficasse “aprimorando seus defeitos”? Reescreva o trecho de maneira a eliminar o equívoco.
- Por que o emprego da palavra “racionalismo” é inadequado nessa passagem?

3 Mackenzie

[...] A dualidade entre os dois mundos da essência e da existência é um problema insolúvel, se a existência não for um meio pelo qual a essência como tal se realize.

Lavelle.

- Se estabelecermos que a essência só se realiza por meio da existência, estaremos admitindo a insolubilidade do problema da dualidade entre esses dois mundos.
- Se estabelecermos que a essência só se realiza por meio da existência, estaremos possibilitando a solução do problema da dualidade entre esses dois mundos.
- O autor estabelece uma relação de meio e fim, em que a essência é o instrumento para a realização da existência.

A partir da relação das afirmações anteriores com o texto, assinale:

- se todas estão corretas. (d) se apenas II está correta.
- se todas estão incorretas. (e) se apenas III está correta.
- se apenas I está correta.

4 ITA O texto a seguir, da seção “Saúde” do Suplemento de março/2000, do Caderno Regional, Folha Vale, *Folha de S.Paulo*, faz parte de uma série de recomendações para relaxamento dos olhos.

Lubrificantes oculares gelados também são muito eficientes, mas só quando prescritos por um oftalmologista.

Importante: não jogue água boricada dentro do olho, pois isto causa irritação. Ela deve ser usada apenas para limpeza externa ou como compressa gelada.

- Localize, no texto, o trecho em que há um problema de coerência.
- Reescreva o trecho de modo a torná-lo coerente.

5 AFA Observe as frases a seguir e marque a opção que contém aquelas em que o rompimento do paralelismo resulta um efeito de bom estilo.

- Não fui à missa por estar gripado e porque não aprecio os sermões do padre Onofre.
- Palmeiras perde o jogo e a cabeça na Argentina.
- O que ele mais admira na esposa é a beleza, a cultura e não fumar.

IV. Granofruit – cereais e frutas – Use puro, com leite, iogurte ou com a sua imaginação.

V. Na Europa ele teve a oportunidade de visitar Roma, Madrid e o Museu do Louvre.

- I e III. (b) II e IV. (c) I, II e V. (d) III, IV e V.

6 AFA Considere este excerto de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença!, que desabafo!, que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há plateia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.

Machado de Assis.

Dando de barato a viabilidade da tese do narrador, assinale a opção cuja assertiva corresponde à afirmação (I, II e III) que a segue, considerando que:

- expressa afirmação(ões) compatível(eis) com o texto;
 - contém afirmação(ões) incompatível(eis) com o texto;
 - registra afirmação(ões) contradizente(s) ao texto.
- O parecer (exterioridade) rege a vida; o ser (essência) só é encontrável na morte. (I)
 - A atitude dos mortos é governada pela autenticidade, enquanto a dos vivos prima pela dissimulação. (II)
 - A oposição entre a visão de mundo dos vivos e a dos mortos pode ser resumida, respectivamente, pelo par dicotômico “desafetação/afetação”. (I)
 - “Vida” assume conotação negativa, vinculada a termos como “embaçar”, “hipocrisia”, “cobiça”; por seu turno, “morte” é nome positivo, ligado a “liberdade”, “desabafo”, “despintar-se”. (III)

7 Unicamp Marca-passo natural – Uma alternativa menos invasiva pode substituir o implante do marca-passo eletrônico [...]. Cientistas do Hospital John Hopkins, nos EUA, conseguiram converter células cardíacas de porquinhos-da-índia em células especializadas, que atuam como um marca-passo, controlando o ritmo dos batimentos cardíacos. No experimento, o coração dos suínos recuperou a regularidade dos movimentos. A expectativa é que em alguns anos seja possível testar a técnica em humanos.

IstoÉ, ed. 1.720, 18 set. 2002.

- Alguém que nunca tivesse ouvido falar de marca-passo poderia dar uma definição desse instrumento lendo este texto. Qual é essa definição?

- b) A ocorrência da expressão “a técnica”, no final do texto, indica que ela foi explicada anteriormente. Em que consiste essa técnica?
- c) Apesar do nome, o porquinho-da-índia é um roedor. Sendo assim, há uma forma equivocada de referir-se a ele no texto. Qual é essa forma e como se explica sua ocorrência?

8 Fuvest 2008 No início do século XVI, Maquiavel escreveu *O Príncipe* – uma célebre análise do poder político, apresentada sob a forma de lições, dirigidas ao príncipe Lorenzo de Médicis. Assim justificou Maquiavel o caráter professoral do texto:

Não quero que se repute presunção o fato de um homem de baixo e ínfimo estado discorrer e regular sobre o governo dos príncipes; pois assim como os [cartógrafos] que desenham os contornos dos países se colocam na planície para considerar a natureza dos montes, e para considerar a das planícies ascendem aos montes, assim também, para conhecer bem a natureza dos povos, é necessário ser príncipe, e para conhecer a dos príncipes é necessário ser do povo.

Tradução de Lívio Xavier. (Adapt.).

Está redigido com clareza, coerência e correção o seguinte comentário sobre o texto:

- (a) Temendo ser qualificado de presunçoso, Maquiavel achou por bem defrontar sua autoridade intelectual, tipo um cartógrafo habilitado a desenhar os contrastes de uma região.
- (b) Maquiavel, embora identificando-se como um homem de baixo estado, não deixou de justificar sua autoridade diante do príncipe, em cujos ensinamentos lhe poderiam ser de grande valia.
- (c) Manifestando uma compreensão dialética das relações de poder, Maquiavel não hesita em ministrar ao príncipe, já ao justificar o livro, uma objetiva lição de política.
- (d) Maquiavel parece advertir aos poderosos de que não se menospreze as lições de quem sabe tanto analisar quanto ensinar o comportamento de quem mantenha relações de poder.
- (e) Maquiavel, apesar de jamais ter sido um governante em seu livro tão perspicaz, soube se investir nesta função, e assim justificar-se diante de um príncipe autêntico.

9 ITA Leia o texto a seguir:

No novo catecismo das empresas, um trainee deve ter as mesmas qualidades dos diretores e gerentes, que por sua vez precisam saber ouvir e usar a internet como os trainees, que precisam ter a mesma disposição de se superar do presidente, que precisa trabalhar com equipes do mesmo jeito que os trainees, gerentes e diretores, e vice-versa.

Você, n. 10, abr. 1999. (Adapt.).

- a) Aponte duas propriedades do texto que contribuem para o efeito do sentido circular.
- b) O termo “vice-versa” é necessário no contexto em que aparece? Por quê?

10 Fuvest Leia o texto a seguir.

Conversa no ônibus

Sentaram-se lado a lado um jovem publicitário e um velhinho muito religioso. O rapaz falava animadamente sobre sua profissão, mas notou que o assunto não despertava o mesmo entusiasmo no parceiro. Justificou-se, quase desafiando, com o velho chavão:

– A propaganda é a alma do negócio.

– Sem dúvida, respondeu o velhinho. Mas sou daqueles que acham que o sujeito dessa frase devia ser o negócio.

- a) A palavra “alma” tem o mesmo sentido para ambas as personagens? Justifique.
- b) Seguindo a indicação do velhinho, redija a frase na versão que a ele pareceu mais coerente.

11 Unicamp No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto. Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e grau de escolaridade).

Interlocutor 1: *Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?*

Interlocutor 2: *É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar alguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.*

12 Unicamp No diálogo transcrito, identifique o trecho que, na fala do segundo interlocutor, constitui realmente resposta à pergunta feita. Transcreva esse trecho. Identifique, a seguir, os momentos em que esse interlocutor foge ao tema proposto. Transcreva-os.

IstoÉ: *O professor Afonso Arinos disse recentemente que, se o Plano Cruzado fracassar, o país corre sério risco de sofrer golpe militar. O sr. acredita nessa perspectiva?*

Leitão de Abreu: *Em geral aprecio muito a experiência do professor Afonso Arinos. Mas eu acho que não há clima nenhum para golpe no país. Falhe ou não falhe o Plano Cruzado – faço votos que não falhe –, nós vamos ter que resolver o problema que surgir disso de uma maneira democrática, dentro do realismo político. O Brasil, aliás, é mestre em fazer isso. O Brasil chegou a instituir o parlamentarismo com Tancredo Neves naquele período para evitar um problema político mais sério e conseguiu. Basta usar a imaginação.*

IstoÉ. n. 517, 19 nov. 1986.

13 Unicamp Identifique no texto a seguir.

- O argumento utilizado pelo ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos.
- A palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito.
- A palavra que poderia ser substituída por “não obstante”.

Não há [...] como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. [...] Em suas linhas gerais de legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto muitos são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinquenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade.

Almir Pazzianotto. Folha de S.Paulo, 30 nov. 1987.

14 Unicamp O jornal *Folha de S.Paulo* introduz com o seguinte comentário uma entrevista (8 dez. 1988) com o professor Paulo Freire:

“A gente chegemos” não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo.

Os trechos da entrevista nos quais a Folha se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:

– A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada [...] Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua.

– Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil [...]. Precisamos respeitar a [sua] sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: “Mas para tua própria vida tu precisas dizer ‘a gente chegou’ [em vez de ‘a gente chegemos’]. Isso é diferente, [a abordagem] é diferente. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade”.

Responda de forma sucinta.

- Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire com relação à correção de erros gramaticais na escola?
- O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

15 Unicamp A notícia e o comentário transcritos a seguir deixam claro que nem sempre podemos nos limitar à interpretação literal (isto é, “ao pé da letra”) das palavras.

Demora

O Ministério da Saúde calcula que em janeiro já poderá deflagrar o programa emergencial de saúde para os ianomâmis, em Rondônia. Até lá os mosquitos transmissores da malária estão proibidos de picar os índios.

Folha de S.Paulo, Painel.

- Identifique e transcreva a passagem que, no texto, não deve ser interpretada literalmente.
- Explique por que a inclusão dessa passagem deixa clara a posição crítica e irônica do jornal com relação aos prazos propostos pelo Ministério da Saúde para começar a resolver o problema da malária entre os índios ianomâmis.

16 Unicamp Leia com atenção o trecho a seguir extraído de artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Desenvolver o país é preciso

Direitos humanos, liberdade, dignidade da pessoa humana, defesa do meio ambiente e tantas outras aspirações nacionais não passarão de letra morta nos discursos e na própria Constituição Federal, se não forem alcançados os limites inferiores da sobrevivência condigna, infelizmente tão distantes ainda de significativa parcela da população brasileira. Basta lembrar que a cidade de São Paulo tem 56% de sua população vivendo em favelas, cortiços, habitações precárias e até mesmo sob os viadutos e nos cemitérios, para que nos convençamos de que a oitava economia do mundo é um grande desastre social.

Adriano Murgel Branco, 16 dez. 1989.

Responda:

- qual é, segundo o texto, a condição para que se cumpram as aspirações nacionais citadas?
- qual é o argumento utilizado no texto para reforçar a afirmação de que o Brasil ainda é um grande desastre social?

17 Unicamp O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse motivo que o dólar sobe.

Fernando Rodrigues. Folha de S.Paulo, 25 set. 2002. (Adapt.).

- Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho citado não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?
- O final da sequência “seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade[...]” apresenta um problema de coerência, que pode ser eliminado de duas maneiras. Quais são essas duas maneiras?
- Destaque uma passagem que indica que o texto é pessimista (ou crítico) em relação ao Partido.

18 Pouco importa se a eleição americana de 1960 foi ou não decidida pela TV. O que vale é que a partir dali se criou um padrão nas democracias ocidentais: não se vai às urnas sem que os candidatos deixem de passar por uma espécie de escrutínio público de suas qualidades e defeitos realçados através do confronto direto.

Carlos Eduardo Lins e Silva. “Os faltosos”. Folha de S.Paulo, 16 jul. 1989.

Supondo que o texto acima pretenda afirmar a necessidade dos debates televisivos entre candidatos, responda:

- qual é a passagem do texto em que o articulista acaba por afirmar exatamente o contrário do que pretende?
- quais as palavras ou expressões que, empregadas ao mesmo tempo, comprometem o sentido pretendido nesse texto? Por quê?
- Reescreva a passagem de modo a garantir o sentido pretendido.

Texto para questão 19.

O carnaval carioca é uma beleza, mas mascara, com seu luxo, a miséria social, o caos político, o desequilíbrio que se estabelece entre o morro e a Sapucaí. Embora todos possam reconhecer os méritos de artistas plásticos que ali trabalham, o povo samba na avenida como um herói de uma grande jornada. E, acrescentando-se, há manifestação em prol de processos judiciais contra costumes que ofendem a moral e agridem a religiosidade popular. O carnaval carioca, porque se afasta de sua tradição, está se tornando desgracioso, disforme, feio.

João Bosco Ribeiro. Redação Científica. (Adapt.).

19 UEPG Com relação a este fragmento adaptado de João Bosco Ribeiro, assinale o que for correto.

- 01 Há falta de coerência entre a afirmativa inicial e a final.
- 02 A oração subordinada que se inicia com “embora” não apresenta coesão textual em relação à oração principal.
- 04 O texto não se constitui como um todo porque apresenta diversas informações e várias direções.
- 08 Não é possível entender o objetivo principal do texto.
- 16 O texto não apresenta completude, inteireza e unidade.

Soma =

20 Observe as frases a seguir.

- I. Lambuzava-se sem cuidado com a maquiagem.
- II. Nunca digo que desta água não beberei, mas acho que nunca faria isso.
- III. O homem deseja um futuro melhor. Assim, com esse objetivo, trabalham.
- IV. Passei alguns dias com meus amigos da Academia e visitando antigos professores e instrutores.

Está(ão) bem redigida(s):

- (a) apenas I e II.
- (b) apenas II e III.
- (c) apenas I e IV.
- (d) apenas I.
- (e) nenhuma.

21 O mau emprego de formas negativas tornou contraditória a seguinte frase.

- (a) Nunca houve alguém que não reclamasse contra uma decisão que viesse a afetar negativamente seu nível de salário.
- (b) O atleta não deixou por menos: em três provas atingiu índices jamais registrados na história das Olimpíadas.
- (c) Não compreendo como uma moça tão estudiosa não tenha deixado de fazer cinco dos seis exercícios propostos.
- (d) Depois de termos ouvido tantos “nãos”, não é sem surpresa que recebemos uma resposta afirmativa.
- (e) Caso não lhe pareça inútil lutar por mais verbas para a Educação, faça-o, e nunca lhe faltará a nossa gratidão.

22 O anúncio a seguir faz parte de uma campanha publicitária da Peugeot.

Não Vendo

De jeito nenhum o meu Peugeot 306. 725-27-45

Há na publicidade o uso intencional:

- (a) da ambiguidade.
- (b) da falta de coesão (ligação) entre os termos da oração.
- (c) da falta de clareza.
- (d) da falta de concordância.
- (e) da falta de coerência.

23 UFPR Assinale a alternativa que pode ser usada no início do trecho a seguir, tornando-o coerente.

_____ O estudo, envolvendo 545 homens, constatou que os mais otimistas têm metade das probabilidades de morrer de doenças cardiovasculares. Os pesquisadores acreditam que isso provavelmente acontece porque os otimistas fazem mais exercícios e lidam melhor com a adversidade.

Folha de S.Paulo, 5 mar. 2006.

- (a) As mulheres vivem mais do que os homens, afirmam os pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.
- (b) Os otimistas têm menos possibilidade de morrer de doenças cardiovasculares do que os pessimistas, afirmam os pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.
- (c) Os homens que fazem diariamente exercícios físicos têm menos chance de terem problemas mentais, afirmam pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.
- (d) As mulheres vivem mais do que os homens, mas têm menos chance de terem problemas cardiovasculares, afirmam os pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.
- (e) Os homens com perfil pessimista que fazem diariamente exercícios físicos têm menos chance de terem problemas mentais, afirmam pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.

24 Utilize a elipse.

Eu sou o que eu penso ser? Ele é o que ele imagina ser? Nós somos o que pensamos ser? Ou somos o que os outros acham que somos? Nós somos a tensão dessas duas visões.

25 Elimine o gerundismo.

Venha às casas Kaia e caia na fantasia!

Preço baixo: produtos a partir de 50 centavos!

Atendimento: você deve estar sendo atendido em 30 segundos, caso contrário chame o gerente e ganhe um desconto!

Financiamento: basta o dedão e você consegue financiar em até 100 prestações!! O juro é fantasia...

13

Figuras de linguagem ligadas ao aspecto semântico



A foto apresenta recursos expressivos que a tornam interessante, recursos que também estão presentes na literatura; no contraste das mãos – o tom das peles, o infantil e o adulto – temos a antítese visual, figura de linguagem que trabalha com oposições semânticas; há ainda uma sinédoque

visual ao se colocar a parte, as mãos, no lugar do todo, o adulto e a criança; a sinédoque é um tipo de metonímia, figura de linguagem que emprega como relação semântica a implicação.

O uso de linguagem figurada não se restringe à literatura; na fala do cotidiano, na publicidade, na piada, também empregamos o sentido conotativo (figurado). Neste capítulo, estudaremos as figuras de linguagem ligadas ao aspecto semântico.

Figuras de linguagem

Metáfora (do grego *metaphorá*, pelo latim *metaphora*)

Trata-se de uma transferência de sentido da palavra, para um âmbito semântico que não lhe pertence, mas que mantém com o sentido de origem uma relação de semelhança. Exemplo:

A raposa estava de volta. João era temido por todos, era inteligente e não tinha pena dos devedores, tirava-lhes tudo! Era esperto, mas sem escrúpulos. Às vezes, dava-lhes um cascudo, fora boxeador na mocidade.

João é comparado a uma raposa, porque ambos possuem algo em comum:



Outros exemplos de metáfora:

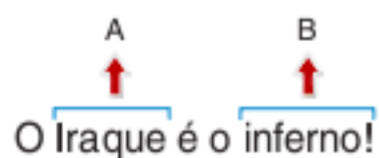
- I. *Na primavera de minha vida, meu pai faleceu.*
Gregório de Matos.
- II. *Que sendo vós um sol, fora,
Tendes manha de um sol posto.*
Gregório de Matos.
- III. *Goza, goza da flor da mocidade.*
Gregório de Matos.
- IV. *A copa sem chutes.*
Anúncio publicitário.

Muitas metáforas são utilizadas como xingamento ou gíria:

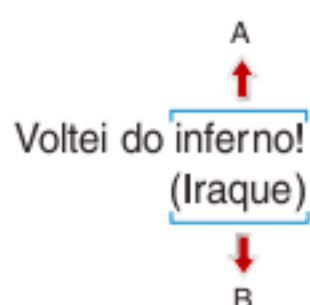
- I. *Vai lá, seu banana!*
- II. *Ela é uma gata, cara.*

A metáfora apresenta-se de duas maneiras:

- a) com os dois seres em confronto, explícitos na superfície do texto:



- b) com os dois seres em confronto, em que um deles está implícito:



Observe que, nesse exemplo, há uma substituição por comparação (na metonímia, há substituição por implicação).

Alegoria (do latim *allegoria, ae*)

Na fala ou na escrita, em vez de referir-nos diretamente a uma situação, utilizamos uma série de comparações, metáforas; quando isso ocorre, temos um texto alegórico.

[...] O sol do futuro vai romper justamente da banda para onde caminhas, e não da banda por onde nós outros temos errado até hoje [...]

Raimundo Correia.

No período citado anteriormente, o autor afirma, de forma alegórica, que no futuro os leitores não aceitariam os valores estéticos parnasianos, mas uma literatura nacional mais autêntica, a que o interlocutor pertence. Veja este outro exemplo.

Duas almas

*Ó tu que vens de longe, ó tu, que vens cansada,
Entra, e, sob este teto, encontrarás carinho:
Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho,
Vives sozinha sempre, e nunca foste amada...*

*A neve anda a branquear, lividamente, a estrada,
E a minha alcova tem a tepidez de um ninho,
Entra, ao menos até que as curvas do caminho
Se banhem no esplendor nascente da alvorada.*

*E amanhã, quando a luz do sol dourar, radiosa,
Essa estrada sem fim, deserta, imensa e nua,
Podes partir de novo, ó nômade formosa!*

*Já não serei tão só, nem irás tão sozinha.
Há de ficar comigo uma saudade tua...
Hás de levar contigo uma saudade minha...*

Alceu Wamosy.

O poema apresenta uma sucessão de metáforas, o que dá um caráter alegórico ao texto.

Catacrese (do grego *katáchresis*)

Toma-se de empréstimo um termo de outro campo semântico, que possua uma relação de semelhança com o objeto ou coisa a que se refere. Exemplo:

Embarcaram no avião sem medo de serem revistados.
Embarcaram = no barco
(ambos são meio de transporte)

ATENÇÃO!

Perna de mesa, asa de xícara, boca do estômago, dente de pente, braço de rio, cabeça de alfinete etc. A catacrese é uma metáfora desgastada.

Prosopopeia (do grego *Prosopopiia*)



É quando se dá uma característica humana ao ser inanimado ou irracional (também denominada personificação ou metáfora). Para alguns autores, a personificação remeteria aos animais e a prosopopeia aos demais seres, os inanimados.

I. As paredes pareciam escutar as confissões.

II. Agora que se cala o surdo vento,
E o rio enternecido com meu pranto.

Francisco Rodrigues Lobo. *Obras de Francisco Rodrigues Lobo*.
Lisboa: Offic. Miguel de Cervantes, 1774. p. 118.

III. Algodão no Brasil tem nome e sobrenome.

Anúncio publicitário.

IV.

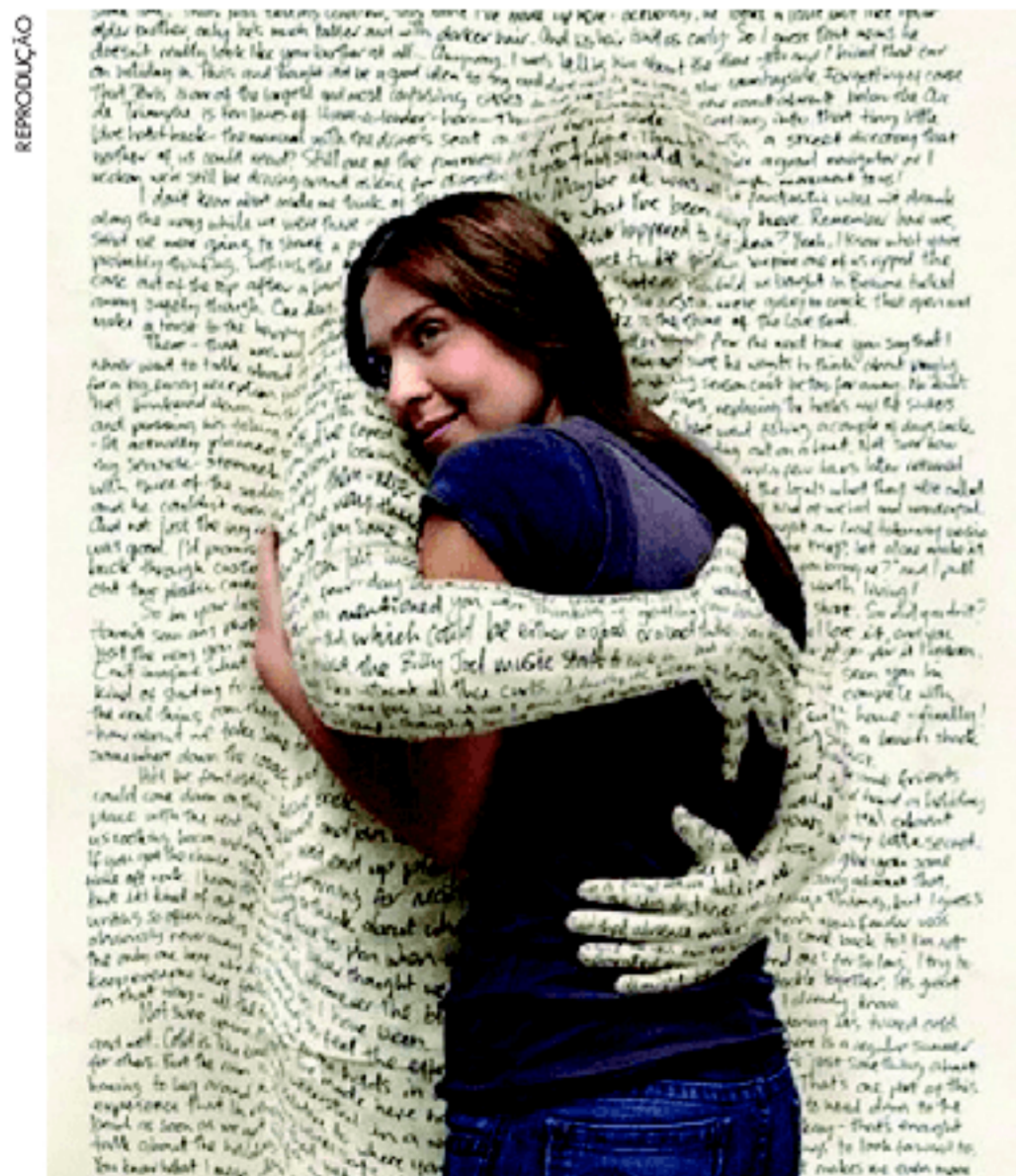


Fig. 1 Prosopopeia (“Se você realmente quer tocar alguém, mande uma carta”).

A zoomorfização é a atribuição de características animais a seres humanos; a antropomorfização, a humanização dos animais. Graciliano Ramos utiliza os dois processos: antropomorfiza “Baleia” e zoomorfiza “Fabiano”; observe as passagens a seguir.

Exemplo 1

Pobre de Baleia. Era como se tivesse matado uma pessoa da família.

Exemplo 2

Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo mata como bichos?

No exemplo 1, “Baleia” é tratada como um ser humano, é “uma pessoa da família”; no exemplo 2, toda a família é zoomorfizada.

Metonímia (do grego *metonymia*, pelo latim *metonymia*)

Trata-se de uma substituição por implicação (a metáfora é uma substituição por comparação).

Homenagem da Yashica ao primeiro sorriso que você conheceu.

Anúncio publicitário.

O termo “primeiro sorriso” está no lugar de “mãe”; “sorriso” é a parte, “mãe” é o todo. Trata-se de uma relação de contiguidade. As relações de implicação mais conhecidas são as seguintes:

- **Autor pela obra**

Devolva o Neruda que você me tomou...

Chico Buarque. “Trocando em miúdos”. Interprete: _____.
In: Chico Buarque. Brasil: Universal, 1978. Faixa 3.

Autor: *Neruda*

Obra: *o livro*

- **Continente pelo conteúdo**

No Natal, tomaremos dez taças.

Continente: *taças*

Conteúdo: *champagne*

- **Consequência pela causa**

Vou suar minha camisa, meu irmão!

Consequência: *suar*

Causa: *trabalho*

- **Lugar pelo produto**

Tomamos um excelente Porto.

Lugar: *Porto*

Produto: *vinho*

- **Matéria pelo objeto**

Todos louvavam o bronze.

Matéria: *bronze*

Objeto: *escultura*

- **Concreto pelo abstrato**

Tinha um coração de mãe.

Concreto: *coração*

Abstrato: *sentimento*

• **Parte pelo todo**

Exemplo 1



Na foto anterior, o gato está em *close*, destacando a parte.

Exemplo 2

Seus braços mataram o rival.

Parte: *braços*

Todo: *a pessoa*

A relação parte/todo também é chamada *Sinédoque*.

• **Singular pelo plural**

O brasileiro gosta de futebol.

Singular: *o brasileiro*

Plural: *os brasileiros*

• **Forma pelo objeto**

Agarrou a redonda e a devolveu ao beque.

Forma: *redonda*

Objeto: *bola*

ATENÇÃO!

O aluno deve entender o mecanismo da metonímia, para não precisar decorar. Eis outros tipos: *profissional pelo local* (bicicleteiro/bicicletaria); *instrumento pela pessoa que o utiliza* (pena/escritor); *sinal pela coisa significada* (trono/império); *lugar pelo habitante* (Brasil/brasileiro); *abstrato pelo concreto* (bondade/pessoa idosa); *indivíduo pela espécie* (Judas/traidor); *qualidade pela espécie* (irracional/animal) etc.

Símbolo

Essa figura, citada por Rocha Lima em *Gramática normativa da Língua Portuguesa*, p. 464, ocorre quando “o nome de um ser ou coisa concreta assume valor convencional, abstrato”, nas palavras do filólogo. Assim, a “balança” é o símbolo da justiça.

O *Evangelho* e o *Corão* estão frente a frente no resultado das suas doutrinas.

As duas palavras destacadas relacionam-se, respectivamente, aos cristãos e aos maometanos; o livro, elemento

concreto, remete ao abstrato, isto é, à visão de mundo contida em cada um dos livros.

Perífrase (do grego *Periphrasis*)

Trata-se da substituição de um nome (ser) por um de seus atributos ou por um fato que o consagrou.

O mestre nos ensinou.

Mestre = *Cristo*

ATENÇÃO!

Rei das selvas (leão), cidade-luz (Paris), Águia de Haia (Rui Barbosa), cisne de Mântua (Virgílio), poeta negro (Cruz e Sousa).

Eufemismo (do grego *Euphemismós*)

Essa figura é utilizada com a finalidade de suavizar a mensagem, a fim de torná-la mais agradável ou menos ofensiva.

Trata-se de um produto para homens calvos.

Calvos = *carecas*

ATENÇÃO!

Revolução redentora (ditadura militar); passar para outro plano espiritual (morrer); criança excepcional (deficiente mental); tumor maligno (câncer); neoliberal (capitalista); toalete (micróbio).

Litotes (do latim *litotes*)

Trata-se de um tipo de eufemismo. É a negação do contrário.

I. *É nada inteligente.*

Nada inteligente = *burro*

II. *Ele não vê.*

Não vê = *é cego*

Antítese (do grego *antithesis*, pelo latim *antithese*)

A antítese ocorre quando temos uma oposição de palavras ou ideias.

I. *E onde queres cowboy, eu sou chinês*

Caetano Veloso. *O quereres*.

II. [...] *Eles mandam, e vós servis: eles dormem, e vós velais: eles descansam, e vós trabalhais [...]*

Antônio Vieira. In: Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 46.

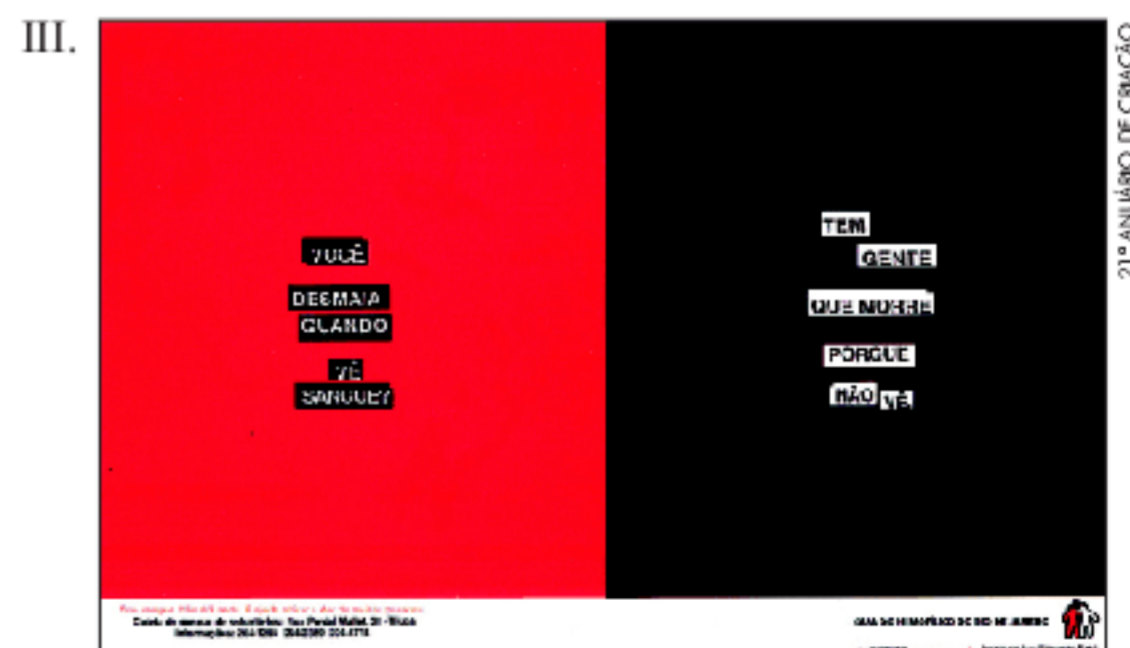


Fig. 2 Antítese.

Paradoxo (do grego *Parádoxon*, pelo latim *Paradoxon*)

Trata-se de uma contradição nas ideias (ou ideias antagônicas). O paradoxo agrupa significados que se excluem mutuamente. Veja os exemplos:

- I. *Que o amor seja infinito enquanto dure.*
Vinicius de Moraes. *Soneto de Fidelidade*.
- II. *Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.*
Vinicius de Moraes. *O operário em construção*.

Em Vinicius, a contradição se estabelece na relação *amor eterno/amor efêmero (enquanto dure)*; o amor não pode ser eterno se um dia ele vai terminar. O objetivo do poeta é passar a ideia de que esse amor é intenso. No segundo texto, a *casa* é concomitantemente a sua liberdade (era dele) e a sua escravidão (exigia a sua dedicação). Nota-se que, no paradoxo, a oposição é simultânea e há contradição, o que não ocorre com a antítese. No exemplo a seguir, temos uma antítese, pois não há contradição, mas oposição (não há contrassenso).

Uns gozam da liberdade; outros vivem na escravidão → antítese

Quando o paradoxo é expresso de maneira sintética, dá-se o nome de **oxímoro** (tipo de paradoxo). Observe os casos a seguir (o primeiro é de Camões).

É um contentamento descontente.

Luis de Camões.

Uma feia bonita, assim era Mariana.

Veja agora a tirinha de Jim Davis, extraída do exame do Enem:



Garfield, Jim Davis © 2000 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. Universal Uclick.

O **oxímoro** ocorre, pois *segunda-feira* é considerado um dia enfadonho, infeliz; *feliz segunda-feira* é, pois, um paradoxo sintético, ou seja, um oxímoro. A maioria dos autores considera o oxímoro como sinônimo de paradoxo, outros estabelecem essa distinção que acabamos de fazer.

Sinestesia (do grego *aisthesis*)

A sinestesia ocorre quando o enunciador coloca duas ou mais sensações diferentes lado a lado.

- I. *Avista-se o grito das araras.*

↓ visual ↓ auditivo

João Guimarães Rosa.

- II. *Tem cheiro a luz, a manhã nasce...*

↓ olfativo ↓ visual

Alphonsus de Guimaraens.

Gradação (do latim *gradatione*)

Trata-se de um aumento ou diminuição gradual.

Os meninos não tinham brinquedo, não tinham divertimento, não tinham escola, não tinham comida, não tinham nada.

Alphonsus de Guimaraens

Acabava o crepúsculo e o céu escurecia devagarinho, passando do rosa pálido e do amarelo transparente, ao lilás, ao cinza, ao roxo, ao azul-escuro, numa gradação suave.

Malu de Ouro Preto.

Hipérbole (do grego *hyperbolé*)

É a figura de linguagem que engrandece ou diminui exageradamente os fatos.

Chorei bilhões de vezes com a canseira.

Augusto dos Anjos.

Rios te correrão dos olhos, se chorares!

Olavo Bilac.

É comum a utilização da hipérbole no cotidiano. Veja alguns exemplos:

Você está louco? Doce não tem acento!

Você faz tudo errado, caramba!

Ironia (do grego *eironeia*, pelo latim *ironia*)

A ironia ocorre quando o enunciado (o que está escrito) nega a enunciação (intenção do autor).

- I. *Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta:
Um amor.*

Mário de Andrade.

- II. *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis. [...]*

Machado de Assis.

Nos dois casos, a mensagem deve ser entendida ao contrário.

Preterição (do latim *praeterit io, ōnis*)



É a figura pela qual o enunciador finge não afirmar o que, na verdade, afirma. No quadrinho anterior, a personagem masculina utiliza a preterição. Veja este outro exemplo, citado por Rocha Lima no livro *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*.

Não vos pintarei os tumultos, a grita da multidão: o sangue de todos os lados, o corpo do filho estendido [...]

Costa e Cunha.

Alusão (do latim *allūsiō, ōnis*)

Ocorre a alusão, afirma Rocha Lima, quando o enunciador faz referência a um fato ou personagens conhecidos.

Qual Prometeu, tu me amarraste um dia.

Castro Alves.

Há na frase do poeta uma referência à personagem da obra *Prometeu Acorrentado*.

Climax

O Clímax é uma intensificação, ou gradação, que contribui para acentuar a ideia de forma crescente.

Onde o bom exemplo calando avisa, avisando emenda e emendando afeição

João de Lucena.

Da perda do bem nasce o conhecimento; do conhecimento a estimação; da estimação a dor.

Antônio Vieira.

Revisando

1 Veja a imagem abaixo.



Relacione a imagem acima com uma das figuras estudadas; a seguir, invente outro exemplo, em linguagem verbal, que empregue a mesma figura e o mesmo tema.

Texto para a questão 2.

Mas eu aportara à cidade de automóvel...

F. Namora.

2 No texto, observa-se uma figura de linguagem denominada catacrese. Explique como se dá sua ocorrência no texto.

Texto para a questão 3.

O céu ia envolvendo-a até comunicar-lhe a sensação do azul, acariciando-a como um esposo, deixando-lhe o odor e a delícia da tarde.

Gabriel Miró.

3 Explique o efeito sinestésico no texto.

Texto para a questão 4.

A Ilha era deserta e o mar com medo da própria solidão já te sonhava. Ia em vento chamar-te para longe E longamente, em espuma, te aguardava.

Carlos de Oliveira.

4 Que figura de linguagem temos em *O mar com medo da própria solidão*? Como ocorre o efeito de sentido?

Texto para a questão 5.

Se aquele mar foi criado num só dia, eu era capaz de o escoar todo numa hora... era capaz de o beber só para me ver livre dele.

Agustina Bessa Luís.

5 Explique como o autor emprega a linguagem conotativa.

Texto para a questão 6.

Deixa em paz a criatura. Está começando a esta hora a apodrecer, não a perturbemos.

Eça de Queirós.

6 Explique por que o autor do texto acaba empregando o eufemismo ao contrário, o disfemismo?

7 Nos textos abaixo, foi empregada uma mesma figura, a metonímia. Explique a relação semântica utilizada em cada uma das metonímias.

*As barbas longas merecem ser ouvidas
Estou comendo a crise, por isso estou assim*

8 Leia o excerto a seguir.

Aquella que a salvar o mundo veio.

L. Camões. *Os Lusíadas*.

Camões empregou uma figura denominada perífrase. Explique seu significado e a relação semântica envolvida.

Exercícios propostos

1 **Cesgranrio** A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada. As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

- (a) hipérbole e anacoluto. (d) metonímia e hipérbole.
(b) metáfora e anacoluto. (e) metáfora e zeugma.
(c) metonímia e zeugma.

2 **Uerj** A “hipérbole” é uma figura de linguagem empregada quando há intenção de engrandecer ou diminuir exageradamente a verdade das coisas, dos fatos.

A alternativa em que se usa a hipérbole como conotação do sofrimento do narrador do texto, pela duração de sua permanência fora do Brasil, é:

- (a) Já dois anos se passaram longe da pátria.
(b) Já dois anos se passaram longe da pátria. Dois anos!
(c) Diria dois séculos.
(d) E durante este tempo tenho contado os dias e as horas...

3 Na frase “... consumo das significações no seio da comunicação social...”, a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico:

- (a) denotação e paradoxo.
(b) conotação e sinédoque.
(c) denotação e pleonasma.
(d) conotação e catacrese.
(e) conotação e antítese.

4 Cesgranrio Leia:

1. *Vontade de beijar os olhos de minha pátria*
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
2. *Pátria, eu semente que nasci do vento*
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço.

Vinicius de Moraes. "Pátria minha". *Soneto de fidelidade e outros poemas*. 5 ed. São Paulo: Ediouro Publicações, 2000. p. 30.

A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

- (a) prosopopeia – aliteração. (d) aliteração – personificação.
(b) metáfora – gradação. (e) metonímia – assíndeto.
(c) hipérbole – antítese.

5 Cesgranrio Leia:

Navegar é preciso, viver não é preciso. Esta frase de antigos navegadores portugueses, retomada por Fernando Pessoa, por Caetano Veloso e sabe-se lá por quantos mais citadores ou re-inventores, ganha sua última versão no âmbito da Informática, em que o termo navegar adquire outro e preciso sentido.

Na nova acepção, em tempos de Internet, o lema parece mais afirmativo do que nunca. Os olhos que hoje vagueiam pela tela iluminada do monitor já não precisam nem de velas, nem de versos, nem de fados: da vida só querem o cantinho de um quarto, de onde fazem o mundo flutuar em mares de virtualidades nunca dantes navegados.

Indique a afirmação correta em relação ao texto.

- (a) O efeito sonoro explorado na sequência de "vagueiam", "velas", "versos", "vida", "virtualidades" é conhecido como rima anterior.
(b) A construção "Os olhos [...] já não precisam" é exemplo de metonímia.
(c) O termo "vagueiam" está empregado no sentido de "nor-teiam" e é exemplo de personificação.
(d) Na frase "Navegar é preciso, viver não é preciso" há um pleonasma.
(e) A construção "nem de velas, nem de versos, nem de fados" apoia-se em antíteses.

6 Barcos de ouro/Barcos de papel. Expressões contrárias a que a Língua dá o nome de:

- (a) antítese. (c) pleonasma. (e) polissíndeto.
(b) zeugma. (d) anacoluto.

7 ITA Leia:

É terminantemente proibido animais circulando nas áreas comuns a todos, principalmente para fazerem suas necessidades fisiológicas no jardim do condomínio, onde podem pôr em risco a saúde das crianças que ali brincam descalças.

Extraído de um relatório de prestações de contas da administração de um prédio.

Assinale a opção que apresenta as figuras de linguagem presentes no texto:

- (a) pleonasma e eufemismo. (d) pleonasma e metonímia.
(b) metonímia e eufemismo. (e) eufemismo e polissíndeto.
(c) pleonasma e polissíndeto.

8 Em "Aqueles crianças quebrando tudo pareciam uns anjinhos.", temos uma figura de linguagem chamada _____

9 Faap "Um homem *forte* de ombros tão *curvos*". Os termos em destaque estão em oposição, revelando a figura chamada:

- (a) prosopopeia. (c) pleonasma. (e) silepse.
(b) anacoluto. (d) antítese.

10 Leia o verso a seguir.

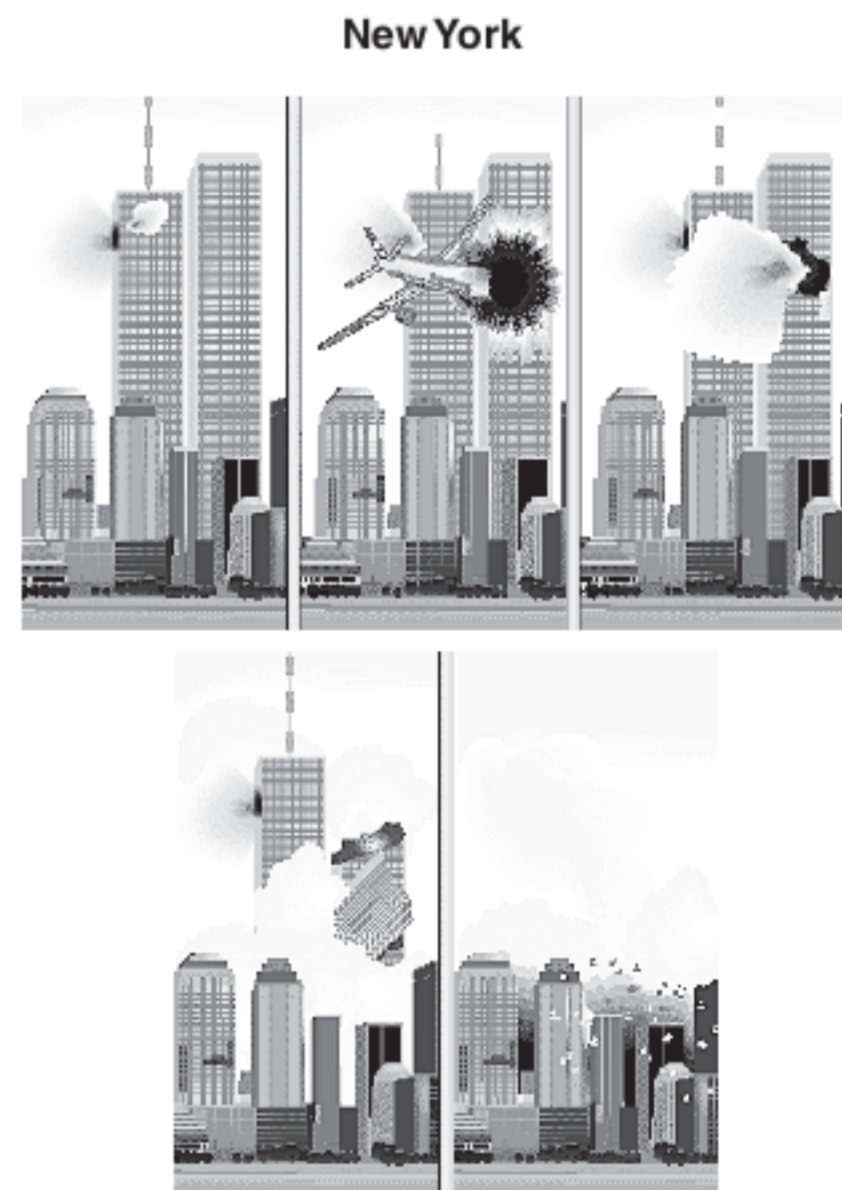
Ó príncipes, meus irmãos,
Arre, estou farto de semideuses!

Fernando Pessoa.

Em "Ó príncipes", temos:

- (a) um hipérbato. (c) uma sinédoque. (e) uma apóstrofe.
(b) uma catacrese. (d) um oxímoro.

11 Observe a sequência a seguir, extraída de *O Estado de S Paulo*.



A sequência pode ser considerada:

- (a) uma metáfora. (c) uma apóstrofe. (e) uma gradação.
(b) um eufemismo. (d) uma hipérbole.

12 Que figura de linguagem temos no anúncio a seguir?
Pequenos imóveis, grandes negócios.

13 Uerj Em "Cigarro, apague essa ideia", temos:

- (a) metáfora. (c) oxímoro. (e) gradação.
(b) litotes. (d) hipérbole.

14 Explique o texto a seguir, presente em uma revista de turismo.

O Brasil que o Brasil não conhece.

15 Leia a publicidade a seguir.

Câncer de mama: A cura pode estar em suas mãos.

- I. “Em suas mãos” está empregado no sentido apenas denotativo.
- II. “Em suas mãos” está empregado no sentido apenas conotativo.
- III. “Em suas mãos” está empregado no sentido denotativo e conotativo.
- IV. Não há no anúncio efeito de sentido.
- V. “Câncer de mama” é uma metáfora.

Está correta a alternativa:

- (a) I. (c) III. (e) V.
(b) II. (d) IV.

16 Em “Dedetizadora Veneza. E você não encontra mais barata.”, temos:

- (a) uma metalinguagem. (d) ausência de ambiguidade.
(b) uma polissemia. (e) paralelismo sintático.
(c) uma intertextualidade.

17 **Faap** *Quincas Borba [...] ganiu infinitamente [...].*

Machado de Assis. *Quincas Borba*.

A palavra em destaque é exemplo de:

- (a) hipérbole. (c) antítese. (e) pleonasma.
(b) hipérbato. (d) sinédoque.

18 Identifique as figuras de linguagem empregadas nas seguintes frases.

- a) Esses livros, eu já os comprei.
- b) O cheiro doce e verde do capim trazia recordações da fazenda.
- c) O vento varreu o vale.
- d) Ouviu-se um estalo seco.
- e) Ela chorou um choro de alegria.

O texto a seguir refere-se às questões **19** e **20**.

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

19 **Fuvest** A enumeração de substantivos expressa gradação ascendente em:

- (a) “menino mais gracioso, inventivo e travesso”.
- (b) “trazia-o amimado, asseado, enfeitado”.
- (c) “gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas”.
- (d) “papel de rei, ministro, general”.
- (e) “tinha garbo [...], e gravidade, certa magnificência”.

20 **Fuvest** Na frase “[...] data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal”, ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:

- (a) Meu coração/Não sei por que/Bate feliz, quando te vê.
- (b) Há tanta vida lá fora,/Aqui dentro, sempre,/Como uma onda no mar.
- (c) Brasil, meu Brasil brasileiro,/Meu mulato inzoneiro,/Vou cantar-te nos meus versos.
- (d) Se lembra da fogueira,/Se lembra dos balões,/Se lembra dos luares, dos sertões?
- (e) Meu bem querer/É segredo, é sagrado,/Está sacramentado/Em meu coração.

21 **Fuvest** *A Petrobras Distribuidora sempre investiu na cultura do País e acreditou no potencial do cinema brasileiro. E a Mostra BR de Cinema é um exemplo disso. Sucesso de público e crítica, hoje a Mostra já está na sua 26ª edição e sua qualidade é reconhecida por cineastas do mundo todo. E você tem um papel muito importante nesta história: toda vez que abastecer em um Posto BR estará contribuindo também para o cinema brasileiro rodar cada vez mais.*

Catálogo da 26ª Mostra BR de Cinema, out. 2002. (Adapt.).

Considerando os elementos visuais e verbais que constituem esse anúncio, identifique no texto:

- a) a palavra que estabelece de modo mais eficaz uma relação entre patrocinado e patrocinador. Justifique sua resposta.
- b) duas possíveis leituras da frase *E você tem um papel muito importante nesta história*

22 **AFA** Com relação às figuras de linguagem, numere a segunda coluna de acordo com a primeira e, em seguida, assinale a alternativa correta.

1. *Eu sem você*
[...]
Sou chama sem luz
Jardim sem luar
Luar sem amor
Vinicius de Moraes e Baden Powell. *Samba em prelúdio*.
2. *Trabalhava ao piano, não só Chopin*
como ainda os estudos de Czerny.
Murilo Mendes.
3. *O inútil choro das tristes águas*
Enche de mágoas a solidão...
Vicente de Carvalho.

4. *Noite-montanha. Noite vazia. Noite indecisa.*
Confusa noite. Nada a procura, mesmo sem alvo.
 Carlos Drummond de Andrade.
5. *Ó mar salgado, quanto do teu sal*
são lágrimas de Portugal.
 Fernando Pessoa.

- Prosopopeia
- Metonímia
- Anáfora
- Apóstrofe
- Metáfora

- (a) 3, 2, 4, 5, 1 (c) 1, 2, 4, 3, 5
 (b) 2, 3, 1, 4, 5 (d) 5, 4, 3, 1, 2

23 Meus amigos, meus inimigos, minha querida Ribeirão Preto debate a fusão entre dois tradicionais times locais, o tricolor Botafogo (a Pantera, sic) e o alvinegro Comercial (o Leão). No início do período, em “Meus amigos, meus inimigos”, observa-se a presença de:

- (a) metáfora.
- (b) antítese.
- (c) personificação.
- (d) sinestesia.
- (e) eufemismo.

TEXTO COMPLEMENTAR

Da correção do estilo

O princípio do estilo é falar com pureza, segundo o espírito da língua, o grego, por exemplo. São necessárias para isso cinco condições. A primeira reside no emprego das conjunções que devem ser colocadas segundo a ordem natural, umas em primeiro lugar, as outras em seguida, como pretendem certos autores; assim με´ν e ἔγω´ με´ν exigem ser seguidos de δε´ e de δ´δε´. É preciso que elas se correspondam uma à outra, antes de se ter esquecido a precedente; não devem estar separadas por longo intervalo e é preciso evitar que uma conjunção seja colocada antes da que é necessária. Só raramente ficará bem deixar de cumprir esta regra. Não se dirá: “Mas eu, depois que ele me falou (porque Cléon tinha vindo solicitar-me e suplicar-me), pus-me a caminho tendo-os tomado comigo”. Nesta frase, encontramos muitas conjunções intercaladas antes daquela que devia ser expressa; havendo grande intervalo entre o princípio e o verbo ἔπορευο´μην, a frase torna-se obscura. Uma primeira regra consiste, pois, no emprego correto das conjunções. A segunda consiste no uso dos vocábulos próprios, sem termos de recorrer às perífrases. A terceira consiste em evitar expressões anfibológicas (ambíguas), a não ser que propositadamente se tome o partido contrário. É o que fazem as pessoas que nada têm o que dizer e que, no entanto, querem dar ares de dizer alguma coisa; tal é o caso dos que se exprimem de maneira poética, como Empédocles. Pois um longo circuito de palavras deslumbra facilmente os ouvintes que se encontram em situação idêntica à da multidão diante dos adivinhos; em face de suas respostas anfibológicas, não recusa o assentimento. Exemplo:

Creso, depois de transposto o Hális, causará a ruína de um grande império. (Heródoto (*Histórias*, I, 53, 101) refere-se esta profecia, em resposta às oferendas trazidas de Delfos pelo lídios, em nome do Rei Creso).

Exprimindo-se em termos gerais, os adivinhos expõem-se a um erro menos grave, visto que só falam das coisas segundo os gêneros. Há mais probabilidades de acertar no jogo do par ou ímpar

respondendo par ou ímpar do que precisando o número; é igualmente mais fácil dizer que uma coisa acontecerá do que indicar em que momento ela se produzirá. Isso explica por que os oráculos têm cuidado de não acrescentar o momento do acontecimento. Tudo isto se assemelha, e daí a necessidade de evitar todos estes equívocos, salvo especial razão em contrário. A quarta regra é seguir Protágoras que distingue o gênero dos nomes: masculinos, femininos e neutros. É uma divisão que importa aplicar exatamente: “Ela veio, falou comigo e retirou-se”. A quinta regra consiste em observar os números, distinguindo se se trata de muitos ou de poucos objetos ou de um só. Exemplo: “As pessoas vieram e bateram-me”. Em geral, importa que o que se escreve seja fácil de ler e pronunciar, o que é uma e a mesma coisa. Não se obtém este resultado, empregando muitas conjunções, nem se as frases forem de difícil pontuação, como sucede com as de Heráclito [Heráclito de Éfeso, filósofo, viveu por volta do ano 500 a.C.]. É extremamente árduo pontuar as obras de Heráclito, porque nunca sabemos ao certo a que palavra um termo se refere, se à que o precede, se à que o segue. Diz ele no começo de seu tratado: “Esta razão que subsiste sempre os homens são incapazes de a compreender”. Não se sabe exatamente a que termo se deva ligar pela pontuação o advérbio: sempre. Acontece ainda que se comete um solecismo, quando não se atribui a duas palavras, que se juntam, um termo que convém a cada uma delas. Tomemos como exemplo as palavras: som e cor: a forma verbal “vendo”, não é termo próprio; o termo próprio é “percebendo”. Por outro lado, há obscuridade no estilo, quando não se exprimiu ao princípio o que deveria ter-se expresso e se intercala na frase uma multidão de ideias, por exemplo: “Eu devia, após haver falado com essa pessoa sobre isto, sobre aquilo e desta maneira, pôr-me a caminho”. É preferível dizer: “Eu devia pôr-me a caminho, depois de ter falado com essa pessoa”. Em seguida, acrescenta-se que se fez isto e aquilo e desta maneira.

Aristóteles. *Arte retórica e arte poética*. p. 184-5.

RESUMINDO

Metáfora

Trata-se de uma transferência de sentido da palavra, para um âmbito semântico que não lhe pertence, mas que mantém com o sentido de origem uma relação de semelhança.

Alegoria

Na fala ou na escrita, em vez de nos remetermos diretamente a uma situação, utilizamos uma série de comparações, metáforas; quando isso ocorre temos um texto alegórico.

Catacrese

Toma-se de empréstimo um termo de outro campo semântico, que possua uma relação de semelhança com o objeto ou coisa a que se refere.

Prosopopeia, antropomorfização, zoomorfização

- a) Personificação ou prosopopeia
A personificação (ou prosopopeia) ocorre quando atribuem-se características humanas, ou animadas, a seres não humanos ou inanimados.
- b) Zoomorfização e antropomorfização
A zoomorfização é a atribuição de características animais a seres humanos; a antropomorfização, a humanização dos animais.

Metonímia

Trata-se de uma substituição por implicação (lembre-se de que a metáfora, quando um dos elementos comparados está ausente, é uma substituição por comparação).

As relações de implicação mais conhecidas são as seguintes:

1. autor pela obra;
2. continente pelo conteúdo/o conteúdo pelo continente;
3. consequência pela causa;
4. lugar pelo produto;
5. matéria pelo objeto;
6. concreto pelo abstrato;
7. parte pelo todo/todo pela parte.
(A relação parte/todo também é chamada Sinédoque);
8. singular pelo plural;
9. forma pelo objeto;
10. o instrumento no lugar de quem o utiliza.

Símbolo

Essa figura ocorre quando “o nome de um ser ou coisa concreta assume valor convencional, abstrato”.

Perífrase

Trata-se da substituição de um nome (ser) por um de seus atributos ou por um fato que o consagrou; trata-se de uma espécie de metonímia.

Eufemismo, lítotes

- a) Eufemismo
Eufemismo é a figura pela qual o enunciador procura suavizar o conteúdo da mensagem; trata-se de uma forma de polidez.
- b) Lítotes
Lítote é uma variedade de eufemismo; consiste na negação do contrário.

Antítese

A antítese ocorre quando temos uma oposição de palavras ou ideias; tal oposição, no entanto, não pressupõe uma contradição, visto que nesses casos teríamos o paradoxo.

Paradoxo

Trata-se de uma contradição nas ideias (ou ideias antagônicas). O paradoxo agrupa significados.

Sinestesia

Sinestesia é a interpenetração, a fusão de planos sensoriais.

Gradação

A gradação (ascendente) consiste num acúmulo de efeitos expressivos e conceituais cada vez mais intensos, até chegar em um clímax.

Se os efeitos expressivos forem cada vez menos empolgantes, teremos uma gradação descendente, ou anticlímax.

Hipérbole

A hipérbole traduz um exagero de caráter metafórico; o autor deforma a realidade, valorizando-a ou depreciando-a.

Ironia

A ironia ora é concebida como um simples deboche, ora é concebida como a figura de linguagem em que o enunciado nega a enunciação, isto é, o que se diz é o oposto do que realmente se quer dizer.

Preterição

É a figura pela qual o enunciador finge não afirmar o que, na verdade, afirma.

Alusão

Ocorre a alusão quando o enunciador faz referência a um fato ou personagens conhecidos.

Clímax

O clímax é uma intensificação, ou gradação, que contribui para acentuar a ideia de forma crescente.

■ QUER SABER MAIS?

LIVRO

- Paulo Leminski. *Melhores poemas de Paulo Leminski*. São Paulo: Global, 1996. (Seleção Fréd Góes).

FILME

- Sergei Eisenstein. *O Encouraçado Potemkin*, 1925.

TEATRO

- Jean Genet. *O Balcão*.

MÚSICA

- Miles Davis. "You're Under Arrest" (jazz).

PINTURA

- Van Gogh.

Exercícios complementares

1 Vunesp Leia:

Uma história de mil anos

– HU... HU...

É como nos ínvios da mata soluça a juriti.

Dois HUS – um que sobe, outro que desce.

O destino do u!... Veludo verde-negro transmutado em som – voz das tristezas sombrias. Os aborígenes, maravilhosos denominadores das coisas, possuíam o senso impressionista da onomatopeia. URUTAU, URU, URUTU, INAMBU – que sons definirão melhor essas criaturinhas solitárias, amigas da penumbra e dos recessos?

A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda us. Não canta, geme em U – geme um gemido aveludado, lilás, sonorização dolente da saudade.

O caçador passarinho sabe como ela morre sem luta ao mínimo ferimento. Morre em U...

Já o sanhaço é todo as. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia lancinante.

A juriti apaga-se como chama de algodão. Frágil torrão de vida, extingue-se como se extingue a vida do torrão de açúcar ao simples contato da água. Um U que se funde.

[...]

Monteiro Lobato. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2011. p. 126.

No conto “Uma história de mil anos”, Monteiro Lobato interpreta os valores expressivos dos sons com que representamos o canto dos pássaros, bem como de vocábulos onomatopaicos que a Língua Portuguesa herdou do tupi. Com base nesse comentário, responda:

Para exprimir relações entre som e sentido, os escritores muitas vezes se servem da sinestesia, ou seja, da mescla de diferentes impressões sensoriais, como por exemplo o sintagma “ruído áspero e frio”, em que se misturam sensações auditivas (“ruído”) e tácteis (“áspero e frio”). Localize, no quinto parágrafo do conto, um sintagma em que ocorre procedimento semelhante e identifique as impressões sensoriais evocada.

Os textos a seguir refere-se às questões 2 e 3.

Texto 1

Versos a um coveiro

Numerar sepulturas e carneiros,
Reduzir carnes podres a algarismos,
– Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,
Na progressão dos números inteiros
A gênese de todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a contar na paz ascética
Dos tábidos carneiros sepulcrais

Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,
Porque, infinita como os próprios números,
A tua conta não acaba mais!

Augusto dos Anjos. *Eu e outras poesias*. 42 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Texto 2

Os versos de Augusto dos Anjos (1884-1914) já foram considerados “exatos como fórmulas matemáticas”.

Anatol Rosenfeld. “A costeleta de prata de A. dos Anjos”. *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 268.

2 PUC-Rio Justifique a afirmativa do texto 2, destacando aspectos formais do texto 1.

3 PUC-Rio Transcreva de “Versos a um coveiro” palavras e expressões científicas, estabelecendo um contraste entre o poema de Augusto dos Anjos e a tradição romântica, no que se refere à abordagem da temática da morte.

4 Vunesp Compare as seguintes frases.

Minha amiga assobiou distraída uma **melodia** de Beethoven.

Alguma coisa que eu disse distraído... foi despertar **melodias** esquecidas dentro da alma de alguém.

As palavras em destaque estão sendo usadas em sentido próprio e figurado. Indique a figura que está sendo empregada e o sentido que a palavra assume nesse caso.

5 ITA Leia o seguinte texto.

Psicologia evolucionista aprontou mais uma: “descobriu” que mulheres preferem homens mais másculos quando estão na fase fértil do ciclo menstrual.

A pesquisa foi realizada pela Escola de Psicologia da Universidade de Saint Andrews, na Escócia (Reino Unido). É um gênero de investigação que anda na moda e acende polêmicas onde aparece. Os adeptos da psicologia evolucionista acham que escolhas e comportamentos humanos são ditados pelos genes, antes de mais nada.

Dito de outro modo: as pessoas agiriam, ainda hoje, de acordo com o que foi mais vantajoso para a espécie no passado remoto, ou para a sobrevivência dos indivíduos. Entre outras coisas, esses darwinistas extremados acreditam que machos têm razões biológicas para ser mais promíscuos. [...]

Marcelo Leite. “Ciclo menstrual pode alterar escolha sexual”.
Folha de S.Paulo, Caderno Ciência. 24 jun. 1999.

- Aponte duas marcas ou expressões linguísticas empregadas no texto que produzem efeito de ironia.
- Por que essas marcas ou expressões, apontadas em (a), produzem efeito de ironia?

6 ITA Para uma pessoa mais exigente no que se refere à redação, especificamente a construções em que está em jogo a elipse do sujeito, só seria aceitável a alternativa:

- As mulheres devem evitar o uso de produtos de higiene feminina perfumados, pois podem causar irritações [...]
“Infecção urinária”. A Cidade. Lorena, mar. 2002, ano IV, n. 42.
- É recomendável também não usar roupas justas, pois assim permite uma boa ventilação [...], o que reduz as chances de infecção.
“Infecção urinária”. A Cidade. Lorena, mar. 2002, ano IV, n. 42.
- Alguns medicamentos devem ser ingeridos ao levantar-se (manhã), e outros antes de dormir (noite), aproveitando assim seu efeito quando ele é mais necessário.

Boletim informativo sobre o uso de medicamentos,
produzido por M & R Comunicações.

- Já a rouquidão persistente é sinal de abuso excessivo da voz, o que pode levar à formação de nódulos (calos) ou pólipos, e merece atenção especial.

“Rouquidão: o que é e como ela afeta sua saúde vocal”.
Panfleto de divulgação do curso de Fonoaudiologia.
Lorena, abr. 2001.

- As sequelas [causadas pelo herpes] variam de paciente para paciente e podem ou não ser permanentes.

Folha Equilíbrio. Folha de S.Paulo, 27 jun. 2002. p. 3.

7 ITA Leia o texto a seguir.

A aposentada A. S., 68, tomou na semana passada uma decisão macabra em relação ao seu futuro. Ela pegou o dinheiro de sua aposentadoria (um salário mínimo) e comprou um caixão.

A. mora com a irmã, M. F., 70, que também é aposentada. Elas não têm parentes. A. diz que está investindo no futuro. Sua irmã a apoia. A. também comprou a mortalha – roupa que quer usar quando morrer. O caixão fica guardado na sala da casa.

Aposentada compra caixão para o futuro.
Folha de S.Paulo, 22 ago. 1992. (Adapt.).

- Localize um trecho que revela ironia.
- Explique como se dá esse efeito de ironia.

Texto para as questões de 8 a 10.

O poema a seguir narra experiências da morte, testemunhadas pelo migrante, mas culmina com a cena de um nascimento signo resistente da vida nas mais ingratas condições.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

João Cabral de Melo Neto. *Morte e vida severina*. [s.l.]:
Nova Fronteira, 2006, p. 86.

8 A mudança de classe gramatical pode constituir-se em recurso expressivo, como se observa em “vida severina”. Explique o processo de transformação desse vocábulo: a que classe gramatical pertencia, a que classe gramatical agora pertence.

9 Em que momento do texto o autor emprega um advérbio para destacar a força da vida em condições adversas? Cite-o.

10 Levando em conta o poema e o que se diz dele na sua introdução, que significado assume o termo “severina”?

11 Leia o trecho a seguir.

Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco. Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 53 ed. São Paulo: Record, 1984, p. 19. Para descrever a situação em que a personagem se encontrava, a enunciação utilizou linguagem conotativa. Procure explicitar as relações semânticas (oposição, causa/consequência, parte/todo, comparação, finalidade, adição etc.) observadas nos trechos a seguir, as quais possibilitam o uso figurado e criativo da linguagem.

- “Considerar-se plantado em terra alheia!”
- “...os braços moviam-se desengonçados.”

Texto para a questão 12.

Uai, eu?

Se o assunto é meu e seu, lhe digo, lhe conto; que vale enterrar minhocas? De como aqui me vi, sutil assim, por tantas cargas-d'água. No engano sem desengano: o de aprender prático o desfeito da vida.

Sorte? A gente vai – nos passos da história que vem. Quem quer viver faz mágica. Ainda mais eu, que sempre fui arrimo de pai bêbado. Só que isso se deu, o que quando, deveras comigo, feliz e prosperado. Ah, que saudades que eu não tenha... Ah, meus bons maus-tempos! Eu trabalhava para um senhor doutor Mimoso.

Sururião, não; é solorgião. Inteiro na fama – olhá alegre, justo, inteligentudo – de calibre de quilate de caráter. Bom até-onde-que, bom como cobertor, lençol e colcha, bom mesmo quando com dor de cabeça: bom, feito mingau adoçado. Versando chefe os solertes preceitos. Ordem, por fora; paciência por dentro. Muito mediante fortes cálculos, imaginado de ladino, só se diga. A fim de comigo ligeiro poder ir ver seus chamados de seus doentes, tinha fechado um piquete no quintal: lá pernoitavam, de diário, à mão, dois animais de sela – prontos para qualquer aurora.

[...]

João Guimarães Rosa. *Tutameia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 177.

12 Os escritores modernistas modificaram sensivelmente a expressão linguístico-literária, tanto na poesia como na prosa. O texto de Guimarães Rosa serve como exemplo dessa renovação, no campo ortográfico quando utiliza a seguinte passagem: *Sururião não; é solorgião*. As duas grafias são resultantes de deturpações de pronúncia de uma palavra bastante comum em nossa língua. Qual é o efeito pretendido pelo autor ao fazer tais deturpações?

13 Leia o excerto a seguir.

Daí porque o sertanejo fala pouco: as palavras de pedra ulceram a boca e no idioma pedra se fala doloroso; o natural desse idioma fala à força.

João Cabral de Melo Neto. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 4.

- Que função morfológica assume a palavra “pedra” em “idioma pedra”?
- De que maneira as expressões “palavras de pedra” e “idioma pedra” relacionam-se com o “sertanejo”?

14 Leia o texto a seguir.

Imagina um apagão na hora da academia? Vai todo mundo embagulhar

Monique Evans. *IstoÉ*, n. 1.651, 23 maio 2001.

- Sabe-se que as palavras são polissêmicas, isto é, podem assumir vários significados dependendo do contexto. A palavra “embagulhar” foi criada a partir da palavra “bagulho”. Explique de que maneira ela foi formada e seu significado contextual.
- Invente quatro frases em que a palavra “bagulho” mude de sentido. A seguir, dê o sentido dessa palavra em cada uma das suas ocorrências.

15 Leia o texto a seguir.

Dois jacarés conversando:

- Cara, o meu pai está cheio da grana!
- Ganhou na loteria?
- Não, fizeram uma carteira com ele!

Donaldo Brechweitz. *Piadas de animais*.

- A vírgula após o advérbio de negação corresponde a uma pausa na linguagem oral; ela poderia ser eliminada da frase em que está inserida, sem prejuízo para o sentido.
- A expressão “cheio da grana” possui duplo sentido; o sentido negativo liga-se à ideia de luxúria, riqueza, ostentação.
- Embora calcado no humor, o texto discute um assunto que preocupa os setores ligados à ecologia: o desrespeito à natureza, a caça indiscriminada de animais para fins lucrativos.
- A personificação das personagens é decisiva na construção do humor, uma vez que no universo humano a expressão “cheio da grana” possui um sentido que não condiz com o que se fala no final, o que contribui para a quebra de expectativa.

Estão corretas:

- apenas II, III e IV.
- apenas III e IV.
- apenas I, II e III.
- apenas II e III.
- todas.

Texto para a questão 16.



Fausto. Disponível em: <www.chargeonline.com.br>. 14 set. 2007

16 UFPR Tendo em vista a charge de Fausto, considere as seguintes afirmativas.

- O efeito de humor é obtido, dentre outras coisas, pela recuperação do sentido literal da frase do último quadrinho.
- A expressão “trem-bala” constitui uma metáfora: veloz como uma bala. Fausto associa à já metaforizada expressão um novo sentido.
- O mico retratado no último quadrinho simboliza a vergonha do povo brasileiro diante de seus infortúnios.
- O desenho do Congresso Nacional no último quadro permite associar as figuras humanas retratadas nesse quadro com os políticos brasileiros, que se revoltam com os escândalos divulgados nos últimos meses.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
- Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.

Frente única

1

Aspectos do texto –
nível fundamental

Revisando

1. “Interrogados, mentem, a princípio, negando; depois exageram as falcatruas e acabam a chorar, [...]”
2. a) A árvore pode ser um risco para as crianças.
b) As crianças oferecem perigo à árvore.
c) O fato de se entender que a escola oferece risco para alguém ou para alguma coisa.
3. A cumplicidade na situação de aproximação desencadeada pela pisadela.
4. Ele veio ao Brasil em razão de seu enfado com a vida que levava em Portugal.
5. Temos uma oposição semântica que gera certa contradição.

Exercícios propostos

Aspectos do texto

1. C
2. D
3. A
4. a) Calvin entende que as proibições devem ser dadas e explícitas, isto é, o que não é nomeado, logicamente, é permitido.
b) Ironicamente, Calvin questiona a falha da proibição tirando “inocentemente” as calças.
c) Não. A placa só diz para o motorista não parar, não havendo restrições a outras condutas.
5. a) “bate-papo” (ou *chat*); “navegando” (acesando); “rede” (internet).
b) Levam um “gato” assume valor conotativo de homem bonito, atraente (ou mulher: “gata”), portanto a interpretação é possível.
6. C
7. a) As passagens da tira e os respectivos domínios específicos são: “sofrido perda total” – linguagem das seguradoras de automóvel; “reconstruíram meu corpo a partir do DNA” – da engenharia genética; e “um molar cariado” – da odontologia.
b) O corpo do personagem Hugo apresenta-se escavado, esburacado, semelhante à forma como poderia estar um molar cariado.
8. C
9. C
10. 1) presentes, por metonímia de amigos-secretos;
2) amigos-secretos, referindo-se aos que irão presentear-lo;
3) amigos verdadeiros, referindo-se aos funcionários.

Nível fundamental

11. A
12. Trata-se da oposição: prisão-soltura; vida – morte.
13. O autor deixa implícito o fato de que a justiça no Brasil deve ser revista, pois se prende e rapidamente se solta.
14. E
15. a) Mas, porém. Sentido de oposição.
b) A autora valoriza o ato de ler como experiência ou vivência.
16. E
17. C
18. B
19. a) A sensação disfórica permeia o poema de Fernando Pessoa, que se porta de forma niilista, rejeitando, de maneira absoluta, o sistema.
b) Em “eu sou um ator...”, Raul Seixas sintetiza a ideia de metamorfose, desdobrando-se nas múltiplas faces de um ator.

20. Texto I – a mulher está distante e envolta em uma atmosfera mórbida.
Texto II – a mulher é mais terrena e tem maior sensualidade.

21. B
22. “Eu vejo o futuro repetir o passado”
“Eu vejo um museu de grandes novidades”.
23. D
24. C

Exercícios complementares

Aspectos do texto e nível fundamental

1. a) A fidelidade divina deve-se ao fato de que para Deus tudo é possível – até ser fiel.
b) Se for religioso, o dono do carro afirma sua crença em Deus.
Se não for religioso, estará ironicamente afirmando sua impossibilidade de ser fiel.
2. “Não o MST, a política de assentamento...”
3. Na expressão “Temos saídas”, o complemento é utilizado em sentido metafórico e geral, e na sequência “Temos [...] um setor agrícola imenso”, o complemento é utilizado em sentido literal, atribuindo uma particularidade à frase, especificando e exemplificando o termo saída.
4. B
5. E
6. B
7. F; V; F; F; F
8. B
9. C
10. C
11. Trata-se da passagem : “o alfabetizado só lia o Almanaque Biotônico Fontoura!”. A leitura de um almanaque ligado a um xarope não serve de referência, já que é a única leitura.
12. B
13. B
14. Remete à expressão “cara de pau”, ou seja, refere-se ao sujeito que não tem vergonha “na cara” (o político desonesto, por exemplo).
15. Estamos livres para a candidatura e para o roubo.
16. Corrupção política.
17. B
18. O significado de loucura está relacionado à condição do poeta e à própria atividade deste.
19. C
20. C
21. C
22. D
23. E
24. D
25. a) Com o uso da expressão “passar vergonha”, a personagem passa a ideia de que “palavrão” é palavra obscena ou grosseira. Cria-se, desse modo, a expectativa de que o papagaio utiliza, frequentemente, palavras de baixo calão.
b) A relação de causalidade e a inadequação das palavras usadas pelo papagaio, referidas como ‘palavrões’, se mantêm, pois, de fato, é a natureza dos ‘palavrões’ que faz com que o menino se envergonhe. O que se altera são as causas da vergonha. Pressupunha-se no primeiro quadrinho que a agressividade dos palavrões era a causa da inadequação e, portanto, de se ‘passar vergonha’. No segundo quadrinho, entretanto, pelo fato de o papagaio falar ‘xixi’, ‘cocô’ etc., altera-se a razão da inadequação. Trata-se de expressões normalmente usadas por crianças muito pequenas, expressões inócuas, que causam riso nos ouvintes e, portanto, constroem o dono do papagaio. A premissa de que o papagaio

costuma repetir apenas aquilo que ouve na casa em que vive torna mais contundente a imagem de que seu dono é quem seria infantil, motivo do embaraço.

26. a) Frestas, no contexto, sugere o sentido de “espaços entre as grades”. Brechas conota as possibilidades de fugir, ou seja, o líder do PCC procuraria as possíveis falhas carcerárias, para beneficiar os seus liderados.
b) No título, as palavras “frestas” e “brechas” conotam a fragilidade do sistema de segurança pública, que dá espaço à ação criminosa. No enunciado de Marcola, a palavra “brecha” simboliza o espaço de ação possível para um presidiário.
27. a) Que o PT estaria querendo livrar-se da responsabilidade pelo surto. No passado, acusou o ministro da saúde, porque este não estava ligado ao PT; agora culpa o prefeito, e não mais o ministro, pelo mesmo motivo: o primeiro não está ligado ao PT.
b) O termo “ópera” significa, no contexto, o jogo político (o conjunto de fatos políticos) entre tucanos e petistas nestes últimos anos (um querendo responsabilizar o outro, e a população sofre as consequências). Resumo dos fatos, por exemplo.
c) O neologismo indica uma maneira de jogar politicamente, transferindo a responsabilidade para governos anteriores, por exemplo. Quanto à expressão, trata-se do fato de atribuir à mídia a intenção de desestabilizar o governo, objetivar a queda deste.
28. a) O autor chama a atenção para o fato de que, apesar do crescimento na economia, setores como a saúde, a segurança e a educação enfrentam graves problemas, permitindo, assim dizer, que o país ainda não é desenvolvido.
b) Trata-se da conjunção adversativa “mas”, a qual estabelece uma oposição em relação ao que foi dito anteriormente.
29. a) O eu lírico está preso no quarto escuro, por essa razão não vê o luar. A comunicação entre ambos é realizada por meio do visual.
b) Há várias oposições:
– dinamicidade x estaticidade: estar preso pressupõe a estaticidade; estar lá fora pressupõe a dinamicidade (brincar);
– euforia x disforia: estar preso pressupõe a disforia (negatividade); estar lá fora pressupõe a euforia.
– escuro x claridade: respectivamente a falta de comunicação e a possibilidade de diálogo.
c) A locução “lá dentro” pode ser entendida como aqui dentro de mim e se justifica como presença do olhar indiscreto dos outros, que facilmente perceberiam estar o eu lírico brincando com o luar em pleno dia.
30. D
31. B
32. E
33. O fato de Prometeu ter roubado o fogo e dado aos mortais provoca a ira de Zeus que o condena, acorrentando o “ladrão” em um píncaro por muitos anos.
34. Trata-se Mairahú, o Deus-Pai, criador do mundo.
35. “– Sou Maíra – lembrou – sou o arrotado de Deus-Pai”.
36. Quando dizia que “podia fazer qualquer coisa”; quando dá a vida ao desenho da arraia.
37. “Seres efêmeros” (efêmero = passageiro, mortais); está relacionado a homens “bem-aventurados” refere-se a deuses, imortais, superiores aos primeiros.

38. Por ter oferecido um dom aos seres humanos, fui submetido a esse dolorido destino.
39. Maíra quer suprir as necessidades básicas do homem: o calor, o fogo para o alimento; Prometeu irá suprir um desejo de caráter mais intelectual: "o brilho do fogo, vital em todas as artes".
40. As duas personagens demonstram empatia e preocupação com os homens, ambas querem protegê-los e dotá-los de um poder: o fogo.
41. "reizão bicéfalo", "meu rei", "rei falador", "chefão de duas cabeças", "reizão".
42. Refere-se a "Zeus", o qual tirou o poder do pai de Prometeu, Cronos.
43. Há as oposições: liberdade x opressão; terreno x divino; ignorância x conhecimento.
44. E
45. A
46. E
47. A
48. E
49. B
50. C

2

Tipos de texto

Revisando

1. Descrição.
2. Descrição física e psicológica da personagem em 3ª pessoa.
3. a) Trata-se, nos dois casos, de um ambiente rural: "Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé"; "Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada.../Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada;/[...] o cafezal verdoengo; [...]Olha a mata; lá está!"
b) Jeca Tatu sofre um enfoque sociológico (a sua relação com o traba-lho); já Juca Mulato sofre um enfoque psicológico (seu amor em relação a filha da patroa).
4. a) Jeca Tatu deveria trabalhar a terra como forma de subsistência. No entanto, sua atividade básica não é o trabalho produtivo, mas a coleta e a pesca, o que dá a dimensão de sua indolência.
b) Preguiçoso, bêbado, idiota.
5. Narrativo.
6. Uma velhinha ... gritou: – Dario está morrendo.
7. A terceira assinala narração e as demais assinalam descrição.
8. a) Verdadeira causa.
b) A diferença de tamanho entre os personagens.
9. O autor expõe suas opiniões e as sustenta por meio de argumentos. Portanto, trata-se de uma dissertação argumentativa.
10. A proposição encontra-se no primeiro parágrafo e constitui-se nas muitas maneiras de ouvir música. Os esclarecimentos vêm a seguir em cada parágrafo.
11. Todas, porque há necessidade de clareza, objetividade e uma linguagem mais formal quando se trata desse tipo de carta.
12. a) O trecho é predominantemente dissertativo.
b) O autor busca defender uma tese (ser consciente é...) a partir de uma exposição lógico-argumentativa de caráter hipotético (talvez... seja).
13. Trata-se, nos dois casos, de uma falsa analogia, ou falsa comparação, que induz a um raciocínio aparentemente correto.

Exercícios propostos

Descrição

1. A
2. E
3. E
4. A

Narração

5. C
6. D
7. E
8. A
9. C
10. E

Dissertação

11. B
12. A
13. D
14. C
15. A
16. E
17. B
18. B
19. E
20. B

Exercícios complementares

Descrição, narração e dissertação

1. B
2. B
3. I. Um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou:
– A quem ela pertence?/A quem pertence isto?/A quem pertence esta máquina?
II. O rei do cangaço disparou que queria que aquele senhor tirasse o seu retrato.
4. O taxista disse ao passageiro que do jeito que ele estava vestido nada começaria/iria começar/começava/antes de ele chegar.
5. "Mas essa estória estava errada, não era toda! Ah ela tinha de ter outra parte – faltava a segunda parte?", "Mentira dela?", "Mas – uma segunda parte, o final – tinha de ter!"
6. C
7. E
8. a) A ausência de pontuação e a repetição vocabular.
b) Há discurso direto em: "deixe de preguiça menino" e "você não quer mesmo almoçar?".
9. D
10. C
11. a) Os professores não foram ouvidos na definição de mudanças na área educacional nos últimos 30 anos – abertura.
Na conclusão, a autora apresenta uma proposta vinculada à constatação acima. A proposta é que os professores possam opinar em futuras propostas.
b) "Isso não vai dar certo" (fala dos professores). – "Inclusão" (fala atribuída a defensores de uma determinada política).
12. a) "A queda de Fidel" sugere ao leitor a ideia de que o ditador cubano tenha sido afastado do poder. O motivo é que, no contexto, o leitor seria levado a entender a palavra "queda" em sentido figurado ("perda de poder"), e não no sentido literal ("ato ou efeito de cair"). Os fatos, entretanto, confirmavam este último sentido.
b) Resposta pessoal. Por exemplo: Fidel acidentou-se em discurso.
13. D
14. C
15. Trata-se do extermínio indiscriminado dos índios pelos brancos e a falta de uma política que possa preservar as terras e a cultura indígena.
16. O texto de Villar descreve a morte de um só índio, porém, essa particularização pode assumir um caráter genérico no texto de Vieira, visto que neste o autor trata do extermínio de uma raça.
17. "Gentio" nesse contexto deve ser entendido como sinônimo de "pagão". A expressão "Gentios do Sertão" indica todos aqueles que não são adeptos ao cristianismo e que estão longe dos povoados (no Sertão) sob a influência da Igreja.
18. O adjetivo "crucificado" pode implicitamente remeter ao processo de catequização por que passou o índio, visto que a palavra liga-se ao

cristianismo. A cultura dos índios tem sido, ao longo dos séculos, desrespeitada.

19. Questiona o trabalho desumano ao qual o índio foi submetido até aquele momento, e ainda o próprio processo dos gentios à fé católica, já que os maus-tratos eram um empecilho ao trabalho missionário.
20. a) "P" é apresentado como método contraceptivo sob a justificativa de impedir a implantação do óvulo fecundado na parede uterina. Conclui-se, portanto, que para os fabricantes de "P" aborto é apenas o método que impede o desenvolvimento do óvulo após sua fixação no útero.
b) Trata-se da polêmica a respeito do marco inicial da vida do futuro bebê.
Segundo a perspectiva ético-religiosa, a fecundação do óvulo pelo espermatozoide é o fato gerador de vida, portanto qualquer método que impeça o desenvolvimento desse novo ser é um aborto, um homicídio.
Para a Ciência, a expulsão do ovo fecundado não aderido à parede uterina pode ocorrer naturalmente. Por isso, sob essa ótica, dificultar a implantação do ovo é um método contraceptivo válido, que não se considera abortivo.

21. A

3

Narratividade

Revisando

1. Um problema de competência.
2. Nesse caso, quer-se praticar a homossexualidade, mas não se deve por causa da coerção da sociedade.
3. A sanção.
4. Observa-se a ênfase na competência.
5. Todas estão corretas.

Exercícios propostos

Narratividade

1. Provocação.
2. Tentação.
3. Sedução.
4. Intimidação.
5. 1 - 2 - 4 - 3
6. C
7. E
8. D
9. D
10. E
11. Jasão tinha medo da vida (querer-não-ser), Joana fez com que ele a desejasse (querer-ser).
12. C
13. C
14. D
15. C

Exercícios complementares

Narratividade

1. a) A distinção apresentada no texto é entre obrigação de meios e obrigação de resultados. A primeira consiste no dever de dedicar cuidado e conhecimentos necessários. A segunda consiste em assumir o compromisso de alcançar determinado resultado ou fim. No caso dos médicos, com exceção da cirurgia estética e da anestesia, eles têm a obrigação geral de meios.
b) Caro mecânico,
Acabei de receber o carro de volta e percebi que não foi possível tirar os ruídos das rodas (segundo o mecânico que trouxe o carro, é preciso trocar os quatro amortecedores). Com isso, eu já contava (desconfiava), mas o que não posso aceitar é o fato de o carro

- ter sido riscado (não havia um único risco).
Peço providências urgentes.
Mário Eunuco
- c) As palavras “consagradas” e “consagraram” se aproximam, no texto, da acepção registrada sob o número sete: “reconhecer como legítimo; acolher; sancionar”.
- C
 - E
 - A
 - A
 - Há a necessidade de descobrir quem somos e por que vivemos.
 - Trata-se do “saber”, saber quem somos e por que vivemos, objeto de investigação.
 - D
 - B
 - Trata-se da passagem: “Inocêncio parece aquele bbo que pinta as patinhas de branco pra enganar as ovelhinhas.”; faz referência à manipulação dos políticos para enganar o povo.
 - “Eu acredito em Gnomos”, ou seja, não acredito em nada.
 - D
 - A
 - E
 - C
 - E
 - A
 - E

4

Figuras de linguagem ligadas aos aspectos fonético e sintático

Revisando

- Aliteração e assonância.
- Paronomásia.
- Quiasmo.
- Aliteração e assonância.
- A aliteração do “r” reproduz o ranger dos dentes.
- Aliteração e assonância.
- O autor concordou com a ideia que o substantivo “gente” traz na linguagem coloquial: nós. Esse tipo de silepse (número e pessoa) é considerado radical demais para os críticos.
- Há uma silepse de gênero.
- O som longínquo do galopar de estranha cavalgada vem se aproximando.
- As meninas cortavam a laranja e os meninos, a melancia.
- Todas.
- a) Quiasmo.
b) Dar ênfase.
- Assíndeto.
- Anáfora.

Exercícios propostos

Figuras sonoras

- B
- Aliteração: função de intensificar o caráter musical dos versos, criando um efeito de sugestão/vaguidão que conota o tema do poema simbolista.
- B

Figuras ligadas à sintaxe

- B
- D
- E
- Anáfora.
- Silepse.
- Pleonasmo vicioso: panorama geral.
- Cacofonia: escapei de.
- C
- E
- E

- D
- C
- D
- D

Exercícios complementares

Figuras sonoras

- Campo: objeto direto do verbo deixar; “estas úmidas Deidades” é sujeito do verbo habitar.
 - As águas deixam campo (dão espaço) às cidades que estas divindades úmidas (marinhas) habitam.
- A personagem propõe-se a levantar a “bandeira moralista”, mas, contraditoriamente, com um ato imoral, na medida em que se propõe a manipular a classe média para atingir seu objetivo: a derrubada do governo.
 - O autor critica a classe média, atribuindo-lhe um falso moralismo, uma espécie de compensação ao que lhe falta em dinheiro.
- Gatunagem implica a ação de gatunos, [...] tratantagem, a ação de tratantes. O único verso que não apresenta rima em “-agem” reflete a inércia do povo brasileiro.
 - No discurso da personagem Lacerda, as repetições e as redundâncias são necessárias para reforçar sua oratória que visa convencer os ouvintes da necessidade de reformas. “E como a virtude é rara/e difícil de provar./ torna-se fácil apontar/corrupção no governo.”
- Trata-se do recurso da musicalidade – assonâncias e aliterações, sobretudo do v: como fonema, pode sugerir o canto ou o rufar das asas; como letra, sugere a forma das asas.
 - Pode-se interpretar a relação como contraste, conflito entre realidade e sonho: a alma anseia pela liberdade, mas esta é negada pela vida real. Ver o voo da ave faz ressurgir no eu lírico a tristeza pelos anseios não cumpridos.
 - A estrutura sintática pode sugerir a extensão e a densidade do seu anseio e do horror que o invade: “... que cobre/Como uma cheia/ Meu coração, e entorna sobre/Minh’alma alheia...”.
- No trecho “Eu disse isso. E o canoero me contradisse”, observa-se o uso de aliteração, na reiteração do fonema consonantal sibilante /s/ (diSSe/iSSo/contradiSSe), de rima interna (diSSe/contradiSSe) e de células rítmicas, pois tal passagem constitui exemplo de prosa que pode ser desmembrada em três versos tetrassílabos, com acentos regulares nas quartas sílabas poéticas destacadas:
Eu/ di/sse/ l/sso.
E o/ ca/no/Ei/ro
me/ con/tra/Di/sse.
 - Na frase “Até fosse crime, fabricar dessas, de madeira burra!”, ocorre aliteração dos fonemas /f/ (“Fosse [...] Fabricar”), /r/ (“cRime, fabRicaR [...] madeiRa buRRa”), /d/ (Des-sas, De maDeira) e /s/ (“foSSe [...] deSSas”). Também há um anacoluto: a forma verbal “fosse” não se integra sintaticamente com o segmento posterior.
- Não. Do contexto, depreende-se que a pátria não reagia diante das “subtrações” ou “tenebrosas transações” de que era vítima.
 - O recurso expressivo sonoro está na aliteração das consoantes “t” e “r”, que mimetizam a sonoridade de uma caixa registradora (país sendo saqueado).
- A expressão “aparte” significa comentário, observação. Ao considerar o termo “aparte” juntamente a forma de tratamento “vossa excelência”, pode-se dizer que se trata de

um discurso que ocorre no Congresso, dado que esse tratamento é protocolar entre parlamentares.

- A expressão “um aparte” pode gerar, por paronomásia, a expressão “uma parte”. Nesse sentido, indica que o rato quer um pedaço de queijo.
- No quadrinho, temos dois ratos como personagens. No Brasil, a palavra “rato” é utilizada para designar aquele que furta. A imagem também desperta o leitor para a ambiguidade da expressão “um aparte”, pois é a partir da observação do queijo que se chega à expressão “uma parte”. A relação entre imagem e palavra permite ao leitor identificar uma prática comum na política brasileira: a interferência em um discurso muitas vezes é utilizada para se obter vantagens.

Figuras ligadas à sintaxe

- “comuns a todos”.
- I-2; II-3; III-1.
- A
- B
- A
- E
- D
- Trata-se da passagem: “Que o pra sempre/Sempre acaba.”
- Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa (em que o trigo caiu) representam os diferentes corações dos homens. Nesse período, são “lançados” ou “disseminados” os elementos. Na “recolha”, eles são retomados um a um para que sejam comparados aos diversos “corações” ou tipos de homens que, conforme sua natureza, receberam de forma diferente a palavra de Deus, representada pela metáfora do trigo: os espinhos são os homens que se preocupam com seus próprios interesses materiais e são egoístas; as pedras representam os homens insensíveis, duros de coração; os caminhos são os homens insatisfeitos e intranquilos com o fluxo do tempo e das coisas da vida; a terra boa são os homens que aceitam de bom coração a palavra de Deus.
 - Na alegoria do padre Antônio Vieira, a comparação, ou melhor, a metáfora básica, que sustenta todo o desenvolvimento do trecho e as demais comparações, é aquela extraída do texto bíblico: a palavra de Deus é semente.
- B
- “O roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres”. A segunda vírgula indica a supressão do verbo “fazer”.

5

Funções da linguagem

Revisando

- Emissor (emotiva), receptor (apelativa) referente (referencial), canal de comunicação (fática), mensagem (poética), código (metalinguística).
- Referencial e conativa.
- Informar o leitor sobre a situação (o contexto); dirigir-se diretamente a ele.
- Porque o samba discute o samba; a música faz uma reflexão de seu processo de criação.
- Função poética.
- “Sozinho num canto qualquer do seu mundo”.

Exercícios propostos

Funções da linguagem

- Estabelecer um diálogo com o leitor. Trata-se do Imperativo: veja você.

2. Função metalinguística.
3. Função referencial.
4. Na explicitação do que vem a ser “pupunha”.
5. Os verbos doar e fazer no Imperativo.
6. 1-2-5-4-3-6
7. Rima, repetição, regularidade métrica, oposição de sentido.
8. B
9. a) Metalinguística e referencial.
b) Apelativa.
c) Apelativa e referencial.
10. Hmmm – O quê? – É...quer dizer... – Certo.
11. Tomar conta, trata-se de linguagem coloquial.
12. Na preocupação excessiva do menino com o gênero da palavra sexo, mas confunde sexo com “genitália”, e na displicência com que o pai conduz o assunto, confundindo ainda mais a criança.
13. Pode-se referir à gramática da língua ou à sexualidade.
14. Há sexo masculino e feminino.
15. D

Exercícios complementares

Funções da linguagem

1. Imperativo.
2. C
3. a) “alô”, “O quê”.
b) A corrupção que ocorre nos estabelecimentos penitenciários, envolvendo funcionários e políticos e a presença do crime organizado.
4. O canal de comunicação, o celular. Há várias passagens em que a função apelativa está presente: verbo no Imperativo (“Fala”, “não esquece”), uso do pronome de tratamento (“você”), emprego de vocativo (“Caveira”, “Ditinho”).
5. Leitura irônica do Romantismo e do Parnasianismo como referência à rima e ao culto à natureza.
6. “... é só colocar rima nisso.”
7. No último balão, quando ele faz referência à “rima” como algo menos importante.
8. a) Aspecto comum aos dois textos:
 - a metalinguagem;
 - a identificação da poesia com a luz;
 - temática da poesia;
 - o uso de vocábulo estrangeiro para intitular a obra.
 b) Observa-se em Castro Alves, e não em Carlos Magalhães:
 - os símbolos românticos (campo, trevas, alma, sombra, pássaro);
 - associação entre poesia e espírito (alma; poesia em íntima relação com vida interior do poeta);
 - poesia como inspiração (luz metafísica);
 - estilo declamatório, ou retórico ou apelo ao leitor por meio do uso do vocativo ou apóstrofe (“Vem comigo”);
 - esquema rímico (aabccb) ou respeito à metrificação.
 Observa-se em Carlos F. Magalhães, e não em Castro Alves:
 - associação entre poesia e imagem (ideograma; aproximação entre o ato poético e a ideia de visualidade, de iconicidade);
 - concisão;
 - sofisticação ou preciosismo da linguagem;
 - tratamento gráfico-visual do poema;
 - intertexto com Bilac (“luz lapidada/de ourives segredo”)
9. “faz da sua chama meu ideograma”, “A poesia quer sombra – é o pirlampo...”
10. a) Gênero dramático.
Podemos citar como características desse gênero:
 - ausência de narrador;
 - presença de rubricas;
 - predomínio de diálogos;

- personagens encarnados por atores;
 - encenação dos episódios em um palco.
- b) Modo Imperativo. Função apelativa ou conativa.
 11. B
 12. a) Objetiva, em linguagem denotativa, sem juízos de valor.
b) Função referencial e metalinguística.
 13. D
 14. C
 15. D
 16. C
 17. C
 18. Conativa (“você”); referencial (informação sobre o assunto).
 19. C
 20. B
 21. Tenta explicar o ato de contar, ou seja, usa a língua para explicar algo relacionado a ela.
 22. C
 23. C
 24. D
 25. O exercício metalinguístico dá a possibilidade de uma comparação entre a função da vírgula na organização do texto e as consequências do uso dos serviços oferecidos pelo banco.
 26. C
 27. A
 28. E
 29. E

6

Categorias de mundo e temas e figuras

Revisando

1. Porque ele discorda do termo, para ele é o caso de requalificar, pois a escola pública outrora tinha qualidade.
2. Uso de primeira pessoa (“Na verdade, requalificar, porque sou filho da escola pública e, no meu,...), juízo de valor explícito (“Por falar em mediocridade, os torcedores do América de Natal deveriam...”)
3. Trata-se das passagens: O mito é o nada que é tudo./ É um mito brilhante e mudo.
4. O presente do indicativo substitui o pretérito perfeito do indicativo “rejeitou” a fim de se criar um efeito de aproximação, presentificar o passado para torná-lo mais atraente.
5. O verbo “saber” no modo imperativo promove o diálogo (pressupõe o pronome você); além disso, o singular substitui o plural, pois o jornal é dirigido para um contingente grande de pessoas (você substitui vocês).
6. O nome dele é Garotinho; ele chama a si mesmo de Garotinho (nesta há a embreagem da 3ª pessoa no lugar da primeira).
7. O quadro trabalha com elementos do mundo natural como a mulher, a cama, a casa.
8. O quadro retrata o sofrimento, a melancolia de uma mulher; o que denuncia esse estado de alma é a postura gestual.
9. Os adjetivos “magro”, “pálido”, “arrepitados”; os substantivos “faca” e “sangue”; as formas verbais “assustei-me” e “arranhou-me”.
10. Esses animais se referem, na realidade, aos seres humanos. Trata-se da personificação.
11. “Com perseverança, tudo se alcança”.
12. a) Não adianta ficar preso ao passado, o que passou passou.
b) Expor-se a uma situação de perigo.

Exercícios propostos

1. C
2. Utiliza-se o pronome de tratamento “você” e o possessivo “sua”; tais pronomes possibilitam o diálogo com o leitor.

3. Trata-se do adjetivo “significativo”, que estabelece um julgamento de valor do enunciador.
 4. Uso de terceira pessoa e ausência de palavras que estabelecem julgamento de valor, ausência de figuras de linguagem.
 5. Uso de linguagem figurada (canibalismo político...campeonato de denúncias), uso da primeira pessoa, expressões que estabelecem julgamento de valor (canibalismo... ladrão).
 6. E
 7. A
 8. O uso da subjetividade está no fato de as opiniões serem pessoais, sem sustentação científica; a expressão “Acho que” é a mais representativa.
 9. Trata-se de um cachorro de grande porte. Deve ter, aproximadamente, dois anos.
 10. a) Entre outros sentidos da palavra “bexiga” em português, o aluno poderia citar:
 1. órgão do aparelho urinário;
 2. balão;
 3. varíola; qualquer bolha resultante de queimadura ou infecção (sentido popular).
 b) A passagem em que se desfaz a ambiguidade do título é “Ian Ashpole bateu no domingo 28 o recorde de altitude em voo com bexigas”.
 - c) O tema do filme mencionado poderia ser a prática do balonismo.
11. E
 12. A
 13. C
 14. D
 15. E
 16. B
 17. a) As aparências enganam, trata-se do jogo do parecer e não ser.
b) Em uma sociedade com muitas diferenças sociais, há os extremos: os que têm muito e os que não têm nada.
c) Este provérbio reitera o anterior: as diferenças sociais.
d) É preciso chegar a um consenso quando só há oposições.
e) Em festa de rico, pobre não tem vez.
f) Quem se conforma com pouco, não tem grandes chances de vencer.
g) O conhecimento não é acessível àqueles que possuem uma visão de mundo cristalizada.
h) A pressa é inimiga da perfeição.
i) Dois indivíduos com o mesmo problema não conseguem se ajudar.
j) Não exija do ser aquilo que ele não pode oferecer.
k) A ignorância é tolerante com a ignorância.
 18. “Zeus capitolino [...] talhar no mármore [...] a pedra corte [...] Descomunal [...] vulto extraordinário”.
 19. “relicário [...] fino artista [...] ourives [...] alto-relevo [...] alvo cristal, a pedra rara [...] ônix [...] prata firme [...]”.
 20. “escrevo [...] papel [...] pena”.
 21. Entre a ourivesaria e o fazer poético.
 22. O da capela White Chapel e o do banheiro.
 23. W.C.
 24. A falta de conhecimento do código da língua inglesa.
 25. Da necessidade de o homem desenvolver a sua sensibilidade para que haja paz.
 26. Racionalidade por oposição à sensibilidade.
 27. Racionalidade: velocidade, máquina, conhecimento, abundância, inteligência, violência. Sensibilidade: humanidade, afeição, doçura, virtudes.
 28. Temático, pois predominam substantivos abstratos.
 29. Ele não podia negar a sua natureza.
 30. A do caráter, que é imutável.

31. Figurativo, haja vista as figuras do sapo, escorpião, rio, água, vegetação; todos substantivos concretos.

32. C

Exercícios complementares

1. a) Terceira do singular no lugar da segunda: afetividade.
 b) Primeira do singular no lugar da terceira do singular (alguém): aproximação.
 c) Terceira do singular no lugar da segunda do singular: distanciamento, respeitabilidade.
 d) Terceira do singular no lugar da primeira do singular: distanciamento, evidenciar o papel social.
 e) Terceira do plural no lugar da primeira do plural: distanciamento, evidenciar o papel social.
 f) Primeira do singular no lugar da segunda do singular: subjetividade, aproximação.
 g) Primeira do plural no lugar da segunda do singular: aproximação.
 h) Primeira do plural no lugar da primeira do singular: plural de autor, ele fala em nome da comunidade científica.
 i) Primeira pessoa do plural no lugar da primeira do singular: plural de modéstia.
2. a) Segunda do plural no lugar da terceira do plural: aproximação.
 b) Primeira do singular no lugar da segunda do singular: subjetividade, aproximação.
 c) Primeira (estes) no lugar da terceira (aqueles): aproximação.
 d) Terceira (ali) no lugar da primeira (aqui); trata-se de discurso indireto livre, o autor procura passar o pensamento da personagem.
 e) Primeira (esta) no lugar da terceira (aquela): efeito de aproximação, subjetividade.
 f) A segunda (esse) no lugar da primeira (este): distanciamento, o emissor despreza o indivíduo que está próximo de si.
 g) Segunda do plural no lugar da primeira do singular: efeito de respeitabilidade, distanciamento.
 h) A segunda (essa) no lugar da terceira (aquela): efeito de aproximação.
3. a) Alguns elementos que caracterizam Altamira como lugar ameno: "... eles estão num vale muito verde onde chove muito..."; "as árvores são muito compridas e os rios são grandes feito o mar"; "É uma terra tão verde... Altamira"; "Tem tanta riqueza lá, que ninguém precisa trabalhar".
 b) "Deixa louvar da corte a vã grandeza".
4. a) "Meu santo, me diga, onde é que eles foram, meu santo?"
 b) Semanticamente, o vocábulo povo significa familiares, parentes.
5. B
6. a) Aspectos formais e contedísticos que contrariam a impessoalidade do estilo científico: "dia cinzento e triste, que me causou arrepios"/"onde, por sinal, pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos"/"e vencendo uma terrível dor de dentes..." – por conterem visão pessoal, digressão da natureza filosófica, desfocando o objeto da análise.
 b) A estratégia de construção para transmitir o ideal de impessoalização é a voz passiva sintética.
7. "na semana passada".
 O problema é que o crime teria acontecido antes da compra da arma. O correto seria: "na semana anterior ao crime".
8. D
9. C
10. a) "E portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a

santa atenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga...".

b) Trata-se da falta de defesa que os índios têm para certas doenças, co-nhecidas como doença da civilização, sobretudo aquelas transmitidas por vírus. E há o processo de destruição, semelhante ao de guerras, mas que em determinado momento escapa do controle do homem (no caso, do branco).

11. A

12. a) Duas expressões:

- dar bola: prestar atenção, interessar-se por, conscientizar-se de.
- dois campos: universos de referências, de conhecimento.

b) Possíveis sentidos para expressão "boleiros sob medida":

- boleiros adequados (com capacidade física) à função que exercem; os que possuem o biótipo ideal.
- boleiros sob análise (avaliação) de sua capacidade física.

13. a) Neste contexto, **ensanduichar**, tendo como complemento objeto direto o substantivo **atividades**, tem o sentido de **encaixar, espremer** (inserir, forçando) uma atividade entre outras duas.

A expressividade ou sugestividade da palavra provém de ser ela um neologismo formado a partir de **sanduíche** (em+sanduíche+ar), constituindo uma metáfora criada a partir de uma realidade marcante e característica da classe de jovens a que o texto se refere. Com efeito, essa geração já foi chamada *geração McDonald's*.

A ideia de sanduíche está associada, também, à ideia de *fast-food* (alimentação rápida), o que torna a palavra **ensanduichar** extremamente adequada e coerente com o modo de vida desses jovens, marcado pela correria e pela falta de tempo.

b) O ditado corrente diz que "é preciso separar o joio do trigo".

O joio é uma erva daninha, muito semelhante ao trigo e que, caracteristicamente, cresce nas plantações de trigo.

Na passagem bíblica que deu origem ao ditado, o joio representa o mal, que é semeado pelo "inimigo" (Satanás), enquanto o trigo representa o bem, que deve ser cultivado. O que é preciso é discernimento para separá-los, ou seja, escolher o que convém e afastar o que não interessa.

c) A palavra **deletar** confere ao texto um ar de atualidade por constituir um neologismo, formado a partir do verbo inglês *to delete* (apagar, suprimir), de largo uso no universo da informática.

Daí seu emprego, além de trazer a marca da atualidade, ser extremamente adequado quando aplicado a jovens de uma classe sabidamente adepta do computador.

14. A personagem de Alencar é idealizada, divinizada, como manda o ideário Romântico. A personagem de Azevedo é mais terrena, mais sensual e descrita em detalhes que acentuam a sua materialidade.

15. E

16. a) O sermão aponta características do discurso falado, pois faz:

- uso da primeira pessoa do plural (nós);
- uso do termo "ora";
- uso de pronomes demonstrativos: "entra por esta rua, sai por aquela...";
- uso de interrogações, criando uma interlocução.

b) Há uma apresentação dinâmica dos fatos pelo emprego dos verbos de ações (movimento). Orações coordenadas criam a ideia de rapidez.

17. D

18. A

19. D

20. a) Sim. Usa-se a conotação para vocábulos do universo do homem rude do campo (espora, rédea, estribo, aboio).

b) "não tira o estribo do pé de arrependido nenhum".

21. a) Polissemia do vocábulo "entrada" (entrada = saguão inicial, porta; entrada = ingresso).

b) É comum uma Bienal chocar o público, com obras irreverentes, logo no início da exposição (= na entrada do espaço em que ocorre). No caso, porém, o choque se dá porque, ao contrário dos anos anteriores, o ingresso não será cobrado.

22. a) Na frase: "você não poderá mais dizer que foi mordido por uma jibóia, e sim por uma jiboia", o jornalista usou o verbo "dizer" ao invés de escrever, ao sugerir que a reforma afetaria o modo de falar das pessoas. O quadro comparativo apresentado seria suficiente para desmentir a sugestão do jornalista, porque nele se vê que não ocorreu alteração na pronúncia das palavras, apenas na grafia.

b) A ironia do articulista refere-se à suposição de que pequenas alterações ortográficas sejam suficientes para promover o intercâmbio cultural entre os países lusófonos. Quando se refere a lugares remotos e, muitas vezes, ignorados, o escritor sugere que o "atraso" econômico, social, cultural seja o principal problema entre as relações culturais entre os países envolvidos.

Revisando

1. a) Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é rosso. Apesar disso, os donos das reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não o seu preço.
 b) Se a Amazônia é uma reserva para todos os seres humanos, ela não pode ser queimada pela vontade de um dono, ou de um país.
2. Há o emprego da analogia (comparação), a passagem do terceiro período que também apresenta esse tipo de argumento é o seguinte: "Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história do mundo, deveriam pertencer ao mundo inteiro."
3. O termo foi empregado como sinônimo de habitante do terceiro mundo, alguém cujas opiniões não têm relevância ou peso na comunidade internacional, como também alguém que defende um interesse particular; interesse, portanto, que iria de encontro às ideias humanistas, nas quais acredita o autor, mas que o mundo toma como procedimento (defesa dos interesses do país e não do planeta como um todo).
4. Há os que defendem a internacionalização da Amazônia, é o caso dos americanos que a veem como patrimônio do mundo, e os que não defendem a sua internacionalização, como o autor do texto. Para defender a Amazônia como nossa, o autor lembra que há em outros países algo equivalente à Amazônia, que também seriam patrimônio da humanidade, como o petróleo, os museus, etc.

5. "Quem semeia vento, colhe tempestade".
6. Está provado, quem espera nunca alcança ("Quem espera sempre alcança")
Faça como eu digo/Faça como eu faço ("Faça o que eu digo, não faça o que eu faço")
Aja duas vezes antes de pensar ("Pense, antes de agir")
Devagar é que não se vai longe ("Devagar se vai longe")
7. Trata-se da oposição semântica ao provérbio, faz-se uma inversão do conselho.
8. É preciso ter opinião própria, o senso comum pode não estar com a razão; é necessário partir para a ação, expor-se ao risco.

Exercícios propostos

Discurso/Ideologia

1. C
2. D
3. D
4. A
5. C
6. A
7. E
8. a) Argumento baseado no consenso.
b) Argumento de direção.
c) Argumento baseado em provas concretas.
d) Argumento de autoridade.
9. D
10. a) Na premissa menor.
b) Premissa maior: todo gato é ágil.
Premissa menor: eu sou gato.
Conclusão: eu sou ágil.
11. B

Exercícios complementares

Discurso/Ideologia

1. a) "O Ministério da Saúde adverte: fumar é prejudicial à saúde."
b) Há uma relação de intertextualidade entre o texto dado e o texto subentendido; o texto da universidade parodia o slogan do Ministério da Saúde, criando uma relação de oposição: o fumo é prejudicial, ao passo que a palestra faz bem.
c) No enunciado, é a "Universidade X" que adverte, portanto ela se reveste de autoridade.
2. a) Berzebu.
b) No texto, os nomes *Todo o Mundo* e *Ninguém* podem ser entendidos como pronomes indefinidos, saindo do caráter individual para o geral.
3. a) *Como*: conjunção comparativa.
b) Personagens alegóricos, caricaturescos.
4. E
5. A
6. C
7. a) No trecho "[...] estudando com mais cautela o comportamento desses mamíferos, [...]", o pronome tem como referente *golfinhos*, logo eles seriam classificados como mamíferos.
b) A última frase explicita o receio de que os golfinhos possam ser tão violentos com seres humanos como são com outros mamíferos aquáticos.
c) Pelo conhecimento de mundo adquirido na leitura das fábulas infantis, sabe-se que o inimigo do cordeiro é o lobo; portanto, o texto deveria ter como título: LOBO NA PELE DE CORDEIRO.
8. E
9. C
10. É baseado no acaso, na improvisação; trata-se de um poema aleatório.
11. a) O autor baseou-se em uma receita de cozinha para a construção de seu poema.

- b) São palavras que costumam frequentar o universo da receita culinária, como os verbos "pegar", "retirar" etc.
- c) Eles se diferem no conteúdo (comida por oposição ao fazer poético) e na forma: um é construído em versos e o outro, normalmente, em prosa. Eles se assemelham no vocabulário (léxico, palavras que indicam o universo da receita, como pegar, agitar e tirar) e na própria progressão lógica que esses verbos impõem ao texto.
12. a) A expressão que tem sentido estabelecido de acordo com Millôr Fernandes é "atirar pérolas aos porcos", que significa desperdiçar algo valioso com quem não é merecedor. Pode-se concluir que o trecho I é a origem do significado da expressão.
b) As expressões se reforçam, pois ambas afirmam que não se deve oferecer algo valioso (tanto "pérolas" quanto "o que é santo" têm significados positivos) a quem não merece (tanto "cães" quanto "porcos" têm sentido pejorativo).

Argumentação

- | | | |
|-------|-------|-------|
| 13. A | 15. B | 17. C |
| 14. A | 16. C | 18. B |
19. a) A ciência não busca repostas absolutas que captem a essência das coisas, como vem sugerido na resposta à pergunta "o que é um animal?". Ela procura ordenar os fenômenos e os seres de modo empírico, segundo características observáveis na prática.
b) Uma possível redação: decidam por vocês mesmos se é uma coisa natural nós nos considerarmos animais, levando em consideração a maneira de pensar que eu propus anteriormente.
 20. a) As aspas em 'bacana' marcariam gíria, ou uma forma comum de expressão, ou ainda um jargão, que poderia, supostamente, traduzir o linguajar da periferia; já em 'abrir portas' as aspas assinalam um lugar-comum que se refere à ascensão social; finalmente, em 'preferência nacional', as aspas remetem ao discurso publicitário, especificamente o das campanhas brasileiras de cerveja. Nas três expressões, vale ainda considerar o uso das aspas para assinalar um sentido figurado ou ironia.
b) A citação do título do famoso filme serve para evidenciar a tese defendida pela autora: o que há em comum aos episódios, aparentemente distantes e diferentes entre si, do roubo do Rolex e da mescla de adultério e corrupção do escândalo de Renan Calheiros. A citação valoriza a singularidade e a opacidade, isto é, a complexidade de um objeto que é almejado por seu valor próprio. Com isso, a referência ao filme serve de ensejo para ressaltar, por contraste, a banalização do desejo pelos objetos em questão (relógios de grife, mulheres bonitas, espaço na mídia): sua exibição ostensiva e aquilo que tal ostentação pode proporcionar.
 21. a) Sim, nos dois textos fica expressa uma preocupação de regular, do ponto de vista ético, a conduta médica. O texto 3 especifica a proibição do recebimento de vantagens materiais na prescrição médica.
b) Sim. No texto 1 são apresentadas práticas médicas intermediadas por farmácias ou laboratórios: distribuir aos pacientes cupons que garantem descontos, desde que assinados e carimbados pelo médico; fornecer cartões de fidelidade provisórios que garantem descontos. Essas duas práticas ferem as normas estabelecidas nos textos 2 e 3.

8

Nível da expressão -
relações entre linguagens

Revisando

1. mas todo o estilo de vida./o mundo contemporâneo/ dos aspectos carnavalescos/ direta e extrovertida.
2. O texto em linguagem visual procura passar um estilo de vida, jovem, extrovertido, reflexo de um mundo contemporâneo marcado pela mídia e pelo consumo.
3. B
4. O emprego da sensação visual na descrição da cidade.

Exercícios propostos

Nível da expressão – relações entre linguagens

1. A forma remete ao conteúdo, como comeram um pedaço do pão, a vogal foi retirada, o significante remete ao significado.
2. Por meio da diagramação; primeira tomada: os grassóis em plano médio; segunda tomada: corte para *dose* ou câmera aproximando-se em *dose-up*; o amarelo tomando conta da tela toda.
3. Os acentos tônicos recaem na quarta, sétima e décima sílabas.
4. Os acentos tônicos recaem na quarta e oitava sílabas.
5. As palavras "comer" e "coçar" estão presentes no interior de "começar", trata-se de uma paronomásia.
6. Os futuristas pretendiam expressar a velocidade. Para tal, substituíam as imagens figurativas por planos, retas, linhas, impregnadas de dinamismo e movimento.
7. A emoção é dada pela dramaticidade da cena, pela ideia de movimento e pela eroticidade das formas: moles e curvas da mulher; retas e duras do homem.
8. B
9. A
10. Trata-se de uma crítica àqueles que provocam o desequilíbrio ecológico. A ideia de devastação está presente no significante, na omissão de algumas letras.
11. A onomatopeia presente no texto faz referência ao uso do motorzinho pelo dentista – instrumento normalmente temido pelos pacientes. A relação que se estabelece é de causa (não usar escova) e consequência (ir ao dentista).
12. A palavra "Mash", além de ser o nome do produto anunciado, faz um jogo paronomástico com o verbo mexer e com a palavra macho.
13. O erro ortográfico no significante remete ao conteúdo. Segundo o enunciador, mais importante que enxergar o erro é o fato de entender o porquê de uma paralisação. Ou seja, o enunciador pede que o leitor dê menos importância ao significante e mais atenção ao significado.
14. B
15. C
16. C

Exercícios complementares

Nível de expressão – relações entre linguagens

1. a) Não, pois na mensagem publicitária não aparecem os muitos recursos sonoros do provérbio, como a aliteração (bela viola), a assonância (fora-violado/dentro-bolorento), a antítese entre as vogais abertas da primeira frase e as vogais fechadas da segunda, a rima interna (dentro/bolorento) e o ritmo das frases equivalentes a versos heptassílabos acentuados na 2ª e 7ª sílabas.

- b) A palavra "planta" é polissêmica, pois pode referir-se tanto ao desenho que representa a projeção horizontal de uma construção quanto a um vegetal.
2. a) Saudade.
b) Os dois poemas são escritos em decassílabos, apresentam a forma de soneto (dois quartetos e dois tercetos) e rimas em ABBA (nos quartetos) e CDC DCD (nos tercetos).
3. A
4. A
5. E
6. Algumas das orações são:
– os habitantes pudessem dizer.
– a população inteira se preparava.
– vendedores em manga de camisa gritavam.
7. O imperfeito sempre dá dinamismo, vivacidade ao passado, o que se harmoniza com a ideia de progresso.
8. B
9. E
10. E
11. D
12. O pano que cobre o rosto é a negação da aparência, com isso valoriza-se a essência. Ao mesmo tempo, o pano também os torna iguais, visto que se cria uma nova aparência, mas sem os ingredientes esperados: nariz, boca, olhos etc., uma espécie de máscara social.

9

Implícitos, ambiguidade e semântica

Revisando

- Séria, capaz de ocasionar a morte.
- Baixa.
- Paroxítono.
- Circunspecto, sisudo.
- A pobreza aumentou.
- Trata-se do vocábulo ainda.
- O humor está ligado ao duplo sentido de "viu": consultar ou ver.
- Substantivo, nome da personagem; pronome indefinido, nenhuma pessoa.

Exercícios propostos

Implícitos, ambiguidade e semântica

- D
- D
- C
- a) Levando em conta a informação de que "em todo o ano passado foram registradas 33 ocorrências", a sequência "neste ano, só no período de janeiro a abril, já foram 31" traz implícita a conclusão de que a situação piorou muito, já que o ocorrido nos quatro primeiros meses permite a previsão de 93 ocorrências para o ano 2000.
b) O final da segunda nota sugere que os pichadores, tanto quanto os baloeiros, sejam enquadrados como "responsáveis por crime inafiançável" e trancafiados "em presídios por longos anos".
- D
- E
- B
- C
- B
- a) "... o lançamento será simultâneo em todo o país em 16 concessionárias..."
b) O lançamento nacional não será só em Campinas.
- O advérbio "ainda" pressupõe um fato anterior que ainda se processa (o "Horror" persegue e perseguia a vítima). O texto faz referência ao ataque terrorista em Madrid, na manhã de 11 de março de 2004.

- a) Que se trata de ação ilegal, pois a terra é propriedade de alguém.
b) Sem-terras ocupam área pertencente ao governo federal.
- A prisão pressupõe a ilegalidade; portanto, o general estaria cometendo ilegalidades, a exemplo do suspeito.
- D
- a) Eddie Sortudo esperava que Hagar interpretasse a frase da seguinte forma: algo para "curar" dor no estômago.
b) Hagar entende como algo para "causar" dor de estômago.
c) Elipse do verbo.
- Estava no metrô e vi uma foto sua, em que você estava retratada.
Estava no metrô e vi uma foto que pertencia a você (foto de algo).
Estava no metrô e vi uma foto no saguão que você tirou, de sua autoria.
Estava em outro lugar e vi uma foto sua dentro do metrô.
- E
- a) O trecho é o seguinte: "Mulher acompanhada até 24 horas não paga".
b) A preposição "até" indica, no caso, limite de tempo. A ambiguidade ocorre porque a expressão "até 24 horas" pode ser entendida como "até meia-noite não paga se estiver acompanhada" ou como período de até 24 horas; caso ultrapasse tal período, pagará.
- B
- a) "...comeu um frango inteiro vestido de policial", "em que era oferecido aos delegados".
b) Quem estava vestido de policial, o "português" ou o "frango"? O que foi oferecido aos policiais: "português", "o frango" ou o "arroz à grega"? O arroz, mas no momento em que a frase é lida, dá-se a impressão de que o "frango" ou o "português" era servido, impressão desfeita apenas quando se lê "arroz à grega".
c) "Sem cerimônia alguma, um português faminto, vestido de policial, comeu um frango inteiro, na mesma mesa em que um arroz à grega era oferecido aos delegados da região.
- B
- a) No fato de o pedestre interpretar ao pé da letra a frase dita pelo motorista: a rua ir ao cemitério em sentido literal.
b) Esta é a rua que me leva ao cemitério?
- a) "Morto" deixa de ser o nome e passa a ser adjetivo.
b) Porque a letra maiúscula em "Morto" deixa claro que trata-se de substantivo (próprio).
c) Rosa passaria a ser também adjetivo de "mar".
- a) O artista perdeu o trem porque João não decodificou a problemática mensagem.
b) João, compre para mim, urgentemente, uma passagem, em cabina com leite, no trem das 22h para que eu possa estar amanhã em São Paulo ainda pela manhã.
- a) Trata-se da passagem "vinho de mesa doce"; "doce" pode referir-se a "vinho" ou a "mesa".
b) ...vinho doce de mesa...
- Trata-se de "Eletrobrás".
- A palavra "luzes", elíptica, remete ao cinema e à energia (Eletrobrás) gasta para a produção e exibição de um filme.
- C

Exercícios complementares

Implícitos, ambiguidade e semântica

- a) Os juros continuarão altos? O economista respondeu à questão levando em consideração a tendência de manutenção das taxas altas.
b) É desejável ou conveniente que os juros continuem altos? O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo entendeu

- a pergunta considerando uma eventual e desejável queda dos juros.
- c) Em 1996, o setor público deverá apresentar déficit, acarretando juros altos. Todavia, as reservas internacionais que bateram recordes e a política monetária possibilitam uma política monetária menos apertada, com juros não muito altos.
2. No feriado prolongado, lojas fecham apenas na quinta-feira.
3. C
4. A
5. D
6. a) ... deveria ter forçado o monge a se imolar.
b) ... deveria ter impedido que o monge se imolasse.
7. O indivíduo não consegue impor em sua vida um pouco de "graça", transgressão ao cotidiano, à mesmice; com isso, não evolui, permanece estático, inserido num cotidiano monótono, cheio de idas e voltas.
8. Discutir o ser humano e que o cerca do ponto de vista da filosofia barata sem grandes profundidades, sem se ater a análises técnicas.
9. Em "Muito tempo atrás" o sentido de "atrás" é de temporalidade. Em "Atrás de onde" o sentido é de espacialidade. Em "Atrás de minha memória daquele tempo" os sentidos são de temporalidade e de espacialidade.
10. Na comparação entre as duas frases, observamos que "atrás", na relação com "jardim da minha casa", tem um sentido de espacialidade. Na relação com "memória daquele tempo", apresenta a concomitância entre os sentidos espacial e temporal. A palavra "jardim" configura um limite espacial, enquanto a palavra "memória" ao mesmo tempo configura um limite marcado pelo tempo e pelo espaço. "Atrás", na relação com memória, significa ao mesmo tempo "aquém" do espaço da memória e "anterior" ao tempo da memória. Essa concomitância imprime um jogo poético à construção, que faz ressoar as duas construções anteriores: "muito tempo atrás" e "atrás de onde".
11. a) Trata-se do seguinte trecho: "...que apresentarem defeitos de fabricação, exceto aqueles decorrentes de instalação e uso inadequado...". Se é defeito de fabricação, não pode ser decorrente de instalação e uso inadequado.
b) O pronome "esses" pode referir-se a consumidores ou produtos.
12. a) Em II, o advérbio está empregado corretamente, pois pode significar que elas foram excluídas das cerimônias, apagadas da lista de convidados. Em I, o sentido é figurado e não literal.
b) Refere-se às mulheres. Apagadas pode significar excluídas da cerimônia ou inexpressivas, tímidas.
13. B
14. C
15. Como afirmação aceitável, o provérbio faz referência ao respeito pelo próximo, à obediência dos limites entre mim e outro, remete, ainda, à liberdade e a que cada um de nós tem direito.
16. Como afirmação não aceitável, refere-se ao fato de que cada cidadão possui o seu lugar na sociedade, impedindo-o de interagir socialmente e estimulando a sua discriminação.
17. As duas possibilidades de paráfrase são:
1) O governo não poderá tomar nenhuma medida.
2) Existem várias medidas que o governo poderia tomar.
18. Em "Não há uma só medida que o governo possa tomar", o adjetivo "só" pode significar "única" ou atuar como advérbio, significando "apenas". Por isso, a frase pode significar que o governo não pode tomar "nenhuma" medida ou então que o governo tem à sua disposição diversas medidas.

Revisando

- O uso culto está presente na lousa e na fala da professora; o coloquial está presente na fala do garoto.
- Só pode ser um alienado (desinformado).
- É, pois um garoto, em linguagem oral, expressa-se frequentemente por meio de gírias.
- Não, pois em sala de aula, mesmo em linguagem oral, o adequado seria responder à pergunta da professora, mas como a frase escrita na lousa contém uma incoerência, a ironia do garoto se justifica, passa ser a quebra de expectativa, o que provoca humor.
- Palavras como “rebento”, “seu moço”, “patuá”, “carregamento” projetam um falante mais humilde, pertencente às classes sociais menos privilegiadas economicamente.
- Em “prá”, “pro” e “tá”, temos alteração na pronúncia, característica da linguagem oral.
- Ela ainda acredita que o filho se deu bem, não querendo acreditar na verdade, a morte do garoto.
- Trata-se da seguinte passagem:
- Sim, Chico emprega personagens simples, de pouca escolaridade e aborda um tema presente no cotidiano das cidades: a violência. A abordagem do cotidiano pressupõe a oralidade e a coloquialidade.
- O texto denuncia o drama vivido pelas famílias mais pobres deste país, as quais, sem condições para educar decentemente seus filhos, sem uma assistência médica competente, sem uma moradia digna, passam a conviver com a violência, que atinge principalmente os filhos; a música serve de alerta para que essa realidade se modifique.

Exercícios propostos

Variantes linguísticas

- C
- Uso de linguagem coloquial. O uso da gíria está condicionado ao público-alvo: jovem.
- Uso de linguagem coloquial. Há os percursos figurativos do sutiã e da fruta: uva e cacho. Este último vocábulo tem sentido ambíguo: cacho de uva e cacho de namorado (gíria).
- Trata-se de linguagem culta, o anúncio faz uso da intertextualidade.
- O uso do estrangeirismo está associado à ideia de fineza e *status* que envolve o produto e o público-alvo.
- a) Assista, amanhã, à revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.
b) O verbo “assistir” na acepção de “ver”, “observar”, é transitivo indireto, rege a preposição “a”. O acento grave indica a contração da preposição “a”, comandada pelo verbo assistir, com o artigo definido feminino “a”, que precede o substantivo “revista”.
- A ordem das palavras prejudica o entendimento: ... o torneio de basquete Governador do Estado.
- Trata-se da colocação pronominal: Espera-se.
- O coloquial está no uso dos pronomes e na regência: “Deixei-o sair [...] no momento em que [...] mandei-o calar [...] Entre mim e ele”.
- Há erros no uso do verbo: interveio [...] reteve [...] reouve.
- Há erros de concordância e regência: Havia [...] faz dez anos [...] meio [...] em que ou quando (em vez de onde).
- Refere-se ao público feminino.
– no nível fonético: maravilhoso fim de ano (enclinação feminina no adjetivo, a exclamação);
– no nível lexical: moda, decoração, ceia,

maquiagem, cabelos (palavras pertencentes ao universo lexical da mulher).

- Monstros, roteiro, mapas, quebra-cabeças são palavras que remetem ao universo do mistério, presentes nos jogos dos videogames, cujo público-alvo é a criança, geralmente.
- B
- a) Interrompe o assunto.
b) Trata-se da variante social.
- E
- A
- Há ironia nas palavras “esquerda” e “direita”.
- Na política, “direta” e “esquerda” remetem a ideologias opostas. A ambiguidade ocorre com a palavra “direita”, que também pode ser traduzida como “correto”.
- A palavra “nem” estabelece o implícito daquilo que não se espera: o fato de a esquerda ser corrupta (há a inclusão de um fato ou ser). Com o advérbio “não”, esse implícito desaparece.
- A linguagem utilizada pelos políticos e pelas ciências políticas.
- a) O recurso consiste em reproduzir, na escrita, o dialeto caipira.
b) Não, pois o dialeto caipira aparece em outras formas da linguagem coloquial, e é encontrado nos grandes centros.

Exercícios complementares

Variantes linguísticas

- C
- A princesa Diana tem passado por momentos difíceis. Por exemplo, quando seu ex-marido Charles teve um caso amoroso com Lady Camille, fato amplamente divulgado.
- Estudei muito, durante seis anos, a vida de um paulista e fiz um filme sobre ele. Trata-se de Mário de Andrade, um grande poeta, muito pouco citado pelas vanguardas modernistas. Hoje em dia, felizmente, já existem vários trabalhos e há muitos estudiosos reavaliando a poética deste autor, pois ela é muito mais importante e profunda do que parecia nestes últimos anos. Estudando Mário de Andrade, descobri que foi exemplo de pessoa que morreu de amor pelo seu povo, pelo seu país [...]
- Trata-se da repetição de termos e de um erro de concordância: “Na avenida havia apenas um guarda e um garoto. Este deveria ter uns dez anos; aquele, uns quarenta [...] o policial perdeu o controle e acabou batendo na criança. Pena, pois a pequena criatura estava com a razão, o homem da lei não estava atento aos fatos”.
- a) Jatene utiliza tratamento mais cerimonioso, formal e linguagem rigorosa. É o tratamento que um subordinado culto dá a seu superior. Fernando Henrique utiliza tratamento mais familiar, menos formal, referindo-se amigavelmente ao demissionário. Em ambos, podem ser constatados alguns “deslizes” gramaticais, tais como acentuação, utilização dos pronomes, entre outros.
b) – Jatene tornar o possível necessário;
– FHC tornar o necessário possível.
Jatene entende que a possibilidade é uma necessidade, enquanto FHC busca demonstrar o contrário: a transformação da necessidade em algo de realização possível.
- a) As características de acentuação e grafia solicitadas são:
– acentuação: “prémio” (enquanto no Brasil a pronúncia da tônica nos faz colocar o circunflexo — prêmio —, em Portugal a pronúncia aberta, corrente, da mesma tônica os faz usar acento agudo).
– grafia: “facto” e “actual” (tais grafias registram a consoante “c” porque ela é

pronunciada em Portugal, ao contrário do que ocorre no Brasil, onde, por não ser usualmente pronunciada, não é escrita).

- As construções são:
– “... passei a vida a assinar papéis...” (no Brasil, normalmente se diria: passei a vida assinando papéis);
– “... a pedir um Nobel...” (no Brasil, normalmente se diria: pedindo um Nobel ou para pedir um Nobel).
- a) A sequência “cá, cá, cá...” pode indicar a risada do narrador diante dos fatos, ou o riso do leitor decorrente da piada.
b) João não percebe que a voz é do “gênio da garrafa”, que nos contos fantásticos se dispõe a satisfazer três desejos, e o confunde com um comprador disposto a fazer três encomendas.
c) “pedidos” e “talão”.
- Utilizando a linguagem no nível formal, o primeiro período pode ser reescrito da seguinte maneira: “A ciência tem-se empenhado no aprimoramento de técnicas para ludibriar a genética do câncer, mas, nos últimos experimentos, americanos depararam com uma descoberta surpreendente (inusitada).”
- a) “côr fula”, “inculcar-se forro”.
b) Em ambos, é noticiada a fuga de um ser, apresenta-se sua descrição e oferece-se uma gratificação.
c) O sentimento de propriedade e o tratamento dado ao ser; uma mercadoria que possui um preço.
- a) Ao se estabelecer a comparação introduzida por “Assim como”, há pelo menos duas possibilidades para os versos:
– Assim como o aço, a tua saudade também corta...
– Assim como o aço corta, também a tua saudade...
b) Se o verbo “atrapalhar” estivesse flexionado em acordo com a norma-padrão, a sonoridade da quadra heptassilábica estaria comprometida, pois estaria desfeita a rima com a palavra “faia”. Além disso, vale dizer que, com a modificação, o efeito de sentido seria prejudicado, porque a troca implicaria uma incoerência linguística, uma vez que o restante do texto apresenta traços da variante falada popular e informal da língua caipira.
- A dor faz com que o paciente, já debilitado em consequência da enfermidade, veja-se incapacitado de realizar as mais simples atividades a que está habituado, tais como cuidar da higiene pessoal, alimentar-se, levantar-se do leito etc. São necessários, então, os cuidados especiais, para evitar piora na qualidade de vida do paciente.
- Há emprego indiferenciado da segunda e terceira pessoa do singular nas ordens (imperativo), transgressão gramatical permitida no registro informal (familiar, coloquial).
- Menino, tira o dedo do nariz. Menino, não ponhas a mão na boca. Menino, não comas doce antes do almoço. Vai fazer a lição de casa. Sai daí. Vai dormir. (Pode-se usar, também, a 3ª pessoa).
- O uso de pronomes não corresponde à norma culta porque o poema em questão pertence ao Movimento Modernista, da primeira fase, que se propôs a romper com os padrões tradicionais.
- a) Trata-se do adjetivo “laranja”.
b) Aponta para uma variante oral ligada às classes mais populares.
- A 17. B
- a) As expressões “pato-mergulhão”, “morfologia da semente da laurácea” exemplificam o “biologuês” mencionado no texto.
b) A expressão “dar nome aos bois” significa, neste texto, “identificar”, “nomear”.

Revisando

1. Trata-se de “esses” e “que”, os quais recuperam “anjo torto” e “homens”.
2. A mesmo tempo que “esses” recupera “anjo torto” (com a ideia de plural, por ser mais de um), o pronome demonstrativo introduz o tipo de anjo torto: aquele que vive na sombra.
3. Enfatizam, intensificam, imprimem valor eufórico.
4. O conectivo introduz uma oposição de ideias, pode ser substituído por “todavia”, “entretanto”, “mas”, “contudo”, “no entanto”.
5. A linguagem de Drummond remete à escola cubista e à linguagem cinematográfica; o poeta escreve à base de *flashes*, emprega uma sintaxe com poucos elementos coesivos; no plano sintático-semântico, Drummond fragmenta a realidade (no cubismo, as imagens são decompostas), por meio de frases entrecortadas que apontam para elementos da cidade: “casas”, “a tarde”, “o bonde”, “pernas”.
6. Influi no ritmo; no plano semântico reforça a negação.
7. A tarde talvez fosse azul, se não houvesse tantos desejos.
8. “Deus”, entidade máxima; “Deus”, ser humano forte, que resiste aos obstáculos.
9. Trata-se da palavra “atrás”; a elipse promove a concisão, deixa o texto mais enxuto.
10. Há elipse do pronome pessoal do caso reto “eu” (“nasci”) e elipse do pronome pessoal do caso reto “tu” (“vai”). Ao nascer...

Exercícios propostos

Coesão

1. A
2. C
3. D
4. C
5. D
6. A
7. B
8. Maria e Joaquina brigam muito. Esta é muito nervosa. (Joaquina)
Maria e Joaquina brigam muito. Aquela é muito nervosa. (Maria)
9. A
10. B
11. “[...] uma reunião quando foram [...]”
12. D
13. D
14. B
15. C
16. “Leite puro, seguro e nutritivo”.
17. B
18. Funciona como catafórico: introduz um elemento que ainda vai aparecer, a caixinha.
19. ... o fato do leite... : o fato de o leite... (“leite” é sujeito).
20. Utilizou-se a coesão por sinonímia: “Rio de Janeiro”, “cidade maravilhosa”, “capital do carnaval” e “A terra de Tom”.
21. a) O pronome “mesmo” recupera a oração contida no primeiro retângulo.
b) Há uma aproximação entre o significante (roupas para doação que compõem o coração) e o significado (conteúdo da frase: aquilo que não se utiliza mais, doa-se).
22. a) Os possessivos “seu” e “sua” e o indefinido “todos”.
b) Os que aprisionam as aves, os animais.

Exercícios complementares

Coesão

1. D
2. D
3. A
4. C
5. a) “[...] no receio do céu e nas preocupações da moda, eram beatas e faziam o chique, falando com igual fervor da humanidade cristã e do último figurino em Bruxelas.”
b) Mostra a hipocrisia social.
6. E
7. C
8. a) “Aquela” refere-se à poesia e “esta”, à história.
b) O historiador diz “as coisas que sucederam” e o poeta representa “as que poderiam suceder”.
9. A passagem é:
os grandes problemas você deve ter um desenvolvimento tecnológico local.
“os grandes problemas” parece ser o sujeito de uma frase que inicia, todavia a frase não se desenrola conforme a expectativa inicial.
Há várias possibilidades de reescritura dessa frase como, por exemplo:
– Os grandes problemas exigem (demandam) um desenvolvimento tecnológico local.
– Para os grandes problemas você tem necessidade de um programa tecnológico local.
10. Sem alterar a relação, o conector “embora” poderia ser substituído por *Apesar de/Ainda que/Mesmo que*.
Observação: o conector “embora” admite posição anterior ou posterior ao adjetivo *magra*, o que não é possível com os seus substitutos de igual sentido.
11. A passagem ambígua é a seguinte:
“[...] que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefe mafioso Sam Giancana.”
Primeira interpretação:
Kennedy mantinha um caso com Sam Giancana.
Segunda interpretação:
Judith Exner mantinha um caso com Sam Giancana.
A ambiguidade decorre da ausência de marcas diferenciadoras para se definir que palavra está sendo retomada pelo pronome “que”. Desse modo, o “que” tanto pode referir-se a Kennedy quanto a Judith Exner.
12. A passagem sem sentido é a seguinte:
“[...] pois a fórmula para conquistar jovens plateias com um interesse maior em sexo do que em música. [...]”
À direita da conjunção, pois deveria vir uma oração que justificasse o que se disse anteriormente. Essa expectativa, todavia, não se realiza, já que falta um predicado para a oração.
13. A ausência de vírgula na frase I leva à interpretação de que “Mãe” é o termo ao qual se refere o predicado “Só tem” (= existe) “uma”. Essa interpretação é responsável pela elaboração da maioria dos textos que enaltecem a singularidade da “mãe”.
A presença da vírgula na frase II leva à compreensão de que a afirmação “só tem uma” não se refere à “Mãe”, mas a outro elemento implícito como, por exemplo, uma coca-cola. “Mãe”, nesse caso, é vocativo.
14. Os regente e regidos estão a seguir assinalados: *O direito* abrangerá os seguintes aspectos à proteção especial:
I. idade mínima para admissão ao trabalho de 14 anos, observando o artigo exposto no art. 7, XXXIII;
III. garantia de acesso à escola do trabalhador adolescente.
(Art. 227, Parágrafo 3, Constituição da República Federativa do Brasil.)

Aproximando-os, teremos:

- O direito à proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:
- I. idade mínima de 14 anos para admissão ao trabalho, observado o exposto no art. 7, [...]; [...]
 - III. garantia de acesso do trabalhador adolescente à escola.
(Art. 227, Parágrafo 3, Constituição da República Federativa do Brasil.)
15. Precisamos, para a semana que vem, de um quadro amarelo, sóbrio, adequado a salas de reunião. Liguem JÁ!
 16. E
 17. C
 18. A
 19. A
 20. Reiteram-se o nome de um presidente e o verbo saber. Tal procedimento liga-se à crise política do primeiro governo de Lula.
 21. Getúlio sabia, de modo que preparou a carta-testamento. Getúlio sabia muito; logo preparou a carta-testamento.
 22. Arfava e sorria, dois estados antagônicos.
 23. Esperava-se que os passantes intervissem, salvassem o cão, mas permaneciam em silêncio.
 24. O título do poema indica o sentimento de prazer dos passantes que se comportam como se estivessem imunes ao sofrimento de que padece o cão, muito embora ninguém esteja livre da dor e da morte. Por isso, o riso espúrio e bufão do animal agonizante parece assinalar a ironia diante dessa pretensa isenção por parte daqueles que o observam com perversa curiosidade.
 25. Trata-se da elipse.
 26. Reitera e prolonga o prazer de Fortunato ao ver Garcia sofrendo.
 27. Em ambos, nota-se o ser humano sentindo prazer ao ver o sofrimento alheio; é o caso de Fortunato e os passantes.
 28. 13
 29. B
 30. B

Revisando

1. A preposição “entre” pressupõe a escolha de um, e não de dois, como ocorre no anúncio, de forma proposital, pois assim atrai a atenção de quem lê.
2. A coerência externa; afirma-se algo incoerente com a realidade: surdo-mudo cantar.
3. O preso, ao levantar o pé, mostra uma preocupação com um detalhe insignificante, pois ele irá morrer e o pé molhado nada significará.
4. O numeral “103” pode estar ligado a “BR” ou a suspeitos. A incoerência seria ligada a suspeitos, pois teríamos a morte de muitos suspeitos (um só já seria incoerente, pois suspeito não se mata).
5. PM mata, na BR-103, suspeitos de tráfico.
6. O termo “surpresa” é incompatível com a precisão dos dados que vêm a seguir.
7. Tom Jobim não pertence à música clássica, mas à bossa nova.
8. O que causa a coerência é o fato do dever do pai evitar que o filho não se envenenasse. O pai devia evitar que o filho se envenenasse [...] evitado que o filho se envenenasse [...]

Exercícios propostos

Coerência

1. C
2. A
3. C

4. D
5. A
6. O que o enunciador pede para não fazer é feito. Em 1, usa-se o lugar-comum (como o diabo foge da cruz); em 2, há uma generalização após os dois pontos; em 3, utiliza-se a voz passiva.
7. B
8. D
9. E
10. C
11. A
12. C
13. C
14. a) “queimar” é incompatível com “chuva”.
b) Trata-se da passagem “de Pernambuco a Porto Alegre”, pois mistura-se Estado com cidade, há uma quebra de paralelismo semântico.
c) A falta de coerência está na troca da palavra carboidrato por bicarbonato.
d) “almoçar com vigarista” é incompatível com “corretíssimo” e outros atributos, falta de coerência narrativa.
e) “insipiente” é ignorante, não há oposição.
f) Falta de coerência no nível da linguagem, culto e coloquial.
g) “Terror” e “medo” são incompatíveis com “apatia”.
h) O termo “cerca de” é incompatível com dado exato.
i) O termo “fusão” é incompatível com humano.
15. B 16. C 17. B

Concisão

18. O avanço tecnológico está possibilitando que haja, entre as pessoas, comunicação das mais diferentes formas. Por isso, os fabricantes estão investindo, constantemente, no aperfeiçoamento de seus produtos e na melhoria de seus serviços. Assim, colocam no mercado equipamentos com modelos e recursos cada vez mais diversificados. Isso faz parecer que as próprias máquinas estão em eterna concorrência.
19. E
20. São redundantes, pouco concisas.
21. Os anões, caçando, viram um ET pescar peixes num lago localizado na ponta extrema daquele continente invisível.
22. Os preguiçosos querem o fácil; os valentes, o difícil.
23. Vingando até um ano...
24. Com zeugma, José pintou o ministro. Sem zeugma, José é o ministro.

Exercícios complementares

Coerência

1. D
2. a) Seria um péssimo jogador. “[...] horas aprimorando-se após os treinos.”
b) Pois trata-se de uma corrente filosófica.
3. D
4. a) “Lubrificantes oculares gelados também são muito eficientes, mas só quando prescritos por um oftalmologista.”
Há uma incompatibilidade de sentido entre as duas orações que formam o período: a eficiência do produto não está ligada à prescrição.
b) “[...] mas só deverão ser usados quando prescritos por um oftalmologista.”
5. B 6. D
7. a) O marca-passo é um instrumento que serve para controlar o ritmo dos batimentos cardíacos, conferindo regularidade aos movimentos do coração.
b) A expressão “a técnica” é formada do artigo definido “a” e do substantivo abstrato “técnica”. O artigo funciona como anafórico, isto

é, retoma uma ideia anterior. O substantivo pressupõe a referência a termos concretos, que o esclarecem.

Assim, a expressão “a técnica” consiste em converter células cardíacas de porquinhos-da-índia em células especializadas, que atuam como marca-passo. Trata-se de um recurso, portanto, que serve de alternativa para substituir o implante do marca-passo eletrônico.

- c) A forma “suínos” é equivocada para se referir a “porquinhos-da-índia”. Provavelmente, foi utilizada por associação com “porquinhos”, o que induziu o enunciador ao equívoco.

8. C

9. a) As duas propriedades são: as orações adjetivas, por meio do pronome relativo (“gerentes, que por sua vez precisam...” / “presidente que precisa trabalhar...”) e o emprego das estruturas que remetem a comparações: “um *trainee* deve ter as mesmas qualidades dos diretores e gerentes”, “como os *trainees*, que precisam”, “do mesmo jeito que os *trainees*”.
b) Não, porque as comparações pressupõem relações de igualdade.
10. a) Sim, pois para ambos “alma” é o que dá vida a algo (para o religioso, o corpo sem a “alma” é matéria inanimada; para o publicitário, negócio que não se divulga, morre).
b) O velhinho acha que a frase do publicitário é incoerente, pois para ele é possível negócio sem propaganda, mas não existiria propaganda sem o negócio. Assim, na sua versão a frase deveria ter a seguinte redação: O negócio é a alma da propaganda.

11. As marcas formais são as seguintes.

1. Discordância entre o verbo e o sujeito:
“a rapaziada... não são...”
“nós ia”
“nós saía”
“nós levava”
“nós ficava”
“se (nós) fosse”
“(nós) só tomava”
“nós vinhesse”
2. Uso do pronome “aquele” como intensificador e não como anafórico.
“nós levava *aquele* respeito”.
3. Uso do verbo levar no sentido de “ter” alguma coisa (respeito) por alguém. “nós *levava* aquele respeito com o mestre”.
4. Uso da preposição “com” separada do pronome *nós*.
“o mestre que saíra com *nós*”.
5. Uso da forma “né” como redução da expressão *não é*.
6. Troca do *l pelo r* “Arguma”.
7. Uso da forma “vinhesse” por “viesses” (talvez por associação com *vinha*). Trata-se de um habitante da zona rural, adulto, com pouca escolaridade e de uma classe social mais pobre.

12. A resposta está contida no período: “Mas eu acho que não há clima nenhum para golpe no país”. Todo o resto do discurso apresenta proposições evasivas, com a utilização de palavras e expressões de caráter indeterminado e genérico do tipo: “[...] resolver o problema que surgir disso de uma maneira democrática, dentro do realismo político”, justificativas históricas muito vagas para essas proposições (de “O Brasil é mestre em fazer isso.” até o final).

13. 1) O Ministro do Trabalho, como argumento a favor da manutenção da legislação salarial, usa a declaração de que ela é “tecnicamente melhor do que as suas antecessoras”.
2) A palavra é o conector “enquanto”.

- 3) “Não obstante” poderia entrar no lugar de “entretanto”. Ambos os conectores introduzem um argumento contrário ao que se disse anteriormente.

14. a) A posição do professor Paulo Freire é a de respeitar a variante linguística do aluno, sem, entretanto, deixar de alertá-lo sobre a necessidade de aprender a variante culta.
b) O jornal chama a atenção para a necessidade de substituir “a gente chegemos” por “a gente chegou”, contrariando o educador que valoriza a variante linguística do aluno prestigiada.
15. a) “Até lá os mosquitos transmissores da malária estão proibidos de picar os índios.”
b) A palavra “emergencial” sugere a necessidade de uma tomada de posição imediata por causa da gravidade de um problema; para “janeiro” soa como incoerente.
16. a) Para o cumprimento das aspirações nacionais citadas, o autor impõe que se cumpra uma outra aspiração de nível mais elementar, ou seja, “[...] alcançar os limites inferiores da sobrevivência condigna.”
b) A afirmação de que o Brasil ainda é um grande desastre social vem confirmada por um argumento baseado em provas concretas: “Basta lembrar que a cidade de São Paulo tem 56% de sua população vivendo em favelas, cortiços, habitações precárias [...]”.
17. a) A palavra que permite concluir que o fragmento apresentado não é o início do texto é o pronome demonstrativo “essa”. Apenas com o trecho dado, não é possível determinar a qual atividade o partido X se dedica, pois o pronome “essa” — de caráter anafórico — só adquire sentido pleno confrontado com um termo anterior a que faz referência.
b) A incoerência do trecho estabelece-se pela seguinte passagem: “falta [...] de incapacidade”.
Se falta incapacidade ao partido, significa dizer que ele é capaz para resolver o problema ao qual se tem dedicado.
Entre as maneiras de se eliminar a incoerência, eis duas:
1. por falta de vontade, de vocação ou de **capacidade**;
2. seja por falta de vontade, de vocação, seja **por** incapacidade.
c) Entre as passagens que apontam uma postura pessimista (crítica) em relação ao partido X, pode-se destacar: “está longe do desejado”.
Essa passagem, em coesão com “dedica-se a essa atividade mais do que nunca”, permite concluir que o texto tem uma postura pessimista, já que a não realização de uma intenção decorreu da incompetência, e não da falta de empenho do sujeito.
18. a) Trata-se da seguinte passagem: “[...] não se vai às urnas sem que os candidatos deixem de passar [...]”.
b) O verbo “deixar” e a locução “sem que” implicam uma afirmação contrária: “os candidatos não passariam por um escrutínio”.
c) “[...] sem que os candidatos passem [...]”.
19. 31 21. C 23. B
20. E 22. E

Concisão

24. Sou o que penso ser? Ele é o que imagina ser? Somos o que pensamos ser? Ou somos o que os outros acham que somos? Somos a tensão dessas duas visões.
25. Você será atendido em 30 segundos.

Revisando

1. Trata-se da metonímia (ou sinédoque, metonímia que trabalha a relação parte/todo). Meus dedos procuravam uma vela no escuro da noite.
2. O autor emprega o verbo aportar para designar o fato de ele chegar à cidade de automóvel; pega-se de empréstimo um verbo que remete a um outro campo semântico em função de uma analogia: navio e carro são meios de transporte.
3. O autor emprega diferentes sensações: “azul” (visão), “acariciando” (tátil), “odor” (olfato).
4. Trata-se da personificação ou prosopopeia; dão-se características animadas a seres inanimados, como o mar.
5. O autor emprega a linguagem conotativa por meio do exagero (hipérbole).
6. O verbo apodrecer em vez de suavizar a morte torna-a mais cruel.
7. O efeito pela causa e a causa pelo efeito.
8. O texto faz alusão a Cristo; coloca-se a qualidade pela qual o ser é conhecido, “salvador”, no lugar do ser, Cristo.

Exercícios propostos

Figuras de linguagem ligadas ao aspecto semântico

1. E
2. C
3. D
4. A
5. B
6. A
7. A
8. ironia.
9. D
10. E
11. E
12. Antítese.
13. A
14. O Brasil, espaço geográfico, que o Brasil, o brasileiro, não conhece. Trata-se do emprego da metonímia (Brasil no lugar de brasileiro).
15. C
16. B
17. A
18. a) Pleonasma/Anacoluto.
b) Sinestesia.
c) Prosopopeia/Aliteração.
d) Sinestesia.
e) Pleonasma.
19. E
20. B
21. a) Rodar. Essa é a palavra que estabelece de maneira mais marcante a relação entre patrocinador e patrocinado porque pode ser associada tanto ao deslocamento dos veículos abastecidos pelo combustível fornecido pela BR Distribuidora — o patrocinador — quanto à filmagem de mais fitas, que depois serão exibidas na Mostra BR de Cinema — o patrocinado.
Trata-se de um caso de exploração da polissemia, ou seja, dos vários sentidos que uma mesma palavra pode assumir, dependendo do contexto em que ocorra, para reforçar uma relação entre dois universos de significado: o rodoviário e o cinematográfico.
b) Duas leituras possíveis dessa frase são:
– na condição de ator de cinema, você desempenhará a função de um personagem de destaque.
– na condição de consumidor de combustível, você dará uma contribuição expressiva para que mais filmes possam ser feitos.

22. A 23. B

Exercícios complementares

Figuras de linguagem ligadas ao aspecto semântico

1. A sinestesia ocorre no trecho “geme um gemido aveludado, lilás, sonorização dolente de saudade”. Evocam os sentidos: audição (“gemido”), tato (“aveludado”) e visão (“lilás”).
2. A precisão matemática pode ser observada no rigor formal que estrutura o poema: a forma clássica do soneto (14 versos, 2 quartetos, 2 tercetos); e métrica e rimas regulares (predominância de versos decassílabos; nos quartetos as rimas obedecem ao esquema “abba” – rimam as últimas palavras do primeiro e quarto versos e as do segundo e terceiro versos – e nos tercetos, o esquema é “aab”).
3. O poema faz uso de palavras e expressões do campo semântico da Matemática (“algarismos”; “silogismos”; “aritmética”; “progressão dos números inteiros”; “Pitágoras”) e da Biologia (“Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros”). O emprego de termos técnicos racionaliza a morte, tratada como realidade objetiva, quantificável, sem mistificação. Tal perspectiva contrasta com o sentimentalismo e subjetivismo da tradição romântica, que idealiza a morte como evento transcendental.
4. Ocorre metáfora em “despertar melodias”. Nesse caso, assume o sentido de harmonia, coisas suaves e doces.
5. a) São marcas de ironia: “aprontou”, “descobriu”, “um gênero de investigação que anda na moda”, “adeptos” e “darwinistas extremados”.
b) O texto todo tem nitidamente um caráter irônico porque é possível encontrar-se nele palavras deslocadas do caráter científico do investigatório, tais como:
“aprontou” – frequentemente usada como sinônimo de molecagem;
“descobriu” – cuja ironia se ressalta no uso das aspas;
“um gênero de investigação que anda na moda” – a palavra gênero está usada em lugar de metodologia, e investigações científicas não são questão de moda;
“adeptos” – palavra cujo emprego destina-se a nomear simpatizantes de “moda” ou seita religiosa;
“darwinistas extremados” – há notória ironia em nomear os “adeptos da psicologia evolucionista” de darwinistas, uma vez que essa corrente de pensamento nada tem a ver com Charles Darwin.
6. E
7. a) A ironia está presente em: “A. diz que está investindo no futuro”.
b) A partir do pressuposto de que na ironia o enunciado negue a enunciação, “investir no futuro” deve ser lido como “investir na morte” (futuro = vida; morte = fim).
8. A palavra “severina”, como nome próprio, exerce o papel de substantivo; no texto executa a função de adjetivo.”
9. Trata-se do advérbio “teimosamente”.
10. “Severina” significa miséria, sofrimento.
11. a) Comparação implícita: homem/planta, sentir-se plantado, preso à terra.
b) Parte pelo todo.
12. Reproduzir a linguagem oral e criar um efeito de realidade.
13. a) Adjetivo.
b) A linguagem incorpora em si mesma as características do meio em que o sertanejo vive.
14. a) Monique usou o verbo “embagulhar” partindo do vocábulo “bagulho” (que vem de “bago”). Fez uso de um prefixo, “em”, e de um sufixo (“ar”).

b) Exemplos:

- 1) Examinava o bagulho da fruta com uma curiosidade de menino. (Semente de uva e de outros frutos contida no bago (= grainha) substantivo.
- 2) Era um bagulho! (Pessoa muito feia). A idade avançou e ele virou um bagulho. (Pessoa envelhecida, acabada, gasta) substantivo.
- 3) E aquele bagulho? (Objeto sem va-lor) substantivo.
- 4) Recebeu o bagulho? (Objeto furtado ou roubado) substantivo.

15. B

16. C